



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

FRANCO ALVES BIONDI

A IMITAÇÃO DE CRISTO E O DESPREZO DE TODAS AS VAIDADES DO MUNDO,
DE THOMAS DE KEMPIS: TRADUÇÃO, COMENTÁRIOS E ESTABELECIMENTO
DO TEXTO LATINO POR FRANCO ALVES BIONDI

CAMPINAS

2022

FRANCO ALVES BIONDI

A IMITAÇÃO DE CRISTO E O DESPREZO DE TODAS AS VAIDADES DO MUNDO,
DE THOMAS DE KEMPIS: TRADUÇÃO, COMENTÁRIOS E ESTABELECIMENTO
DO TEXTO LATINO POR FRANCO ALVES BIONDI

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas como parte dos requisitos exigidos para
obtenção de título de Mestre em História, na Área
de História Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Rui Luis Rodrigues

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO FRANCO
ALVES BIONDI, E ORIENTADA
PELO PROF. DR. RUI LUIS
RODRIGUES.

Campinas – São Paulo

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Neiva Gonçalves de Oliveira - CRB 8/6792

B523 Biondi, Franco Alves, 1994-
A imitação de Cristo e o desprezo de todas as vaidades do mundo, de Thomas de Kempis : tradução, comentários e estabelecimento do texto latino por Franco Alves Biondi / Franco Alves Biondi. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Rui Luis Rodrigues.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Thomas, de Kempis, 1380-1471 - A imitação de Cristo e o desprezo de todas as vaidades do mundo - Crítica e interpretação. 2. Vida Espiritual. 3. Devoção. 4. Devotio moderna. 5. Cristianismo. I. Rodrigues, Rui Luis, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The imitation of Christ and the contempt of all the vanities of the world by Thomas a Kempis : translation, commentaries and establishment of the latin text by Franco Alves Biondi

Palavras-chave em inglês:

Thomas, de Kempis, 1380-1471 - The imitation of Christ and the contempt of all the vanities of the world - Criticism and interpretation
Spiritual life
Devotion
Modern devotion
Christianity

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora:

Rui Luis Rodrigues [Orientador]
Marcial Maçaneiro
Elaine Cristine Sartorelli
Leandro Alves Teodoro

Data de defesa: 25-02-2022

Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-3224-1613>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4457107356370848>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 25/02/2022, considerou o candidato Franco Alves Biondi aprovado.

Prof. Dr. Rui Luis Rodrigues

Profa. Dra. Elaine Cristine Sartorelli

Prof. Dr. Leandro Alves Teodoro

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA-Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

*A minha avó, Irailde Paulucci,
professora, cujo legado procuro imitar.*

*A meu avô, Nelson Biondi, quem primeiro
pôs um livro em minhas mãos.*

AGRADECIMENTOS

No decorrer deste trabalho, pude contar com inúmeras contribuições que me permitiram concluir estas páginas. Muito do que aqui está disposto, devo àqueles com quem convivi durante a minha trajetória de formação, aos quais, de uma forma ou de outra, devo o que aqui está disposto. A eles deixo registrada minha gratidão, em sinal de perpétuo reconhecimento.

Ao meu orientador, professor Rui Luis Rodrigues, por toda a atenção dedicada à elaboração, desenvolvimento e execução destas páginas; pela confiança em mim depositada; e pelas tantas lições adquiridas sob o privilégio de sua instrução.

Ao professor Luiz César Marques, pela participação e comentários em meu exame de qualificação. Aos professores Leandro Alves Teodoro e Marcial Maçaneiro, pela participação na defesa deste trabalho. À professora Elaine Cristine Sartorelli, pelos preciosos comentários e sugestões, e por ter integrado tanto o exame de qualificação quanto a banca de defesa, acompanhando, assim, a fase de conclusão desta dissertação.

À professora Raquel Gryszczenko Alves Gomes, pelas tantas sugestões durante o período em que cursei o mestrado e por toda dedicação despendida às questões e inquietações suscitadas por esta pesquisa.

Ao professor Paulo Vasconcellos, pelas aulas que me despertaram o interesse pela língua latina e pela inspiração para a execução desta tradução.

Às professoras Néri de Barros Almeida e Carolina Gual da Silva, pela oportunidade dos ricos aprendizados e diálogos estabelecidos com seus trabalhos.

Ao professor Flávio Engracia de Moraes, de quem sou aluno há muitos anos, e cujas lições agora culminam com este meu primeiro trabalho na área de História.

Agradeço também aos colegas do *Modernitas* - Núcleo de Estudos em História Moderna, pela frequente companhia e convívio na execução de projetos e estudos.

Aos amigos e colegas de ofício, Ivan Sicca Gonçalves, Ronaldo dos Santos Júnior e Talison Picheli, pela amizade e convívio, e dos quais o comprometimento para mim é modelo.

A Andreza Canova Pigaini, Carlos Geppert, Caroline Mendes, César Mendes Cruz, Jefferson Athaydes, Leandro Rodrigues, Livia Guimarães Torquetti, Nara Barroso Witzler, Raquel Mariani, Rodrigo Prandi, Thaíse Pavani e Vitor Menini, por todas as vezes em que pude conversar sobre aspectos relacionados a esse trabalho e pelas contribuições decorrentes de seus próprios conhecimentos e pesquisas.

A Diego Batista Leal, pela companhia, fidelidade e pela compreensão nas tantas vezes em que me fiz ausente pela exigência imposta por esta dissertação.

Aos meus pais, Adriana Vitória Alves e José Ricardo Biondi, por todo o amparo e expectativa animadora, sem nunca esquecerem do filho a cada vez que ouviam algo sobre *A Imitação de Cristo*. Ao meu irmão, Germano Alves Biondi, pela constante paciência e companhia dos dois últimos anos.

Por fim, agradeço o apoio institucional do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, pela concessão de uma bolsa de pesquisa que viabilizou a execução deste texto, e a Universidade Estadual de Campinas pela oportunidade de minha formação.

“Sempre tenhas maior esperança na glória eterna do que medo do inferno.”

“Semper magis sperabis de aeterna gloria quam timebis de gehenna.”

Geert Groot, fins do século XIV

RESUMO

O presente trabalho se constitui como uma tradução comentada da compilação conhecida como *A Imitação de Cristo e o Desprezo de Todas as Vaidades do Mundo* (“*De imitatione Christi et contempto omnium vanitatum mundi*”). Escrita nos primeiros decênios do século XV, por Thomas de Kempis, a obra representa um dos títulos mais lidos e reproduzidos em toda a história do cristianismo. Apenas no Brasil, são atualmente comercializadas cerca de dezenove traduções. Seus números superlativos e sua importância histórica, porém, contrastam com os poucos estudos a seu respeito em português. A totalidade de suas traduções a abordam por uma perspectiva confessional, de modo que ainda seja tratada como um manual devocional ainda em nossos tempos. Nosso objetivo, ao contrário, foi compreendê-la a partir de suas raízes na espiritualidade da chamada *devoção moderna* (“*devotio moderna*”). Para isso, dividimos a pesquisa aqui apresentada em quatro partes. A primeira delas, a transcrição de seu texto latino a partir de sua primeira edição impressa, realizada em Augsburg, entre 1471 e 1472, e reproduzida em *fac-símiles* por John Knox-Little, comparada com as versões do manuscrito autógrafo, transcrito por Michael Joseph Pohl, e do incunábulo de Veneza, impresso em 1483. Tendo por base o estabelecimento desse texto, realizamos a sua tradução, acompanhada de comentários sobre as suas perspectivas espirituais, sua linguagem e suas relações com outros documentos produzidos no contexto da *devotio moderna*. Por fim, trazemos uma breve pesquisa sobre a sua constituição e história editorial. Como principal objetivo, procuramos oferecer uma versão da obra que permitisse seu uso em pesquisas históricas, pretendendo contribuir para demais estudos a seu respeito, bem como sobre outros aspectos a ela relacionados.

Palavras-chave: Imitação de Cristo; Thomas de Kempis; *contempus mundi*; *devotio moderna*; devoção; vida-comum; Países Baixos; século XV; espiritualidade; cristianismo.

E-mail para contato: francoabiondi@hotmail.com

ABSTRACT

This research presents a commented translation of the compilation known as *The Imitation of Christ and the Contempt of All the Vanities of the World* (“*De imitatione Christi et contempto omnium vanitatum mundi*”). This devotional book written in the first decades of the 15th century by Thomas de Kempis is one of the most read and reproduced titles in the entire history of Christianity. In Brazil alone, approximately nineteen translations are currently sold. The superlative numbers and historical importance of this book, however, contrast with the few studies about it presented in Portuguese. All available translations approach it from a confessional perspective so that it is still treated as a devotional manual even in our times. The objective of this study, on the other hand, is to understand its roots in the spirituality of the so-called *modern devotion* (“*devotio moderna*”). Therefore, the research presented here was divided into four sections. The first section consists of the transcription of the Latin text from the first printed edition, realized in Augsburg, between 1471 and 1472, and reproduced in facsimiles by John Knox-Little, compared with versions of the autograph manuscript, transcribed by Michael Joseph Pohl, and the Venetian incunabula, printed in 1483. The text established was then translated and is presented accompanied by comments on the spiritual perspectives, language and relationship with other documents produced in the *devotio moderna* context. Finally, brief research on the making of the book and its editorial history is presented as well. The main objective of this study is to offer a version of the work that allows its use in historical research, aiming to contribute to future research on this book and other aspects related to it.

Keywords: Imitation of Christ; Thomas de Kempis; *contempus mundi*; *devotio moderna*; devotion; common life; Netherlands; XV century; spirituality; Christianity.

Contact: francoabiondi@hotmail.com

ÍNDICE DE ABREVIACÕES

Os títulos aqui listados representam aqueles que o leitor encontrará com maior frequência no decorrer deste estudo. Eles formam o principal corpo documental que utilizamos para o estabelecimento do texto da compilação *A Imitação de Cristo e o Desprezo de Todas as Vaidades do Mundo* – o qual abreviamos por seu título mais frequente, *Imitação de Cristo* – para consultas sobre os principais textos de Thomas de Kempis, bem como para a reconstituição e crítica das principais referências conceituais da tradição cristã medieval. Documentos consultados e citados de forma mais episódica, foram devidamente indicados, no texto, por notas, segundo os critérios da *Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT*.

Sobre a Imitação de Cristo:

TOC-1441 – Transcrição do manuscrito autógrafo, de 1441, nas *Obras Completas*;

EA-1471/72 – Edição de Augsburgo, de 1471-1472;

EV-1483 – Edição de Veneza, de 1483.

De Imitatione Christi:

POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia Voluminibus Septem edidit additque volumine de vita et scriptis eius disputavit. Volumen alterum, Tractatum asceticorum partem alteram complectens, De Imitatione Christi cum novem tractulis* (Vol. 2). Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1904. pp. 3-263

THOMAE [HEMERKEN A KEMPIS]. *De Imitatione Christi numero quatuor*. [Augusta Videlicorum]: Günther Zainer, [1471-1472]. 34 folhas. Reproduzido em KNOX-LITTLE, William John (ed.). *The Imitation of Christ: a Facsimile Reproduction of the First Edition printed at Augsburgo in 1471-2*. London: Elliot Stock, 1893;

JOHANNIS GERSON. *De Imitatione Christi et contemptu omnium vanitatum mundi*. Venetiis: Peter Loislen, 1483. 50 folhas. (Universitätsbibliothek Basel, FP VII2 5:1. Digitalizado e disponibilizado em: <http://dx.doi.org/10.3931/e-rara-4989>).¹

¹ O título foi publicado sobre autoria de Jean Gerson, chanceler da Universidade de Paris. No documento, seu nome encontra-se riscado e substituído pelo de “Thomas de Kempis, da ordem dos [monges] regulares” (“*Thomae a Kempis ordinis regularium*”).

Sobre a Imitação de Cristo em quatro livros (citação dos livros aqui dispostos, com base na Edição de Augsburg, de 1471-72):

Livro I. Capítulo, subseção;

Livro II. Capítulo, subseção;

Livro III. Capítulo, subseção;

Livro IV. Capítulo, subseção.

Exemplo:

Livro I. XXV, 6.

De Imitatione Christi libri quatuor:

Libellus consolatorius ad intruccionem deuotorum (“Manual consolador para a instrução dos devotos”);

Libellus ad interna trahentes (“Manual para aspectos interiores”);

Liber de interna consolacione christi (“Livro sobre a consolação interna de Cristo”);

Tractatus de venerabili sacramento altaris (“Tratado sobre o venerável sacramento do altar”).

“*nec opus est vt extra ihesum aliquid melius querat*” (“Não é preciso buscar algo melhor que Jesus”).

Obras de Thomas Hemerken de Kempis:

“Livro”. Capítulo (quando há). OC-DANHAUSER, 1494. folha – *Obras Completas de Danhauser*, de 1494.

Exemplo:

“Alphabetum Monachi” (“Alfabeto do Monge”). Capítulo I. OC-DANHAUSER, 1494. folha I.

Opera Thomae Hemerken a Kempis:

DANHAUSER, Peter (org.). *Opera Thomae a Campis cognomento Malleoli, viri pientissimi & religiosissimi sub Canone diui patris Augustini, aucta & diligentius recognita, suaque serie reposita vt in huius patebit tergo*. Nuremberga: Iodoco Badio Ascensio, 1494. (Reimpressão de 1520). 161 folhas;

“*Ama nesciri, & pro nihilo reputari: hoc enim tibi salubrius est & vtilius si vis ad vitam inggredi, quam a multis hominibus laudari*”²

(“Ama ser desconhecido, e por nada reconhecido: pois isso te será mais saudável e útil, se quiseres adentrar a vida louvada por muitos dos homens”)

²Ver *Livro I*, II, 3.

Bíblias:

Livro específico, capítulo: versículos. *Bíblia de Jerusalém*;³

Livro específico, capítulo: versículos. *Vulgata Latina*;

Livro específico, capítulo: versículos. *Septuaginta*;

Livro específico, capítulo: versículos. *Novo Testamento Grego*.

Bíblia em português, Vulgata Latina, Septuaginta e Novum Testamentum Graece:

Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada, traduzida diretamente dos originais, com tradução e notas de *La Bible de Jerusalem* (1998). 1º edição, 11º reimpressão (2016). São Paulo: Paulus, 2002;

Bíblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam. Plurimis consultis editionibus diligenter praeparata a Michaelae Tuuedale. Londini: Editio Electronica, 2005.

Septuaginta. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes. Edidit Alfred Rahlfs, recognovit et emendavit Robert Hanhart. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006;

Novum Testamentum Graece. Post Eberhard Nestle et Erwin Nestle communiter ediderunt Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger, Allen Wikgreen, cum apparatus criticum recensuerunt et editionem novis curis elaboraverunt Kurt Aland et Barbara Aland (1981). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

Exemplos:

Jo 8: 12. *Vulgata Latina*;

“qui sequitur me, non ambulat in tenebris, sed habebit lumen vitae”;

Jo 8: 12. *Bíblia de Jerusalém*.

“quem me segue não andar  nas trevas,/ mas terá a luz da vida”.

³ As cita es em português da *Bíblia* foram extraídas, por via de regra, dessa edição. As exceções, que visam demonstrar questões específicas da linguagem bíblica, foram indicadas nas notas por “Traduzido”.

Agostinho:

Confessiones. Livro, subseção;

Confissões. Livro, subseção. Tradução de Lorenzo Mammi;

De Civitate Dei. Livro, subseção;

A Cidade de Deus. Livro, subseção. Tradução de Oscar Paes Leme;

De doctrine Christiana. Livro, subseção;

A Doutrina Cristã. Livro, subseção. Tradução de Nair de Assis Oliveira.

Exemplo:

Confessiones. III, 7.

Confissões. III, IV-7. Tradução de Lorenzo Mammi.

Traduções e textos latinos de Agostinho:

AURELIUS AUGUSTINUS. *Confessiones-Bekenntnisse: lateinisch-deutsch*. Übersetzt von Wilhelm Thimme. Mit einer Einfrügrung von Norbet Fischer. Düsseldorf/ Zürich: Artemis & Winkler, 2004.

AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução e prefácio de Lorenzo Mammi. 1º edição. São Paulo: Penguin Classics – Companhia das Letras, 2017.

AURELIUS AUGUSTINUS. *De Civitate Dei libri XXII*. Ad fidem quartae editionis Teubnerianae quam A. MCMXXVIII-MCMXXIX curauerunt Bernardus Dombart et Alphonsus Kalb. 2 vols. Corpus Christianorum (“Series Latina”), XLVII. Turnholti: Typographi Brepols Editoris Pontificii, 1955;

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus: contra os pagãos*. Tradução de Oscar Paes Leme. 2 vol.. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2017;

AUGUSTINE. *De doctrine Christiana*. Edited and Translated by R. P. H. Green. Oxford: Clarendon Press, 1995.

AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

“viluit mihi repente omnis vana spes, et immortalitatem sapientiae concupiscebam aestu cordis incredibile, et surgere coeperam, ut ad te redirem”;

“De repente, toda esperança vã me pareceu desprezível, e passei a ansiar pela imortalidade da sabedoria com incrível ardor de coração: começava a me levantar para volta a ti.”

Dicionários – Abreviações:

“Palavra”. *BLAISE*. páginas;

“Palavra”. *ERNOULT-MEILLET*. páginas;

“Palavra”. *GLARE*. páginas;

“Palavra”. *LIDELL-SCOTT*. páginas;

“Palavra”. *STRONG*. páginas.

Exemplo:

“*imāgō, -inis*”. *ERNOULT-MEILLET*. pp. 309-310.

Dicionários – Edições:

BLAISE, Albert. *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*. Turnhout: Éditions Brepols, 1954;

ERNOULT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4^e édition augmentée d’additions et de corrections par Jacques André. Paris: Klincksieck, 1985;

GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. 2^e édition. 2 vols.. Oxford: Oxford University Press, 2012;

LIDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. With Revised supplement. Oxford: Oxford University Press, 1996.

STRONG, James. *Greek Dictionary of the New Testament*. Albany: AGES Software, 1997. (Edição digital).

SUMÁRIO:

1. <i>Apresentação</i>	24

2. <i>A Imitação de Cristo e o Desprezo de Todas as Vaidades do Mundo</i>	67

<i>Livro I – Manual consolador para a instrução dos devotos</i>	69

I - Sobre a imitação de Cristo e o desprezo de todas as vaidades	67
II - Sobre o humilde saber sobre si mesmo	70
III- Sobre a doutrina da verdade	71
IIII - Sobre a prudência nas ações	72
V -Sobre a leitura das Sagradas Escrituras	73
VI- Sobre as afeições desordenadas	73
VII - Sobre como se deve fugir da vã esperança e da altivez	74
VIII - Sobre a cautela a ser tomada com a familiaridade em excesso	74
IX - Sobre a obediência e a sujeição	75
X - Sobre a cautela a ser tomada com as palavras supérfluas	75
XI - Sobre a paz a ser adquirida e o progredir no zelo	76
XII - Sobre a utilidade das adversidades	77
XIII - Sobre o resistir às tentações	77
XIIII - Sobre o temerário juízo	79
XV - Sobre as obras feitas pela caridade	80
XVI - Sobre o sofrimento pelos defeitos dos outros	80
XVII - Sobre a vida monástica	81
XVIII - Sobre o exemplo dos santos padres	82
XIX - Sobre os exercícios do bom religioso	83
XX - Sobre o amor à solidão e ao silêncio	85
XXI - Sobre o arrependimento do coração	86
XXII - Sobre a análise da miséria humana	88
XXIII - Sobre a meditação a respeito da morte	89
XXXIIII - Sobre o juízo e as penas dos pecados	91
XXV - Sobre a fervente correção de toda nossa vida	93

<i>Livro II – Manual para aspectos interiores</i>	97

I - Sobre a convivência interna	98
II - Sobre a humilde submissão de si	99
III - Sobre o homem bom e pacífico	100

III - Sobre a mente pura e a intenção simples	101
V - Sobre a própria consideração	102
VI - Sobre a satisfação de uma boa consciência	102
VII - Sobre o amor de Jesus acima de tudo	103
VIII - Sobre a familiar amizade com Jesus	104
IX - Sobre a familiar amizade com Jesus	105
X - Sobre a gratidão pela graça	107
XI - Sobre os poucos amantes da cruz de Cristo	108
XII - Sobre o caminho régio da santa cruz	109

Livro III – Livro sobre a consolação interna de Cristo 114

I - A consolação interna de Cristo à alma fiel	115
II - Que a verdade fala no interior sem o som das palavras	115
III - Que as palavras de Deus devem ser ouvidas com humildade e porque muitos não as consideram	116
III - Oração para implorar pela graça da devoção	117
V - Por que se deve conversar diante de Deus com verdade e humildade	117
VI - Sobre o maravilhoso afeto ao divino amor	119
VII - Sobre a provação do verdadeiro amor	120
VIII - Sobre a graça que deve ser ocultada ou a guarda da humildade	121
IX - Sobre a vil estima de si próprio aos olhos de Deus	123
X - Por que tudo é de Deus e como a Ele deve ser referido até o fim último	124
XI - Por que pelo doce desdém do mundo se serve a Deus	124
XII - Por que os desejos do coração devem ser examinados e moderados	125
XIII - Sobre o ensino da paciência e a batalha contra a concupiscência	126
XIII - Sobre a obediência da humilde sujeição pelo exemplo de Jesus Cristo	127
XV - Sobre o analisa dos ocultos juízos de Deus, para que não nos exaltemos às coisas boas	128
XVI - Como se deve permanecer e dizer sobre tudo o que é desejável	129
XVII - Oração para alcançar os benefícios de Deus	130
XVIII - Porque se deve procurar o verdadeiro consolo em Deus	130
XIX - Porque toda atenção deve ser formada em Deus	131
XX - Porque o exemplo das misérias temporais de Cristo deve ser, igualmente, reproduzido	131
XXI - Sobre a tolerância diante das invejas e quem se prova verdadeiro ao sofrer	132
XXII - Sobre a confissão da própria doença e das misérias desta vida	133
XXIII - Por que se deve descansar em Deus acima de todas as dádivas	134
XXIII - Sobre a recordação dos múltiplos benefícios de Deus	136
XXV - Sobre as quatro importâncias que resultam em grande paz	137
Oração contra os maus pensamentos	137

Oração para a iluminação da mente	138
XXVI - Sobre o evitar das curiosas perguntas a respeito da vida superior	138
XXVII - No que consiste a paz de coração e o verdadeiro progresso	139
XXVIII - Sobre a eminência da mente livre, merecida antes pela súplica das orações do que pela leitura frequente	140
XXIX - Por que o amor particular atrasa ao máximo o sumo bem	140
Oração para a purificação do coração e da sabedoria celeste	141
XXX - Contra as línguas dos detratores	142
XXXI - De que forma Deus deve ser chamado e bendito no instante da tribulação	142
XXXII - Sobre a solicitação do divino auxílio e a confiança na recuperação da graça ..	143
XXXIII - Sobre como o criador pode ser encontrado no desinteresse por todas as criaturas	144
XXXIII - Sobre a negação de si e a abdicação de toda concupiscência	145
XXXV - Sobre a instabilidade do coração e sobre a intenção final de ter a Deus	146
XXXVI - Por que Deus é, acima de tudo e em tudo, mais saboroso ao amante	147
XXXVII - Por que não há segurança nas tentações desta vida	148
XXXVIII - Contra os vãos juízos dos homens	148
XXXIX - Sobre a pura e íntegra resignação de si para obter a liberdade do coração	149
XL - Sobre a boa condução nos exercícios e o recurso a Deus durante os perigos	150
XLI - Que o ser humano não seja importuno em seus negócios	151
XLII - Por que o ser humano não possui nada de bom e não pode se glorificar por nada	151
XLIII - Sobre o desprezo de toda honra temporal	152
XLIII - Por que a paz não deve ser posta no ser humano	153
XLV - Contra as vãs sabedorias seculares	153
XLVI - Sobre não atrair para si as coisas exteriores	154
XLVII - Por que não se deve acreditar em todos e sobre o erro fácil das palavras	155
XLVIII - Sobre a confiança que se deve ter em Deus quando se levantam as lanças das palavras	156
XLIX - Por que toda seriedade deve ser tolerada pela vida eterna	157
L - Sobre o que é eterno e as angústias desta vida	158
LI - Sobre o desejo da vida eterna e os muitos bens prometidos aos que lutam	160
LII - Como o ser humano desolado deve se oferecer às mãos de Deus	162
LIII - Por que se deve insistir nas obras humildes e não se enfraquecer pelas maiores .	164
LIII - Que o homem não se considere digno da consolação, mas, culpado, dos açoites	164
LV - Por que a graça de Deus não se mistura com as sabedorias terrenas	165
LVI - Sobre os diversos movimentos da natureza e da graça	166
LVII - Sobre a corrupção da natureza e a eficácia da graça divina	168
LVIII - Por que devemos renegar a nós mesmos e imitar a Cristo pela cruz	170

LIX - Que o homem não esteja demasiadamente desesperado quando fraqueja aos defeitos	171
LX - Sobre não especular sobre as coisas elevadas e os juízos ocultos de Deus	172
LXI - Porque toda esperança e confiança devem ser aferradas somente em Deus	174

Livro IV – Tratado sobre o venerável sacramento do altar 176

I - Com quanta devoção se deve receber a Cristo	177
II - Quão grande bondade e caridade de Deus se mostram ao homem no sacramento ..	180
III - Quão útil é comungar muitas vezes	181
IIII - Que muitas coisas boas se oferecem aos que se comunicam devotamente	182
V - Sobre a dignidade do sacramento e a dignidade sacerdotal	184
VI - Questão para o exercício antes da comunhão	185
VII - Sobre a discussão da própria consciência e o propósito de correção	185
VIII - Sobre a oblação de Cristo na cruz e a resignação própria	186
IX - Como devemos nos oferecer a Deus, com tudo o que é nosso, e orar por todos	187
X- Por que a Sagrada Comunhão não deve ser deixada facilmente	189
XI - Por que o corpo de Cristo e as Sagradas Escrituras são o mais necessário à alma do fiel	190
XII - Com quanto amor deve se preparar aquele que vai comungar com Cristo	192
XIII - Por que a alma devota deve, de todo o coração, dispor-se à união com Cristo no sacramento	193
XIIII - Sobre o ardente desejo de alguns devotos ao corpo de Cristo	194
XV - Como a graça da devoção se adquire com humildade e negação de si mesmo	195
XVI - Como devemos revelar nossas necessidades a Cristo e pedir por sua graça	196
XVII - Sobre o desejo ardente, o amor e afeto veemente de receber Cristo	197
XVIII - Que o homem não seja um curioso especulador do sacramento, mas um humilde amante de Cristo, submetendo seus sentidos à sagrada fê	198

3. Comentários 201

<i>Livro I</i>	202
<i>Livro II</i>	253
<i>Livro III</i>	269
<i>Livro IV</i>	322
<i>Vida de Thomas Hemerken de Kempis</i>	348

4. *De imitatione Christi et contemptu omnium vanitatum mundi* 386

Liber I – Libellus consolatorius ad instructionem deuotorum 387

I - De imitatione christi et de contemptu omnium vanitatum	388
II - De humili scientia suiipsius	389
III - De doctrina veritatis	390
IIII - De prudentia in agendis	392
V - De lectione sanctorum scripturarum	392
VI - De inordinatis affectionibus	393
VII - De vana spe et elatione fugienda	393
VIII - De cauenda nimia familiaritate	394
IX - De obedientia et subiiectione	394
X - De cauenda superfluitate verborum	395
XI - De pace acquirenda et zelo proficiendi	396
XII - De vtilitate aduesitatis	397
XIII - De temptationibus resistendis	398
XIIII - De temerario iuditio vitando	400
XV - De operibus ex caritate factis	400
XVI - De sufferentia defectuum aliorum	401
XVII - De monastica vita	402
XVIII - De exemplis patrum	402
XIX - De exercitiis boni religiosi	404
XX - De amore solitudinis et silentii	406
XXI - De conpunctione cordis	408
XXII - De consideratione humane miserie	410
XXIII - De meditatione mortis	412
XXIIII - De iuditio et penis peccatorum	414
XXV - De feruenti emendatione vite tocus	416

Liber II – Libellus ad interna trahentes 421

I - De interna conuersione	422
II - De humili submissione sui	424
III - De bono pacifico homine	424
IIII - De pura mente et simplici intentione	425
V - De propria consideratione	426
VI - De leticia bone conscientia	427
VII - De amore ihesu super omnia	428
VIII - De familiari amicitia ihesu	429
IX - De carentia omnis solatii	431

X -De gratitudine pro gratia	433
XI - De paucitate amatorum crucis christi	435
XII - De regia via sancte crucis	436

Liber III – Liber de interna consolacione Christi 442

I - De interna consolacione christi ad animam fidelem	443
II - Quod veritas intus loquitur sine strepitu verborum	443
III - Quod verba dei cum humilitate sunt audienda et quod ea multi non ponderant	444
IIII - Oratio ad implorandum deuotionis gratiam	446
V - Quod in veritate et humilitate coram deo conuersandum est	446
VI - De mirabili effectum diuini amoris	448
VII - De mirabili effectum diuini amoris [De probatione veri amoris]	450
VIII - De occultanda gracia siu humilitatis custodia	452
IX - De vili estimacione suiipsius in oculis dei	453
X - Quod omnia ad deum sicut ad finem vltimum sunt referenda.....	454
XI - Quod spreto mundo dulce est seruire deo	455
XII - Quod desideria cordis examinanda sunt et moderanda	457
XIII - De infomacione patientie et luctamine aduersus concupiscentias	458
XIIII - De obedientia humilis subditi ad exemplum christi ihesu	459
XV - De occultis dei iudiciis considerandis ne extollamur in bonis	460
XVI - Qualiter standum sit et dicendum in omni re desiderabili	461
XVII - Oratio pro beneplacito dei perficiendo	462
XVIII - Quod verum solacium in solo deo est querendum	462
XIX - Quod omnis sollicitudo in deo statuenda sit	463
XX - Quod temporales miserie exemplo cristi euqanimiter sunt ferende	464
XXI - De tollerantia iniuriarum et quis pacien comprobetur	465
XXII - De confessione proprie infirmitatis et huius vite miseriis	466
XXIII - Quod in deo super omnia bona et dona requiescendum est	468
XXIIII - De recordacione multiplicium beneficiorum dei	470
XXV - De quatuor magnum importantibus pacem	471
Ibidem oratio contra malas cogitationes et oratio per illuminacione mentis	472
XXVI - De euitacione curiose inquisicone super altius vita	473
XXVII - In quibus pax cordis et verus perfectus consistit	474
XXVIII - De eminentia libere mentis quam supplex oratio magis meretur quam frequens lectio	475
XXIX - Quod priuatus amor a summo bono retardat	476
Ibidem oratio per purgacione cordis et celestia sapientia	477
XXX - Contra linguas detractorum	477
XXXI - Qualiter instante tribulacione deus inuocandus est et benedicendus	478
XXXII - De diuino petendo auxilio et confidentia recuperande gracie	478

XXXIII - De neglectu omnis creature vt creator possit inueniri	480
XXXIII - De abnegatione sui et abdicatione omnis cupiditatis	482
XXXV - De instabilitate cordis et de intencione finali ad deum habenda	483
XXXVI - Quod amanti sapit deus super omnia et in omnibus	483
XXXVII - Quod non est securitas a tempactione in hac vita	485
XXXVIII - Contra vana hominum iudicia	486
XXXIX - De pura et integra sui resignatione ad obtinendum cordis libertatem	487
XL - De bono regimine in exercitiis et recursum ad deum in periculis	488
XLI - Quod homo non sit importunus in negociis	488
XLII - Quod homo nichil boni ex se habet et de nullo gloriari potest	489
XLIII - De contemptu omnis temporalis honoris	490
XLIII - Quod pax non est ponenda in hominibus.....	491
XLV - Contra vanam secularem scientiam	492
XLVI - De non attrahendo sibi res exteriores	493
XLVII - Quod omnibus non est credendum et de facili lapsu verborum	493
XLVIII - De confidentia in deo habenda quando insurgunt verborum iacula	495
XLIX - Quod omnia grauia per eterna vita sunt tolleranda	497
L - De eternitatis et huius vite angustis	498
LI - De desiderio eterne vite et quanta sint certantibus bona promissa	500
LII - Qualiter homo desolatus se debet in manus dei offerre	502
LIII - Quod humilibus insistendum est operibus deficitur a summis	504
LIII - Quod homo non reputet se consolacione dignum sed magis verberibus reum	505
LV - Quod gracia dei non miscetur terrena sapientibus	506
LVI - De diuersis motibus nature et gracie	507
LVII - De corrupcione nature et efficacia gracie diuine	510
LVIII - Quod nosmetipsos abnegare debemus et crhistum imitari debemus per crucem	511
LIX - Quod homo non sit nimis deiectus quando in aliquos labitur defectus	513
LX - De altioribus rebus et occultis dei iudiciis non scrutandis	514
LXI - Quod omnis spes ac fiducia in solo deo est figenda	517

Liber IV – Tractatus de venerabili sacramento altares 521

I - Cum quanta reuerentia suscipiendus sit cristus	522
II - Quam magna bonitas et caritas dei in sacramento exhibetur homini	525
III - Quam vtile sit homini communicare	527
IIII - Quam multa bona prestantur deuote communicantibus	529
V - De dignitate sacramenti et de dignitate sacerdotali	531
VI - De interrogatione et exercicio ante communionem	533
VII - De discussione proprie conscientie et emendationis proposito	533
VIII - De oblacione cristis in cruce et propria resignatione	535

IX - Quod nos et omnia nostra deo debemus offerre	536
X - Quod sacra communio defacili non est relinquenda	537
XI - Quod corpus cristi et sacra scriptura sunt anime fideli necessaria	540
XII - Quod diligenter debeat se communicaturus christo preparare	542
XIII - Quod toto corde anima deuota cristi vnionem in sacramento affectare debet	544
XIII - De quorundam deuotorum desiderio ardenti ad corpus cristi	545
XV - Quod gracia deuotionis humilitate et suiipsius abnegatione acquiritur	546
XVI - Quod necessitates nostras christo aperire et eius gratiam postulare debemus	547
XVII - De ardenti desiderio et amore et affectu vehementi suscipiendi christum	548
XVIII - Quod homo non sit curiosus scrutator sacramenti sed humilis imitator christi subdendo sensum suum sacre fidei	550

5. Bibliografia 553

APRESENTAÇÃO

1. *A Imitação de Cristo* - percurso de leitura:

O que conhecemos hoje como *A Imitação de Cristo* representa um compilado de quatro livros distintos, originalmente escritos em latim: I - *Libellus consolatorius ad instructionem deuotorum* (“Manual da consolação para a instrução dos devotos”), II - *Libellus ad interna trahentes* (“Manual para aspectos interiores”), III - *Liber de interna consolacione christi* (“Livro da Consolação Interna de Cristo”) e o IV - *Tractatus de venerabili sacramento altaris* (“Tratado sobre o Venerável Sacramento do Altar”), agrupados, normalmente, nessa ordem, embora, no século XV, também tenha sido comum a sequência I, II, IV, III.¹ Como títulos distintos, os quatro livros possuíam certa autonomia, circulando de forma independente uns dos outros, de modo que pudessem encontrar-se isolados ou acompanhados por outras obras de caráter devocional, ou ainda, reunidos de forma incompleta, com apenas dois ou três dos quatro atuais.² Apesar disso, o conjunto foi encarado como coeso já em seus primeiros tempos: a mais antiga cópia conhecida da *Imitação de Cristo* possui apenas o *Livro I*, e remonta a 1424, sendo que, em 1427, os quatro já haviam sido reunidos em uma única compilação.³ O seu título surgiu da prática medieval de identificar textos por suas primeiras palavras. Devido a diferentes aplicações desse costume, a compilação acabou ganhando, inicialmente, dois nomes, ambos derivados do início do *Livro I*: da icônica citação do *Evangelho de João*, teve-se *Qui sequitur me* (“Quem me segue”), bastante frequente no século XV, mas que caiu em desuso; do título de seu primeiro capítulo, originou-se aquele que acabaria predominando: *De imitatione Christi et contemptu omnium vanitatum mundi* (“A Imitação de Cristo e o Desprezo de Todas as Vaidades do

¹ Os títulos em latim foram retirados da *Edição de Augsburg*, impressa entre 1471 e 1472, a primeira impressão da história da *Imitação de Cristo*, cujo texto disponibilizamos, em sua versão latina, na transcrição, e em português, na tradução a seguir. Durante a idade média, assim como nos primeiros séculos da era moderna, havia o costume de identificar textos por suas primeiras palavras, o que fez com que os livros também ficassem conhecidos por *I – Quem me segue* (“*Qui sequitur me*”); *II – O Reino de Deus está entre nós* (“*Regnum Dei intra nos est*”); *III – A Consolação Interna* (“*De interna consolatione*”); e *IV – Livro do Sacramento* (“*Liber de sacramento*”), ou *IV – Vinde a mim todos* (“*Venite ad me omnes*”). POST, R. R.. *The Modern Devotion: Confrontation with Reformation and Humanism*. Leiden: E. J. Brill, 1968. pp. 533-536. As diferentes versões manuscritas e impressas também apresentam variações entre si, de modo que esses títulos possam ser encontrados com leves modificações.

² Uma listagem de diferentes códices, que variam em relação a quantidade de livros que possuem, pode ser encontrada em PUYOL, Pierre Edouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. Paris: Victor Retaux, Libraire-Éditeur, 1898.

³ O manuscrito de 1424 pertence ao *códice Mellicensis*, atualmente na Basileia; a compilação completa, de 1427, encontra-se na Koninklijke Bibliotheek - Bibliothèque Royale, em Bruxelas, sob o código 22084. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 23; POST, R. R.. *The Modern Devotion: Confrontation with Reformation and Humanism*. p. 524.

Mundo”).⁴ Esse, por sua vez, foi reduzido a duas simplificações: *De imitatione Christi* ou *Imitatio Christi* (“*A Imitação de Cristo*”), tal qual a conhecemos em nossos dias, e *De contemptu mundi* (“*O Desprezo do Mundo*”), pouco frequente e não exclusivo, que não sobreviveu ao século XVI.⁵

Os quatro livros possuem características próprias, que ora os aproximam e ora os distanciam, impingindo na estrutura da *Imitação de Cristo* uma dupla assimetria. Em termos de estilo, é possível identificar duas partes: a primeira, formada pelos livros *I* e *II*, desenvolvidos em reflexões sistemáticas, ou “conselhos” (“*ammoniciones*”), sobre a vida religiosa; a segunda, constituída pelos livros *III* e *IV*, que apresentam em comum a mesma estrutura em diálogos. Em relação ao conteúdo, há uma grande sintonia entre os livros *I*, *II* e *III*, que apresentam as mesmas reflexões e ênfases, resumidas pelo incentivo ao distanciamento do mundo e à persistência no progresso da vida religiosa, enquanto o *Livro IV* trata, de forma exclusiva, sobre o tema da eucaristia, quase ausente nos três primeiros. Mas essas diferenças se justificam quando consideramos que os quatro livros pressupõem um percurso de introspecção gradativa, no qual cada um deles representa um passo específico, com necessidades e dinâmicas distintas, ainda que complementares. Acreditamos que, ao se considerar esse percurso, delineado pelos aspectos centrais de cada um dos livros, os sentidos da *Imitação de Cristo* se tornam mais claros, assim como as suas conexões com a espiritualidade da *devotio moderna*.

O *Livro I*, *Manual da consolação para a instrução dos devotos*, inicia a compilação apresentando uma série de conselhos e reflexões amplas sobre a vida religiosa, dados pela percepção de dois âmbitos antagônicos na vida humana: o “exterior”, associado com “mundo”, com a existência material, no qual são valorizadas as aparências e as falsas virtudes, ou em seus próprios termos, as “honras” e “vaidades”; e, imediatamente oposto, o “interior”, “espiritual” e “religioso”, referente à condição eterna da alma, que subsiste em todo ser humano e somente pode ser descoberta pelo

⁴ É importante frisar que os dois títulos foram empregados para qualquer compilação que trouxesse o *Livro I*, fosse ela completa, ou não. O caso do *Livro III*, quando apresentado separadamente, oferece um exemplo oposto. A ele, era dado o nome *Livro da Consolação Interna* (“*Liber de interna consolatione*”).

⁵ Outras três obras partilharam desse mesmo nome: *O Desprezo do Mundo, ou A Miséria Humana* (“*De contemptu mundi siue miseria humanae*”), de Giovanni Lotario, papa Inocêncio III (p. 1198-1216); um poema de três mil linhas, composto por Bernardo de Morlaix, monge em Cluny, na primeira metade do século XII, comumente atribuído a Bernardo de Claraval; e um tratado de Erasmo de Rotterdam, escrito em 1490 e publicado em 1521. NEALE, J. M. (tr.). *The Rhythm of Bernard de Morlaix, monk of Cluny, on the Celestial Country*. London: J. T. Hayes, 1866; RODRIGUES, Rui Luis. *Entre o dito e o maldito: humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente (1530-1685)*. 2012. 614 f. Dissertação (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. pp. 105-107.

afastamento de tudo o que desaparece após a morte, o mundo e a matéria, “transitórios”, aquilo que perturba e ofusca o fim da criatura em seu criador.

O *Livro II, Manual para aspectos interiores*, dá prosseguimento às perspectivas apresentadas no *Livro I*, aprofundando a familiaridade com o “interior” por uma lógica característica da ortodoxia católica medieval, fortemente impactada pelo pensamento de Agostinho de Hipona. O “imitar de Cristo” é então justificado de sua forma mais clara, associando a própria encarnação de Deus, na figura humana de seu filho Jesus, ao movimento da “verdade eterna” e “fonte da vida” à humanidade, que se dá a conhecer por meio de suas “palavras e exemplos”. Seus ensinamentos, comunicados tanto por discursos quanto por ações, definem o modelo para a conduta “verdadeiramente religiosa”, pautada pelo constante “desprezo do mundo”, tal como Jesus demonstrara em seu martírio na cruz. Por essa perspectiva, negando o “exterior” e assumindo o sofrimento na existência material, o devoto se esforça para se afastar do “eu” e do “mundo”, fortalecendo a sua substância etérea, deformada pelo pecado, mas sempre em busca de sua regeneração. Esse exercício, no entanto, representa um esforço perpétuo, dada a tensão explícita entre os dois âmbitos que compõem a existência: matéria e espírito, embora antagônicos, estão associados, de modo que se a carne sofre, o corpo sofre, e com ele, o seu ser. Por isso, a “ordenação” e a “disposição” para o divino devem ser constantemente reafirmadas em seus “propósitos”, principalmente diante das “dificuldades” e “tribulações”, bem como das falhas inevitáveis a uma criatura “fraca” e “miserável”. A debilidade humana, motivo para as quedas frequentes, não deve ser, entretanto, motivo de desespero. Deus sabe de suas limitações, e já dera a prova máxima da disposição de seu socorro pelo próprio sacrifício, não abandonando a sua criação em meio aos tormentos de um meio corrompido. O sofrimento testa o amor e a obediência ao criador, e é concedido como possibilidade de redenção, apresentada sob o nome de “graça”. Por esse termo, a *Imitação de Cristo* identifica todo auxílio divino, que ora se manifesta por dificuldades, afim de que o devoto possa “vencer a si mesmo”, e ora como satisfação profunda, recompensa pelo “progresso” em direção “aos céus”, “consolação interior” e descoberta da presença divina em si. A “graça”, entretanto, é de responsabilidade exclusiva de Deus, incompreensível às faculdades limitadas do ser humano, embora a sua concessão se apresente fortemente associada à dedicação aos propósitos espirituais e no afastamento do mundo decaído.

Esses dois livros possuem uma continuidade direta entre si, diferindo-se apenas pela maior ênfase do segundo no fortalecimento do espírito pelo enfraquecimento da

matéria. A proximidade entre os dois é tão forte que chegaram a ser unidos, em um único livro com trinta e sete capítulos na edição das *Obras Completas* de Peter Danhauser, em 1494.⁶ Além disso, não há um único códice conhecido que possua apenas o *Livro II*, sendo esse sempre acompanhado do primeiro.⁷ Por encerrarem os principais temas apresentados na *Imitação de Cristo*, Kenneth Becker os definiu como a sua “parte preparatória”, uma vez que instruem a disposição necessária para a comunhão íntima expressa nos dois livros seguintes.⁸

O *Livro III*, *A Consolação Interna de Cristo* apresenta as mesmas perspectivas dos dois primeiros, porém em uma estrutura de diálogos entre o leitor, a “alma fiel”, e “Deus”, configurando uma “versão prática” da parte preparatória. Se em um primeiro momento, a compilação instrui por reflexões e conselhos, a partir do *Livro III*, o “progresso espiritual” atinge um novo nível, no qual o leitor simula uma comunicação direta com Deus, induzindo a sua presença ao colocar a própria voz de Jesus diante de si. Por esse recurso, o conteúdo é reforçado pela autoridade direta do divino. O autor humano, que antes tocava os sentimentos do leitor pelo discurso escrito, agora se retira, legando suas palavras diretamente ao leitor e a Jesus, que assumem o texto como dois personagens em cena. Nesse ambiente, o distanciamento do mundo atinge o seu clímax: o diálogo se dá de forma totalmente espiritual, no “interior”, onde o “coração” se descobre como vínculo da “verdade”, a ponte que conecta a “criatura” ao seu “criador”, e exacerba o fim da alma em Deus. Assim, exercitando o contato com a presença divina interior, o fiel aprende a desfrutar de sua companhia, o “refúgio” ou “consolação” em meio aos tormentos da existência, e prenúncio da proximidade com Deus na “vida eterna”.

O *Livro IV*, por sua vez, se concentra sobre o tema da eucaristia, diferenciando-se de todo o restante da compilação, embora o seu texto seja repleto de passagens que remetam, imediatamente, aos livros anteriores, o que demonstra que não se trata de algo

⁶ *De Imitatione Christi*. OC-Danhauser. ff. I-XXIII.

⁷ Tomamos por base o levantamento de Édouard Puyol. Em toda a bibliografia consultada, não há menção a qualquer exemplar que possua apenas o *Livro II*. PUYOL, Pierre Édouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. Paris: Victor Retaux, Libraire-Éditeur, 1898. *Passim*.

⁸ Becker define que o *Livro III* pode ser incluído na “parte preparatória” nas versões em que antecede o *IV*. Entretanto, indica de forma paradoxal que a preparação se dá para a intimidade expressa no *Livro III*, denotando que o *IV* deve ser entendido de forma distinta dos três primeiros: “*Books 1 and 2 (and Book 4 – according to those who would place what is generally considered to be ‘Book 4’ before, rather than after, ‘Book 3’)* can be seen as preparatory, as providing the background, by setting the novice’s outer and inner lives in proper order, for the depths of aspirative prayer and experience of loving intimacy with Christ expressed in Book 3.” BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 18.

desconectado do restante da compilação. Nele, notamos a mesma estrutura em diálogos do *Livro III*, porém em vozes distintas: o leitor se assume como “discípulo” (“*discipulus*”), e Deus, como “amado” (“*dilectus*”). A escolha por essa estrutura, novamente, se mostra importante para a sua mensagem. Sua intenção não é apenas instruir sobre como receber ou se portar diante do sacramento, para os quais bastariam instruções e conselhos, ao molde dos dois primeiros livros, mas sim ativar, por uma espécie de exercício, a comunhão expressa no provar do corpo sacrificado (“*hostia*”) pela rememoração (“*commemoratio*”) do sacrifício, considerado, pela doutrina católica, a salvação e redenção do gênero humano.⁹

A palavra *commemoratio* representa a substantivação do verbo “*commemoro, -as*” (“rememorar”), composição derivada de “*memoro, -as*” (“lembrar-se”), que deixa entrever mais claramente a sua associação com “memória” (“*memoria, -ae*”).¹⁰ No contexto medieval, *commemoratio* representava um dos termos correntes para expressar o ato de lembrar, sendo geralmente empregado, em seu sentido mais específico, à memória dos mortos e às atividades a eles dedicadas.¹¹ Em paralelo a sua trivialidade, a *commemoratio* constituiu um conceito carregado de significação teológica, dada a sua presença nos dizeres de Jesus durante a ceia pascal: “Este é meu corpo, que é dado para vós. Fazei isto em minha rememoração (*commemorationem meam*)”.¹² Em ato

⁹ Rui Rodrigues, ao analisar a posição de Erasmo de Rotterdam sobre a eucaristia, a partir do legado espiritual dos Países Baixos, com destaque para as concepções de Wessel Gansfort, assim definiu a noção expressa pelo termo *commemoratio*: “Gansfort professa a doutrina da transubstanciação, ou seja, para ele pão e vinho convertem-se em corpo e sangue do Senhor no momento da *epiclese* ou consagração pronunciada pelo sacerdote durante a liturgia eucarística; mas além da *manducatio*, a manducação da hóstia consagrada, há uma outra ação sacramental, de ordem superior e que é recebida pelo fiel não em seu corpo físico, mas pelo ‘homem interior’. Trata-se da *commemoratio*, através da qual o cristão participa espiritualmente da realidade sacramental que consiste na rememoração da vida, ensinamentos e exemplos de Cristo, com especial destaque para o fato de ter Cristo morrido pessoalmente pelo fiel.” pp. 57-58. Tomamos emprestado do autor o termo “rememoração” para traduzir “*commemoratio*”.

¹⁰ “*memor, -oris*”. ERNOULT. pp. 395-396. “*commemoratio, -onis*”; “*commemoratorium, -ii*”; “*commemoro, -are*”; e “*commemoro, -ari*”. BLAISE. pp. 172-173. *Commemoror* e *commemoratio*, significando simplesmente o ato de lembrar, começam a aparecer com maior frequência por volta do início da era comum, sendo empregado por autores como Cícero e Júlio César, sobrepondo-se ao uso de *memoror*, até se tornar corriqueiro no vocabulário do latim eclesiástico.

¹¹ GOUDRIAAN, Koen. “Modern Devotion and Arrangements for Commemoration: Some Observations.” HOFMAN, Rijklof; CASPERS, Charles; NISSEN, Peter; DIJK, Mathilde van; OOSTERMAN, Johan (eds.). *Inwardness, Individualization, and Religious Agency in the Late Medieval Low Countries: Studies in the Devotio Moderna and its Contexts*. Turnhout: Brepols 2020. pp. 121-136. *Passim*.

¹² Citamos, aqui, o texto da *Vulgata Latina* traduzido, com o intuito de ressaltar a presença do termo *commemoratio*, apresentado pela palavra “rememoração”. As traduções em português costumam empregar “memória” para defini-la, a exemplo da *Bíblia de Jerusalém*: “Isto é meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória”. *Lc 22:19. Bíblia de Jerusalém*. (“*Hoc est corpus meum, quod pro vobis datur: hoc facite in meam commemorationem*”). *Lc 22:19. Vulgata Latina*. Esse mesmo trecho é utilizado por Paulo na *Primeira Carta aos Coríntios*, como um convite à pregação do sacrifício de Jesus: “‘Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim.’ Do mesmo modo, após a ceia,

simbólico, Jesus assim associou o pão e vinho ao seu corpo e sangue, oferecidos, na cruz, em sacrifício de expiação pela humanidade. O sentido dessa associação se encerra em uma lógica fechada, na qual a memória, ou sua presença constante pela rememoração, confere o conceito estruturante: pela imagem do pão e vinho, alimentos cotidianos, símbolos do sustento da vida humana, evoca-se a memória da entrega do corpo de Jesus em sacrifício, entendido igualmente como subsistência, porém espiritual, o “pão angélico” que evita a “segunda morte”. O ato eucarístico, assim, se afirma como manifestação visível da “rememoração”, reafirmando a “fé” - termo derivado da palavra latina “*fides*, -ei”, cujos sentidos expressam “confiança” e “crença” – na promessa pronunciada pela vida e morte de Jesus.¹³

Quando se considera a perspectiva da *commemoratio*, o sentido do *Livro IV* se aproxima daqueles expressos no restante da compilação. Se o recebimento da eucaristia envolve a lembrança do sacrifício por ela representado, o distanciamento do mundo em direção ao fortalecimento do espírito pressupõe a mesma lembrança. Pela mortificação cotidiana, o devoto presentifica os sofrimentos de Jesus em sua própria carne, e como que o imitando, entrega o seu corpo pela vida de sua alma, enquanto pelos exercícios do *Livro III*, dados em forma de diálogos, instruem o reconhecimento da indignidade humana frente à bondade misericordiosa de Deus, que em um ato voluntário, assumiu as dores da humanidade em seu próprio ser. O imitar de Cristo, assim, se encerra pela formulação total à sua vida, tal qual pronunciado no começo do *Livro I*, movimento do devoto que não envolve apenas seguir o seu exemplo no mundo, mas se unir, em absoluto, aos desígnios expressos também por suas palavras. Por essa perspectiva, a *commemoratio* acaba definindo o sentido último de toda a *Imitação de Cristo*: no absorver do corpo de Jesus, tornar-se um com ele, unindo-se nos atos; na lembrança de sua entrega, inflamar-se ao sentir seu amor incondicional, tornando-se partícipe no mistério da morte de Deus, dada pela vida dos homens.

também tomou o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim.’ Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha.” *I Cor 11:24-26*. (“*hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur: hoc facite in meam commemorationem. Similiter et calicem, postquam coenavit, dicens: Hic calix novum testamentum est in meo sanguine: hoc facite quotiescumque bibetis, in meam commemorationem. Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, et calicem bibetis, mortem Domini annuntiabitis donec veniat.*” *I Cor 11: 24-26. Vulgata Latina*.

¹³ “*fides*, -ei”. BLAISE. p. 351; “*fides*, -ei”. ERNOULT-MEILLET. p. 233.

2. As traduções ao português

Desde o século XV, seus quatro livros vêm sendo traduzidos para as mais diversas línguas, de modo que suas traduções constituam uma parte intrínseca de sua história. Considerando também as impressões latinas, calcula-se que mais de duas mil e trezentas edições tenham saído do prelo até o fim do século XVIII, e estima-se que não menos de dois milhões e trezentos mil exemplares circularam pela Europa nesse mesmo período, cifra que já chegou a ser expandida para quinze milhões.¹⁴ Esses números fazem da *Imitação de Cristo* um dos livros mais impressos e vendidos da história, ficando atrás apenas da *Bíblia*.¹⁵

Sua persistência no universo literário continuou nos séculos XIX e XX, e seus exemplares ainda hoje podem ser encontrados com facilidade. Embora não haja nenhum levantamento sobre o número de edições recentes, consultas a índices de bibliotecas, arquivos, editoras, livrarias e sebos, tanto nacionais quanto estrangeiros, são suficientes para constatar a existência de milhares de edições, em diversas línguas, apesar da tendência de reprodução de um conjunto determinado de traduções com direitos autorais prescritos.¹⁶

No Brasil, foram publicadas cerca de trinta edições entre o século XX e XXI, algumas reeditadas mais de vinte vezes.¹⁷ Atualmente, há ao menos dezesseis editoras comercializando dezenove edições.¹⁸ Mapeá-las é um exercício particularmente difícil,

¹⁴ SORDET, Yann. *Communication: formes editoriales et usages del'Imitatio Christi – XVe – XIXe siècles*. CRAI, c.n.i., II, p. 869-895, 2012. Esp. pp. 871-872.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ Nesse aspecto, a maior frequência se dá por traduções realizadas entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX. Essa conclusão parte da consulta de índices variados, que abarcaram traduções para o francês, italiano, espanhol, português e inglês.

¹⁷ Caso da tradução de J. Cabral com reflexões de J. T. Roquette, com ao menos vinte e duas reedições pela Paulinas, entre 1970 e 1992, e de Tomás Borgmeier, com quarenta e duas até 2015, sendo a décima a mais antiga que encontramos, de 1948. A maioria delas também possui mais de uma reimpressão. *Imitação de Cristo, com reflexões do pe. J. T. Roquette*. 1º edição. Tradução de J. Cabral. São Paulo: Paulinas, 1970; *Imitação de Cristo: tradução portuguesa confrontada com o manuscrito autógrafa de 1441, editado pelo Revmo. Pe. Fleury*. 1º edição. Tradução de Tomás Borgmeier. Petrópolis: Vozes, a. n. i..

¹⁸ Listamos a seguir as editoras e o número de edições, comercializadas, que possuem da *Imitação de Cristo*. Ave-Maria, uma edição: *Imitação de Cristo*. Tradução de J. L. Roquette. 27º edição. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013; Cultor, uma edição: *Imitação de Cristo*. T.n.i. São Paulo: Cultor, 2019; Ecclesiae, uma edição: *Imitação de Cristo*. T.n.i.. Campinas: Ecclesiae, 2020; Hedra, uma edição: *Imitação de Cristo*. Tradução de Manuel Marinho. São Paulo: Hedra, 2008; Itatiaia-Garnie, uma edição: *Imitação de Cristo*. T. n.i.. Belo Horizonte: Itatiaia-Garnier, 2004; Lafonte-Escala, uma edição: *Imitação de Cristo*. Tradução de Leonel Franca. São Paulo: Lafonte, 2019; Loyola, uma edição: *Imitação de Cristo*. T.n.i.. São Paulo: edições Loyola, 1992; Martin Claret, uma edição: *Imitação de Cristo*. Tradução de Luiz Fernando Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2015; Mundo cristão, uma edição: *Imitação de Cristo*. T.n.i.. Cajamar: Mundo Cristão, 2017; Quadrante, uma edição: *Imitação de Cristo*. T.n.i.. São

uma vez que as diferentes edições alimentaram sucessivas reimpressões, e em alguns casos, reedições de um mesmo texto por editoras distintas. Como resultado, tem-se a proeminência das traduções de José Maria Cabral, José Inácio Roquette, Leonel Franca e Tomás Borgmeier, que figuram como as traduções mais frequentes nas edições brasileiras.¹⁹ Ao lado dessas, há também as de Brunilde Arendt Tornquist, Emérito da Gama, Joaquim Gimenez, Francisco Catão, Luiz João Gaio - que a traduziu da versão francesa de Pierre Guilbert - Luciano Rouanet Bastos, Luiz Fernando Guimarães, Manuel Marinho e Pietro Nasseti, traduções que conheceram poucas edições.²⁰ A lista de tradutores pode ser completada com os nomes de Leonardo Boff e Henrique Cristiano José Mattos, que com iniciativas inovadoras, ofereceram duas das melhores edições sobre o livro. O primeiro contribuiu com uma reinterpretação da *Imitação de Cristo*, traduzindo seus quatro livros e os unindo a um quinto, de sua autoria, denominado *Seguimento de Jesus*. Nele, após se percorrer a compilação original e acompanhar o seu processo de construção da espiritualidade interior, o leitor é convidado à redescoberta da natureza divina da criação e ao reconhecimento de seu

Paulo: Quadrante, 2018; Paulinas, uma edição: *Imitação de Cristo: nova tradução do original latino*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2012; Paulus, uma edição: *Imitação de Cristo, com reflexões do pe. J. T. Roquette*. 1ª edição, 30ª reimpressão (2014). Tradução de J. Cabral. São Paulo: Paulus, 1979; Principis – Ciranda Cultural, uma edição: *Imitação de Cristo*. Tradução de Leonel Franca. Jandira: Principis, 2019; Shedd Publicações, uma edição: *Imitação de Cristo*. T.n.i.. São Paulo: Shedd Publicações, 2001; Vozes, quatro edições: *Imitação de Cristo, com reflexões e orações de Francisco Sales*. T.n.i. Petrópolis: Vozes, 2020; *Imitação de Cristo: tradução portuguesa confrontada com o manuscrito autógrafa de 1441, editado pelo Revmo. Pe. Fleury*. Tradução de Tomás Borgmeier. Petrópolis: Vozes, 2015 (reeditada em 2016); e *Imitação de Cristo pelo venerável Tomas de Kempis com tradução de Leonardo Boff; Seguimento de Jesus (livro V), pelo teólogo Leonardo Boff*. Tradução e autoria de Leonardo Boff. Petrópolis: Vozes, 2016. Além dessas, há uma curiosa edição comentada pelo Clube de Autores – editora para autores iniciantes, que realiza suas impressões sob demanda - organizada pelo autointitulado “Escriba de Cristo” sobre a tradução de Tomás Borgmeier: *A Imitação de Cristo Explicada: devocionário*. Tradução de Tomás Borgmeier e comentários do “Escriba de Cristo”. C.n.i.: Clube de Autores, 2019.

¹⁹ *Imitação de Cristo: tradução portuguesa confrontada com o manuscrito autógrafa de 1441, editado pelo Revmo. Pe. Fleury*. 1ª edição. Tradução de Tomás Borgmeier. Petrópolis: Vozes, 1920; *Imitação de Cristo*. Tradução de pe. J. Cabral, com reflexões do pe. J. T. Roquette. 6ª edição. São Paulo: Paulinas, 1962 (essa é a única tradução que não conseguimos precisar a data); *Imitação de Cristo*. Tradução de J. L. Roquette. Ave Maria, 1947; *Imitação de Cristo*. Tradução de Leonel Franca. 1ª edição. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1944.

²⁰ *Imitação de Cristo*. Seleção de orações por Ronald Klug e tradução de Brunilde Arendt Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2001; *Imitação de Cristo: textos escolhidos*. Tradução e seleção de Emérito da Gama. 3ª edição. São Paulo: Quadrante, 2018; *Imitação de Cristo*. Tradução de Francisco Catão. São Paulo: Paulinas, 2009; *Imitação de Cristo*. Tradução de Joaquim Gimenez. Itaperuna: Damada, 1998; *Imitação de Cristo*. Tradução e notas de Luciano Rouanet Bastos. São Paulo: Paulus, 2019; *Imitação de Cristo*. Tradução de Luiz Fernando Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2015; *Imitação de Cristo*. Tradução dos originais latinos de Pierre Guilbert; traduzido para o português por Luiz João Gaio. Rio de Janeiro: Loyola, 1992; *Imitação de Cristo*. Tradução de Manuel Marinho; introdução de Claudio Giordano. São Paulo: Hedra, 2008; *Imitação de Cristo*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003. Há ainda outras edições que não informam os seus tradutores. Elas podem ser consultadas na nota 5 acima.

compromisso individual para com ela. Seus argumentos são apresentados na voz de Jesus, seguindo a estrutura em diálogos dos *Livros III e IV*.²¹ Henrique Cristiano José Matos, por sua vez, apresenta um dos únicos trabalhos disponíveis sobre o livro para o português, explorando a sua origem na *devotio moderna*. O estudo é acompanhado de excertos traduzidos, realizados sobre a crítica da edição comentada de Rudolph Van Dijk, na qual a *Imitação de Cristo* é apresentada em latim e neerlandês.²² Trata-se da análise brasileira mais afinada com a crítica bibliográfica sobre o tema.

3. O texto latino - biografia de acesso:

Antes de apontar as principais decisões que nortearam o estabelecimento da transcrição e tradução aqui realizados, julgamos necessário apresentar o conjunto de publicações que formam o principal corpo de referências contemporâneas ao texto latino de *Sobre a Imitação de Cristo*. A partir dessa apresentação, poderemos, então, justificar a escolha pela versão aqui transcrita, bem como a composição de seu aparato crítico.

A principal referência acadêmica aos escritos de Thomas de Kempis é o conjunto de suas *Obras Completas*, organizadas e publicadas por Michael Joseph Pohl, em sete volumes, entre 1902 e 1922.²³ O texto de *Sobre a Imitação de Cristo* se encontra no

²¹ “Jesus: Filho/Filha, se Deus é Trindade-comunhão-amor, como podes tu não viveres também em comunhão com todos os que estão à tua volta, amar os distantes e se conectar com todas as coisas, com os rios, as florestas, os animais, com as estrelas mais longínquas e especialmente com o teu próprio coração onde o Pai gera o Filho na força do Espírito Santo?” *Livro V*, I, 8; “Jesus: Filho/Filha, debes compreender que comunhão e amor, por sua própria natureza, são realidades que se expandem. São como a luz que briha e se difunde por todo o universo. Elas, por um dinamismo intrínseco, querem se comunicar e se dar a outrem. Em nosso caso temos a ver com processos de comunicação e de revelação de uma Pessoa para com outras pessoas.” *Livro V*, II, 1; “Esse outro somos nós, cada um de nós, homens e mulheres, é o inteiro universo”. *Livro V*, II, 2. *Imitação de Cristo pelo venerável Tomas de Kempis com tradução de Leonardo Boff; Seguimento de Jesus (livro V), pelo teólogo Leonardo Boff*. Tradução e autoria de Leonardo Boff. Petrópolis: Vozes, 2016. Citações nas páginas 215-216;.

²² MATOS, Henrique Cristiano José. *Imitação de Cristo: caminho de crescimento espiritual; contexto histórico, inspiração e atualidade*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2014. Consideramos essa edição como um estudo crítico, e por disponibilizar trechos do livro, optamos por não indicá-la na lista de edições disponíveis apresentadas na nota 5. Sobre o trabalho crítico de Van Dijk: *Navolging van Christus, vertaald en toegelicht door Rudolf van Dijk (Imitação de Cristo, traduzida e comentada por Rudolf van Dijk)*. Kampen: Ten Have, 2008. Citado em MATOS, Henrique Cristiano José. *Imitação de Cristo: caminho de crescimento espiritual; contexto histórico, inspiração e atualidade*. p. 235. A tradução do título, a qual tomamos emprestada, encontra-se nessa mesma página.

²³ POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia Voluminibus Septem edidit additoque volumine de vita et scriptis eius disputavit*. 7 vol. Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1902-1922. No índice das edições, há menção a um oitavo volume, que conteria escritos e biografias de autoria disputada. No entanto, esse volume não é citado na bibliografia, e nem encontramos qualquer outra referência a ele. Provavelmente, não chegou a ser publicado.

segundo, publicado em 1904, e é uma transcrição, com grafia corrigida, do chamado “manuscrito autógrafo”, ou códice *kampensis*, de 1441.²⁴ Essa foi a última vez em que a totalidade de seus escritos foi disponibilizada, sendo que a grande maioria permanece impubliada desde então.²⁵

Após Pohl, algumas transcrições merecem destaque por suas qualidades notáveis, todas publicadas no âmbito de estudos críticos. Leon Delaissé apresenta, em dois volumes, o mais recente trabalho de análise específica sobre o manuscrito autógrafo, acompanhado de sua transcrição, intitulado *Le manuscrit autographe de Thomas a Kempis et l'Imitatione de Jésus-Christ*, publicado em 1956.²⁶ Tiburzio Lupo, em 1982, disponibilizou a transcrição do códice *De advocatis* – já considerado o mais antigo exemplar do texto, e que serviu como principal base de apoio para a autoria de Jean Gerson – acompanhado de um aparato crítico composto pela consulta de outros noventa manuscritos, sob o título *De Imitatione Christi libri quatuor: edizione critica a cura de Tiburzio Lupo*.²⁷ Em 2002, Kenneth Becker republicou a transcrição de Pohl em seu estudo sobre a composição de *Sobre a Imitação de Cristo* a partir de leituras devocionais, intitulado *An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*, indicando, a cada trecho do texto, os seus paralelos com excertos da *Vulgata latina*.²⁸ A mais recente publicação veio em 2008, na edição bilingue de Rudolf Van Dijk, *Navolging van Christus, vertaald en toegelich door Rudolf van Dijk (Imitação de*

²⁴ O códice é assim identificado por fazer parte de uma coletânea de manuscritos de Thomas de Kempis, que ao seu fim traz a frase “*Finitus et completus per manus Fratris Thomae Kempis*” (“Terminado e completado pela mão do irmão Thomas de Kempis”). RUELENS, Charles (ed.). *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis, De Imitatione Christi, reproduced in Facsimile from the Original Preserved in the Royal Library at Brussels*. London: Elliot Stock, 1885. p. 11.

²⁵ Alguns dos escritos de Thomas traduzidos para o inglês no século XIX, foram recentemente republicados e estão à venda em edições econômicas. É o caso do *Vallis liliorum (Vale dos Lírios)*, *Soliloquium animae (Soliloquio da alma)*, *Chronica montis Sanctae Agnetis (Crônica do Monte de Santa Agnes)*, *Sermones ad novitios (Sermões aos noviços)* e as *Vitae Gerardi Magni Florentii et discipulorum Florentii (Vidas de Geert [Groote], o Grande, e de Florêncio [Radewijns] e seus discípulos)*: KEMPIS, Thomas a. *The Valley of Lilies*. T. n. i.. London: T. Jones, 1840 (republicado pela editora americana St. Athanasius Press, em 2009); _____. *The soliloquy of the Soul...* T. n. i. . Charleston: Nabu Press, 2012; _____. *The chronicle of the Canons Regular of Mount St. Agnes*. Tradução de J. A. Pott. Charleston: Nabu Press, 2010; _____. *Sermons to the Novices*. T. n. i.. Charleston: Nabu Press, 2018; _____. *The Founders of the New Devotion: being the lives of Gerard Groote Florentius Radewin [sic] and their followers*. T. n. i. . C. n. i. : Aeterna Press, 2015 (facsimiles de uma edição de 1865). Todas essas editoras reproduzem edições anteriores cujos direitos autorais prescreveram. Não conseguimos consultar os exemplares, e por isso os detalhes das traduções, bem como o ano de suas publicações, não puderam ser especificados. Nenhum desses títulos chegou a ser traduzido para o português.

²⁶ DELAISSÉ, Leon Marie Joseph. *Le manuscrit autographe de Thomas a Kempis et l'Imitatione de Jésus-Christ. Examen archéologique et édition diplomatique du Bruxellensis 5855-61*. 2 vol. Paris; Bruxelles: Éditions Erasme; Anvers; Amsterdam: Standaard-Boekhandel, 1956.

²⁷ LUPO, Tiburzio (ed.). *De Imitatione Christi libri quatuor: edizione critica a cura de Tiburzio Lupo*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1982.

²⁸ BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout: Brepols 2002. *Passim*.

Cristo, traduzida e comentada por Rudolf van Dijk). Nela, a transcrição direta do manuscrito autógrafo é acompanhada de uma tradução crítica para o holandês.²⁹

Esse conjunto de cinco títulos corresponde aos melhores recursos ao texto latino, e figura como o principal corpo de referências no âmbito dos estudos a respeito da compilação *Sobre Imitação de Cristo* e seu autor, bem como da *devotio moderna*. A eles, consideramos necessário adicionar duas outras publicações, que permitem um acesso privilegiado a dois dos mais importantes exemplares da história da obra. Trata-se de duas reproduções em *facsimiles*, do fim do século XIX: *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis*, De Imitatione Christi, reproduced in Facsimile from the Original Preserved in the Royal Library at Brussels, publicada por Charles Ruelens, em 1885; e *The Imitation of Christ: a Facsimile Reproduction of the First Edition printed at Augsburg in 1471-2*, por William John Knox-Little, em 1893.³⁰ Por elas, é possível tomar contato com as imagens do manuscrito autógrafo de 1441 – Ruelens – e com a primeira edição impressa do livro – Knox-Little – realizada em Augsburg, entre 1471 e 1472.³¹

Ambas, no entanto, ocupam pouco espaço nas análises recentes, que se limitam a mencioná-las. No caso da publicação do manuscrito autógrafo, por Ruelens, isso se explica pela recorrência frequente de seu texto na maioria das transcrições disponíveis – desde a publicação de Henrique Sommalius (imagem 6), em 1599, é a versão do texto predominante; no século XIX, se destacava a edição de Karl Hirsche, e atualmente,

²⁹ VAN DIJK, Rudolf (ed.). *Navolging van Christus, vertaald en toegelicht door Rudolf van Dijk*. Kampen: Ten Have, 2008. Citado em MATOS, Henrique Cristiano José. *Imitação de Cristo: caminho de crescimento espiritual; contexto histórico, inspiração e atualidade*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2014. p. 235. A tradução do título, a qual tomamos emprestada, encontra-se nessa mesma página.

³⁰ RUELENS, Charles (ed.). *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis*, De Imitatione Christi, reproduced in Facsimile from the Original Preserved in the Royal Library at Brussels. London: Elliot Stock, 1885. *Passim*; KNOX-LITTLE, William John (ed.). *The Imitation of Christ: a Facsimile Reproduction of the First Edition printed at Augsburg in 1471-2*. London: Elliot Stock, 1893. *Passim*.

³¹ Essa edição não traz o ano de impressão, e Knox-Little o identifica entre 1471 e 1472, afirmando que sua publicação se deu enquanto Thomas de Kempis ainda estava vivo. No entanto, não há nada que o corrobore, e é bem possível que ela tenha sido realizada pouco tempo após a morte de Thomas. Puyol indica a publicação em 1471, levantando duas hipóteses: uma segunda reimpressão em 1472, ou uma anotação à mão desse mesmo ano, a qual teria levado à dúvida sobre sua publicação. Existe ainda a possibilidade do ano 1468, data de uma provável referência a essa edição, e é impossível que tenha se dado após 1475, ano da morte de Zainer. Como não há consenso, optamos por indicar o período mais provável da publicação, entre 1471 e 1472. Puyol elenca, ao todo, sete citações a essa versão, denotando que algumas se tratam de reimpressões de um mesmo texto – um deles viria acompanhando do *Speculum humanae vitae* (“Espelho da Vida Humana”), provavelmente o livro do espanhol Rodrigo Sánchez de Arévalo. PUYOL, Pierre Edouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. Paris: Victor Retaux, Libraire-Éditeur, 1898. pp. 437-440; RUELENS, Charles (ed.). *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis*, De Imitatione Christi. p. 16.

temos as de Pohl, Delaissé, Becker e Van Dijk – além do fato de sua caligrafia representar um verdadeiro desafio, o que certamente dificulta e impõe barreiras para a sua consulta e uso.³² Quanto à reprodução realizada por Knox-Little, da primeira edição impressa, é justamente a proeminência do manuscrito autógrafo que a eclipsa, sendo resumida, na prática, à condição de “versão alternativa”.

Além dessas, há outras três publicações que julgamos pertinente citar. Embora não possuam o mesmo destaque das acima listadas, elas se mostram relevantes por terem sido utilizadas para as traduções em português disponíveis: a edição de Angelus Mercati, publicada pela Tipografia Vaticana, em 1925; a do jesuíta francês Alexandre Fleury, publicada por Alfred Mame e Filhos, em 1928; e uma reedição, sem organização indicada, pela Desclé e Cia., de 1934.³³

4. Exemplos trabalhados:

O texto latino aqui disponibilizado é a transcrição literal da edição de Augsburg, realizada por Gunther Zainer, a primeira impressão na história de *Sobre a Imitação de*

³² SOMMALIUS, Henrique (org.). *Venerabilis Viri Thomae a Kempis cum docti tum religiosissimi viri, ordinis canonicorum regularium D. Augustini Opera Omnia ad autographa ejusdem emendata, aque etiam tertia fere ex parte nunc aucta & correctata, et in tres tomos distributa*. Sexta Editio. Coloniae Agrippinae: Joannem Busaeum Bibliopolam, sub Monocerotata, 1660. A *Imitação de Cristo* ocupa o segundo tomo, pp. 297-423; HIRSCHKE, Karl (org.). *Thomae Kempensis De Imitatione Christi libri quatuor: textum ex autographo Thomae nunc primum accuratissime reddidit, distinxit, novo modo disposuit; capitulorum argumenta, locos parallellos adiecit*. Berlim: Libraria Luderitziana; Carolus Habel, 1874. *Passim*.

³³ A recente tradução de Leonardo Boff (2016) indica a edição de Angelo Mercati, publicada pela Typis Polyglottis Vaticanis, em 1925, sem dar maiores detalhes. BOFF, Leonardo (tr.) *Imitação de Cristo pelo venerável Tomas de Kempis com tradução de Leonardo Boff; Seguimento de Jesus (livro V), pelo teólogo Leonardo Boff*. Petrópolis, Vozes, 2016. p. 14; a tradução de Francisco Catão diz tomar como base a edição de Tiburzio Lupo, porém datando a sua publicação em 1925. Não encontramos nenhuma referência a uma suposta primeira edição dessa data, o que leva a crer que seja uma imprecisão. CATÃO, Francisco (tr.). *Imitação de Cristo: nova tradução do original por Francisco Catão*. 3ª edição. São Paulo: Paulinas 2012. p. 13; a edição de Alexandre Fleury é indicada na tradução de Tomás Borgmeier, que identifica 1919 como seu ano de publicação. Um catálogo da base de arquivos francesa *Gallica*, no entanto, aponta apenas duas publicações, em 1925 e 1928, e consultamos uma reedição de 1930 (Alfred Mame e Filhos possuem inúmeras edições da obra, mas, aparentemente, apenas essas sob o nome de Fleury). FLEURY, Alexandre (ed.) *De Imitatione Christi libri quatuor*. Turonibus: Typis Alfredi Mame e Filiorum, 1930; BORGMEIER, Tomás (tr.). *Imitação de Cristo: tradução portuguesa confrontada com o manuscrito autógrafo de 1441, editado pelo Revmo. Pe. Fleury*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 18. (Para a consulta do catálogo da *Gallica*, ver https://data.bnf.fr/fr/12008446/de_imitatione_christi/fr.pdf, acessado em 19/12/2020). Henrique Matos, que tomou como base a edição bilingue de Van Dijk, mas que incluiu outras versões do livro em seu trabalho, indica a reedição da Desclé e Cia, de 1934, publicada pela primeira vez em 1893. *De Imitatione Christi libri quatuor: Sacrae Scripturae concordantia, et J. M. Hosrtii notis illustrati*. Editio Nova accuratissime emendata. Tornaci Nerbiorum: Typis Societatis S. Joannis; Desclée, Lefebvre & Soc., 1893; MATOS, Henrique Cristiano José. *Imitação de Cristo: caminho de crescimento espiritual*. p. 235. Citamos aqui apenas as traduções para o português que citam suas fontes.

Cristo, cujo acesso se deu pela reprodução em *facsimiles* de Knox-Little. A ela, foram comparados outros dois exemplares, cujas variações foram indicadas por notas no decorrer do texto: o manuscrito autógrafo, consultado pela transcrição de Pohl nas *Obras Completas*, e a principal edição impressa do século XV, realizada em Veneza, no ano de 1483 – de onde, *Edição de Veneza* - por Peter Löslen, digitalizada e acessada pela base de arquivos suíça *e-rara*.³⁴ A escolha pelas três procurou contemplar os seus principais aspectos no contexto do século XV, os quais apresentamos a seguir.

Sobre a Imitação de Cristo surgiu como uma coletânea de excertos bíblicos agrupados e comentados em torno de temas comuns, seguindo a tradição dos florilégios - ou no caso específico da *devotio moderna*, os *rapiaria* – como é apresentado por Kenneth Becker.³⁵ Seus quatro livros foram compostos separadamente, e circulavam de forma independente, reunidos a outras obras de caráter devocional. A mais antiga cópia conhecida, de 1424, possui apenas o *Livro I*, e até o fim do século XVI, ainda acontecia de serem copiados separadamente.³⁶ No entanto, os quatro livros já se encontram reunidos em um conjunto de 1427, tendência que se aprofunda, ainda que não de forma absoluta, conforme o avançar do século.³⁷ Enquanto manuscritos, sua circulação se deu, sobretudo, entre comunidades monásticas e devocionais localizadas nas regiões dos atuais Países Baixos, Bélgica, nordeste da França, noroeste da Alemanha, Suíça e norte da Itália.³⁸

³⁴ Edição de 1471-1472 a primeira impressa, em KNOX-LITTLE, William John (ed.). *The Imitation of Christ: a Facsimile Reproduction of the First Edition printed at Augsburg in 1471-2*. London: Elliot Stock, 1893. Manuscrito autógrafo, em sua transcrição, em POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia Voluminibus Septem edidit additoque volumine de vita et scriptis eius disputavit. Volumen alterum, Tractatum asceticorum partem alteram complectens, De Imitatione Christi cum novem tractulis* (Vol. 2). Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1904. pp. 3-263. Edição veneziana, publicada sob o nome de Jean Gerson e corrigida, à mão, para o de Thomas de Kempis. *De Imitatione Christi et contemptu omnium vanitatum mundi*. Veneza: Peter Löslen, 1483. 50 folhas. O exemplar está conservado na Biblioteca da Universidade da Basileia - Universitätsbibliothek Basel, sob o código FP VII 2 5:1. Disponível em <http://dx.doi.org/10.3931/e-rara-4989>.

³⁵ BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. *Passim*.

³⁶ O exemplar de 1424 é o *códice Mellicensis* (do monastério de Melk, em latim, *Mellicensis*, atualmente na Basileia). Dentre os inúmeros manuscritos listados por Puyol - muitos impossíveis de serem datados com precisão - a maioria remonta ao século XV e são fragmentários. PUYOL, Pierre Édouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. Paris: Victor Retaux, Libraire-Éditeur, 1898. *Passim*. Sobre a localização do manuscrito, sem maiores detalhes, ver BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 23.

³⁷ Esse manuscrito encontra-se na Koninklijke Bibliotheek - Bibliothèque Royale, em Bruxelas, sob o código 22084. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 23.

³⁸ Os manuscritos conhecidos, em sua maioria, remontam a monastérios, o que sugere que os quatro livros circulassem e fossem copiados, sobretudo, nas comunidades religiosas. É provável que esses locais

O contexto no qual os quatro livros aparecem também favoreceu a sua circulação fora do meio religioso. As comunidades da *devotio moderna* costumavam oferecer pregações públicas (“*collationes*”), o que certamente fez com que as suas perspectivas devocionais, assim como seus livros, se tornassem conhecidas pelo público leigo das cidades em que se faziam presentes.³⁹ O século XV também foi o apogeu da cópia de livros por demanda, fenômeno que retira do meio monástico a exclusividade da produção de manuscritos. Frédéric Barbier identifica nesse fenômeno um verdadeiro processo de “mercantilização”.⁴⁰ O crescimento urbano e a demanda por funcionários especializados levam ao surgimento de universidades e colégios, que por sua vez se amparam em bibliotecas e na necessidade corrente de manuais e tratados. Ao mesmo tempo, há o aumento do interesse por obras de caráter devocional e por materiais de auxílio a pregadores. A partir do século XIII, cidades como Paris, Bruges e Utrecht testemunham o aparecimento de “livreiros”, indivíduos especializados no comércio de livros, e de copistas profissionais, os quais começam a se reunir em “oficinas” de cópias segundo o modelo das corporações de artesãos. Ao mesmo tempo, indivíduos isolados, sobretudo estudantes e comerciantes, passam a se dedicar à mesma atividade como uma alternativa financeira.⁴¹ A própria *devotio moderna* se relaciona intimamente com esse novo contexto: suas comunidades mantiveram colégios e bibliotecas, e a maioria de seus membros tinha na produção manuscrita o seu principal meio de subsistência.

Desde o aparecimento de seus quatro livros, portanto, *Sobre a Imitação de Cristo* já circulava no meio leigo, e há indícios de sua comercialização manuscrita, ainda que os seus principais leitores e copistas continuassem a serem clérigos ou membros de alguma agremiação devocional. A maioria dos manuscritos não identifica os nomes de seus copistas, o que torna difícil precisar em que condições foram produzidos. Há, entretanto, ao menos três exemplares que indicam a sua comercialização. O primeiro é o códice *Ervicensis*, de 1426, assinado por Joannis Kichten, “conhecido como Bupen”. A ausência de termos que o identifiquem como religioso – “irmão” (“*frater*”) ou a

também lhes fornecessem maiores chances de sobrevivência quando comparados a proprietários individuais e a pequenas bibliotecas. A afinidade que possuem com a vida religiosa, no entanto, é evidente, fato reforçado pelas frequentes inscrições que identificam o seu uso em monastérios.

³⁹ Sobre as pregações públicas, ver VAN ENGEL, John. “Introduction”. In _____. *Devotio Moderna: Basic Writings*. Translated and introduced by John Van Engen. New York: Paulist Press, 1988. p. 53; _____. *Sisters and Brothers of the Common Life: Devotio Moderna, self-made societies, and the world of the later middle ages*. Pennsylvania, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008. p. 99.

⁴⁰ BARBIER, Frédéric. “O nascimento do mercado”. In _____. *A Europa de Gutenberg: O livro e a Invenção da Modernidade Ocidental (séculos XIII-XVI)*. Tradução de Gilson César Cardoso Souza. São Paulo: Editora da Universidade, 2018. pp. 95-124.

⁴¹ *Ibidem*. p. 112-124. .

identificação de alguma ordem, padrão nos manuscritos assinados - sugere que tenha sido um copista “leigo”.⁴² O segundo, o códice *Baenst*, foi produzido por Jacob Baenst, em 1450, que se identifica como um “irmão reconduzido ao estado leigo” (“*fratris Jacobi Baenst redditus laici*”).⁴³ O terceiro, o códice *Leschassier*, traz a assinatura do “mestre em Teologia” Jacobo Lupi. Esse exemplar possui em sua capa a imagem de um copista em seu escritório, elegantemente pintada, característica típica dos manuscritos encomendados (imagem 8).⁴⁴

Entre 1471 e 1472, *Sobre a Imitação de Cristo* foi impressa pela primeira vez, em Augsburg (imagem 1).⁴⁵ Seu editor, Gunther Zainer, foi um dos primeiros editores da Europa, tendo trabalhado com Johan Mentelin, responsável pelo estabelecimento da prensa em Estrasburgo, após contato com Gutenberg.⁴⁶ O fato de ter sido impressa em menos de duas décadas após a *Bíblia em 42 linhas*, em 1455, e em um momento em que

⁴² Esse manuscrito, que possui apenas o *Livro I*, parece ter desaparecido, sendo conhecido apenas por uma menção do beneditino francês Edmond Martenne, que o teria visto no monastério de Ercivense, ligado aos cônegos regulares de Windesheim. Puyol não dá maiores detalhes a respeito do exemplar. A assinatura diz: “Termina o manual devoto sobre a I. C., chamado *Quem me segue*, finalizado pelas mãos de Joannis Kichten, conhecido como Bupen, no ano do Senhor 1426. Exaltações à festa da Cruz, que então se celebra nessa VI-feira” (“*Explicit libellus devotus de I.C. dictus Qui sequitur me, finitus per Joannis Kichten manus, cognomento Bupen. anno Domini 1426. Exaltationes Crucis festa (quod tum celebratur ipsa VI feria)*”). PUYOL. *Déscriptions Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. p. 154.

⁴³ “Termina o Tratado devoto de um certo [monge] regular, sobre o diálogo interno de Cristo com a alma fiel, escrito pela mão do irmão reconduzido ao estado leigo Jacob Baenst, e finalizado no ano do jubileu 1450, aos 13 dias do mês de outubro, e que pertence à casa cartuxa da floresta de São Martinho, próxima ao monte de São Geraldo. Graças a Deus!” (“*Explicit devotus tractatus cujusdam regularis de interna locutione Christi ad animam fidelem. Scriptus per manus fratris Jacobi Baenst redditus laici. Finitus in anno Jubileo 1450, 13 mensis Octobris. Et pertinet ad Cartusieses domus Silvae Sancti Martini prope Geraldum montem. Deo Gratias*”). *Ibidem*. p. 99. O Monte de São Geraldo é a atual abadia beneditina de Brogne. Não é possível precisar se o livro foi encomendado pela comunidade cartuxa, ou a ela presenteado, ou se o próprio Baenst pertenceu à comunidade e continuou ligado a ela como “leigo”.

⁴⁴ O códice *Leschassier* possui, juntamente com os quatro livros da *Imitação de Cristo*, os *Sinônimos* de Isidoro de Sevilha, também conhecidos como *Diálogo do homem com a razão*. A assinatura vem ao fim de todo o conjunto: “Terminam os *Sinônimos* do bispo Isidoro Hispânico sobre o homem e a razão, corrigidos e acertados com suma diligência pelo mestre Jacobo Lupi, formado Bacharel em sagrada teologia com bom mérito.” (“*Expliciunt synonyma Isidori Hispalensis Episcopi de homine et ratione, emendata et summa cum diligentia castigata per magistrum Jacobum Lupi, sacrae theologiae Baccalarium formatum bene meritum*”). Lupi se formou no colégio de Navarra em 1498, sendo a cópia do manuscrito possível apenas após essa data. *Ibidem*. pp. 266-267. O manuscrito pode ser acessado em ark:/12148/btv1b52503823k. Ele faz parte do catálogo de manuscritos da *Bibliothèque Nationale de France, département des manuscrits*, NAL 3024. Sobre a decoração dos manuscritos, ver BARBIER, Frédéric. *A Europa de Gutenberg: O livro e a invenção da Modernidade Ocidental (séculos XIII-XVI)*. pp. 120-124.

⁴⁵ A data da impressão é imprecisa, sendo impossível antes de 1470 e após 1475, dada a morte de Zainer. Algumas fontes indicam a possibilidade de duas impressões consecutivas, em 1471 e 1472. Como o texto não identifica qualquer data, é impossível precisá-la. PUYOL. *Déscriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. p. 438.

⁴⁶ Frédéric. *A Europa de Gutenberg: O livro e a invenção da Modernidade Ocidental (séculos XIII-XVI)*. p. 245.

a tipografia ainda se estabelecia na Alemanha, atesta que *Sobre a Imitação de Cristo* já representava um título conhecido e solicitado no mercado de livros.⁴⁷

Assim, a edição de Augsburg representa não apenas um dos mais importantes exemplares da história de *Sobre a Imitação de Cristo*, mas também da própria história da prensa. É ela quem inaugura a fase impressa dos quatro livros, determinados como um conjunto que se cristalizará pelas edições posteriores. No momento de sua realização, os manuscritos ainda predominam e representam a principal forma de produção e circulação de escritos. Por esse motivo, a sua fonte e pontuação é idêntica àquela empregada pelos copistas, o que lhe vale a caracterização como “incunábulo”, o primeiro tipo de impressos, que ainda se assemelham muito aos manuscritos. O texto também é lastreado por uma versão manuscrita, a do códice *Rottenbuechensis*, de 1442, que foi utilizado como base para a sua impressão.⁴⁸

Por esses motivos, a transcrição respeitou ao máximo as características da edição: em texto contínuo, sem a separação em parágrafos numerados – esses foram indicados entre chaves, “[]”, no decorrer do texto, para facilitar a localização de seus trechos – obedecendo a mesma grafia e pontuação do original (imagem 6). A edição também possui alguns erros, como letras suprimidas e trocas de palavras que, pelo sentido, seriam impossíveis. No caso das primeiras, por questão de praticidade ao leitor, indicamos as letras faltantes entre “[]” (como em “sa[n]guinem”, “sangue”), e, no das segundas, por notas. Indicamos por [sic] os termos que poderiam ser decorrentes de falhas em nossa transcrição, de modo a eliminar possíveis dúvidas a respeito (casos de “*Qoumodo*” e “*in uitatio*”, quando o correto seria “*Quomodo*”, “de que modo”, e “*inuitatio*”, “convite”).

Após a edição de Augsburg, *Sobre a Imitação de Cristo* só voltaria a ser publicada em 1482, com a edição do *Livro I* de Metz, e, em 1483, de forma completa, com a edição de Veneza (imagem 3).⁴⁹ O século XV conheceu apenas essas três versões impressas, sendo que até o fim do século XVI, praticamente todas as impressões reproduziram apenas o texto dessa última.⁵⁰

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ A última informação detalhada do códice *Rottenbuechensis* que encontramos foi feita por Édouard Puyol. A compilação na qual está inserida traz uma assinatura que identifica Thomas de Kempis como o seu autor. Há uma discussão sobre a sua proveniência inicial, se em Rottenbuech, em Frising, ou Rotenburg, entre Ratisbona e Frising, ou ainda, no castelo de Rathenberg. PUYOL, Pierre Edouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. p. 356-357.

⁴⁹ A edição de Metz é anônima, e não identifica o seu editor. *Ibidem*. pp. 411-412.

⁵⁰ *Ibidem*.

Realizada por Peter Löslein, a edição de Veneza – também um “incunábulo” - corrige os erros da de Augsburgo, acrescentando uma pontuação mais frequente.⁵¹ O seu início é característico, o que permite que seja facilmente identificada. É a única que traz completa a icônica citação do *Evangelho de João*, que abre o *Livro I*: “*quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida*”.⁵² Não se sabe se o seu texto foi baseado em algum manuscrito que não chegou até nós ou se foi o resultado de alterações na publicação de Augsburgo. A proximidade com o manuscrito autógrafo sugere que tenha sido baseada, ou corrigida, em algum manuscrito oriundo do círculo de Windesheim. A sua importância está no fato de ter sido a versão pelo qual *Sobre a Imitação de Cristo* ficou amplamente conhecida. Se os manuscritos, no século XV, estiveram restritos às regiões acima citadas, e a primeira publicação se resumiu à atual Alemanha, a versão de Veneza alcançou praticamente toda a Europa. Em Veneza, o mesmo texto seria reimpresso duas vezes, nos anos de 1486 e 1496, e em Milão, em 1488, sendo que exemplares dessas três edições alcançaram Portugal.⁵³ Há também uma impressão em Brescia, de 1485, que circulou pela França, antecipando a primeira edição em Paris, no ano de 1488.⁵⁴ O mesmo texto aparece nas primeiras *Obras Completas* de Thomas de Kempis, organizadas por Peter Danhauser em 1494 (imagem 8).⁵⁵

A presença do texto de Veneza em diferentes países, logo enseja o início das traduções, que por sua vez contribuíram para que *Sobre a Imitação de Cristo* chegasse a um público ainda maior e mais variado. É fato, entretanto, que os quatro livros da compilação já eram traduzidos desde seus primórdios, de forma manuscrita. O códice de

⁵¹ *Ibidem*. p. 401.

⁵² “*Qui sequitur me non ambulat in tenebris sed habebit lumen vitae*”. Jo 8:12. A *Vulgata latina* traz “*ambulat*” (“andar”), ao invés de “*ambulat*” (“anda”), e “*lucem*” (“luz”) no lugar de “*lumen*” (“lume”, “luzero”).

⁵³ Conservados na Biblioteca Nacional de Portugal. Edição de 1486, impressa por Bernardino Benali, em Veneza, oriundo do mosteiro cisterciense de Santa Maria, em Alcobaça. BNP, cota ALC. 71/3, CFC1, coleção “Manuscritos Reservados” (apesar de constar nessa coleção, trata-se de um impresso); acessível em: <https://purl.pt/26131>. Edição de 1488, por Leonhard Pachel, em Milão, e pertenceu a Francisco de Melo Manuel. 1488, BNP, INC. 281, CFA3, coleção “Impressos Reservados”; acessível em: <http://purl.pt/31930>. Edição de 1496, impressa em Veneza sem identificar o seu responsável. Esse exemplar também remonta ao mosteiro cisterciense de Santa Maria, do qual foi enviado ao mosteiro franciscano de Nossa Senhora de Assunção, em Zurara, e depois para o de Santo António, em Castanheira, seguindo posteriormente a um proprietário particular, Aires de Silva. O manuscrito parece não informar o momento dessas transferências. BNP, INC. 972, CFA8, coleção “Impressos Reservados”; BNP, INC. 1369, CFA10, coleção “Impresso Reservados” (são informados dois registros); acessível em: <http://purl.pt/33263>.

⁵⁴ A edição de Paris foi reimpressa em 1493. PUYOL, Pierre Edouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. pp. 401, 463.

⁵⁵ DANHAUSER, Peter (org.). *Opera Thomae a Campis cognomento Malleoli, viri pientissimi & religiosissimi sub Canone diui patris Augustini, aucta & diligentius recognita, suaque serie reposita vt in huius patebit tergo*. Nuremberga: Iodoco Badio Ascensio, 1494. *Passim*.

Zwolle, descoberto por Otto Spitzen, no século XIX, remonta a década de 1420, e traz os quatro livros em médio holandês. Na mesma língua, há também os códices de Vienna e Leiden, escritos por volta de 1450.⁵⁶ Para o francês, tem-se os códices de Hesdin e Angoulême, de 1447 e 1467, respectivamente, além da tradução dos três primeiros livros, conhecida como *L'internelle consolation* (“A Consolação Interna”), do século XV, uma das versões francesas mais populares.⁵⁷ Entre 1468 e 1477, o beneditino João Álvares realiza a primeira tradução para o português, a partir de manuscritos que consulta em Bruges e Bruxelas.⁵⁸ Na Inglaterra, tem-se uma tradução anônima dos três primeiros livros, intitulada *Musica Celi* (“Música do Céu”), logo seguida pela de Willian Atkyson, realizada por solicitação da mãe de Henrique VII, Margaret de Richmond, quem, por sua vez, completa a compilação com sua própria versão do livro quarto, realizada a partir de um manuscrito francês.⁵⁹ Essas traduções, porém, foram episódicas, e enquanto manuscritos, tiveram uma circulação limitada, possuindo algum impacto apenas quando impressas – caso da versão de Atkyson e Margaret, em 1504, e da *Internelle consolation*, em 1554. Seria somente com a vulgarização do texto de Veneza que as traduções começariam a se mostrar sistemáticas.

Na atual Itália, a partir de 1483, começam a surgir os *volgarizzamenti* (“vulgarizações”): primeiro em Veneza, e depois em Florença e Bologna, sendo todos referentes ao texto veneziano – há uma única exceção, impressa em Pádua com base no códice *De Advocatis*.⁶⁰ Do mesmo texto, partem a tradução de Toulouse, publicada duas vezes, em 1488 e 1493, e futuramente eclipsada com a impressão da *Internelle Consolation*.⁶¹ Para o alemão, a primeira tradução aparece em 1486, em Augsburgo.⁶²

⁵⁶ SPITZEN, Otto Antonius. Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii. Utrecht: L. J. Beijers; J. W. V. Leeuwen, 1884. pp. 61-62.

⁵⁷ PUYOL, Pierre Edouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. pp. 461-463; 466-469; SORDET, Yann. *Communication: formes editoriales et usages del’Imitatio Christi – XVe – XIXe siècles*. CRAI, c.n.i., II, p. 869-895, 2012. Esp. pp. 892-893.

⁵⁸ CEPEDA, Isabel Vilares. *A Linguagem da “Imitação de Cristo” (versão portuguesa de fr. João Álvares)*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1962. pp. 3-5.

⁵⁹ INGRAM, John K.. *The earliest translation of the first three books of De Imitatione Christi, now printed from a ms. in the Library of Trinity College, Dublin, with various readings from a ms. in the University Library, Cambridge. Also The earliest printed Translation of the whole Work from a copy in the British Museum*. Books I-III by Willian Atkyson; book IV by the lady Margareth, mother of K. Henry VII, and countess of Richmond and Derby. London: The Early English Text Society; Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., 1893. pp. VII-XXXI.

⁶⁰ PUYOL, Pierre Edouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. pp. 447-461.

⁶¹ Yann Sordet calcula vinte e oito impressões da *Internelle Consolation* para cada dez *Imitation de Jésus-Christ*, a versão de Toulouse, entre 1488 e 1560, o que demonstra a popularidade da primeira, que em quatro anos – sua publicação se deu em 1554 – supera todas as impressões anteriores. SORDET, Yann. *Communication: formes editoriales et usages del’Imitatio Christi – XVe – XIXe siècles*. p. 894.

⁶² *Ibidem*. p. 875.

Na Espanha, tem-se a impressão de Sevilha, em 1493, por um tradutor anônimo, e em 1555, a do dominicano Luys de Granada, publicada com o título *Contemptus Mundi nueuamente romançado y corregido* (*Desprezo do mundo, novamente romanizado e corrigido* - “romançado” provavelmente indica a tradução para uma língua latina, “românica”, vulgar). Essa última seria reimpressa ao menos outras três vezes na Espanha e em Portugal, nos anos de 1557, 1572 e 1573.⁶³

Essas edições indicadas, entretanto, não representam a totalidade das realizadas no século XV, e nosso intuito é apenas apresentar como a difusão massiva de *Sobre a Imitação de Cristo*, em latim ou traduzida, está relacionada à edição do texto de Veneza.⁶⁴ De 1483 ao fim do século XV, foram realizadas ao menos setenta e quatro edições, número que no século seguinte, salta para mais de trezentas e trinta.⁶⁵ A esmagadora maioria o toma como matriz - com exceção das traduções manuscritas acima indicadas - e sugerem um processo em cadeia, no qual a disponibilidade crescente do texto passa a alimentar suas reimpressões por diferentes editores. Dessa forma, a edição de Veneza é a primeira a “vulgarizar” *Sobre a Imitação de Cristo*, e é provável que continuasse a ser a versão dominante não fosse a descoberta do manuscrito autógrafa, em 1577, e a sua publicação nas *Obras Completas* de Henrique de Sommalius, em 1599.⁶⁶

⁶³ *Libro de remedar a Christo e del menosprecio de todas las vanidades del mundo*, Edição de Sevilha, 1493: Biblioteca Nacional de Espanã, INC/521(1), código 1000598946. Acessível em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000176562&page=1>. Essa versão foi reimpressa, e constituiu a versão padrão para o espanhol até a de Luys de Granada. Essa foi impressa em 1555, por André de Burgos, em Évora, e a Biblioteca Nacional de Portugal guarda um exemplar que pertenceu à Companhia de Jesus. BNP, acessível apenas por microfimes, cota RES. 1742 P., coleção “Impressos Reservados”; disponível em <https://purl.pt/23147>. Reimpressão de 1557, em Lisboa, por Ioannes Blauio de Colônia: BNP, cota RES. 1573 P.; RES. 1697 P. (dois códigos informados), acessível apenas digitalmente, <https://purl.pt/23139>. 1572, na Antuérpia, por Christophoro Plantino: BNP, cota R. 15251/1 P., coleção “Fundo Geral Monografias”, sem digitalização disponível. 1573, em Lisboa, por Antonio Golçavez: cota RES. 1743 P., coleção “Impressos Reservados”, sem digitalização disponível.

⁶⁴ Nas palavras de Puyol, trata-se do “pai de todas as edições do século XV e XVI” (“*Ce vénérable incunable de 1483 peut être considéré comme le Père de toutes les éditions du XVème siècle*”). PUYOL, Pierre Edouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. p. 1483.

⁶⁵ SORDET, Yann. *Communication: formes editoriales et usages del’Imitatio Christi – XVe – XIXe siècles*. p. 871.

⁶⁶ SOMMALIUS, Henrique (org.). *Thomae a Kempis cum docti tum religiosissimi viri, ordinis canonicorum regularium D. Augustini opera omnia. Ad autographa eiusdem emendata, atque etiam tertia fere ex parte nunc aucta & correctata. Et in tres tomos distributa*. Editio sexta. Germania: e.n.i., a.n.i. Consultamos a obra por sua sexta edição, que não traz o nome do responsável pela impressão, e nem a cidade alemã na qual foi realizada. No entanto, há um carimbo informando que foi vendida por uma livraria em Colônia, em 1600: “Em Colônia Agripinae, pela livraria de Joannis Buseo, sob o Unicórnio. MDCLX” (“*Coloniae Agripinae, Apud Joannem Busaeum Bibilipolam, sub Monocerote. M.DC.LX.*”). Sobre o manuscrito autógrafa, ver BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture:*

Desde o seu aparecimento, o manuscrito autógrafo se tornou, gradativamente, a versão padrão para *Sobre a Imitação de Cristo*. Por ter sido encontrado no Monte Santa Agnes, local em que Thomas de Kempis viveu, e supostamente conter a sua assinatura, ganhou o *status* de “versão original”. Uma vez tornado “prova” da autoria de Kempis, animou as acaloradas disputas sobre a autoria, e ditou, de forma implícita, todas as publicações e reproduções de outros manuscritos, cujo grande objetivo seria sempre desbancá-lo. A maioria das traduções que se seguiram ao seu aparecimento, partem de seu texto. Como vimos, grande parte das transcrições e estudos críticos o tomam como base, e se pode dizer o mesmo das edições mais populares. Por figurar, atualmente, como a versão padrão, consideramos que o seu texto não poderia ser ignorado, e por isso julgamos necessário incluí-lo em nosso aparato crítico. Para isso, optamos pelo uso da transcrição oferecida no conjunto das *Obras Completas* de Michael Joseph Pohl, a atual versão acadêmica “padrão” de seu texto.

Não nos furtamos de cotejar essa transcrição com a reprodução do manuscrito oferecida por Charles Ruelens, em 1893 (imagens 4 e 5).⁶⁷ O seu uso no aparato crítico, entretanto, se mostra inviável, uma vez que a sua leitura exige uma intensa dedicação paleográfica. O manuscrito destoa de todos os outros que consultamos no decorrer desse estudo (ver como exemplo a imagem 7). Sua caligrafia é pouco caprichada, em alguns momentos condensada, o que torna suas abreviações pouco claras. Por esse motivo, a transcrição de Pohl, embora apresente a inconveniência de ter corrigido o latim medieval do manuscrito, confere maior confiança à sua leitura. Esperamos, desse modo, que as discrepâncias da edição de Augsburgo, aqui transcrita, com o texto do manuscrito autógrafo possam ser facilmente percebidas, de modo que o mesmo se dê com a nossa tradução e as demais existentes em língua portuguesa.

A edição de Veneza, de 1483, foi abreviada nas notas como *EV-1483*, e a *Transcrição das Obras Completas do manuscrito autógrafo de 1441*, como *TOC-1441*. A edição de Augsburgo, por sua vez, foi identificada por *EA-1471/2*. O intuito do aparato crítico é que permita o acesso ao conteúdo das três versões, de modo que estejam parcialmente disponíveis no âmbito desse trabalho. No entanto, é importante frisar que os três textos possuem características próprias que não puderam ser aqui

An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi. p. 23; CHARIPOVA, Liudmila. “Peter Mohyla’s Translation of ‘The Imitation of Christ’”. *The Historical Journal*. Cambridge. Vol. 46, N°2. pp. 237-261. June, 2003. pp. 247-248.

⁶⁷ RUELENS, Charles (ed.). *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis, De Imitatione Christi, reproduced in Facsimile from the Original Preserved in the Royal Library at Brussels*.

disponibilizadas. Uma é a diferente rítmica, definida por pontuações inseridas nos três textos em momentos distintos, e pela alteração da ordem das palavras nas frases. Para indicá-las, seria necessária uma transcrição paralela dos três, pois essas diferenças percorrem a totalidade dos quatro livros, frase por frase. Os três também apresentam diferenças de grafia, expressão das adaptações do latim medieval enquanto língua franca. Portanto, as notas se referem exclusivamente às diferenças de palavras, conjugações, declinações, supressões ou adições e prováveis erros de edição, que se mostram, sobretudo, importantes para a mensagem do texto, tema central neste estudo. Ao citarmos essas diferenças, obedecemos à grafia original e a ordem dos termos nas duas versões indicadas nas notas, dando prioridade para a forma como aparecem no *manuscrito de Veneza* quando concordam com a *transcrição das Obras Completas*.

5. Características - aspecto, letras e grafia:

A primeira edição de *Sobre a Imitação de Cristo*, como já mencionado, foi publicada entre 1471 e 1472, por Gunther Zainer, em Augsburg, sendo baseada no códice *Rottenbuechensis*, datado como próximo de 1442. Foi publicada sob o nome de Thomas de Kempis, e conjuntamente com o *Evangelho de Matheus*. As suas dimensões não foram informadas por Knox-Little, editor da reprodução em *facsimiles*. Enquanto impresso, é muito provável que o seu material seja papel, e não pergaminho.⁶⁸ O número de folhas também não é informado. As imagens do exemplar ocupam cento e quarenta e oito páginas, o que sugere trinta e quatro folhas apenas para *Sobre a Imitação de Cristo*, uma vez que o *Evangelho de Matheus* não está disponível na reprodução.⁶⁹ Ele apresenta os quatro livros na ordem I, II, III e IV. O segundo capítulo do *Livro I* é interrompido por duas páginas que deveriam corresponder aos capítulos XX e XXI, impressas erradas no verso de uma folha. O texto, de qualquer forma, está completo, e foi disposto na transcrição em sua ordem correta.

Seu texto é contínuo e não possui parágrafos. As únicas interrupções no curso da leitura são os títulos dos capítulos, seguidos por iniciais pintadas à mão em tinta

⁶⁸ BARBIER, Frédéric. *A Europa de Gutenberg: O livro e a Invenção da Modernidade Ocidental (séculos XIII-XVI)*. p. 129.

⁶⁹ Partindo da comparação com a *edição veneziana*, é possível inferir que a publicação siga o padrão “*bifolia*”, que unia duas folhas. Cada folha formava duas páginas em sua frente (*recto*) e duas em seu verso (*verso*), de modo que considerando os dois lados, eram impressas quatro páginas por folha, ao total. Elas eram então dobradas, e unidas a uma segunda folha, formando um conjunto de oito páginas. Assim se fazia, sucessivamente, até completar todo o volume. KWAKELL, Erik. *Books before print*. Leeds: Arc Humanities Press, 2018. pp. 10-12.

vermelha. A mesma cor é empregada para ressaltar as maiúsculas, e em alguns casos, há sublinhados em alguns dos capítulos e em termos esporádicos no decorrer do texto, frutos da própria edição. Essas marcas foram mantidas na transcrição.

Os quatro livros possuem seus inícios e términos pronunciados de forma clara - “Começa o manual...” (*“Incipit libellus...”*); “Segue, agora, o quarto livro...” (*“Sequitur nunc liber quartus...”*); “Termina o primeiro livro...” (*“Explicit primus liber...”*) – além de serem separados pelos índices, que não são dispostos em conjunto, como acontece nos outros exemplares, e se apresentam ao fim de cada um dos livros.

Há frequentes erros - sinalizados por [sic] - como é o caso de *“pnnietur”*, (“punir-se”), *“obliuiscuutur”* (“esquecer-se”) e *“necessitatibns”* (“necessidades”). Esses três exemplos são aqui citados para também apresentarmos uma constante em todo o texto, a frequente troca entre “u” e “n”, cuja única explicação plausível é a inversão do tipo na hora de inseri-lo na prancha que será utilizada na prensa. Em outros casos, há a supressão de letras, que indicamos entre [], como em *“eni[m]”*, (“logo”, “pois”) *“dul[cedo]”*, (“doçura”), *“Fide[l]es”* (“fiéis”).

O texto foi impresso na fonte chamada *textura*, da família do gótico, em uma única coluna, típico do modelo dos pequenos livros (*“libelli”*), cujo formato permitia acompanharem facilmente os seus donos e leitores. Suas margens não parecem ser amplas, o que destoa da maioria das impressões do período, que com espaços disponíveis, permitiam anotações e marcas de localização.⁷⁰

A sua grafia é típica do latim medieval: o “v” é sempre empregado no começo das palavras, enquanto o “u”, em seu meio (exemplo, *“hec sunt verba Christi”*, “estas são as palavras de Cristo”), embora não haja uma distinção aparente de som entre os dois; os ditongos “ae” e “oe” se contraem em “e” (*hec*, “estas”; *cecitas*, “cegueira”; *preter*, “antes”; *celus*, “céu”); o “t” e “c” se assibiliam (*solacium*, “consolo”; *leticia*, “alegria”; “satisfação”; *cogitacio*, “pensamento”; *gracia*, “graça”), ainda que encontremos exceções, como nos casos de *sapientia* (“sabedoria”); os pronomes demonstrativos *“ipse, -a, -um”* (“esse”, “essa”, “isso”, “ele”, “ela”; “ele próprio”, “ela própria”, e as formas correspondentes neutras em *“-um”*) se unem aos pessoais (*tibiipsi*, “ti próprio”, “ti mesmo”; *seipsum*, “si próprio”, “si mesmo”; *meipsum*, “eu mesmo”); há indícios de aspirações (*prehebenda*, “prebenda”; *habundantia*, “habundância”), ainda que, em

⁷⁰ SORDET, Yann. *Communication: formes editoriales et usages del’Imitatio Christi – XVe – XIXe siècles*. pp. 876-879. Sobre a *textura*, variação da fonte gótica, ver BISCHOFF, Bernard. *Latin Palaeography: Antiquity and the Middle Ages*. Translated by Daibhó Ó Cróinín and David Ganz. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. pp. 127-136.

outros casos, elas desapareçam (*imnus*, “hino”); há duplicações de consoantes (*immensus*, “imenso”; *tolleranda*, “a ser tolerado”; *rennuis*, “recusas”; embora encontremos *imo*, “ao contrário”), ao mesmo tempo em que se suprime uma das vogais em casos em que se duplicam (*deici*, “se lançar”, “se derrubar”; *secuntur*, “seguir-se”; *subicii*, “lançar abaixo”). Ainda é possível encontrar variações de uma mesma palavra em diferentes partes dos livros, como, por exemplo, *ichi* e *nichil* e *mihi* e *nihil* (“a mim” e “nada”, respectivamente), *christus* – abreviado pelos “X”, “*khi*” e “P”, “rô” gregos – e *cristus* (“Cristo”), *iesus* e *ihesus* (“Jesus”), que são sempre escritos com minúsculas – caso também de *deus* e *dominus* (“Deus” e “Senhor”) – ainda que os nomes próprios eventualmente citados apareçam sempre em maiúsculas (*Maria magdalena*, “Maria Madalena”; *Sixtus*, “Sisto”, bispo de Roma entre 257 e 258; *David*, “Davi”).

A edição de Veneza foi publicado sob a autoria de Jean Gerson, cujo nome foi riscado e substituído pelo de Thomas de Kempis na mesma caligrafia em que foi escrito o índice de obras a que estava reunida – vinte e uma ao total (imagem 3). Seu texto não possui um manuscrito correspondente conhecido. As dimensões não puderam ser precisadas, uma vez que foram consultados digitalmente. Ela possui cinquenta folhas marcadas, referentes ao texto, mais oito páginas de índice e folhas de rosto. O sistema *bifolia* que utiliza acaba determinando, em nosso sistema de contagem, cento e oito páginas.⁷¹ As folhas são unidas em conjuntos variáveis, identificados por a1, a2, a3..., seguindo até o f5, no canto inferior direito de suas últimas páginas, e representam a união das duas folhas do sistema *bifolia*.⁷² Os quatro livros seguem a ordem I, II, III e IV, sendo especificados no centro superior das páginas à direita.

Seu texto, assim como a edição de Augsburg, é contínuo, interrompido apenas pelos capítulos e pelos inícios e fins pronunciados dos livros. As iniciais também são pintadas, em vermelho, e em alguns casos, há marcas que isolam os títulos dos capítulos, na mesma cor. Suas maiúsculas são ressaltadas com uma sombra amarela. Todas essas marcações são feitas à mão. Os índices dos quatro livros são reunidos e apresentados em três páginas, precedendo toda a compilação.

O texto também foi impresso em *textura*, porém em duas colunas, de forma compacta. Ele possui amplas margens nos cantos exteriores das páginas, o que permite identificar o seu principal público. Yann Sordet analisa uma das muitas reedições desse

⁷¹ Ver nota 21, acima.

⁷² KWAKELL, Erik. *Books before print*. pp. 10-12.

texto, feita em Paris no ano de 1492, nesses mesmos formatos, que possui anotações paralelas às margens. Segundo o autor, essas características são típicas de impressões destinadas a religiosos, que poderiam tirar dos textos excertos para sermões e homilias, e lê-los como guias espirituais, com propósitos especulativos e devocionais.⁷³ Em uma dessas anotações, se lê: “ótima frase para dizer antes da comunhão”.⁷⁴

Sua grafia já traz alguns distanciamentos do latim característico da Idade Média, provável decorrência da crítica humanista: os ditongos “ae” e “oe” são identificados por uma abreviação específica, “ē” (no caso, *hec, cēcitas, prēter, cēlus*), de modo que estejam bem evidenciados; os demonstrativos “ipse, -a, -um” são igualmente unidos aos pronomes pessoais, e “u” e “v” são empregados da mesma forma que no texto da edição de Augsburg; o “t” não se assibila (*solatium, laetitia, cogitatio, gratia*); algumas aspirações não são registradas (*abundantia, praebenda*), embora encontremos *hymni*; algumas consoantes e vogais são duplicadas (*committe*, “entregue”; *immo, deiici, sequuntur, subiici*), ao mesmo tempo em que, em outros casos, são suprimidas (*imensus, toleranda*), de forma exatamente oposta à publicação de Augsburg; *michi* e *nichil* não ocorrem, sendo empregados suas formas padrão *mihi* e *nihil*; há o uso de “y” em casos como *lacrymis* (“lágrimas”), *martyr* (“mártir”) e *mysterium* (“mistério”). *Ihesus* e *christo* – sempre escrito pela abreviação com “X” e “P” – aparecem sempre da mesma forma, com o primeiro sempre em maiúscula e o segundo, em minúscula, como também ocorre com *deus*. Todos os outros nomes próprios são grafados com maiúsculas (exceção de *iob*). Uma outra característica curiosa, é que a constante troca entre “u” e “n” também se manifesta, a exemplo de “*terreuis*” (“*terrenis*”, “terreno”).

Quanto ao o manuscrito autógrafo, supõe-se que tenha sido escrito por Thomas de Kempis, e dada a sua proveniência, trata-se de uma hipótese provável. Nós o acessamos pela reprodução de Charles Ruelens, que não dá maiores especificações sobre a sua constituição além de dizer que a publicação se deu com “o mesmo papel holandês” do manuscrito.⁷⁵ O texto ocupa duzentas e quarenta páginas, as quais não se pode precisar nem se estão unidas. Os quatro livros seguem a ordem I, II, IV e III. O texto, assim como o das duas edições impressas, é contínuo, separado apenas pelos capítulos e com o começo e o fim dos livros pronunciados. Os parágrafos numerados, que acompanham

⁷³ SORDET, Yann. *Communication: formes editoriales et usages del’Imitatio Christi – XVe – XIXe siècles*. pp. 877-879.

⁷⁴ A anotação em seu original, “*oratio optima ante communionem dicendam*”. *Ibidem*. p. 877.

⁷⁵ RUELENS, Charles (ed.). *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis, De Imitatione Christi, reproduced in Facsimile from the Original Preserved in the Royal Library at Brussels*. p. 16.

muitas de suas transcrições, começaram a ser utilizados apenas em 1599, após a transcrição de Henrique Sommalius, que os estabeleceu segundo o modelo de Henri Estienne para a *Bíblia*, de 1509, e estão, portanto, ausentes no manuscrito.⁷⁶ Suas iniciais são destacadas, mas parecem que não foram preenchidas com tintas coloridas, hábito comum aos manuscritos.⁷⁷

Seu texto foi copiado em uma única coluna, com uma fonte pouco precisa, algo intermediário entre o pré-gótico e o gótico. O manuscrito possui margens amplas, algumas com anotações, e seu texto possui rasuras e borrões.

Por sua caligrafia, fica difícil determinar a forma como as palavras são escritas. Do que conseguimos extrair em comparação com os outros exemplares, seu latim segue costumes característicos do período medieval (ver imagem 5): os ditongos “*ae*” e “*oe*” se abreviam em “*e*”; não há um padrão para o uso de “*v*” e “*u*”, obedecendo, provavelmente, a costumes de escrita; o “*t*” e o “*c*” se assibilam na maioria das vezes; os demonstrativos “*ipse*, *-a*, *-um*” se unem aos pronomes pessoais; ocorrem as formas *michi* e *nihil*; e um traço característico do latim medieval dos Países Baixos, o uso de “*ij*” para “*ii*” (*evangelij*, “do Evangelho”; *vicijs*, “vícios”; *alijs*, “outros”).

Todas essas características - e provavelmente muitas outras - foram corrigidas na transcrição de Pohl, o que significa dizer que a principal fonte para o texto latino é uma modificação do conteúdo do exemplar a que faz referência. Todas as suas palavras seguem a convenção de escrita do latim reconstituído, mas não foram realizadas correções em sua gramática, de modo que suas frases correspondam de modo exato ao conteúdo do manuscrito, ainda que com grafias corrigidas.

6. Pontuação e abreviações:

As primeiras edições impressas procuraram reproduzir as fontes e a pontuação empregadas nos manuscritos. Assim, tanto as impressões – denominadas, nesse período, “incunábulo” - quanto os manuscritos compartilham muitas características, algumas das quais já vimos acima. Para completarmos a descrição dos manuscritos e do método que envolveu o estabelecimento da transcrição, processo de transferência da escrita do século XV para os nossos dias, trazemos os dois últimos aspectos essenciais para a

⁷⁶ SORDET, Yann. *Communication: formes editoriales et usages del’Imitatio Christi – XVe – XIXe siècles*. CRAI, c.n.i., II, p. 869-895, 2012. p. 889.

⁷⁷ A ausência de cores pode ser um resultado da reprodução em *facsimiles*.

leitura e a análise dos exemplares aqui apresentados: suas abreviações e seu sistema de pontuação.

O sistema de escrita medieval envolvia o uso de abreviações para denotar determinados sons e termos mais frequentes, como pronomes, conjunções e advérbios. Denominadas “letras singulares” (“*litterae singulares*”), suas origens remontam ao mundo romano, quando escribas as empregavam como uma forma de registro rápido de discursos. Segundo Erik Kwakkel, Cícero teria treinado escribas com esse intuito, sendo o mais famoso Tiro, que teria desenvolvido um sistema de abreviações denominado *tironiano*, informação que chegou até nós por Plutarco.⁷⁸ O sistema teria se desenvolvido e se uniformizado por Valerius Probus, que, no século I, compõe uma lista dessas principais abreviações.⁷⁹ Ainda que no decorrer de seu uso, as “letras singulares” tenham suscitado ambiguidades e confusões, elas sobreviveriam até a Idade Média, e por sucessivas reformas e expansões, definiriam um vasto número de símbolos. No século XII, com a expansão do estudo da gramática, tende-se a convencionar um conjunto específico de abreviações, de modo que qualquer letrado pudesse ler os textos que as empregassem.⁸⁰ O seu uso nos textos bíblicos também facilitava a sua compreensão, uma vez que o conhecimento intensivo de seus excertos tornava deduzíveis as abreviações desconhecidas. A principal vantagem desse sistema era acelerar a escrita e condensar o conteúdo que, de outra maneira, exigiria maior quantidade de tempo e material.

Tanto as duas edições impressas quanto o manuscrito autógrafo possuem as mesmas abreviações. Nosso intuito não é fornecer uma descrição detalhada delas, mas apenas apresentá-las, de modo a exemplificar a sua natureza e permitir um vislumbre de todo o sistema. Para os que se interessarem na leitura dos exemplares, bem como de outros escritos do período medieval e moderno, recomendamos o catálogo oferecido por Bernhard Bischoff, em seu guia *Latin Paleography: Antiquity and Middle Ages*.⁸¹

Os principais usos se referem a traços empregados em vogais para indicar as nasalizações “m” e “n”, como em *nō* (*non*, “não”), *studiū* (*studium*, “estudo”),

⁷⁸ KWAKELL, Erik. *Books before print*. p. 41.

⁷⁹ BISCHOFF, Bernhard. *Latin Palaeography: Antiquity and the Middle Ages*: Translated by Daibhó Ó Cróinín and David Ganz. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 150.

⁸⁰ *Ibidem*. p. 154. Mesmo que, a partir do século XII, a tendência fosse a uniformização das abreviações, havia também o desenvolvimento de novos códigos e símbolos, alguns restritos a determinados círculos. Um dos casos mais famosos é o do manuscrito Voynich, do século XV, que possui um sistema de abreviações praticamente exclusivo, e que só foi decodificado em 2014, pelo professor de linguística moderna Stephen Bax. KWAKELL, Erik. *Books before print*. pp. 42-43.

⁸¹ BISCHOFF, Bernhard. *Latin Palaeography*. pp. 156-168.

“empenho”) e *oēs* (*omnes*, “todos”), também utilizados para designar o infinitivo *esse* (“ser”, “estar”) por *ēe*, e sua conjugação *est* (“é”) como *ē*; o uso de *-’* para indicar *-tur*, como em *sequit’* (*sequitur*, “segue-se”), *igit’* (*igitur*, “portanto”) e *eleuent’* (*eleuentur*, “eleva-se”), e também *-er*, como em *desid’at* (*desiderat*, “deseja”), e *-i*, como em *q’* (*qui*, “quem”), ; *-2*, empregado para *-us*, como em *grauīS* (*gravius*, “mais sério”, “mais grave”), *cordeten2* (*cordetenus*, “de cor”) e *meli2* (*melius*, “melhor”); *-3* para *-nem* e *-nam*, como em *deuocō3* (*deuocionem*, “devoção”, no qual o “i” aparece pressuposto), *quō3* (*quoniam*, “uma vez que”) e *violentia3* (*violentiam*, “violência”), também utilizado para *ī3* (*sed*, “mas”) - o *s* é sempre escrito com *ī*); *ɔ-* para *con-*, como em *ɔsolatio* (*consolatio*, “consolação”), *ɔdictiones* (*condictiones*, “condições”) e *ɔpunctus* (*conpuctus*, “compungido”, “arrepentido”); e *-y* para *-orum* e *-arum*, como em *sanctory* (*sanctorum*, “dos santos”), *philosophoy* (*philosophorum*, “dos filósofos”) e *lacrimay* (*lacrimarum*, “das lágrimas”). São comuns, também, abreviações de palavras específicas, como *q:* (*quia*, “porque”), *n* e *ñ* (*enim*, “pois”), *q3* (*quod*, “que” neutro), *h* (*hoc*, “este” neutro), *p̄t* (*propter*, “perto”, “próximo”, “por conta de”). Essas abreviações são apenas amostrais, e não esgotam a totalidade das que aparecem nos exemplares citados, ao mesmo tempo em que seu uso não é absoluto, havendo casos em que as palavras são simplesmente escritas sem utilizá-las. De modo geral, é possível dizer que essas “letras singulares” tendem a registrar os termos mais comuns do latim, caso de pronomes, conjunções e advérbios, assim como sons frequentes nas declinações e conjugações.

A pontuação empregada nos três exemplares é característica dos escritos medievais, e ainda que não concordem nos momentos de seus usos, são empregadas para denotar os mesmos sentidos. Seu principal objetivo é determinar pausas no decorrer do texto, dadas em diferentes durações, o que ao lado de rimas e paralelismos, confere ao texto um ritmo poético, ora monótono e repetitivo, ora crescente e enfático. Por essa característica, o texto já chegou a ser conhecido como *Música Eclesiástica*, e Johan Huizinga definiu seu som como o do “mar em uma suave noite chuvosa ou ao suspirar do vento no outono”.⁸² Uma vez que as rimas e paralelismos podem ser

⁸² Ruelens cita um exemplar do século XV, conservado na Biblioteca Real de Bruxelas (em 1885, sob o n° 15, 138), que traz, em seu início, a frase: “Eis manual que é *música eclesiástica*” (“*Hic est libellus qui vocatur musica ecclesiastica*”). RUELENS, Charles. “Preface”. In _____ (ed.). *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis, De Imitatione Christi, reproduced in Facsimile from the Original Preserved in the Royal Library at Brussels*. p. 14. HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. Tradução de Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2013. p. 370. O códice de Oxford I, intitula a *Imitação de Cristo* como “*Música eclesiástica*”: “*Livro A Música Eclesiástica*, a saber,

percebidas no decorrer da transcrição, detemo-nos a apresentar e definir a sua pontuação. Para isso, apresentamos um breve resumo a partir do estudo de Malcolm Parkes, *Pause and Effect: an Introduction to the History of Punctuation in the West*, de 2016.⁸³

A escrita medieval deriva diretamente do mundo romano, desenvolvendo algumas soluções encontradas para a facilitação da leitura em voz alta. Em seus primórdios, na antiguidade, a escrita era realizada de forma contínua (“*scriptio continua*”), nas quais as palavras eram unidas umas às outras, e o percurso dos textos não apresentava separações.⁸⁴ O mundo romano conheceu a primeira marca para a separação das palavras, realizada por um ponto na altura média das linhas (“ · ”, denominado “*punctus*”), que segundo Parkes, pode ter sido herdado dos etruscos.⁸⁵ Entretanto, ambos os sistemas - a *scriptio continua* e a separação pelo *punctus* - se mostraram insuficientes pela ausência de limitações claras e por poderem suscitar diferentes interpretações sobre o sentido de um mesmo texto. Nos anos finais da república romana, a preocupação com a eloquência e o efeito retórico dramático, dado em grande parte por pausas, levou ao desenvolvimento do primeiro sistema de pontuação – denominado *positura* - cuja essência é a distinção entre partes incompletas e completas de um enunciado.⁸⁶ Surge, então, o *punctus* em três níveis: colocado em baixo da altura média da linha (“ . ”), marcava-se uma “pausa menor”, ou uma “subdistinção” (*subdistinctio*), determinando uma frase de sentido incompleto; em seu meio (“ · ”), uma pausa média, ou “distinção média” (*media distinctio*), cujo delimitação era de uma frase completa dentro de uma sentença ainda incompleta; e por fim, o ponto em cima (“ ¨ ”), que definia o fim de um período ou sentença, quando o seu sentido total estava completo.⁸⁷

assim escrito em sentido alegórico” (“*Liber de Musica ecclesiastica, ita scilicet inscribitur sed sensu allegorico*”), e a primeira tradução para o inglês o denomina “Música do céu”. INGRAM, John. K.. “Preface”. In _____. *The earliest translation of the first three books of De Imitatione Christi, now printed from a ms. in the Library of Trinity College, Dublin, with various readings from a ms. in the University Library, Cambridge. Also The earliest printed Translation of the whole Work from a copy in the British Museum.* pp. VII-VIII.

⁸³ PARKES, Malcom B.. *Pause and Effect: An Introduction to the History of Punctuation in the West*. London; New York: Routledge, 1992.

⁸⁴ ROCHA, Iúta Lerche Vieira. “O Sistema de Pontuação na Escrita Ocidental: uma retrospectiva”. *Delta: Documentação de Estudos em Lingüística*. Volume 13, nº 1. São Paulo, Fevereiro de 1997. pp. 83-118. (https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100005&lng=pt&tlng=pt, acessado em 21/12/2020 (o texto online não apresenta as páginas, e por isso o citamos de forma geral).

⁸⁵ PARKES, Malcom. *Pause and Effect: An Introduction to the History of Punctuation in the West*. p. 10.

⁸⁶ ROCHA, Iúta Lerche Vieira. “O Sistema de Pontuação na Escrita Ocidental: uma retrospectiva”.

⁸⁷ Segundo Parkes, o sistemas dos três pontos parece ter sido inventado pelo gramático romano Asterius, no século I, e seria recomendado por nomes como Probo e Fronto, nos séculos I e II, respectivamente, e

Neste mesmo período, já podem ser encontradas também marcas para determinar os parágrafos (“┐”), além de “dipos” (“<” e “>”), empregados para destacar seções inteiras e trechos de especial relevância. Nos primeiros séculos da era comum, porém, não há um consenso sobre seus usos, e muitos textos continuam a empregar apenas o *punctus*, ou mesmo a *scripta continua*.

No contexto cristão, a leitura dos textos bíblicos conduz à valorização das pausas como um meio de determinar os seus sentidos segundo a ortodoxia. Orígenes, no século III, recorre a manuscritos hebraicos para marcar distinções em excertos da *Septuaginta*, enquanto Jerônimo, no século IV, parte do mesmo princípio para a tradução da *Vulgata latina*, procurando reestabelecer a fidelidade do texto, alterado por sucessivas iniciativas como a de Orígenes.⁸⁸ A necessidade de formar sacerdotes e instrutores, levou à adoção da *praelectio* (“pré-leitura”), na qual os excertos bíblicos eram lidos e explicados, de modo a garantir familiaridade com sua escrita e com seus sentidos “mais corretos”, definidos segundo as heranças da tradição.⁸⁹ Agostinho de Hipona, na *Doutrina Cristã* (*De doctrina Christiana*), procura justamente determinar esse sentidos, e alerta para os riscos de uma pausa inserida em um local errado, que poderia muito bem comprometer o entendimento de sua mensagem.⁹⁰

O declínio do Império do Ocidente, entretanto, conduz a um clima hostil às convenções gramáticas. Nesse novo contexto, os esforços se direcionaram à conservação do legado cultural cristão e romano, do qual Cassiodoro e Boécio são suas expressões máximas.⁹¹ A comunidade de Vivarium, estabelecida pelo primeiro em Squillace, no sul da Itália, em 540, procurou garantir o estudo e a conservação dos textos. A pontuação então se torna um dos principais guias para a interpretação textual, conservando as interpretações herdadas do período clássico.⁹² No mesmo período, Ursicino, orador da catedral de Verona, usa, pela primeira vez na história, maiúsculas – *litterae notabiliores* (“letras notáveis”) – para indicar o começo de um período.⁹³

por Donato, já no século IV. Os “parágrafos” e “dipos” aparecem em Aelius Silo e Marco Valerius Probo. PARKES. pp.10- 14; sobre o sistema dos três pontos, ver também ROCHA, Iúta Lerche Vieira. “O Sistema de Pontuação na Escrita Ocidental: uma retrospectiva”. PARKES, Malcom B.. *Pause and Effect: An Introduction to the History of Punctuation in the West*. pp. 83-118.

⁸⁸ *Ibidem*. pp. 14-15.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

⁹¹ *Ibidem*. p. 16.

⁹² *Ibidem*. p. 17.

⁹³ *Ibidem*.

O desenvolvimento da pontuação, a partir de então, será contínuo, e passará a ter cada vez maior destaque na produção e leitura dos textos, embora acabe criando sistemas discordantes, cujo uso variará de região para região. A leitura pública decaí, e os monastérios passam a se constituir como os centros da cultura letrada, nos quais se fomenta a leitura individual intensiva pelas práticas da *lectio* (“leitura”), realizada em conjunto com os demais monges, e a *meditatio* (“meditação”), esforço de compreensão individual.⁹⁴ É importante ressaltar que, até o fim do século XVI, a leitura continua a ser realizada em voz alta, e a pontuação se preocupa, sobretudo, em determinar as pausas e entonações para a sua declamação, ainda que solitária.⁹⁵

O sistema de pontuação característico da baixa Idade Média, empregado em *Sobre a Imitação de Cristo*, começa a se desenvolver entre os séculos VII e VIII, na Irlanda, e é logo adotado na Inglaterra anglo-saxã. O latim, embora língua franca e empregado para a escrita, não era de uso corrente, e grande parte da comunidade letrada o encarava de forma praticamente instrumental. A pontuação então passa não só a ser uma forma de auxílio à interpretação, mas também um facilitador da leitura.⁹⁶ As palavras começam, então, a serem separadas sempre por espaços claros, os pontos e distinções se tornam mais frequentes, parágrafos começam a ser empregados com maior frequência, e as “letras notáveis” são promovidas a iniciais decoradas, que às vezes ocupam toda a altura dos textos, evidenciando explicitamente o início de capítulos e seções. Os dipos, conjuntamente com um novo símbolo, a *hedera* (“hera”, , ), passam a marcar citações de trechos bíblicos. Conjuntamente com os três pontos vistos acima, usados para marcar distinções de sentido, passa-se a usar também outros três, com os mesmos princípios: o *punctus versus* (“contra-ponto”), algo próximo de nosso ponto e vírgula (;), empregado para determinar o fim de uma sentença; o *punctus elevatus* (“ponto elevado”), um ponto e vírgula invertido (. ’), que distinguia uma sentença completa com um sentido

⁹⁴ *Ibidem*. pp. 18-22.

⁹⁵ Citamos duas exceções que confirmam a regra da leitura em voz alta: Agostinho, nas *Confissões*, ao descrever como Ambrósio se dedicava à leitura das escrituras, se preocupou em ressaltar que sua “voz e língua permaneciam em repouso” (“*vox autem et lingua quiescebant*”). AUGUSTINUS. *Confessiones-Bekenntnisse*. Übersetzt von Wilhelm Thimme. Zurich: Artemis & Winkler, 2004. *Liber VI*, p. III. pp. 214-216. Tradução em AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammi. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. Livro VI, p. III. pp. 141-142. Isidoro de Sevilha, de forma mais sutil, recomenda a leitura como uma forma de reter o conhecimento que a memória não é capaz de registrar em sua totalidade, estabelecendo uma forma de consulta que dispensa a leitura em voz alta: “o uso das letras foi inventado por conta da memória... não se poderia apreender tudo pelo simples ouvir, e nem contê-lo pela memória” (“*usus litterarum repertus est propter memoriam... nec disci audiendo poterant omnia, nec memoria contineri*”). PARKES, Malcom B.. *Pause and Effect: An Introduction to the History of Punctuation in the West*. pp. 1, 21-24 (citação na página 21).

⁹⁶ *Ibidem*. pp. 23-25.

incompleto; e três pontos (:·), empregados para encerrar sentidos completo; e o *punctus interrogativus* (“ponto interrogativo”, .’), cujo uso se dava para afirmar um questionamento ou dúvida.⁹⁷ Todos esses símbolos e convenções coexistiram, além de terem sido usados de forma combinada, podendo variar em seus empregos de acordo com as regiões e períodos. Uma recente proposta de padronização, de 2016, listou ao total vinte e um símbolos que costumam aparecer em textos medievais – alguns, resultados de combinações dos acima indicados.⁹⁸

No século XV, o sistema de pontuação europeu é praticamente uniforme, uma conquista das ordens cisterciense e cartuxa, que pela influência acabaram determinando a forma de seu uso.⁹⁹ Por isso, a pontuação dos três exemplares de *Sobre a Imitação de Cristo* é convergente, sendo empregados os mesmos símbolos com os mesmos significados, divergindo apenas no momento de seus usos. O manuscrito autógrafo é quem a apresenta de forma mais frequente, seguido pela edição de Veneza, enquanto a de Augsburg a utiliza de forma mais comedida. Ao total, são utilizados cinco pontos, que listamos a seguir, indicando os seus significados e a forma como foram representados na transcrição:

1º) *ponto baixo* (.): determina uma distinção completa enfática, quando a sentença e o sentido estão completos. Representa, também, uma pausa longa na leitura do texto. Seu uso é próximo ao nosso ponto final, e por isso o indicamos dessa forma, tal como aparece nos exemplares - (.);

2º) *ponto elevado* (.’): determina uma distinção “média”, quando a sentença está completa, mas o sentido ainda não. Sua pausa é igualmente “média”, tal como os nossos dois pontos, que foram empregados para defini-lo – (:);

3º) *contra-ponto* (;): determina uma distinção completa, mas que será complementada por uma informação adicional. Sua pausa é “média-menor” a exemplo de nosso ponto e vírgula, forma pelo qual foi indicado – (;);

4º) *ponto médio* (·): o símbolo mais frequente no decorrer do texto, e com o uso menos preciso. De forma geral, costuma separar termos e frases dentro de sentenças. A

⁹⁷ *Ibidem*. p. 42.

⁹⁸ EVERSON, Michael (ed.); BAKER, Peter; GRAMMEL, Florian; HAUGEN, Odd Einar. *Proposal to add Medievalist punctuation characters*. UC Berkeley Script Encoding Initiative to Universal Multiple-Octet Coded Character Set – International Organization for Standardization. 2016. pp. 1-23.

⁹⁹ PARKES, Malcom B.. *Pause and Effect: An Introduction to the History of Punctuation in the West*. p. 40.

sua pausa é breve, o que o aproxima de nossa vírgula, e por isso o indicamos dessa forma – (,);

5º) *ponto interrogativo* (. '): próximo ao nosso ponto interrogativo, usado para uma sentença completa com sentido igualmente completo, e que requer uma resposta. Difere-se, entretanto, por sugerir também uma situação hipotética em afirmações. Seu uso costuma ocorrer em frases que não possuam alguma partícula de caráter interrogativo (“*quare*”, “por que motivo”; “*quomodo*”, “de que modo”; “*cur*”, “por quê”), ou em momentos em que não se pode ter essa certeza (“*qui*”, “quem”; “*quid*”, “o que”, neutro). Essa regra, entretanto, não é absoluta. Considerando a leitura em voz alta, é possível inferir que conferisse uma entonação característica, tal qual fazemos ao pronunciar uma dúvida ou questionamento. Ele foi indicado pelo ponto interrogativo correspondente – (?).

É importante ressaltar que, apesar das proximidades com alguns de nossos pontos, essas marcas seguem lógicas próprias, que objetivam, sobretudo, conferir sentidos por meio de pausas. Isso pode ser especialmente notado em relação ao ponto baixo, que é usado para enfatizar a conclusão de uma sentença, e não costuma ser empregado quando as frases se encerram. Essas são indicadas, em seu início, com o uso de maiúsculas em suas primeiras palavras, sem quaisquer outros símbolos.

Tomemos um trecho do capítulo XIII, do *Livro I*, como um exemplo do emprego e sentido de todo esse sistema:

Vigilandum tamen est precipue circa initium temptationis quia facilius tunc hostis vincitur si ostium mentis nullatenus intrare sinitur, Sed extra limen statim vt pulsauerit illi obuiatur? Vnde quidam dixit, Principiis obsta sero medicina patur Nam primo occurrit menti cogitacio simplex: De inde fortis imaginatio postea delectacio et motus prauus et assensio; Sicque paulatim ingreditur hostis malignus ex toto dum illi non resistitur in principio et quanto diucius ad resistendum quis torpuerit tanto in se cottidie fit debelior et hostis contra eum potencior; Quidam in principio conuersione sue grauiiores temptationes paciuntur quidam autem in fine, quidam vero quasi per totam vitam suam male habent.

Seguindo o sentido das pontuações, teríamos:

Entretanto deve-se vigiar principalmente acerca do início das tentações porque então é mais fácil vencer o inimigo se de nenhuma maneira consentimos que entre pela porta da mente, e para que o bloqueie ao bater logo na entrada?

Aqui o ponto médio – vírgula - indica uma pausa breve, separando duas frases no mesmo período, o que permite conferir à segunda a ideia de uma possibilidade, expressa pelo ponto interrogativo.

Alguém disse, Impeça no princípio depois se sofre com o remédio

As frases começam com maiúsculas, o que por si só já as distingue. Não há ponto final entre esse trecho e o anterior, de modo que não há um fim enfático. São separadas pelo ponto médio, o que confere uma pausa menor na leitura. O termo “disse” é suficiente para indicar que se trata de uma citação, o que dispensa algo como o ponto elevado, que indicaria uma informação necessária para complementar o sentido.

Primeiro ocorre o simples pensamento na mente: e disso a imaginação forte e depois o deleite o movimento errôneo e o consenso; Assim aos poucos o inimigo maligno entra de todo enquanto não se lhe resiste no começo e por quanto tempo lhe resiste quem se entorpeceu tanto em seu cotidiano e se fez mais debilitado enquanto o inimigo contra ele mais forte; Alguns no princípio de suas conversões sofreram tentações mais sérias alguns ao fim, alguns por sua vez têm o mal por quase toda a vida.

Assim como no trecho anterior, as maiúsculas são suficientes para indicar o início e término das frases. A primeira sentença está completa, mas o seu sentido ainda não, e para isso, há o ponto elevado – dois pontos – que anuncia o seu complemento. Os contra-pontos – ponto e vírgula – aparecem para os dois períodos seguintes, completos, preparando o leitor para as informações adicionais que anunciam. O uso dos termos “por quanto tempo” (“*quanto diucius*”) é suficiente para indicar a interrogação, o que dispensa o ponto interrogativo. Ao fim, o ponto baixo – final – que enfatiza o fim de todo o trecho.

Como dito, os três exemplares convergem no uso da pontuação, variando, apenas, em relação aos momentos de seu uso. Uma leitura do manuscrito autógrafo, assim, é mais pausada e ritmada. Isso também se deve, em grande medida, pelo uso de um outro ponto, que não aparece nas versões impressas, chamado de *punctus flexus* (“ponto flexionado”, ~). Trata-se de uma pausa menor que indica uma inflexão de tom, provavelmente laudatório.¹⁰⁰ Ele aparece, por exemplo, no início do *Livro I*, em “*Doctrina christi omnes doctrinas sanctorum precellit ~*” (“A doutrina de Cristo excede todas as doutrinas dos santos”, ver imagem 5). Esse ponto poderia passar despercebido, não fosse o seu uso característico nos textos da *devotio moderna*.

¹⁰⁰ EVERSON, Michael (ed.); BAKER, Peter; GRAMMEL, Florian; HAUGEN, Odd Einar. *Proposal to add Medievalist punctuation characters*. UC Berkeley Script Encoding Initiative to Universal Multiple-Octet Coded Character Set – International Organization for Standardization. p. 3.

7. Os textos em imagens:

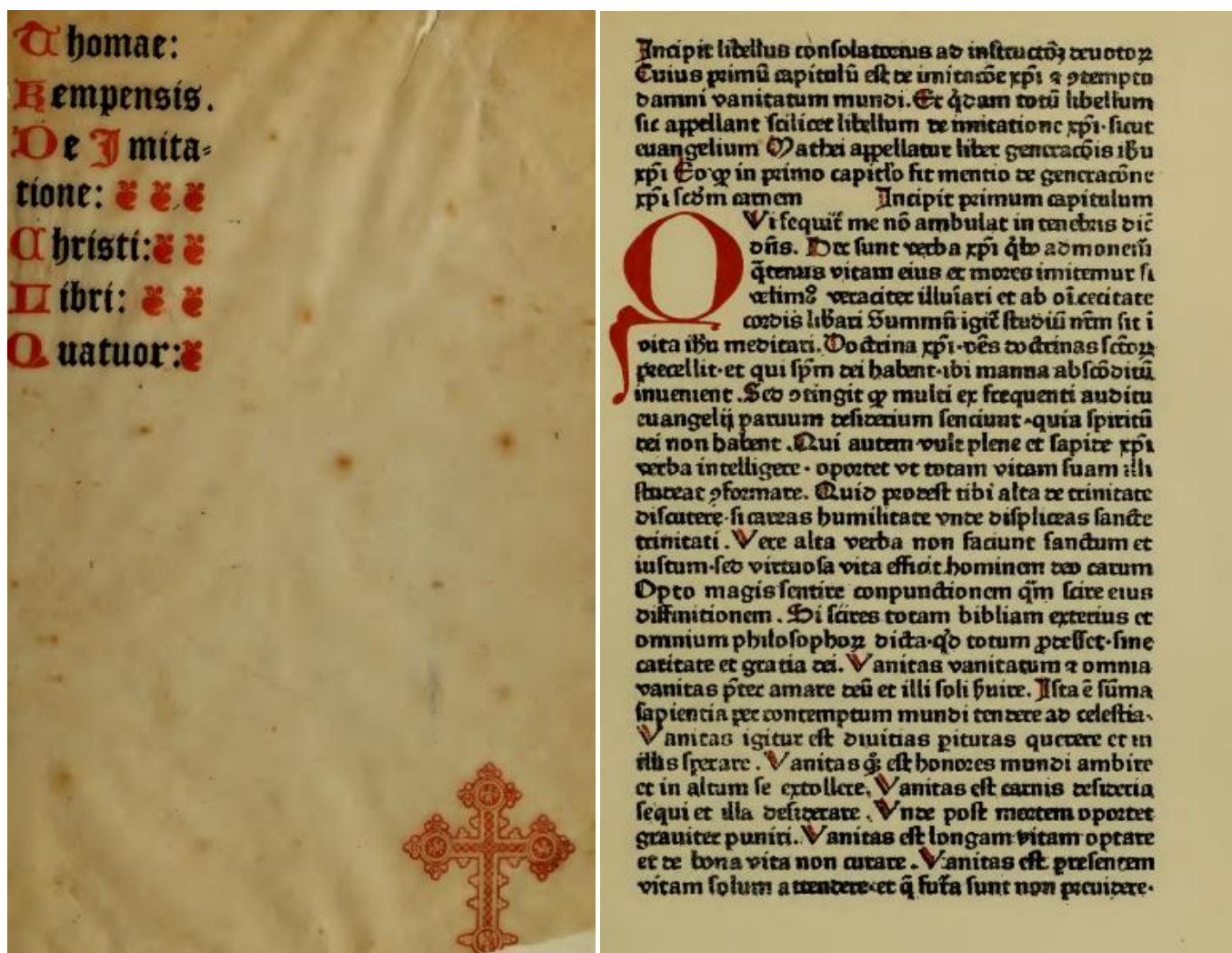


Imagem 1 – Capa e primeira página do incunábulo de Ausburgo, 1471-1472. KNOX-LITTLE, William John (ed.). *The Imitation of Christ: a Facsimile Reproduction of the First Edition printed at Augsburg in 1471-2*. London: Elliot Stock, 1893.

sacramento operantur. Deus eternus et immensus
infinitę potentie fecit magna & inscutable i celo
et in terra: nec est inuestigatio mirabiliu operu eius
Si talia essent opera vt facile ad humana ratione
capent nō essent mirabilia nec ineffabilia dicenda.

Explicit liber quartus de imitatione cristi
in quo specialiter tractatur de venerabili
sacramento altaris.

Sequitur tabula huius libri quarti.

Primo deuota exhortatio ad sacra xpi communicacōe
Cū quanta reuerentia suscipiendus sit cristus. j.
Qm magna bonitas et caritas dei i sacramento ex-
hibetur homini. ij.
Qm vale sit homini cōmunicare. iij.
Qm multa bona pstant deuote cōmunicantibz. iiij.
De dignitate sacramenti & de dignitate sacerdotali v.
De interrogacione & exercicio ante cōmunionem vi.
De discussione proprie conscientie & emendationis
proposito. vii.
De oblacōe cristi in cruce & ppria resignacōe viij.
Q nos & oia nostra deo debemus offerre. ix.
Q sacra cōmunicō defaali non est relinquenda x.
Q corpus cristi & sacra scriptura sunt anime fidei
necessaria. xi.
Q diligent debeat se cōmunicare xpo pparare xij.
Q toto corde aia deuota cristi vnionem in sacramento
affectare debet xij.
De quorundā deuotoz desiderio ardenti ad corpus
cristi. xiiij.
Q grata deuotionis humilitate & suiipius abne-
gatione acquiritur. xv.
De ardenti desiderio & amore & affectu reuerenti
suscipiendi xpm. xvj.

Q homo non sit curiosus scrutator sacramenti sed
humilis imitator xpi subdento sensum suum sacre
fidei.
Capitulum xviii

Viri egregij Thome montis sanctę Agnetis in
Traiecto regularis canonici libri de xpi imitacōe
numero quatuor finiunt feliciter per Ginthelm
zainer ex reudingen pgenitū literis impssi ahenis.



Imagem 2 – Fim do *Livro IV*, seguido do índice de seus capítulos. As informações da edição são colocadas ao fim de todo o conjunto. KNOX-LITTLE, William John (ed.). *The Imitation of Christ: a Facsimile Reproduction of the First Edition printed at Augsburgo in 1471-2*.

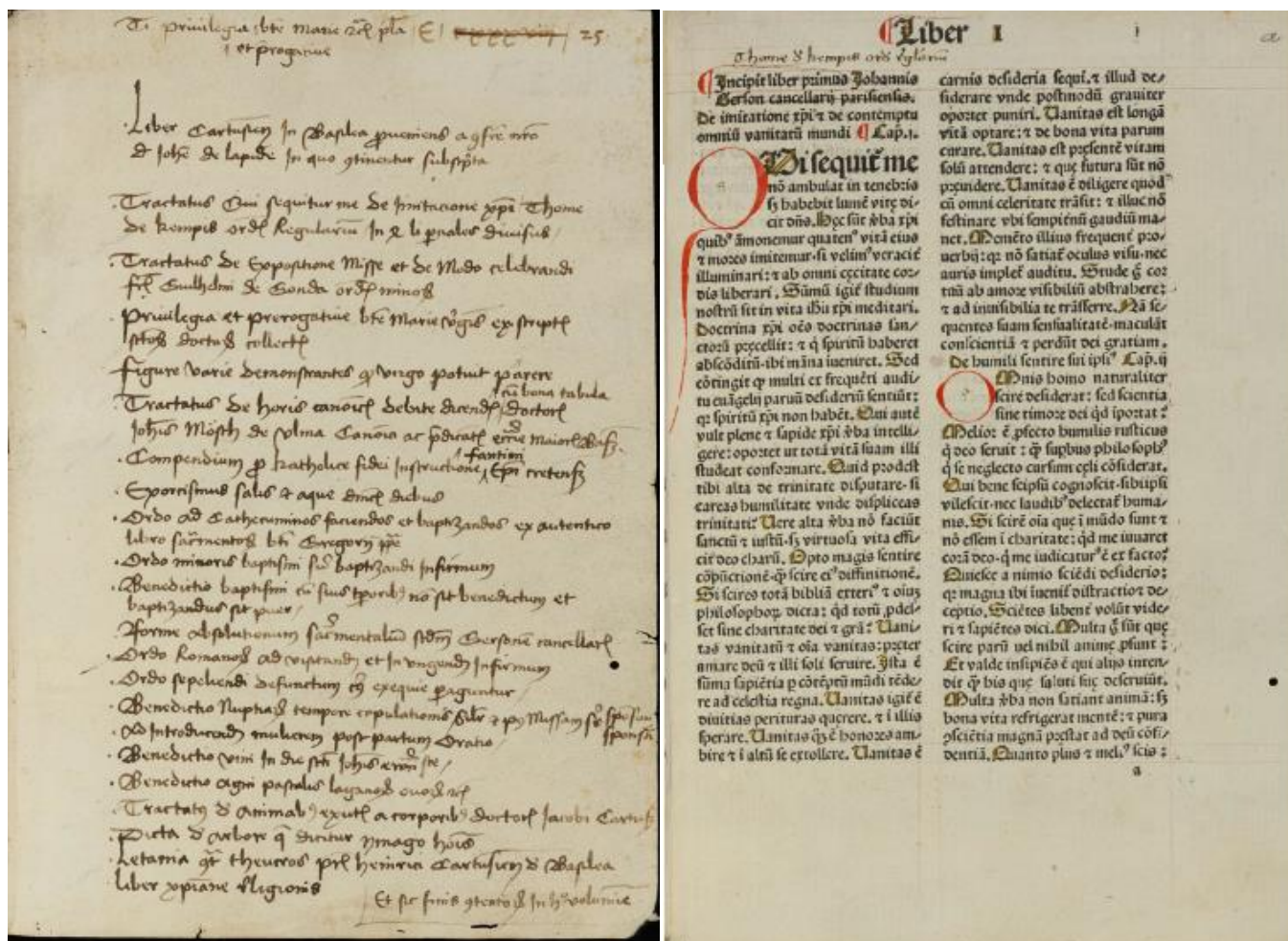


Imagem 3 – Edição de Veneza, 1483. À esquerda, lista escrita à mão com o título de outras vinte e uma obras que foram reunidas ao exemplar em um código. À direita, primeira página. Acima, vê-se o “*Incipit*”, que traz o nome de Jean Gerson (“*Johannis Gerson*”), riscado e substituído pelo de Thomas à Kempis, na mesma caligrafia em que foi escrito o índice. No canto inferior direito, logo abaixo da segunda coluna, é possível notar um “a”, que indica a primeira folha do *bifolia*. *De Imitatione Christi et contemptu omnium vanitatum mundi*. Veneza: Peter Loislen, 1483. 50 folhas. Universitätsbibliothek Basel, FP VII2 5:1. Disponível em <http://dx.doi.org/10.3931/e-rara-4989>.

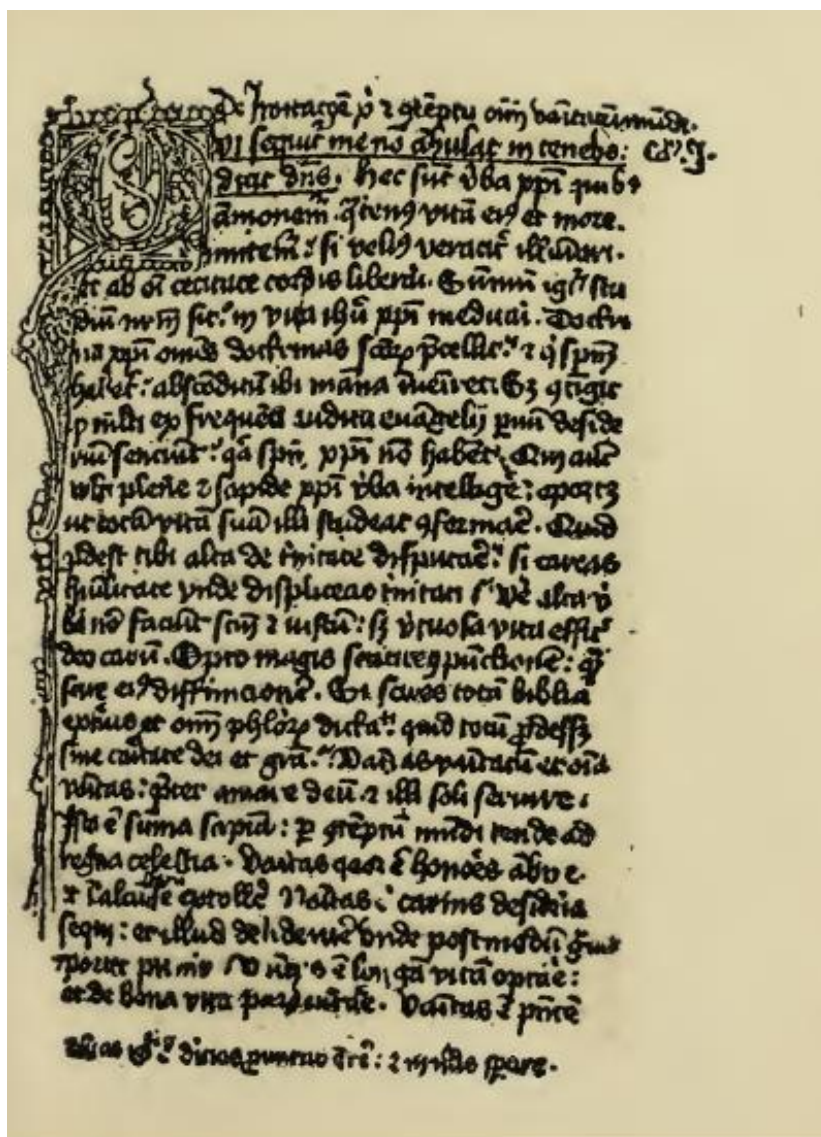


Imagem 4 – Reprodução em facsímls do manuscrito autógrafa, 1441, primeira página. RUELENS, Charles (ed.). *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis, De Imitatione Christi, reproduced in Facsimile from the Original Preserved in the Royal Library at Brussels*. London: Elliot Stock, 1885

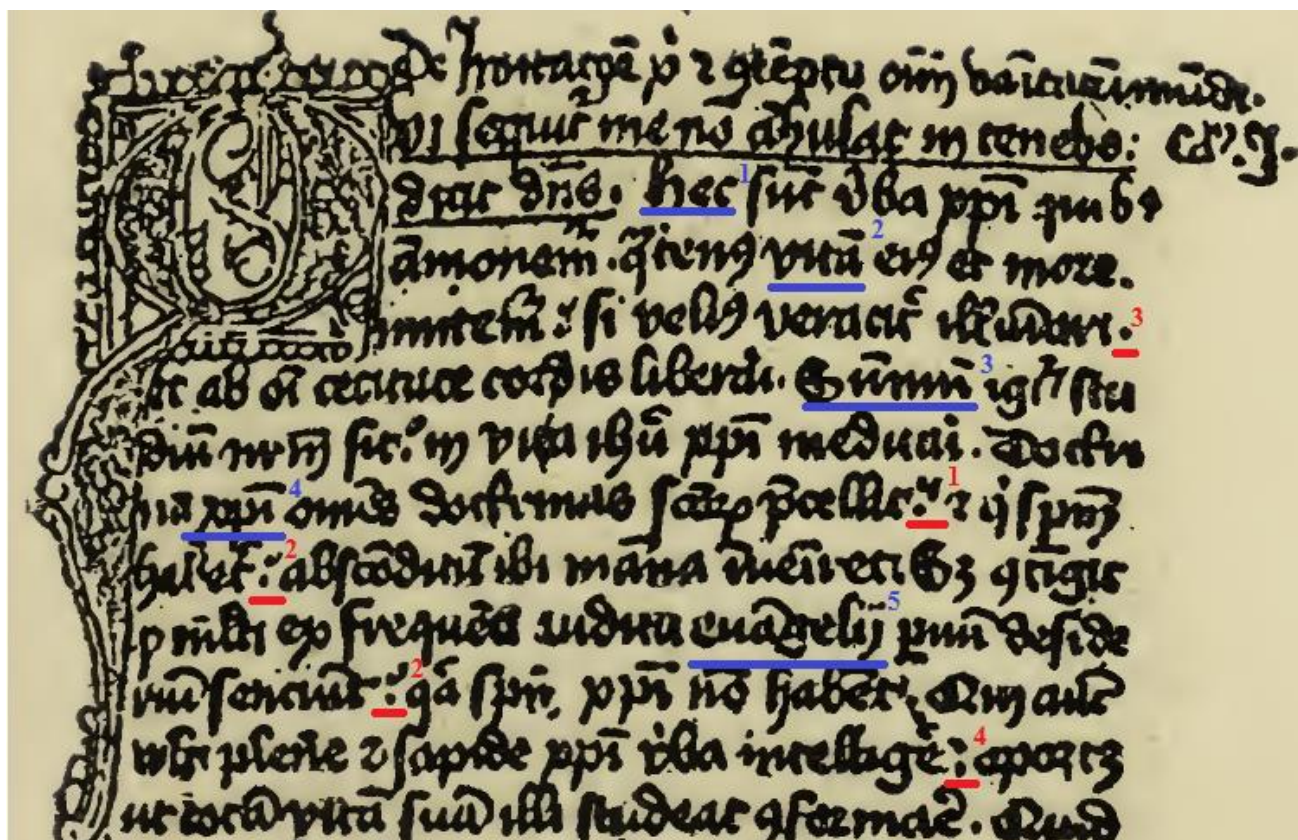


Imagem 5 – A escrita do século XV. Em azul, as abreviações e grafia: 1 – contração do ditongo “ae” em “e” na palavra “hec” (“estas”); 2 - a palavra “vitam” (“vida”) abreviada em “vitā”; 3 – “Summum” (“sumo”, “máximo”), abreviado em “Sūmū”; 4 – “Christi” abreviado com as letras gregas “X” (“khi”) e “P” (“ro”), “xpī”; 5 – o genitivo singular “euangelij” (“do Evangelho”) escrito sob influência do neerlandês, “euangelij”. Em vermelho, os pontos: 1 – ponto flexionado, indicando uma mudança de tom na frase a que se refere, “A doutrina de Cristo excede todas as doutrinas dos santos”; 2- ponto elevado indicando uma pausa média em uma frase de sentido incompleto; 3 – ponto médio, separação de frases e uma pausa breve na oração; 4 – contra-ponto, pausa “média-menor”, anunciando uma informação que será adicionada ao sentido completo da oração anterior. RUELENS, Charles (ed.). *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis, De Imitatione Christi, reproduced in Facsimile from the Original Preserved in the Royal Library at Brussels.*

LIBER PRIMUS.

Admonitiones ad spiritualem vitam utiles.

Capita Libri primi.

De imitatione Christi, & contemptu omnium vanitatum mundi. C. 1.	1
De humilis sentire suis ipsius.	2
De doctrina veritatis.	3
De providentia, seu prudentia in agendis.	4
De ratione sanctorum scripturarum.	5
De modum rationibus.	6
De ratione ipsa & latine fugienda.	7
De commendatione familiaritate.	8
De obedientia & subjectione.	9
De carenda superfluitate verborum.	10
De pace acquirenda, & zelo proficiendo.	11
De utilitate aduersarij.	12
De tentationibus resistendis.	13
De temporario iudicio vitanda.	14
De operibus ex charitate factis.	15
De sufferentia deservientium aliorum.	16
De monastica vita.	17
De exemplis sanctorum Patrum.	18
De correptione boni religiosi.	19
De amara solitudine, & silentio.	20
De consuetudine cordis.	21
De consideratione humana miseria.	22
De meditatione mortis.	23
De iudicio & panis peccatorum.	24
De servituti emendatione totius vite nostrae.	25

CAPIT. I.

DE IMITATIONE CHRISTI, ET CONTEMPTU
OMNIUM VANITATUM
MUNDI.

QVI sequitur me, non ambulat in tenebris: dicit r.
Dominus. Hæc sunt verba Christi, quibus ad-
monemur, quatenus vitam ejus & mores imite-
mur, si velimus veraciter illuminari, & ab omni
cæcitate cordis liberari. Summum igitur stu-
dium nostrum sit, in vita Jesu Christi meditari.
Doctrina Christi, omnes doctrinas sanctorum præcellit
& quæ

DE IMITATIONE

& qui spiritum haberet, absconditum ibi manna inveniret.
contingit, quod multi ex frequenti auditu Evangelii, parvum
desiderium sentiunt, quia spiritum Christi non habent. (autem
vult plenè & sapide Christi verba intelligere, oportet
totam vitam suam illi studere conformare.

3. Quid prodest tibi alta de Trinitate disputare, si careas
militare, unde displiceas Trinitati: Verè alta verba non faci-
sanctum & justum, sed virtuosa vita, efficit Deo charum. Et
to magis sentire compunctionem, quàm scire ejus definiti-
nem. Si scires totam Bibliam exterius, & omnium Philosopho-
rum dicta, quid totum prodesset sine charitate Dei & gratiæ
Vanitas vanitatum, & omnia vanitas, præter amare Deum,
illi soli servire. Ita est summa sapientia, per contemptum
di tendere ad regna cælestia.

1. Cor. 1.

Eccles. 1.

4. Vanitas igitur est, divitias petere, & in illis
sperare. Vanitas quoque est honores ambire, & in altum il-
lum se extollere. Vanitas est, carnis desideria sequi, & illud
siderare, unde postmodum graviter oportet puniri. Vanitas
longam vitam operari, & de bona vita parum curare. Vanitas
præsentem vitam solum attendere, & quæ futura sunt
prævidere. Vanitas est, diligere quod cum omni cælesti
transit, & illuc non festinare, ubi sempiternum gaudium
nec.

Eccles. 1.

5. Memento illius frequenter proverbi: quia non satiat
oculus visu, nec auris impletur auditu. Stude ergo cor tuum
amore visibilibus abstrahere, & ad invisibilia te transferre.
Nam sequentes suam sensualitatem, maculant conscientiam
& perdunt Dei gratiam.

C A P. II.

De humili sentire sui ipsius.

Eccles. 1.

1. Cor. 1.

lib. 1. me-

taph. c. 1.

1. Cor. 2.

1. Cor. 3.

1. Cor. 4.

1. Cor. 5.

1. Cor. 6.

1. Cor. 7.

1. Cor. 8.

1. Cor. 9.

1. Cor. 10.

1. Cor. 11.

1. Cor. 12.

1. Cor. 13.

1. Cor. 14.

1. Cor. 15.

1. Cor. 16.

1. Cor. 17.

1. Cor. 18.

1. Cor. 19.

1. Cor. 20.

1. Cor. 21.

1. Cor. 22.

1. Cor. 23.

1. Cor. 24.

1. Cor. 25.

1. Cor. 26.

1. Cor. 27.

1. Cor. 28.

1. Cor. 29.

1. Cor. 30.

1. Cor. 31.

1. Cor. 32.

1. Cor. 33.

1. Cor. 34.

1. Cor. 35.

1. Cor. 36.

1. Cor. 37.

1. Cor. 38.

1. Cor. 39.

1. Cor. 40.

1. Cor. 41.

1. Cor. 42.

1. Cor. 43.

1. Cor. 44.

1. Cor. 45.

1. Cor. 46.

1. Cor. 47.

1. Cor. 48.

1. Cor. 49.

1. Cor. 50.

1. Cor. 51.

1. Cor. 52.

1. Cor. 53.

1. Cor. 54.

1. Cor. 55.

1. Cor. 56.

1. Cor. 57.

1. Cor. 58.

1. Cor. 59.

1. Cor. 60.

1. Cor. 61.

1. Cor. 62.

1. Cor. 63.

1. Cor. 64.

1. Cor. 65.

1. Cor. 66.

1. Cor. 67.

1. Cor. 68.

1. Cor. 69.

1. Cor. 70.

1. Cor. 71.

1. Cor. 72.

1. Cor. 73.

1. Cor. 74.

1. Cor. 75.

1. Cor. 76.

1. Cor. 77.

1. Cor. 78.

1. Cor. 79.

1. Cor. 80.

1. Cor. 81.

1. Cor. 82.

1. Cor. 83.

1. Cor. 84.

1. Cor. 85.

1. Cor. 86.

1. Cor. 87.

1. Cor. 88.

1. Cor. 89.

1. Cor. 90.

1. Cor. 91.

1. Cor. 92.

1. Cor. 93.

1. Cor. 94.

1. Cor. 95.

1. Cor. 96.

1. Cor. 97.

1. Cor. 98.

1. Cor. 99.

1. Cor. 100.

1. Cor. 101.

1. Cor. 102.

1. Cor. 103.

1. Cor. 104.

1. Cor. 105.

1. Cor. 106.

1. Cor. 107.

1. Cor. 108.

1. Cor. 109.

1. Cor. 110.

1. Cor. 111.

1. Cor. 112.

1. Cor. 113.

1. Cor. 114.

1. Cor. 115.

1. Cor. 116.

1. Cor. 117.

1. Cor. 118.

1. Cor. 119.

1. Cor. 120.

1. Cor. 121.

1. Cor. 122.

1. Cor. 123.

1. Cor. 124.

1. Cor. 125.

1. Cor. 126.

1. Cor. 127.

1. Cor. 128.

1. Cor. 129.

1. Cor. 130.

1. Cor. 131.

1. Cor. 132.

1. Cor. 133.

1. Cor. 134.

1. Cor. 135.

1. Cor. 136.

1. Cor. 137.

1. Cor. 138.

1. Cor. 139.

1. Cor. 140.

1. Cor. 141.

1. Cor. 142.

1. Cor. 143.

1. Cor. 144.

1. Cor. 145.

1. Cor. 146.

1. Cor. 147.

1. Cor. 148.

1. Cor. 149.

1. Cor. 150.

1. Cor. 151.

1. Cor. 152.

1. Cor. 153.

1. Cor. 154.

1. Cor. 155.

1. Cor. 156.

1. Cor. 157.

1. Cor. 158.

1. Cor. 159.

1. Cor. 160.

1. Cor. 161.

1. Cor. 162.

1. Cor. 163.

1. Cor. 164.

1. Cor. 165.

1. Cor. 166.

1. Cor. 167.

1. Cor. 168.

1. Cor. 169.

1. Cor. 170.

1. Cor. 171.

1. Cor. 172.

1. Cor. 173.

1. Cor. 174.

1. Cor. 175.

1. Cor. 176.

1. Cor. 177.

1. Cor. 178.

1. Cor. 179.

1. Cor. 180.

1. Cor. 181.

1. Cor. 182.

1. Cor. 183.

1. Cor. 184.

1. Cor. 185.

1. Cor. 186.

1. Cor. 187.

1. Cor. 188.

1. Cor. 189.

1. Cor. 190.

1. Cor. 191.

1. Cor. 192.

1. Cor. 193.

1. Cor. 194.

1. Cor. 195.

1. Cor. 196.

1. Cor. 197.

1. Cor. 198.

1. Cor. 199.

1. Cor. 200.

1. Cor. 201.

1. Cor. 202.

1. Cor. 203.

1. Cor. 204.

1. Cor. 205.

1. Cor. 206.

1. Cor. 207.

1. Cor. 208.

1. Cor. 209.

1. Cor. 210.

1. Cor. 211.

1. Cor. 212.

1. Cor. 213.

1. Cor. 214.

1. Cor. 215.

1. Cor. 216.

1. Cor. 217.

1. Cor. 218.

1. Cor. 219.

1. Cor. 220.

1. Cor. 221.

1. Cor. 222.

1. Cor. 223.

1. Cor. 224.

1. Cor. 225.

1. Cor. 226.

1. Cor. 227.

1. Cor. 228.

1. Cor. 229.

1. Cor. 230.

1. Cor. 231.

1. Cor. 232.

1. Cor. 233.

1. Cor. 234.

1. Cor. 235.

1. Cor. 236.

1. Cor. 237.

1. Cor. 238.

1. Cor. 239.

1. Cor. 240.

1. Cor. 241.

1. Cor. 242.

1. Cor. 243.

1. Cor. 244.

1. Cor. 245.

1. Cor. 246.

1. Cor. 247.

1. Cor. 248.

1. Cor. 249.

1. Cor. 250.

1. Cor. 251.

1. Cor. 252.

1. Cor. 253.

1. Cor. 254.

1. Cor. 255.

1. Cor. 256.

1. Cor. 257.

1. Cor. 258.

1. Cor. 259.

1. Cor. 260.

1. Cor. 261.

1. Cor. 262.

1. Cor. 2

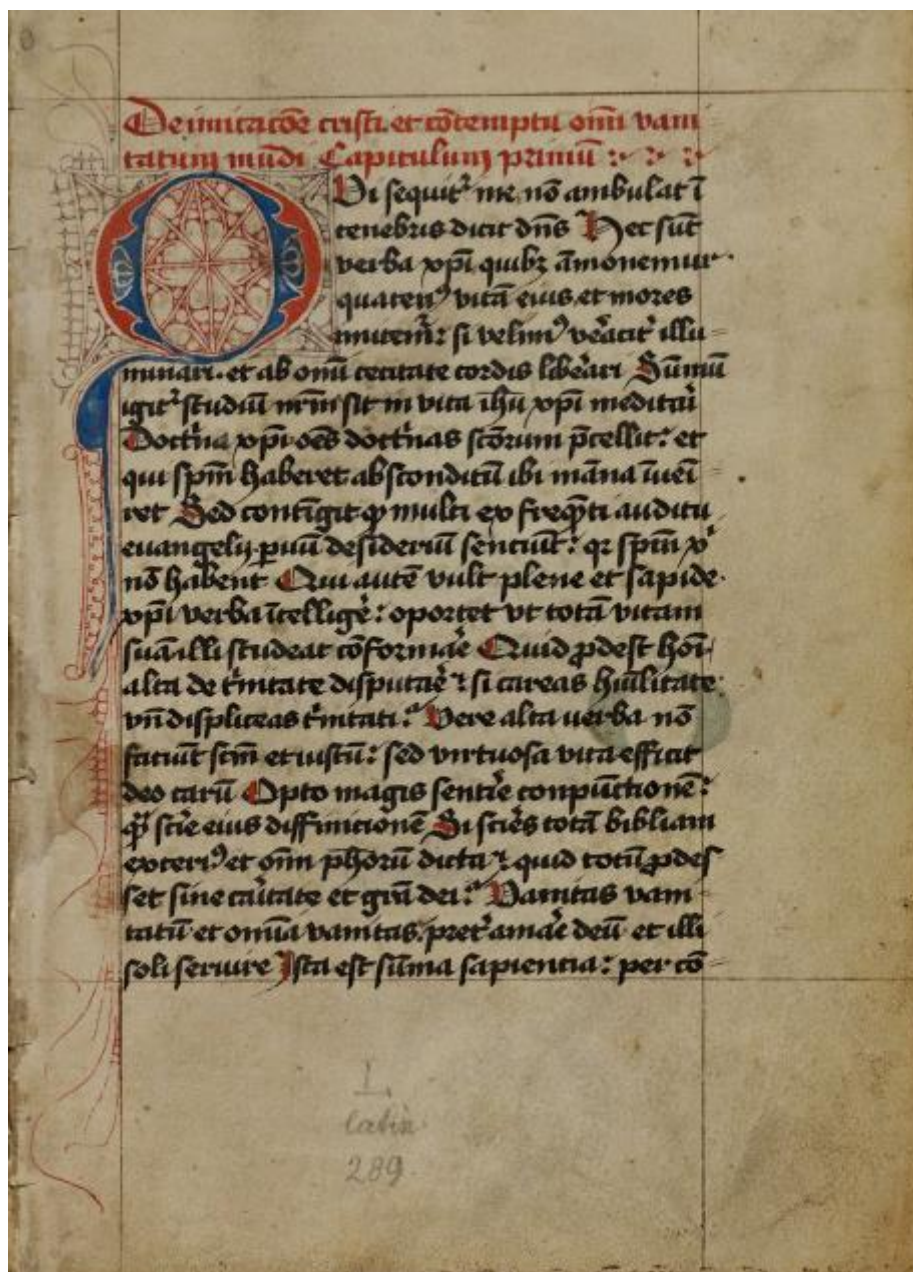


Imagem 7 – manuscrito de 1431: letra gótica e formato padrão dos exemplares escritos do século XV. Biblioteca Nacional e Universitária de Strasburgo – Bibiliothèque nationale et universitaire de Strasbourg, Ms. 0.344, acessível em: ark:/12148/btv1b10224567q.



Imagem 8 – À esquerda, capa do manuscrito encomendado a Jacobo Lupi, no fim do século XV. Um copista reproduz um exemplar aberto à sua frente. *Bibliothèque Nationale de France, département des manuscrits*, NAL 3024, disponível em: [ark:/12148/btv1b52503823k](https://nla.bn.fr/ark:/12148/btv1b52503823k). À direita, capa da reimpressão de 1520 das primeiras *Obras Completas* de Thomas de Kempis, organizadas por Peter Danhauser e publicadas, em um único volume, por Iodoco Badius Ascensius, em 1494 – OC-DANHAUSER, 1494. Nela, vemos os tipógrafos trabalhando em uma oficina, operando a prensa durante a impressão das páginas do livro. Biblioteca da Universidade de Gent – Universiteits Bibliotheek Gent, BIB.TH. 000945, acessível em <https://books.google.be/books?vid=GENT900000075777>.

**A IMITAÇÃO DE CRISTO E O DESPREZO DE
TODAS AS VAIDADES DO MUNDO**

QUATRO LIVROS

I**MANUAL DA CONSOLAÇÃO PARA A INSTRUÇÃO DOS DEVOTOS**

Começa o *Manual da Consolação para a Instrução dos Devotos*.¹ Seu primeiro capítulo é sobre a imitação de Cristo e o desprezo de todas as vaidades do mundo. E quase todo o manual assim se chama, ou seja, *Manual sobre a Imitação de Cristo*, ao qual segue o Evangelho de Mateus, chamado de *Livro da Origem de Jesus Cristo*, porque no primeiro capítulo, faz menção à origem de Cristo segundo a carne.² Começa o primeiro capítulo:

[Sobre a imitação de Cristo e o desprezo de todas as vaidades. Capítulo primeiro]³

Jo 8: 12
I Jo 1: 5-7

[1] “Quem me segue não anda nas trevas”, diz o Senhor. Estas são as palavras de Cristo, com as quais somos aconselhados a imitar a sua vida e costumes, se queremos ser, verdadeiramente, iluminados e liberados de toda a cegueira do coração. Portanto, seja nosso supremo empenho meditar na vida de Jesus. [2] A doutrina de Cristo excede todas as doutrinas dos santos, e, aqueles que a têm segundo Deus, aí encontrarão o *maná* escondido.⁴ Mas acontece que muitos sentem pouco desejo ao ouvir frequente do evangelho, porque não têm o espírito de Deus. Mas quem quer compreender, de forma plena e sábia, as palavras de Cristo, deve se empenhar em conformar toda a sua vida à dele.

[3] De que te vale discutir a fundo sobre a Trindade, se te falta humildade, pela qual desagradas a própria Santa Trindade? Na verdade, palavras não fazem santos e justos, mas uma vida virtuosa torna o homem caro a Deus. Almejo antes sentir arrependimentos do que em saber suas definições. Se soubesses toda a *Bíblia* de cor e todos os ditos de todos os filósofos, do que tudo te valeria sem a caridade e a graça de Deus?⁵

Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade, exceto amar a Deus e só a ele servir. Esta é a suprema sabedoria: pelo desprezo do mundo, tender aos céus. [4] Vaidade, portanto, é procurar riquezas perecíveis e nelas esperar. Vaidade, também, é ambicionar as honras do mundo e se exaltar acima dos outros.⁶ Vaidade é seguir os desejos da carne e a eles desejar, o que, após a morte, deverá ser seriamente punido.⁷ Vaidade é almejar uma longa vida e não se preocupar em ter uma boa vida. Vaidade é só atentar à vida presente, e não prever as coisas futuras. Vaidade é amar o que se passa com toda rapidez,⁸ e daí não se apressar para onde a alegria eterna permanece.⁹

Ecl 1: 8

[5] Lembra-te, frequentemente, do provérbio, que é “o olho não se satisfaz à vista, e nem a orelha se farta de ouvir”. Empenha-te, portanto, em retirar o teu coração do amor visível, e o transfere para o invisível, pois os que seguem a sua sensualidade, mancham a consciência, e perdem a graça de Deus.

Sobre o humilde saber sobre si mesmo. Capítulo segundo.

[1] Todo homem deseja, naturalmente, saber. Mas o que importa o saber sem o temor a Deus? Melhor é o rústico humilde que serve a Deus, em progresso, do que o soberbo filósofo que fica analisando o curso do céu, em negligência a si mesmo.¹⁰ Quem a si próprio bem analisa e conhece, a si próprio rebaixa e não se deleita em louvores humanos. Se eu souber sobre tudo o que há no mundo e não estiver em caridade, de que isso me ajudará na presença de Deus, que me julgará pelos meus feitos? [2] Aquieta o ânimo e o desejo de saber, porque neles se encontra grande distração e decepção. Os que sabem, querem, de bom grado, parecer e ser chamados de sábios. Há muitas coisas sobre as quais pouco ou nada vale para a alma saber. E muito mais insensato é quem antes intenta às coisas vãs do que àquelas que servem à sua salvação. Muitas palavras não saciam a alma, mas uma boa vida equilibra a mente, e uma pura consciência oferece grande confiança a Deus. [3] Quanto mais e melhor souberes, tanto mais seriamente serás julgado por isso se não tiveres vivido em maior santidade.

Logo, não exaltes alguma arte ou saber, mas antes teme as revelações que te forem dadas. Se te parece que sabes muito e compreendes bem o suficiente, sabe, entretanto, que há muito mais que não sabes. Não queiras saber a fundo, antes confessa a tua ignorância.

Por que queres estar à frente de alguém quando antes se encontram muitos mais doutos e experientes nas leis do que ti? Se quiseres saber e aprender algo útil, ama ser desconhecido e por nada reconhecido. [4] Esta é a lição mais profunda e útil, o verdadeiro conhecimento e desprezo de si próprio: ter a si próprio por nada, e sempre considerar os outros bem e em alta estima, e essa é a grande sabedoria e perfeição.¹¹

Se vires que alguém está próximo de pecar ou de cometer algo sério, ainda assim não te debes ter em melhor estima, porque ignoras por quanto tempo poderás perseverar no bem. Todos somos fracos, mas tu não terás a ninguém como mais fraco que a ti mesmo.

Sobre a doutrina da verdade. Capítulo III.

[1] Feliz é quem a verdade por si mesma instrui, não por imagens passageiras, mas assim como é. Nossa opinião e nossos sentidos falham e pouco veem. De que valem grandes especulações sobre coisas obscuras e muitas outras das quais não prestaremos conta no juízo por as ignorarmos? Grande insensatez é a negligência das coisas úteis e necessárias à salvação da alma pela intenção do curioso e danoso. Mesmo tendo olhos, não vemos, [2] e por que nos damos às preocupações sobre gênero e tipo?¹²

Aquele a quem a Palavra Eterna fala, livra-se das muitas opiniões. Da palavra, tudo, e tudo fala por uma única palavra: esse é o princípio que nos fala. Ninguém compreende ou julga corretamente sem ele. Aquele para quem tudo é um, que a um tudo traz e em um tudo vê, pode estar com o coração estável e permanecer pacífico em Deus.

Ó, Deus, verdade eterna, faze-me um contigo, na caridade perpétua! Cansa-me, muitas vezes, ler e escutar tanto! Em ti, está tudo o que quero e desejo. Calem-se todos os doutores, silencie-se o universo das criaturas em tua presença! Tu, sozinho, fala a mim.¹³

[3] Quanto antes alguém for unido a ti, simplificado no interior, tanto mais compreenderá, de modo profundo e sem trabalho, porque receberá, de cima, a luz da inteligência, e puro, simples e estável, não dissipará o espírito em muitos esforços. Tudo operará em honra de Deus, e ocioso, irá se esforçar no próprio exame.¹⁴

Quem mais te impede e aflige do que a afeição imortificada do coração? O homem bom e devoto, primeiro, dispõe seus esforços no interior, os quais deve conduzir para o exterior. Eles não o levam para os desejos de viciosa inclinação, mas ele os direciona para o arbítrio da razão correta. Quem tem luta mais forte que aquele que tenta vencer a si próprio? Este deveria ser o nosso trabalho e o de qualquer homem: vencer a si mesmo e se tornar, cotidianamente, mais forte e progredir naquilo que é melhor.

[4] Toda perfeição nesta vida, traz junto alguma imperfeição, e toda nossa especulação não carece de alguma escuridão. O humilde conhecimento de ti é um caminho mais certo a Deus do que qualquer conhecimento profundo do saber. Não se deve culpar o saber ou qualquer informação simples se forem boas ou consideradas e ordenadas a Deus.¹⁵ Mas se deve preferir, sempre, uma boa consciência e uma vida virtuosa. Muitos, por sua vez, se empenham antes em saber do que em bem viver. Por isso, muitas vezes, erram, e tiram pequeno, ou quase nenhum, fruto.

[5] Ó, se aplicassem tanto amor em extirpar os vícios e incorporar virtudes, assim como a suscitar questionamentos, não se fariam tantos males e escândalos entre o povo, nem tanta frouxidão nos claustros! Por certo, à chegada do dia do juízo, não se procurará em nós o que lemos, mas o que fizemos, e nem quão bem dissemos, mas quão religiosamente vivemos.

Diga-me, onde estão agora todos aqueles senhores e mestres, os quais bem conheceste, que aqui viviam e florescia em seus empenhos? Outros já possuem suas prebendas, e não sei se outros deles se lembram.¹⁶ Em suas vidas, aparentavam ser algo, e, agora, deles não mais se fala. [6] Ó, quão rápido passam a glória do mundo e os seus desejos! Quem dera lembrassem que suas vidas eram perecíveis, e conformassem suas vidas à sabedoria! Então bem estudassem e lessem! Quantos pereceram pela vã sabedoria do século, os quais pouco se preocuparam com o serviço a Deus porque antes preferiram ser grandes que humildes! Por isso, esvaneceram em seus pensamentos. Na verdade, grande é aquele que tem grande caridade. Na verdade, grande é aquele que em si é pequeno, e se conduz do cume da honra ao nada. Na verdade, prudente é aquele que julga as coisas terrenas como esterco, a fim de ganhar a Cristo. E, na verdade, bem douto é quem faz a vontade de Deus e abandona a sua própria vontade.

Sobre a prudência nas ações.¹⁷ Capítulo III.

[1] Não se deve acreditar em toda palavra, nem em todo instinto, mas, com cautela e longanimidade, se deve considerar as coisas segundo Deus.¹⁸

Infelizmente, muitas vezes, diz-se e se acredita mais facilmente no mal do que no bem a respeito do outros. Assim, estamos doentes. Mas os homens perfeitos não acreditam facilmente em tudo o que é contado, pois sabem que a doença humana é inclinada ao mal e por demais fraca em palavras. [2] A grande sabedoria é não ter precipitação nas ações, e nem persistir nos próprios sentidos. Para isso, também se importa, ainda, não acreditar em quaisquer palavras dos homens, e nem derramar logo nos ouvidos dos outros o que se acredita ou escuta.

Toma conselho com homens sábios e conscientes, e procura antes se instruir pelos melhores do que seguir tuas descobertas. Uma boa vida faz o homem sábio segundo Deus, e experiente em muitas coisas. Quanto mais humilde alguém for em si e tanto mais submisso a Deus, mais sábio e preparado estará para tudo.

Sobre a leitura das Sagradas Escrituras. Capítulo V.

[1] A verdade é que deve ser procurada nas Sagradas Escrituras, e não a eloquência. Deve-se ler todas as Sagradas Escrituras a partir do espírito com que foram feitas. Devemos buscar antes utilidade nas Escrituras do que sutilezas nas sentenças. Assim, de bom grado, devemos ler os livros simples e devotos, assim como os elevados e profundos.

Não te ofenda a autoridade do escritor, seja pouco ou muito letrado, mas que o amor pela pura verdade te leve a ler.¹⁹ Não procures quem disse isso ou aquilo, mas atenta-te ao que é dito. [2] As honras passam, mas a verdade do Senhor permanece eternamente. Sem distinção de pessoas, Deus nos fala de vários modos. Nossa curiosidade, muitas vezes, nos impede na leitura das Escrituras, quando queremos compreender e discutir onde, simplesmente, devíamos passar adiante. Se quiseres extrair algum progresso, lê com humildade, com simplicidade e fidelidade, sem alguma vez querer o nome da sabedoria.

Interroga de bom grado e escuta, calado, as palavras dos santos. Não te desagradem as parábolas dos mais velhos, pois não as proferem sem motivo.

Sobre as afeições desordenadas. Capítulo VI.

[1] Quando quer que o homem cobice algo de forma desordenada, imediatamente se tornará inquieto. O soberbo e o avaro nunca descansam, mas os pobres e humildes no espírito, convertem-se em paz abundante.

O homem, enquanto não está perfeitamente morto em si, é depressa tentado e vencido pelo que é vil e de pouco valor. Doente no espírito, de algum modo ainda carnal, ele se inclina às coisas sensíveis e dificilmente pode se retirar de todo dos desejos terrenos. E por isso, muitas vezes, entristece-se quando dele os subtraem, ou ainda, com leviandade, desdenha se alguém lhe resiste.²⁰ [2] Mas se tiver alcançado o que desejou, imediatamente a culpa da consciência se agrava, porque seguiu as suas paixões, que em nada o ajudam a alcançar a paz que procurou. Portanto, ao resistir às paixões, encontra-se a verdadeira paz do coração, mas não em servi-las. Logo, a paz não está no coração do homem carnal, nem no homem dedicado ao exterior, mas na fervorosa espiritualidade.

Sobre como se deve fugir da vã esperança e da altivez. Capítulo VII.

[1] Vão é aquele que coloca sua esperança nos homens ou nas criaturas. Não te envergonhe servir aos outros por amor de Jesus Cristo e parecer pobre a este século! Não vá além de ti, mas constitua tua esperança em Deus.²¹ Faça o que está em ti e Deus estará junto de tua boa vontade. Por isso, não confies na tua sabedoria ou na astúcia de algum outro vivente, mas antes na graça de Deus, que ajuda os humildes, e humilha os que presumem a si mesmos.

[2] Não te glorifiques nas riquezas, se existirem, nem nos amigos que são poderosos, mas em Deus, que a tudo excede e que, em tudo, deseja dar a si próprio.²² Não te exaltes pela grandeza ou pela beleza do corpo, que se corrompe e putrefaz pela menor doença. Não te agrades de tua habilidade ou engenhosidade, nem desagrades do Senhor, em quem está tudo o que, naturalmente, tens de bom. [3] Não te consideres melhor que os outros, para que, porventura diante de Deus, que bem sabe o que há no homem, não sejas tido como pior. Não te ensoberbeças por conta de boas obras, porque os juízos de Deus são outros que os dos homens, e a ele, muitas vezes, desagrade aquilo que ao homem agrada. Se tiveres algo de bom, acredita que outros tenham coisas melhores, e conserva a humildade. Não te prejudicará se te colocares abaixo de todos, mas te prejudicará muito se te colocares acima de um só. A paz contínua está com o humilde, mas a inveja e a indignação, no coração do soberbo.²³

Sobre a cautela a ser tomada com a familiaridade em excesso. Capítulo VIII.

[1] Não reveles o teu coração a todo homem, mas com os sábios e tementes a Deus, trata tua causa. Raramente tenhas convívio com jovens e estranhos. Não queiras bajular os ricos e não apareças, de bom grado, na presença dos poderosos. Associa-te com os humildes e simples, com os devotos, com os complacentes, e trata com eles das coisas relacionadas à devoção. Não estejas em familiaridade com mulher alguma, mas recomenda, de forma comum, todas as boas mulheres a Deus. Almeja, somente, estar em familiaridade com Deus e os seus anjos, e evita a informação humana. [2] Deve-se ter caridade por todos, mas a familiaridade não convém.²⁴

Acontece em alguns momentos, de uma pessoa desconhecida começar a brilhar por conta de sua boa reputação; entretanto, em sua presença, incomodará os olhos dos

que a observarem. Pensamos, em alguns momentos, agradar os outros em nosso contato, mas antes os desagradamos pela desonestidade de costumes que se percebe em nós.

Sobre a obediência e a sujeição. Capítulo IX.

[1] Grandíssima coisa é viver em obediência, sob um prelado, e não estar sob a própria lei. Muito mais seguro é estar na sujeição do que na prelatura. Muitos estão sob a obediência aos grandes por necessidade, e não por caridade, por isso sofrem e, levianamente, murmuram. Não adquirirão a liberdade da mente se não se submeterem, por Deus, de todo o coração.

Corre pra lá ou pra cá, e não encontrarás quietude senão em humilde submissão à autoridade de um prelado.²⁵ A imaginação dos lugares e as mudanças derrubam a muitos.²⁶ [2] É verdade que alguns agem, de bom grado, pelo o que sentem e antes se inclinam aos que concordam consigo. Mas se Deus está entre nós, é necessário que também abandonemos nossos próprios sentimentos, pelo bem da paz. Quem é assim tão sábio que possa saber plenamente de tudo? Logo, não confies demais em teus sentimentos, mas queiras antes, de bom grado, dar ouvido aos sentimentos dos outros. Se os teus sentimentos forem bons abandona-os e, por causa de Deus, segue os de algum outro: isso, então, mais te fará progredir. [3] Ouvi, muitas vezes, ser mais seguro ouvir e receber conselhos do que dá-los. Pode, de fato, acontecer de ser bom o sentir de alguém, mas não ceder aos outros, quando o exige a razão e o motivo, é sinal de soberba e teimosia.

Sobre a cautela a ser tomada com as palavras supérfluas. Capítulo X.

[1] Acautela-te quanto ao tumulto dos homens tanto quanto possas, pois ele impede muito tratar de negócios ou ações do século, ainda se proferidos por simples intenção, pois rápido perguntamos por vaidade, e somos aprisionados. Em diversos momentos, gostaria de ter me calado e não estado entre os homens.

[2] Mas por que falamos de tão bom grado e conversamos uns com os outros quando, entretanto, tão raramente retornamos ao silêncio sem lesões na consciência? Falamos de tão bom grado por isso: porque, por muitas falas, procuramos nos consolar uns pelos outros, e almejamos, por diversos pensamentos, amparar o coração cansado. E é de muito bom grado que nos agrada falar e pensar sobre o que muito amamos e

desejamos, ou sobre o que sentimos nos ser contrário; mas isso, infelizmente, muitas vezes é inútil e em vão.

A consolação exterior não é de pouco dano ao interior e à consolação divina, e por isso, deve-se vigiar e orar para que não se passe o tempo de forma ociosa. Se puder falar, que fale do que for edificante.²⁷ Os maus usos e a negligência em nosso progresso, muito fazem para o descontrolo de nossa boca. Entretanto, muito ajudam, para o progresso espiritual, as devotas leituras conjuntas sobre as coisas espirituais, sobretudo onde os pares em espírito se reúnem unidos a Deus.²⁸

Sobre a paz a ser adquirida e o progredir no zelo. Capítulo XI.

[1] Podemos ter muita paz se não quisermos nos ocupar com o que é dito ou feito pelos outros, do que não se espera que ocupe a nossa preocupação. De que modo pode alguém viver em paz por muito tempo se se imiscui na preocupação dos outros? Quem procura oportunidades no lado de fora, pouco ou raramente se recolhe no lado de dentro.

Abençoados os simples, uma vez que possuirão muita paz!

[2] Por que alguns dos santos foram tão perfeitos e contemplativos? Porque se mortificaram de todo, e se empenharam em evitar todos os desejos terrenos. Por isso, puderam se juntar a Deus, em todo o âmago de seus corações, e dispor livremente de tempo para si. Nós nos ocupamos excessivamente com nossas próprias paixões, e solicitamos em excesso o que é transitório. Também é raro vencermos qualquer vício perfeitamente. Não atendemos ao perfeito cotidiano, e, por isso, permanecemos frios e mornos.²⁹

[3] Se estivéssemos perfeitamente mortos em nós mesmos e aplicados minimamente ao nosso interior, então também poderíamos saber sobre as coisas divinas e experimentar alguma contemplação dos céus. Todo e maior impedimento está em não estarmos livres das paixões e desejos, e nem em tentarmos seguir o perfeito caminho dos santos.

Também, quando ocorre a menor das adversidades, muito rápido nos lançamos ao chão e nos convertemos às consolações humanas. [4] Se tentarmos progredir na batalha, como homens fortes, veremos o auxílio do Senhor vir do céu sobre nós. Pois, ele está preparado para ajudar os que lutam e esperam sua graça, pois procura as ocasiões para que lutemos e vençamos. Se tanto pusermos nas observações exteriores o nosso progresso na religião, rápido terá fim a nossa devoção.

Mas cortemos raiz, para que, purificados das paixões, possamos ter uma mente pacífica! [5] Se extirparmos todo ano algum vício, rápido nos tornaremos homens perfeitos. Mas de modo contrário, muitas vezes sentimos que nós éramos melhores e mais puros no começo da conversão do que depois de muitos anos de profissão.³⁰ Nosso fervor e progresso deviam crescer cotidianamente, mas, agora, parece ser grande coisa se alguém puder reter parte do primeiro fervor.

Se fizermos uso de um pouco de violência no começo, então depois poderemos fazer todo o conjunto com leveza e alegria. [6] É custoso deixar o que estamos acostumados, mas mais custoso é ir contra a própria vontade. Se não vences o pouco e o leve, quando superarás o difícil? Resiste no começo da tua inclinação e desaprende os maus costumes para que, aos poucos, não te conduzam a dificuldades maiores.

Ó, se notasses quanta paz fazes a ti e quanta satisfação aos outros, em te conduzires bem, penso quão mais solícito serias ao progresso espiritual!

Sobre a utilidade das adversidades. Capítulo XII.

[1] É bom que, em alguns momentos, tenhamos algumas aflições e contrariedades, porque muitas vezes chamam o homem até o seu coração, para que conheça seu exílio, e nem ponha esperanças em algo do mundo. É bom que, em alguns momentos, sofram com o que nos é contrário e que sintamos em nós o mal e a imperfeição, para que, mesmo então, ajamos bem e intentemos o que é bom. Isso, muitas vezes, ajuda à humildade e nos defende da glória vazia. Pois, então, melhor procurarmos a Deus, testemunha interior, quando, do lado de fora, formos vilipendiados pelos homens e não nos derem crédito. [2] Por isso, o homem deve se firmar totalmente em Deus, para que não lhe seja necessário procurar as muitas consolações humanas.

Quando o homem de boa vontade é atribulado, tentado ou afligido por maus pensamentos, então compreende quão mais necessário é, para si, Deus, sem o qual nada de bom se depreende. E então se entristece, geme e ora pelas misérias que sofre. E então se cansa de viver por mais tempo e se almeja o vir da morte, para que possa se dissolver e estar com Cristo. E então bem se adverte de que perfeita segurança e plena paz no mundo não podem coexistir.

Sobre o resistir às tentações. Capítulo XIII.

Jó 7: 1

[1] Enquanto vivermos no mundo, não podemos estar sem tribulações e tentações. Em Jó, está escrito: “A vida humana sobre a terra é tentação”.³¹ Por isso, cada um deve estar atento acerca das tentações à sua volta e vigiar nas orações, para que o diabo não encontre lugar para enganar, pois ele nunca dorme, mas circula, procurando a quem devorar. Ninguém é tão perfeito e santo que não tenha, em algum momento, tentações. Não podemos estar plenamente livres delas.

[2] Entretanto, muitas vezes, há tentações muito úteis aos homens, sejam molestas ou difíceis, porque, por elas, o homem se purifica, se humilha e se instrui. Todos os santos passaram por muitas tribulações e tentações, e progrediram. Aqueles incapazes de suportar as tentações, foram reprovados em seus feitos e definharam. [3] Não há alguma ordem tão santa, nem local tão secreto em que não haja tentações e adversidades. Não há homem que viva por muito tempo totalmente seguro das tentações, porque é em nós que somos tentados, pois nascemos do desejo.³²

A cada tribulação ou tentação retirada, outra sobrevém, e teremos que suportar algo para não perdermos o bem de nossa felicidade.³³ Muitos procuram fugir das tentações, mas ainda caem nelas, e com maiores dificuldades. Só pela fuga, não podemos vencer, mas pela paciência e verdadeira humildade, tornamo-nos mais fortes que todos os inimigos. [4] Quem somente se declina ao exterior e não arranca as raízes, pouco progride. Ao contrário, as tentações lhe retornam mais rápido e se sente pior. Aos poucos, e pela paciência e longanimidade, com a ajuda de Deus, melhor superará do que com dureza e importunação pessoal.

Recebe, por muito mais vezes, conselhos na tentação, e não age muito duramente com quem é tentado, mas presenteia-o com a consolação, assim como terias almejado que fosse contigo.

[5] O início de todas as más tentações é a inconstância da alma e a pouca confiança em Deus, porque assim como um navio sem direção, somos lançados de um lado ao outro pelas ondas. Assim, o homem remisso e faltoso em seus propósitos, é tentado de várias formas.

O fogo testa o ferro, e a tentação, o homem justo. Muitas vezes, não sabemos o que podemos, mas a tentação revela o que somos. Entretanto, deve-se vigiar principalmente acerca do início das tentações, porque então é mais fácil vencer o inimigo se, de nenhuma maneira, consentimos que entre pela porta da mente, e para que o bloqueie ao bater logo na entrada. [6] Alguém disse: “Impeça no princípio, depois se sofre com o remédio.”³⁴ Primeiro, ocorre o simples pensamento na mente, e disso, a

imaginação forte, e, depois, o deleite, o movimento errôneo, e o consenso. Assim, aos poucos, o inimigo maligno entra de todo enquanto não se lhe resiste no começo. E por quanto tempo lhe resiste quem se entorpeceu tanto em seu cotidiano, e se fez mais debilitado, enquanto o inimigo, contra ele, mais forte? Alguns, no princípio de suas conversões, sofreram tentações mais difíceis; alguns, ao fim; alguns, por sua vez, têm o mal por quase toda a vida. Há aqueles que são tentados de forma leve,³⁵ o suficiente, segundo a sabedoria e equidade da ordem divina, que examina o estado e o mérito do homem, e preordena todas as coisas para a salvação de seus eleitos. [7] Por isso, não devemos nos desesperar quando somos tentados. Mas com tanto maior fervor, ora a Deus até que se digne a nos ajudar em toda tribulação, com a certeza do que foi dito segundo o beato apóstolo Paulo: “Ele nos provará na tentação, para que a possamos suportar”. Logo, humilhemos nossas almas, sob a mão de Deus, em toda tentação e liberação, porque liberará, salvará e exaltará os humildes em espírito.

[8] Nas tribulações e nas tentações de Jesus, o homem é testado, e quanto mais progride, aí mais mérito existe, e melhor demonstra suas virtudes. Não é grande coisa se o homem devoto e fervoroso não sente as dificuldades. Mas se suporta, com o tempo e pacientemente, as adversidades, terá muito progredido em suas esperanças. Alguns se controlam pelas maiores tentações, e muitas vezes, são vencidos, no cotidiano, pelas menores. Assim, humilhados, nunca antes confiam em si próprios, e por tão pequenas coisas são vencidos e adoecem.

Sobre o temerário juízo. Capítulo XIII.

[1] Vira os olhos para ti mesmo, e acautela-te ao julgar as ações dos outros. O homem ao julgar os outros, trabalha inutilmente, muitas vezes erra, e peca levemente. Por sua vez, ao julgar e refletir sobre si mesmo, o trabalho é sempre frutífero. Frequentemente, julgamos as coisas assim como as temos em nossos corações, pois facilmente perdemos o verdadeiro juízo por conta do amor próprio.

Se Deus fosse sempre a pura intenção de nossos desejos, não seríamos perturbados tão facilmente pela resistência a nossos sentidos. [2] Mas muitas vezes, não se percebe que há algo que ocorre no interior ou exterior, e que nos atrai da mesma forma. Muitos procuram a si mesmos de forma oculta, nas coisas que fazem e desconhecem, e parecem estar em boa paz quando as coisas se dão como querem e sentem. Mas, se ocorre de outra forma do que desejam, imediatamente se inquietam e se

tornam tristes por conta da diversidade de sentimentos e opiniões que, frequentemente, dão origem às dissensões entre amigos e conterrâneos, entre religiosos e devotos. [3] Dificilmente, deixa-se e se abandona o antigo costume, e ninguém é levado, de bom grado, além de si próprio.³⁶

Se te convidares antes à tua razão ou à esperteza do que à submissão da virtude de Jesus Cristo, raramente e apenas de forma tardia, serás um homem iluminado, porque Deus quer que nós sejamos submissos e transcendamos toda a razão por seu amor inflamado.

Sobre as obras feitas pela caridade. Capítulo XV.

[1] Por nada no mundo e por nenhum amor humano, deve-se fazer algo mau, mas uma boa ação em prol de um necessitado deve ser guardada, de bom grado, para si, ou ainda ser modificada para algo melhor. Pois, com isso, não se destrói a boa ação, mas a comuta por algo melhor. Sem caridade, a obra externa de nada vale. Mas o que se faz por caridade, seja quão pouco for, torna todo desprezo em algo frutífero, posto que Deus antes pensa em como se age do que em quanto se faz.

Muito faz quem muito ama. [2] Muito faz quem faz o bem. Bem faz quem antes serve à comunidade que à sua vontade. Muitas vezes, parece haver caridade, e antes há carnalidade, porque a própria inclinação carnal, a vontade pela esperança da retribuição e a afeição à comodidade, raras vezes querem ir embora. [3] Quem tem a verdadeira e perfeita caridade, em nada procura a si próprio, mas de um só modo deseja que a glória de Deus se faça em tudo.

Que não inveje a ninguém, para que não ame nenhuma alegria privada, nem queira em si próprio se alegrar, mas que almeje colocar a felicidade em Deus, acima de tudo o que é bom. Não atribua nada a ninguém, mas sim, totalmente a Deus, de onde tudo provém como fonte, e no qual todos os santos repousam, em êxtase. Ó, quem tiver a centelha da verdadeira caridade, sentirá o progresso em meio a toda a terra, cheia de vaidades!

Sobre o sofrimento pelos defeitos dos outros. Capítulo XVI.

[1] Há coisas que o homem não é capaz de corrigir em si e nos outros, e deve, pacientemente, suportar até que Deus ordene de outra forma. Pensa que assim é mais

forte e melhor para teus testes e paciência, sem os quais não haverá méritos nossos a serem considerados. Entretanto, debes suplicar por tais empecilhos, para que Deus se digne a ir até ti, para que melhor possas carregá-los.

[2] Se alguém, aconselhado por duas vezes, ou de forma semelhante, não se aquietar,³⁷ não o enfrente, mas entrega tudo a Deus, para que faça a sua vontade e sua honra em todos os seus servos. Ele bem sabe converter o mal em bem.

Empenha-te pacientemente, em tolerar os defeitos e quaisquer doenças dos outros, porque tu tens muito do que é preciso ser tolerado por outros. Se tu não podes, ou não queres, assim fazer, de que modo poderás ter os outros a teu gosto? De bom grado, consideramos que os outros devam ser perfeitos, mas, entretanto, não corrigimos nossos próprios defeitos.³⁸ [3] Queremos que os outros se corrijam com rigor, e, entretanto, não queremos nos corrigir em nós mesmos. Desagrada a vasta desmedida nos outros, e, entretanto, não queremos que nos seja negado o que solicitamos. Queremos restringir os outros por estatutos, mas, de nenhuma maneira, sofrer por uma coerção mais intensa. Logo, assim se demonstra quão raramente pensamos em nosso próximo como pensamos em nós mesmos.

Se todos fossem perfeitos, por que então teríamos que, pelos outros, sofrer por Deus? [4] Mas, agora, Deus assim ordenou, para que aprendamos uns a carregar os fardos dos outros, porque não há ninguém sem defeito, ninguém sem fardo, ninguém suficiente em si mesmo, ninguém suficientemente sábio. Mas, devemos nos carregar reciprocamente, consolar-nos da mesma forma, e ajudar, instruir e aconselhar. Todavia, quantas virtudes haverá em cada um, melhor as mostrará o acaso das adversidades, e esses mesmos acasos não fazem o homem fraco, mas o mostram tal como é.

Sobre a vida monástica. Capítulo XVII.

[1] Em muitas coisas, é preciso que aprendas a mortificar a ti próprio se quiseses manter a paz e a harmonia com os outros.³⁹ Não é pouco habitar nos monastérios ou em congregação sem se converter às disputas e permanecer fiel até a morte. Abençoado quem nelas bem viveu, e fielmente terminou.

Se queres estar em obrigação e progresso, tenha-te tal qual exilado e peregrino sobre a terra. É preciso que te tornes um tolo por Cristo, se queres conduzir-te à vida religiosa. [2] O hábito e a tonsura pouco fazem e conferem, mas a mudança de comportamento e a mortificação integral das paixões é que fazem o verdadeiro

religioso. Quem procura outra coisa além de puramente a Deus e à salvação de sua alma, não encontrará senão tribulação e dor.

Também, não se pode estar por muito tempo pacificado quem não se esforça para estar, minimamente, a todos submisso. [3] Vieste para servir, não para governar. Saiba que fostes chamado à paciência e ao trabalho, não ao ócio ou a fabulações. Logo, os homens são aqui testados, assim como o ouro na forja. Aqui, ninguém pode estar se não quiser se humilhar, de todo o coração, a Deus.

Sobre o exemplo dos santos padres. Capítulo. XVIII.

[1] Observa os exemplos vividos pelos santos padres, nos quais brilhou a verdadeira perfeição, e verás quanto há, quase nada, na forma como agimos. Ai, o que é nossa vida se for comparada à deles? Os santos e amigos de Cristo serviram ao Senhor na fome e na sede, no frio e na nudez, no trabalho e no cansaço, nas vigílias e nos jejuns, nas orações e nas santas meditações, nas perseguições e nas muitas afrontas!

[2] Ó, quão numerosas e difíceis tribulações sofreram os apóstolos, os mártires, os confessores, as virgens e todos os abandonados que quiseram seguir as pegadas de Cristo. Perfumaram suas almas neste mundo, para que as possuíssem na vida eterna. Ó, que rígida e restrita vida os santos padres conduziram no deserto, que longas e difíceis tentações tiveram! Quanto foram frequentemente incomodados pelo inimigo, quantas repetidas e ferventes orações ofereceram a Deus! Que rígidas abstinências realizaram, que grande zelo e fervor em direção à perfeição espiritual tiveram! Que fortes guerras contra a sujeição aos vícios empreenderam! Que pura e reta intenção a Deus retiveram! De dia, trabalhavam; à noite, dispunham-se às orações divinas. Embora trabalhando com as mãos, não cessavam nem um pouco das orações. [3] Despendiam todo o tempo de forma útil. Toda hora à disposição de Deus lhes parecia breve. E diante da grande doçura da contemplação, também a necessidade corporal entregava-se ao esquecimento da alimentação. Renunciavam a todas as riquezas, dignidades, honras, amigos e conhecidos. Nada do mundo desejavam ter. Apenas invocavam o necessário à vida. Também lhes doía servir ao corpo em necessidade. Logo, eram pobres nas coisas terrenas, mas excessivamente ricos na graça e nas virtudes. Agiam no exterior, mas, no interior, eram alimentados pela graça e pela consolação divina. [4] Eram estranhos ao mundo, mas próximos de Deus, familiares e amigos. A si próprios, pareciam ser quase nada, e desprezavam este mundo, mas eram, aos olhos de Deus, preciosos e eleitos. Na

verdadeira humildade estavam, na simples obediência viviam. Na caridade e paciência, andavam com o Espírito, e, por isso, cotidianamente, se aperfeiçoavam e obtinham em Deus, a grande graça. Deram-se em exemplo a todos os religiosos, e devem nos provocar mais progressos do que o número dos mornos desleixados!

[5] Ó, quanto fervor existiu em todo religioso no princípio da santa formação! Ó, quanta devoção às orações, quanta emulação às virtudes! Que grande disciplina vigorava! Quanta reverência e obediência, sob as regras, em todos floresciam! Ainda se testemunham os vestígios deixados, porque verdadeiramente, foram corajosos, santos e perfeitos, e com tanta valentia, motivados, proveram o mundo.

Já se pensa ser grande coisa que alguém não seja transgressor, que alguém aceite algo que poderá tolerar com paciência. [6] Ó, condição negligente de nosso tempo, que tão rápido declinamos do fervor primevo!⁴⁰ Já cansa viver diante da lassidão e do torpor! Que não te durma, inteiramente, o progresso nas virtudes, do qual viste, muito mais vezes, vários exemplos dos devotos.

Sobre os exercícios do bom religioso. Capítulo XIX.

[1] A vida do bom religioso deve ser adornada por todas as virtudes, para que o exterior pareça aos homens tal qual o interior. E deve haver, por muito mérito, mais no interior do que se exhibe no exterior. Nosso inspetor é Deus, a quem devemos reverenciar com supremo esforço, em qualquer lugar que estivermos, e nos incendiar, tal qual anjos, em sua presença.

Todos os dias devemos renovar nossos propósitos e nos excitar ao fervor, quase como se viéssemos hoje, pela primeira vez, à conversão, e dizer: “Ajuda-me, Senhor meu Deus, nos bons propósitos e no santo serviço a ti, e me dá, hoje, agora, a perfeição para começar, porque nada fiz até aqui.”⁴¹ [2] Segundo o trajeto de nosso progresso e dos nossos propósitos, é necessário agir com muito amor à causa para querer progredir bem. Se aquele que se propõe fortemente, muitas vezes, carece, o que será daquele que apenas pouco ou raramente, se propõe a algo? Entretanto, a desistência de propósito nos toca de vários modos, e apenas uma leve omissão dos exercícios não passa sem algum custo.

O propósito dos justos é antes a graça de Deus do que depender da própria sabedoria. Os que nela confiam, ascendem em qualquer de seus propósitos. O homem propõe, mas Deus dispõe e não está no homem o seu caminho. [3] Mas, quando se

omite no costume dos exercícios por causa de sua piedade, ou por amor fraterno ou utilidade, facilmente poderá ser recuperado depois. Mas, se facilmente o abandona por tédio de alma e negligência, há muita culpa e sente-se o prejuízo. Tentemos o quanto possamos, e ainda, levianamente, careceremos de muito. Mas, entretanto, sempre se deve resolver para algo correto, e, principalmente, para aquilo que mais intensamente nos impede.⁴²

Nosso exterior e interior devem ser estudados da mesma forma, e ordenados para que os dois estejam livres para o progresso. [4] Se não podes te recolher continuamente, ao menos, em algum momento, faze-o um pouco ao dia, de manhã e ao cair da noite. De manhã, propõe-te quanto ao que fazer; à noite, discute os teus comportamentos tais quais fizestes ao dia. Trabalha nas palavras e nos pensamentos, porque, por meio delas, talvez, ofendeste muitas vezes a Deus e ao próximo. Cinje-te, corajoso e forte, contra as maldades diabólicas, refreia a gula, e, depois, frearás mais facilmente toda inclinação carnal. Nunca estejas de todo ocioso, mas lendo, escrevendo, orando, meditando e trabalhando em algo útil às comunidades.

Entretanto, debes praticar exercícios corporais discretamente, que não devem ser feitos igualmente por todos, [5] pois não são comuns e nem todos demonstram o mesmo exterior. Assim, exercita-te em segredo, sem riscos, no privado. Entretanto, acautela-te para não ser preguiçoso com os exercícios comuns e estar mais disposto com os próprios. Mas, satisfeitas, integralmente e fielmente, as obrigações e tudo mais, se ainda dispuser de tempo para outras, retorne a ti, para o que a tua devoção deseja. Nem todos podem ter o mesmo exercício, mas uns antes desejam um tipo, e outros, outro. Também, de acordo com tempo, convém, dentre diversos exercícios, os mais adequados, porque antes se sabem alguns para dias festivos, e outros para feriados. De uns, necessitamos no tempo das tentações, e de outros, em tempos de paz e quietude. De uns, quando somos tentados, pois o pensar agrada; de outros, quando estivermos satisfeitos no Senhor.

[6] Por volta das principais festas, deve-se renovar os bons exercícios e implorar, com maior fervor, pela intercessão dos santos. De festa em festa, devemos tomar resolução, como se, então, estivéssemos prestes a migrar deste século, em maior proveito, à festa eterna. E, por isso, devemos nos preparar atentamente nos tempos da devoção, mais devotamente nos convertermos, e, também, controlar, com maior rigor, a observância, tal qual fôssemos, em breve, receber de Deus a recompensa por nossos trabalhos. [7] E se tiver sido prolongado, acreditemos que nós estejamos menos bem

preparados, e, ainda, indignos da tanta glória que se revela em nós por um tempo definido. Que nos empenhemos em preparar melhor o êxito. “Bem aveturado o servo”, diz o evangelista Lucas, “a quem Deus, quando vier, encontrar vigilante! Amém! Digo-vos que ele o constituirá acima de todos os seus bens!”.

Sobre o amor à solidão e ao silêncio. Capítulo XX.

[1] Procura tempo apto para estares livre, e pensa bem nos benefícios de Deus. Abandona as curiosidades, lê sobre temas que se prestem ao arrependimento, ao invés de ter outras ocupações. Se te subtraís às discussões supérfluas e aos circuitos ociosos, e também às vaidades e aos rumores que se escutam, encontrarás tempo suficiente e apto para insistir nas boas meditações. Os maiores santos evitavam a companhia humana quando podiam, e escolhiam viver em segredo com Deus. [2] Alguém disse: “Estive, cotidianamente, entre os homens, e menos homem retornava.”⁴³ Muitas vezes, experimentamos isso quando confabulamos por muito tempo. Mais fácil e sem riscos é se calar totalmente do que se exceder em palavras. Mais fácil é esconder-se em casa do que, fora, guardar-se suficientemente. Portanto, quem intenta chegar às coisas interiores e espirituais deve declinar das aglomerações e estar com Jesus.

[3] Ninguém aparece com segurança, senão quem, de bom grado, se esconde. Ninguém fala com segurança, senão quem, de bom grado, se cala. Ninguém preside com segurança, senão quem, de bom grado, se submete. Ninguém prescreve com segurança, senão quem, de bom grado, aprendeu a obedecer. Ninguém se alegra com segurança, senão quem tem o testemunho de uma boa consciência. Entretanto, a plena segurança dos santos sempre existiu no temor a Deus, e nem por isso foram menos atentos e humildes, porque antes se esforçaram às virtudes e à graça. Mas a segurança dos maliciosos nasce da soberba e presunção, e, no fim, é vertida em decepção. Nunca te prometas a segurança nesta vida, ainda que te pareças bom cenobita ou devoto eremita.

[4] Muitas vezes, os que estão em melhor estima dentre os homens, arriscam-se seriamente por conta de sua excessiva confiança. Disso, é muito útil que não careçam de tentações interiores. Que sejam combatidos para não estarem nem minimamente seguros de si, nem se elevem fortemente à soberba, e também nem declinem às consolações exteriores em desmedida. Ó, que ninguém procure a desmedida transitória, e que ninguém se ocupe com o mundo ao invés de conservar a boa consciência! Ó, que se

ampute toda vã atenção e somente pense no divino e na salvação, e forme toda a sua esperança em Deus, porque poderá ter a grande paz e quietude!

Sl 4: 5

[5] Ninguém é digno da consolação dos céus, a não ser que, com amor à causa, se exercitou no santo arrependimento. Se quiseses arrepender-te até o coração, entra em teu cubículo e deixa fora o tumulto do mundo, assim como está escrito: “Em vossos cubículos, arrependei-vos.” Na cela, encontrarás o que perdeste muitas vezes do lado de fora. A cela contínua adoça, mas se é mal guardada, gera tédio. Se no princípio de tua conversão, tivestes bem nela morado e a protegido, depois ela te seria uma amável amiga e gratíssima consolação. [6] No silêncio e quietude, a alma devota progride e aprende as coisas escondidas nas Escrituras. Aí, encontra-se o fluir das lágrimas, pelas quais se lava e limpa a cada noite, para que se faça tanto mais familiar ao seu Criador quanto mais o aproveite, distante de todo tumulto do século. Logo, quem se afasta dos conhecidos e amigos, aproxima Deus de si, com os santos anjos.

Melhor é se esconder e cuidar de si, do que, em negligência, ficar fazendo sinais.⁴⁴ Louvável é o religioso que raramente vai para o lado de fora, que foge de ser visto, e também não quer ver os homens. [7] Por que queres ver o que não se pode ter? Passa o mundo e a sua concupiscência. Os desejos da sensualidade levam às escapadas, mas quando a hora tiver passado, o que resta senão o peso na consciência e a dissipação no coração? Uma saída satisfatória, muitas vezes, ao retorno, resulta apenas em tristeza. A satisfatória vigília na madrugada, faz a manhã triste. Assim, a alegria entra na afável carne, mas ao fim, morde-a e pune.

O que se pode ver em outro local que aqui não se vê? Eis o céu e a terra, e todos os elementos. Não existes em tudo o que foi feito? [8] O que, sob o sol, pode ser visto em outro local e que pode permanecer? Acreditas ser talvez saciado, mas nada poderás tocar. Se visses a presença de todo o conjunto, o que seria senão uma visão vazia? Leva teus olhos a Deus nas alturas, e ora por teus pecados e negligências. Deixa o vazio ao vazio, e tu, atenta-te àquilo que Deus te prescreve. Fecha a tua porta sobre ti, e a ti chame Jesus, o teu amado. De manhã, esteja com ele na cela, porque não encontrarás tanta paz em outro local. Se não saíesses, nem escutasses alguns rumores, melhor permanecerias em boa paz. Por te deleitares ao ficar ouvindo coisas novas, acabas tolerando a perturbação em teu coração, por dentro e por fora.

Sobre o arrependimento do coração. Capítulo XXI.

[1] Se quiseses progredir em algo, conserva-te no temor de Deus, e não queiras ser livre em excesso, mas sob a disciplina, coíbe todos os seus sentimentos, e não te tragas satisfação inadequada. Dá-te antes, ao arrependimento do coração, e encontrarás a devoção. O arrependimento produz muitas coisas boas, que a dissolução costuma perder rápido. É maravilhoso que o homem possa se satisfazer perfeitamente nesta vida, se considerar o seu exílio e pensar tanto nos muitos perigos à sua alma. [2] Por conta da leviandade do coração e da negligência de nossos defeitos, não sentimos as dores de nossa alma. Mas, muitas vezes, rimos de forma vazia, quando pelo mérito, devíamos chorar.

Não há verdadeira liberdade nem boa satisfação senão no temor a Deus, com uma boa consciência. Feliz é quem pode rejeitar todo impedimento à devoção e se reconduzir à união do santo arrependimento. Feliz quem por si mesmo, abdica de tudo aquilo que pode macular ou pesar em sua consciência. Um costume certo vence corajosamente qualquer outro costume. Se tu souberes deixar os homens, eles bem te deixarão fazer tuas obras. [3] Não atraias a ti nada dos outros, nem te impliques nas causas dos maiores.⁴⁵ Tem sempre o primeiro olho sobre ti, e te aconselhes, especialmente, antes que a todos os teus amados. Se não tiveres os favores dos homens, não entristeças por isso, mas que te seja difícil não te teres bem a ti mesmo e de forma circumspecta, como convém ao servo de Deus e ao devoto religioso.

Frequentemente, é mais útil e seguro que o homem não tenha muitas consolações nesta vida, principalmente segundo a carne. Entretanto, se não temos divinas consolações, ou raramente as sentimos, é por nossa culpa, porque não procuramos o arrependimento de coração, nem rejeitamos de todo as consolações vazias e externas. [4] Conhece-te como indigno à divina consolação, mas antes digno de toda tribulação. Quando o homem está perfeitamente arrependido, então todo o mundo lhe será incômodo e amargo. O homem bom encontra matéria suficiente pela qual se deve doer e chorar, pois, quer se analise, ou quer pense no próximo,⁴⁶ sabe que ninguém aqui vive sem tribulação. E quanto mais rigorosamente se analisa, tanto mais intensamente se dói. As matérias da justa dor e do arrependimento interno são os nossos vícios e pecados, aos quais, assim envoltos, nos lançamos por raramente querermos contemplar os céus.

[5] Se pensasses na tua morte mais frequentemente ao invés da duração de tua vida, não haveria dúvidas de que, fervorosamente, te corrigirias. Se pesasses com o coração, sobre o futuro no inferno ou as penas do purgatório, creio que, de bom grado, suportarias o trabalho e a dor, e não temerias nenhum rigor. Mas porque estas coisas não

passam em nosso coração, ainda amamos o afável. Por isso, permanecemos frios e muito preguiçosos com o tempo. [6] Muitas vezes, é a inépcia do espírito que tão levianamente conquista o miserável corpo. Logo, ora humildemente ao Senhor, para que te dê o espírito do arrependimento, e diz com o profeta: “Alimenta-me, Senhor, com o pão das lágrimas, e por bebida, dá-me lágrimas na medida!”.

Sobre a análise da miséria humana. Capítulo XXII.

[1] Serás miserável em qualquer lugar em que estejas e para onde quer que te voltares, se não te converteres a Deus. Por que te perturbas se não te sucede como queres e desejas? Quem tem tudo segundo sua vontade? Não sou eu, nem tu, nem nenhum homem sobre a terra. Não há ninguém no mundo sem alguma tribulação ou angustia, seja Rei ou seja Papa. Quem melhor tem, certamente, é quem se dispõe a sofrer algo por Deus.

[2] Os miseráveis, imbecis e doentes, dizem: “Eis, que boa vida aquele homem tem! Quão rico, quão grande, quão poderoso e exaltado!”. Mas atenta-te aos bens celestiais, e verás que todas estas boas coisas temporais, nada são além de muito incertas e bastante prejudiciais, porque nunca são possuídas sem atenção e temor. A felicidade do homem não é ter bens temporais em abundância, mas se satisfazer com o medíocre.⁴⁷

A verdadeira miséria é viver sobre a terra. Quanto mais o homem quiser ser espiritualizado, tanto mais amável lhe será a vida presente, porque se sentirá mais cheio e verá mais claramente a corrupção dos defeitos humanos. Comer, beber, vigiar, dormir, aquietar-se, trabalhar e se submeter a todas as outras necessidades da natureza é, na verdade, grande miséria e aflição ao homem devoto, que, de boa vontade, gostaria de estar livre e absolvido de todo pecado. [3] O interior do homem se prejudica muito pelas necessidades corporais deste mundo, e, nisso, o profeta roga devotamente, até que se valha estar livre delas, dizendo: “Tira-me, Senhor, de minhas necessidades.” Mas aí daqueles que não conhecem intensamente sua miséria! Ai daqueles que amam as misérias e esta corruptível vida! Alguns as abraçam em tantas coisas, que se pudessem ter apenas o necessário para trabalhar e se medicar, como se pudessem sempre aqui viver, em nada se preocupariam com o Reino de Deus! [4] Ó, insanos e infíeis no coração, que se lançam tão profundamente às coisas terrenas, que nada sabem senão

dessas mesmas coisas. Miseráveis, ainda sentirão com aflições o fim! Quão vil e de nada era o que amaram!

Mas os santos de Deus e todos os devotos amigos de Cristo não atentaram ao que acalma a carne, nem ao que floresceu nesse tempo, mas toda a sua esperança e intenção se enlevaram aos bens eternos. Carregavam todos os seus desejos à medida e às coisas invisíveis, para que não se trouxessem ao ínfimo pelo amor visível. Não queiras, irmão, deixar a sua confiança no progresso espiritual! Ainda tens tempo e hora, [5] por que queres procrastinar o teu propósito? Levanta-te em um instante, começa e diz: “Agora é o tempo de fazer, agora é o tempo de lutar, agora é o tempo de se corrigir!” Quando tens o mal e te tribulas, então é tempo de merecer.

Passa pelo fogo e água, antes de encontrar refrigério. Se não te usares da força, não superarás os vícios. Enquanto gerirmos este corpo frágil, não podemos estar sem pecado, nem viver sem tédio e dor. De bom grado, teríamos a quietude em meio a toda miséria, mas, pelo pecado, perdemos a inocência e deixamos a verdadeira benção. Por isso, é preciso que nós tenhamos paciência e expectativa na misericórdia de Deus, até que esta iniquidade passe e a mortalidade seja absorvida pela vida.

[6] Ó, quanto da fragilidade humana está orientado ao vício! Confessas hoje os pecados, e amanhã realizas de novo o que confessaste! Propões agora te acautelar, mas após uma hora, ages como se antes nada tivesses resolvido! Logo, possamos merecidamente nos humilhar, para que jamais queiramos sentir algo de grande em nós, porque somos tão frágeis e instáveis. Também se pode perder rápido, por negligência, o que foi adquirido por meio da graça apenas com muito trabalho.

[7] O que se fará de nós ao fim do dia, já tão mornos pela manhã? Ai de nós⁴⁸ se assim quisermos declinar à quietude, quase como se já houvesse paz e segurança, porém sem que se manifestem os sinais da verdadeira santidade em nossa convivência. Nisso, é necessário que ainda sejamos de novo instruídos, tal qual são os bons noviços aos melhores costumes. Se houver fortes esperanças, haverá algum futuro à nossa correção e ao maior progresso espiritual.

Sobre a meditação a respeito da morte. Capítulo XXIII.

[1] Muito rápido isto tudo terá terminado, junto contigo. Vê de outro modo como tu te tens aqui: hoje há um homem, e amanhã, desaparece.⁴⁹ Quando subtraído aos nossos olhos, rápido também passará das mentes. Ó, estupidez e dureza do coração

humano, que só medita no presente e não antes prevê o futuro! Assim, deverias te ter em todo feito e pensamento, quase como se estivesses imediatamente para morrer.⁵⁰

Se tiveres uma boa consciência, não temerás muito a morte. Melhor seria se acautelar contra os pecados do que fugir da morte. Se não estás preparado hoje, de que modo estarás amanhã? O amanhã é dia incerto. Por que sabes que terás o amanhã? [2] De que vale viver por muito tempo quando pouco nos corrigimos? Ah, uma vida longa nem sempre corrige, mas, muitas vezes, antes aumenta a culpa. Que só um dia estivéssemos bem convertidos neste mundo! Muitos contam os anos da conversão, mas, muitas vezes, pouco é o fruto para a correção. Se é pavoroso morrer, talvez seja mais perigoso viver por muito tempo. Abençoado aquele que sempre tem a hora de sua morte diante dos olhos, e se dispõe, cotidianamente, a morrer.

Se alguma vez vistes um homem morrer, pensa que tu passarás pelo mesmo caminho. [3] Quando for de manhã, pensa que tu não encontrarás o anoitecer, e ao anoitecer, não ouses te prometer a certeza da manhã. Logo, estejas sempre preparado, e assim vive, a fim de que a morte nunca te encontre despreparado. Muitos morrem de súbito e imprevisto, pois na hora em que não se pensa no Filho do gênero humano, ele chegará.⁵¹ Quando essa hora extrema chegar, começarás a sentir muito de outra forma a tua vida passada, e te doerás intensamente, porque foste tão negligente e remisso. [4] Quão feliz e prudente é aquele que agora se esforça, em vida, para almejar o encontro com a morte. O perfeito desprezo do mundo dará grande confiança na hora de morrer, como o fervoroso desejo de progredir às virtudes, o amor à disciplina, o trabalho à penitência e a prontidão à obediência, a negação de si e o suportar a quem se entrega às adversidades, por amor de Cristo!

Podes operar muitas coisas boas enquanto estás são, mas doente, não sei o que poderias. Poucos se corrigem das doenças, assim como muitos que peregrinam, raramente se santificam. [5] Não confia em amigos e próximos, nem deixa tua salvação para o futuro, porque os homens te esquecerão mais rápido do que os estimas.⁵² Melhor é prever agora, oportunamente, e garantir algum bem, do que esperar pelo auxílio dos outros.⁵³ Se não estás nesse momento, atento para ti próprio, quem estará atento para ti no futuro? O tempo agora é muito precioso. Mas, infelizmente, não o estás dispendendo no que é mais útil, à promessa que te vales para que vivas eternamente! Quando vier o dia ou a hora, desejarás a correção, e não sei o que porventura conseguirás.

[6] Eia, caríssimo, de quantos perigos te libertarias; de que grandes temores te arrebatarias se, sempre, estivesse temeroso e desconfiado da morte? Empenha-te agora

em viver assim, para que na hora da morte, valha-te o alegrar e não o temer. Aprenda agora a morrer no mundo, para que, então, comeces a viver com Cristo. Aprende agora a desprezar tudo, para que, então, possas perseverar para Cristo. Castiga agora teu corpo pela penitência, para que, então, valha-te ter a confiança certa.

[7] Ah, tolo, por que em muitos momentos, pensa-te vencedor enquanto não tens um dia para estar seguro? Quantos, enganados e sem esperar, foram retirados de seus corpos? Quantas vezes ouviste dizer “ele morreu pela espada”, “ele se afogou”, “ele caiu do alto, quebrou o pescoço”, “ele engasgou comendo”, “ele morreu enquanto jogava”? Uns, pelo fogo, outros pelo ferro; uns pela peste, outros por crime: assim, todos terminam, e assim, a morte é o fim de todos. A vida do homem passa tal qual sombra. [8] Quem se lembrará de ti depois da morte, e quem orará por ti? Age! Age agora, caríssimo, em tudo o que possas, porque não sabes quando morrerás!

Não sabes o que te seguirá após a morte. Enquanto tens tempo, reúne as riquezas imortais. Não penses em nada antes de tua salvação, e te preocupe somente com o que é de Deus. Faze agora teus amigos os santos de Deus, venerando-os e imitando seus atos, para que quando careceres desta vida, eles te recebam nos tabernáculos eternos.⁵⁴

Lc 16: 9

[9] Protege-te tal qual peregrino e hóspede sobre a terra, como quem nada espera dos negócios do mundo. Protege o teu coração, livre, seguro e alçado a Deus, porque não tens aqui cidade permanente. Dirige para isso, com lágrimas, as preces e os gemidos cotidianos, para que o teu espírito mereça e, após a morte, passe a Deus com felicidade.

Sobre o juízo e as penas dos pecados. Capítulo XXIII.

[1] Olha o fim em tudo, tal qual estarás diante do estrito juiz, a quem nada é oculto, que não se compra com ofertas e nem aceita desculpas, mas que julga o que é justo. Ó, miserável, pecador insensato, o que responderás a Deus, sabedor de todos os teus males? Tu, que em alguns momentos te apavoras mesmo diante do vulto de um homem irado? Por que não te prevines ao dia do juízo, quando ninguém poderá se desculpar ou se defender pelos outros, e cada um terá a si como um fardo suficiente?⁵⁵ Agora, o teu trabalho será frutuoso, o dobrar-se é aceito, os gemidos são audíveis, e a dor, satisfatória e purificadora.

[2] O homem que sofre tem um grande e saudável purgatório.⁵⁶ É quem toma as injúrias e mais se dói pelas malícias dos outros do que pelas injúrias a si. É quem, de bom grado, ora por si e pelos adversários. É quem perdoa as culpas do coração. É quem

não demora em pedir desculpa aos outros. É quem mais facilmente tem misericórdia do que ira, que frequentemente usa da violência contra si próprio e tenta de todo subjugar a carne ao espírito.

Melhor é purificar os pecados e cortar os vícios nesse momento, do que os conservar e purificar no futuro. Na verdade, enganamos a nós próprios pelos amores desordenados que temos na carne. [3] Que outra coisa o fogo devorará senão teus pecados? Quanto mais intensamente agora te poupas e segues a carne, tanto mais duro depois, será lavar-te, e conservarás maior matéria para queimar. O homem será mais gravemente punido por aquilo que pecou. Lá, os preguiçosos são purificados por ferrões ardentes, e os gulosos, torturados pela enorme sede e fome. Lá, os luxuriosos e amantes dos prazeres são afundados em piche ardente e fétido enxofre, e os invejosos uivam de dor, como cães furiosos. [4] Não há nenhum vício que não terá a sua própria tortura. Lá, os soberbos são supridos em toda confusão, e os avaros, resumidos à miséria da pobreza. Lá, uma hora do castigo será mais difícil do que cem anos aqui, na mais amarga penitência. Lá, não há nenhum descanso, nenhuma consolação aos condenados. Aqui, entretanto, se cessa, em algum momento, dos trabalhos, e se desfruta de algum consolo com os amigos.

Fica, assim, atento e doído aos teus pecados, para que no dia do juízo, estejas seguro, junto dos abençoados. Pois, então, os justos se colocarão com grande firmeza, contrários àqueles que os angustiarão e oprimirão. Então, se colocará para julgar aquele que nesse momento se submete humildemente ao juízo dos homens. Então, o pobre e o humilde terão grande confiança, e o soberbo tremerá de toda parte. [5] Então, parecerá sábio quem aprendeu, por Cristo, a ser tolo e desprezado neste mundo. Então, toda tribulação pacientemente sofrida será agradável, e toda iniquidade tapará sua boca. Então, todo devoto se alegrará, e todo não religioso terá o que merece.⁵⁷ Então, a carne aflita se exultará mais do que se fosse sempre nutrida por delícias. Então, o vil hábito resplandecerá, e as vestes sutis escurecerão. Então, mais se louvará o pobre casebre do que o dourado palácio. Então, mais ajudará a constante paciência do que todo poder do mundo. Então, mais intensamente se exaltará a simples obediência do que toda astúcia do século. [6] Então, mais se satisfará com a pura e boa consciência do que com a douda filosofia. Então, mais se considerará o desprezo das riquezas do que todos os tesouros da terra. Então, antes se consolará sobre as devotas orações do que sobre delicados banquetes. Então, antes se alegrará pelo silêncio conservado do que pela longa

fabulação. Então, mais valerão as santas obras do que muitas belas palavras. Então, mais valerá a vida rígida e a árdua penitência do que todo deleite terreno.

Aprende agora, a sofrer pelo pouco, para que então te valhas liberar das coisas mais sérias.⁵⁸ Testa aqui, primeiro, o que então poderás sofrer depois. Se nesse momento, o pouco sofrer te torna tão impaciente, o que então fará a *geena*?⁵⁹ Eis a verdade: não podes ter duas alegrias, deleitar-te aqui neste mundo e, depois, reinar com Cristo.⁶⁰ [7] Se até o dia de hoje, tivesses vivido sempre por honras e prazeres, o que de tudo aproveitarias se, neste instante, a morte te tocasse? Logo, tudo é vaidade além de amar a Deus e somente a ele servir. Logo, quem ama a Deus de todo coração, não teme a morte, nem o suplício, nem o juízo e nem o inferno, porque o amor perfeito faz seguro acesso a Deus. Mas não é de admirar que quem se deleita até pecar tema a morte e o juízo. Entretanto, enquanto o amor não te chama do mal, é bom que ao menos o temor da *geena* te coíba. Quem, por sua vez, relega o temor a Deus, não poderá estar por muito tempo no bem, mas incidirá muito rapidamente nos laços do diabo.

Sobre a fervente correção de toda nossa vida. Capítulo XXV.

[1] Sê vigilante e empenhado com amor ao serviço de Deus. E pensa, frequentemente, ao que viestes, por qual motivo abandonaste o século. Não vives para Deus e te tornas espiritual? Portanto, afervora-te para o progresso, porque receberás o pagamento por teus trabalhos, e, então, não haverá dores mais intensas ou temores ao teu fim. Agora, pouco trabalharás, mas, ao contrário, encontrarás grande descanso e perpétua satisfação. Se tu permaneceres fiel e fervoroso no agir, Deus, sem dúvidas, será fiel ao retribuir. Deves reter a boa esperança, pois chegarás à palma, mas não convém que colhas a segurança e te entorpeças e te tornes altivo.⁶¹

SI 37: 3

[2] Alguém, pois, quando ansioso, flutuava frequentemente entre o medo e a esperança, e tomado pela mistura de alguns vícios, prostrou-se diante de um altar em uma igreja, e se revolveu no interior, dizendo: “Ó, se soubesse que ainda eu perseveraria!” E imediatamente, ouviu no interior, a resposta divina: “Porque se sabes que assim queres fazer, faze agora! Porque se queres então fazer, estarás bem seguro!”. Em seguida, consolado e confortado, entregou-se à sua vontade e cessou a flutuação de suas ansiedades. Não quis mais investigar as curiosidades, saber o que lhe esperava no futuro, mas antes se empenhou em perguntar qual seria a vontade benéfica de Deus e a

perfeição para se criar e realizar toda boa obra. [3] “Espera no Senhor, faz a bondade”, diz o profeta, “habita a terra e serás apascentado por suas riquezas”.

Há uma coisa que retira muitos do progresso e da fervorosa correção: o horror das dificuldades ou o trabalho da luta. De fato, aquele que faz o maior progresso nas virtudes em relação aos outros, é quem, antes e corajosamente, tenta vencer suas adversidades e o que lhe é mais custoso. Pois aí, o homem primeiro progride, e merece a graça intensa quando antes se vence e se mortifica no espírito. [4] Mas, não são todos que têm o mesmo tanto para vencer e morrer. Quem emula e ama será mais valente ao progresso, mesmo que tenha mais paixões do que outros bem obsequiosos, entretanto menos fervorosos às virtudes. Duas coisas ajudam, especialmente, às grandes virtudes: subtrair-se violentamente do que se inclina à natureza viciosa; e se instar, fervorosamente, ao bem que se necessita com maior intensidade. Empenha-te, também, em antes te acautelar e vencer o que mais frequentemente te desagrade nos outros. [5] Em todo lugar, aceita o teu progresso, para que ao ver ou ouvir um bom exemplo, acenda-te a imitá-lo. Mas, se considerares algo repreensível, te acautela para não fazer o mesmo, ou, se em algum momento o fizeste, empenha-te em te corrigir o mais rapidamente. Assim como teus olhos analisam os outros, assim, por sua vez, pelos outros serás notado.

Que doce e jucundo é ver irmãos fervorosos e devotos, bem obsequiosos e disciplinados! Que triste e difícil é ver os que caminham desordenados, que não exercem aquilo para o qual foram chamados! Que prejuízo é negligenciar a sua vocação ou propósito, e não inclinar os sentidos para o que se entregou! [6] Lembra-te do propósito tomado, e põe diante de ti a imagem do crucificado.

Bem te podes envergonhar ao olhar para a vida de nosso Senhor Jesus Cristo enquanto não te empenhaste em antes se modelar a ela, podendo estar há longo tempo no caminho de Deus. O religioso que se exercita em intenção e devoção à santíssima vida e à paixão do Senhor, encontrará nelas todas as coisas úteis e necessárias para si em abundância. Não é preciso buscar algo melhor que Jesus.

Ó, se Jesus crucificado vier ao nosso coração, quão rápido e suficiente seremos doutos! [7] O religioso fervoroso tudo bem carrega e assente a tudo que lhe é ordenado. O religioso negligente e morno tem tribulações sobre tribulações, e, de toda parte, sofre com as angústias, porque carece da consolação interior e não pode procurá-la no exterior. O religioso que vive fora da disciplina, em ruínas, sofre seriamente. E quem

procura vida mais folgada e relaxada, sempre estará em angústia, porque se desagradará de uma coisa ou de outra.

[8] De que modo fazem os muitos religiosos que se resumiram suficientemente à disciplina do claustro? Raramente saem, vivem em abstração, comem em grande pobreza, vestem-se grosseiramente, trabalham muito, falam pouco, vigiam por longo tempo, levantam-se ao tempo correto, prolongam-se em orações, leem frequentemente, e se controlam por toda disciplina. Atenta-te aos Cartuxos, aos Cistercienses e aos diversos religiosos, monges e monjas, os quais toda noite se levantam para o dever de cantar os salmos do Senhor.⁶² Por isso, será torpe se tu fores preguiçoso em tão santa obra, na qual tamanha multidão de religiosos começou a jubilar em Deus.⁶³

[9] Ó, se nada arranjasses para fazer senão louvar de todo coração e boca, ao nosso senhor Deus! Ó, se nunca necessitasses comer e beber, nem dormir, mas sempre pudesses louvar a Deus e de um só modo dispor de tempo para o empenho às coisas espirituais! Então, serias muito mais feliz do que se, nesse momento, vivesses e servisses, com a carne, a qualquer necessidade! Que não houvesse estas necessidades, mas de um só modo, as refeições espirituais, das quais raramente degustamos suficientemente! [10] Quando o homem chega a isso, a não procurar a consolação de nenhuma criatura, então primeiro começa a conhecer perfeitamente Deus, e então estará bem contente por tudo o que acontecer. Então não se satisfaz nem pelo grandioso e nem se entristece pelo pouco, mas se põe de forma íntegra e com confiança a Deus, que é tudo em todos, para quem nada perece ou morre, mas para quem tudo vive e aos acenos de quem tudo prontamente obedece.

[11] Lembra-te sempre do fim, porque o tempo perdido não volta. Sem atenção e amor à causa, nunca adquirirás virtudes. Se começares a esfriar, começarás a ter o mal. Mas, se te deres ao fervor, encontrarás grande paz, e por conta da graça de Deus e do amor às virtudes, sentirás ser leve o trabalho. O homem que é fervoroso e possui amor à causa está preparado para tudo. É maior o trabalho em resistir aos vícios e paixões do que quando se sua nos trabalhos corporais. Quem não evita os pequenos defeitos, aos poucos, cai nos maiores. Alegra-te sempre ao anoitecer se gastaste o dia de forma frutífera. Vigia sobre ti próprio, aconselha a ti próprio, incita a ti próprio, e o que quer que haja nos outros, não negligencias a ti próprio. Tanto mais progredirás quanto mais força aplicares a ti.

Termina o primeiro livro *Sobre a Imitação de Cristo e o Desprezo de Todas as Vaidades do Mundo*.

II

MANUAL PARA ASPECTOS INTERIORES

Segue a segunda parte deste livro, que é sobre conselhos para os aspectos interiores. Seguem os conselhos para os aspectos interiores:

Sobre a convivência interna. Capítulo primeiro.

Lc 17: 21

[1] “O Reino de Deus está no meio de vós”, diz o Senhor. Converte-te, de todo coração, ao Senhor e abandona este mundo miserável, e a tua alma encontrará repouso. Aprende a desprezar as coisas exteriores e a dar-te às interiores, e verás o Reino de Deus vir a ti. O Reino de Deus é a paz e a alegria no Espírito Santo, o que não é dado aos ímpios. Cristo virá até ti, mostrando sua consolação, se, em teu interior, lhe tiveres preparado uma digna morada. Toda a sua glória e esplendor partem do interior, e, ali, ele se agrada em visitá-lo, com a honra interna, o doce diálogo, a grata consolação, a abundante paz e a estupenda familiaridade!

Jo 14: 23

[2] Eia, alma fiel, prepara teu coração a este esposo até que ele venha a ti e, em ti, se digne a habitar. Assim diz: “Se alguém me ama, guardará minhas sentenças; a ele iremos e morada, em sua casa, faremos.” Logo, dá a Cristo um local, e nega entrada a todo o resto. Tendo a Cristo, és rico, e isso te é suficiente. Ele próprio será teu provedor e um fiel intermediário em tudo, para que não seja necessária a expectativa nos homens, pois os homens mudam rápido, e definham velozmente. Cristo, entretanto, permanece no eterno, firme e presente até o fim.

[3] Não há grande confiança a ser posta no homem mortal e frágil, mesmo útil ou amado, e nem se deve ter muita tristeza se, em algum momento, se mostrar adverso e se contradizer. Os que hoje estão contigo, amanhã podem se tornar contrários, deixando-se levar, muitas vezes, como as brisas que sopram. Põe toda a tua esperança em Deus, e que ele próprio seja o teu temor e o teu amor. Ele próprio responderá por ti e fará o bem assim como for melhor. Não tenhas aqui cidade permanente, e para onde quer que vás, sejas estrangeiro e peregrino. Não terás descanso em nenhum outro momento, a não ser se estiveres intimamente unido a Cristo.

[4] O que aqui buscas, uma vez que aqui não há local para o teu descanso? Nos céus deve estar a tua habitação, e assim, em passagem, deve-se olhar para o conjunto das coisas terrenas: todas passam, e tu, da mesma forma, passarás com elas. Veja-as para que não te apegues, nem te prendas e pereças.

Na casa do Altíssimo esteja o teu pensamento e a tua oração, dirigidas a Cristo sem intermissão. Se desconheceres como especular sobre o profundo e os céus, descansa na paixão de Cristo e habite, de bom grado, em suas santas feridas. Se te

refugias, devotamente, nas feridas e nas preciosas chagas de Jesus, sentirás, nas tribulações, o grande conforto, e nem te preocuparás muito com o desprezo dos homens, e, facilmente, levarás consigo as palavras detratoras. [5] Cristo também foi, no mundo, desprezado pelos homens e abandonado, em máxima necessidade, entre afrontas, pelos conhecidos e amigos. Cristo teve adversários e opositores, e tu queres ter todos como amigos e benfeitores? Onde a tua paciência será coroada se não no ocorrer da adversidade? Se nada contrário queres sofrer, como serás amigo de Cristo? Suporta com Cristo e por Cristo se quiseses reinar com Cristo. [6] Se, alguma vez, tivesses entrado perfeitamente nos aspectos interiores de Jesus e tivesses experimentado um pouco de seu amor ardente, então não te preocuparias com o próprio cômodo ou incômodo, mas antes te alegrarias com a afronta infligida, porque o amor de Jesus faz o homem desprezar a si mesmo.

O amante de Jesus, verdadeiro e interno, livre das afeições desordenadas, pode se converter livremente a Deus, e se elevar sobre si mesmo, e repousar em espírito e êxtase. [7] Nisso, os verdadeiros sábios, que sabem todas as coisas pelo que são e não pelo o que se diz e estima, são antes doutos por Deus do que pelos homens. Quem sabe andar pelos aspectos internos e de alguma forma ponderá-los externamente, não requer local, nem espera os momentos para fazer os exercícios devocionais. O homem interno rápido se recolhe, porque nunca emerge de todo para as coisas exteriores.¹ Ele não tem trabalho exterior, nem ocupação necessária de tempo, mas assim se acomoda às coisas que o encontram.

Quem tem o interior bem disposto, está ordenado, e não se preocupa com os gestos perversos e admiráveis dos homens.² Tanto o homem se impede e distrai, quanto mais atrai as coisas para si.³ [8] Se te houver retidão e estiveres bem purificado, tudo se entregaria a ti em um bom progresso. Assim, muita coisa te desagrade e, muitas vezes, conturba, porque não estás perfeitamente morto para ti e nem apartado de todos os elementos terrenos. Nada mancha e implica assim o coração do homem quanto o amor impuro pelas criaturas. Se recusas te consolar pelo exterior, poderás especular sobre os céus e te regozijar frequentemente no interior.

Sobre a humilde submissão de si. Capítulo II.

[1] Antes não ponderes sobre quem está contigo ou contra ti, mas age e preocupa-te para que Deus esteja contigo em tudo o que fizeres. Tenhas a boa sabedoria e Deus

bem te defenderá. Quem ele quiser ajudar não poderá ser prejudicado por perversidades de ninguém.

Se tu sabes calar e sofrer, verás, sem dúvida, o auxílio de Deus. Ele próprio conhece a forma e o tempo de te liberar, e, por isso, deves te resignar a ele, pois é de Deus ajudar e liberar de toda confusão.

Muitas vezes, para proteger uma maior humildade, vale mais que os outros saibam nossos defeitos e os corrijam. [2] Quando o homem se humilha por seus defeitos, facilmente, então, apraz os outros, e, levemente, aplaca os que se enfurecem contra ele. Deus protege o humilde e o libera. O humilde, Deus ama e consola. Ao homem humilde, Deus se inclina. Ao humilde, Deus concede a graça ampla e, depois de sua depressão, o leva para a glória.⁴ Ao humilde, Deus revela seus segredos, e o traz e convida a si, docemente.

Humilde, aceita as injúrias e confusão: fica-se suficientemente bem na paz, porque se está em Deus, e não no mundo. Não reconheças em ti nenhum progresso senão o de te sentires inferior a todos.

Sobre o homem bom e pacífico. Capítulo III.

[1] Coloca-te, primeiro, em paz, e então poderás pacificar os outros. Antes vale o homem pacífico do que o bem douto. O homem passional também se converte do bem para o mal e, facilmente, acredita no mal. O homem pacífico e bom traz tudo para o bem. Quem bem está na paz, não suspeita de nada. Mas quem está descontente e abalado por várias suspeitas, agita-se. Ele nem descansa, e nem permite que os outros descansem. Diz, muitas vezes e por completo, o que não devia, e não se permite o que antes lhe livraria de o fazer. Considera que os outros são retidos pelo que fazem, e negligencia que ele próprio está retido. Pois tenha, primeiro, zelo sobre ti próprio e poderás zelar também pelo teu próximo.

[2] Tu bem sabes desculpar e enfeitar os teus feitos, mas não queres aceitar as desculpas aos outros. Justo é que te desculpes e desculpes o teu irmão. Se queres ser carregado, carrega o outro. Veja quão longe estás, ainda, da verdadeira caridade e humildade, as quais desconhecem o irar-se ou indignar-se com alguém, à exceção de si mesmo.

Não há nada maior do que conversar com bons e mansos. Isso agrada naturalmente a todos. É com bom grado que cada um vive em paz e prefere, antes, os

que lhe são sensíveis. Se pudermos viver pacificamente com os brutos e perversos, com os indisciplinados e os nossos contrários, em grande graça e inúmeros louvores, será um feito de digno de coragem!

[3] Há os que se mantêm em paz consigo mesmos, e também os que se mantêm em paz com os outros. E há aqueles que nem paz possuem e nem admitem a paz nos outros. São um problema aos outros, e sempre problemas maiores a si próprios. E há aqueles que retêm a si próprios na paz, e se empenham em reconduzir os outros à paz. Entretanto, toda a nossa paz, nesta mísera vida, deve ser colocada, antes, no humilde sofrer do que em não sentir adversidades. Quem melhor souber sofrer, terá maior paz. Este é o vencedor de si, senhor do mundo, amigo de Cristo e herdeiro do Céu.

Sobre a mente pura e a intenção simples. Capítulo III.

[1] O homem é elevado das coisas terrenas por duas asas: a simplicidade e a pureza. A simplicidade deve estar na intenção, e a pureza, na afeição. A simplicidade leva a Deus, e a pureza o compreende e dele gosta.

Nenhuma boa ação te será obstáculo se tiveres o interior livre de qualquer afeto desordenado. Se não intentas ou procuras nenhuma outra coisa do que o agrado de Deus e a utilidade ao próximo, terás alcançado a liberdade interna.

Se tiveres o teu coração reto, então toda criatura será como um espelho da vida e como um livro da santa doutrina. Não há criatura tão insignificante e vil que não represente a bondade de Deus. [2] Se tu tiveres o interior bom e puro, então verás e bem entenderás tudo sem impedimento. Um coração puro penetra o céu e o inferno. O exterior indica aqueles que assim nasceram em seu interior. Se há alegria neste mundo, certamente a possui o homem de coração puro. E se em algum lugar há tribulação e angústia, a má consciência as conheceu melhor.

O ferro enviado ao fogo, assim, perde a ferrugem e é aperfeiçoado enquanto queima. O homem, convertendo-se integralmente a Deus, despoja-se do corpo e se transforma em um novo homem. [3] Quando o homem começa a esfriar, então teme mesmo o menor trabalho e recebe, de bom grado, a consolação externa. Mas, quando começa a se vencer perfeitamente e a andar corajosamente pelo caminho de Deus, então reconhece menores as coisas que, primeiramente, sentia ser difíceis.

Sobre a própria consideração. Capítulo V.

[1] Não devemos acreditar tanto em nós mesmos, porque muitas vezes nos faltam graça e sentimento. Há pouca luz em nós e, por negligência, a perdemos rapidamente. Muitas vezes, também, não notamos quão cegos somos em nosso interior.

Muitas vezes agimos mal, e nos desculpamos de forma pior. Em alguns momentos, morremos pelas paixões, e pensamos ser zelo. Repreendemos nos outros coisas pequenas, e passamos diante das nossas, maiores. Rápido, sentimos e consideramos o suficiente o que suportamos dos outros. Mas, quando outros suportam algo de nós, não o notamos. Quem pondera bem e com retidão seus atos não tem o que julgar seriamente nos outros. [2] O homem interno antepõe a preocupação consigo mesmo a todas as outras preocupações. E quem, com amor, atenta a si, facilmente se cala sobre os outros. Nunca serás interno e devoto se não silencias sobre os outros e olhares especialmente para ti próprio. Se atentas a ti e a Deus totalmente, pouco te moverá o que perceberes de fora.

Onde estás quando não estás presente a ti próprio? Quando procuravas todas as coisas, o que te aperfeiçoou negligenciar a ti mesmo? Se quiseses ter paz e união, é preciso que relegues tudo e tenhas somente a ti diante dos olhos. [3] Desse jeito, muito progredirás se te conservares desocupado de toda preocupação temporal, e muito te prejudicarás se tiveres em conta algo terreno. Não tenhas nada por grande nem elevado, nem aceito, nem grato, a não ser que seja puramente Deus ou o que vier de Deus. Estima, como de todo vã, qualquer coisa que surgir da consolação de alguma criatura. A alma que ama a Deus despreza o universo sob Deus. Somente Deus, eterno e imenso, preenche tudo. Ele é o alívio da alma e a verdadeira satisfação do coração.

Sobre a satisfação de uma boa consciência. Capítulo VI.

[1] A glória de um bom homem é o testemunho de uma boa consciência. Tem uma boa consciência e terás sempre a satisfação. Uma boa consciência pode trazer muitas coisas e é intenso contentamento em meio às adversidades. A má consciência é sempre tímida e inquieta. Descansará suavemente se o teu coração não te repreender. Não te satisfaças a não ser quando fizeres o bem. Os maus nunca têm a verdadeira satisfação, nem sentem a paz interior, porque, diz o Senhor, “não há paz aos ímpios”. E

Mq 3: 11
Jer 5: 12
Am 9: 10

se disserem “estamos em paz, não virão maldades sobre nós”, não acredites, já que lhes surgirá a ira de Deus e seus atos serão reduzidos a nada e seus pensamentos perecerão.

[2] Gloriar-se na tribulação não é difícil para quem ama. Assim, deve se gloriar na cruz do Senhor. Breve glória é aquela dada e aceita pelos homens. A tristeza sempre segue a glória do mundo. A glória dos bons está em suas consciências, e não na boca dos homens. A satisfação dos justos vem de Deus e está em Deus, e sua alegria, da verdade.⁵ Quem deseja a glória verdadeira e eterna não se preocupa com as coisas do tempo. E quem demanda a glória do tempo, ou não a despreza em sua alma, convence-se a amar pouco o céu. Quem tem grande tranquilidade de coração, não se preocupa com louvores, nem com ultrajes. [3] Facilmente estará contente e aplacado aquele que tiver a consciência limpa. Não és mais santo se fores louvado, nem mais vil se fores ultrajado. O que és, és. Não valerás dizer-te maior quando tiveres Deus em testemunha. Se te atentares para o que tens em teu interior, não te preocuparás com o que os homens disserem de ti. O homem vê o rosto, mas Deus, o coração. O homem considera os atos. Deus, por sua vez, examina também os pensamentos.

II Cor 10: 18

Agir sempre bem e ter a si como pouco é juízo de alma humilde. Não se consolar por qualquer criatura é sinal de grande pureza e de confiança interna. [4] Quem não procura testemunho para si do lado de fora, deixa claro que se entregou totalmente a Deus. “Pois não é aprovado aquele que conforta a si mesmo”, diz o apóstolo,⁶ “mas quem Deus recomenda”. É do homem interno andar com Deus e não ter afeição alguma ao estado externo.

Sobre o amor de Jesus acima de tudo. Capítulo VII.

[1] Abençoado quem compreende o que é amar Jesus e desprezar a si próprio por conta de Jesus. É preciso abandonar o amado pelo amado, porque Jesus quer ser amado acima de tudo. O amor da criatura é falho, é amor instável. O de Jesus é fiel e perseverante.⁷ Quem se apegas às criaturas,⁸ com debilidade cai. Quem abraça Jesus, irá se firmar pelas eras. Ama e retém como amigo aquele que não te abandonará, ainda que todos se apartam. Não te fará sofrer e, no fim, perecer.⁹

É necessário que, em algum momento, te separe de tudo, quer queiras ou não queiras. [2] Tenha-te com Jesus, vivendo e morrendo, e encomenda-te à sua fidelidade. Somente Ele pode te ajudar em todas as tuas carências.

O teu amado é de tal natureza que não aceita outra pessoa, e quer ter sozinho o teu coração, tal como um rei que quer se sentar no próprio trono.¹⁰ Se te conheceres bem, tu te esquivarás de toda criatura, e Jesus deverá, de bom grado, morar contigo. Tu te encontrarás de quase todo perdido se tiveres encontrado nos homens algo além de Jesus. Não confies, nem te apoie sobre o caniço oco, porque toda carne é erva e toda sua glória cai como a flor da erva. [3] Rápido terás te enganado se olhares para o exterior dos homens. Sentirás, muitas vezes, revezes se procurares teu alívio e lucro nos outros. Se procurares Jesus em tudo, com certeza encontrarás Jesus. Mas se procurares a ti próprio, também encontrarás a ti próprio, mas junto com a tua perda. Mais: se não procura Jesus, o homem é ainda mais nocivo a si do que todo o mundo e todos os seus adversários.

Sobre a familiar amizade com Jesus. Capítulo VIII.

[1] Quando Jesus está presente, então tudo é bom. Quando Jesus não está presente de verdade, então tudo é duro. Quando Jesus não fala ao interior, a consolação exterior é vil. Mas se Jesus fala somente uma palavra, sente-se uma grande consolação. Maria Madalena não se levantou imediatamente do local em que chorava quando Martha disse “O mestre está aqui e te chama!”? Feliz o homem que Jesus chama das lágrimas para a alegria do espírito! Quão duro e árduo és sem Jesus! Quão insípido e vão és se desejas algo além de Jesus. Não é isto um dano maior do que se perdesse todo o mundo? [2] O que o mundo pode te trazer sem Jesus? Estar sem Jesus é um inferno árduo, e estar com Jesus, um doce paraíso. Se Jesus estiver contigo, nenhum inimigo poderá te prejudicar. Quem encontra Jesus, encontra um bom tesouro, ou, melhor, o bem acima de todo o bem. E quem perde Jesus, perde mais que muito, e mais do que todo o mundo.

[3] Grande coisa é saber conversar com Jesus, e grande prudência é saber reter a Jesus. Sê humilde e pacífico e Jesus estará contigo. Podes afugentar rápido Jesus e perder a sua graça se quiseses decair para as coisas exteriores. E se o afugentares e o tiveres perdido, para quem fugirás e quem, então, procurarás como amigo? Sem amigo, não poderás viver bem. E se Jesus não tiver sido o teu amigo antes de todos os amigos, serás muito triste e desolado. Portanto ages tolamente se confias ou te alegras em algum outro.

Deve-se escolher, antes, ter todo o mundo como rival do que ofender Jesus. [4] De todos os que são caros, seja Jesus o teu único amado especial. Que todos sejam amados por conta de Jesus, mas Jesus, por si próprio. Jesus deve ser amado sozinho,

singularmente, porque só ele é o bem, e se mostra fiel antes de todos os amigos. Nele próprio e por conta dele próprio, sejam-te caros tantos os amigos quanto os inimigos. Ora por eles todos, para que o conheçam e o amem.

Nunca desejes ser louvado ou amado singularmente, porque isso só pertence a Deus, que não tem semelhante a si. Nem queiras que alguém se ocupe com o teu coração, e nem se ocupe com o amor de algum outro. Mas que Jesus esteja em ti e em todo homem bom.

[5] Sê bom e puro a partir do interior, sem obstáculo de qualquer criatura. É preciso que estejas despido e tornes o coração puro a Deus, se quiseres esvaziar-te e ver quão suave é o Senhor. E, de fato, não chegarás a isso a não ser que tenhas alcançado e entrado na graça, e te previnas de que, esquivado e livre de tudo, te unas somente a Deus.

Quando, pois, a glória de Deus vem ao homem, então se pode fazer tudo, e quando se retira, então se torna pobre e doente, quase como que abandonado aos flagelos. Nisso não deves te precipitar, nem te desesperares, mas estejas com o mesmo ânimo e pede incessantemente, com louvores a Jesus Cristo, por tudo o que sobrevier, porque depois da noite, dá-se o dia, e depois da tempestade, a grande serenidade.

Sobre a carência de todo consolo. Capítulo IX.

[1] Não é algo difícil desprezar o consolo humano quando se está com o divino. Grande coisa, e muito grande coisa, é poder carecer de consolo, tanto humano quanto divino, e, pela honra de Deus e com bom grado, querer suportar o exílio do coração e não procurar nada em si e nem olhar para o próprio mérito. O que há de grande se te divertes e te tornas devoto quando vem a graça? Esta hora é almejada por todos. Suavemente cavalga quem a graça de Deus leva. E que coisa incrível se não sente o fardo aquele que é levado pelo onipotente e conduzido pelo condutor supremo!¹¹

[2] De bom grado temos algo para consolo e dificilmente o homem se despoja por si mesmo. Santo Lourenço venceu o século com seu sacerdote, porque desprezou tudo o que no mundo parecia deleitável. Amava muito a Sisto, o Supremo Sacerdote de Deus, de quem também se afastou, suportando com clemência. Logo, no amor do Deus criador, superou o amor dos homens, e antes preferiu o benefício divino ao consolo humano. E assim é necessário que tu aprendas a abandonar algum amigo amado, por

amor a Deus. Não leves a sério se tiveres sido abandonado por um amigo: sabes que será preciso a nós todos, ao fim, nos separarmos mutuamente.¹²

[3] É preciso que o homem lute muito dentro de si, e por longo tempo, antes que aprenda a superar plenamente a si mesmo e traga todo o seu afeto a Deus. Quando o homem se coloca acima de si mesmo, facilmente cede às consolações humanas. Mas o verdadeiro amante de Cristo e discípulo empenhado das virtudes não cai nas consolações, e nem procura pelas doçuras sensíveis.

Mas antes sustenta, por Cristo, as exercitações e os trabalhos duros. [4] Logo, quando a consolação espiritual for dada por Deus, recebe-a com ação de graças, mas compreenda que é dádiva¹³ de Deus, e não teu mérito. Não te exaltes, não te alegres em excesso, nem presumas em vão, mas antes sê humilde pelas dádivas, mais prudente e temente em todos os teus atos, uma vez que esse momento passará e será seguido pela tentação.

Quando a consolação for levada, não te desesperes imediatamente, mas, com humildade e paciência, espera a consolação celeste. Deus pode te devolver a consolação a qualquer momento, e ainda mais intensa. Isto não é novo nem estranho aos experientes do caminho a Deus, porque nos maiores santos e antigos profetas, muitas vezes foi à maneira de tais alternâncias. [5] Um deles, com a graça presente, já dizia: “Eu disse, em minha abundância, que, pela eternidade, não me demoveria.” Ausente a verdadeira graça, que antes tinha em si, acrescentou, consciente: “Viraste-me a tua face, e me tornei conturbado.” Nesse momento, entretanto, de nenhum modo se desespera, mas com persistência roga ao Senhor e diz: “A ti, Senhor, clamarei e ao meu Deus, rezarei.” Finalmente, anuncia o fruto de suas orações e dá testemunho de ter sido ouvido, dizendo: “O Senhor me ouviu e teve misericórdia de mim, e tornou-se o meu auxiliador.” Mas em quê? Disse: “converteste o meu pranto em minha alegria e envolveste-me em satisfação.” Se assim fez com os maiores santos, não é para nos desesperarmos, doentes e pobres, se, em algum momento, estivermos em frieza, uma vez que o Espírito vem e retira-se segundo os benefícios de sua vontade. O abençoado Jó diz: “Tu o visitas ao raiar do dia e de súbito, tu o testas.”

[6] Logo, sobre o que posso esperar, ou em que devo confiar senão só na grande misericórdia de Deus e só na esperança da graça celeste? Se homens bons estiverem comigo, ou irmãos devotos, ou amigos fiéis, ou livros santos, sejam belos tratados, sejam doces cantos e hinos, todos pouco ajudarão e pouco saberão quando estiver deserto e abandonado pela graça e à própria pobreza. Então não há remédio melhor que

Sl 29: 7-11

Jó 7: 17-18

a paciência e a negação de mim mesmo, em direção à vontade de Deus. [7] Nunca encontrei alguém tão religioso e devoto que não teve, em algum momento, a subtração da graça ou que não tenha sentido a diminuição do fervor. Nenhum santo foi tão profundamente arrebatado e iluminado que, primeiramente ou depois, não tenha sido tentado.¹⁴

Ap 2: 7

Não é digno de contemplar profundamente a Deus quem, por Deus, não é exercitado em alguma tribulação, pois a tentação costuma ser um sinal precedente da consolação que segue. Nas tentações que nos testam, promete-se o Reino Celeste.¹⁵ “Quem tiver vencido”, diz, “a ele darei de comer na madeira da vida.”¹⁶ [8] Mas a consolação divina é dada para que o homem seja mais forte no suportar das adversidades. A tentação segue para que ele não se eleve acima do bem: o diabo não dorme, nem a carne ainda está morta.¹⁷ Por isso, não cesses de te preparar para a luta, porque à direita e à esquerda estão os inimigos que nunca descansam.

Sobre a gratidão pela graça. Capítulo X.

[1] Por que procuras a quietude quando nasceste para o trabalho? Ponha-te antes para a paciência do que para as consolações, e antes para carregar a cruz do que para a satisfação. Pois quem do século não aceitaria, com bom grado, a consolação e a satisfação espiritual, se pudesse sempre nelas insistir? As consolações espirituais precedem e excedem todas as outras delícias do mundo e os prazeres da carne, porque todas as delícias mundanas são vãs ou torpes, e somente as delícias espirituais são jocundas e honestas, descendentes das virtudes e infundidas por Deus nas mentes puras. Mas ninguém nunca se vale do êxtase destas divinas consolações por suas afeições, porque o tempo das tentações não cessa por muito tempo. [2] Entretanto, a falsa liberdade da alma e a grande confiança em si contrariam a visitação de cima.

Deus faz bem dando a graça da consolação, mas o homem age mal quando não retribui tudo com ação das graças. E, por isso, as dádivas da graça não podem fluir em nós, porque somos ingratos ao autor, e não nos remetemos de todo à fonte original. A graça sempre se deve às dignas referências às graças, e ela é retirada do que se eleva para ser dada ao homem que costuma ser grato.

[3] Não quero consolação que me tire o arrependimento, nem contemplação que me conduza da afeição para a exaltação, pois nem tudo que é elevado, é santo; nem tudo que é doce, é bom; nem tudo que é desejo, é puro; nem tudo que nos é caro, é agradável

a Deus. De bom grado, aceito a graça. Que eu sempre me encontre mais humilde e temente, e também me torne mais preparado para me abandonar.¹⁸

O douto pelo dom da graça e instruído nos açoites de sua subtração não ousa atribuir a si bem algum, mas antes confia em sua miséria e nudez. Dá a Deus o que é de Deus, e tenha a ti o que é teu.¹⁹ Ou seja, tributa graças a Deus pela graça. Entretanto, percebe que deves a culpa, e a digna pena pela culpa, somente a ti.

[4] Coloca-te sempre no ínfimo e te será dado o supremo, porque o supremo não está senão no ínfimo. Diante de Deus, os santos supremos são os que se fizeram menores: e quanto mais gloriosos, tanto mais humildes. Cheios da verdade, na glória celeste, não desejaram a glória vã. Estabelecidos e confirmados em Deus, de nenhum modo puderam se exaltar. E os que se atribuíram de todo a Deus por qualquer bem que receberam, não procuraram pela glória mutuamente, mas quiseram a glória que só está em Deus, e louvaram a Deus em si e em todos os santos, acima de tudo o que desejavam, e tenderam sempre a isso. [5] Logo, sê grato pelo mínimo e serás digno de ascender a coisas maiores. Seja para ti o mínimo como se fosse o máximo, e o desprezível como se fosse uma dádiva especial.

Se a dignidade daquele que concede for inspecionada, nada dado parecerá pouco ou demasiado vil. Não há nada puro que não seja dado pelo Deus Supremo, e também, se der castigos e açoites, deve-se ser grato, porque sempre o faz em prol de nossa salvação, seja o que for que ele permite que venha até nós. Quem desejar reter a graça de Deus, que seja grato pela graça dada, e paciente pela tirada. Que ore para que retorne, e que seja precavido e humilde para que não o deixe.

Sobre os poucos amantes da cruz de Cristo. Capítulo XI.

[1] Jesus, agora, tem muitos amantes de seu Reino Celeste, mas poucos transportadores de sua cruz. Tem muitos desejosos da consolação, mas poucos da tribulação. Encontra muitos companheiros de mesa, mas poucos de abstinência. Todos desejam alegrar-se com ele, mas poucos suportar com ele. Muitos seguem Jesus até o partir do pão, mas poucos até o beber do cálice da paixão.²⁰ Muitos veneram seus milagres, mas poucos seguem a hedionda cruz. Muitos amam a Jesus enquanto as adversidades não os tocam. Muitos o louvam e o bendizem enquanto recebem dele as consolações. Mas, se Jesus se esconde e os abandona ao módico, ou caem às queixas ou lançam-se ao chão em exagero. [2] Mas aqueles que amam a Jesus por Jesus, e não por

alguma de suas consolações, o bendizem, seja em toda tribulação e angústia de coração, seja na consolação suprema. E se nunca ele quiser dar-lhes a consolação, entretanto, devem sempre louvá-lo e sempre querer dar-lhe graças.

[3] Ó, quanto pode o amor puro de Jesus, não misturado ao amor próprio ou ao conforto! Não são todos mercenários os que dizem que sempre procuram as consolações? Não são antes amantes de si do que de Cristo aqueles que, sendo testados, sempre meditam sobre seus confortos e lucros? Onde se encontra aquele que quer servir de graça a Deus?

[4] Raramente se encontra alguém tão espiritualizado que tenha se despido de tudo. Quem encontrará um verdadeiro pobre em espírito, despido de toda criação? Longe, nos últimos limites, estará seu prêmio! Se o homem der toda sua substância a esse despir, ainda não é nada. E se fizer grande penitência, ainda será insuficiente. E se aprendeu toda a sabedoria, ainda está longe. E se tiver grande virtude e uma devoção, em excesso ardente, ainda faltará muito a si? Falta uma coisa, que lhe é supremamente necessária, e isso é abandonar todas as coisas! Que abandone a si, e saia totalmente de si, sem reter nenhum amor privado. Quando tiver feito tudo, reconheça o feito, e sinta como se não tivesse feito nada.

[5] Não consideres grande o que possa ser estimado como grande, mas, na verdade, prenuncia-te como um servo inútil, ou seja, que diga a verdade! Quando tiverdes feito tudo que vos foi prescrito, dizei de vós mesmos: “somos servos inúteis”.²¹ Então se poderá ser, de verdade, miserável e despido em espírito, e dizer com os profetas: “Porque sou único e miserável”. Entretanto, nisto, ninguém será mais rico, ninguém será mais poderoso, ninguém será mais livre do que aquele que souber abandonar todas as coisas, e se colocar ao ínfimo.

Sobre o caminho régio da santa cruz. Capítulo XII.

[1] Esta sentença parece muito dura: “Renuncia a ti próprio, levanta a tua cruz e me segue”. Mas será mais duro ouvir aquelas palavras extremas: “apartai-vos de mim, malignos, para o fogo eterno!”. Aqueles que desse modo o escutarem e de bom grado seguirem a palavra da cruz, então não temerão o ouvir a da eterna danação. O símbolo da cruz estará no céu quando o Senhor vier para julgar. Então todos os servos da cruz, que em vida se conformaram a Cristo, se aproximarão do Cristo juiz com grande confiança.

Lc 17: 10

Sl 25: 16

Mt 16: 24

Lc 9: 23

Mc 8: 34

Mt 25: 41

[2] Logo, por que temes levantar a cruz, pela qual se vai ao Reino? Na cruz se está salvo, na cruz está a vida, na cruz está a proteção dos inimigos. Na cruz, está infusa a salvação superior, na cruz está o vigor da mente, na cruz está a alegria do espírito, na cruz está a perfeita santidade. Não há salvação da alma, nem esperança da vida superior a não ser na cruz. Logo, levanta a tua cruz e segue a mim, Jesus, e irás para a vida eterna.²²

Ele te precedeu transportando a sua cruz, e morreu na cruz por ti, para que tu carregasses a tua cruz, e morrasses na cruz, porque se morreres com ele, também com ele viverás. E se lhe tiveres sido companheiro no castigo, estarás na glória. [3] Eis que na cruz tudo se encontra e no morrer, tudo se lança.²³ Não há outro caminho para a vida e para a verdadeira paz interna senão o caminho da santa cruz e da mortificação cotidiana.

Caminha onde quiseses, procura onde quer que queiras e não encontrarás caminho mais alto acima, nem caminho mais seguro abaixo, senão o caminho da santa cruz. Dispõe e ordena tudo segundo o teu querer e parecer, e nunca encontrarás outra coisa pela qual deverás sofrer, de espontâneo ou contra a vontade. Assim, sempre encontrarás a cruz.

[4] Sentirás ou dor no corpo, ou na alma. Suportarás o espírito em tribulação. Em algum momento, serás abandonado por Deus. Em algum momento, serás incitado pelo próximo, e serás um problema difícil e intenso para ti. E não poderás te liberar ou te aliviar com algum remédio ou consolo.²⁴ Até que Deus queira, é preciso que suportes. Deus quer que conheças a tribulação sem a consolação, para que te tornes totalmente submisso e mais humilde pela tribulação. Ninguém assim sente a paixão de Cristo intimamente, como aquele que, em semelhança, tiver tocado o sofrer. Logo, a cruz sempre está preparada, e te espera em todo lugar.²⁵

Não podes fugir ou correr para algum lugar, porque se em algum lugar chegares, carregarás a ti próprio e sempre encontrarás a ti próprio. Converte-te para cima; converte-te para baixo; converte-te para fora; e converte-te para dentro, e em tudo encontrarás a cruz. Em qualquer lugar, é necessário que tenhas paciência se quiseses reter a paz e merecer a coroa perpétua. [5] Se carregares de bom grado a cruz, ela te carregará e conduzirá para o desejo final, onde será o fim do sofrer, o que não existe aqui. Se a carregas contra a vontade, antes criarás um fardo pesado para ti próprio, e, entretanto, será preciso que o suportes. Se rejeitas uma cruz, sem dúvida encontrarás outra, e talvez mais pesada.

Lc 24: 26, 46

[6] Acreditas que tu escaparás do que nenhum mortal pôde transpor? Qual dos santos esteve no mundo sem cruz e tribulação? Nem o nosso senhor Jesus Cristo teve alguma hora sem a dor do sofrimento quando viveu neste mundo. “Era necessário”, diz, “que Cristo sofresse, resurgisse dos mortos e, assim, entrasse em sua glória”. E de que modo tu procuras outro caminho que este caminho régio, que é o caminho da santa cruz? Toda a vida de Cristo foi cruz e martírio, e tu procuras descanso e alegria? [7] Erras! Erras se procuras outra coisa que tribulações, porque toda esta vida mortal é cheia de misérias e circundada por cruces. E quanto mais alto alguém progride no espírito, às vezes encontrará cruces mais altas, porque o castigo de sua pena mais cresce por causa do amor.

Mas, entretanto, quem muitas vezes assim aflito, não fica sem o alívio da consolação, porque sente em si o fruto máximo crescer pelo sofrimento de sua cruz, [8] pois enquanto se submete de espontâneo ao fardo da tribulação, ele se converte à confiança da divina consolação. E quanto mais a carne é atormentada pela aflição, tanto mais intensamente o espírito se revigora pela graça interna. E, às vezes, tanto se conforta pela afeição da tribulação e da adversidade, por conta do amor à conformidade da cruz de Cristo, que não se quer estar sem dor e tribulação, uma vez que se acredita tanto mais aceito por Deus quanto mais pôde levar consigo os fardos mais pesados. Não é isto virtude do homem, mas graça de Cristo, que tanto pode e age na carne frágil, para que o espírito, com este fervor, sempre ouse e ame o que lhe traz horror e do que, naturalmente, foge. [9] Não é do homem carregar a cruz, amar a cruz, castigar o corpo e submeter-se à servidão, nem fugir das honras, sustentar com bom grado as injúrias, desprezar a si próprio e ser desprezado, almejar as adversidade, com seus danos perpétuos, e não desejar nenhuma prosperidade neste mundo.

Se olhas para ti mesmo, nada poderás a partir de ti, de nenhum modo, mas se confias no Senhor, será dada a ti a força do céu, e o mundo e a carne se submeterão ao teu domínio. E nem temerás o diabo inimigo se estiveres armado na fé e marcado pela cruz de Cristo. [10] Logo, põe-te como um bom e fiel servo de Cristo, carregando fielmente a cruz do teu Senhor, por ti e pelo amor do crucificado.

Prepara-te para tolerar muitas adversidades e vários incômodos nesta vida miserável, porque assim ele estará contigo em cada lugar que estiveres, e assim o encontrará, de fato, em qualquer lugar em que te esconderes. É necessário que assim seja, e que não haja remédio para se escapar da tribulação dos males e da dor que deves sofrer. Bebe com afeição o cálice do Senhor, se desejas ser seu amigo e ter parte com

ele.²⁶ Entrega as consolações a Deus, e que ele faça com as tais o que mais lhe agradar.²⁷ Tu, por tua vez, põe-te a suportar as tribulações e considera-as como as maiores consolações, porque não há, neste tempo, sofrimentos que possam ser comparados à glória futura ainda que sozinho os suportasses todos. [11] Quando chegares a isto, a tribulação te será doce, e ela saberá que, por Cristo, bem estimas tê-la contigo, porque então encontras o paraíso na terra. Enquanto te for difícil sofrer e quiseses fugir, tanto mais mal terás, e ele te seguirá onde quer que fujas da tribulação.

[12] Ponha-te ao que deves, ou seja, ao sofrer e ao morrer, e encontrarás a paz mais rápido e melhor. Ainda que sejas arrebatado até o terceiro céu com Paulo, não estarias, por isso, seguro de não sofrer nenhuma contrariedade.²⁸ “Eu”, pergunta Jesus, “lhe mostraria quanto seria necessário sofrer pelo meu nome”. Logo, resta a ti sofrer se te agrada amar a Jesus e a ele servir perpetuamente.

[13] Ah, se fosses digno de sofrer algo pelo nome de Jesus, que grande glória te restaria! Quanta exultação a todos os santos de Deus! Quanta edificação haveria para o próximo!²⁹ Todos recomendam a paciência, mesmo que poucos queiram sofrê-la. Com mérito e bom grado, deverias sofrer um pouco por Cristo, enquanto muitos sofrem coisas mais sérias por conta do mundo.

[14] Sabe por certo que te é necessário conduzir a vida como quem deve morrer. E quanto mais cada um morre em si, tanto antes começa a viver em Deus. Ninguém está apto para aprender as coisas dos céus se não se submete a carregar as adversidades por Cristo. Nada é mais aceito por Deus, nada te será mais saudável neste mundo do que, de bom grado, sofrer por Cristo. E se tiveres que escolher, deves antes almejar sofrer as adversidades por Cristo do que te renovares por muitas consolações, porque serias mais semelhante a Cristo e mais conforme os santos. O mérito e progresso de nosso estado não estão em muitas suavidades e consolações, mas antes em levar consigo grandes dificuldades e tribulações. [15] Se algo fosse melhor e mais útil à salvação dos homens do que o sofrer, Cristo, certamente, teria mostrado a palavra e o exemplo, pois, frequentemente, exortava e dizia a todos os discípulos que o seguiam, com desejos manifestos de carregar a cruz: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, levante a sua cruz e siga-me”.³⁰ Logo, de todas as leituras e estudos, que esta seja a conclusão final: que são necessárias muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus.

At 9: 16

Mt 16: 24
Lc 9: 23
Mc 8: 34
At 14: 22

Termina o livro segundo Sobre a Imitação de Cristo, a saber, sobre os conselhos para os aspectos interiores.

III**LIVRO SOBRE A CONSOLAÇÃO INTERNA DE CRISTO**

Começa o terceiro livro da *Imitação de Cristo*, o qual trata sobre a consolação interna de Cristo à alma fiel. Começa o primeiro capítulo.¹

[1] [Devoto:] Ouvirei o que falar em mim, Senhor Deus! Abençoada a alma que ouve o Senhor falando em si e que recebe a palavra da consolação de sua boca! Abençoados os ouvidos que recebem o sopro do suspiro divino, sem prestarem atenção aos sussurros deste mundo! Abençoados, plenamente, os ouvidos que escutam a verdade que ensina no interior, mas não a voz que ressoa do lado de fora! Abençoados os olhos que se fecham ao exterior e permanecem atentos ao interior! Abençoados aqueles que adentram o interno e, para receber os arcanos celestes, empenham-se em se preparar mais e mais com exercícios cotidianos!² Abençoados aqueles que dançam no tempo de Deus, e assim se despojam de todos os impedimentos do século!

[2] [Devoto:] Atenção a isto, alma minha! Fecha a porta de tua sensualidade, a fim de ouvir, em ti, aquilo que teu Deus fala. Assim disse o teu amado: “Eu sou tua salvação e tua vida. Guarda-te em mim, e encontrarás a paz.” Deixa tudo o que é transitório e procura o eterno. O que há no que é temporal senão a sedução? Em que ajudam todas as criaturas se fores abandonado pelo criador? Logo, ao abdicar de tudo por teu criador, faça-te novamente calmo e fiel, para que te valhas adquirir a verdadeira bendição!

Sl 27: 1
35: 3
Jo 14: 6
Ef 2: 14

Que a verdade fala no interior sem o som das palavras. Capítulo II.

[1] [Devoto:] Fala, Senhor, porque teu servo escuta! Eu sou o teu servo: dá-me a compreensão para que eu saiba de teu testemunho. Inclina meu coração às palavras de tua boca; que meu discurso flua a ti como orvalho. Outrora os filhos de Israel disseram a Moisés: “Tu, fala a nós que te ouviremos, mas que o Senhor não nos fale para não morrermos”. Não assim, Senhor, não assim! Antes oro junto do profeta Samuel, pedindo com humildade e desejo: “Fala, Senhor, porque teu servo ouvirá!”. Não fale a mim Moisés, assim como os outros profetas, mas fala antes tu, Senhor, Deus que inspirou e iluminou todos os profetas, pois tu, sozinho, podes me imbuir da perfeição, mas eles sem ti, em nada contribuem.

Ex 20: 19

I Sm 3

[2] [Senhor:] Esses podem proferir suas palavras, mas não conferem o espírito. Dizem belamente, com brilho, mas uma vez que te calas, não acendem o coração. Transmitem as letras, mas tu revelas o entendimento. Proferem sobre os mistérios, mas tu plantas os sinais para a compreensão. Proclamam os mandamentos, mas tu ajudas a

cumpri-los. Mostram o caminho, mas tu confortas conforme o andar. Eles tanto fazem do lado de fora, mas tu instruis e iluminas os corações. Eles regam o exterior, mas tu dás a fecundidade. Eles clamam por palavras, mas tu atribuis a inteligência àquele que ouve.

[3] [Senhor:] Logo, que não seja Moisés a me falar, mas tu, Senhor, meu Deus, verdade eterna, para que porventura eu não morra sem ter produzido nenhum fruto, e nem para que, uma vez aconselhado, não me acenda no interior. Que eu não seja julgado pela palavra ouvida, mas não feita; nem pelo o que se pensou, mas não amou; nem pelo que se acreditou, mas ao qual não se serviu! Logo, fala, Senhor, porque teu servo escuta! Pois tens as palavras da vida eterna! Fala-me, o que quer que seja, à consolação de minha alma, e por quantas mais vezes para a minha correção! A ti, os louvores, a glória e a honra perpétua!

Que as palavras de Deus devem ser ouvidas com humildade e porque muitos não as consideram. Capítulo III.

[1] [Senhor:] Ouve, filho, minhas suaves palavras, as quais excedem toda a sabedoria dos filósofos e a sabedoria deste mundo. Minhas palavras são espírito e vida, e não devem ser consideradas pelo parecer humano. Não devem ser tidas em vã complacência, mas ouvidas em silêncio e recebidas com toda humildade e grande afeto.

Jó 5: 17
Sl 94: 12

[Devoto:] E eu disse: “Bendito aquilo a que tu instruis, Senhor, e aquele a quem ensinas por tua lei! Tu lhe atenuas os dias maus, para que, na terra, não esteja desolado!”

Hb 1: 1

[Senhor:] “Eu”, diz o Senhor, “ensinei os profetas, do começo até agora, e não cesso de a todos falar.” Muitos, porém, são surdos e duros à minha voz! [2] Muitos preferem ouvir o mundo ao invés de Deus. Com maior facilidade, seguem a carne ou o apetite, ao invés dos benefícios de Deus. O mundo promete as coisas temporais e irrelevantes, e é servido com grande avidez. Eu prometo o maior e o eterno, e os corações mortais se confundem! Quem me serve com tantos cuidados e me obedece como serve ao mundo e aos seus senhores? Envergonha-te, Sidônia dos mares! Se procuras o motivo, ouve: porque percorre longos caminhos por poucos ganhos. Mas, pela vida eterna, muitos não tiram seus pés da terra! Procuram por preços vis, brigam até mesmo por uma única moeda, pelo que é do tempo, e não temem se cansar, dia e noite, pela promessa do que é vão e desprezível.³ [3] Infelizmente, poupam-se do mínimo cansaço diante dos bens inegociáveis, das recompensas inestimáveis, das máximas honras e da glória que não findam. Assim, envergonha-te, servo preguiçoso e cheio de desculpas, pois os encontrarás

empenhados antes em tua perdição do que em tua vida! Eles se alegram mais com a vaidade do que tu, com a verdade. Mas, na verdade, suas esperanças sempre os frustram, e minha promessa não falha com ninguém, nem deixa aquele que em mim confia em vão. Pois, tendo prometido, eu darei. Pois, tendo dito, cumprirei, mas desde que se permaneça fiel ao meu amor até o fim.

[Senhor:] Eu sou aquele que remunera todas as honras e testa todos os devotos. [4] Escreve, com amor à causa, minhas palavras em teu coração, e as tem, por amor à causa, como perfeitas, pois elas te serão muito necessárias no tempo da tribulação. O que não compreendes quando lês, conhecerás no dia da visitação. Costumo visitar meus amados de duas formas: na tentação e na consolação. Cotidianamente, repreendo-lhes duas vezes: uma, para chamar a atenção aos seus vícios, e a outra, para exortar ao crescimento das virtudes.⁴ Aquele que tem minhas palavras, mas delas faz pouco caso, tem também quem lhe julgará no último dia!

Oração para implorar pela graça da devoção. Capítulo III.

[1] [Devoto:] Senhor, meu Deus, tu és tudo o que tenho de bom! Quem eu sou para te ouvir falar? Eu sou o mais pobre de teus servos, um vermezinho abjeto, muito mais pobre do que sei e ousa dizer! Entretanto, Senhor, lembra que nada sou, nada tenho e de nada valho. Tu, sozinho, és bom, justo e santo, e tu podes tudo, ofereces tudo, cumpres tudo, e, sozinho, deixas o pecador, que assim permanece.

[Devoto:] Relembra de tuas misericórdias e enche meu coração com tua graça, porque não queres que seja vã a tua obra. [2] De que modo posso me tolerar nesta mísera vida se não me confortar em tua graça? Não me vira tua face, não atrasa tua visita! Não retira tua consolação, nem faça como terra sem água, minha alma diante de ti!

[Devoto:] Senhor, ensina-me a fazer tua vontade! Ensina-me a conversar com dignidade e humildade diante de ti, porque tu és minha sabedoria. Conheces a verdade em mim, e a conhecestes antes de criar o mundo, e antes que nele eu nascesse.

Por que se deve conversar diante de Deus com verdade e humildade. Capítulo V.

[1] [Senhor:] Filho, anda comigo! Procura-me sobre a verdade e a simplicidade em teu coração. Quem anda comigo na verdade, não corre riscos com as incursões do mau. A

verdade o libertará das seduções e dos ataques dos iníquos. Se a verdade te libertar, serás verdadeiramente livre, e não te preocuparás com as palavras vazias dos homens.

[Devoto:] Senhor, é verdadeiro o que dizes. Procuro que assim seja comigo! Que tua verdade me ensine! Que ela me proteja e conserve até o saudável fim! Que ela me liberte de todas as más afeições e do amor desordenado. Andarei contigo em grande satisfação e liberdade de coração!

[2] [Senhor:] “Eu te ensinarei”, diz a Verdade, “o que é correto e agradável diante de mim”. Pensa em teus pecados com grande desagrado e pesar, e nunca te atribuas algo por conta de alguma obra tua. De fato, como os pecadores, estás sujeito e implicado em muitas paixões. De ti, sempre tenderás ao nada: rapidamente te fragilizas; rapidamente és vencido; rapidamente és perturbado; rapidamente te afrouxas. Não tens do que possas te glorificar, mas muito pelo que deves te rebaixar, pois tu estas muito mais doente do que consegues compreender. [3] Logo, em nada te percebas grande. De tudo o que tu fazes, que nada apareça como grande, nem precioso e admirável, nem digno de boa reputação, nem elevado, nem verdadeiramente louvável e desejável, senão aquilo que é eterno. Que a verdade eterna te agrade acima de tudo, e que tua enorme vileza sempre te desagrade. Assim, nada temas, assim te ultraja e foge, como teus vícios e pecados, os quais devem antes te desagradar do que qualquer ação de dano.

[Senhor:] Alguns, por sua vez, andam diante de mim de forma não sincera, conduzindo-se pelas curiosidades e arrogância, querendo saber meus segredos e compreender a fundo os assuntos de Deus, em negligência a suas salvaçãoes. Esses, muitas vezes, possuem grandes tentações e pecados. Uma vez que me afastos deles, fraquejam por conta de sua soberba e a curiosidade. [4] Teme a justiça de Deus, espanta-te pela ira do Onipotente. Também não discuta as obras do altíssimo, mas perscruta o quanto te excedeste, e quantas coisas boas negligenciaste.

[Senhor:] Alguns põem a devoção nas palavras e nos livros, e alguns, por sua vez, nas imagens; alguns, também, em figuras exteriores e em símbolos. Alguns me têm em suas bocas, mas pouco no coração. Há aqueles iluminados na compreensão e purificados pelo afeto, sempre se elevam às coisas eternas. Há os que se prestam, gravemente, às coisas terrenas e corporificam, dolorosamente, as necessidades da natureza. E há aqueles que sentem o que o espírito da verdade lhes fala. Ele lhes ensina a desprezar as coisas terrenas e a amar às celestiais, a negligenciar o mundo e a desejar, durante todo o dia e toda a noite, os céus.

Sobre o maravilhoso afeto ao divino amor. Capítulo VI.

[1] [Devoto:] Bendito sejas, ó Pai Celestial, o Pai de meu Senhor, Jesus Cristo, que dignaste a se recordar do pobre que sou! Ó, Pai das misericórdias, Deus de toda consolação, dou graças a ti, eu, indigno de toda consolação, mas que tu regeneras com tua consolação! Bendito tu sejas sempre, e te glorifico com teu filho unigênito e com o Espírito Santo Paraclito, pelo século dos séculos!⁵

[Devoto:] Eia, Senhor Santo, Deus meu amante, com tuas feridas, em meu coração, todo o meu interior exulta. Tu és minha glória e a exultação de meu coração. Tu és minha esperança e meu refúgio nos dias de minhas tribulações. [2] Mas como sou fraco no amor e imperfeito na virtude, logo tenho necessidade de ser confortado e consolado por ti, e, por isso, me visita por muitas vezes, e me instrui nas santas disciplinas. Liberta-me de minhas más paixões e cura meu coração de todas as afeições desordenadas, para que me torne são no interior e bem purificado, apto para amar, forte para a paciência, estável em perseverar!

[3] [Devoto:] Grande coisa é o grande amor, o bem total que, por si só, torna leve o que é pesado e conduz igualmente tudo que é desigual, pois leva o peso sem seu peso e faz tudo o que é amargo ser doce e saboroso. O amor nobre de Jesus impele às grandes realizações, e anima ao desejo de sempre ser mais perfeito. O amor quer o que é de cima, e não ser retido pelas coisas vis e ínfimas. O amor quer ser livre e se diferenciar de toda afeição mundana, para não ser impedido por seu afeto íntimo, nem para sustentar as implicações de algo cômodo e temporal, ou sucumbir a algum incômodo. Não há nada mais doce do que o amor, nada mais forte nem elevado, nada mais envolvente, nada mais jucundo, nada mais completo, nada melhor, entre o céu e a terra, porque o amor nasceu de Deus e nada, em toda a criação, pode acalmá-lo senão Deus! [4] O amor é livre, voa, corre e se alegra, e nada o retém. Dá tudo a todos e tem tudo em todos, pois apenas se aquieta no único Sumo Bem, do qual tudo flui e procede.⁶ Ele não olha para a doação, mas para quem doa. A ele se converte, acima de tudo o que é bom. O amor, por vezes, desconhece medidas, e ferve acima de qualquer medida. O amor não sente peso: não reconhece os trabalhos e mais se afeiçoa do que é capaz, sem criar impossibilidades, pois julga que tudo lhe é permitido e tudo pode. Portanto, serve a tudo e a muitos completa, agarra o possível. Quando não ama, enfraquece e jaz. [5] O amor vigia e, ainda que durma, não dorme. Ainda que se fatigue, não se cansa; ainda que contido, contém; ainda que aterrorizado, não se conturba. Mas, assim como fogo que ainda vive e a centelha que

ainda arde, uma hora irrompe suas chamas, seguro da sobrevivência. Se alguém ama, sabe que há uma voz que clama. Esse grande clamor alcança os ouvidos de Deus: é a própria afeição ardente da alma que diz: “Meu Deus, meu amor, tu és todo meu e eu sou todo teu”.

[6] [Devoto:] Dilata-me em teu amor, para que eu aprenda a degustar, com a boca interior do coração, o quão suave é amar! Que nesse amor, eu mergulhe e me desfaça! Tenha-me o amor, e que me leve além de mim, em excessivo fervor e deslumbramento! Que eu cante o canto do amor, e siga a ti, meu amado, até o alto! Que minha alma defina em teu louvor, em júbilo de amor! Que eu te ame mais do que a mim, e a mim somente por conta de ti e por conta de todos que estão em ti e a ti amam, verdadeiramente, como manda a lei de teu amor, a luz que, de ti, parte!

[7] [Devoto:] O amor é veloz, sincero, piedoso, jucundo e ameno, forte, paciente, fiel, prudente, longânimo, corajoso e nunca procura a si mesmo, pois, quando procura algo além de si, deixa de ser amor. O amor é inquieto, humilde e correto, não brando, não leve, nem vão, e tende sempre a algo. É sóbrio, casto, estável, quieto e contido em todos os sentidos. E o amor é sujeito e obediente ao prelado, a si sempre se rebaixa e despreza. É devoto e grato a Deus, e a Ele é sempre fiel e esperançoso. Quando em Deus, não se reconhece, pois sem dor, não se vive no amor.

[8] [Devoto:] Quem não está preparado para sofrer tudo isso e permanecer na vontade do amado, não é digno de se reivindicar como amante. Mas ao que ama, cabe amar de bom grado todas as dificuldades pelo amado, sendo abraçado por ele, sem ser preterido diante de qualquer contrariedade.

Sobre a provação do verdadeiro amor. Capítulo VII.⁷

[1] [Senhor:] Filho, não és ainda um amante forte e prudente.

[Devoto:] Por que, Senhor?

[Senhor:] Pois, por conta de qualquer pequena contrariedade, enfraqueces o que começaste, e procuras com excessiva avidez pela consolação. O amante forte, persiste nas tentações, e não acredita nas persuasões do inimigo malicioso. Como se agrada na prosperidade, assim não se desagrada nas adversidades. [2] O amante prudente não se considera tanto dono do amante quanto dá o seu amor. Antes atende ao afeto do que o valor, e põe tudo abaixo do amado. O nobre amante não se aquieta nas dádivas, mas em mim, acima de tudo o que é dado. Por isso, nem tudo está perdido quando sentes bem

menos de mim ou dos meus santos do que queres. Este afeto bom e doce, que em alguns momentos recebes, é afeto da graça presente, uma certa amostra do próprio céu, sobre o qual não deve te apoiares em demasia, pois ele vai e vem. Lutar, entretanto, contra os movimentos maus e invejosos da alma e desconsiderar as sugestões do diabo é sinal de virtude e de grande mérito.

[3] [Senhor:] Logo, não te perturbem outras fantasias de qualquer matéria. Protege, fortemente, o propósito e a intenção reta a Deus. Não é ilusão que em algum momento sejas arrebatado, subitamente, para fora de ti, para logo em seguida voltares às insolentes inépcias do coração. Assim é, contra tua vontade, não pelo que fazes, mas para que sofras e não te desagrades por muito tempo: resistir é mérito e não perdição.

[4] [Senhor:] Sabe que o inimigo tenta em tudo impedir teu desejo ao bem e te esquivar de todo bom exercício, e também do culto aos santos, da piedosa memória de minha paixão e da memória útil dos pecados, do próprio resguardo do coração, e do firme propósito no progresso das virtudes. Ele insere muitos maus pensamentos para criar em ti o tédio e o horror, para te retirar das orações e das sagradas leituras. A humilde confissão lhe desagrada, e se puder, ele fará cessar a comunhão.⁸ Não acredites nele, nem permitas te preocupares com ele. Ele te tentará muitas vezes, criará armadilhas com intenções más e impuras. Diz-lhe, então: “Vai, espírito impuro! Envergonha-te, miserável! É muito impuro para colocar tais coisas em meus ouvidos! Aprende que não terás a ruindade dos sedutores em mim de forma alguma! Jesus está comigo, tal qual um forte guerreiro, e tu permanecerás confuso! Prefiro morrer e me submeter a todos os castigos do que consentir contigo! Cala-te e te emudece, não te ouvirei, por mais intensas que sejam a elaboração de tuas muitas moléstias! “O Senhor é minha iluminação e minha salvação, a quem temerei? Se batalhões se deterem contra mim, meu coração não temerá! Deus é meu ajudante e o meu redentor!”

Sl 26: 1, 3
18: 15

[5] [Senhor:] Luta como bom soldado. Se, em algum momento, te arruinares pela fraqueza, retorna aos primeiros e mais fortes homens, confiante em minha graça ainda mais intensa, e te previne à vão complacência e à soberba.⁹ Por elas, muitos se levam ao erro e à cegueira, por vezes, quase incurável. Que a ruína desses soberbos, presunçosos na própria tolice, te seja cautela e perpétua humildade.

Sobre a graça que deve ser ocultada ou a proteção da humildade. Capítulo VIII.

[1] [Senhor:] Filho, é mais útil e seguro que tu escondas a graça da devoção, para não te tornares altivo e não te considerares muito. Antes, despreza a ti próprio e a teme como dádiva a um indigno. Não te juntes com tenacidade a essa afeição, que muito rapidamente pode se modificar para algo contrário. Pensa, durante a graça, quão mísero e inapto serias sem ela. O progresso espiritual da vida não é teres a graça da consolação, mas sustentar com humildade, abnegação e paciência, a sua subtração. Assim, que então não te entorpeças no empenho às orações e nem abandona a realização de tuas obras ou te permitas fazê-las de todo mais fracas, mas antes faz o teu melhor, como bem puderes e de bom grado compreenderes. Não te negligencies totalmente por conta de arduidades ou ansiedade da mente. [2] Pois, há muitos que se tornam de imediato impacientes ou desistem quando as coisas não procedem bem. Pois, não está no poder humano o seu caminho, mas está em Deus o dar e o consolar quando ele quiser, em quanto quiser e a quem quiser, de acordo com o seu agrado e nada mais. Alguns incautos a si próprios, por agirem mais pelo que querem e não pelo que podem, destroem a graça da devoção, não pensando ou medindo sua pequenez, mas antes seguindo o afeto de seu coração, ao invés da razão de seus juízos, pois se decidiram a coisas maiores do que seriam ao agrado de Deus. Por isso, perderam rapidamente a graça e se fizeram inaptos e vis, abandonados. Fizeram seus ninhos no céu e aprenderem com a humildade e a pobreza a não voar com suas asas, mas a esperar sua plumagem, até o momento em que perceberam e se viram inexperientes no caminho do Senhor, sem se alimentarem no plano da discrição, podendo, então, serem facilmente enganados e esmagados.⁴⁶

[3] [Senhor:] Alguns, antes, seguem o próprio parecer ao invés de quererem acreditar na experiência de outros, o que lhes é uma saída perigosa, se, entretanto, não se retirarem de suas próprias concepções. Raramente são sábios em sofrerem com humildade pelas determinações de outros. É melhor saber pouco, com humildade e pouca inteligência, do que ter um grande tesouro de sabedoria, mas com vã complacência. É melhor te teres por menor do que por muito, o que pode te tornar soberbo. Não age com suficiente discrição quem tudo traz à satisfação, esquecendo-se de sua anterior inaptidão e do casto temor de Deus. Quem teme, perde a graça, e também não conhece as virtudes suficientemente, faz-se desesperado no tempo da adversidade e, com quaisquer seriedades e com pouca confiança em mim, quando deveria refletir e sentir.

[4] [Senhor:] Quem quer estar suficientemente seguro nos tempos da paz, muitas vezes, torna-se suficientemente desesperado e aterrorizado nos tempos de guerra. Se souberes permanecer sempre humilde e afeito à tua pequenez, certamente moderará e

conduzirá bem o teu espírito, sem incidires tão rapidamente nos perigos e nas ofensas. O bom plano é que medites na concepção do fervor espiritual, pois a luz que então te toca, estará ausente no futuro. Reflete: nego o retorno da luz à tua cautela, e também a subtraio para o tempo de minha glória. [5] É mais útil, muitas vezes, que haja tais provações, para que sempre tenhas próspera a tua vontade, porque os méritos não devem ser assim estimados, para que alguém tenha muitas visões e consolações; ou para que seja perito nas Escrituras, ou se ponha a nível elevado, mas sim para estar, verdadeiramente, fundamentado na humildade e cheio da caridade divina; para procurar sempre a honra de Deus, de forma pura e íntegra; para não se atribuir nada e se desprezar na verdade, e para também se desprezar e humilhar diante dos outros; para antes se alegrar, ao invés de ser glorificado.

Sobre a vil estima de si próprio aos olhos de Deus. Capítulo IX.

[1] [Devoto:] Falarei ao meu Senhor, ainda que eu seja pó e cinzas. Se me atribuo amplamente algo, eis que Tu estás contra mim, e minhas iniquidades prestarão verdadeiro testemunho, ao qual não posso contradizer. Mas se eu me rebaixar e me reduzir a nada, se me destituir de minha própria reputação diante de todos, como se também me pulverizasse, tua graça me será propícia, e tua luz, vizinha ao meu coração. Toda estima, por menor que seja, submergirá no vale de minha nulidade, e perecerei no eterno. Ali, irás me mostrar a mim mesmo, o que fui, quem fui e o que me tornei, pois nada sou e nada soube.¹⁰ Se abandono a mim mesmo, eis que nada sou, e eis toda minha doença. Entretanto, se olhares de súbito para mim, imediatamente me tornarei forte e serei suprido com uma nova alegria. É muito maravilhoso que assim, de repente, eu seja levado e completado, por ti, em tamanha bondade, eu, que sempre sou levado ao fundo pelo meu próprio peso.

[2] [Devoto:] Faz esse teu amor grato chegar a mim, e que venha em meio às muitas necessidades, também me guardando dos difíceis e inúmeros perigos, para que eu diga, verdadeiramente, “tu me livras do mal”!¹¹ Eu me perdi, uma vez que vivo no mal. Mas, uma vez que quero apenas a ti e me amo com pureza, encontrei, igualmente, a ti. Reduzi-me a nada por teu amor profundo. Pois tu fazes comigo, em tua doçura, acima de todo mérito e acima do que ousar esperar ou pedir.

[3] Bendito sejas, meu Deus, pois pode ser que eu seja indigno de todos os teus bens, e também de tua nobreza e infinita bondade, que nunca cessa e faz o bem, ainda que

os ingratos se afastem para longe de ti! Converte-nos a ti, para que sejamos gratos, humildes e devotos, porque nossa salvação és tu, nossa virtude e força!

Por que tudo é de Deus e como a Ele deve ser referido até o fim último. Capítulo X.

[1] [Senhor:] Filho, eu devo ser o teu fim supremo e último, se desejas, verdadeiramente, seres abençoado. Com essa intenção, purifica muitas vezes teus afetos, para que estejas curado de ti próprio e de todas as criaturas, pois tu mesmo tens tanto delas e de ti, para tua imediata fraqueza e secura. Logo, atribuas tudo, principalmente, a mim, pois eu sou aquele que te deu tudo. Assim, me considera como o único, de quem todo o bem emana, pois sou eu sua origem, a quem tudo retorna.

[2] [Senhor:] De mim, como fonte viva, bebem a água da vida o insignificante e o grande, o pobre e o rico. Quem a mim deseja, de forma espontânea e livre, recebe a graça em troca da graça. Entretanto, quem quiser ser glorificado além de mim, ou se deleitar em algum bem privado, não permanecerá estável, e se impedirá e se angustiará. Logo, não debes te sobresscrever nada de bom, nem atribuas virtudes a nenhum ser humano, mas esteja tudo em Deus, sem o qual não haveria ser humano. Eu dei tudo, e eu quero ter tudo de volta. Com grande discricção, demandando ações de graça. [3] Essa é a verdade que foge da glória vazia. E se a glória celeste e a verdadeira caridade tiverem entrado em ti, não haverá nenhuma inveja, nem contrariedade no coração, e nem amor privado te ocupará, pois a caridade divina vence tudo e dilata todas as almas. Se souberes, corretamente, alegrar-te apenas em mim, apenas por mim te separarás, porque ninguém é bom, apenas Deus, o qual deve ser louvado acima de todas as coisas e bendito em tudo.

Por que pelo doce desdém do mundo se serve a Deus. Capítulo XI.

[1] [Senhor:] Agora, falarei de novo, Senhor, e não me calarei! Digo aos ouvidos de meu Deus, meu rei que está nas alturas! Ó, quão grandes são as multidões de tua doçura, as quais escondeste aos que te temem! Mas o que és para os amantes, o que és para os que te servem de todo coração? Verdadeiramente, doçura inefável de tua contemplação, a qual expandes aos teus amantes! Nisso, mostras a mim ao máximo a doçura de tua caridade, pois quando eu não existia, tu me fizeste; e quando eu errava, longe de ti, reduziste-me para que eu te servisse. Prescreveste-me que eu te amasse.

[2] [Devoto:] Ó, fonte do amor perpétuo, o que direi sobre ti? De que modo poderia esquecer-me de ti? De ti, que te dignaste a se lembrar de mim? Ainda mesmo depois que existi e morri, tu fizeste além de toda esperança e misericórdia com teu servo, e exibiste além de todo mérito, graça e amizade! O que retribuirei a ti por esta graça? Pois não foi dado a todos abdicar de todos, renunciar ao século e assumir a vida monástica! Será, porventura, grande coisa que eu te sirva, a quem toda criatura deve servir? Não me parece grande coisa que se deva servir a ti, mas antes me parece maravilhoso que tu te dignes a receber este teu servo e se unir a todos os teus servos amados!

[3] [Devoto:] Eis que tudo o que tenho é teu, e assim te sirvo. Todavia, tu antes me serves do que eu a ti. Eis o céu e a terra, os quais criaste às ordens do homem, prontos a cumprirem, a cada dia, o que tu mandas. Mas isso ainda é pouco, também ordenaste os anjos às ordens dos homens!¹² Tu, porém, transcendes tudo isso, pois te dignaste a servir à humanidade, e a ela prometeste a ti mesmo, como dádiva!

[4] [Devoto:] O que darei a ti em troca de todos estes milhares de bens? Que eu possa te servir por todos os dias de minha vida! Ou que ao menos por um único dia, eu apresentasse serviço digno a ti, e me satisfizesse! Tu és, verdadeiramente, digno de todo serviço, a toda hora, e com louvores eternos. Tu és, verdadeiramente, meu Senhor, e eu, pobre, sou teu servo, o qual retém toda a coragem para a ti servir. Não devo me cansar nunca dos louvores a ti! Assim quero e assim desejo, para que tu te dignes a me completar no que quer que me falte. [5] Grande honra e grande glória é a ti servir e tudo desprezar por conta de ti, pois têm a boa graça aqueles que se submetem ao teu santíssimo serviço, de forma espontânea. Encontram a suavíssima consolação do Espírito Santo, aqueles que, por teu amor, rejeitam os deleites carnis, e conseqüentemente, a grande liberação da morte. São aqueles que, por teu nome, adentraram o estreito caminho e negaram todas as preocupações mundanas.

[6] [Devoto:] Ó, grato e jucundo serviço de Deus, pelo qual o ser humano se torna, verdadeiramente, livre e santo! Ó, sagrada condição do religioso familiarizado que reconduz o ser humano à igualdade dos anjos: agradável a Deus, terrível aos demônios, acomodado junto a todos os fiéis! Ó, serviço ao qual se deve abraçar e, acima de tudo, ansiar, pelo qual se promete o bem máximo e se adquire a alegria de fim ilimitado!

Por que os desejos do coração devem ser examinados e moderados. Capítulo XII.

[1] [Senhor:] Filho, é necessário que tu ainda aprendas muitas coisas que não bem aprendeste.

[Devoto:] Quais são, Senhor?

[Senhor:] Que ponhas teus desejos totalmente à minha disposição, e que não sejas amante de ti mesmo, mas um modelo ardente de minha vontade. Os desejos, por vezes, se aproximam e te impelem com veemência, mas analisa se te moves mais por tua própria comodidade ou por meu amor. Se eu for a causa, estarás bem contente com o que quer que eu ordene. Entretanto, se não se percebe a procura em si mesmo, eis o que te impede e aflige.

[2] [Devoto:] Acautela-te, logo, de te apoiares excessivamente sobre desejos preconcebidos sem minha consulta, para que, porventura, não te castiguem depois, ou te desagrade o que primeiro agradava, pelo qual zelavas como melhor. Pois não se deve seguir, imediatamente, toda afeição que pareça boa, e nem fugir à primeira afeição contrária. Em alguns momentos, lança freios, ainda, aos bons estudos e desejos, para não incorreres em tua destruição, com importunações na mente, ou para não gerares escândalos com a indisciplina dos outros. Ou, ainda, para não te perturbes pela resistência dos outros e te arruines.

[3] [Devoto:] Em alguns momentos, se faz mesmo necessário alguma violência para, com coragem, se opor aos sentimentos do apetite e não prestar atenção no que a carne quer e não quer, e sim na maior determinação à sujeição do espírito, mesmo contra o querer. Deve-se castigar por um bom tempo e se juntar à submissão da servitude, até que se esteja preparado para tudo, sabendo se contentar com pouco e deleitando-se com os simples, sem que se dispense algo contrário e inconveniente.

Sobre o ensino da paciência e a batalha contra a concupiscência. Capítulo XIII.

[1] [Devoto:] Senhor, como vejo, a paciência me é extremamente necessária, pois, nesta vida, acontece de muitas coisas me serem contrárias, pois o que quer que eu ordene à minha paz, não será sem guerra e dor à minha vida.

[Senhor:] Assim é, filho, mas não quero que tu procures uma paz à qual faltem as tentações ou não se sinta as coisas contrárias, e sim para que também estimes encontrar a paz quando estiveres, então, exercitado nas tentações e provado nas muitas contrariedades. [2] Se disseses que não podes sofrer muito, de que modo então te sustentarás nos castigos do purgatório? Entre dois males, deve-se escolher o menor, para

que assim possas escapar dos eternos suplícios do futuro. Empenha-te em tolerar as más presenças, por teu Deus de equanimidade.

[Senhor:] Por acaso pensas que os homens do século sofrem pouco ou nada? Isso tu não encontrarás, ainda que procures entre os mais afortunados. Diz-se que, esses, têm muitos deleites e seguem as próprias vontades, e, por isso, consideram com pouca estima suas tribulações. Assim, que tenham o que quiserem, mas tu, penses por quanto tempo isso durará. [3] Eis que o que muitos têm no século desaparecerá como fumaça, e não permanecerá nenhuma lembrança de sua anterior alegria. Mas, enquanto vivem, não se aquietam sem amargura, tédio e temor. Essas mesmas coisas que dão deleite, frequentemente lhes geram o justo castigo da dor, pois procuram os deleites e suas consequências de forma desordenada, e não deixam de seguir com confusão e amargor.

[4] [Senhor:] Ó, quão breve, quão falso, quão desordenado e torpe é tudo isso. Entretanto, é verdade que não compreender por conta da embriaguez e cegueira, assim como os animais mudos, por conta de desprezíveis deleites, corrompe a vida e implica na morte da alma.¹³ Assim, não estejas para tuas concupiscências e presta atenção às tuas vontades. Deleitar-se no Senhor te dará as solicitações de teu coração.

[5] [Senhor:] Por certo, se queres deleitar-te verdadeiramente, sê consolado por mim, em grande abundância. Eis que no desprezo de tudo o que é mundano e na decepção de todos os deleites doentios, está a tua bênção. A farta consolação retornará a ti! E quanto mais te retirares das consolações das criaturas, tanto mais encontrarás, em mim, as consolações mais saudáveis e potentes. Mas, não as alcançarás, primeiro, sem certa tristeza e empenho na luta. Os costumes desenvolvidos resistirão, mas serão vencidos por costumes melhores. A carne reclamará, mas o fervor do espírito a reprimirá. A antiga serpente te instigará e provocará, mas fugirá das orações. E acima de tudo, o trabalho útil fornecerá a muralha.

Sobre a obediência da humilde sujeição pelo exemplo de Jesus Cristo. Capítulo XIII.

[1] [Senhor:] Filho, quem se esforça para se retirar da obediência, se esforça para se retirar da graça, e quem procura o bem pessoal, deixa a comunhão. Quem não se sujeita, com amor à causa e de forma espontânea, a um superior, dá sinal de que sua carne então não lhe obedece perfeitamente, e que muitas vezes hesita e reclama. Aprende, assim, a te submeteres logo ao teu superior, pois o inimigo exterior será vencido rapidamente se o

indivíduo interior não estiver desolado. Nenhum inimigo é mais molesto e pior à alma do que ti próprio, e a carne não concorda com o espírito. É preciso que tu assumas de todo o desprezo de ti próprio se quiseses prevalecer contra a carne e o sangue.¹⁴

[2] [Senhor:] Porque tu te amas muito desordenadamente, ficas apreensivo em te resignares à vontade dos outros. Mas, o que seria maior que ti, que és pó e nada? Por Deus, sujeita-te aos homens, pois eu, onipotente e altíssimo, criei tudo do nada, e, por ti, me sujeitei com humildade aos seres humanos. Fiz-me todo humilde e ínfimo para que vencesse tua soberba com minha humildade. Aprende, pó, a conceder! Aprende, terra e lama, a humilhar-te e curvar-te sob os pés de todos! Aprende a mortificar tuas vontades e a dar-te em sujeição a todos! [3] Arda-te contra ti, para que não sofras com teu próprio inchaço e vivas apenas em ti, mas para que te mostres sujeitado e pequeno, a fim de que todos os homens possam andar sobre ti e te pisar como se fosse barro nas ruas.

[Senhor:] O que tens, homem vazio, para conquistar? O que tens em teu favor, sórdido pecador, uma vez que tantas vezes ofendeste a Deus e mereceste o inferno? Meus olhos te pouparam para que tua preciosa alma estivesse em minha presença e conhecesse meu amor. Sejas grato sempre aos meus benefícios, que existem para que te dês, continuamente, à verdadeira sujeição e à humildade, e suportes, com paciência, o desprezo de ti próprio.

Sobre o analisa dos ocultos juízos de Deus, para que não nos exaltemos às coisas boas. Capítulo XV.

[1] [Devoto:] Troveja sobre mim teus juízos, Senhor! Minha alma e meu ossos muito se espantam, com grande temor e tremor! Estou atônito e percebo, em tua presença, que os céus não estão no mundo. Se encontraste pureza nos anjos, e, entretanto, não os poupou, o que será de mim? As estrelas caíram dos céus, e eu, me tornei pó! Presumo que as obras daqueles que pareciam louváveis, caíram para ao nada. E vi os que comiam o pão dos anjos se deleitaram com as bagas dos porcos.

[2] [Devoto:] Assim, não há nenhuma santidade se subtraís tua mão, Senhor; nenhuma ajuda se encerras os cuidados de tua força; nenhuma castidade segura, se Tu não a protegeres; nenhuma proteção individual, sem a presença de tua sagrada vigilância; nenhuma sabedoria que sirva, se desistires de conduzi-la. Pois, abandonados, afundamos e morremos; com tua visita, por sua vez, emergimos e vivemos! Somos, de fato, instáveis, mas por ti, somos confirmados; somos frios, mas, por ti, nos acendemos!

[3] [Devoto:] Ó, quão humilde e quão abjeta é a ideia que devo ter mim mesmo, e quão pequena deve ser a estima do que penso ter de bom! Ó, quão profundamente me submeto a meu Deus, sob seus juízos abissais! É preciso, Senhor, que eu não encontre nada em mim além de nada e mim mesmo! Ó, peso imenso! Ó, imensidão intransponível, na qual nada encontro em mim, além de um grande nada! Assim, onde está a glória escondida? Onde está a anterior confiança nas virtudes? Toda a glória vazia foi absorvida nas profundezas de todos os teus juízos lançados sobre mim! [4] O que é a carne diante de tua presença? Por acaso o barro ousaria se glorificar contra o artesão? De que modo pode se elevar com discursos vazios aquele cujo coração está sujeito à verdade de Deus? Não foi ele quem elevou todo o mundo? O mundo todo não eleva aquele que a verdade sujeitou a si, nem que todas as bocas o louvassem, uma vez que toda a sua esperança está firmada em Deus. Logo, aqueles que falam, eis que nada são, pois desaparecem junto do som das palavras. A verdade, porém, permanece eterna.

Como se deve permanecer e dizer sobre tudo o que é desejável. Capítulo XVI.

[1] [Senhor:] Filho, assim diz em tudo: “Senhor, se for para teu agrado, que assim seja! Senhor, se for para tua honra, que seja em teu nome! Senhor, se te pareceres que algo seja útil a mim, prova-me! Dá-me, então, o que for para tua honra!” Mas se souberes de algo que me seja nocivo, ou que não sirva para salvação de minha alma, leva de mim tal desejo, pelo Espírito Santo! Ainda que algo pareça ao ser humano correto e bom, é difícil, na verdade, julgar se é com um bom espírito ou por outra coisa que te moves para esse ou aquele desejo, ou, mesmo se tu és movido por teu próprio espírito! Muitos, ao fim, foram enganados, porque pareciam, primeiro, ser induzidos com bom espírito. [2] Portanto, deve-se desejar o que quer que pareça desejável sempre com temor a Deus e humildade de coração.

[Senhor:] Entrega-te todo a mim, de forma máxima e com abandono próprio, dizendo: “Senhor, tu sabes aquilo que é melhor! Faça isso ou aquilo, tal qual queiras! Dá o que quiser, e quanto quiser e quando quiser! Faz comigo como quiser, como mais te agradar e para maior honra tua! Põe-me onde quiser e, em tudo, aja livremente comigo! Estou em tuas mãos. Gira e me vira, dá voltas comigo. Eu, teu servo, estou preparado para tudo, uma vez que não desejo viver para mim, mas para ti, com dignidade e perfeição!”

Oração para alcançar os benefícios de Deus. Capítulo XVII.

[1] [Devoto:} Concede-me, bondoso Jesus, tua graça! Que ela esteja comigo, trabalhe comigo e persevere comigo até o fim! Dá-me acima do que desejo e quero, aquilo que te for mais aceito e em maior caridade te agrade. Tu sejas minha vontade, e minha vontade sempre siga a tua e com ela concorde no que há de melhor! Que eu seja, contigo, um único querer e não querer; que não haja outro querer e não querer senão o que tu quiseses e não quiseses. [2] Dá-me o morrer para tudo o que há no mundo! Por te amar, que eu seja desprezado e desconhecido ao século! Dá-me, acima de todos os desejos, o descanso em ti, e que meu coração se pacifique em ti! Tu és a verdadeira paz do coração Tu és o único descanso. Fora de ti, tudo é duro e inquieto. Que eu durma e descanse nesta paz, naquilo que está em ti, o eterno Sumo Bem.¹⁵

Porque se deve procurar o verdadeiro consolo em Deus. Capítulo XVIII.

[1] [Devoto:] O que quer que eu possa desejar ou pensar em meu consolo, não espero que seja daqui, mas do que vier depois, porque se tivesse, sozinho, todos os consolos do mundo e pudesse desfrutar de todas as delícias, ainda é certo que eu não poderia durar aqui por muito tempo. Assim, minha alma, não poderias ser consolada plenamente, nem regenerada com perfeição senão em Deus, consolador dos pobres e acolhedor dos humildes! Tem expectativa pelo pouco, minha alma; tem expectativa pela promessa divina e terás a abundância de todos os benefícios do céu!

[Devoto:] Se cobiças excessivamente e de forma desordenada pela presença, perderás o eterno e o celestial. Estejam as coisas temporais em uso, e as eternas, em desejo! Não podes te saciar com algum bem temporal, pois não foste criado para neles desaguar. [2] Se também tivesses todos os bens criados, não poderias ser feliz e abençoado. Mas a felicidade e as bençãos consistem em Deus, quem criou todas as coisas, e não naquilo que os tolos amantes do mundo veem e louvam. É aquilo no que os bons fiéis de Cristo colocam suas expectativas e das quais os espirituais provam suas misericórdias em algum momento: a convivência dos céus! Todo consolo humano é vão e breve. O consolo bendito e verdadeiro é aquele recebido pela verdade, no interior. O homem devoto leva consigo Jesus, o seu consolador, onde quer que esteja, e lhe diz: “Fica comigo, Senhor Jesus, em todo lugar e por todo o tempo.” Esta seja minha consolação! Quero ficar absolutamente livre dos consolos humanos. E se tua consolação faltar, seja a

tua vontade a minha; seja uma provação justa pelo máximo consolo, pois tua ira não será perpétua, e nem perpétuas tuas ameaças.

Porque toda atenção deve ser formada em Deus. Capítulo XIX.

[1] [Senhor:] Filho, sem que eu esteja contigo, faz o que quero! Eu sei o que te envio. Tu pensas como humano, em muito percebes o que permite a faculdade humana.

[Devoto:] Senhor, é verdade o que dizes. Maior é tua atenção para comigo do que todos os cuidados que eu possa ter por mim. Quem não direciona toda sua atenção a ti, corre risco excessivo. Senhor, enquanto minha vontade for correta e firme, permanecerá junto a ti. Faz de mim o que te agradar, pois somente poderá ser bom o que tu me fizeres.

[2] [Devoto:] Se quiseses que eu esteja nas trevas, seja bendito; e se quiseses que eu esteja na luz, seja novamente bendito! Se te dignares a me consolar, seja bendito; e se quiseses que eu seja tribulado, seja igualmente e sempre bendito!

[Senhor:] Filho, é preciso que assim estejas se desejas andar comigo. Assim, deves estar disposto a sofrer, como também se alegrar. Assim, deves, de bom grado, estar na ausência e na pobreza, como também na completude e na riqueza.

[3] [Devoto:] Senhor, de bom grado sofrerei, por ti, o que quiseses que recaia sobre mim. Quero receber, indiferentemente, o bem e o mal de tua mão; o doce e o amargo; a satisfação e a tristeza, dando graças por tudo o que me tocar. Guarda-me de todo pecado e não temerei a morte e nem o inferno. Que as tribulações recaiam sobre mim enquanto não me direcionas à eternidade, e nem apagues meu nome do *Livro da Vida*.¹⁶

Porque o exemplo das misérias temporais de Cristo deve ser, igualmente, reproduzido. [Capítulo] XX.

[1] [Senhor:] Filho, eu desci do céu por tua salvação. Recebi tuas misérias, não por necessidade, mas para que aprendesses a paciência com o uso da caridade e não te indignasses às misérias temporais. Do momento de meu nascimento até a minha partida na cruz, não me faltaram dores para suportar. Vivi na ausência dos bens temporais, ouvi frequentemente queixas sobre mim. Suportei as confusões e as afrontas com benevolência. Recebi, pelos benefícios, a ingratidão; pelos milagres, as blasfêmias; pela doutrina, as repreensões.

[2] [Devoto:] Senhor, porque tu sofreste em tua vida, cumprindo ao máximo os preceitos de teu pai, é digno que eu, pobre pecador, suporte o sofrimento, segundo a tua vontade, enquanto queiras que eu possua, por minha salvação, o fardo da corrupção. Pois se parece difícil suportar a presente vida, ela também se faz muito meritória por tua graça. Com o teu exemplo e o dos santos, mesmo os resquícios de nossa doença a tornam mais tolerável e clara, e também muito mais consolável do que quando estava na Antiga Lei, quando a porta do céu persistia fechada e o caminho ao céu parecia mais escuro; quando tão poucos se preocupavam em procurar o Reino dos Céus. Nem os que então eram justos podiam entrar no Reino Celeste e se salvarem, antes de tua paixão e do resgate de tua sagrada morte.¹⁷

[3] [Devoto:] Ó, quantas graças tenho para te atribuir durante o bom e correto caminho. Tu te dignaste a mostrar, a mim e a todos os fiéis, o teu eterno Reino, pois tua vida é nosso caminho, e andamos no santo sofrimento até ti, que és nossa coroa. Não fosses tu a nos prescrever e ensinar, quem se preocuparia em seguir? Ai, quantos permaneceriam para trás, ao longe, não vissem teus brilhantes exemplos? Eis que ainda nos esfriamos ouvindo teus tantos sinais e doutrinas! O que seria se não tivéssemos tanta luz para a ti seguir?

Sobre a tolerância diante das invejas e quem se prova verdadeiro ao sofrer.
Capítulo XXI.

[1] [Senhor:] O que é que tu falas, filho? Cessa de ser conquistado diante de minhas considerações e sofrimento dos outros santos! Ainda não resististe até teu sangue! Pouco é o que tu sofreste em comparação a eles, que por muito sofreram, foram tão fortemente tentados, tão dificultosamente tribulados, tão provados e exercitados em tanto! É preciso, logo, que tu conduzas tua mente para coisas mais sérias, a fim de deixar as menores. E se não te parecem menores, veja o que te faz a tua impaciência! E mesmo se parecerem pequenas ou grandes, empenha-te em sofrê-las.

[2] [Senhor:] Quanto melhor te dispões ao sofrimento, tanto mais sabiamente ages e mais intensamente prometes. Deixas o que é leve à alma e ao uso, e te prepara para não ser negligente! Não digas: “não mereço sofrer isso por tal homem, nem devo sofrer de tal modo, pois me infligiu um dano que nunca imaginei. Fosse outro, sofreria de bom grado, assim como vejo que deveria sofrer.” Tais pensamentos são muito insensatos: não

consideram a virtude dos sofrimentos e nem por quem será coroada, apenas o tamanho das pessoas e das ofensas infligidas.

[3] [Senhor:] Não há verdadeiro sofrimento àquele que só quer sofrer o que tem à vista e o que lhe agrada. O verdadeiro sofredor, entretanto, não se atenta ao que é humano, seja proveniente de seu prelado ou de outro, igual ou inferior; se exercita por um homem bom e santo ou por um perverso e indigno. É, entretanto, indiferente a toda criatura. Se algo adverso lhe acontece, seja o que for e no tempo que for, aceita de todo da mão de Deus, de forma grata, e a ele atribui um enorme ganho, pois nada que se sofre em Deus, ainda que pequeno, passa sem mérito. [4] Está, assim, livre para o combate. Se quiseses ter a vitória sem a luta, não poderás chegar à coroa do sofrimento. Se não quiseses sofrer, recusas ser coroado! Mas, se desejas ser coroado, luta com coragem e suporta com paciência! Sem trabalho, não se vai ao descanso; nem sem combate, chega-se à vitória.¹⁸

[Devoto:] Faz-me possível, Senhor, pela graça, o que me parece impossível pela natureza. Tu sabes o que não posso sofrer e quão rapidamente me desespero ao surgir de uma leve adversidade. Que qualquer tribulação me seja amável e desejada, por teu nome, pois sofrer e ser incomodado, por ti, é a grande saúde de minha alma.

Sobre a confissão da própria doença e das misérias desta vida. Capítulo XXII.

[1] [Devoto:] Confesso contra mim minha rebeldia. Confesso a ti, Senhor, minha doença. Por vezes, pouco é o que desespera e entristece. Proponho agir fortemente, mas com o advir de uma pequena tentação, fico muito angustiado. Há momentos em que sérias tentações provêm mesmo de algo vil. Enquanto me penso protegido, quando não percebo, encontro-me, às vezes, quase vencido por uma leve brisa. [2] Logo, vê, Senhor, minha humildade e fragilidade, percebidas por ti em tudo. Tem misericórdia e me tira da lama, para nela que não permaneça jogado!

[Devoto:] Isso é o que constantemente me aflige e confunde diante de ti, porque sou tão fraco e doente em resistir às paixões. E se não consentir, de todo, que ao menos sua infecção não me seja molesta e séria. Muito me aborrece viver assim, cotidianamente em disputa. Nisso, minha doença se faz notar em mim, pois as fantasias abomináveis sempre aparecem com maior facilidade do que partem.

[3] [Devoto:] Fortíssimo Deus de Israel, zelador das almas fiéis, veja o trabalho e as dores de teu servo, e lhe assistas em tudo, no que quer que persevere! Revigora-me com a força do céu, para que o homem velho, a mísera carne, ainda não sujeita ao espírito,

possa ser dominado, contra quem é necessário lutar enquanto se respira nesta mísera vida!¹⁹ Ai, o que é esta vida, na qual não faltam tribulações e misérias, na qual tudo é cheio de armadilhas e inimigos, pois a uma tribulação ou tentação, outra nova se aproxima! E também enquanto dura o conflito, muitas outras coisas, inesperadas, recaem sobre mim! [4] E de que modo a vida pode ser amada, tendo tantas amarguras, sujeita a tantas calamidades e misérias? E, ainda, quanto se diz que a vida tanto cria a morte e as pestes? Entretanto, é ainda amada por muitos, que nela procuram se deleitar. O mundo se repreende com frequência, porque é falacioso e vão, mas, entretanto, não é deixado com facilidade, pois as concupiscências se dão à carne em excesso. Mas há coisas que conduzem ao seu amor, e coisas que conduzem ao seu desprezo. Trazem ao amor do mundo, o desejo da carne, o desejo dos olhos e a soberba da vida; os castigos e as misérias os seguem; parem o ódio ao mundo e o tédio. [5] O deleite deformado, também, infelizmente, vence a mente dedicada ao mundo. Essa atribui às delícias, disfarçadas sob os sentidos, a suavidade e o frescor interno das virtudes, às quais não reconhece e nem os prova. Mas, aqueles que desprezam o mundo perfeitamente e se empenham em viver com Deus, sob santa disciplina, não ignoram a divina doçura da verdade e a promessa aos renunciantes, e veem com maior clareza o quanto o mundo erra e as tantas vezes em que ilude.

Por que se deve descansar em Deus acima de todas as dádivas. Capítulo XXIII.

[1] [Devoto:] Acima de tudo e em tudo, descansa sempre no Senhor, minha alma, pois é o eterno descanso dos santos. Dá-me, docíssimo e amadíssimo Jesus, o descansar em ti, acima de toda criatura, acima de toda saúde e beleza, acima de toda glória e honra, e acima de todo poder e dignidade, acima de toda sabedoria e sutileza, acima de todas as riquezas e artes, acima de toda satisfação e exultações, acima de toda fama e louvor, acima de toda suavidade e consolação, acima de toda esperança e promessa, acima de todo mérito e desejo, acima de toda dádiva e oferta que possas dar e infundir, acima de toda alegria e júbilo que a mente possa apreender e sentir! Por fim, acima dos anjos e arcanjos, e acima de todo exercício do céu, acima de tudo o que é visível e acima de tudo o que tu, meu Deus, não és, [2] pois tu és meus Deus, o melhor acima de tudo.²⁰

[Devoto:] Tu és o único ao alto; Tu és o único em poder; Tu és o único em suficiência e completude; Tu és o único em suavidade e consolo; Tu és o único em beleza e amor; tu és o único em nobreza e glória; e, acima de tudo, em quem, simultaneamente,

está sempre o que foi e será bom e perfeito. Por isso, o que quer que me dê além de ti, ou de ti reveles ou prometas, será menos e insuficiente, por não te ver ou nem te ter completamente! De que modo meu coração pode, de fato, descansar verdadeiramente ou se contentar totalmente se não descansar em ti e transcender todas as dádivas e toda criatura?

[3] [Devoto:] Ó, meu esposo amado, Jesus Cristo, amante puríssimo, dominador universal das criaturas, quem me dá as penas da verdadeira liberdade para voar e pousar em ti! Ó, quando me será dado dispor e ver, plenamente, quão suave és, Senhor, o meu Deus? Ó, quando me juntarei, plenamente, a ti, para que eu não sinta a mim mesmo por teu amor, mas somente a ti, acima de todo sentido e limite, não conhecidos por qualquer um? Agora, porém, gemo com frequência e carrego minha infelicidade com dor, pois muitas coisas más me ocorrem neste vale de lágrimas e misérias, as quais, por muitas vezes, me conturbam e turvam; por vezes, impedem e distraem, atraem e incomodam para que eu não tenha acesso a ti e nem desfrute de teus abraços jucundos, sempre prontos aos espíritos abençoados! Que meu suspiro te mova e a desolação se multiplique pela terra!

[4] [Devoto:] Ó, Jesus, esplendor da glória eterna, alívio da alma que peregrina! Diante de ti, minha boca fala sem voz, pelo silêncio: até quando demorará a vir meu Senhor? Venha a mim e faça alegre o seu pobrezinho servo! Envia sua mão e me retira de todas as angústias! Vem, vem, porque sem ti não haverá dia ou momento feliz, porque tu és minha felicidade e sem ti, minha mesa estará vazia. Sou miserável, como se estivesse encarcerado e afligido por grilhões, até que a presença de tua luz me reestabeleça e me dê a liberdade, demonstrando tua amável face! [5] Alguns procuram por ti como algo que os liberte; a mim, porém, nada mais agrada senão tu, meu Deus, minha esperança e salvação eterna! Não me calarei nem me pararei de rezar, até que tua graça volte e tu me fales no interior.

[Senhor:] Eis me aqui! Eis que a ti venho, porque me convocaste com tuas lágrimas, ao desejo de tua alma. A humilhação e a contrição de teu coração inclinaram-me e me conduziram até ti.

[Devoto:] Eu falei! Chamei-te, Senhor, e desejei desfrutar de ti. Estou preparado para rejeitar tudo por ti, pois tu, primeiro, me exercitaste para que eu te procurasse. Logo, seja bendito, Senhor, por fazeres essa bondade com teu servo, segundo a multidão de tuas misericórdias! [6] O que mais o teu servo tem que dizer em tua presença, senão muito se humilhar diante de ti e lembrar-se, sempre, da própria iniquidade e vileza? Pois não há nada semelhante a ti dentre todas as maravilhas do céu e da terra! Tuas obras são muito

boas; teus juízos, verdadeiros, e tua providência, governa o universo! Logo, louvor e glória a ti, ó, sabedoria do pai! Minha boca Te louva e Te bendiz, assim como minha alma e toda a criação!

Sobre a recordação dos múltiplos benefícios de Deus. Capítulo XXIII.

[1] [Devoto:] Abra meu coração, Senhor, á tua lei, e me ensina a andar em teus preceitos. Dá-me compreender tua vontade e, com grande reverência e amorosa consideração, lembrar de teus benefícios, tanto gerais quanto específicos, para que eu me valha, por eles, retribuir com dignidade as graças! Sei de verdade, e confesso que nem no menor dos pontos posso me eximir do dever das graças e louvores. Eu sou menor que todos os bens que me foram oferecidos, e espero quando tua vontade falta para a grandeza de meu espírito.

[2] [Devoto:] Tudo o que temos na alma e no corpo e o que quer que possuamos, seja exterior ou interior, natural ou sobrenatural, são teus benefícios. Esses benefícios, a piedade e o bem, em ti confiam, de quem recebemos tudo o que é bom. E ainda, se alguns recebem muito e outros pouco, todos são teus. Sem ti, nem o mínimo se pode possuir.

[Devoto:] Aquele que recebe o maior, não pode se glorificar no próprio mérito, nem se elevar acima dos outros ou insultar os menores, pois maior e melhor é aquele que menos tem e agradece com maior humildade e também devoção. E aquele que se considera inferior e se julga indigno, está mais apto a receber o maior. [3] Aquele, porém, que recebe pouco e se entristece, não deve se conduzir de forma indigna e nem invejar os mais ricos, mas antes deve se direcionar a ti e louvar tua grandiosa bondade, porque tu expandes tuas ofertas sem distinção de pessoas, com tamanha fluidez, graça e liberalidade! Tudo provém de ti, e por isso deves ser louvado em tudo. Tu sabes o que enviar a cada um como dádiva, porque este tem menos e este mais. Não cabe a nós, porém, discernir o que é teu. Em ti, estão definidos todos os méritos particulares.

[4] [Devoto:] Nisso, Senhor Deus, reconheço também como um grande benefício não ter muito. É apenas exterior o que aparece, segundo os homens, como louvor e glória. Assim, que ninguém conceba como motivo de aflição, tristeza ou desespero a percepção da pobreza e vileza de sua pessoa, mas, antes, como motivo de consolação e grande apreço, pois tu, Deus, elegeste como teus familiares e convivas, os pobres, os humildes e os desprezados por este mundo. São testemunhas os próprios apóstolos, aos quais constituíste príncipes sobre todas as terras, e, entretanto, estiveram no mundo sem

disputas, convertidos. Foram tão humildes e simples, sem qualquer maldade e dano, e também se alegraram ao sofrer injúrias por teu nome. Com grande afeto, eles abraçavam o que horrorizava o mundo.

[5] [Senhor:] Logo, não debes ficar assim feliz por nenhum amante teu ou benfeitor. Como tua vontade está no Senhor e seus benefícios, à tua eterna disposição, debes, com esses, te contentares e te consolares, para que assim queiras ser, de bom grado, o menor, assim como há quem deseja se tornar maior. E assim, estejas pacífico e contente, no primeiro ou no mais novo lugar; também assim estejas, desprezado e abjeto, tanto sem reputação alguma quanto honrado pelos outros ou tido como maior no mundo.²¹

[Devoto:] A vontade e o amor à tua honra devem exceder tudo e te serem mais consoladores. Antes agradar do que a si dar, ou já dados, todos os benefícios!

Sobre as quatro importâncias que resultam em grande paz. Capítulo XXV.

[1] [Senhor:] Filho, agora te ensinarei o caminho da paz e da verdadeira liberdade.

[Devoto:] Faz-, Senhor, como dizes, pois me é grato ouvi-lo.

[Senhor:] Empenha-te, filho, em antes fazer a vontade dos outros do que a tua. Escolhe, sempre, ter menos do que mais. Procura, sempre, um lugar inferior e abaixo de todos. Anseia e ora, sempre, para ter vontade íntegra. Eis como o homem adentra os fins da paz e da quietude.

[2] [Devoto:] Senhor, estas tuas sentenças são muito breves, e em si contém a perfeição. Pouco foi dito, mas cheio de sentido e fértil em seus fruto!. Pois se eu puder me guardar, fielmente, não deveria haver, facilmente, tanta perturbação. Pois se me sinto, todos os dias, em conflito e aflito, encontro nessa doutrina o que receber. Mas tu, que podes tudo e sempre amas o progresso da alma, torna ainda maior a graça, para que eu possa completar tuas sentenças e alcançar minha salvação.

Oração contra os maus pensamentos.

[3] [Devoto:] Senhor, meu Deus, não te distancies de mim! Meu Deus, olha em meu auxílio, uma vez que se levantam em mim vários pensamentos e grandes temores que afligem minha alma. De que modo passarei ileso? De que modo as destruirei? “Eu”, diz, “irei diante de ti. Por ti, humilharei os gloriosos.”

[Senhor:] Aparecerei na porta do cárcere e te revelarei os antigos segredos.

[Devoto:] Faz, Senhor, como falas!

[Senhor:] Fugam de ti todos os pensamentos iníquos!

[Devoto:] Esta é minha única esperança e minha consolação: fugir para ti em toda tribulação; confiar em ti; chamar-te de meu íntimo; e esperar, com paciência, tua consolação!

Oração para a iluminação da mente.

[4] [Devoto:] Clarifica-me, bom Jesus, com a claridade da luz eterna, e leva todas as trevas da pequena moradia de meu coração! Coíbe as más divagações e todas as tentações que me violentam! Combata fortemente por mim, e eu combaterei as maldades, as bestas e as concupiscências, que digo serem sedutoras, para que se faça a paz em tuas virtudes e ressoem em abundância teus louvores nas santas igrejas, isto é, as consciências puras! Ordena os ventos e as tempestades! Diz aos mares e a Aquilônio que se aquietem!²² Que não demores e haja grande tranquilidade! [5] Emite tua luz e tua verdade, para que iluminem sobre a terra, pois eu sou terra vazia e inútil, até que me ilumines! Derrama de cima a tua graça, banha meu coração com o orvalho celeste, irriga as águas da devoção sobre a face da terra, para que produza frutos bons e ótimos. Eleva a mente suprimida pelas maquinações dos pecadores e suspende aos céus todos os meus desejos, para que, tendo provado a suavidade da felicidade superior, aborreça-me ao pensar nas coisas terrenas!

[6] [Devoto:] Arrebata-me e me retira de toda consolação das criaturas induráveis, pois nada criado consegue aquietar plenamente o meu apetite e me consolar. Une-me a ti, em vínculo de amor inseparável, uma vez que tu, sozinho, és suficiente para o amante, e sem ti, todo o universo se torna frívolo!

Sobre o evitar das curiosas perguntas a respeito da vida superior. Capítulo XXVI.

[1] [Senhor:] Filho, não sejas curioso, nem cries questões vazias. O que significam a ti isso ou aquilo? Tu, segue-me! Pois o que significam a ti o que algo seja, de tal ou tal forma, ou o que isto faz ou como fala? Tu, não te indignes a responder por outros, mas te devolve tua própria razão! Logo, com o que te implicas? Eis que eu conheço tudo e vejo o conjunto de tudo o que se faz sob o Sol. Sei o que há para cada um, o que pensa, o que

quer e a qual fim se tende sua intenção. Portanto, tudo deve ser a mim entregue. Tu, por tua vez, te protejas em boa paz e deixa o agitado se agitar como queira! Virá sobre ele o que fizer ou disser, pois não se pode faltar comigo.

[2] [Senhor:] Não te sejam preocupações a sombra de um grande nome, também a familiaridade com muitos, e nem o amor particular dos homens. Esses, pois, geram destruição e grande obscurecimento no coração. Falarei, de bom grado, minhas palavras a ti e revelarei o que está escondido, se observares, com amor à causa, a minha vinda e me abrires a porta do coração. Está pronto, vigia em oração, e te humilha em tudo!

No que consiste a paz de coração e o verdadeiro progresso. Capítulo XXVII.

[1] [Senhor:] Filhos, eu falei. Deixo-vos, a paz; dou-vos minha paz. Não vos dou como o mundo dá, mas no que consiste a verdadeira paz, uma preocupação que não é de todos. Minha paz está com os humildes e mansos de coração. Tua paz estará na muita paciência. Se me escutares, se tiveres seguido minha voz, desfrutarás de muita paz.²³

[Devoto:] O que então farei?

[Senhor:] Atenta-te em tudo o que fizeres e o que disseres, e assim dirige toda tua intenção, para que apenas a mim agrades e nem desejes ou procures nada além de mim. Também não temas nenhum julgamento dito ou feito por outros, nem te impliques no que não te disser respeito, e poderás ser pouco ou raramente perturbado. [2] Nunca, entretanto, te faça sentir alguma perturbação, ou sofras por alguma doença do corpo: não se trata do tempo presente, mas da condição para o eterno descanso. Logo, não estimas ter alcançado a verdadeira paz se não sentires nenhuma dificuldade, nem se, então, só houver o bem. Se não sofres ter algum adversário, também não haverá perfeição, pois tudo se fará segundo teus afetos. Não poderás te atribuir algo significativo, ou estimares algum amor especial, se estiveres em grande devoção e também doçura, pois nisso não se conhece o verdadeiro amor às virtudes e nem consiste em progresso e perfeição humana.

[3] [Devoto:] Logo, no que consiste, Senhor?

[Senhor:] Em oferecer-te, de todo coração, à vontade divina. Em não procurar o que é teu no pouco e nem no grande, nem no tempo e nem na eternidade. Assim, com um mesmo ânimo e com ações de graça, permaneças entre o próspero e o contrário, de igual peso na balança. Se fores tão forte e constante em esperança quando te for retirada a consolação interior, terás te preparado para também sustentar teu coração em outras, mais intensas. Não justifiques o que deves ou não sofrer, mas justifiques, por mim, todas as

tuas disposições. Louves a santidade; andes, então, no caminho da paz, correto e verdadeiro, e assim haverá a certeza da esperança no anterior júbilo: verás a minha própria face! Que tu alcances o pleno desprezo de ti próprio. Sabe que desfrutarás, então, da abundância da paz, segundo as possibilidades de teu desterro.

Sobre a eminência da mente livre, merecida antes pela súplica das orações do que pela leitura frequente. Capítulo XXVIII.²⁴

[1] [Devoto:] Senhor, esta é a obra do homem perfeito: nunca relaxar a intenção aos ânimos os céus, e dentre as muitas preocupações, conseguir passar quase sem elas, não por comportamentos torpes, mas por privilégio de uma mente livre, distante das afeições desordenadas das criaturas.

[2] [Devoto:] Imploro, meu Deus pientíssimo, preserva os cuidados a esta minha vida, para que eu não seja atado pelas muitas e excessivas necessidades do corpo, nem consinta com os obstáculos universais das almas e me desespere, dilacerado por doenças. Entretanto, não digo sobre o que a vaidade mundana busca com todo afeto, mas sobre as misérias que pesam e atrasam, como castigos, a alma de teu servo à maldição comum da morte, a fim de que não possa adentrar a liberdade de espírito todas as vezes que quiser.

[3] [Devoto:] Ó, meu Deus, doçura inefável, verte-me em amargor toda consolação carnal que me retire do amor eterno e me atraia ao mal com a visão de presentes bons e deleitáveis. Não me vençam, meu Deus, não me vençam a carne e o sangue! Não me enganem o mundo e sua breve glória! Não me suplantem o diabo e sua astúcia! Dá-me a força para resistir, a paciência para tolerar, a constância para perseverar. Dá-me, no lugar de todas as consolações do mundo, a suavíssima união com teu espírito, e no lugar do amor carnal, derrama o amor de teu nome!

[4] [Devotos:] Eis que a comida, a bebida, as vestes e demais utensílios utilizados para o sustento do corpo, são fardos à persistência do fervor de espírito. Atribui-lhes um uso equilibrado, sem excessivo desejo. Não é possível rejeitar tudo, pois a natureza precisa se sustentar. No entanto, a Lei Santa proíbe o supérfluo e o que por demais deleita, porque de outra forma, a carne se torna insolente diante do espírito. No meio disso, peço que tua mão me governe e ensine, para que não haja excessos.²⁵

Por que o amor particular atrasa ao máximo o Sumo Bem. Capítulo XXIX.

[1] [Senhor:] Filho, é preciso que tu te dês de todo em tudo, sem que haja algo de ti. Sabe que teu amor te prejudica mais do que qualquer outra coisa do mundo. Crias o amor e afeto por algo segundo teu maior ou menor apego. Se teu amor for puro, simples e bem ordenado, não serás prisioneiro de nada. Não desejes o que não se pode ter. Não tenhas o que te possa impedir e privar da liberdade interior. Chama a atenção que tu não te entregues a mim de todo, no fundo de teu coração, junto de tudo o que se pode desejar ou ter!

[2] [Senhor:] Então, por que te consomes em inútil melancolia? Por qual motivo te cansas com preocupações supérfluas? Fica junto de meus benefícios, e não sofrerás nenhum dano. Se ficares procurando por isso ou aquilo, e quiseses estar aqui ou ali por te ser mais confortável e por ter mais benefícios, nunca estarás na quietude, nem livre de preocupações, pois em tudo se encontra algum defeito, e em todo lugar haverá algo contrário. [3] Portanto, as conquistas ou rendimentos exteriores em nada ajudam, e antes devem ser desprezadas e extirpadas pela raiz. Que não te acostumes com tantas riquezas e compreendas: ao contrário, o desejo pelas honras e louvores vazios também passam, junto do mundo.

[Senhor:] Qualquer lugar estará pouco protegido se faltar o furor de espírito. A paz não permanecerá por muito tempo se procurada do lado de fora, nem se do coração se esvair seu verdadeiro fundamento. Assim será se não permaneceres em mim: nem toda mudança é para melhor, pois surgida e aceita a ocasião, encontrarás aquilo do qual fugiste, e de forma ainda mais intensa.²⁶

Oração para a purificação do coração e da sabedoria celestes.

[4] [Devoto:] Confirma-me, Deus, pela graça do Espírito Santo! Dá as virtudes e as reforça no interior. Tira meu coração de toda preocupação inútil e das angústias, para que não seja levado pelos vários desejos, vis ou preciosos, e também veja tudo como transitório, assim como eu, que também sou transitório, pois não há nada que permaneça sob o Sol senão as vaidades e a aflição de espírito.

[Devoto:] Ó, quão sábio é que assim considera! [5] Dá-me, Senhor, a sabedoria celeste, para que, acima de tudo, eu te procure e encontre; para que, acima de tudo, eu saiba e compreenda.²⁷ Dá-me recusar os afagos com prudência, e aguentar as adversidades com paciência, pois essa é a maior sabedoria que há. Que o vento das

palavras não possa me mover, nem alcancem meus ouvidos os maldosos afagos das sereias, pois assim se persevera, com segurança, no caminho começado.

Contra as línguas dos detratores. Capítulo XXX.

[1] [Devoto:] Filho, não te acabrunhes se alguém te considerar mal ou disser algo que não queiras ouvir. Tu deves considerar coisas piores sobre ti, e não acredita que alguém te seja inferior. Se andas pelo interior, não te deterás muito com as palavras que voam. Não é pouca prudência silenciar em maus momentos e se voltar para dentro, a mim, para não seres perturbado por nenhum juízo humano.

[2] [Senhor:] Não esteja a tua paz em bocas humanas. Pois compreendam bem ou mal, não serás, por isso, outro homem. Onde está a verdadeira paz e a verdadeira glória? Não estão em mim? Aquele que não cobiça agradar os seres humanos e nem teme desagradá-los, desfruta de muita paz. Do amor desordenado e do vão temor, nasce toda a inquietação do coração e a distração dos sentidos.

De que forma Deus deve ser chamado e bendito no instante da tribulação. Capítulo XXXI.

[1] [Devoto:] Bendito seja o teu nome, Senhor, pelos séculos! Quiseste que essa tentação recaísse sobre mim, e dela não posso fugir. Mas tenho necessidade de recorrer a ti para que me ajudes e a convertas em algo bom. Senhor, neste momento estou em tribulação e meu coração não está bem. Sou incomodado por esse sofrimento que se faz presente. E agora, pai amado? O que direi? Sou tomado pelas angústias! Socorre-me deste instante, ainda que tenha sido por isso que cheguei até aqui, a este instante! Para que tu me clarificasses quando eu estivesse por demais humilhado, e, então, por ti liberado! Agrada-te, Senhor, disso me retirar! Pois sou pobre. Pois sou pobre, Senhor! O que poderei realizar e aonde irei sem ti? Dá-me paciência, Senhor, nesta vida! Ajuda-me, meu Deus, e não temerei pelo o que quer que me aflija!

[2] [Devoto:] E agora, no meio disso tudo, o que direi? Senhor, faz tua vontade, eu a bem mereço! É preciso que eu seja atribulado e afligido, certamente, para que suporte; certamente, até que passe esta tempestade e se faça o melhor! Tua mão onipotente também é poderosa, e ainda pode me retirar desta tentação e atenuar seu ímpeto, para que eu não sucumba, castigado, assim como agiste comigo anteriormente, por muitas vezes, meu

Deus, minha misericórdia! E quanto mais difícil me for, tanto mais fácil te será minha mudança para a direita do altíssimo!²⁸

**Sobre a solicitação do divino auxílio e a confiança na recuperação da graça.
Capítulo XXXII.**

[1] [Senhor:] Filho, eu sou o Senhor que conforta no dia da tribulação. Vem a mim quando não estiveres no bem. Isto é o que mais impede a consolação celeste: converter-te tardiamente às orações. Pois, antes que tu me procures, rogues bastante, procures o consolo interno e te regeneres no exterior. Assim seja, para que tudo te sirva até que percebas o que eu sou. Pois eu elevo os que possuem esperança em mim, para que não sirva nenhum outro auxílio além de mim, nem haja remédio durável. Mas com o espírito já reestabelecido, após a tempestade, recobra-te na luz de minhas misericórdias. “Pois estou perto”, diz o Senhor. Restaurarei tudo, não apenas integralmente, mas com acúmulo abundante.

Sl 119: 151
145: 18
Is 55: 6
Fl 4: 5

[2] [Senhor:] Nunca haverá algo que me seja difícil, nem sou igual aos que dizem e não fazem. Onde está tua fé? Permanece firme e persevera. Sê homem forte, e a consolação longânime virá a ti a seu tempo. Espera-me, espera que eu virei e te curarei. A tentação é o que te incomoda, e o pavor vão, o que te assusta.

[Senhor:] O que importa a atenção com os eventos futuros, senão para teres tristeza sobre tristeza? É suficiente dizeres sobre tuas maldades, e vão e inútil se perturbar ou se afligir com o futuro que nunca chega. [3] É humano, porém, iludir-se com tais imaginações e com os símbolos do espírito, que ainda são simples, que tão levemente conduzem às sugestões do inimigo. Por sua vez, o homem não se preocupa se é verdadeiro ou falso, e se ilude e engana; se é abatido pelo amor presente ou por pavores com o futuro. Logo, que teu coração não se perturbe, nem se apavore. Acredita em mim e terás a confiança em minha misericórdia.

[Senhor:] Quando tu te estimas quase todo perdido, na maioria das vezes, é quando mereces a ganho por tua persistência. Não há perda quando acontece o que é contrário. Não debes julgar segundo o parecer do momento, nem se aparecer, ou receberes, alguma dificuldade, seja onde for, como se toda esperança te fosse levada, saindo de ti. [4] Não pense que estejas totalmente abandonado se eu enviar, de tempo em tempo, alguma tribulação, ou, ainda, retirar alguma consolação desejada. Assim, pois, se passa ao Reino dos Céus. E assim, sem dúvida, se faz a ti e aos meus outros servos, para que eu os exercite

nas contrariedades mais do que se tivessem tudo à disposição de sua libido. Eu conheço os pensamentos escondidos.

[Senhor:] Por isso, muito se faz por tua salvação seres deixado, em alguns momentos, sem o sabor, para que te eleves mais fortemente ao bom sucesso e queiras te agradar naquilo que não és. O que dei, posso tirar e restituir, de acordo com meu agrado. [5] Quando eu der o que é meu e quando retirar o que é teu, não levei porque é meu, e tudo o que é dado é bom, é tudo perfeito. Se admito que tenhas dificuldades, ou alguma contrariedade, não te indignes nem entregue teu coração. Eu posso, rapidamente, aliviar teu fardo e transformá-lo em alegria. Contudo, sou justo. O que faço contigo será muito recomendado.

[6] [Senhor:] Se sabes corretamente, e olhas com a verdade, nunca debes te entristecer, em enorme desespero, por conta das contrariedades. Antes te alegra e dá graças. Que te seja uma única alegria reconhecer que eu te aflijo com dores, sem te poupar. Assim como o Pai me amou, eu vos amo. Eu disse aos meus discípulos amados que, certamente, não os enviei à alegria temporal, mas às maiores lutas; não às honras, mas ao desprezo. Também não ao ócio, mas aos trabalhos; não ao descanso, mas à colheita de muitos frutos pela paciência.²⁹

Sobre como o criador pode ser encontrado no desinteresse por todas as criaturas. Capítulo XXXIII.

[1] [Devoto:] Senhor, ainda bem necessito da maior graça de Deus, se devo alcançar aquilo a que ninguém pode me levar, nem nenhuma criatura impedir, pois enquanto algo me retém, não posso voar livremente até ti. Aquele que desejava voar livremente, dizia: *Sl 55: 7* “Quem me dera ter penas, como uma pomba, para voar e descansar!”.³⁰ Portanto, é preciso sobrevoar toda criatura e abandonar perfeitamente a si mesmo; permanecer com mente elevada e ver que o Criador de tudo não tem nada de similar com as criaturas. E senão aquele que estiver livre de todas as criaturas, quem poderá intentar, livremente, ao divino?

[Devoto:] Assim, por isso, poucos chegam a ser contemplativos, porque não sabem que estão plenamente sequestrados pelas criaturas perecíveis. [2] Por isso, demanda-se a grande graça, a qual leva a alma e a arrebatada de si mesma. E se o ser humano não está com o espírito elevado, livre de todas as criaturas e todo unido a Deus, o que sabe, e também o que tem, não será grande coisa para considerares. Aquele que estimar algo

maior do que somente o único e eterno Sumo Bem será, por longo tempo, pouco, lançado abaixo. Aquilo que Deus não é, não é nada, e deve ser considerado como nada. E grande diferença a sabedoria do homem iluminado e devoto e o conhecimento dos literatos e também dos clérigos estudiosos. Muito mais nobre é a doutrina que vem de cima e emana da influência divina do que o que demanda o esforço da inteligência humana. [3] Muitos alcançam o desejo da contemplação, mas não exercem a dedicação necessária à sua busca.

[Devoto:] É grande impedimento que se permaneça atento e sensível às coisas que pouco servem à perfeita mortificação. Não sei a que somos conduzidos pelo espírito e o que pretendemos ao nos dizermos e parecermos espirituais enquanto agimos, com tanto trabalho e amplas demandas, pelas coisas transitórias e vis, pensando apenas raramente em reunir a plenitude de nossos sentidos na direção de Deus e de nosso interior.

[4] [Devoto:] Infelizmente, após breve recolhimento, irrompemos para fora, sem avaliarmos, por devido exame, nossas obras. Não nos atentamos para onde nossos afetos se direcionam e quão impuros são. Não nos lastimamos por nossos feitos. Porque toda a carne corrompeu seu caminho, seguiu-se o grande dilúvio!³¹ Logo, como todo o nosso afeto interior está muito corrompido, a ação seguinte, necessariamente, corrompe como cúmplice da carência de nosso vigor interno.

[Devoto:] De um coração puro, procede o fruto de uma boa vida. [5] Quanto se procura por quem fez o que, mas quanto se quer saber da virtude com que se agiu? Não se considera isso com empenho. Muito mais se cala se alguém foi pobre em seu espírito, se foi paciente e desprendido do que se alguém foi forte, rico, belo e hábil, ou bom escritor, bom cantor, bom trabalhador ou pesquisador. A natureza humana despreza os homens; a graça os converte ao interior. Aquela, frequentemente, falha; essa, tem sua esperança em Deus, e não se engana.

Sobre a negação de si e a abdicação de toda concupiscência. Capítulo XXXIII.

[1] [Senhor:] Filho, não podes possuir a perfeita liberdade se não te negares totalmente. Atrelados a si estão todos os proprietários, amantes de si mesmos, desejosos e curiosos, que sempre dão voltas à procura de molezas, e não de Jesus Cristo.³² E nisso, por vezes, se aferram e se ajustam ao que não permanece. Pois se perdem de todo no que não provém de Deus. Tem essa breve palavra consumada: deixa tudo, para encontrares tudo. Com isso em mente, quando a cumprires, tudo compreenderás.

[2] [Devoto:] Senhor, isso não é obra para um dia, nem jogo de criança. Nessa breve palavra, ao contrário, está inclusa toda a perfeição de todos os religiosos.

[Senhor:] Filho, não deves a ela dar as costas, nem abandonar o que ouvistes do caminho perfeito, mas antes te provocar às coisas sublimes, e ao menos suspirar por esse desejo. Que assim de todo fosse e o alcançasses. Não sejas amante de ti mesmo, mas permaneças às minhas ordens e às daquele que pus diante de ti, como pai.³³ Então muito me agradarás, e passarás por toda a vida com alegria e paz. Ainda tens muito o que abandonar. Se não te resignares, integralmente, a mim, não adquirirás o que pedes. Persuado-te, portanto, a retirar de mim a chama dourada, a fim de que te tornes afortunado. Isso é a sabedoria celeste, que pisa tudo o que é ínfimo. Relega toda a sabedoria humana e tua própria vontade.

[3] [Senhor:] Disse para te corrigires de toda coisa vil, em troca do que é preciso e mais elevado que as coisas humanas. Pois a verdadeira tradição e a sabedoria do céu são tidas como vil e pouca, quase esquecida. Não as percebas como elevadas, nem procures aumenta-las na terra, na qual muitos pregam com a boca, mas cujas vidas os contradizem enormemente. E, entretanto, são elas as pérolas preciosas, de muitos, escondidas.

Sobre a instabilidade do coração e sobre a intenção final de ter a Deus. Capítulo XXXV.

[1] [Senhor:] Filho, não acredita em teu afeto, pois o que é agora, rapidamente muda. Enquanto viveres, estarás sujeito às mudanças. Também não te encontres, contra vontade, ora alegre, ora triste; ora apaziguado, ora conturbado; agora devoto, agora indevoto; agora empenhado, agora preguiçoso; agora aflito, agora leve. Permanece, porém, acima dessas mudanças, sábio e bem instruído, com o espírito, e sem atender o que sentires em ti, sem ceder à parte da qual sopra o vento da instabilidade, para que assim toda a intenção da mente avance a suas obrigações e ao ótimo fim. Pois se permaneceres em um único e mesmo passo, permanecendo com o olhar direto, em intenção simples, terás deixado as tantas e várias vicissitudes.

[2] [Senhor:] Também, quanto mais pura for a intenção dos olhos, tanto mais constantemente se atravessa as diversas tormentas. Mas os olhos, muitas vezes, obscurecem sua pura intenção, pois rapidamente olham para algo deleitável que aparece. Raramente se encontram totalmente livres da própria névoa de suas considerações. Assim, certa vez, em Betânia, os judeus veneravam junto a Marta e Maria, mas não por

conta de Jesus, mas para verem Lázaro.³⁴ Logo, deve-se mudar a intenção dos olhos, para que, ou simples ou corretos, também possam ser dirigidos a mim, e não para todas as várias outras coisas que estejam no caminho.

Por que Deus se dá, acima de tudo e em tudo, a ser saboreado pelo amante.

Capítulo XXXVI.³⁵

[1] [Devoto:] Eis, Senhor meu Deus, tudo o que há! És o que quero mais intensamente, e o que posso desejar com maior felicidade! Ó, saborosa e doce palavra de Deus, que não é do mundo, nem do que há no mundo. Eis, meu Deus, tudo o que há! Teus dizeres são suficientes aos que compreendem, e repeti-los é muito jucundo ao amante. Tu estás mesmo presente, e tudo é jucundo. Mas se tu estiveres ausente, tudo se torna entediante. Tu fazes o coração tranquilo, a grande paz e a imediata satisfação. Tu fazes se sentir bem, fazes que sejas louvado por tudo e em tudo. Nada se pode sem ti. Enquanto algo agrada, também se deve, a ti, ser grato.

[Devoto:] É preciso saborear bem a tua graça presente, temperada com a tua sabedoria. [2] Tu sabes o que é correto a alguém que não sabe, e sabes da jucundidade que não poderia haver senão em ti. Mas em tua sabedoria, teus saberes faltam ao mundo. Aqueles que saboreiam a carne, nela encontram as muitas vaidades, e assim chegam à morte. Mas, aqueles que te seguem, no desprezo das coisas mundanas e na mortificação, são verdadeiramente sábios, pois, da vaidade para a verdade, transferem a carne para o espírito! Isso sabe Deus e qualquer um que encontra o bem nas criaturas e tudo atribuem, com louvores, ao seu construtor! Entretanto, é diferente, e muito diferente, o sabor do Criador e das criaturas; da eternidade e do tempo; da luz não criada e da luz iluminada.

[3] [Devoto:] Ó, luz perpétua, luz que transcende toda a criação, fulgor faiscante, penetra do sublime toda intimidade de meu coração! Purifica, clarifica, satisfaz e vivifica meu espírito com sua potência, para o apego de ti, aos teus jubilosos excessos! Ó, quando vier o bendito e desejável momento, que me faças tua presença! Que me sejas tudo em tudo! Enquanto isso não me for dado, nada será alegria plena. Infelizmente, o velho ser humano ainda vive em mim, e não está todo crucificado; não está perfeitamente morto. Ainda deseja fortemente contra o espírito, move guerras intestinas, e sofre sem o quieto reino da alma. [4] Mas a ti, que dominastes os poderes dos mares, atenua o movimento de suas ondas, levanta-te e me ajuda! Dissipa os povos que querem guerras, contém-nos

em tuas virtudes, porque não me há outra esperança ou refúgio senão em Ti, Senhor meu Deus!

Por que não há segurança nas tentações desta vida. Capítulo XXXVII.

[1] [Senhor:] Filho, nunca estarás seguro nesta vida, mas onde quer que vivas, as armas espirituais te serão necessárias. Tu vives entre inimigos que contigo combatem à direita e à esquerda. Logo, se não te utilizares do escudo da paciência, por todos os lados, não ficarás sem feridas por muito tempo. Se não puseres, sobretudo, teu coração fixo em mim, junto de toda minha vontade de sofrer e por conta de mim, não poderás sustentar o justo ardor. Não alcançarás a palma dos benditos. Logo, é preciso que tu passes corajosamente por tudo, e com mão potente para desviar os obstáculos. Ao vencedor será dado o *maná*, e o hesitante será abandonado em meio a muitas misérias.

[2] [Senhor:] Se procuras descanso nesta vida, de que modo então alcançarás o descanso eterno? Não te ponhas a muito descanso, mas à grande paciência. Procura a verdadeira paz não na terra, mas nos céus; não nos homens e nem nas criaturas da terra, mas no Deus único. Por amor de Deus, debes te submeter, de bom grado, a tudo: aos trabalhos e às dores, às tentações, às humilhações, às ansiedades, às necessidades, às enfermidades, às injúrias, às oposições, às repreensões, às humilhações, às confusões, às correções e aos desprezos. Isso tudo ajuda às virtudes, testa o temor a Deus e fornece a coroa celeste. Eu concederei a recompensa eterna pelo breve trabalho; a glória infinita pela confusão transitória.

[3] [Senhor:] Tu pensas que sempre terás à tua vontade as consolações espirituais? Meus santos nem sempre as tiveram, mas se sustentaram em tudo, pacientemente, entre muitas dificuldades, entre várias tentações e grandes desolações. Antes confessaram a Deus do que confiaram na própria sabedoria, pois não é digno prometer as paixões deste tempo às glórias futuras. Tu queres ter, imediatamente, o que muitos obtiveram apenas depois de muitas lágrimas e enormes trabalhos? Espera, corajosamente, o Senhor agir e te confortar. Não desconfies! Não te apartes! Mas expõe constantemente teu corpo e alma para a glória de Deus. Eu a concederei em toda sua plenitude, e estarei contigo em toda tribulação.

Contra os vãos juízos dos homens. Capítulo XXXVIII.

[1] [Senhor:] Filho, lança corajosamente teu coração ao Senhor, e não temas os juízos humanos enquanto tua consciência te conceder a piedade e a inocência. Bom e bendito é sofrer dessa forma e não ter o humilde coração aflito, mas antes estar confiante a Deus. Muitos falam muito, e, por isso, neles se deve por pouca confiança. Mas não é possível satisfazer a todos. Se Paulo se empenhou em agradar a todos no Senhor e tudo fez por todos, entretanto também pouco se importou no dia em que foi julgado por humanos. [2] Ele fez o suficiente pela edificação e salvação dos outros, tanto quando pôde, mas não pôde impedir que os outros com ele faltassem e lhe julgassem. Por isso, entregou tudo a Deus, a quem conhecia o totalmente, e se defendeu contra as falas iníquas e os pensamentos vazios e incorretos, e também contra o que lhe atiravam por conta da libido. Entretanto, chegou a responder para que seu silêncio não gerasse escândalo entre os doentes.

[3] [Senhor:] Quem és tu para temeres o ser humano mortal, que hoje existe e amanhã desaparece? Teme a Deus e não te espantes com os terrores humanos. O que podem contra ti algumas palavras e injúrias? Mais prejudica que tu não possas fugir dos juízos de Deus, sejam por quem forem. Tu tens Deus diante de teus olhos e não enfrentas as palavras conflituosas! Pois, se tu pareces, no presente, sucumbir e sofrer com confusões que não mereceste, não te indignes por isso, nem diminuas tua coroa pela impaciência, mas antes olha para mim, no céu. Sou eu o poder que retira de toda a confusão e injúrias, e concedo a cada um segundo suas obras.

Sobre a pura e íntegra resignação de si para obter a liberdade do coração. Capítulo XXXIX.

[1] [Senhor:] Filho, abandona-te e me encontrarás. Permanece sem escolha e sem qualquer propriedade, e sempre lucrarás, pois a graça aderirá a ti com maior intensidade se, imediatamente, te resignares sem reassumir tua pessoa.

[Devoto:] Senhor, irei me resignar cotidianamente e abandonar tudo, sempre e a todo momento, seja pouco ou muito.

[Senhor:] Não haja exceção. Quero te encontrar nu, em tudo. De outra forma, de que modo poderás ser meu e eu, teu, se não estiveres despojado de toda vontade, por dentro e por fora? Quando mais rápido assim agires, tanto melhor terás, e quanto mais completo e sincero, tanto mais me agradarás e fartamente lucrarás. [2] Alguns se resignam, mas com algumas exceções. Portanto, não confiam plenamente em Deus, e, por

isso, providenciam as próprias determinações. Há ainda aqueles se oferecem de todo, mas após o pulsar das tentações, retornam a si próprios, e por isso progridem minimamente nas virtudes. Esses não alcançam a verdadeira liberdade de um coração puro e a graça de minha jucunda familiaridade se não realizarem, primeiro, a resignação íntegra e a imolação cotidiana de si mesmos, sem as quais não se permanece no usufruto da união.

[3] [Senhor:] Eu te disse, por muitas vezes, e torno a dizer: abandona-te! Resignate! E desfrutarás da grande paz interna. Dá-te todo por tudo, e nada examina, nem reclama. Permaneça em mim com pureza e sem hesitar, e a mim terás. Serás livre no coração, e as trevas não pisarão em ti. Tenta, ora e deseja isto para que possas despojar-te de toda propriedade e seguir, nu, a Jesus, também nu, para que morras e vivas, eternamente, em mim. Então desaparecerão todas as fantasias, as perturbações, as iniquidades e as preocupações supérfluas. E então se retirará o temor imoderado, e morrerá o coração desordenado.

Sobre a boa condução nos exercícios e o recurso a Deus durante os perigos. **Capítulo XL.**

[1] [Senhor:] Filho, debes tender a isso com amor à causa: que em todo lugar e em toda ação ou ocupação externa, estejas livre em teu íntimo, podendo colocá-las sob ti e não tu sob elas, para que sejas o senhor e corretor de tuas ações, não servo e nem propriedade delas, mas antes liberto e verdadeiro hebreu, transitando à verdadeira liberdade dos filhos de Deus, os quais permanecem acima das coisas presentes e contemplam as eternas. São os que olham as coisas transitória com o olho esquerdo, e com o direito, as celestiais. Não se conduzem juntos às coisas temporais, mas antes se conduzem de acordo com o que está ordenado a Deus e instituído pelo Sumo Pontífice, que não deixa nada desordenado às suas criaturas.³⁶

[2] [Senhor:] Mas não permaneças, ainda, em qualquer acontecimento que aparente ser externo. Não consagues com os olhos da carne o que vês ou ouves, mas por qualquer motivo, entra com Moisés no Tabernáculo, e te aconselha com o Senhor. Às vezes, ouvirás a resposta divina e retornarás instruído sobre várias coisas do presente e do futuro. Pois Moisés sempre teve o recurso do Tabernáculo para resolver dúvidas e questões. Fugia para as orações de ajuda diante dos perigos e afrontas humanas. E, assim, tu também debes fugir para teu coração, implorando pela intenção da orientação dos segredos divinos. Por isso, assim se lê que Josué e os filhos de Israel foram enganados

pelos gabaonitas, pois não se consultaram, primeiro, com o Senhor, mas acreditaram demais nos doces discursos da falsa piedade, e foram iludidos.³⁷

Que o ser humano não seja importuno em seus negócios. Capítulo XLI.

[1] [Senhor:] Filho, entrega-me, sempre, tuas causas, e eu as bem disporei a seu tempo. Espera minha ordenação, e nisso sentirás o progresso.

[Devoto:] Senhor, entrego-as de bom grado, satisfeito, pois pouco pode progredir o meu pensamento. Que eu não me aplique muito aos acontecimentos futuros, mas me entregue prontamente ao teu beneplácito.

[2] [Senhor:] Filho, os seres humanos, por vezes, se agitam veementemente por algo que desejam, mas quando a ele chegam, começam a sentir de outra forma, pois os afetos que o envolvem não são duráveis, mas antes o impelem de uma coisa à outra. Logo, não há exagero em te abandonares ao mínimo.

[3] [Senhor] O verdadeiro progresso humano é a negação de si mesmo. O ser humano, uma vez suficientemente renegado, é livre e seguro. Mas o antigo inimigo, contrário a todo bem, não cessa de suas tentações. De dia e de noite move suas sérias armadilhas. Se puder, precipitará o descuidado no forte laço do engano. Logo, diz o Senhor: “vigiai e orai, para que não entreis em tentação”.

Mt 26: 41

Por que o ser humano não possui nada de bom e não pode se glorificar por nada. Capítulo XLII.

[1] [Devoto:] Senhor, o que é o ser humano? Por que dele te lembras? Ou, por que tu, filho do gênero humano, o visitas?³⁸ O que o ser humano te prometeu para lhe dares tua graça? Senhor, o que posso conquistar se tu me faltares? Ou, que justiça alegarei se não fizeres o que peço? Por certo, de verdade posso isto dizer e pensar: “Senhor, nada sou, nada posso, nada de bom tenho, mas me falta em tudo e tendo sempre ao nada. E se não estiver junto de ti e confortado em todo meu interior, torno-me morno e frouxo.”

[2] [Devoto:] Tu, Senhor, entretanto sempre és o mesmo e permaneces no eterno, sempre bom, justo e santo, agindo justamente e santamente em tudo, e dispondo todo esse conjunto com sabedoria. Mas eu, que antes sou orientado às faltas do que ao progresso, não sou sempre o mesmo, em uma condição que perdura, pois sete tempos mudam sobre mim!³⁹ Todavia, rapidamente se torna melhor quando te agrada estenderes tua mão em

ajuda, pois tu, sozinho, sem a intervenção humana, podes me auxiliar e em tanto me confirmar, para que meu rosto não se transforme nem varie com intensidade, mas para que meu coração se converta uma única vez em ti, e aquiete. [3] Nisso, se eu bem souber rejeitar as coisas humanas e atingir a consolação ou a devoção por conta das necessidades, pelas qual sou compelido a te procurar, não haverá ser humano que me console, e então poderei bem esperar algo de tua graça, e exultar por uma última dádiva de exultação.

[4] [Devoto:] Graças a ti por tudo o que me vem e bem sucede todos os dias! Entretanto, diante de ti, sou vaidade e nada, ser humano inconstante e doente. Logo, por que posso nisso me glorificar ou cobiçar me atribuir algo? Porventura da minha nulidade? Seria muita vaidade! A glória é, na verdade, vã, e a vaidade, a pior peste, pois a glória conduz para longe da verdade e despoja da graça celeste. Assim, enquanto o homem se agrada, desagrade a ti; enquanto se junta aos louvores humanos, priva-se das verdadeiras virtudes. [5] Entretanto, a verdadeira glória e a santa exultação são a glorificação em ti, mas não em si próprio; no alegrar-se em teu nome, mas não na própria virtude, e nem se satisfazer por alguma criatura, senão por conta de ti. Portanto, que teu nome seja louvado, e não o meu! Engradeçam-se tuas obras, não as minhas; seja bendito teu santo nome, mas nada, entretanto, me seja atribuído pelos louvores humanos. Tu és minha glória; tu és a exultação de meu coração! Em ti me glorificarei e exultarei todos os dias, entretanto não por mim, mas por minhas doenças. [6] Os judeus, entretanto, que procurem a glória humana e toda honra temporal, toda altitude humana, tolíce e vaidade comparadas à tua eterna glória!⁴⁰ Ó, minha verdade e minha misericórdia, meu Deus, bendita Trindade, a ti somente louvo!! Honra, virtude e glória pela infinidade dos séculos dos séculos! Amém!

Sobre o desprezo de toda honra temporal. Capítulo XLIII.

[1] [Senhor:] Filho, não te atraias ao veres alguns serem honrados e exaltados, mas te desprezes e humilhes. Eleva teu coração a mim, no céu, e não te entristecerás o desprezo humano na terra.

[Devoto:] Senhor, estamos em cegueira, rapidamente seduzidos pela vaidade. Se olho para mim corretamente, nenhuma criatura nunca me fará alguma injúria. Assim, não tenho como ser levado, com justiça, a me opor a ti. [2] Mas, porque pequei com frequência e de forma séria, mereço que toda criatura se arme contra mim. Logo, a confusão e o desprezo se devem à justiça. A ti, porém, apenas o louvor, a honra e glória! E se não me preparei para isso, querer ser, livremente, desprezado e abandonado por toda criatura, e

também ser percebido como quase nada, não poderei pacificar e estabelecer meu interior, nem me iluminar espiritualmente e nem me unir plenamente a ti.

Por que a paz não deve ser posta nos homens. Capítulo XLIII.

[1] [Senhor:] Filho, pões tua paz em alguma pessoa, em teu próprio parecer e convívio, pois és instável e inquieto. Se também tiveres recurso ao que sempre vive e à verdade permanente, nenhum amigo que te deixar ou morrer será motivo de tristeza. Em mim, devem estar os amigos amados, e por mim, deve-se amar aqueles que te parecem bons e muito queridos nesta vida. Sem mim, nada vale, nem nenhuma amizade durará, nem haverá amor verdadeiro e puro sem que a ele eu não me junte. Assim, debes estar morto nas afeições de teus seres amados, para que muito te pertenças o desejo de estares sem qualquer companhia humana. O ser humano tanto mais se aproxima de Deus quanto mais se distancia dos alívios humanos e terrenos. Ainda, tanto mais altamente se ascende a Deus quanto mais profundamente desce a si mesmo, rebaixando-se ainda mais.

Mc 4: 35

[2] [Senhor:] Mas, quem a si atribui algo de bom, impede que a graça de Deus a ele chegue, pois a graça do Espírito Santo sempre procura o coração humilde. Se souberes te aniquilar perfeitamente e então te esquivar do amor criado, deverei emanar em ti coisas maiores. Quando tu olhas para as criaturas, subtrai de ti o aspecto do criador. Aprende a vencer-te em tudo, para teu criador, e então te valerás alcançar os divinos pensamentos. Se algo é amado e observado desordenadamente, por menor que seja, deixa a memória do Sumo Bem, o que deve ser amado cima de tudo. Observando outras coisas, caímos em sedução.

Contra as vãs sabedorias seculares. Capítulo XLV.

Sf 1: 12

[1] [Senhor:] Filho, não te movas pelas falas humanas bonitas e sutis, pois o Reino de Deus não está nos discursos, mas nas virtudes. Atenta-te às minhas palavras, as quais ascendem ao coração e iluminam as mentes, induzem ao arrependimento e geram várias consolações. Nunca leias essas palavras para poderes ser tido como douto e sábio. Estuda a mortificação dos vícios, porque te servirão mais do que as questões muito difíceis. [2] Quando tiveres lido e conhecido muito, é preciso que sempre retornes ao único princípio: sou eu quem ensina a sabedoria aos seres humanos, e atribuo a mais clara compreensão humana que pode ser ensinada aos menores. Eu tornarei rapidamente sábio aquele que

muito progredir no espírito. Aqueles que se perguntam sobre as curiosidades, pouco se preocupam em me servir durante o caminho. Virá o tempo em que o mestre Cristo, Senhor de todos os anjos, aparecerás para ouvir as leituras, isto é, a análise das consciências individuais. Então se esquadrinhará Jerusalém com luzeiros, manifestando o que estava escondido pelas trevas, e todos os argumentos, das diferentes línguas, serão calados.

[3] [Senhor:] Eu sou quem, com um único ponto, elevo a mente humilde a compreender as razões da verdade eterna, mais do que se tivesse estudado em alguma escola por dez anos. Eu ensino sem o som das palavras, sem a confusão das opiniões, sem o tédio das horas, sem as disputas dos argumentos. Eu sou quem ensina a desprezar o que é terreno; a se entediar com o presente; a buscar o que é celestial; a saber o que é eterno; a fugir das honras e sofrer os escândalos; a por todas as esperanças em mim; a aprender que não há nada além de mim; e a me amar, ardentemente, acima de tudo.

[4] [Senhor:] Alguns, pois, aprenderam a amar as coisas divinas e a falar maravilhas, progredindo mais, ao abandonarem tudo, do que estudando sutilezas. Mas a outros, falo de forma comum; a outros, de forma especial. Apareço para conduzir alguns por sinais e imagens; a outros, por sua vez, revelo os mistérios com muita luz. Assim, a voz dos livros informa a todos, mas não igualmente, pois sou o doutor da verdade interior, quem estuda os corações, compreende os pensamentos e promove as ações distribuindo, a cada um, de acordo com o que julgo justo.

Sobre não atrair para si as coisas exteriores. Capítulo. XLVI.

[1] [Senhor:] Filho, é preciso que tu sejas ignorante e te estimes como morto sobre a terra, como se todo o mundo fosse crucificado. Ainda é preciso que alcances muitas coisas às quais teus ouvidos são surdos, e, antes, penses no que há para tua paz. Muito mais útil é desviar os olhos da displicência e abandonar cada um à sua opinião, do que te desamparares com discursos contenciosos. Se bem permaneceres com Deus e olhares para seus juízos, mais facilmente te conduzirás como vencido.

[2] [Devoto:] Ó, Senhor, aonde chegamos? Eis que se chora o dano temporal; trabalha-se e se preocupa por questões pequenas, enquanto o dano espiritual passa ao esquecimento, sendo lembrado apenas tarde demais! Por que se atenta ao pouco e ao que nada serve e se adia, com negligência, o que é necessário?

[Senhor:] Porque o ser humano se esgota totalmente ao que é externo e não se recobra, lançando-se, livre, ao seu exterior.

Por que não se deve acreditar em todos e sobre o erro fácil das palavras.
Capítulo XLVII.

[1] [Devoto:] Dá-me, Senhor, o auxílio em meio à tribulação, pois a salvação humana é vã! Quantas vezes, nela encontrei a fé que eu não pensava ter! Também a encontrei, sempre, onde menos presumia que estivesse. Logo, a esperança nos seres humanos é vã, e a salvação dos justos está em ti, Deus! Bendito sejas, Senhor, meu Deus, por tudo o que nos acontece! Somos doentes e instáveis, rapidamente caímos e nos transformamos. [2] Qual é o homem que assim, com cautela e envolvimento, possa de tudo se proteger, sem que lhe venha algum engano ou surpresa? Mas aquele que confia, internamente, em Deus e o busca com simplicidade de coração, não fraqueja facilmente. Se lhe acontece alguma tribulação pelo o que quer que seja, ainda que nela esteja implicado, por ti rapidamente se esquivou ou é consolado, pois não deixa de ter esperanças em ti até o fim!

[Devoto:] É raro o amigo fiel que persevera junto a todas as opressões a seu amigo. Tu, Senhor, tu sozinho, és o mais fiel, em tudo e por tua conta, não há outro que assim seja. [3] Ó, quão bem soube aquela alma que disse: “Minha mente está consolidada e fundamentada em Cristo!”⁴¹ Se assim for comigo, o temor humano não me preocupará tão facilmente, nem me moverão as lanças das palavras! Quem prevê tudo? Quem se satisfaz ao prevenir os males do futuro? Se as previsões, muitas vezes, já lesam, o que o imprevisto não ferirá gravemente? Mas por que não me provi melhor!⁴² Por que também nelas acreditei tão facilmente? Mas somos humanos, não frágeis por outros motivos! Somos humanos, ainda que muitos se estimem e se digam anjos.

[Devoto:] Em quem acreditarei, Senhor? A quem, se não em ti? És a verdade que não falha e não pode falhar. Todo ser humano é uma nova mentira, é doente e instável, fraco ao máximo diante do que parece soar a sua face. [4] Quão prudentemente previste que nos acautelássemos com o ser humano, pois seus inimigos são seus próximos, e neles não se deve acreditar se disserem: “eis aqui” ou “eis ali”. Instruído sou nos danos, e que me haja maior cautela, e não insensatez. Alguém diz: “és cauteloso, estejas sempre cauteloso! Guarda para ti o que digo”. E enquanto eu o guardo e confio no segredo, ele mesmo não o pode guardar. Perguntam e imediatamente se trai, junto de mim, a quem rejeita. Protege-me, Senhor, de casos como esse e dos cuidados humanos! Que eu não caia em suas mãos, nem alguma vez cometa algo parecido.

[Devoto:] Põe, em minha boca, a verdadeira e estável palavra, e deixa as línguas maliciosas longe de mim! Devo me acautelar contra o que o que não quero de todo sofrer!

[5] [Devoto:] Ó, quão bom e pacífico é se silenciar sobre os outros, não acreditar em tudo, indiferente, nem contar com facilidade o pouco que foi revelado anteriormente, procurar sempre a ti, observador dos corações, e nem se envolver por todo vento das palavras, mas ansiar pelo íntimo e não pelo exterior, segundo o benefício de tua vontade! Quão seguro é fugir da aparência humana para a conservação da graça celeste e não cobiçar o que, do lado de fora, parece manifestar admiração, e acompanhar, com toda prontidão, o que dá a correção para a vida e o fervor!

[6] [Devoto:] A quantos prejudicou o conhecimento de suas virtudes, precocemente louvadas! Quanto serviu o silêncio da saudável graça, protegida nesta vida frágil, a qual toda tentação leva às armas!

Sobre a confiança que se deve ter em Deus quando se levantam as lanças das palavras. Capítulo XLVIII.

[1] [Senhor:] Filho, tua esperança em mim é forte! O que são palavras senão palavras? Voam pelos ares, mas não ferem a pedra. Se és culpado, pensa como queres livremente te corrigir. Se pensas com tua consciência que nada tens, então queiras livremente suportar em Deus. É suficiente que tu suportes, em alguns momentos, as palavras, enquanto tu não possas com a força dos açoites. E por que tão pouco passa ao teu coração se não por que és ainda carnal e precisas dos homens mais do que pretendes? Assim, porque temes ser desprezado e não queres ser repreendido por teus excessos e desculpas, procuras o sombreado.

[2] [Senhor:] Mas olha melhor para ti e saibas que o mundo ainda vive em ti, e é vazio o amor que agrada aos seres humanos. Pois, enquanto foges de ser abatido e confundido por teus defeitos, dá provas de que assim não és verdadeiramente humilde, nem verdadeiro morto ao mundo e nem o mundo crucificado para ti. Mas, ouve minha palavra, e não te preocuparás nem por dez mil palavras humanas.

[Senhor:] Eis que tudo que poderia ser dito contra ti, mesmo por malícia, como haveria de te prejudicar se permitisses que passasse totalmente? Não seria mais pesado que um fio de palha, ou nem ao menos poderia te tirar um fio de cabelo! [3] Mas quem não tem o coração em seu interior, nem Deus diante dos olhos, facilmente se altera pelas palavras ultrajantes.

Mc 4: 35

[Senhor:] Entretanto, quem em mim confia, sem cobiçar permanecer em seu próprio juízo, ficará sem nenhum terror humano. Eu sou o juiz e conhecedor de todos os segredos. Eu sei o que foi feito. Eu conheci quem injuriasse e quem suportasse. Veio de

Lc 2:35

mim essa palavra: “ permiti que acontecesse para que se revelassem os pensamentos de muitos corações”. Eu julgarei o culpado e o inocente, mas em oculto juízo quis provar ambos.

[4] [Senhor:] O testemunho humano muitas vezes falha. Meu juízo é verdadeiro, permanece e não se subverte. A maioria não o percebe, e a poucos se mostra, pontualmente. Entretanto, nunca erra, e nem pode errar, também porque aos olhos dos insensatos, não é percebido corretamente. Logo, a mim se deve recorrer em todos os juízos, e não os deixar ao próprio julgamento. Pois, o justo não se entristece pelo o que quer que for que Deus lhe faça, e também não se preocupará muito se algo injusto for proferido contra ele. Mas não se exultará de forma vazia se, com razão, lhe pedirem desculpas, porque considera que eu perscruto seu coração e os rins, e que não julgo segundo a face e a aparência humana, porque, muitas vezes, se acha culpável aos meus olhos o que o juízo humano acredita louvável.⁴³

[5] [Devoto:] Senhor, Deus justo, forte e paciente, que conhecestes a fragilidade e os defeitos humanos, sê meu vigor e toda minha confiança, pois minha consciência não me é suficiente. Tu conheces o que eu não conheci. Por isso, devi me humilhar por todas tuas repreensões e sustentar minha mansidão! Desculpa-me, ainda, Senhor! Sê-me propício por todas as vezes que assim não agi! Dá, novamente, a graça do sofrimento mais intenso! Pois me é melhor tua farta misericórdia para a sucessão do perdão do que minha ideia de justiça em defesa do que não percebe minha consciência. E se eu não sou consciente de nada, não posso, por isso, ainda me justificar, porque com tua misericórdia distante, nenhum vivente pode ser justificado sem tua presença.

Por que toda seriedade deve ser tolerada pela vida eterna. Capítulo XLIX.

[1] [Senhor:] Filho, não te mortifiques com os trabalhos que assumiste por minha causa, nem te desesperem as tribulações, sejam quais forem, mas que a minha promessa te revigore e console em todas as ocasiões. Eu sou suficiente para conceder acima de toda forma e medida. Não trabalharás aqui por muito tempo, nem sempre te afligirás pelas dores. Espera um pouco, depressa estarás sem o mal. Virá o momento em que cessarão todos os trabalhos e tumultos. É pouco e breve tudo o que passa com o tempo.

Mc 4: 35 **[2]** [Senhor:] Aja como ages! Trabalha, fielmente, em minha vinha.⁴⁴ Eu serei tua recompensa. Escreve, lê, canta, geme, cala, ora e suporta, corajosamente, o que é contrário. A vida eterna é digna de todas essas maiores batalhas. Virá a paz no dia conhecido pelo Senhor, e não haverá mais dias e nem noites deste conhecido tempo, mas sim a luz perpétua, a infinita claridade, a paz firme e o descanso seguro. Não dirás, então: “quem me libertará deste corpo de morte?” Também não clamarás: “Ai de mim, porque meu desterro se prolonga!” Com a morte prescrita, a salvação será completa, e a ansiedade, nula; a juncundidade, bendita; a companhia, doce e esplendorosa!

Rm 7: 24 **[3]** [Senhor:] Ó, se visses as coroas perpétuas dos santos no céu e em quanta glória também exultam aqueles que, certa vez, foram desprezíveis a este mundo e tidos quase como indignos em vida. O progresso é humilhar-te imediatamente, até alcançares a terra, e afeiçoar-te a seres submisso a todos, ao invés de um só conduzir. Não desejes, nesta vida, dias alegres, antes te alegres ser tribulado por conta de Deus e seres tido por nada entre os homens, e tu te conduzirás ao máximo ganho.

Sl 119: 5 **[4]** [Senhor:] Ó, se isso te for saboroso e passar profundamente para o teu coração, de que modo poderias ser por outra coisa conquistado? Não é pela vida eterna que se deve suportar tudo o que é trabalhoso? Não é pouco o que se perde ou ganha do Reino de Deus. Eleva, portanto, tua face ao céu. Eis, então, eu e todos meus santos, os quais tiveram suas lutas no século, ora se alegrando, ora sendo consolados; ora estiveram em segurança, ora descansaram, e permaneceram no Reino de meu pai, que não conhece fim.

Sobre o que é eterno e as angústias desta vida. Capítulo L.

[1] [Devoto:] Cidade superior, moradia benditíssima! Ó, dia da eternidade claríssima que a noite não escurece, mas sempre irradiado pela suma verdade! Sempre dia de satisfação, sempre dia de segurança, os quais nunca se tornam o contrário! Ó, que esse dia já se iluminasse e todo o conjunto temporal recebesse seu fim! Ó, esplêndida e perpétua claridade dos santos, ainda longe, mas vista como por um espelho, pelos peregrinos da terra!

[2] [Devoto:] Os cidadãos dos céus conhecem quão alegre é esse dia. Gemem os filhos de Eva pelo amargor e tédio destes nossos. Neste pouco e mau tempo, cheio de dores e angústias, o ser humano se suja pelos pecados, se irrita pelas muitas paixões, se machuca pelos muitos terrores, divide-se por muitas preocupações, distrai-se por muitas curiosidades, implica-se pelas muitas vaidades, confunde-se pelos muitos erros,

aterroriza-se pelos muitos trabalhos, aflige-se pelas tentações, debilita-se pelas delícias e se tortura pela necessidade.

[3] [Devoto:] Ó, quando haverá o fim desses momentos? Quando serei libertado das misérias? Quando estarei sem qualquer impedimento, na verdadeira liberdade, sem nenhuma aflição da mente e do corpo? Quando haverá a paz sólida, a paz imperturbável e segura, a paz interior e exterior, a paz de toda parte doente? Bom Jesus, quando permanecerei vendo a ti? Quando contemplarei a glória do Reino? Quando me serás todo em tudo? Ó, quando estarei contigo em teu Reino, o qual preparaste à eternidade de teus amados?

[Devoto:] Estou abandonado, pobre e exilado em terra de inimigos, onde há guerra cotidiana e enormes infortúnios! **[4]** Consola meu exílio, atenua minha dor, pois todos meus desejos suspiram a ti! Pois todo o meu fardo é o que levo deste mundo como alívio. *Mc 4: 35* Desejo desfrutar de ti em meu íntimo, mas sou incapaz de assim aprender. Anseio em me juntar aos céus, mas as coisas temporais e as paixões imortificadas me deprimem. Com a mente quero estar acima de todas as coisas, mas com a carne, recolho-me abaixo delas! Assim eu, homem infeliz, luto e faço-me aflito, enquanto o espírito procura se rebaixar ao percurso da carne.

[5] [Devoto:] Ó, o que sofro interiormente quando me dedico à mente celeste e, em seguida, uma multidão carnal acorre a mim, enquanto oro! Meu Deus, não me prolongues e nem declina às iras com teu servo! Fulgura tuas faíscas e dissipa a turba! Envia tuas setas, conturbem-se todas as fantasias do inimigo! Recolhe meus sentimentos a ti, faz-me ser esquecido por todo o mundo! Dá-me, rapidamente, rejeitar e desprezar o vulto dos vícios! Socorre-me, verdade eterna, para que a vaidade em nada me altere. Vem-me a suavidade dos céus e que toda impuridade fuja diante de tua face. Também me desculpa e me perdoa com tua misericórdia, sempre que, nas orações, me voltar para algo além de ti, pois confesso verdadeiramente que costumo ter o que me distraia, porque, muitas vezes, não estou onde meu corpo fica ou está, mas sim aonde meus pensamentos me levam. Assim, estou aonde meu pensamento me leva, e meu pensamento, frequentemente, está onde está o que amo. E, por isso, rapidamente, ocorre com naturalidade o deleite ou agrado pelo hábito. *Mt 6: 21* **[6]** E nisso tu, verdade, disseste adequadamente: “Pois onde está o teu tesouro, lá também está teu coração”. Se amo, livremente, o céu, pensarei em algo dos céus. Se amo o mundo, irei me alegrar com as felicidades do mundo e me entristecer com suas adversidades. Se amo a carne, imagino-me, no mais das vezes, pelo o que é carne. Se amo o espírito, deleito-me em pensar em algo espiritual. Pois o que quer que eu

ame, sobre isso falarei e ouvirei, e também levarei comigo tais imagens para casa. Mas, bendito o homem, Senhor, que atribui a desmedida das criaturas ao afastamento de ti, que força a sua natureza e crucifica os desejos da carne com fervor de espírito, para que com a consciência protegida, possa te oferecer orações puras. E esse será digno de estar no coro angélico, apartado em seu exterior e interior, de tudo o que é terreno.

Sobre o desejo da vida eterna e os muitos bens prometidos aos que lutam.
Capítulo LI.

Mc 4: 35 [1] [Senhor:] Filho, infunde em ti o desejo pela eterna bênção quando sentires vir de cima o desejo de deixar o tabernáculo do corpo a fim de que possas contemplar minha claridade sem as sombras das vicissitudes. Dilata teu coração e todo o teu desejo para receber essa santa inspiração. Retorna às graças da ampla bondade superior, que contigo assim se dignam a agir. Visitam-te com clemência, animam-te com ardência, sublevem-te com potência, para que, assim, não fraquejes com teu próprio peso ao que é terreno. Não penses, pois, que tu as recebes pelo que tu mesmo pensas, mas a única dignidade da graça superior é o respeito ao divino, até que progridas nas virtudes e na maior humildade, e te prepares para as lutas futuras. Empenha-te em aderir a mim com todo afeto do coração e me servir com fervorosa vontade.

[2] [Senhor:] Filho, muitas vezes o fogo arde, mas não cresce sem fumaça e chamas. Assim, os desejos aos céus que alguns possuem, são como brasas, que não podem libertar os afetos das tentações carnis. E por isso não agem, com toda pureza, àquilo que com tanto desejo lhe és pedido, pela honra de Deus. Muitas vezes, são assim os teus desejos, os quais insinuaste exteriormente, de forma tão importuna. Pois não é puro ou perfeito o que se faz pelo próprio conforto.

Ex 3:14
Sf 3: 8
Mt 14: 27
Lc 22: 18
Jo 8: 58

[3] [Senhor:] Pede pelo que não te seja deleitável e confortável, pelo que me é aceitável e honrável, pois, se julgas corretamente, deves seguir e preferir minhas ordenações aos teus desejos e a tudo o que é desejado, pois ouvi com frequência os teus desejos e gemidos. Queiras já estar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Deleita-te, já, na casa eterna e na pátria celeste, plena de alegria, enquanto não vier o momento final. Ainda é outro o tempo: tempo de guerras, de trabalhos e de provações. Anseias ser suprido pelo Sumo Bem, mas não podes ainda assegurá-lo. “Eu sou, espera-me”, diz o Senhor, “até que venha o Reino de Deus”.⁴⁵

[4] [Senhor:] Ainda deves ser provado na terra e exercitado em muitas coisas. A consolação te será dada em algum momento, mas a farta saciedade não será concedida. Portanto, conforta-te e está vigoroso, tanto ao agir quanto no sofrer das coisas contrárias à natureza. É preciso que tu te vistas como um novo ser e te transformes em um outro homem. É preciso que sempre ajas no que não queiras, e é preciso que queiras te abandonar. O que agrada aos outros terá continuidade; o que te agrada não será outra coisa além do progresso. O que os outros disserem, será ouvido; o que tu disseres, será contado como nada. Os outros pedirão e receberão; tu pedirás e não conseguirás. [5] Os outros serão grandes nas bocas humanas, mas, sobre ti, se calarão. Os outros serão atribuídos a isso ou àquilo, mas tu serás julgado sem nenhuma utilidade. Por conta disso, a tua natureza se entristecerá, e te suportarás em uma grande luta, sem conseguires nada parecido. Por isso e por outras coisas parecidas, o servo fiel do Senhor costuma ser provado na negação de si e se torna capaz de se mortificar em tudo. Não há muitas outras coisas pelas quais precisarás te mortificar quanto ver e sofrer com o que é contrário à tua vontade, e também realizar, ao máximo, o que te mandarem, seja desnecessário ou útil, quando te for inconveniente.

[Senhor:] Não ouses resistir aos altos poderes que foram constituídos por Deus. Por isso, a ti parece duro andar sob a instrução dos outros e deixar tuas próprias perspectivas. [6] Mas, pensa, filho, nos frutos, no breve trabalho, no fim e na recompensa, por demais grande, e nisso a dificuldade te será fortíssimo alívio para tua paciência. E por menor que seja essa vontade, a qual, agora, espontaneamente te faltas, tu a terás no céu, onde as faculdades do bem estarão contigo, sem temor de perde-las; onde tua única vontade sempre será estar comigo, sem que deseje mais nada; onde não há resistência a ti. Ninguém te conquistará; ninguém te impedirá! Nada se oporá a Ti, mas todos os desejos estarão, simultaneamente, em tua presença, alimentando todo o teu afeto e cumprindo o fim da completude! É onde concederei a glorificação pelas injúrias sofridas, a túnica de louvor pelo merecimento; e, de acordo com sua última estadia, uma posição pelos séculos!⁴⁶ É onde aparecerá o fruto da obediência e o trabalho da penitência alegrará. Toda sujeição será coroada com a glória!

[7] [Senhor:] Logo, inclina-te agora, com humildade, sob às mãos de todos. Não te preocupes com o que alguém disser ou mandar, mas tendo te preocupado com tuas obras, com tua grande dedicação e a recompensa, aceites tudo como benefício e te empenhes, com vontade sincera, em cumprir o que a ti levarem e pedirem, seja um prelado, seja alguém maior ou menor.⁴⁷

[Senhor:] Que alguém procure isto; que outro procure aquilo; seja um glorificado por isso, e outro por aquilo! Louvados sejam mil e mais mil vezes! Mas tu, nem nisto, nem naquilo. Em ti a alegria será o desprezo, e em mim, somente o benefício e as honras. É por isso que deves ansiar, para que, ou pela vida, ou pela morte, Deus seja sempre em ti glorificado.

Como o ser humano desolado deve se oferecer às mãos de Deus. Capítulo LII.

[1] [Devoto:] Senhor Deus, Santo Pai, sejam bendito agora e na eternidade, porque assim queres e assim se fez, e o que fazes, é bom! Em ti, teu servo se satisfaz, mas não em si e nem em outra coisa, porque tu és minha única esperança, minha coroa, minha alegria e minha honra, Senhor!

[Devoto:] O que teria o teu servo senão o que recebeu de ti, e, ainda, sem qualquer mérito? Tu és tudo o que deste e fizeste! Sou pobre e estive em meus trabalhos desde a minha juventude. Minha alma, por vezes, se entristece até as lágrimas, e ainda se perturba quando os sofrimentos se tornam iminentes!

[2] [Devoto:] Desejo a alegria da paz! Aos prantos, peço a paz de teus filhos, os quais foram, por ti, apascentados na luz da consolação. Se deres a paz, se infundires a santa alegria, a alma de teu servo estará em teus devotos louvores, em plena harmonia. Mas, se te retiras, como costumás fazer muitas vezes, ela não poderá percorrer pelo caminho de teus mandamentos. Antes baterá em seu peito e dobrará os joelhos, pois não lhe será mais como ontem, nem como foi há três dias, quando o teu luzeiro brilhava sobre sua cabeça e encontrava-se protegida do ataque das tentações sob a sombra de suas asas.

[3] [Devoto:] Pai justo e sempre louvável, aproxima-se o momento de teu servo ser provado. Pai amável, é digno deste momento que teu servo sofra algo por ti! Pai eternamente venerável, aproxima-se o momento futuro que previstes pela eternidade, o breve tempo em que teu servo sucumbirá do lado de fora, e viverá, de verdade, sempre dentro de ti!

[Devoto:] Haverá pouco tempo a ser vilipendiado, humilhado e enfraquecido diante dos seres humanos, a ser aterrado pelos sofrimentos e indolências. Em algum momento, uma nova luz ressurgirá, a tua aurora, e nos céus se glorificará! Santo Pai, tu assim ordenaste, como quiseste, e, porque prescreveste, assim se fez.

[4] [Devoto:] Pois essa é a graça de teu amigo: sofrer e ser tribulado no mundo por conta de teu amor, em todo tempo e em todo lugar aos quais permitiste que fosse. Sem

teu plano e providência, sem teus motivos, nada haveria na terra. É bom, Senhor, que me humilhaste para que eu conhecesse tua justificação e as escolhas de teu coração, como também rejeitasse a presunção. É me útil que a confusão cubra minha face para que eu antes demande tua consolação ao invés das humanas. Também aprendi a me espantar por teu juízo imperscrutável, com o qual afliges o justo e o ímpio, mas não sem equidade e justiça.

[5] [Devoto:] Graças a Ti, pois não poupaste os maus. Atormentaste-me com açoites amargos, infligindo dores e criando angústias por dentro e por fora. Não há quem seja consolado por tudo o que está sob o céu senão tu, Senhor, meu Deus celeste, médico das almas, quem fere e cura, quem ao inferno conduz e de lá retira! Estou sob tua disciplina, e tua própria vara me ensina! [6] Eis que estou em tuas mãos, Pai amado! Eu me inclino à vara de tua correção. Fere minhas costas! Minha imperfeição está dobrada à tua vontade.⁴⁸ Faz-me um discípulo humilde e piedoso, como bem costumavas fazer, para que eu ande sob tuas instruções. Entrego-me a ti, junto de tudo o que tenho, para ser corrigido, pois é melhor ser aqui corrigido do que no futuro.

[Devoto:] Tu sabes tudo, em seus detalhes, e nada da consciência humana te é escondido, mesmo antes que o futuro seja conhecido, e não é necessário que alguém te ensine ou aconselhe sobre o que ocorre na terra. Tu sabes o que envia ao meu progresso, e quanto serve a tribulação para purificar a calúnia dos vícios. Faz comigo o desejo de teus benefícios, e não desprezes minha vida pecaminosa, não melhor e nem mais claramente conhecida por ninguém além de ti!

[7] [Devoto:] Dá-me, Senhor, saber o que deve ser sabido, amar o que deve ser amado, louvar o que mais te agrada, reconhecer o que te é precioso e ultrajar o que é sujo aos teus olhos. Não consintas que eu julgue segundo a visão dos olhos exteriores, nem que eu sentencie segundo o que ouço dos homens ímpios, mas sim discernir, com juízo verdadeiro, as coisas visíveis e espirituais, e, acima de tudo, também sempre analisar a vontade de teus benefícios.

[8] [Devoto:] O sentido humano, muitas vezes, falha ao julgar. Os amantes falham ao tanto amar as coisas visíveis do século. Por que alguém será melhor se for tido como maior por outro? O mentiroso engana ao mentiroso; o vaidoso, ao vaidoso; o cego, ao cego; o doente, ao doente. Exaltar, na verdade, é confundir ainda mais, é louvar de forma vazia. Pois, como diz o humilde Francisco, “cada um é o quanto é aos teus olhos, e nada mais”.⁴⁹

Por que se deve insistir nas obras humildes e não se enfraquecer pelas maiores.

Mc 4: 35 **Capítulo LIII.**⁵⁰

[1] [Senhor:] Filho, não podes permanecer sempre no desejo fervoroso, nem se deter nos mais altos graus da contemplação. É necessário que tenhas, em alguns momentos, que descer à corrupção original e carregar o fardo da vida corruptível, ainda que contra a vontade e com tédio. Terás tédio e sentirás o peso do coração enquanto houver corpo mortal, pois isso é preciso: que muitas vezes gema a carne pelo peso da carne, tanto porque não podes juntar-te sem desejos ao empenho espiritual e à contemplação divina. [2] Então te envies à fuga nas obras humildes e exteriores e à regeneração nos bons atos! Espera minha vinda e a visita superior com firme confiança. Sofre teu exílio e a secura da mente com paciência, até que, em algum momento, sejas por mim visitado e libertado de qualquer ansiedade. Pois te farei esquecer os trabalhos e desfrutar da quietude interna. Abrirei diante de ti os campos das Escrituras, para que com o coração aumentado, comeces a percorrer o caminho de meus mandamentos, e digas:

Rm 8: 18 “Os sofrimentos deste tempo não são dignos da glória futura que se revela em vós”.⁵¹

Que o homem não se considere digno da consolação, mas, culpado, dos açoites.

Capítulo LIIII.

[1] [Devoto:] Senhor, não sou digno de tua consolação, nem de qualquer visitação espiritual. Por isso, ages justamente comigo quando me abandonas às necessidades e à desolação. Pois, mesmo que eu pudesse derramar um mar de lágrimas, ainda não serei digno de tua consolação. Por isso, de nada sou digno além de ser flagelado e punido, pois, por vezes, te ofendi gravemente, e por muitas outras coisas te abandonei. Logo, com análise da verdadeira razão, não sou minimamente digno da consolação. Mas tu, Deus clemente e misericordioso, que não queres que pereçam tuas obras, ao mostrar as riquezas de tua bondade nos vasos da misericórdia, ainda te dignas a consolar teu servo além de todo mérito próprio, acima de qualquer condição humana, pois tuas consolações não são como as confabulações humanas.⁵²

[2] [Devoto:] O que fiz, Senhor, para me conferires alguma consolação celeste? Não me recobro de ter feito algo de bom, mas de sempre ter me inclinado aos vícios, e de ter sido preguiçoso em minha correção. É verdade que não posso negá-lo. Se dissesse de outra forma, tu estarias contra mim, e não haveria quem me defendesse. O que mereço

Mc 4: 35 por meus pecados senão o inferno e o fogo eterno? Em verdade, confesso, uma vez que fui digno de qualquer escárnio e desprezo, sem que me conviesse ser rememorado entre os justos e os devotos. E é possível que eu ouça, entretanto, lançarem contra mim as repreensões por meus verdadeiros pecados, para que eu mereça, mais facilmente, alcançar tua misericórdia.

[3] [Devoto:] O que direi, culpado e cheio de toda confusão? Não tenho como abrir a boca para falar senão apenas esta palavra: pequei, Senhor! Pequei! Tem misericórdia de mim! Desculpa-me! Não tenho ao menos um breve momento para chorar minhas dores antes que eu vá para a terra das trevas, coberta pela escuridão da morte! O que ainda mais demandas do culpado, do miserável pecador, senão que se converta e se humilhe por seus delitos? A esperança é conhecida na verdadeira contrição e no humilhar do coração; a consciência perturbada se reconcilia com o perdão; a graça perdida se repara; o homem se conserva pela ira futura; e Deus e a alma penitente acorrem um ao outro, em um beijo santo!

Lc 7: 38, 46
Jo 12: 3-8

[4] [Devoto:] A humilde contrição dos pecadores é aceitar o sacrificio a Deus, distante do suave perfume de tua presença, mais que o cheiro de incensos. E também é este o bálsamo que quiseste derramar em teus sagrados pés, pois nunca desprezaste o coração contrito e humilhado. Aí está o local distante da face e da ira do inimigo. Aí é corrigido e lavado o que se contraiu e sujou em outros lugares.

Por que a graça de Deus não se mistura com as sabedorias terrenas. Capítulo LV.

IPd 2: 11

[1] [Senhor:] Filho, minha graça é preciosa e não sofre caso se misture com coisas estranhas e nem com as consolações terrenas. Logo, é preciso rejeitar qualquer impedimento à graça se anseias receber sua infusão. Solicita-a a ti em segredo. Ama viver sozinho e não demanda a ninguém a tua consolação, mas antes derrama tuas preces devotas em Deus, para que tenhas a mente arrependida e a consciência, pura. Não estimes nada do mundo, antepõe a vocação a Deus a tudo o que for exterior. Não poderás, pois, dispor de mim e sempre te deleitates, igualmente, no transitório. É preciso que te distancies dos conhecidos e caros, e tenhas o consolo de tua mente afastado de tudo o que é temporal. Assim exortava o bendito apóstolo Pedro, para que os fiéis de Cristo continuassem neste mundo tais quais viajantes e peregrinos.

[2] [Senhor:] Ó, quanta confiança haverá àquele que morrer e que não se deteve a nenhuma aparência do mundo! Mas o espírito não assente em ter o coração necessitado separado de tudo, e nem o animal humano conhece a liberdade humana do interior. Dessa forma, se quiseses ser verdadeiramente espiritual, é preciso que renunciasses tanto aos afastados quanto aos próximos, e não te acautelares por mais ninguém além de ti. Se queres vencer perfeitamente a ti próprio, irás te sujeitar facilmente a tudo o que resta. A perfeita vitória é triunfar sobre si mesmo! Pois quem assim tem a si próprio sujeito, para que me obedeça, em tudo, com as sensualidades da razão e com a própria razão, é verdadeiramente vencedor de si e senhor do mundo.

[3] [Senhor:] Se aspiras galgar até o ápice, é preciso que comeces, corajosamente, a cortar pela raiz, a arrancar e a destruir as tuas inclinações desordenadas a ti mesmo e a todo bem próprio e material. Destes vícios, pelos quais o ser humano passa a se amar desordenadamente, pendem quase tudo que deve ser vencido até sua raiz. Com o mal uma vez vencido e sujeito, a grande paz e a tranquilidade serão contínuas. Mas, porque poucos trabalham para morrer em si mesmos, não podem elevar plenamente o espírito além de si. Entretanto, àquele que deseja andar comigo, é preciso que mortifique todos suas afeições defeituosas e desordenadas, e que também se apartem, desejosamente, de todo amor particular às criaturas.

Sobre os diversos movimentos da natureza e da graça. Capítulo LVI.⁵³

[1] [Senhor:] Filho, presta atenção, com amor à causa, nos movimentos da natureza e da graça, pois eles se movem de forma contrária e sutil, e o ser humano apenas os discerne se o espírito íntimo estiver iluminado. Todos cobiçam o bem e alguns, pretendem encontrar o bem em suas falas e atos. Por isso, muitos caíram sob a imagem do que seria bom. A natureza é maliciosa e, muitas vezes, atrai, prende e engana, e sempre se tem como fim. Mas a graça anda com simplicidade, recusa toda a imagem do mal, não se dispõe às mentiras e age em tudo, puramente, por conta de Deus, no qual, por fim, descansa.

[2] [Senhor:] A natureza não quer morrer, nem ser coagida ou superada, nem ser submissa e nem espontaneamente sujeitada. A graça, por sua vez, está empenhada na mortificação, resiste à sensualidade pessoal, procura a sujeição, cobiça vencer e não quer se aferrar à liberdade, mas ama ser retida sob disciplina, sem desejar ser dominada por alguém, mas sempre viver, permanecer e estar sob Deus, preparada a se inclinar, com

humildade e por conta de Deus, à toda criatura humana. A natureza trabalha para seu conforto, e só se atenta ao ganho que lhe provém por outro. A graça, entretanto, não considera útil o que seja confortável, mas sim o que mais confere ao progresso. A natureza recebe, livremente, a honra e a revência. A graça, por sua vez, atribui a Deus, fielmente, todas as honras e glórias. [3] A natureza teme a confusão e o desprezo. A graça, entretanto, se alegra ao sofrer as injúrias por conta do nome de Jesus. A natureza ama o ócio e a quietude corporal. A graça, por sua vez, se deleita na simplicidade e espera na humildade áspera, sem ser exasperada, e não recusa cobrir-se de panos gastos.⁵⁴ A natureza olha para as coisas temporais e se alegra com o ganho terreno, entristece-se pelo dano, irrita-se mesmo com palavras de injúria leve. Mas a graça eterna se atenta para não se juntar às coisas temporais, não se perturba com as ruínas do tempo, nem se azeda pelas palavras mais duras, pois formou seu tesouro e alegria no céu, onde nada perece. [4] A natureza é desejosa, e aceita livremente o que lhe é dado, ama o que lhe é próprio e particular. A graça, entretanto, é piedosa, vive no que é comum, contenta-se com o que lhe é único, antes julga o pouco bendito quando o recebe. A natureza se inclina às criaturas e à própria carne, às vaidades e aos discursos. Mas a graça se leva a Deus, renuncia às virtudes, foge das criaturas do mundo, odeia os desejos da carne, restringe as divagações e se envergonha de aparecer em público. A natureza tem, livremente, algum alívio externo, no qual deleita seus sentidos. Mas a graça se consola no único Deus e, acima de tudo, se deleita no Sumo Bem. [5] A natureza age totalmente pelos ganhos e pelos próprios confortos, e nada pode fazer sem motivo, mas espera conseguir benefícios, sejam ou iguais, ou melhores, ou mais louváveis ou mais favoráveis, e deseja que muito se considere suas ações e doações. A graça, por sua vez, não procura nada temporal, nem alguma recompensa além de somente Deus, pede por essa recompensa, sem desejar intensamente as necessidades temporais, senão o que mais lhe pode servir à progressão para o eterno. [6] A natureza se alegra por seus muitos amigos e próximos, se glorifica por locais nobres e pela linhagem do nascimento, sorri ao ser afagada pelos poderosos e aplaude os ricos e seus semelhantes. A graça, entretanto, ama os inimigos, não se exalta com a multidão de amigos, nem com o nascimento, nem reconhece local de nascimento, se não for motivo de maior virtude. Antes acolhe os pobres do que os ricos; compactua mais com os inocentes do que com os poderosos; alegra-se com a verdade e não com a mentira, e sempre exorta os bons ao melhor. Emula os carismas e se assemelha ao Filho de Deus pelas virtudes.⁵⁵ A natureza é conquistada, rapidamente, pelos defeitos e moléstias. A graça, por sua vez, aceita constantemente a pobreza. [7] A natureza desvia

tudo para si por lutas e argumentos. A graça, entretanto, conduz tudo de volta a Deus, para aonde tudo emana em sua origem, onde não se atribui e nem se presume com arrogância nenhum bem, e nem se enfrenta ou se condena os outros, mas, totalmente em Deus, se submete à compreensão da eterna sabedoria e do exame divino. A natureza cobiça saber os segredos e ouvir o que se sabe, mostrar seu exterior e experimentar com seus sentidos muitas coisas. Deseja conhecer e agir naquilo que produz louvor e admiração. Mas a graça não se preocupa com o que se sabe, nem em receber curiosidades, pois tudo nasceu da velha corrupção, quando não havia nada novo e durável sobre a terra. E assim a graça ensina a restringir os sentidos, a evitar a complacência vazia e a ostentação, a esconder, com dignidade e humildade, o que causa admiração. Procura, em todas as coisas e em toda sabedoria, a utilidade dos frutos, e também os louvores e as honras de Deus. Não quer que sobre ela se pregue, mas anseia que Deus seja bendito em suas dádivas, as quais todas expande por mera caridade. [8] A graça é a luz superior, algo especial de Deus, dádiva e próprio sinal dos eleitos, garantia da salvação eterna que subleva o homem da terra para o céu, e o transforma de carnal para espiritual. Logo, quanto mais a natureza for coagida e vencida, tanto mais a graça será infundida e, cotidianamente, o homem interior, com novas visitas, se refará segundo a imagem.

Sobre a corrupção da natureza e a eficácia da graça divina. Capítulo LVII.

[1] [Devoto:] Senhor, meu Deus, que me criaste à sua imagem e semelhança, concede-me essa graça, tão grande e necessária, que mostraste à minha salvação, retirando minha péssima natureza, a única, inclinada ao pecado e em perdição. Pois sinto em minha carne a lei do pecado, contrária à lei de minha mente e que me conduz, aprisionado, à obediência da sensualidade. Não posso resistir às suas muitas paixões sem a infusão da santíssima graça em assistência ao meu coração!

[2] [Devoto:] Tua graça é necessária, e grande graça, para vencer a natureza, sempre inclinada ao mal desde sua adolescência. A natureza, pelo primeiro homem, Adão, se tornou decaída e viciada pelo pecado, repetindo as manchas de seu castigo em todos os humanos. A própria natureza, construída por ti, boa e correta, foi então adoecida e corrompida pelo vício, e por isso seus movimentos a abandonaram ao mal, levando-a às coisas baixas. A pouca força que permaneceu é como uma centelha em meio às cinzas. Ela é a própria razão natural, envolta por uma grande escuridão, concebendo com

distância o bem do mal e o verdadeiro do falso, capaz, embora impotente, de cumprir o que aprova, mas sem contar com a luz da verdade ou pedir pela sanidade de suas afeições.

[3] [Devoto] Aí está, meu Deus, porque me deleito em tua lei, segundo o homem interior! Sabendo que o que mandas do lado de fora é bom, justo e santo, ainda se argumenta que se deva fugir de todo mal e pecado, uma vez que, na carne, no serviço da lei do pecado, mais obedeço à sensualidade do que à razão. Daí porque me direciono a querer e a alcançar o bem, mas não o encontro. Aí está porque, muitas vezes, me proponho, mas sem a graça ajudando minha doença, por uma breve resistência, hesito e me enfraqueço. Aí acontece de eu conhecer o caminho da perfeição, tal qual deverei realizar, vendo-o de forma suficientemente clara, mas, pressionado pelo peso da minha própria corrupção, não me levanto às coisas perfeitas.

[4] [Devoto:] Ó, quão enormemente me é necessária, Senhor, a tua graça para a criação do bem, para o progresso e para o aperfeiçoamento, porque sem ela, não posso fazer nada! Entretanto, tudo posso ao me confortar em ti, em tua graça! Ó, verdadeira graça do céu, sem a qual são nulos os próprios méritos e nulas as considerações sobre as dádivas da natureza! Nenhuma arte, nenhuma riqueza, nenhuma beleza, nenhuma força, nenhuma inteligência, nenhuma eloquência valem a ti, Senhor, sem a graça, pois as dádivas da natureza são comuns aos bons e aos maus. Mas a própria dádiva dos eleitos é a graça, ou amor, pela qual os assinalados dignos têm a vida eterna.⁵⁶ É tão eminente essa graça que nem o dom da profecia, nem a realização de prodígios, nem qualquer especulação profunda pode conceber algo sem ela. Nem mesmo a fé, nem a esperança, nem qualquer virtude, te serão aceitas sem a caridade ou a graça.

[5] [Devoto:] Ó, benditíssima graça, tornas, pelo espírito das virtudes, rico o pobre, e reconduzes à humildade o rico de muitos bens! Vem, desce sobre mim, supre minhas mãos com tua consolação, para que minhas virtudes, pelo cansaço e secura da mente de minha alma, não se enfraqueçam!

[Devoto:] Imploro, Senhor, que eu encontre a graça em teus olhos, pois me é suficiente tua graça, sem as outras coisas que a natureza deseja obter. Se eu for tentado e incomodado por qualquer perturbação, não temerei o mal enquanto tua graça estiver comigo. Ela é minha força, e me confere conselho e auxílio. É mais poderosa que todos os inimigos, e mais sábia que qualquer sabedoria, [6] pois é a mestra da verdade, educadora da disciplina, luz do coração, alívio nas opressões, sagacidade na tristeza, afastadora dos temores, nutridora da devoção e produtora das lágrimas. O que sou sem ela, senão madeiro seco e ramo inútil?⁵⁷ Logo, Senhor, tua graça sempre me previne e

segue, e, pelas boas obras, se oferece em intenção contínua por meio de Jesus Cristo, teu filho. Amém!

Por que devemos renegar a nós mesmos e imitar a Cristo pela cruz. Capítulo LVIII.

[1] [Devoto:] Filho, quanto mais puderes sair de ti, tanto mais poderás passar a mim. Assim como não desejar nada do lado de fora cria a paz interna, abandonar-se ao interior cria a união com Deus. Quero que aprendas a perfeita negação de ti, em minha vontade, sem contradição ou disputa. Segue-me, eu sou a vida e o caminho da verdade. Sem caminho, não se vai; sem verdade, não se conhece, e sem a vida, não se vive. Eu sou o caminho que debes seguir, a verdade infalível, e a vida interminável. Eu sou o mais correto caminho, a verdade suprema, a vida verdadeira, vida bendita e vida não criada! Se permaneceres em meu caminho, conhecerás a verdade, e a verdade te libertará e alcançará a vida eterna.

[2] [Senhor:] Se quiseres adentrar a vida, guarda os mandamentos. Se quiseres conheceres a verdade, acredita em mim. Se quiseres ser meu discípulo, renega a ti mesmo. Se quiseres possuir a vida bendita, despreza a vida presente. Se quiseres ser exaltado no céu, humilha-te no mundo. Se quiseres reinar comigo, carrega tua cruz comigo. Pois somente os servos da cruz encontram a vida da bendição e a verdadeira luz.

[3] [Devoto:] Senhor Jesus, porque teu caminho foi de privações e desprezado pelo mundo, dá-me imitar-te no desprezo do mundo! Pois o servo não é maior que seu senhor, nem o discípulo está acima do mestre. Teu servo se exercita em tua vida, pois nela está minha salvação e minha santidade. O que quer que eu leia ou ouça além disso, não me entreterá e nem me deleitará plenamente.

[4] [Senhor:] Filho, porque isso sabes e leste muito, serás bendito se assim fizeres. Quem tem meus mandamentos e os guarda, é quem me ama e quem eu amarei. A ele me manifestarei diante de sua face, e comigo se sentará no Reino de meu pai.

[Devoto:] Senhor Jesus, assim como disseste e prometeste, certamente será! Que eu atinja o que prometes! Recebi de tua mão a cruz e ela carregarei até a morte, como me impuseste. A verdadeira vida do bom monge é a cruz, porém condutora do paraíso. Uma vez começado, não se pode voltar atrás e nem se deve abandonar.

[5] [Devoto:] Eia, marchemos, Jesus estará conosco! Por Jesus, recebemos esta cruz, e por Jesus, perseveraremos nela! Ele será nosso ajudante, nosso comandante e guia!

Eis aqui nosso Rei! Avança diante de nós quem lutará por nós! Sigamos corajosamente! Ninguém tema os terrores! Estamos fortemente preparados para morrer em guerra e não aceitaremos o crime à nossa glória, a deserção da cruz!

Que o homem não esteja demasiadamente desesperado quando fraqueja aos defeitos. Capítulo LIX.

[1] [Senhor:] Filho, mais me agrada tua paciência e humildade nas contrariedades do que muito júbilo e devoção na prosperidade. Por que, então, te entristece uma pequena fala feita contra ti? Mesmo se fosse mais intensa, não deverias te comover. Mas, agora, permite que passe. Não será a primeira nem a última enquanto viveres.

[Senhor:] És suficientemente corajoso enquanto nada adverso se opõe. Também bem aconselhas e sabes te revigorar com as palavras de outros. Mas quando a tribulação repentina vem à tua porta, faltas em teus conselhos e vigor. Atenta-te à tua maior fragilidade, a qual, muitas vezes, experimentas diante das menores oposições. Entretanto, é por tua salvação que isso se faz, quando as oposições e coisas similares chegam até ti.

[2] [Senhor:] Propõe-te a conhecer melhor o que vem de teu coração e, porventura, te toca. Entretanto, não haja desespero, nem a elas se prenda enquanto durarem. Ao menos suporte com paciência o que não puderes com alegria. E se ouvires algo contra à tua vontade e te sentires indignado, recompõe-te, para que não sofras com algo desordenado saindo de tua boca, com o qual se escandalizariam os humildes. Descanses rapidamente tuas emoções excitadas, e a dor interna se adoçará, revertendo-se em graça.

[Devoto:] Enquanto viver, estarei preparado para ajudar, solícito para ser intensamente consolado!

[Senhor:] Se estiveres confiante em mim, irás me chamar devotamente. [3] Fica com a alma estável para alcançares suportar o que é maior. Não fica totalmente frustrado se começares a ser tribulado ou arduamente tentado. O homem não é Deus. A carne não é angélica. De que modo tu poderias permanecer, sempre, na mesma condição de virtudes, quando nem isso puderam mesmo um anjo, no céu, e o primeiro homem, no paraíso? Eu sou aquele que eleva ao meu abrigo os que merecem e promove, à minha divindade, os que conhecem sua doença.

[4] [Devoto:] Senhor, sejam benditas as tuas palavras, mais doces que o mel e seu favo à minha boca! O que faria em tantas tribulações e angústias, se não me confortasses por tuas santas sentenças? Contanto que eu, enfim, alcance o porto da salvação, o que

importa o que e quanto sofri? Dá-me um bom fim! Dá-me uma passagem feliz! Lembra de mim, meu Deus, e dirige-me ao caminho correto, para o teu Reino. Amém!

**Sobre não especular sobre as coisas elevadas e os juízos ocultos de Deus.
Capítulo LX.**

SI 119: 137
18: 10

[1] [Senhor:] Filho, acautela-te de disputar sobre os assuntos profundos e os juízos ocultos de Deus, como “por que este foi abandonado, e por que a graça se fez presente àquele?”, e, também, “por que este é tanto afligido, e por que aquele exaltado de forma tão exímia?”. Isso tudo excede as faculdades humanas, e nenhuma razão ou diálogo humano prevalece ao investigar os juízos divinos. Logo, quando o inimigo fugir para ti, ou também homens curiosos te perguntarem algo, responde como o profeta: “És justo, Senhor, e teu juízo, correto.” Assim, também disse: “Os juízos do Senhor se justificam em si mesmos.” Meus juízos devem ser temidos e não discutidos, porque são incompatíveis com a compreensão humana.

[2] [Senhor:] Também não queira se perguntar e nem disputar sobre os méritos dos santos, sobre quem foi mais santo ou quem seria maior no Reino dos Céus. Tais questões, muitas vezes, nutrem problemas e contendas inúteis, e delas também nascem a soberba e a glória vazia, invejas e dissensões, quando este tenta dar preferência a algum santo e aquele, a outro. Nenhum fruto se obtém ao querer assim saber ou investigar, antes desagradam, porque eu não sou o Deus das dissensões, mas da paz, da verdadeira paz da humildade, a qual consiste em sua própria exaltação.

[3] [Senhor:] Alguns, por zelo e amor, se conduzem por maior afeto a uns ou a outros, mas isso é mais humano do que divino. Eu sou quem fabricou todos os santos; eu lhes dei a graça; eu lhes ofereci a glória; eu conheci seus méritos particulares; eu os previ na bênção de minha doçura! Eu soube, antes mesmo dos séculos, que seriam amados; eu os elegi no mundo, não foram eles que primeiro me elegeram! Eu os chamei pela graça, e os atrai pela misericórdia; eu os conduzi por várias tentações; eu lhes infundi magníficas consolações; eu lhes dei a perseverança; eu os coroei com a paciência!

[4] [Senhor:] Eu conheço o primeiro e o último! Eu abraço todos em meu inestimável amor! Eu devo ser louvado em todos os meus santos! Eu devo ser bendito acima de tudo e honrado nas particularidades! Eu assim os aumentei gloriosamente e os predestinei, sem qualquer mérito precedente e próprio! Quem desprezar um de meus menores, também não honra os maiores, pois eu fiz o insignificante e o grande. O que

nega algum de meus santos, nega também a mim e todos outros no Reino dos santos! Todos se unem por um único vínculo de caridade. Sentem o mesmo, querem o mesmo, e todos se amam como um! **[5]** Mas, ainda que por muito alto estejam, amam mais a mim do que seus méritos. Pois foram arrebatados para cima, trazidos todos além do próprio amor, perseverando no meu amor. Nisso, desfrutam da quietude. Nada há que lhes possa desviar ou deprimir, uma vez que ardem no fogo pleno da verdade eterna, a inextinguível caridade! Portanto, calem-se todos os homens carnis! Calem-se todos os animais humanos a respeito das dissensões sobre a condição dos santos! Pois não nutrem senão o amor às alegrias próprias. Tiram e acrescentam de acordo com sua intenção, não de acordo com o que agrada à verdade eterna. **[6]** Sua enorme ignorância está em muitas coisas, pois são pouco iluminados. Raramente nutrem amar alguma perfeição com o amor espiritual. Ainda trazem muito ao afeto natural e à amizade humana por isso ou aquilo, assim como se têm nas coisas inferiores e imaginam as celestes. Mas há uma distância incomparável no que pensam imperfeitamente e no que os corajosos e iluminados contemplam pela revelação superior.

[7] [Senhor:] Logo, filho, acautela-te de tratar sobre essas curiosidades que excedem tua sabedoria. Mas a isso mais te determina e intenta, para que, sejas capaz de te encontrares, mesmo que menor, no Reino de Deus. E se alguém souber quem é mais santo que outro, ou quem é tido por maior no Reino dos Céus, de que serve essa informação senão para se humilhar com esse conhecimento diante de mim e extrair maiores louvores ao meu nome? Mais aceitável a Deus é o que se faz a respeito da grandeza de seus pecados e se pensa sobre a pequenez de suas virtudes, do que se distanciar para longe, com a perfeição dos santos e disputa sobre suas maioridades ou pequenezes. Melhor é orar aos santos e devotos com preces e lágrimas e implorar, com mente humilde, por sua gloriosa escolha, do que especular, por perguntas vazias, sobre seus segredos. **[8]** Eles estão bem e otimamente contentes; que os homens soubessem se contentar e refrear suas falas vazias! Não se glorificam pelos próprios méritos, já que não se atribuíram nenhuma bondade, uma vez que, por toda minha infinita caridade, lhes dei tudo. Encheram-se com muito amor da divindade e com alegria fluente, porque nenhuma glória lhes podia faltar, assim como a felicidade. Quanto mais altos na glória estiverem os santos, tanto mais humildes, mais próximos de mim e mais amáveis se fizeram, assim como tu tens escrito: “Porque colocarem suas coroas diante de Deus, abaixaram suas faces diante do cordeiro e adoraram o vivente pelos séculos dos séculos!”.

[9] [Senhor:] Muitos procuram quem seja maior no Reino de Deus, mas ignoram se serão contados dignos entre os menores. É grande coisa ser ao menos o menor no céu, onde todos são grandes, pois é para aonde os filhos de Deus foram chamados e estarão. Que seja o menor dentre mil! O pecador morrerá por cem anos! Pois quando os discípulos procurarem quem seja o maior no Reino dos Céus, ouvirão tal resposta: “Se não fostes convertido e vos tivestes tornado pequenos, não teríeis entrado no Reino dos Céus!”.⁵⁸ Logo, a quem quer que se humilhe como pequeno, será maior, no Reino dos Céus.

[10] [Senhor:] Ai daqueles que desdenharem da humilhação espontânea com os pequenos, uma vez que não se admitirá que adentrem, com os humildes, a porta do Reino Celeste. Ai, também, dos ricos, que aqui possuem suas consolações, porque permanecerão juntos dos pobres ao entrarem no Reino de Deus, porém em vigia, do lado de fora.⁵⁹ Alegrai-vos, humildes, e vos exultai, porque é vosso o Reino de Deus se, entretanto, andardes na verdade!

Mt 5: 3
Lc 6: 20-23

Porque toda esperança e confiança devem ser aferradas somente em Deus. Capítulo LXI.

[1] [Devoto:] Senhor, qual é a confiança que tenho nesta vida, ou o qual meu maior alívio dentre todas as aparências sob o céu? Não és tu, Senhor, meu Deus, de quem as misericórdias são inumeráveis? Onde bem estive sem ti? Ou, quando pôde haver mal contigo presente? Quero mais ser pobre por tua conta do que ser rico sem ti! Escolho, antes, peregrinar contigo na terra do que estar sem ti no céu! Onde tu estiveres, lá estará o céu; e também onde tu não estiveres, lá estará a morte e o inferno! Tu és meu em desejo, e, por isso, é necessário que eu gema, clame e ore atrás de ti! Em nada posso, enfim, confiar plenamente, pois, em meios às necessidades oportunas, se é auxiliado somente por ti, meu Deus. Tu és minha esperança! Tu és, em tudo, meu consolador mais fiel!

[2] [Devoto:] Todos querem o que é teu! Tu és minha salvação e meu progresso, os quais de um só modo pretendes. A mim, tudo convertes em bem, ainda que me exponhas a várias tentações e adversidades. Ordenas apenas ao que me é útil, pois de mil formas costumas provar teus eleitos. Por essas provações, não deves ser menos amado e louvado do que se me preenchesses com as consolações celestes!

Ap 4: 10
5: 8, 14
7: 11

[3] [Devoto:] Logo, em ti, Senhor, meu Deus, ponho toda a minha esperança e refúgio. Em ti, concebo todas as tribulações e angústias, pois tudo o que encontro e vejo além de ti, está doente e instável. Assim, de nada servem muitos amigos, nem fortes

auxiliares podem me ajudar; nem prudentes conselheiros podem dar resposta útil; nem os livros dos doutores podem me consolar; nem alguma preciosa substância pode me libertar; nem algum local secreto ou fora de minha mente deixa de apresentar riscos sem tua própria assistência, ajuda, conforto, consolo, oferecimento, instrução e proteção, [4] pois tudo o que parece estar na paz e ter a felicidade, nada são se tu estiveres ausente, e se nenhuma felicidade na verdade for conferida.

[Devoto:] Logo, tu és o fim de todos os bons, a altitude da vida e a profundidade dos discursos, e esperar em ti, acima de tudo, é o fortíssimo alívio de teus servos! Em ti estão meus olhos, e em ti confio, Pai de misericórdias! Bendiz e santifica minha alma com a bênção celeste, para que seja tua habitação santa e a sede de tua glória! Que nada haja ou se encontre à ofensa dos olhos de tua majestade neste templo! Olha para mim, segundo a grandeza de tua bondade e a multidão de tuas misericórdias! Ouve as orações de teu servo, que ao longe exulta, na sombria região da morte! Protege e conserva a alma de teu pequeno servo! Entre tantas distinções nesta vida corruptível, direciona tua graça em minha companhia, no caminho para a pátria da perpétua claridade. Amém!

Termina o livro sobre a consolação interna, que é o terceiro sobre a imitação de Cristo.⁶⁰

IV**TRATADO SOBRE O VENERÁVEL SACRAMENTO DO ALTAR**

Segue agora o quarto livro sobre a imitação de Cristo, no qual se trata sobre o venerável sacramento do altar. Segue uma devota exortação à sagrada comunhão de Cristo.¹ Voz de Cristo:

Mt 11: 28

“Vinde a mim todos os que trabalhais e que tiverem seus fardos, eu vos alimentarei!”, diz o Senhor. O pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne. Aceitai e comei este que é meu corpo, trazido para vós: fazei-o em minha lembrança.² Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, em mim permanece, e eu, nele. As palavras que vos falei são espírito e vida!

Com quanta devoção se deve receber a Cristo. Voz do discípulo. Capítulo I.

[1] Estas são as tuas palavras, Jesus Cristo, a verdade eterna, ainda que não proferidas a um único tempo, e nem escritas num único lugar. Porque, logo, tuas são estas palavras, e devo ouvi-las e recebê-las em conjunto, com fidelidade e gratidão. São tuas e as proferiste; e também são minhas, porque as declarastes por minha salvação. De livre vontade, as recebo de tua boca para serem incorporadas estritamente em meu coração. Incitam-me palavras de tanta piedade, cheias de doçura e amor. Se meus próprios delitos me aterrorizam e minha consciência impura me aflige na aceitação dos tantos mistérios, a doçura de tuas palavras me provoca. Mas a multidão de meus vícios me enfarda!

Mt 11: 28

[2] Ordenas para que eu me achegue confiantemente a ti se quiser tomar parte contigo, e que eu receba o alimento, se desejar obter a vida e a glória eterna! “Vinde a mim”, diz, “todos os que trabalhais e que tiverem seus fardos, eu vos alimentarei!” Ó, palavra doce e amigável ao ouvido do pecador, porque tu, Senhor, meu Deus, convidas o pobre e o necessitado à comunhão de teu santíssimo corpo. Mas quem eu sou, Senhor, para que presumo ascender até ti? Eis que os céus dos céus não te limitam, e tu dizes: “vinde a mim todos!”. [3] Mas ao que essa benéfica dignidade e tão amigável convite se pretendem? De que modo ousarei chegar a ti, consciente do bem que inexiste em mim? Isso posso presumir. De que modo me atreverei a te introduzir em minha casa, quando muitas vezes ofendi a tua benéfica face? Os anjos e arcanjos te reverenciam,³ os santos e os justos te temem, e tu dizes: “vinde a mim todos!”. Se não tu, Senhor, a dizeres isso, quem acreditaria nesta verdade? E se não és tu a ordenar, quem tentaria se achegar de ti?

Eis Noé, homem justo, na arca que construiu, trabalhando por cem anos, para se salvar com poucos. E eu, de que modo poderei me preparar, em uma hora e com suma reverência, para o fabricante do mundo? [4] Moisés, teu grande companheiro e amigo especial, fez uma arca de madeira imperecível, e a revestiu do mais limpo ouro, para nela depositar as tábuas da lei. E eu, criatura perecível, ousarei receber tão facilmente a ti, criador e doador da vida? Salomão, o sábio rei de Israel, edificou em sete anos um templo magnífico, ao louvor do teu nome; celebrou oito dias de festas em sua dedicação, e ofereceu mil sacrifícios pacíficos, e com clamor de trombetas e júbilo, colocou solenemente a arca da aliança no local que lhe fora preparado. E eu, infeliz, o mais miserável dos homens, de que modo te introduzirei em minha casa, quando com dificuldade soube despendar meia hora em devoção, ou, na verdade, um quarto de hora?⁴ [5] Ó, meu Deus, quanto se empenharam em te agradar. Ai, quão insignificante é o que faço! Quão breve é o tempo em que me satisfaço, quando me disponho a comungar!⁵

Raramente me recolho de todo, e raríssimo me purifico de toda distração. E certamente, em tua saudável e divina presença, não deve ocorrer nenhum pensamento indecente. Nenhuma criatura deve, também, me ocupar, porque receberei em abrigo não um anjo, mas o Senhor dos anjos! [6] E, entretanto, há uma enorme distância entre a Arca da Aliança com suas relíquias e o teu puríssimo corpo, com tuas virtudes inefáveis; entre aqueles sacrifícios da lei, figuras do futuro, e a verdadeira oblação de teu corpo, conclusão de todos os sacrifícios antigos.⁶ Por que, portanto, não me ardo em tua venerável presença? Por que motivo não me preparo em maior atenção à tua santa invocação, quando aqueles santos patriarcas e profetas, e também reis e príncipes, demonstraram os tantos efeitos da devoção, juntos com os povos do universo, acerca do culto divino? [7] O devotíssimo rei Davi, diante da Arca de Deus, com todos os homens e recolhendo os benefícios concedidos aos pais de outrora, fez diversos gêneros de instrumentos, declamou salmos e instruiu o cantar com litania. Cantou, frequentemente, a graça do sopro do Espírito Santo na cítara. Educou todo o povo de Israel a louvar com todo o coração, e a cada dia, unidos na voz, bendiziam e pregavam. Se havia tanta devoção e a recordação existiu com divinos louvores diante da Arca do Testamento, quanta reverência e devoção deveríamos ter, eu e todo o povo cristão, na presença do sacramento, no tomar o excelentíssimo e soberano corpo de Cristo!

[8] Muitos correm a diversos locais para visitar relíquias dos santos e maravilhar-se com seus feitos; vislumbram-se com os edifícios dos templos e beijam com demora seus ossos, envoltos em ouro e seda. E eis que, no altar, tu estás presente junto a mim,

meu Deus, Santo dos Santos, o criador de todos os homens, Senhor dos anjos.⁷ Muitas vezes, em tais atitudes, há apenas a curiosidade dos homens em ver a novidade do não visto, e pouco fruto se ganha para a correção. É o máximo do discurso leviano, no qual não há verdadeira contrição. Mas eis o homem Cristo, tu, de todo presente, meu Deus, no sacramento do altar, no qual Jesus é recebido em fartura. Que o fruto da eterna salvação seja recebido, em todas as vezes, com dignidade e devoção. Que nenhuma levandade, nem curiosidade ou sensibilidade, leve, por sua vez, a isso, mas sim a firme fé, a devota esperança e a caridade sincera.

[9] Ó, Deus, invisível construtor do mundo, quão maravilhosamente ages em nós! Quão graciosamente e suavemente dispões de teus eleitos, aos quais te ofereces para que te tomem a ti mesmo no sacramento. O mesmo supera toda compreensão, e conduz, especialmente, o coração dos devotos, e os acende em efeito. Os teus próprios fiéis, que toda a vida dispõem à correção, frequentemente recebem do digníssimo sacramento a grande graça da devoção e o amor das virtudes. [10] Ó, admirável e oculta graça do sacramento, notada por tantos fiéis cristãos. Os infiéis e servidores dos pecados, entretanto, não podem experimentá-la. No sacramento, a graça é conferida aos espirituais, e a virtude perdida, deformada pelo pecado, é reencontrada. Sua beleza retorna! E às vezes, essa graça é tanta que, unida à plenitude da devoção, não oferece a si própria aos homens mais intensamente na mente do que no próprio corpo frágil.

Mt 11: 28

[11] Entretanto, muito dói e entristece a nossa frieza e negligência, que nos levam sem maior afeição ao invocar de Cristo, no qual consta toda a esperança de nossa salvação e mérito. Pois ele é nossa santificação e redenção. Ele é a consolação de nossos caminhos e o êxtase eterno dos santos. Assim, muito dói que tão poucos sejam advertidos desse mistério salvífico, que satisfaz os céus e conserva o mundo e o universo. Ai, cegueira e dureza do coração humano, que antes não se aproxima do inefável bem, mas que no uso cotidiano, se furta à advertência.

Mt 11: 28

[12] Pois se esse sagrado e santíssimo sacramento fosse celebrado em um só local e consagrado por apenas um sacerdote no mundo, pensa com quanto desejo os homens se disporiam a esse local, a ver o tal sacerdote de Deus celebrarem o divino mistério. Mas agora, muitos se tornaram sacerdotes e em muitos locais Cristo se oferece, para que tanto mais a graça e o amor de Deus apareçam aos homens, quando a sagrada comunhão está difundida largamente pelo globo.⁸ Graças a ti, bom Jesus, pastor pela eternidade, que te dignaste a nos alimentar, pobres exilados, com teu precioso corpo e sangue, e que

ao convite para recebermos este sagrado mistério, disseste com tuas próprias palavras: “Vinde a mim todos que trabalhais e que tiverem seus fardos, eu vos alimentarei”.

Quão grande bondade e caridade de Deus se mostram ao homem no sacramento. Voz do discípulo. Capítulo II.

[1] Achego-me, confiante, em tua bondade e tua grande misericórdia: adoecido, achego-me ao salvador; sedento e faminto, à fonte da vida. Necessitado do Reino dos Céus, sou um servo em busca do Senhor; criatura ao criador. Eu, desolado, ao meu pio salvador! Onde quer que eu esteja, venhas a mim!

Quem sou eu, a quem tu mesmo te ofereças? De que modo o pecador ousa se dignar a aparecer diante de ti? De que modo te dignas a vir ao pecador? Tu conheces o teu servo e sabes que nele não tem nada de bom. Mesmo assim, tu te ofereces! Confesso, portanto, minha vileza, e reconheço tua bondade; louvo tua piedade e tua vontade, e dou graças por tua excessiva caridade, por depreciar a ti próprio, pois fazes isso não por meus méritos, mas para que antes se conheça tua bondade em mim, para que a caridade se insira mais intensamente, e para que a humildade seja recomendada mais perfeitamente. Porque isso te agrada e tu assim ordenas que seja, logo tua dignidade também me agrada, e que me iniquidade não seja empecilho!

[2] Ó, dulcíssimo e benigníssimo Jesus, quanta reverência e ação de graças, com louvores perpétuos, devem-se a ti ao receber de teu sagrado corpo, do qual não se encontra ninguém entre os homens que possa explicar a dignidade. Mas em que coisa melhor e mais saudável pensarei senão em me humilhar totalmente e exaltar tua infinita bondade comigo? Louvo-te, meu Deus, e por toda eternidade te exaltarei. Desprezo e sujeito a ti as minhas vilezas profundas.⁹ [3] Eis tu, santo dos santos, e eu, sujeira dos pecados. Eis tu, inclinando-te a mim; tu querendo estar comigo; tu, que me convidas ao teu convívio. Tu queres me dar os céus, a comida e o pão dos anjos para comer, o santo pão vivo, que não é outra coisa além de ti próprio, que desceste do céu, e que dás a vida ao mundo. [4] Eis que de onde o amor procede, a honra irradia; quão grandes ações de graças e louvores são devidos a ti por isso? Ó, quão saudável e útil foi teu plano! Quando por ele te decidistes, quando te destes como comida, quão suave e jocundo! Ó, quão admirável foi tua obra, Senhor, quão potente a tua virtude, quão inefável a tua verdade! Pois disseste, e tudo se fez e foi feito como mandastes.

[5] É maravilha vencer o intelecto humano pela digna fé, porque tu, Senhor, meu Deus, verdadeiro Deus e homem, te pões inteiro sob um mísero tipo de pão e vinho, e sem que sejas consumido, é comido quando tomado. Tu, Senhor do universo, que de ninguém tens necessidade, quisestes, por teu sacramento, habitar em nós. Conserva o meu coração e o meu corpo imaculados, para que, com uma consciência pura e satisfeita, eu me valha muitas vezes de celebrar os teus mistérios e receba-los para minha salvação perpétua, à qual sancionastes e instituístes, principalmente, à tua honra e memória perene.

[6] Satisfaz-te, minha alma, e dá graças a Deus por tão nobre oferta e alívio singular deixado para ti neste vale de lágrimas. Pois quantas vezes cultivas este mistério e recebes o corpo de Cristo, outras tantas operas a obra de tua redenção e te tornas partícipe de todos os méritos de Cristo, pois a caridade de Cristo nunca diminui e a grandeza de seu sacrifício nunca se exaure.

Por isso, debes sempre te dispor a isso pela renovação dos conhecimentos da mente, e debes pensar com atenta consideração na grandeza do mistério da salvação. Assim, o conhecimento te deve parecer grande e jocundo quando celebrares ou ouvirdes a missa, como se, no mesmo dia, Cristo estivesse descendo para o útero da virgem e se fazendo homem, ou que pendesse na cruz, manifestando-se e morrendo pela salvação dos homens.¹⁰

Quão útil é comungar muitas vezes. Voz do discípulo. Capítulo III.

[1] Eis que venho a ti, Deus, para ter o bem de tua oferta e me satisfazer em teu santo convívio, que preparastes ao pobre com tua doçura. Eis que em ti está tudo o que posso e devo desejar. Tu és minha salvação e redenção, esperança e força, esplendor e glória. Logo, satisfaz hoje a alma de teu servo, uma vez que eu trago a minha alma a ti, Senhor Jesus. Anseio, agora, te receber com devoção e reverência. Desejo te induzir a minha casa até que eu mereça, como Zaqueu, ser bendito e tido, por ti, entre os filhos de Abraão.¹¹ Minha alma deseja teu corpo, e meu coração anseia se unir contigo. [2] Traga-te a mim, e me será suficiente, pois nenhuma consolação se vale além de ti. Sem ti, não posso ser, e sem tua visita, não posso viver. Por isso, é preciso que eu me achegue com frequência a ti e te receba, o remédio de minha salvação, para que eu não careça no caminho, caso me falte o alimento dos céus. Pois assim tu, misericordioso Jesus, ao pregares às gentes e curá-las de muitas fraquezas, uma vez disseste: “Não os quero

Mt 15: 32
Mc 8:2

despedir para suas casas em jejum, para que não desfaleçam pelo caminho”. Logo, faze desse modo comigo, abandonando a ti mesmo no sacramento pela consolação dos fiéis. Pois tu és a suave carência da alma, e aquele que te manducar dignamente, é partícipe e herdeiro da glória eterna. Porque muitas vezes me canso e peço, e rápido me entorpeço e careço, é necessário que eu te tenha. Pelas frequentes orações e confissões, que eu me acenda à percepção, à renovação e à purificação do sacramento de teu corpo, e que eu não me esgote, por mais tempo, na abstinência do santo propósito.

[3] Os sentidos dos homens são orientados ao mal desde sua adolescência, e se a divina medicina não o socorrer logo em seguida, o homem se fragilizará ao pior. A santa comunhão me retrai do mal e me conforta no bem. Pois se agora sou tantas vezes negligente e morno quando me comunico ou celebro, o que aconteceria se não tomasse a medicação e não procurasse tamanha ajuda? É possível que eu nunca estivesse apto e nem bem disposto a celebrar. Entretanto, darei meu empenho para receber os divinos sacramentos ou mistérios nos momentos adequados, além de me mostrar partícipe de tamanha graça, porque é a única principal consolação à alma do fiel, enquanto peregrina até ti, em seu corpo mortal: a memória frequente de seu Deus, que recebe o seu amado em sua mente devota. [4] Ó, é maravilhosa a dignidade de tua piedade que se volta a nós, porque tu, Senhor Deus, criador e vivificador de todos os espíritos, dignastes vir às almas pobrezinhas, e com toda a tua divindade, lutar contra a sua fome!

Ó, feliz e abençoada a alma que merece seu Deus, tu Senhor, e em teu recebimento, te recebe com devoção e alegria espiritual! Ó, quão grande é o Senhor que se recebe! Quão amado é o hóspede que se adentra! Quão jocundo é o companheiro que se readmite! Quão fiel é o amigo que se aceita! Quão formoso e nobre é o esposo que se abraça, amado mais que todos os amados, além de tudo o que se pode ansiar. Que os céus e a terra, junto com todos os seus ornamentos, se calem diante de tua face, dulcíssimo Deus amado, porque o que quer que tenha louvor ou esplendor existe pela dignidade de tua vastidão, e finda no louvor de seu nome, cuja sabedoria é inumerável!

Que muitas coisas boas se oferecem aos que se comunicam devotamente. [Voz do discípulo]. Capítulo III.

[1] Senhor, meu Deus, previne teu servo nas benções de tua doçura, para que mereça se achegar com dignidade e devoção ao teu magnífico sacramento. Desperta o meu coração em ti, e me tira do sério torpor. Visita-me em tua salvação para que eu

Mt 15: 32
Mc 8:2

prove, em espírito, de tua suavidade, que flui nesse sacramento tal qual em sua fonte plena. Ilumina, também, meus olhos para que observem tamanho mistério e acreditem naquela fé que me revigora. Pois é obra tua, e não poder humano. É tua santa instrução, e não invenção dos homens. Pois mesmo alguém idôneo não consegue alcançar, por seu entendimento e compreensão, o que excede até a sublimidade angélica. Logo, o que eu, pecador indigno e cinza na terra, poderia investigar e apreender sobre tão profundo segredo?

[2] Senhor, na simplicidade de meu coração, na boa e firme fé, e aos teus comandos, com esperança e reverência, achego-me a ti, e acredito verdadeiramente, que tu estás presente neste sacramento. Logo, queiras que eu te receba e me una a ti na caridade. Nisso, oro por tua clemência e imploro que me dês essa graça especial para que eu me derreta todo em meu interior, fluindo em amor, e para que eu não interiorize nenhuma outra consolação, ou qualquer outra coisa, tão intensa. Pois esse é o mais profundo e digno sacramento, a salvação de minha alma e corpo, remédio para toda indolência espiritual, na qual meus vícios são curados, as paixões refreadas, e as tentações, vencidas e diminuídas. A graça maior, é então infundida, a virtude começada se manifesta, a fé se firma, a esperança se revigora, e a caridade se incendeia e amplia.

[3] Tuas muitas benesses são igualmente amplas, e muitas vezes as amplias aos teus amados que contigo comungam pelo sacramento, meu Deus, responsável por minha alma, reparador das doenças do homem e concessor de toda consolação eterna. Pois infundes, pelo tempo, muitas consolações contrárias às várias tribulações, e ao contrário do próprio desespero, eriges a esperança de tua proteção. A cada nova graça, também vivificas o interior, regeneras e iluminas, para que aqueles que primeiro se sentem ansiosos e sem afeição antes da comunhão, encontrem então o alimento na comida e bebida dos céus, e melhor se transformem. Portanto, ages servindo os eleitos para que conheçam de verdade e experimentem com potência, quão enfermos são de si mesmos e que bondade e graça procedem de ti, que de si mesmos são frios, duros e indevotos, mas que por ti são dignos de ser fervorosos, vívidos e devotos. Pois quem se achega humildemente à agradável fonte, dela não se aparta com pouco agrado. Ou, quem permanece, junto da farta chama, não receberá pouco calor, e tu és a fonte que nunca enfraquece. [4] Nisso, não se puder extrair a plenitude dessa fonte, nem me juntar à companhia dos que nela bebem, abrirei, ao menos, minha boca para sugar e receber pequenas gotas, e saciar a minha sede, sem que eu me seque de todo. E, se ainda não estiver tão inflamado a ponto de poder estar com os querubins e serafins, tentarei, ao

Mt 11: 28

menos, insistir na devoção e preparar o meu coração para receber a pequena chama do ardor divino pelo sacramento vivificador, recebendo-a com humildade. Mas, Jesus santíssimo e bom salvador, supre-me com bondade e graça no que me faltar, porque te dignastes a falar aos homens, dizendo: “Vinde a mim todos os que trabalhais e que tiverem seus fardos, eu vos alimentarei!” [5] Eu também trabalho com o suor de minha face, e me contorço pela dor de meu coração, enfardo-me pelo pecado, inquieto-me pelas tentações, e ninguém me salvará senão tu, Senhor, meu Deus salvador, a quem me entrego junto com tudo o que tenho, para que me guarde e conduza à vida eterna. Recebe-me em louvores e na glória de teu nome, que me preparastes o teu corpo e sangue como alimento e bebida. Oferece-os, senhor Deus, meu salvador, para que com a frequência de teu mistério, cresça em mim o afeto à devoção.

Sobre a dignidade do sacramento e a dignidade sacerdotal. Voz do amado.
Capítulo V.

[1] Se tiveres uma pureza angélica e a santidade de São João Batista, não serás digno de receber e tratar desse sacramento.¹² Pois não é por méritos que é devido ao homem, a fim de que o homem consagre e trate do sacramento de Cristo, e tome, como alimento, o pão dos anjos. Enorme é o mistério e grande é a dignidade dos sacerdotes, aos quais foi dado o que não foi concedido aos anjos! Esses sacerdotes ordenados, pelo rito da igreja, possuem o poder de celebrar e consagrar o corpo de Cristo! O sacerdote é ministro de Deus, utiliza a palavra de Deus, por desígnio e instrução de Deus; mas Deus é o principal nisso, autor e agente invisível, que sujeita tudo àquilo que desejou, e provê tudo aquilo que impôs.

[2] Logo, debes acreditar mais em Deus onipotente e em seu excelentíssimo sacramento do que em teus sentidos ou em quaisquer sinais visíveis. E, do mesmo modo, com temor e reverência, tu debes te aproximar de sua obra. Atenta-te e vê de quem é o mistério que te foi entregue pela imposição de mãos do bispo: tu foste feito sacerdote e consagrado para celebrá-lo. Vê, com fidelidade e devoção, o sacrifício de Deus, agora e nos momentos em que o ofereceres, e então mostra-te irrepreensível: não aliviaste teu fardo, mas já estás mais rigidamente obrigado ao vínculo da disciplina, e a teres maior perfeição na santidade. O sacerdote deve estar adornado com todas as virtudes e demonstrar aos outros o exemplo de uma boa vida. Seu convívio não deve ser com os

populares, comuns ou vis, mas com os anjos, no céu, e com os homens perfeitos, na terra.

[3] O sacerdote, portando as vestes sagradas, assume o papel de Cristo para rogar a Deus, com súplicas e humildade, por si e por todo o povo. Tem diante de si e atrás de si a cruz do Senhor, para que se lembre, continuamente, do sofrimento de Cristo. Diante de si, na casula, carrega a cruz para ver os passos de Cristo e se empenhar em segui-lo com fervor e amor à causa. Atrás de si, tem a cruz assinalada, como se carregasse, por Deus e com clemência, as contrariedades feitas pelos outros. Diante de si, assume a cruz para lamentar os próprios pecados. Atrás de si, para também chorar as contrariedades entregues pelos outros, por compaixão, e para saber se colocar como um intermediário entre Deus e os pecadores, sem descansar das orações e santas oblações, até que mereça a obtenção da graça e da misericórdia. Quando o sacerdote celebra e honra a Deus com devoção, satisfaz os anjos e ajuda os vivos, prepara o descanso dos defuntos e se torna um participante de todos os bens.

Questão para o exercício antes da comunhão. Voz do discípulo. Capítulo VI.

[1] Quando penso em tua dignidade, Senhor, e em minha vileza, chego a me contorcer de dor e me perturbo. Mas se não me aproximo, fujo da vida, e se eu adentrar com indignidade, incorro em ofensa. Logo, o que farei, meu Deus, auxílio meu em minhas necessidades?

[2] Tu, educa-me no reto caminho, e propõe-me algum breve exercício, adequado à sagrada comunhão. É útil que eu deva saber preparar, com devoção e reverência, o meu coração para ti, e receber, de forma saudável, o teu sacramento, ou ainda, celebrar tamanho sacrifício divino.

Sobre a discussão da própria consciência e o propósito de correção. [Voz do amado]. Capítulo VII.

[1] É preciso que o sacerdote de Deus se aproxime do sacramento, para celebrá-lo, tratá-lo e tomá-lo, sobretudo, com humildade suprema e simples reverência, com plena fé e piedosa intenção à honra de Deus. Examina tua consciência com amor à causa, e te pondo à verdadeira contrição e à humilde confissão, purifica-a e clarifica-a,¹³ para que assim não tenhas ou saibas de nada grave que te volte a morder ou te impeça o livre

acesso. Tenhas desconforto com todos os teus pecados no geral, e antes te doas e gemas pelos excessos cotidianos. E se dispões de tempo, confessa a Deus, no segredo do coração, o conjunto das misérias de tuas paixões.¹⁴

[2] Geme e sente dor porque ainda és carnal e mundano: tão imortificado pelos sofrimentos, tão cheio de movimentos concupiscentes; tão descontrolado nas sensações exteriores, tão envolvido por fantasias, tão inclinado às coisas exteriores; tão facilmente levado ao riso e à frouxidão, tão duro ao dobrar-se e ao arrependimento; tão disposto à luxúria e aos confortos da carne, tão negligente ao rigor e ao fervor; tão curioso a escutar novidades e a ver coisas belas, tão remisso à humildade e a abraçar o abjeto; tão desejoso de possuir muito, tão mesquinho ao dar, tão tenaz ao segurar; tão impulsivo ao falar, tão descomedido no calar; tão descomposto nos costumes, tão inoportuno nos atos; tão imerso no comer, tão surdo à palavra de Deus; tão veloz à quietude, tão demorado ao trabalho; tão vigilante às fábulas, tão sonolento às sagradas vigílias, tão apressado ao seu fim; tão faminto à atenção; tão negligente ao percorrer as horas,¹⁵ tão morno no celebrar, tão demorado no comunicar; tão rapidamente distraído, tão raramente recolhido de forma plena; tão de súbito abalado à ira, tão fácil à displicência do outro, tão orientado ao julgar, tão rígido ao acusar; tão satisfeito diante da prosperidade, tão débil nas contrariedades; e muitas vezes tão proposto às coisas boas e pouco se conduzindo ao aperfeiçoamento.

Mt 15: 32
Mc 8:2

[3] Confessados e deplorados, com dor e grande desprezo próprio, estes e outros defeitos teus, forma o propósito firme de corrigir tua vida e alcançar o melhor. Depois, com plena resignação e íntegra vontade, oferece-te em honra de meu nome, no ofertório da cruz de teu coração,¹⁶ o teu corpo, em holocausto perpétuo: entregando a mim tua alma fiel, até que assim mereças dignamente aproximar-te do sacrifício oferecido a Deus e receber, saudavelmente, o sacramento de meu corpo.

[4] Pois não há oblação mais digna e aprazimento maior para dissolver os pecados do que oferecer a si próprio em comunhão a Deus, na oblação pura e íntegra do corpo de Cristo na missa. Se o homem fizer o seu melhor,¹⁷ e verdadeiramente se arrepender e vier a mim quantas for por perdão e graça, não me lembrarei mais de seus pecados, mas todos lhe serão perdoados. “Eu vivo”, diz o Senhor, “não quero a morte do pecador, mas antes que se converta e viva”.

Ez 33: 11

Sobre a oblação de Cristo na cruz e a resignação própria. [Voz do amado].
Capítulo VIII.

Lc 14: 33

[1] Assim como eu me estendi, espontaneamente, na cruz a Deus Pai, pelas mãos e com o corpo nu, para que nada assim permanecesse em mim que não passasse a ser o sacrifício divino da reconciliação, assim debes te oferecer a mim em oblação pura e santa, cotidianamente, na missa, com todas tuas qualidades e afetos, e quanto mais intimamente puderes. Antes demandando que tu te empenhes em mim, e te resignes e te entregues de todo. O que podes dar além de ti, se com nada me preocupo e nem demandando que me dás além de ti? [2] Assim, de nada te bastarão teus hábitos além de mim, e nem poderão me agradar, assim como o que quer que me dê em oblação sem ti. Oferece-te a mim, dá-te de todo a mim, por Deus, e a oblação será aceita. Eis que eu me entreguei de todo a Deus Pai, por ti, e também dei todo o meu corpo e sangue como comida e bebida, para que eu fosse todo teu e tu, permanecesses todo meu. Mas, se continuares em ti mesmo, sem te entregares espontaneamente à minha vontade, não haverá oblação completa e nem haverá união íntegra entre nós. Portanto, a espontânea oblação de ti próprio às mãos de Deus deve preceder todas as tuas obras se quiseres seguir comigo a liberdade e a graça. Por isso, há tão poucos iluminados e libertos, capazes de alcançar o interior, porque não sabem renegar de todo a si mesmos. E é firme minha sentença: “quem não tiver renunciado a tudo o que possuir, não pode ser meu discípulo”. Logo, se tu almejas ser meu discípulo, oferece-te a mim, com todos os teus afetos.

Como devemos nos oferecer a Deus, com tudo o que é nosso, e orar por todos.
[Voz do discípulo]. Capítulo IX.

[1] Senhor, tuas são todas as coisas que há no céu e na terra, desejo me oferecer a ti em oblação espontânea, e permanecer teu perpetuamente. Senhor, na simplicidade de meu coração, diante de ti e dos teus santos anjos, entrego-me a ti todos pecados e delitos, do dia em que primeiro pude pecar até este momento, ofereço-os em teu altar reconciliador, e também me ofereço a ti, hoje, como servo eterno de teus favores e sacrifício de louvor perpétuo. Recebe com esta santa oblação de teu precioso corpo o que hoje te ofereço na presença invisível dos anjos assistentes, pela minha salvação e pela do conjunto de teu povo. [2] A ti, em teu altar, ponho a remissão de meus pecados como oblação, para que tu tanto os acendas quanto os queimes no fogo de tua caridade, para que apagues a totalidade das manchas de meus pecados, para que limpes minha

consciência de todo erro e me restituas a tua graça, a qual deixei ao pecar, perdoando-me de forma plena, e recebendo-me misericordiosamente em teu o beijo de paz.

[3] O que posso fazer por meus pecados senão os confessar humildemente, lamentando e rezando incessantemente por tuas misericórdias? Rezo a ti que me escute, misericordioso, quando estiver diante de ti, meu Deus. Todos os meus pecados me desagradam muito, e não os quero cometer nem sequer mais uma vez. Eles me doem, e me doerão enquanto eu viver me preparando para a penitência e cumprindo meus propósitos. Afasta, meu Deus, afasta os meus pecados, e por causa de teu santo nome, salva a minha alma, que redimiste pelo teu precioso sangue!

Eis que me entrego à tua misericórdia e me resigno a tuas mãos: faz comigo segundo tua bondade, e não segundo minha maldade e iniquidade. [4] Ofereço a ti, também, tudo o que eu tiver de bom, ainda que seja muito pouco e imperfeito, para que o corrijas e santifiques, para que o tenhas como gratidão, e para que o aceites em ti e sempre o transformes no melhor, para assim me conduzir ao abençoado e louvável fim, eu, homem preguiçoso e inútil.

[5] Ofereço também a ti todos os desejos dos devotos, as necessidades de meus parentes, amigos, irmãos, irmãs e de todos os que me são caros, além dos deles direcionados a mim, ou de quaisquer outros que me bendissem por conta de teu amor, e daqueles que desejaram e solicitaram que eu dissesse as orações e missas por todos os seus, fossem ainda vivos na carne ou já defuntos ao século: que assim todos sintam advir o auxílio, fruto da graça, as consolações, a proteção nos perigos e a liberdade dos pecados. Que, retirados de todos os males, dissolvam-se em magníficas graças, satisfeitos em ti.

[6] Também te ofereço preces e sacrifícios de reconciliação especialmente por aqueles que me lesaram em algo, me entristeceram ou me ultrajaram, ou me infligiram algum dano ou dificuldade. Por eles e também por todos que alguma vez entristeci, conturbei, atrapalhei ou escandalizei, por palavras ou fato, conscientes ou não: que perdoes a todos nós em igualdade, em nossos pecados e ofensas mútuas. Leva de nossos corações, Senhor, toda desconfiança, indignação, ira e conflito, qualquer coisa que possa lesar a caridade e diminuir o amor fraterno.

Tenha misericórdia de mim, Senhor, segundo a tua misericórdia! Dá a graça aos que pedem; o perdão, aos necessitados; faz-nos existir como dignos de desfrutar de tua graça, e para que progridamos até a vida eterna.

Por que a Sagrada Comunhão não deve ser deixada facilmente. [Voz do amado]. Capítulo X.

Jó 1: 6; 2: 1

[1] Deve-se recorrer com frequência à fonte da graça e da divina misericórdia, à fonte da bondade e de toda pureza, até que te valhas curar de todas as tuas paixões e vícios, até que te tornes mais forte e mais vigilante contra todas as falácias do Diabo. O inimigo sabe do fruto e do máximo remédio que está posto na Sagrada Comunhão, e, por todo modo e ocasião, prevalece como pode e tenta dela retirar e impedir os fiéis e devotos. [2] Quando alguém dispõe a se apartar da Sagrada Comunhão, sofre as piores invectivas de Satã. Em *Jó* está escrito que esse mesmo espírito foi para dentre os filhos de Deus, perturbá-los com suas maldades usuais, constrangendo-os ou deixando-os perplexos com seus excessos até que diminuíssem seus afetos ou, combatendo-os, lhes roubasse a fé, para que, porventura, deixassem de todo a comunhão ou a ela se aproximassem com torpor.¹⁷ Mas não se deve preocupar com qualquer uma de suas artimanhas e fantasias, ainda que torpes e horríveis, pois todas essas ilusões recairão sobre sua cabeça. O miserável deve ser desprezado e escarnecido, e não se abandonará a Sagrada Comunhão por conta de seus insultos e das comoções que suscita.

[3] Muitas vezes, a excessiva atenção à devoção que se deve ter e a ansiedade quanto à confissão que se deve fazer, causam embaraço. Age segundo o conselho dos sábios e põe de lado a ansiedade e o escrúpulo, pois impedem a graça de Deus e destroem a devoção da mente por conta de alguma pouca perturbação ou dificuldade. Não deixe a Sagrada Comunhão, mas vai confessar-te rapidamente e perdoa, de bom grado, todas as ofensas dos outros. Se tu ofendeste de verdade a alguém, reza humildemente pelo perdão, e Deus, de bom grado, te perdoará. [4] Do que te vale demorar por mais tempo a confissão ou atrasar a comunhão do sacramento? Expurga-te logo com os primeiros, cospe de uma vez o veneno, recebe com pressa o remédio e te sentires melhor do que se te atrasasses por mais tempo. Se por conta disso hoje a deixas, talvez amanhã suceda algo maior, e assim poderás ser impedido por mais tempo à comunhão, e te fazeres ainda mais inapto. Quanto mais rapidamente puderes, sacode-te da presente inércia e da dificuldade, porque de nada contribui estar ansioso por mais tempo, no qual só se passa entre perturbações e se é sequestrado do divino por obstáculos cotidianos. Assim, muito prejudica protelar por longo tempo a comunhão, pois isso costuma induzir grave torpor.

Infelizmente, alguns são mornos e frouxos na confissão dos costumes, e, por isso, aceitam ou desejam atrasar, de bom grado, a Sagrada Comunhão, para não ter que

dedicarem maior controle sobre si. [5] Ai, quão pouca caridade e fraca devoção têm aqueles que facilmente relegam a Sagrada Comunhão! Quão feliz é aquele aceito por Deus, que assim vive e guarda sua consciência em tal pureza, como se também estivesse preparado e afeito para comunicar todos os dias, se assim fosse permitido e não chamasse a atenção. Se alguém, em algum momento, se abster por humildade ou causa de legítimo impedimento, louvado seja pela reverência. Mas se o torpor se insinuar, deve se reanimar e fazer o melhor:¹⁸ Deus se juntará a seu desejo, olhando especialmente para tua boa vontade. [6] Quando, porém, estiver legitimamente impedido, tem sempre boa vontade e pia intenção em comunicar, e assim não carecerás do fruto do sacramento, pois qualquer devoto pode, a todo dia e a toda hora, atingir saudavelmente e sem obstáculo, a comunhão espiritual com Cristo. Entretanto, em certos dias e tempos definidos, deve receber sacramentalmente o corpo de seu redentor com afeita reverência, antes pretendendo o louvor e a honra de Deus do que procurando a sua consolação, pois todas as vezes em que se comunica misticamente e se alimenta do invisível, cultiva-se devotamente o mistério e o sofrimento da encarnação de Cristo, e se acende em seu amor. [7] Aquele que, de outra forma, só se prepara em momento de festa ou quando constrangido pelo costume, na maioria das vezes estará despreparado.

Abençoado aquele que se oferece em holocausto ao Senhor todas as vezes que celebra ou se comunica! Não sejas demasiado prolixo ou apressado, mas guarda o modo comum daqueles com os quais vives. Não deves provocar incômodo ou tédio aos outros, mas guarda o caminho segundo a instrução dos maiores. Antes o serviço útil aos outros do que a própria devoção ou afeto.

Por que o corpo de Cristo e as Sagradas Escrituras são o mais necessário à alma do fiel. [Voz do discípulo]. Capítulo XI.

[1] Ó, dulcíssimo Senhor Jesus Cristo, quanta doçura há para a alma devota que se banqueteia contigo, em teu convívio.¹⁹ Nele, não se propõe outra comida a ser ingerida senão tu, seu único amado, desejado acima de todos os desejos de seu coração. Que eu também pudesse, em tua íntima presença, derramar lágrimas de afeto e com a pia Madalena, banhar de lágrimas teus pés.²⁰ Mas onde está essa devoção? Onde está a efusão copiosa das lágrimas dos santos? Certamente, meu coração deveria arder e chorar de alegria na presença tua e de teus santos anjos, pois tenho a ti verdadeiramente presente no sacramento, embora oculto por outros elementos.

[2] Meus olhos não podem ver-te em tua própria e divina claridade, embora todo o mundo subsista no fulgor de tua majestade. Logo, nisto, ajo bem consciente de minha debilidade, porque tu te escondes sob o sacramento. Mas eu o tenho como verdadeiro e o adoro como os anjos te adoram no céu: eu, entretanto, por meio da fé, enquanto eles, à vista e sem véu. A mim, é preciso permanecer constante na luz da verdadeira fé, e nela caminhar até que o dia da eterna claridade se anuncie e as sombras se transformem em imagens. Mas quando vier o que é perfeito, o uso do sacramento cessará, porque abençoados na glória celeste, não necessitarão dos remédios sacramentais, pois se alegrarão na santa presença de Deus, face à face de sua glória, refletindo claridade em claridade até o divino abissal, e provarão da palavra de Deus que se fez carne, assim como desde o início e para sempre.

[3] A lembrança desses momentos maravilhosos me conduz ao incômodo e ao tédio, assim como com qualquer alívio espiritual, porque quando não vejo meu Senhor revelado em sua glória, considero como nada tudo o que, no mundo, percebo e ouço. Deus é minha testemunha de que nada pode me consolar, de que nenhuma criatura pode me aquietar senão tu, meu Deus, a quem desejo, eternamente, contemplar. Mas nada disso é possível enquanto durar a minha mortalidade. Por isso, é preciso que eu me coloque à paciência, e submeta a ti todos os desejos. Mesmo os teus santos, Senhor, os quais já exultam contigo no reino dos céus, enquanto viveram, tinham expectativa pela vinda de tua glória, com fé e grande paciência. Porque eles acreditaram, eu acredito; porque eles esperaram, eu espero. Aonde eles chegaram por tua graça, confio que eu irei, e por enquanto, caminharei na fé, confortado pelo exemplo dos santos. Também tenho, como alívio e espelho da vida, os livros santos, e acima de tudo isso, o teu santíssimo corpo, refúgio e único remédio.

[4] Dá-me o que sinto ser, de fato, as duas coisas mais necessárias para esta vida, sem as quais ela me seria insuportável, a qual confesso ser como a de um prisioneiro, encarcerado neste corpo: a comida e a luz que assim deste a mim, doente. Teu sagrado corpo como refeição da mente e corpo, nos quais puseste a luminosidade de tua palavra diante de meus pés: sem estas duas, não posso viver bem. A palavra de Deus, pois, é luz para minha alma, e teu sacramento, o pão da vida. Posso dizer que são as duas mesas, posicionadas lado a lado dentre o patrimônio da Santa Igreja. Uma dessas mesas é o altar sagrado, na qual se tem o santo pão, isso é, o precioso corpo de Jesus. A outra contém a santa doutrina da divina lei, de onde se retira a correta fé, até se alcançar o interior de seus véus, onde está o Santos dos Santos. Dou graças a ti, Senhor Jesus Cristo,

luz da luz eterna, pela doutrina das mesas sagradas que ministraste a nós por teus servos, teus profetas, apóstolos e outros doutores.²¹

[5] Dou graças a ti, criador e redentor dos homens, que para declarar a todo mundo tua caridade, preparaste uma grande ceia, na qual não dispuseste o típico cordeiro, mas teu santíssimo corpo e sangue para serem ingeridos, alegrando a todos os fiéis com o sagrado banquete e os inebriando com o saudável cálice, no qual estão todas as delícias do paraíso e se banqueteam conosco os santos anjos, e com mais feliz suavidade.

[6] Ó, quão grande e venerável é o ofício dos sacerdotes, aos quais é dado consagrar o Senhor da majestade pelas sagradas palavras, bendizê-lo com os lábios, retê-lo com as mãos, comê-lo com a própria boca e ministrá-lo aos outros. Ó, quão puras devem ser suas mãos, quão pura sua boca, quão santo seu corpo, quão imaculado deveria ser o coração do sacerdote, em quem por tantas vezes entra o autor da pureza! Nenhuma palavra que não seja santa, não seja honesta ou útil deve proceder da boca do sacerdote, que por muitas vezes recebe o sacramento de Cristo. [7] Seus olhos, que costumam observar o corpo de Cristo, sejam simples e comedidos. As mãos, que costumam manusear o criador do céu e da terra, sejam puras e elevadas para o céu. Especialmente aos sacerdotes, é dito na lei de Deus: “Sede santos, uma vez que eu, Deus, vosso Senhor, sou santo!”

[8] Deus onipotente, que tua graça nos ajude, para que recebamos o ofício sacerdotal e possamos servir a ti com toda pureza e com boa consciência. E se não pudermos conduzir nossas vidas com tanta inocência, como devíamos, concede-nos, ao menos, chorar o mal que fizemos e servir a ti e aos outros com espírito de humildade e fervente propósito de boa vontade.

Com quanto amor deve se preparar aquele que vai comungar com Cristo.
[Voz do amado]. Capítulo XII.

[1] Eu sou amante da pureza e aquele que dá toda santidade. Eu procuro o coração puro e ele é o local de meu repouso. Prepara-me uma grande sala e nela faz-me a Páscoa com meus discípulos. Se queres que eu venha a ti e permaneça contigo, purifica-te do velho fermento e limpa a morada de teu coração. Exclui tudo o que é do século e todo o tumulto dos vícios. Senta tal qual pássaro solitário no telhado, e pensa na amargura de minha alma por teus excessos. Todo amante prepara o melhor local para seu amado amante, pois nisso se faz conhecer o afeto do que recebe o amado.

Lv 11: 44
 19: 2
 20: 7, 26
Pd 1: 15-16
I Jo 3: 3

[2] Sabe, entretanto, que tu não podes satisfazer esta preparação pela ação de teu próprio mérito, ainda que te preparasses por um ano inteiro e não tivesses nada mais em mente. Mas te permitas aproximar de minha mesa pela exclusiva piedade e por minha graça, como um mendigo chamado ao almoço de um homem rico e que nada possui para retribuir o benefício senão se humilhando e agradecendo a ele. Faz o que há em ti, e faz com amor à causa, não por costume, não por necessidade, mas com temor e reverência, e então recebe com afeto a digna vinda do corpo de teu amado Deus. Eu sou aquele que chama. Eu ordenei que assim fosse; eu completarei o que em ti falta. Vem e me recebe!

[3] Quando atribuo a graça da devoção, dê graças a teu Deus, não porque és digno, mas porque tive misericórdia de ti. Se não tens devoção, mas antes te sentes seco, insiste na oração. Geme e chama, não desistas até que mereças receber a migalha e a gota da graça da salvação. Tu careces de mim, eu não careço de ti. Nem tu vens me santificar, mas eu venho para te santificar e melhorar. Tu vens para serdes santificado por mim e te unires a mim: recebas uma nova graça e, de novo, acenda-te à devoção. Não negligencia essa graça, mas te prepara, junto com teu coração, com todo amor, e introduz em ti o teu amado.

[4] É preciso, pois, que não apenas te prepares à devoção antes da comunhão, mas que também nela te conserves solícito após receber o sacramento. Não se exige menor guarda após do que na devota preparação anterior, pois após o momento, a melhor guarda é a preparação para se conseguir maior graça. Por certo, se torna muito indisposto aquele que, ao dele retornar, imediatamente se afunda aos alívios exteriores. Acautelate de falar muito; permaneças no segredo e usufrui de teu Deus, pois tens Aquele a quem o mundo inteiro não pode afastar de ti. Eu sou Aquele a quem tu deves te dar de todo, para que assim já não haja outra coisa em ti, e vivas em mim, na ausência de toda inquietação.

Por que a alma devota deve, de todo o coração, dispor-se à união com Cristo no sacramento. [Voz do discípulo]. Capítulo XIII.

[1] Quem me dera, Senhor, que eu te encontrasse só, abrisse meu coração a ti e usufruísse de ti, assim como minha alma deseja. Que ninguém já em mim reparasse; que nenhuma outra criatura me olhasse ou julgasse. Que tu somente me fales, e eu contigo, assim como amado e amado se falam; como no convívio de amigo com amigo. Por isso oro, por isso desejo: que eu me una de todo a ti, e que abstraia todo meu coração de

todas as coisas criadas, e que antes aprenda a saborear as coisas celestes e eternas pela frequente celebração e sagrada comunhão. Ah, Senhor, meu Deus, quando estarei de todo unido a ti, absorvido e totalmente esquecido de mim? Tu estás em mim, e eu estou em ti: assim, um se concede ao outro.

[2] Tu és verdadeiramente meu amado, escolhido dentre milhares, em quem agrada à minha alma habitar em todos os dias de sua vida. Tu és verdadeiramente meu pacificador, em quem está a suma paz e o verdadeiro descanso, e fora de quem há somente trabalho e dor, a infinita miséria. Tu és verdadeiramente o Deus escondido, e teus planos não estão com os ímpios, mas tuas sentenças, com os humildes e simples.

Ó, quão suave é o teu espírito, Senhor! Para demonstrares tua doçura aos filhos, dignastes a alimentá-los com a descida do suavíssimo pão dos céus. Não há, verdadeiramente, separação tão grande entre Deus e os que dele se aproximam. Assim, tu és nosso Deus: vens a teus fiéis universalmente, aos quais dás o alívio cotidiano, e atribuis a ti mesmo como comida e usufruto, para que alcem seus corações aos céus.

[3] Que outro povo, pois, é tão ilustre quanto a gente cristã? Ou qual criatura sob o céu tão amada quanto a alma devota, por quem Deus entrou e sofreu em sua carne gloriosa? Ó, inefável graça! Ó, dignidade admirável! Ó, amor imenso, dispendido unicamente ao ser humano. Mas como retribuirei ao Senhor pela graça, essa caridade tão exímia? Não há outra coisa com a qual seja capaz de dar em gratidão como te atribuir totalmente o meu coração e me juntar a ti intimamente. Então todo o meu interior exultará quando tu, Deus, estiveres perfeitamente unido à minha alma. Então, dirás: “Se tu queres estar comigo, eu quero estar contigo”. E eu responderei: “Digna-te, Senhor, a permaneceres comigo; eu quero estar contigo de bom grado. Este é todo o meu desejo: que meu coração esteja unido a ti.”

Sobre o ardente desejo de alguns devotos ao corpo de Cristo. [Voz do discípulo]. Capítulo XIII.

[1] Ó, quão grande é a quantidade de tuas doçuras, Senhor, escondidas senão aos que temem. Quanto me recordo da devoção e afeto de alguns devotos, ao se aproximarem de teu sacramento, Senhor, então, muitas vezes, me perturbo e envergonho, porque me aproximo de teu altar e da mesa de tua sagrada comunhão tão morno e frio; porque permaneço assim, seco e sem afeição no coração; porque não estou totalmente aceso à frente de tua face, ao meu Deus. Minha atração e afeto não são assim

tão veementes quanto foram os de muitos devotos, que pelo intenso desejo da comunhão e sensível amor do coração, não podiam conter as lágrimas, mas que entregavam de forma íntima tanto a boca do coração quanto a do corpo para ti, Deus, fonte viva. Valentes, não saciavam sua fome de outra forma, e por mais nada tomavam gosto, senão por teu corpo, que recebiam de todo jucundos e ávidos espiritualmente. [2] Ó, a sua fé verdadeira e ardente existe como argumento que prova tua sagrada presença, pois eles reconheciam verdadeiramente o seu Senhor na fração do pão. Seus corações lhes ardiam tão valorosamente por Jesus caminhar com eles. Muitas vezes, está longe de mim tal afeto e devoção, tão veemente amor e ardor. Sê-me propício, bom Jesus, doce e benigno! Concede a este teu pobre mendigo sentir, em algum momento, o cordial afeto de teu amor pela sagrada comunhão, para que minha fé se recobre ainda mais! Que a esperança em tua bondade progrida, e de forma semelhante, que a caridade perfeita, acesa e tendo experimentado o *maná* celeste, nunca se enfraqueça.²² [3] Mas tua misericórdia é poderosa para também me dar a desejada graça de Deus e me visitar com clemência, no espírito do ardor, quando o dia de teu benefício advir. É certo que não ardo com tanto desejo e nem de forma tão espiritual quanto teus devotos. Entretanto, tenho o mesmo desejo por tua graça, aquele maior e inflamado desejo. Oro e desejo me tornar partícipe com todos aqueles teus amantes fervorosos, e constar como um de sua santa companhia.

Como a graça da devoção se adquire com humildade e negação de si mesmo.
[Voz do amado]. Capítulo XV.

[1] É preciso que tu peças incessantemente pela graça da devoção, que a busque pacientemente, que a esperas com confiança e a recebas de forma grata. Guarda-a com humildade; com ela, esforça-te com empenho, e entrega o momento de seu término a Deus, até que a visitação superior retorne. Tu deves, principalmente, te humilhar quando não sentires a devoção interior, mas sem te desesperares e nem te entristeceres de forma desordenada. Deus dá, muitas vezes, por um breve momento o que negou por um longo tempo. Às vezes, atrasa ao fim o que poderia dar no começo da oração.

[2] Se a graça sempre fosse dada rapidamente e houvesse a promessa de sua presença, ela não seria possível ao ser humano doente, uma vez que se deve ter a expectativa da graça com boa esperança e humilde paciência. Entretanto, imputa a ti teus pecados quando ela não for dada ou se esconder, ou ainda, quando for levada de forma misteriosa. Às vezes, é algo pequeno que impede e esconde a graça, ainda que se

deva dizer “grande” ao invés de “pequeno”, pois proíbe algo tão bom. Se o removeres e vences perfeitamente, seja grande ou pequeno, será como pediste.

[3] Para te trazeres imediatamente a Deus, de todo coração, não sirvas o que quer que seja de tua libido ou vontade. Se te puseres integralmente nele, tu e ele serão uma única criatura, plenamente pacificada, pois não há sabedoria ou agrado maior que o benefício da vontade divina. Logo, qualquer um que tenha elevado sua intenção a Deus com simplicidade de coração, ou se esquivado de todo amor desordenado ou dos desagradados da criação, será mais apto para receber a graça e digno para as ofertas da devoção. O Senhor, pois, coloca a sua benção nos vasos vazios que encontra.²³ E quanto mais perfeitamente alguém tenha renunciado às coisas ínfimas, e antes morre em si mesmo pelo próprio desprezo, tanto mais rapidamente a graça vem e lhe entra mais fartamente, elevando ainda mais alto o coração livre. [4] Então verá, e seu coração fluirá e crescerá, porque a mão de Deus estará com ele, e ele se entregará totalmente à mão de Deus, até que passem os séculos. Eis como se bendiz o homem que procura a Deus com todo o seu coração, e que não recebeu sua alma em vão.

No receber da grandiosa sagrada eucaristia, promete-se a graça da divina união, porque nela não se olha a própria devoção e consolação, mas a glória e a honra de Deus.

Como devemos revelar nossas necessidades a Cristo e pedir por sua graça.
[Voz do discípulo]. Capítulo XVI.

[1] Dulcíssimo e amadíssimo Senhor, a quem agora desejo receber: tu sabes de minha doença e da necessidade de que sofro, dos tantos males e vícios aos quais me lanço e me afligem por tantas vezes, os quais me tentam, perturbam e me sujam! Venho a ti pelo remédio; pela consolação e cura, rezo a ti. Falo a ti que conheces todas as coisas manifestas, todo o meu interior, o único que pode me consolar e ajudar perfeitamente. Tu sabes dos bens de que necessito antes de tudo e que sou pobre em virtudes.

[2] Eis que estou diante de ti, pobre e nu, pedindo e implorando pela graça. Olha para este teu mendigo faminto. Acende minha frieza no fogo de teu amor. Ilumina minha cegueira com a claridade de tua presença. Verte em mim todo o amargor pelas coisas terrenas, toda a paciência para as coisas difíceis e adversas, todo o desprezo e esquecimento pela criação finita. Eleva meu coração a ti, no céu, e não me deixes ficar vagando sobre a terra. Que somente tu assim me adoces até o fim dos séculos, porque somente tu és minha comida e bebida, meu amor, minha alegria e todo o meu bem. [3]

Que tu me incendeies totalmente em tua presença, em ti me queimes e me transformes para me tornar um único espírito contigo pela graça da união interna e pelo derretimento no amor ardente. Não permitas que eu me retire de ti, em jejum e seco, mas faze comigo, por misericórdia, o que tantas vezes fizeste milagrosamente com teus santos. Quão maravilhosamente seria se eu todo me incendiasse em ti e em mim mesmo me consumisse, tu, fogo sempre ardente e amor que nunca falha, que purifica os corações e ilumina a compreensão.

Sobre o desejo ardente, o amor e afeto veemente de receber Cristo. [Voz do discípulo]. Capítulo XVII.

[1] Com suprema devoção e amor ardente, desejo receber a ti, Senhor, igual aos muitos santos e assim como pessoas devotas, desejaram se comunicar contigo, com todo o afeto e fervor de coração, esses que te agradaram com a máxima santidade em vida, e estiveram na devoção mais ardente. Ó, Deus, meu amor eterno, todo o meu bem, felicidade interminável, desejo te receber com desejo ainda mais veemente e reverência mais digna do que qualquer um dos santos teve ou pôde sentir.

[2] Ainda que eu seja indigno de ter todos os sentimentos da devoção, ofereço a ti todo o afeto de meu coração, como se somente tivesse todos aqueles gratíssimos e inflamados desejos. O que quer que a mente piedosa possa, ela concebe e deseja. Pondero e te ofereço isso tudo com suprema veneração e íntimo fervor. Almejo nada reservar a mim: imolo-me a ti, espontaneamente e de bom grado, junto com tudo o que é meu.

Jo 3: 29

Mt 9: 15

Lc 1: 38

Senhor meu Deus, meu criador, meu redentor, com tal afeto e reverência eu te louvo e honro. Com tal gratidão, dignidade e amor, com tal fé, esperança e caridade, hoje te recebo, assim como te recebeu e desejou a tua santíssima mãe, Maria, virgem gloriosa, quando respondeu, com humildade e devoção, ao anjo da santa notícia do mistério da encarnação: “Eis a serva do Senhor. Faça-se comigo segundo tua palavra.”²⁴

[3] E assim como teu abençoado precursor, o mais excelente dentre os santos, João Batista, que em tua presença exultou satisfeito, na alegria do Espírito Santo, quando ainda dentro das entranhas da mãe antevia Jesus caminhando entre os homens, dizia com intensa devoção e afeto: “Mas o amigo do esposo, ao lhe estar junto e lhe ouvir com alegria, alegra-se por conta de sua voz”. Assim, almejo me apresentar a ti de todo coração, inflamando-me com grandes e sagrados desejos: ofereço a ti o júbilo ardente

de todos os corações devotos; suas afeições e afeto; suas elevações da mente e iluminações sobrenaturais, sua visão além da cegueira. Demonstro-os com todas as virtudes e louvores, celebrados e a celebrar por todas as criaturas dos céus e da terra, por mim e por todos que me recomendaram as orações até que tu sejas louvado com dignidade por todos e glorificado no eterno.

[4] Aceita meus votos, Senhor, meu Deus, e meus desejos de infinitos louvores e de imensas bençãos, as quais a ti se devem, segundo a multidão de tua inefável e grandiosa justiça. Isso te devolvo, e desejo devolvê-lo a cada dia e instante; convido e oro, com preces e afetos, todos os espíritos celestes e o conjunto de teus fiéis para, juntos comigo, te devolver as graças e os louvores!

[5] Louvam-te os povos do universo, as tribos e línguas; magnificam teu santo e melífluo nome, com supremo júbilo e ardente devoção! Que aqueles que celebram com reverência e devoção teu sacramento e que recebem com plena fé a graça e misericórdia mereçam te alcançar! E que orem, suplicando, por mim, pelo pecador que sou. Quando tiverem bebido, na devoção almejada e na fruída união, estiverem bem consolados e milagrosamente alimentados, afastando-se da sagrada mesa do céu, que se dignem a lembrar de mim, do pobre que sou.

Que o homem não seja um curioso especulador do sacramento, mas um humilde amante de Cristo, submetendo seus sentidos à sagrada fé. [Voz do amado.]
Último Capítulo.

[1] Deves-te acautelar de especular sobre as coisas curiosas e inúteis nesse profundíssimo sacramento se não quiseses te submergir em profundas dúvidas. Quem especula a majestade é oprimido pela glória. Mais vale Deus realizar do que o homem compreender. É tolerável o piedoso e humilde exame da verdade preparado sempre para dotar o caminhar com os estudos das saudáveis sentenças dos pais.²⁵ [2] Santa simplicidade que abandona as questões difíceis e persevera nos caminhos planos e nas firmes trilhas dos mandamentos de Deus! Muitos perderam a devoção quando quiseram especular sobre as coisas elevadas. Exige-se de ti a fé e a vida sincera, não a compreensão elevada e nem profundidade dos mistérios de Deus. Se não compreendes nem assentes ao que está abaixo de ti, de que modo aprenderás o que está acima de ti? Submete teu sentido a Deus e à humilde fé, e te será dada a luz de acordo com o que te for útil e necessário.

[3] Alguns são seriamente tentados na fé e no sacramento, mas não devem se atribuir a responsabilidade por isso, mas antes não se preocupe e nem dispute com teus pensamentos e nem responda às invectivas tentações do diabo, mas acredita nas palavras de Deus; acredita em seus santos e profetas, e o inimigo fugirá de ti, incapaz. Por vezes, muito mais vale que o servo de Deus suporte tais coisas, pois ele não tenta os infiéis e pecadores, os quais já retém com segurança. Entretanto, incomoda e tenta os fiéis devotos de vários modos.

[4] Logo, persevera com a simples e indubitável fé, e com simples reverência, aproxima-te do sacramento. O que quer que não te valhas compreender, entrega, com segurança, a Deus onipotente. Deus não falhará contigo. Falho é quem, por menos que seja, acredita em si mesmo. Deus avança com os simples e se revela aos humildes. Dá a compreensão aos pequenos, revela o sentido às mentes puras, e esconde a graça dos curiosos e soberbos. A razão humana é fraca e pode falhar, mas a fé verdadeira não falha. [5] Toda razão e investigação natural devem seguir a fé, e não a preceder e nem a infringir. Pois a fé e o amor excedem ao máximo o que está oculto e realizam tudo neste sagradíssimo e excelentíssimo sacramento.

Deus eterno e imenso, de infinito poder, que fez as coisas grandiosas e incompreensíveis, no céu e na terra! Não há investigação de suas obras maravilhosas. Se tais obras fossem de fácil apreensão para a razão humana, não seriam ditas maravilhosas e nem inefáveis.

Termina o quarto livro da *Imitação de Cristo*, no qual se trata, especialmente, do venerável sacramento do altar.²⁶

Terminam os quatro livros da *Imitação de Cristo*, do homem excepcional Thomas de Kempis, cônego regular do Monte de Santa Agnes, em Utrecht, impressos por meio de letras de bronze em Reutlingen, por Günther Zainer.²⁷

COMENTÁRIOS

COMENTÁRIOS AO LIVRO I
MANUAL CONSOLADOR PARA A INSTRUÇÃO DOS DEVOTOS

1 – Começa o Manual da Consolação para a Instrução dos Devotos:

Já no começo do primeiro livro, encontramos um termo que se mostra distintivo para a compreensão da natureza da *Imitação de Cristo*: “*libellus*, -i”, palavra latina que designa, literalmente, “pequeno livro”, que traduzimos por “manual”. Essa escolha se justifica por dois motivos: o primeiro, decorrente da dedução quase óbvia de que um “pequeno livro”, por suas dimensões práticas, poderia estar sempre à mão, e daí “manual”; em segundo, pelas conotações que o termo “manual” carrega em português, entendido também como “guia”, “livro de instrução”. Assim, acreditamos definir por esse termo, a natureza prática dos dois primeiros livros, que acabaram dando o formato de publicação de todo o compêndio, ressaltando o seu uso como instrumento e guia nas atividades cotidianas das comunidades da *devotio moderna*. A cópia de “pequenos livros” foi comum durante toda a Idade Média, especialmente como forma de anotação e compilação individual, muito utilizada por pregadores. Com suas anotações à mão, teriam um meio de rápida consulta para pregações, ou mesmo para citações escritas, como cartas, tratados e obras de natureza teológica. Essa é origem dos chamados *florilegia* (plural do termo latino “*florilegium*, -i”) e *exempla* (plural de “*exemplum*, -i”), verdadeiras compilações de excertos reunidos para um determinado fim, e até mesmo de obras mais elaboradas, como *A Imitação de Cristo* e a *Legenda Áurea*, produzida por Jacopo da Varazze visando suprir os pregadores de sua época com relatos sobre vida de santos. FRANCO Jr., Hilário. “Apresentação”. In VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: Vida de Santos*. Tradução, apresentação e notas de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 12-15. Essas pequenas compilações se associariam à prática da leitura individual com fins meditativos, cuja máxima expressão são os chamados *Livros de Horas*, coletâneas de orações, salmos e hinos que deveriam ser lidos em horas específicas do dia. Erik Kwakkel, em recente publicação, aponta duas representações da anunciação em que Maria, no momento solene do aparecimento do anjo Gabriel, porta um pequeno livro, sendo uma proveniente de uma *istula*, o receptório destinado à água benta, datada dos anos 860-890 E.C. (*The Metropolitan Museum of Art*, Nova Iorque, nr. 7.190.5) e a outra no Tríptico da Anunciação de Mérode, produzido por Robert Campin, em Tornai, no ano de 1460 E.C. (*The Cloister Collections*, galeria 19, 56-70 a-c). Em ambas, ainda que de épocas distantes, é possível notar como a prática da leitura e oração individual é utilizada para reforçar a sacralidade do momento. KWAKELL, Erik. *Books before print*. Leeds: Arc Humanities Press, 2018. pp. 94-97. No

contexto específico da *devotio moderna*, a cópia de excertos e composição de guias para a prática meditativa deu origem ao gênero específico dos *rapiaria* (plural do termo latino “*rapiarium*, -i”), um gênero composto por excertos que deveriam fomentar o ardor espiritual em quem os lesse. Inicialmente individuais, alguns se desenvolveriam em manuais coletivos, sendo sucessivamente copiados, como é o caso do *Pequeno Tratado do Devoto* (*Tractatulus devotus*), de Florent Radewijns, e da própria *Imitação de Cristo*. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout: Brepols 2002. p. 75; RADEWIJNS, Florent. *Pétit Manuel pour le dévot moderne*. Établissement du texte latin, sources et traduction par Francis Joseph Legrand. Turnhout: Brepols Publishers, 1999. pp. 17-20; VAN ENGEN, John. *Devotio Moderna: Basic Writings*. Translated and introduced by John Van Engen. New York: Paulist Press, 1988. pp. 8-9. É curioso notar como esse formato de texto, de pequenas dimensões e destinado à prática cotidiana, nunca abandonou de todo *A Imitação de Cristo*. Mesmo após mais de seiscentos anos, suas edições continuam a ser geralmente publicadas como “livros de bolsos”, fato que atesta a sobrevivência dessa obra como guia espiritual.

2 – ... ao qual segue o Evangelho de Mateus, chamado de Livro da Origem de Jesus Cristo, porque no primeiro capítulo, faz menção à origem de Cristo segundo a carne:

Nos séculos XIV e XV, era comum que circulassem compêndios que reuniam diversos textos. A *Edição de Veneza* (EV-1483), com a qual cotejamos a *Edição de Augsburgo* (EA-1471/2), aqui traduzida, encontrava-se reunida com outros vinte e um textos, citados em *index* posicionado como primeira página do volume. Os quatro livros que formam *A Imitação de Cristo* possuem naturezas distintas, e é muito provável que não foram formulados em conjunto, sendo que, muitas vezes, os diferentes livros, e até mesmo alguns trechos, circularam de forma independente da compilação que hoje conhecemos. A cópia mais antiga em que os quatro aparecem reunidos remonta a 1427, oriunda do monastério dos cônegos regulares de Nijmegen, e hoje conservada na Biblioteca Real da Bélgica, em Bruxelas, sob o código 22084. Huijben e Debongnie, em 1957, listaram trinta e oito manuscritos produzidos entre 1424 e 1439, sendo que apenas alguns desses possuem os quatro livros. O mais antigo texto da *Imitação* conhecido é de 1424, e contém apenas o *Livro I*. HUIJBEN, J.; DEBONGNIE, P.. *L’auteur ou les auteurs de l’Imitation*. Louvain: 1957; BIGGS, B. J. H. (ed.). *The Imitation of Christ: The First*

English Translation of the “Imitatio Christi”. Oxford: Oxford University Press, 1997, pp. XXX-XXXVIII. Citados em BECKER, Kenneth. *From The Treasure-House of the Scriptur: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout: Brepols 2002. pp. 15, 23. Ainda neste pequeno prólogo, encontramos um reforço sobre o costume de circulação de diferentes obras em conjunto: a *EA-171/2* trazia em seguida o *Evangelho de Mateus*, não reproduzido por Knox-Little. Ele é referido pelo costume medieval de nomear os livros por sua primeira frase. *A Imitação de Cristo*, por exemplo, era conhecida por “*Quem me segue*” (“*Qui sequitur me*”), assim como o *Pequeno Tratado do Devoto* (“*Tractatulus Devotus*”), de Florent Radewijns, por *Multum Valet* (“Muito vale”), e o nunca nomeado “*Omnes, inquit, artes*” (“*‘Todas as artes’, diz*”). Nos três casos, as suas duas ou três primeiras palavras são utilizadas para nomeá-los. Seguindo esse costume, o *Evangelho de Mateus* é aqui chamado de “*Livro da Origem de Jesus Cristo*”, tradução de seu início na versão latina da *Vulgata*, “*Liber generationis Jesu Christi*” (o texto latino da *EV-1471/2* traz “*generardis*”). Seu primeiro capítulo traz a genealogia de Jesus, de Abraão a José e Maria, e por isso a epígrafe completa com “faz menção à origem de Cristo segundo a carne”, referindo-se à sua linhagem humana.

3 – [Sobre a imitação de Cristo e o desprezo de todas as vaidades. Capítulo primeiro]:

A *EV-1471/2* não inicia o primeiro capítulo com seu título. Ele é citado apenas em um índice ao final deste primeiro livro. Optamos por colocá-lo aqui, entre colchetes, para facilitar a identificação e distinguir o capítulo de sua introdução.

4 – [I, 2] *A doutrina de Cristo excede todas as doutrinas do santos... aí encontrarão o maná escondido:*

O *maná* é citado, pela primeira vez, no livro do *Êxodo*, quando os israelitas perambulam após a fuga do Egito. Segundo o relato bíblico, após a saída de Elim, no deserto de Sin, a comunidade liderada por Moisés e Aarão se depara com a fome e começa a se questionar sobre as possibilidades de sua sobrevivência. Em resposta, Deus – ou Iahweh, nas traduções baseadas do hebraico – então determina a Moisés: “Eis que vos farei chover pão do céu; sairá o povo e colherá a porção de cada dia, a fim de que eu o ponha à prova para ver se anda ou não na minha lei.” *Ex* 16. Pois é esse “pão” que os israelitas batizariam de *man-hû*, termo do qual derivará *maná*, cuja etimologia precisa se

desconhece. *Bíblia de Jerusalém*, p. 125. Descrito como “coisa úmida, granulosa, fina como a geada sobre a terra”, ou “arredondada” e “coagulada”, e “como a semente de coentro, branco, e o seu sabor como bolo de mel”, será o alimento fornecido diariamente – com exceção do *Sabbath*, dia de descanso – aos israelitas durante os seus quarenta anos de perambulação em direção à terra prometida de Canaã. Quando guardado, com exceção para o dia do *Sabbath*, derretia diante do sol do dia seguinte, e então apodrecia. De forma simbólica, a oferta do *maná* cessa quando a comunidade se encontra em Guilgal, nas planícies de Gericó, quando come, pela primeira vez, dos produtos de Canaã. Ver *Ex* 16, sobre a oferta do *maná*, e *Js* 5:10-12, sobre a sua cessação. Dada a sua proveniência, o *maná* seria imediatamente reconhecido como prodígio de Deus. Seguindo as próprias instruções divinas, Moisés e Araão recolheram alguns em um vaso de ouro e o depositaram na *Tenda de Reunião* ou *Tabernáculo*, juntamente com a *Arca da Aliança*, receptáculo do *Decálogo*, a fim de que servisse de prova às futuras gerações (não há menção a esse vaso na consagração do *Templo* narrada *Reis* 8: 1-9). O *maná* será entendido como elemento simbólico da garantia do auxílio de Deus ao seu povo, que foi nutrido e servido mesmo em meio às adversidades do deserto, e também como a própria fonte da vida presente na palavra de Deus: “Ele te humilhou, fez com que sentisses fome e te alimentou com o maná que nem tu nem teus pais conheciam, para te mostrar que o homem não vive apenas de pão, mas que o homem vive de tudo aquilo que procede da boca de Iahweh.” *Dt* 8:2-3; “A teu povo, ao contrário,/ nutriste com um alimento de anjos,/ proporcionando-lhe, do céu, sem fadiga,/ um pão de mil sabores, ao gosto de todos./ Este sustento manifestava a teus filhos tua doçura,/ pois servia ao desejo de quem o tomava/ e se convertia naquilo que cada qual queria. (...) Assim teus filhos aprenderam, Senhor:/ não é a produção de frutos que alimenta os homens,/ mas a tua palavra que sustenta os que creem em ti.” *Sb* 16:20-26; “Contudo, ordenou às nuvens do alto/ e abriu as portas do céu;/ para os alimentar fez chover o maná,/ deu para eles o trigo do céu;/ cada um comeu do pão dos Fortes,/ mandou-lhes provisão em fartura” *Sl* 77 (78): 19-25; “eu sou Iahweh, teu Deus,/ que te fiz subir da terra do Egito,/ abre a boca e eu a encherei” *Sl* 80 (81): 11; “Pediram e ele fez vir codornizes/ e os saciou com o pão do céu;/ fendeu a rocha e brotaram águas,/ correndo pela estepe como rio.” *Sl* 104 (105): 40-41 (O texto hebraico, do salmo 10 ao 147, está uma numeração acima em relação à *Septuaginta* grega e a *Vulgata*, uma vez que uniram o salmo 9 e 10 em único, sob o número 9. Por isso, indica-se, entre parênteses, a numeração hebraica, adotada na *Bíblia de Jerusalém*, que utilizamos aqui como referência.) A tradição Cristã adotará essa interpretação, reforçando

a associação do *maná* como símbolo do “alimento espiritual”. Ver *I Cor* 10: 1-4. No *Evangelho de João*, no episódio da multiplicação de pães, Jesus define o *maná* como “o pão de Deus (...) que desce do céu e dá a vida ao mundo”, e identifica a si mesmo, “Filho do Homem” e portador de sua palavra, como o próprio “*maná*”, fonte da vida e oferta divina. *Jo* 6: 5-15, 22-23. Deste modo, o cristianismo criou uma correspondência implícita entre o *maná*, o corpo de Jesus, que se dá em sacrifício pela salvação dos homens, e, em última instância, a eucaristia, expressa pela imagem máxima da comunhão pelo pão e vinho realizada na última ceia. Esta noção está pressuposta neste trecho do *Livro I* da compilação, mas com uma sutileza adicional: como o leitor notará, há mais de uma passagem na qual o ser humano é definido como “peregrino”, dada a condição passageira de sua vida na terra. Assim como os israelitas foram peregrinos no deserto, antes de chegarem à sua “morada definitiva”, e alimentados pelo *maná*, o homem perambula por esse mundo, antes de chegar à “morada eterna”. Portanto, no tempo terreno, entre adversidades e tentações, é à “doutrina de Cristo”, entendida como “dádiva dos céus” e aqui identificada pelo *maná*, a qual se deve recorrer como forma de alimentar a alma do devoto.

5 – [I, 3] *Se soubesses toda a Bíblia de cor... do que tudo te valeria sem a caridade e a graça de Deus?*

Em latim, “*Si scires totam bibliam exterius et omnium philosophorum dicta...*”. O uso do advérbio “*exterius*” (“exteriormente”) parece indicar o sentido imediato de “saber a Bíblia fora dela mesma”, a partir do qual temos “de cor”. Esse sentido também é reforçado por poucos manuscritos do século XV que trocam essa expressão por equivalentes, provavelmente por a entenderam em desacordo com um latim formal: “*corde tenus*”, “*memoriter*”, “*in mente*”. Todas elas pressupõem claramente a ideia de um conhecimento “de cor”. O termo “*exterius*” provavelmente tem sua origem a partir do holandês “*van buiten*”, o que explica o uso frequente da expressão pelo círculo de Windesheim. Florent Radewijns, em uma carta conservada por Kempis, diz: “*Quem librum etiam discas exterius... quando scis libellum exterius*” (“e também aprendas o livro de cor... quando souberes o livro de cor”). O mesmo uso aparece em Johannis Busch: “*exterius legere*” (“recitar de cor”). BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. Bruxelles: F. J. OLivier; London: D. Nutt, 1882. pp. 90-91; SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois*

anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii. Utrecht: L. J; Beijers; J. W. V. Leeuwen, 1884. pp. 34-39.

6 – [I, 4] *Vaidade, também, e ambicionar as honras do mundo e se exaltar acima dos outros:*

O texto latino traz, nessa última frase, a construção “*et in altum se extollere*”, que Kenneth Becker aponta como uma correspondência do Salmo 74 : 6, da *Vulgata Latina*: “*nolite extollere in altum cornu vestrum*”, literalmente, “não levanteis ao alto vossos chifres”, expressão que denota, claramente, arrogância e impertinência, ou nos próprios termos da vulgata, iniquidade (“*iniquitas, -atis*”) e erro ou pecado (“*delinquentia, -ae*”). Na *Bíblia de Jerusalém*, o trecho é traduzido como “não levanteis altivamente a vossa frente”. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 265. Thomas, de fato, se utiliza dessas mesmas palavras em *De tribus tabernaculis* (“Os três tabernáculos”), completando a frase que aqui encontramos com o restante do verso do Salmo 74: “*Nolite ergo in altum extollere cornu vestrum*” (“Portanto, não levanteis ao alto vossos chifres”). *De tribus tabernaculis*. OC-DANHAUSER. f. LXIII. O adjetivo “*altus, -a, -um*” pode significar tanto “alto”, “elevado”, quanto “profundo” e “misterioso”, denotando algo que extrapola os limites do natural, seja acima ou abaixo, em oposição a “*excelsus, -a, -um*”, cujo sentido se limita apenas a algo alto ou elevado. “*altus, -a, -um*”. ERNOULT-MEILLET. pp. 24-25. O termo é frequente na *Imitação de Cristo*, e o traduzimos tanto por “profundo” como “a fundo”, a exemplo do trecho em 1: 3, “De que te vales discutir a fundo sobre a Trindade?” (“*Quid prodest tibi alta de trinitate discutere*”). Neste trecho específico, optamos por “se exaltar acima dos outros”, entendendo que melhor se adequa ao sentido do texto latino e do excerto bíblico apropriado.

7 – [I, 4] *Vaidade é seguir os desejos da carne e a eles desejar, o que, após a morte, deverá ser seriamente punido:*

Aqui, no texto latino, encontramos o advérbio “*grauiter*” (“seriamente”), termo derivado do adjetivo “*gravis, -e*”. Essa palavra caracteriza algo “pesado”, “difícil de lidar”, “custoso”, de onde seus sentidos de “grave” e “sério”, de onde se implica a existência de um “problema”. Próximo a “sério”, pode significar também “sóbrio”,

“rígido em costumes”. Ela aparece em diversos momentos no decorrer do texto, de modo que a sua tradução, para um melhor entendimento, exigiu o uso de termos distintos.

8 – [I, 4] *Vaidade é amar o que se passa com toda rapidez...*:

Esse trecho, assim como muitos outros, em seu original latino, utiliza o verbo “*dīligo, -is*”, que não encontra, em português, uma palavra correspondente. Dicionários e métodos didáticos de latim o traduzem, junto com seus derivados, por “amar”, “amar muito”, “querer bem”, “querer muito”, “estimar”, “gostar”, “honrar” e “considerar”. AZEVEDO, Francisco de. *Pequeno Dicionário Latino-Português*. 8ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957; JONES, Peter V.; SIDWELL, Keith C.. *Aprendendo latim: textos, gramática, vocabulário, exercícios*. Tradução e supervisão técnica de Isabella Tardin Cardoso e Paulo Sergio de Vasconcellos. São Paulo: Odysseus Editora, 2012; SOUSA, Francisco António de. *Novo dicionário latino-português*. Porto: Lello & irmã editores, 1984; REZENDE, António Martinez de. *Latina essentia: preparação ao latim*. 5ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013 (1993); RÓNAI, Paulo. *Curso Básico de latim I: gradus primus*. 18ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006. _____. *Curso Básico de latim II: gradus secundus*. 8ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006. TORRINHA, Francisco. *Dicionário português-latino*. 2ª edição. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1939. Dentre os dicionários e métodos didáticos consultados, Fábio Monis é quem melhor o define, explicitando a sua constituição enquanto um conceito de amor específico: “é sinônimo de *amare*, mas *diligo* pressupõe uma escolha, uma reflexão, ao passo que *amare* se baseia no sentimento; é antônimo [sic] de *neglegere* [“desprezar”, “negligenciar”].” MONIS, Fábio Frohwein de Salles. *Dicionário de latim-português*. 2ª edição. Porto: Porto Editora, 2001 (1966). Alfred Ernout e Antoine Meillet, no *Dictionnaire étymologique de la langue latine* (“Dicionário etimológico da língua latina”), definem “*diligo, -is*” como “amar”, mas apontando que, após Cícero, esse verbo passa designar uma espécie de amor mais brando (“*de sens moins fort que amāre*”). Possui em sua raiz o verbo “*legō, -is*”, com o sentido de “escolher”, “apanhar”, “recolher”. Ernout e Meillet ainda apontam que, na linguagem eclesiástica, “*dīligo, -is*” foi empregado para traduzir ἀγαπάω (“*agapáo*”). ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4ª edição. Paris: Klincksieck, 2001. ἀγαπάω representa a forma de amor conhecida como “ágape” (“ἀγάπη”) e, de fato, é possível perceber que a *Vulgata Latina* empregou “*dīligo, -is*” como seu correspondente (confira,

por exemplo, *Dt* 6:5; 7:8; *Mt* 22:37; *Jo* 13:34; 14: 23; 15-12; *Gl* 2:20 - as diferentes versões da Bíblia podem ser consultadas em: <https://www.bibliacatolica.com.br/> e <https://www.bibliainline.com.br/>, ou pelas edições referidas no “Índice de Abreviações”. Assim, não há uma definição precisa em português para “*dīligo*, -is” – como é perceptível pelos significados apresentados pelos dicionários e métodos consultados – mas é possível esboçar uma ideia mais específica pela noção de “amor ágape”. Invariavelmente, é preciso recorrer ao grande trabalho sobre o conceito, *Agape and Eros* (“*Ágape* e *Eros*”), de Anders Nygren, no qual “ágape” é definido, de acordo com seus usos bíblicos, como “o amor de Deus pelo homem”, e possuiria as seguintes características: não é gerado e nem motivado por nada além de Deus; é indiferente à qualidade do indivíduo, mas confere valor a quem é conferido; por ser divino, cria vínculo com Deus, o que Nygren chama de “companhia” (“*fellowship*”), o que pode ser aproximado da noção de “união mística”, tão presente na *Imitação de Cristo*. Nygren, porém, é criticado por sua interpretação dos trechos bíblicos, que evidenciariam, nos diferentes livros, um uso menos preciso de “ágape”. Além disso, sua interpretação teria vedado a possibilidade do ser humano manifestar ou criar voluntariamente essa forma específica de amor, uma vez que ela só surgiria a partir de Deus e só poderia ser respondida a partir de si própria. NYGREN, Anders. *Agape and Eros*. Tradução para o inglês de Philip S. Watson. Philadelphia: The Westminster Press, 1953. pp. 75-81. Para as críticas a Nygren, ver: GOODENOUGH, Erwin R.. “The Fundamental Motif of Christianity”. *The Journal of Religion*. Chicago, vol. 20, no. 1, pp. 1-14, jan, 1940; HALL, Amy Laura. Complicating the Command: Agape in Scriptural Context. *The Annual of the Society of Christian Ethics*. C.n.i., vol. 1, n° n. i., pp. 97-113, m.n.i., 1999; HARRELSON, Walter. The Idea of Agape in the New Testament. *The Journal of Religion*. Chicago, vol. 31, no. 3, pp. 169-182, jul., 1951; STREIKER, Lowell D.. “The Christian Understanding of Platonic Love a Critique of Anders Nygren’s ‘Agape and Eros’.” *The Christian Scholar*,. C.n.i., vol. 47, No. 4, m.n.i., pp. 331-340, 1964. Essas críticas se reforçam quando consideramos o comentário de Agostinho, em *A Cidade de Deus*, sobre as formas de amor nos textos bíblicos: “Nas Sagradas Letras o nome mais coerente de tal afeto é o de caridade, mas chamam-no também amor. Diz o apóstolo que o escolhido para governar o povo, segundo sua vontade, deve gostar do bem [*I Tm* 3]. O Senhor perguntou ao Apóstolo Pedro: *É tua dileção superior à destes?* Respondeu-lhe Pedro: *Senhor, sabes que te amo*. Tornou o Senhor a perguntar-lhe não se o amava, mas se lhe tinha dileção, e Pedro tornou a responder: *Senhor, sabes que te amo*. A terceiro pergunta, porém, o Senhor já não diz: ‘Tens-me

dileção?’, mas: *Amas-me?* E o evangelista acrescenta logo a seguir: *Pedro contristou-se de que pela terceira vez lhe perguntasse: Amas-me?*, quando na verdade o Senhor perguntara, não três vezes, mas uma apenas: *Amas-me?* e duas: *Tens-me dileção?* Disso deduzimos que, quando o Senhor dizia: *Tens-me dileção?*, queria simplesmente dizer: *Amas-me?* Todavia, Pedro não mudou o termo dessa única realidade, mas respondeu pela terceira vez: *Senhor, sabes tudo, sabes que te amo.* [Jo 21: 15-17] Julguei-me no dever de recordar tudo isso precisamente por alguns pensarem que uma coisa é dileção ou caridade e outra o amor. Dizem dever-se tomar em bom sentido a dileção e em mau o amor. É certíssimo não haverem nem mesmo os autores das letras profanas falado com semelhantes acepções. Mas discutam os filósofos sobre se se distinguem e por que razão. Notarei apenas que em seus livros se fala do grande valor do amor cujo objeto é o bem e Deus mesmo. Era forçosa a insinuação de que as Escrituras de nossa religião, cuja autoridade antepomos a quaisquer outros escritos, não chamam a uma coisa amor e à outra dileção. Já mostramos que a palavra “amor” também se usa em bom sentido. Mas com o fim de ninguém imaginar que o amor se toma em bom sentido e em mau e que a dileção somente se toma no bom, repare no que está no salmo: *Quem tem dileção pela iniquidade odeia sua alma.* [Sl 11: 5; na *Vulgata Latina*, 10: 6] E nesta outra passagem do Apóstolo São João: *Se alguém tem dileção pelo mundo nele não habita a dileção de Deus.* [I Jo 2: 15] Eis a dileção, usada em bom e em mau sentido na mesma passagem. E para ninguém impacientar-se, querendo ver o amor empregado em mau sentido (no bom já o mostramos), leia o que está escrito: *Levantaram-se os homens amantes de si mesmos, amadores do dinheiro.* [II Tm 3: 1-5] Em conclusão, o reto querer é o amor bom e o perverso querer, o amor mau.” *A Cidade de Deus. XIV, 7: 1-2.* Tradução de Oscar Paes Leme; (“*quae usitatus in scripturis sanctis caritas appellatur; sed amor quoque secundum easdem sacras litteras dicitur. Nam amatoem boni apostulu interrogans cum dixissent: Diligis me plus his? ille respondit: Domine, tu scis quia amo te; et iterum Dominus quaesivit, non utrum amaret, sed utrum diligeret eum Petrus; at ille responde iterum: Domine, tu scis quia amo te; tertia uero interrogatione et ipse Iesus non ait: ‘Diligis me?’ sed: Amas me? ubi secutus ait euangelista: Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio: Amas me? cum Dominus non tertio, sed semel dixerint: Amas me? bis autem dixerit: Diligis me? Vnde intelligimus, quod etiam cum dicebat Dominus: Diligis me? nihil aliud dicebat quam: Amas me? Petrus autem non mutauit huius unius rei uerbum, sed etiam tertio: Domine, inquit, tu omnia scis, tu scis quia amo te. Hoc propterea commemorandum putavi, quia nonnulli arbitrantur aliud esse dilectionem siue*

*caritatem, aliud amorem. Dicunt enim dilectionem accipienda esse in bono, amorem in malo. Sic autem nec ipsos auctores saecularium litterarum locutos esse certissimum est. Sed uiderint philosophi utrum uel qua ratione ista discernant; amorem tamen eos in bonis rebus et erga ipsum Deum magni pendere, libri eorum satis loquuntur. Sed scripturas religionis nostrae, quarum auctoritatem ceteris omnibus litteris anteponimus, non aliud dicere amorem, aliud dilectionem uel caritatem, insidnuandum fuit. Nam et amorem in bono dici iam ostendimus. Sed ne quis existimet amorem quidem et in malo et in bono, dilectionem autem non nisi bono esse dicendam, illu adtendat quod in psalmo scriptum est: Qui autem diligit iniquitatem, odit animam suam, et illud apostoli Iohannis: Si quis dilexerit mundum, non est dilectio Patris in illo. Ecce uno loco dilectio et in bono et in malo. Amorem autem in malo (quia in bona iam ostendimus) ne quisquam flagitet, legat quod scriptum est: Erunt enim hominis se ipsos amanetes, amatores pecuniae. Recta itaque uoluntas est bonus amor et uoluntas peruersa malus amor.”) De Civitate Dei. XIV, 7: 1-2, ll. 1-41. Como se percebe, Agostinho demonstra que o verbo “*diligo, -is*” não necessariamente especifica um amor “divino”, embora caracterize uma forma própria de amar, que tende a ser aplicada em relações “sublimes” e pouco afeitas ao material – as exceções apresentadas por Agostinho parecem confirmar a tendência. Assim, temos um conceito que, mesmo com definições imprecisas, na língua latina e grega, denota uma noção específica. “*dīligo, -is*”, assim como ἀγαπάω, pressupõe uma escolha racional, ou nas palavras de Monis, “consciente”, e que exige empenho e dedicação (pense na palavra “dileto”, adjetivo para algo “querido”, “preferido”, do qual se cuida). O termo, na *Imitação de Cristo*, é geralmente empregado para se referir ao amor por Jesus, com raras exceções, quando se especifica um amor alternativo a ele e derivado dele (ver, por exemplo, *Livro II*, cap. VII: “O amor da criatura é falho, é amor instável.”; cap. VIII: “Que todos sejam amados por conta de Jesus”). É essa noção de “amor ágape” que deve ser entendida neste e em outros trechos da *Imitação de Cristo*. Na impossibilidade de se encontrar um correspondente adequado em português, empregamos, para “*dīligo, -is*”, a tradução usual, “amar”, e em situações em que a ideia de “empenho” esteja implícita, por “com amor à causa”.*

9 – [I, 4] e daí não se apressar para onde a alegria eterna permanece:

O texto latino faz uso frequente de dois termos que possuem sentidos próximos: “*gaudium, -i*” e “*leticia, -ae*”, ambos podendo ser compreendidos como “alegria” e

“felicidade”. É comum vê-los traduzidos, em outras edições do livro, por estes termos, às vezes utilizados, simultaneamente, para ambos. É difícil precisar, em português, o sentido específico de cada um. Cícero, nas *Discussões Tusculanas* (“*Tusculanae Disputationes*”), faz a seguinte distinção: “E assim, já que somos levados de tal modo que estejamos em algum bem, isso acontece de duas maneiras. Pois, quando o espírito é levado, calma e constantemente, pela razão, então chamamos isso de prazer (“*gaudium*”); quando, porém, o espírito exulta de modo vão e excessivo, então se pode chamá-la de alegria (“*laetitia*”, ou, como é comum no latim medieval, “*leticia*”) transbordante ou demasiada, que assim a definem: exaltação do espírito sem a razão.” (“*Itemque cum ita movemur, ut in bono simus aliquo, dupliciter id contingit. Nam cum ratione animus movetur placide atque constanter, tum illud gaudium dicitur; cum autem inaniter et effuse animus exultat, tum laetitia gestiens vel nimia dici potest, quam ita definiunt: sine ratione animi elationem.*”). Citação e tradução em CÍCERO, Marco Túlio. *Discussões Tusculanas*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014. IV, VI, 13 (pp. 314-315). Apesar dessa definição, a principal referência na tentativa de distinção dos dois termos, não se pode compreendê-los, pelo texto da compilação da *Imitação de Cristo*, nesses sentidos. “*gaudium*, -i”, de fato, aparece como uma forma de “contentamento”, “felicidade” ou “alegria”, sendo escolhido este último para a sua tradução. “*Leticia*, -ae”, em compensação, surge como um sentimento de “felicidade” e “alegria”, mas que denota deleite ou bem-estar consigo mesmo. Assim, optou-se por traduzi-lo por “satisfação”, decisão que prioriza o sentido de seu benefício, e ainda carrega implícito o da felicidade. O verbo latino “*satisfacio*, -is” (“satisfazer”), junto com seus derivados, foi, assim, traduzido por “aprazer”, uma vez que aparece com menos frequência no texto, e pôde ser ligeiramente modificado sem grandes impactos no sentido do texto.

10 – [II, 1] *Melhor é o rústico humilde que serve a Deus, em progresso, do que o soberbo filósofo que fica analisando o curso do céu, em negligência a si mesmo:*

A crítica a conhecimentos que possam levar o ser humano a se afastar do cultivo da relação íntima com Deus perpassa todos os quatro livros da *Imitação de Cristo*. No entanto, essas críticas são, na maioria das vezes, destinadas a estudiosos de forma genérica, empregando termos como “filósofos”, “doutos” ou “mestres”. Aqui, temos uma identificação clara aos astrólogos, aqueles que se dedicavam a “analisar o curso do céu”. Essa crítica direcionada é um posicionamento a um dos temas mais polêmicos da história

do cristianismo, e que mobilizou grande parte do debate teológico e científico dos séculos XII a XV. Desde as origens do cristianismo e o seu desenvolvimento no mundo greco-romano, há uma perpétua tensão entre a consideração das posições dos astros e suas influências nos acontecimentos naturais e humanos e a suspeição com a prática, fortemente associada a rituais “pagãos” e que implicam em uma possível contradição com o livre arbítrio. Por um lado, a astrologia foi encarada, no cristianismo primitivo, como uma alternativa a outras práticas divinatórias, e a própria *Bíblia* parecia autorizá-la: no *Evangelho de Mateus*, os reis magos são guiados até Jesus por uma estrela no Oriente, e o *Apocalipse* é adornado de sinais astrológicos, como o obscurecimento do Sol, a Lua que se torna vermelha e a queda das estrelas. *Mt* 2:1-4; *Ap* 6: 12-15; 9: 1-2. FLINT, Valerie I. J.. *The Rise of Magic in Early Medieval Europe*. Princeton-New Jersey: Princeton University Press, 1991. p. 97. Autores greco-romanos, a partir dos quais o cristianismo adotaria muitas de suas fundamentações teóricas, também contribuíam com importantes perspectivas astrológicas, como é o caso das obras de Platão, Aristóteles, Ptolomeu, Plínio, o Velho, Sêneca, Manílio, Firmicus Maternus, Hipócrates, Galeno e Alexandre de Tralles, esses três últimos de suma relevância para o desenvolvimento da medicina medieval, indissociável das observações astrológicas para a determinação de seus procedimentos e tratamentos. Ainda que as obras desses autores tenham se tornado, em sua maioria, inacessíveis durante a Idade Média, sobrevivendo apenas de forma fragmentária, ainda foram capazes de legar suas principais noções, que continuaram a fomentar o interesse pelo tema. CAMPION, Nicholas. *The Medieval and Modern Worlds: History of Western Astrology*. Volume II. London: Continuum, 2009. p. 29; GRANT, Edward. *Planets, Stars and Orbs: The Medieval Cosmos (1200-1687)*. Bloomington: Indiana University Press; Cambridge: Cambridge University Press, 1996. pp. 11-14; 275-279. Mas, em uma leitura oposta, cuja máxima expressão se dá em Agostinho, a astrologia seria veementemente desencorajada. Nas *Confissões*, ela é descrita como uma forma de conhecimento capaz de atingir apenas falsas certezas, uma vez que toda verdade procede somente de Deus, pela fé, e os mistérios que não competem aos seres humanos, não poderiam ser revelados por nenhum tipo de ciência. *Confissões*. V, 3-13; VII, 8-10. Em *A Cidade de Deus*, é a sua associação com o paganismo e a noção determinista de causa e efeito que os astros teriam sobre a vida que é atacada, implicação contraditória com as respostas dadas pela fé pelos diferentes indivíduos, a sua liberdade de ação diante de Deus e da mensagem da salvação. Para isso, é lançado um dos mais famosos argumentos, relativos aos gêmeos, indivíduos nascidos em uma mesma hora e local, mas que

manifestam destinos e personalidades diferentes. Por sua cosmologia do mundo natural, ainda é possível inferir que a leitura dos astros envolveria a mobilização de forças demoníacas, intermediárias entre o mundo superior e inferior, âmbito denominado como “aéreo”. Para Agostinho, não seriam os céus que acarretariam os acontecimentos do mundo, mas sim os planos de Deus. Os astros, no máximo, seriam expressões de seus desígnios. *Cidade de Deus. Livro V; Livro VIII*, caps. 14, 18, 20, 21, 25. A astrologia, assim, se desenvolveria no ocidente medieval em perpétua suspeição, ainda que praticada na determinação de períodos de plantio e colheitas, determinação de datas, como o cálculo da Páscoa, e mesmo em práticas divinatórias e em consultas de momentos mais propícios para a tomada de decisões. Dentre os séculos V a VIII, autores como Macróbio, Martiano Capella, Cassiodoro, Solinus, Calcídio e Beda, o Venerável, versariam sobre o tema, estabelecendo a conexão entre as formulações da antiguidade e as perspectivas medievais, ao mesmo tempo em que os concílios de Toledo, em 400, e Braga, entre 560 e 565, emitiam condenações à astrologia. A polêmica seria um dos motivos que levaram Isidoro de Sevilha (560-636) a esboçar, em seu *Etimologias*, a primeira distinção entre uma parte “matemática” e “natural” e outra “mágica” na observação dos astros: a primeira, nomeou como “astronomia”, e a segunda, como “astrologia”, definições, porém, que não chegariam a constituir consenso no universo medieval, e seriam utilizadas, muitas vezes, de forma oposta à definida por Isidoro. GRANT, Edward. *Planets, Stars and Orbs: The Medieval Cosmos (1200-1687)*. 13-14; SMOLLER, Laura Ackerman. “The Christian Astrology of Pierre d’Ailly, 1350-1420.” *History, Prophecy, and the Stars*. New Jersey: Princeton University Press, 1994. pp. 25-42. Esp. pp. 27-28. A astrologia ocidental, e todo esse legado, passaria por uma revolução iniciada no século X, e que atinge o seu auge dentre os séculos XII a XIII, e cujo desenrolar nos leva diretamente às discussões do contexto em que *A Imitação de Cristo* foi escrita. O contato com a intelectualidade árabe na Península Ibérica levaria à redescoberta de autores gregos, e contribuiria para um aprofundamento teórico do tema, bem como para a invenção e adoção de instrumentos de observação dos astros. Lupito de Barcelona, responsável pela introdução do zero e dos números indo-arábicos na Europa, seria um dos primeiros a traduzir tratados árabes para o latim, sendo um deles por solicitação de Gerbeto d’Auvergen, futuro papa Silvestre II, e compôs a obra *Livro sobre os planetas e os ambientes do mundo* (“*Liber planetis et mundi climatibus*”), entre 1010-1027, o primeiro desde a antiguidade a tratar especificamente sobre astrologia. Pouco tempo depois, al-Zarqali (1028-87), nome latinizado como Arzachel, criaria o primeiro astrolábio funcional em qualquer latitude. A

partir do século XII, as traduções de autores árabes se intensificariam, e por elas, autores gregos, até então inacessíveis à cristandade ocidental e conhecidos apenas por menções e fragmentos, mas conservados por tradutores e comentadores muçulmanos: em 1136, por Hugh de Santalla, o tratado dos *Cem Diálogos* (*Centiloquium*); em 1138, por Plato de Tivoli, os *Quatro Livros* (*Tetrabiblos*); a *Grande Síntese* (*Almagestos*) é traduzida ao menos duas vezes, sendo a primeira anônima, em 1160, e a segunda por Gerard de Cremona, entre 1175 e 1176 (as três são atribuídas a Ptolomeu, embora os *Cem Diálogos* seja um tratado árabe anônimo, falsamente atribuído a esse autor); em 1140, a tradução da *Maior das Introduções* (*Maius Introductorum*), de Abu Ma'shar, por Herman de Carinthia; Adelardo de Bath (m. c. 1142), astrólogo de Henrique II da Inglaterra, e um dos mais prolíficos tradutores, traria ao mundo latino as *Tabelas Astronômicas*, de al-Khwârizmî, e realizaria uma nova tradução dos *Cem Diálogos*, ao lado de estudos sobre os astrolábios e comentários sobre Abu Ma'shar e Ptolomeu. O ápice de todo o processo viria com descoberta de Aristóteles, conhecido no alto medievo apenas pelos comentários de Boécio em *Consolações da Filosofia* (*Consolatio Philosophiae*) e na sua tradução da *Aritmética*, de Nicômaco de Gerasa. A consolidação do “corpo Aristotélico” se iniciaria no século XII, com Tiago de Veneza, e envolveria a participação de Gerard de Cremona e Guilherme Moerbeck, sendo concluída no século XIII, com especial destaque para as traduções de Michael Scot (c. 1135- c. 1232) *Sobre os céus* (*De coelo*) e *Sobre a alma* (*De anima*), a partir dos comentadores Ibn Sina (980-1037) e Ibn Rushd (1126-1198), conhecidos pelas latinizações Avicenna e Averroës, respectivamente. Michael Scot era um conhecido astrólogo, tendo atuado na corte de Frederico II, na Sicília, e compôs o *Livro Introdotório* (*Liber Introductorius*), no qual procura conciliar a noção aristotélica da “causa primeira”, princípio motor que rege as almas e todo o funcionamento do universo, com o relato da criação em *Gênese*. A presença das obras de Aristóteles, ao lado dos conhecimentos de Platão, fragmentários até o século XV, restritos ao *Timaeus* de Catânio, do século IV, e de autores como Agostinho e Boécio, permitiriam uma nova fundamentação da astrologia, legitimando a sua prática. Pedro Abelardo (1079-1142) definiria um “cosmo vivo”, composto por planetas “animados” e que seguiriam seu curso de acordo com os desígnios divinos. Aprofundando a distinção primeira traçada por Isidoro de Sevilha, define dois âmbitos, o das causas naturais (“*naturalia*”), ligadas ao comportamento de todo o universo, interconectado por seus diferentes níveis, e o dos “contingentes” (“*contingentia*”), ações resultantes do livre-arbítrio. De forma semelhante, mas apoiando-se principalmente em Aristóteles, Alberto Magno (c. 1193 – 1280) e

Thomas de Aquino (1225-1274) distinguiriam a ação dos astros sobre a matéria e a liberdade da alma. Para ambos, o céu seria composto de “corpos pesados”, que influenciariam apenas os elementos “corpóreos”, portando capaz de dispô-los a determinadas tendências. A alma, porém, sendo “incorpórea”, não seria atingida, e ainda que estivesse sob a tendência das inclinações materiais, poderia lhes resistir de acordo com a sua vontade. O impacto de todo esse processo implicaria em novas formas de se encarar a astrologia, o que a lançaria em novas polêmicas e requentaria os antigos argumentos. Sua principal consequência é uma vulgarização da prática. Livros sobre o tema se espalhariam por toda a Europa, e o recurso a astrólogos se tornaria uma prática comum. Em 1135, o bispo de York morreria com uma cópia do *Mathesis*, de Firmicus Maternus, sob o travesseiro; Alfonso X de Castela publica as *Tábuas Alfonsinas*, um compilado de posições planetárias; Carlos V da França, no momento de sua morte, possuía uma biblioteca repleta de volumes sobre astrologia; e até o final no século XV, almanaques com informações gerais, como calendários, fases lunares, conjunturas anuais e instruções para procedimentos agrícolas, medicinais e cotidianos, como melhores datas para se cortar o cabelo, matar porcos, definir viagens e realizar negócios, estariam entre os principais exemplares impressos. No ambiente teológico, o tema também ganhava destaque, passando a constituir o currículo da formação em “artes” das Universidades de Paris e Oxford, em 1167. Quando questionados a respeito das causas da Grande Peste de 1348-1349, os teólogos de Paris responderiam em termos astrológicos. As proibições reiteradas, como os *Decretos* de Graciano, em 1140, e as condenações em Paris, emitidas sob a autoridade do bispo Étienne Tempier em 1270, 1272 e 1277, antes de expressarem uma recusa geral à astrologia, reforçam a sua presença em quase todos os âmbitos das discussões teológicas, intensas o suficiente para obrigarem o posicionamento das autoridades eclesiásticas. Diante desse movimento ambíguo, polarizado entre a suspeição e o recurso crescente às práticas e leituras astrológicas, fundamentadas pelo contato com os autores gregos, a partir do século XIV, a astrologia passaria por uma cisão, que tenderia a se aprofundar na distinção que hoje conhecemos entre “astrologia” e “astronomia”, ainda que esses termos demorassem a se consolidar de forma clara. De um lado, as práticas divinatórias e leituras dos momentos mais propícios para determinadas ações se coadunaram à ideia de “magia”, cujas maiores expressões foram Guido Bonatti (c.1210-c. 1296-1300), autor do *Livro da Astronomia* (*Liber Astronomiae*), *Livro introdutório aos Juízos das Estrelas* (*Liber introductorius ad iudicia stellarum*) e do *Livro Astronômico* (*Liber astronomicus*), e, no fim do século XV, o italiano Marsilio Ficino, que traduziria

o *Asclépio* e comporia um comentário (“*argumentum*”) ao *Pimandro*, obras de caráter neoplatônico, compostas entre o século II e III, e atribuídas ao mítico Hermes Trimegisto (em grego, “por três vezes o maior”, referência à sua suposta atuação como sacerdote, rei-legislador e filósofo). Nelas, além de concepções cosmológicas, há instruções para a confecção de talismãs capazes de reter as melhores influências dos planetas e seus “arcãos”, procedimentos derivados das interpretações de conjunturas planetárias. Em um movimento oposto, resgatando as considerações de Alberto Magno e Thomas de Aquino, parte da astrologia passa a se dedicar à concepção do comportamento dos céus afastando-se das possíveis implicações sobre a vida humana. Willian Merle (m. 1347) seria o primeiro a compilar dados astronômicos e a entendê-los exclusivamente ao clima e a eventos naturais, como terremotos e secas. Henry de Langenstein (1325-1397), de forma semelhante, entende que os planetas estão dispostos em um “meio etéreo”, capaz apenas de impactar a vida terrena em relação ao clima. Seus livros *Questão sobre o cometa* (*Quaestio de cometa*), motivado pelo aparecimento de um cometa em 1368, e *Tratado contra os conjuncionistas* (*Tractatus contra coniunctionistas*), a respeito da conjunção planetária de 1373, têm ambos como principal objetivo negar qualquer influência dos fenômenos na vida humana. Como uma síntese dessa forma ambígua com que a astrologia era encarada, é possível citar Dante Alighieri (1265-1321). A estrutura do *Paraíso* reproduz o modelo Aristotélico-Ptolomaico bem como reflete noções neoplatônicas: nove níveis concêntricos, sendo o seu centro a Terra, e cujo conjunto é todo iluminado por Deus, descrito como “Luz Eterna” (“*luce etterna*”), e visto, por Dante, como três círculos coloridos e fulgurantes, que simbolizam a Trindade. Mas Dante, ao mesmo tempo em que se vale das principais concepções astrológicas de sua época, lança Michael Scot e Guido Bonatti no oitavo nível do inferno, na vala dos magos e adivinhos, que por sua ousadia em perscrutar os desígnios divinos e enganar os seres humanos, eram eternamente condenados a terem a cabeça virada para trás, sem poderem ver o que estaria diante de si mesmos. CAMPION, Nicholas. *The Medieval and Modern Worlds: History of Western Astrology*. Volume II. pp. 31-35; 41; 47-50; 54-56; 78-79; 84; GRANT, Edward. *Planets, Stars and Orbs: The Medieval Cosmos (1200-1687)*. pp. 50-53; LIBERA, Alain de. *A Filosofia Medieval*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário e Yvone Maria Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 1998. pp. 344, 359; Sobre o “Corpo Platônico” e “Aristotélico”, ver pp. 359-361; SMOLLER, Laura Ackerman. “The Christian Astrology of Pierre d’Ailly, 1350-1420.”. pp. 25-32; sobre Boécio, ver MORESCHINI, Claudio. *História da Filosofia Patrística*. Tradução de Orlando Soares

Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2013. pp. 486-498; sobre Hermes Trimegisto e Ficino, ver YATES, Frances A.. *Giordano bruno e a tradição hermética*. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. 10ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. pp. 13-181; ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – Inferno*. 3ª edição. Bilíngue; tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014. Canto XX: 115-123. p. 143. Aqui não cabe dizer que todos esses tratados fossem conhecidos pela maioria dos letrados medievais. No entanto, suas concepções estiveram ao alcance de qualquer um que pudesse lê-los, e representavam noções comuns, que percorreram os séculos, muitas vezes, de forma oral. *A Imitação de Cristo* foi escrita nesse contexto, em que a astrologia era uma prática recorrente, e dominava grande parte dos debates. Geert Groote estudara na Universidade de Paris entre 1355 e 1358, formando-se como “mestre em artes”, cujo currículo incluía astrologia. Posteriormente, prestaria serviços nas dioceses de Aachen e Utrecht, serviço que pode muito bem ter incluído práticas astrológicas. Compôs livros sobre a astrologia e também se dedicou ao estudo da magia. Por volta de sua conversão, em 1377, mandaria queimar todos os seus estudos sobre o assunto, e escreveria uma série de instruções para os que quisessem conformar suas vidas ao modelo das Escrituras. Uma dessas instruções versa, justamente, sobre a astrologia, definindo-a como “supersticiosa” e “proibida”, e condenando qualquer prática relacionada à leitura dos céus: “Do mesmo modo, não queiras ser astrólogo de nenhum senhor. Do mesmo modo, por nenhum homem do mundo deves exercer alguma das ciências proibidas, porque há muitas coisas que são em si más e supersticiosas; suspeitas e proibidas. Do mesmo modo, deves remover todas as superstições e outras curiosidades da mente dos homens, tanto quanto puderes, conservando a quietude da mente, e a pureza e liberdade de vontade, pois nisso agradarei a Deus segundo a sua vontade; o [mesmo] Deus, que certa vez desagradei. Do mesmo modo, nunca eleja o momento para viagens, ou para sangrias, ou para qualquer outra coisa senão, a grosso modo, se for segundo o clima. Pois tais eleições são proibidas por decretos e pelos santos padres. Do mesmo modo, qualquer coisa que eu começar, que termine no nome do Senhor, e que minha esperança nisso, se ponha ao Senhor, para que nela eu me dirija, e ela seja o caminho de minha salvação. E que nenhuma esperança não dependa dos fatos, ou dos orbes celestes, ou outra coisa além da esperança de Deus e da oração, e dos bons espíritos e de sua proteção. Do mesmo modo, de que forma eu sei se prospero no caminho ou em algo útil, ou ao contrário, sapientissimamente inútil? Pois muitas vezes, as angústias, e muitas vezes as tribulações, são utilíssimas, pois me submetem à ordenação de Deus. Pois abençoado é o homem que espera em Deus.

Portanto, abandone toda inquietação a ele, que ele te dará os cuidados. Pois quanta misericórdia! Pelos flagelos contrários a minha vontade, espero que me chame de volta! Se não devemos estar inquietos com o que comeremos, quanto menos com os astros e as superstições! Pois é necessário que todo cristão leve um coração puro e o entregue a Deus. Do mesmo modo, nunca julgarei os assuntos futuros, e, no geral, me dirigirei pouco ao futuro, o qual, junto comigo e minha figura, submeterei a Deus. Do mesmo modo, por honras, favores e por avariza, nos quais todos se empenham, o homem se mancha, e por tais sabedorias lucrativas, obscurecem-se, apaixonam-se, esquecem-se da correta natureza, e mancham o apetite, que não mais se apetece corretamente pelo que é de Deus, e nem pelas virtudes e nem pelo bom corpo. Daí que é raríssimo que se abandone os conhecimentos lucrativos, a medicina, ou as leis ou os decretos, e se torne ou correto, ou equilibrado na razão, ou justo ou quieto, ou que perceba corretamente. Do mesmo modo, tu não gastarás tempo com a geometria, com a aritmética, com a retórica, com a dialética, com a gramática, com a poesia lírica, com as leis, e com a astrologia.” (*Item nulli domino vis vnquam esse astrologus. Item pro nullo homine mundi exercere debes aliquam scientiarum prohibitarum: quia res in multis in se malae, suspiciosae; et suspectae & prohibitae. Item omnes superstitiones et alias curiositates debes a mentibus hominum remouere, in quantum potes, salua quiete mentis et puritate et libertate voluntatis: vt in illo in quo deo displicui, deo complaceam secundum suam voluntatem. Item nunquam tempus eliges ad itinerandum vel fleubotomizandum vel ad aliquid aliud nisi grosso modo secundum aeris consistentiam. Talis enim electio prohibita est in decretis et a sanctis patribus. Item quicquid incipiam, in nomine domini incipiam: et spem meam in illa re ponam in domino: vt ipse ad viam salutis meae, me in illa re dirigat. Et non dependeat aliqua spes in fato vel orbibus caelestibus alia a spe dei et oratione: et bonis spiritibus et eorum custodia. Item, quomodo scio si prosperari in via vel in re est mihi vtile: immo saepissime inutile: quia saepe angustia, saepe tribulatio vtilissima est: ergo supponam me ordinatione dei. Beatus enim homo qui sperat in deo. Omnem igitur sollicitudinem in eum proiicias: quam ipsi cura est de te. Quanta enim misericordia me pro flagella contra meam voluntatem spero reuocauit? Nec solliciti debemus esse quid manducemus: quanto minus de astris et superstitionis? Necessarium est enim ex corde puro omni christiano seipsum deserere: et se deo committere. Item nunquam iudicabo rem futuram: et modicum aduertam futura in genere: quam deo et me et mea singula supponam. Item per honores et fauores et per auaritiam, quibus omnes student, coinquinatur homo: et per tales lucratiuas scientias obscuratur, passionatur: et rectitudo naturalis obliquatur: et*

inficitur appetitus: vt nec quae sunt dei nec virtutis nec bona corporis recte aspiciant. Vnde rarissime est quod quia scientiis lucratiuis vel medicinae vel legibus vel decretis inhaeret, rectus fit vel aequus in ratione vel iustus vel recte videns. Tu nullum tempos consumes in geometricis, arithmeticiis, rhetoricis, dialecticis, grammaticis, lyrics poetis, iudicialibus, astrologis.) “Conclusa & proposita, non vota, in nomine domini Gerardo edita”. In OC-1494, DANHAUSER. folha CLVIII. Mas se Groote se posicionou tão claramente, em *A Imitação de Cristo*, temos algo mais sutil. Indiferente à validade e ao funcionamento da astrologia, ela não deixa de se posicionar no debate, porém de forma um tanto própria: o indivíduo que a ela se dedica perde tempo ao procurar alcançar o que não ajudará para a sua salvação, e se negligencia. Essa é uma das afirmações mais simples do texto para um dos problemas mais complexos do período, o que nos ajuda a entender o seu apelo, por uma retórica humilde, aos corações agitados dos últimos séculos da Idade Média.

11 – [II, 4] *Esta é a lição mais profunda e útil... ter a si próprio por nada, e sempre considerar os outros bem e em alta estima, e essa é a grande sabedoria e perfeição:*

“Ter a si próprio por nada” foi a tradução escolhida para “*de se ipso nihil tenere*”. Essa construção, bastante comum em autores do círculo de Windesheim, e particularmente em Thomas de Kempis, pressupõe o sentido de “*teneo, -es*” como “estimar”, “ter em conta”. A origem dessa expressão provavelmente vem do holandês “*Niet te houden van hem selven*”. Dentre os sentidos de “*houden*”, há o mesmo no qual “*tenere*” é aqui empregado. BECKER, Victor. L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais. p. 89; SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii.* pp. 32-33. Sobre a frase “*et de aliis semper bene et alta sentire*” (“e sempre considerar os outros bem e em alta estima”), TOC-1441 e EV-1483, trazem “*alta*” em sua forma adverbial, “*alte*”, em concordância com “*bene*”.

12 – [III, 1-2] *Mesmo tendo olhos, não vemos, e porque nos damos às preocupações sobre gênero e tipo?*

O uso dos termos “gênero” e “tipo” (“*de generibus et speciebus*”) parece indicar uma referência à “Querela dos universais”, discussão que marcou o debate teológico no

século XIV. A sua extensão e complexidade tornam inviável uma explicação aprofundada. Em resumo, o centro da polêmica diz respeito à viabilidade do conhecimento do real pelos conceitos, chamados “universais”. De um lado, os “realistas”, que identificavam uma correspondência entre os “conceitos” e os seus “significantes”, de modo que, em última instância, a realidade possa ser exprimível pelas formulações mentais a que os conceitos remetem. De outro, os “nominalistas”, que levantaram a questão da dissociação entre “realidade” e “linguagem”, apontando a capacidade da lógica de formular noções inexistentes na natureza. Assim, o problema do conhecimento para os nominalistas, acaba esbarrando na necessidade de determinar em que condições a linguagem se mostra válida para a aceção da “verdade”. É por esses aspectos que os “conceitos” são muitas vezes entendidos como “universais”, dos quais se derivam os “gêneros” e “tipos”, ou “espécies” (exemplo, a noção de “brancura”, da qual deriva o tipo “branco”. A primeira não existe em si, enquanto a segunda corresponde a um particular que dá sentido à primeira). LIBERA, Alain de. *A Filosofia Medieval*. pp. 433-447; MCGRATH, Alister. *Origens intelectuais da Reforma*. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. pp. 76-94. Para Alister McGrath, o “nominalismo” não pode ser compreendido como uma “escola coesa”, uma vez que os autores a ela associados desenvolvem perspectivas diversas, e não raro, discordantes. Por isso, seria mais adequado compreender cada autor a partir de seus posicionamentos específicos em relação à questão dos universais. A referência implícita, aqui presente, pode ter sido motivada pela proximidade dos devotos com a Universidade de Paris, centro de estudos a que vários religiosos e teólogos dos Países Baixos recorriam. Wessel Gansfort, amigo e contemporâneo de Thomas de Kempis, dá testemunho a respeito das discussões do assunto em Paris. BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. pp. 127-129. O ambiente intelectual da Europa nos séculos XIV e XV fomentou o surgimento de inúmeras perspectivas teológicas, e, muitas vezes, acabaram sendo adotadas e desenvolvidas pelas ordens monásticas. MCGRATH, Alister. *Origens intelectuais da Reforma*. pp. 27-28. Os livros da *Imitação de Cristo* percebem esses debates em uma chave negativa, entendendo-os como motivos de dissensões na Igreja e especulações não apenas desnecessárias, mas também nocivas, uma vez que conduziriam à vaidade do saber e usurariam o verdadeiro fim do conhecimento de Deus e de sua criação enquanto guia para a conduta moral na vida terrena.

13 - [III, 2] *Ó, Deus, verdade eterna... Tu, sozinho, fala a mim:*

É comum que os textos de Thomas de Kempis apresentem mudanças de voz, como notamos nessa intercalação em primeira pessoa. No prólogo do *Soliloquium Animae* (“*Solilóquio da Alma*”), encontramos o seguinte comentário sobre esse recurso: “Também [os dispus] em vários tipos de discursos, ora conversando, ora questionando, ora orando, ora dialogando, ora em primeira pessoa, ora divagando: e assim o presente texto é resultado de voltas e mais voltas, em um estilo agradável. Por isso, peço que nenhum leitor indignado queira se mover sobre a mão desse escritor, porque a ele, definitivamente, agrada confabular” (“*Vario etiam sermonum genere, nunc loquens, nunc disputans, nunc orans, nunc colloquens, nunc in propria persona, nunc in peregrina: placido stilo textum presentem circumflexi. Rogo ergo, nemo legentium indignans mouatur super scribentis manum: quia ipsi totaliter confabulari placuit*”). “*Soliloquium Animae*”. In *OC-1494*, DANHAUSER. fol. LXXXIX. Ver também, LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’ Autobiography Reconstructed from his Works”. HOFMAN, Ricklof; CASPERS, Charles; NISSEN, Peter; DIJK, Mathilde van; OOSTERMAN, Johan (eds.). *Inwardness, Individualization, and Religious Agency in the Late Medieval Low Countries: Studies in the Devotio Moderna and its Contexts*. Turnhout: Brepols Publishers, 2020. pp. 67-86 (esp. pp. 68-70). É curioso notar, entretanto, que os parágrafos anterior e posterior a esse, demonstram continuidade, versando sobre o “um”, o “princípio”, e a união mística com ele. Parece impossível precisar se aqui temos uma adição posterior a um primeiro estabelecimento do texto. Podemos apenas dizer que esse tipo de intercalação já está presente em todos os exemplares mais antigos conhecidos da compilação, e que ela provavelmente é um resultado do processo criativo de Thomas, apresentado por ele mesmo no trecho acima citado.

14 – [III, 3] *Tudo operará em honra de Deus, e ocioso, irá se esforçar no próprio exame:*

O termo “*ociosus*” (“ocioso”) deve ser compreendido a partir da ideia de contemplação e introspecção construída no decorrer dos livros da *Imitação de Cristo*. Os devotos entendiam que apenas pelas orações e práticas meditativas individuais, realizadas em quietude e tranquilidade, e desligados das preocupações mundanas, poderiam alcançar os mais altos graus de fomento espiritual e contemplação do divino. A ideia de “ócio”,

nessa perspectiva, pode ser bem compreendida pelo seu oposto, “negócio”, derivado do latim “*nec otium*” (“negação do ócio”). Ver “*ōtium*, -ī”. ERNOULT-MEILLET. p. 471.

15 – [III, 4] *Não se deve culpar o saber ou qualquer informação simples se forem boas ou consideradas ordenadas a Deus:*

Estar “ordenado” (“*ordinatus*, -a, -um”), para os devotos modernos, significava ter controle sobre os sentimentos e os dispor para determinado fim. Dessa forma, o devoto não se encontraria perturbado por desejos ou preocupações materiais, e seria capaz de se orientar, em todo, aos seus objetivos espirituais.

16 – [III, 5] *Outros já possuem suas prebendas, e não sei se outros deles se lembram:*

As “prebendas” (“*prehebanda*, -ae”) eram pagamentos fixos oferecidos pelas dioceses a funcionários oficiais que auxiliavam sua administração, denominados “cônegos”. Institucionalizadas no século XII, essas funções seriam especialmente requisitadas por “mestres” - título conferido ao primeiro grau acadêmico - em artes e em direito, e representavam uma carreira típica a jovens oriundos da baixa nobreza e da burguesia ascendente. Esse tipo de carreira representa uma trajetória comum a muitos conversos da *devotio moderna*, e se relaciona com a sua própria constituição. Geert Grote obteve o grau de mestre em artes em 1358 pela Universidade de Paris, pela qual também possuiu passagens no estudo de direito, astrologia e, possivelmente, teologia. Entre fins de 1360 e 1371, obteve duas prebendas, em Aachen e em Utrecht, além de ter solicitado, ao menos cinco vezes (1362, 1363, 1365, 1366 e 1371) serviços na cúria, em Avignon. Florent Radewijns, mestre em Artes pela Universidade de Praga, possuía, desde 1378, uma prebenda também em Utrecht. Ambos abriram mão desses rendimentos após suas conversões, entre 1374 e 1381, respectivamente. CANTOR, Norman. F.. *The Civilization of the Middle Ages*. New York: Harper Perennial, 1992. p. 502 (e-book); MERTENS, Thom. “Introduction”. In RADEWIJNS, Florent. *Pétit Manuel pour le dévot moderne*. pp. 8-9; ENGEL, John van. *Sisters and Brothers of the Common Life: Devotio Moderna, self-made societies, and the world of the later middle ages*. Pennsylvania, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008. pp. 11-13.

17 – Sobre a prudência nas ações. Capítulo III:

A *EA-1471/2* traz como título “*De prouidentia in agendis*”, ou “A providência nas ações”. O índice de capítulos no final do livro, porém, traz “*De prudentia in agendis*”, título de acordo com as demais edições. Assim, consideramos que se trata de um erro de edição, e por isso optamos pela tradução de acordo com o índice de títulos.

18 – [III, 1] *Não se deve acreditar em toda palavra (...) mas, com cautela e longanimidade, se deve considerar as coisas segundo Deus:*

A palavra “longanimidade”, que aparece no texto latino como advérbio, “*longanimiter*”, representa um conceito específico do cristianismo, e denota uma longa duração de tempo. Aplicada no sentido específico do trecho, significa uma “ponderação cuidadosa”, “análise demorada”, ou mesmo “paciência”. Sua origem está no adjetivo “*longus, -a, -um*”, cuja tradução imediata é “longo” e “amplo”, podendo ser aplicado tanto em noções espaciais, significando “vasto”, quanto temporais, como “duradouro” e “demorado”. A derivação no substantivo “*longanimitas, -atis*” (“longanimidade”, “demora”, “paciência”) e no adjetivo “*longaminis, -e*” (“longo”, “demorado”, “lento”, “paciente”), bem como o advérbio “*longanimiter*”, que aqui encontramos, não é empregada antes de Jerônimo (347-420). Ver “*longus, -a, -um*”. *ERNOULT-MEILLET*. p. 366. Na *Vulgata Latina*, o termo aparece aplicado, exclusivamente, a noções temporais, relativas a um estado de espírito prolongado, dedicado a reflexões e julgamentos pacientes: “*Tu autem Deus propitius, clemens, et misericors, longaminis et multae miserationis, non dereliquisti eos*” (“Mas tu és o Deus do perdão, cheio de piedade e compaixão, lento para a cólera e cheio de amor: não os abandonaste!”). *Ne* 9: 17; “*Miserator et misericors Dominus: longaminis et multos misericors*” (“Iahweh é compaixão e piedade,/ lento para a cólera e cheio de amor”). *Sl* 102 (103); “*an divitis bonitatis eius et patientiae et longanimitatis contemnis?*” (“Ou desprezas a riqueza da sua bondade, paciência e longanimidade, desconhecendo que a benignidade de Deus te convida à conversão?”). *Rm* 2: 4; “*sed in omnibus exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros in multa patientia, in tribulationis, in necessitatibus, in anustiis, in plagis, in carceribus, in seditionibus, in laboribus, in vigiliis, in jejuniis, in castitate, in scientia, in longanimitate, in suavitate, in Spiritu Sancto, in caritate non ficta, in verbo veritatis, in virtute Dei, per arma iustitiae a dextris et a sinistris, per gloriam, et ignobilitatem, per infamiam et boam famam: ut seductores, et veraces, sicut qui ignoti, et cogniti: quase*

morientes, et ecce vivimus: ut castigati, et non mortificati: quase tristes, semper autem gaudentes: sicut egentes, multos autem locupletantes: tamquam nihil habentes, et omnia possidentes” (“Ao contrário, em tudo recomendamos-nos como ministros de Deus: por grande perseverança nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nas desordens, nas fadigas, nas vigílias, nos jejuns, pela pureza, pela ciência, pela paciência – ‘*in longanimitate*’ –, pela bondade, por um espírito santo, pelo amor sem fingimento, pela palavra da verdade, pelo poder de Deus, pelas armas ofensivas e defensivas da justiça, na glória e no desprezo, na boa e na má fama; tidos como impostores e, não obstante, verídicos; como desconhecidos e, não obstante, conhecidos; como moribundos e, não obstante, eis que vivemos; como punidos e, não obstante, sempre alegres; como indigentes e, não obstante, enriquecendo a muitos; como nada tendo, embora tudo possuamos!”). *II Cor* 6: 3-10; “*Fructus autem Spiritus est caritas, gaudium, pax, patientia, benignitas, bonitas, longanimitas, mansuetudo, fides, modestia, continentia, castitas*” (“Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio”). *Gl* 5: 22-23; “*in omni virtute confortati secundum potentiam claritatis ejus, in omnia patientia et longanimitate cum gaudio, gratias agentes Deo Patri, qui dignos nos fecit in partem sortis sanctorum in lumine*” (“animados de eficaz energia segundo o poder da sua glória, para toda constância e longanimidade, com alegria dando graças ao Pai, que voz fez capazes de participar da herança dos santos na luz.”). *Cl* 1: 11-12; “*Tu autem assecutus es meam doctrinam, institutionem, fidem, longanimitatem, dilectionem, patientiam...*” (“Tu, porém, me tens seguido de perto no ensino, na conduta, nos projetos, na fé, na longanimidade, na caridade, na perseverança...”). *II Tm* 3: 10; “*et Domini nostri longanimitatem, salutem arbitremini...*” (“Considerai a longanimidade de nosso Senhor como a nossa salvação...”). *II Pd* 3:15. Traduções da *Bíblia de Jersualém*. A “longanimidade”, empregada neste trecho junto à expressão “com cautela” (“*caute*”), evidencia a base dos exercícios espirituais que os livros da *Imitação de Cristo* pressupõem: “considerar as coisas segundo Deus” (“*res est secundum deum ponderanda*”) de forma lenta e paciente, extraindo dos ensinamentos bíblicos, sentidos úteis à vida devocional, por um estado de reflexão contínua, incorporando-os à memória e ao cotidiano. Essa noção se aproxima dos termos empregados, pela tradição cristã medieval, para a chamada “leitura divina”, prática que Kenneth Becker define como o principal propósito dos livros da *Imitação de Cristo*: a “*lectio*”, “leitura” ou “recitação”, sobre a qual então se realizam a “*cogitatio*” (“pensamento” ou “reflexão”), o “*studium*” (“estudo” ou “empenho”), a “*oratio*”

(“oração”), a “*contemplatio*” (“contemplação”), a “*meditatio*” (“meditação”) e “*rumminatio*” (“ruminação”). Todas elas se constituem em uma continuidade da leitura, sobretudo em relação aos textos bíblicos, e envolvem, tal qual a “longanimidade”, um intervalo de tempo prolongado no qual o intelecto mergulha em uma reflexão intensiva. Esse exercício parece ter encontrado sua melhor explanação pelo último desses termos, a “ruminação”, metáfora extraída do universo pastoril bíblico, e que denota a experimentação, tal qual alimento, das *Escrituras* e o seu repetido “saborear”. Giovanni di Fidanza (1221-1274), conhecido por São Boaventura, cardeal franciscano, nos dá um exemplo de como essa noção era pensada no contexto medieval: “As palavras das Escrituras devem sempre ser ruminadas de modo a serem experimentadas e aplicadas, com fervor, à alma”. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. pp. 51-94. (Citação, em inglês, nas pp. 58-59). No mesmo tom, Florent Radewijns, no *Pequeno Tratado Devoto* (“*Tractatulus Devotus*”), baseando-se em Agostinho, apresenta a “ruminação” como exemplo de como se nutrir e incorporar os ensinamentos cristãos: “Agostinho diz no livro *Sobre a verdadeira inocência*: ‘Aquele que escuta as palavras deve ser como os animais, que enquanto ruminam, são ditos puros. Como não evita pensar sobre o que recebe no fundo de seu coração quando escuta, é como os que pastam; e como retém na memória o que realmente ouviu, é como os ruminantes’.” (“*Unde Augustinus in libro De vera innocencia: Auditor verbi similis debet esse animalium, que ob hoc quod ruminant, munda esse dicuntur; ut non pieat cogitare de hijs que in alveo cordis accepit, ut cum audit sit similis terenti, cum vero audita in memoriam revocat, sit similis ruminanti.*”). RADEWIJNS, Florent. *Péit Manuel pour le dévot moderne*. VII, 4º, ll. 35-40. pp. 78-79. A associação entre “animais que ruminam” e “pureza”, apresentada por Agostinho, deriva de *Lv* 11: 1-8 e *Dt* 14: 3-8.

19 – [V, 1] *Não te ofenda a autoridade do escritor, seja pouco ou muito letrado, mas que o amor pela pura verdade te leve a ler:*

O texto latino traz “*vtrum parue vel magne litterature*” (“seja pouco ou muito letrado”), com uma possível vulgarização do termo “*littera, -ae*” (“letra”) em “*litteratura, -ae*” (“literatura”, ou nesse caso, também “letra”). Embora “*litteratura*” seja atestada no latim medieval, é provável que esse trecho possua uma crítica implícita ao humanismo, que costumava empregar o termo “*littera*” para se caracterizar. Ao lado do termo “*studia*

humanitatis” (“estudos da humanidade”, ou “apreço pela humanidade”), o mais frequente para a definição do “humanismo”, encontramos também *“litterae humaniores”* (literalmente, “letras mais humanas”, sendo o adjetivo “humano” entendido como expressão plena da potencialidade capaz de apreender a instrução literária e filosófica), *“bonae litterae”* (“boas letras”), ou mesmo *“respublica litterarum”* (“república das letras” ou “meio comum dos letrados”), que Rui Rodrigues define, de acordo com o projeto humanista, como “a coincidência dos contornos de uma Europa erudita”. RODRIGUES, Rui Luis. *Entre o dito e o maldito: humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente (1530-1685)*. 2012. 614 ff.. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. pp. 43, 63-148 (citação na página 48); SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 50-62, 213-231, 259-262. É justamente a essa valorização da erudição, ao apreço pelos autores clássicos e ao seu modelo gramático e retórico, ou “eloquente”, que esse capítulo parece fazer referência: o verdadeiro valor dos textos não estaria em sua elegância ou “sutileza” de estilo, ou mesmo em sua autoria, mas sim em sua mensagem, sejam eles de grandes autores, como Sêneca, Ovídio ou Agostinho, ou de simples devotos, capazes de expressar uma espiritualidade elevada, ainda que de forma humilde e “rudimentar”. Essa perspectiva demonstra grande sintonia com o restante dos livros da compilação, que enfatizam o receio com sabedorias supérfluas e incentivam a simplicidade como caminho de progresso espiritual. Sobre o humanismo, ver também RUMMEL, Erika. *The Humanist-Scholastic Debate in the Renaissance and Reformation*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1998. pp. 1-18.

20 – [VI, 1] *E por isso, muitas vezes, entristece-se quando dele os subtraem, ou ainda, com leviandade, desdenha se alguém lhe resiste:*

A EA-1471/2 traz *“dedignantur”* (“desdenham”), diferentemente de TOC-1441 e EV-1483, que empregam *“indignantur”* (“se indignam”): “E por isso, muitas vezes, entristece-se quando dele os subtraem, ou ainda, com leviandade, se indignam se alguém lhe resiste”.

21 – [VII, 1] *Não vá além de ti, mas constitua tua esperança em Deus:*

Otto Spitzen aponta o uso de “*super*” (“sobre”, “acima”, “além”) em consonância com o uso da preposição “*op*” (“em”, “dentro”, “sobre”) no médio holandês. “*Non stes super teipsum*” seria a tradução literal de “*Stae niet op di selve*”. Nesse sentido, teríamos algo como “não fica por conta própria”, talvez melhor entendido por “não fica à própria sorte” ou, ainda, “não confia em ti próprio”. SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. p. 32. Mas, o uso de “*super*” com o acusativo “*teipsum*”, parece sugerir a ideia de evitar “ir além de si mesmo”, de procurar auxílios externos ao invés de encontrá-los pelo contato interno com Deus. Essa interpretação se reforça quando consideramos o contexto de tal afirmação: “Vão é aquele que coloca sua esperança nos homens ou nas criaturas”; e a conclusão, imediatamente a seguir, que completa o raciocínio: “Faça o que está em ti e Deus estará junto de tua boa vontade”.

22 – [VII, 2] *Não te glorifiques nas riquezas (...) mas em Deus, que a tudo excede e que, em tudo, deseja dar a si próprio:*

“*et seipsum super omnia dare desiderat*” (“e que, em tudo, deseja dar a si próprio”). Ver comentário acima, nota 21.

23 – [VII, 3] *A paz contínua está com o humilde, mas a inveja e a indignação, no coração do soberbo:*

Empregamos a palavra “inveja” para traduzir “*zelus, -i*”, termo ancorado na tradição bíblica e de sentido bastante particular, de difícil correspondência no português. Sua origem está na palavra grega “ζήλος” (“*zélōs*”), importada para o latim como “*zelus, -i*”. Seu significado especifica uma proteção ou predileção cuidadosa, empenhada ou mesmo fervorosa, tal qual nossa palavra “zelo”, mas que, por vezes, se intensifica a um grau de obsessão, significando então ciúmes, desejo possessivo ou inveja. Com essa conotação, costuma acompanhar sentimentos de furor (“*furor*”, como em *Dt* 29:20, *Pr* 6: 32-35, *Eclo* 40: 4 e *Ez* 23: 25), ira (“*irascaris*”, *Sl* 79 (78): 5; “*iracundia*”, *Eclo* 40:4; “*irascar*”, *Ez* 16:42; “*iram*”, *Ez* 35:11), além de brigas e disputas resultantes (“*contentio*”, *Eclo* 40: 4 e *I Cor* 3: 3; “*pugnabit*”, *Is* 11:13). Apesar de poder assumir, na perspectiva bíblica, tanto um aspecto negativo, quanto positivo – ver *Rs II* (*Rs IV*, na *Vulgata*) 10: 16; *Jt* 9:3; *Sl* 69

(68): 10 ; 118: 139; *Sb* 5: 17; *Is* 37: 32; 42: 13; 63: 15; *Ez* 39: 25; *I Mc* 2: 27, 54-58 – a *Epístola de Tiago* (*Tg* 3: 14-16) chega a especificar um “zelo amargo” (“*zelum amarum*”), de forma próxima à que encontramos no *Livro do Eclesiástico*: “O zelo e a ira diminuem [nossos] dias” (“*zelus et iracundia minuunt dies*”). *Eclo* 30: 24 (Traduzido da *Vulgata Latina*). É justamente nessa última acepção, em chave exclusivamente negativa, que esse trecho emprega “*zelus*”: o desejo de se sobrepor aos outros e ambicionar seus atributos e reconhecimentos, nutrindo inveja e indignação pelo que não se tem, e cujo resultado são as perturbações internas e a consequente perda da paz.

24 – [VIII, 1-2] *Não reveles o teu coração a todo homem... Raramente tenhas convívio com jovens e estranhos... Não estejas em familiaridade com mulher alguma, mas recomenda, de forma comum, todas as boas mulheres a Deus.... Deve-se ter caridade por todos, mas a familiaridade não convém:*

A segunda frase deste parágrafo, “Raramente tenha convívio com jovens e estranhos”, corresponde ao trecho latino “*Cum iuuenibus et extraneis rarus esto*”. Nele, encontramos o verbo “*edo, -edis/ -es*” (“comer”), na segunda pessoa do singular, no presente imperativo ativo, como “*esto*” (“*come*”, ou no caso, “*comas*”). Assim, sua tradução literal seria “Raro comas com jovens e estranhos”. No entanto, o ato de “comer com alguém”, na tradição cristã, costuma pressupor a ideia de “comunhão” ou “convívio” – do latim, “*conuiuium, -i*”, “banquete” ou “refeição compartilhada”, na qual mais de um indivíduo toma parte. Essa frase ecoa os dizeres de Paulo na *Primeira Epístola aos Coríntios*, nas quais “tomar refeição” (“*cibum sumere*”) aparece em relação a “associar-se” ou “misturar-se” (“*commisceri*”): “*vobis non commisceri si is qui frater nominatur, est fornicator, aut avarus, aut idolis serviens, aut maledicus, aut ebriosus, aut rapax, cum ejusmodi nec cibum sumere*”. *I Cor* 5:11. *Vulgata Latina*; (“não vos associeis com alguém que traga o nome de irmão e, não obstante, seja devasso ou avarento, idólatra ou injurioso ou beerrão ou ladrão. Com tal homem não deveis nem tomar refeição”). *I Cor* 5: 11, *Bíblia de Jerusalém*. A mensagem do restante do parágrafo reforça essa interpretação, e representa uma tópica característica da *devotio moderna*. O próprio Thomas de Kempis, ao compor a biografia de Geert Groote, se preocupou em descrever como seus hábitos reforçavam seus propósitos religiosos, e como mantinham um distanciamento seguro do mundo, de forma bastante próxima ao que encontramos nesse parágrafo. Na *Vida de Geert Groote*, temos: “Convidado para comer fora de sua casa por alguém, também declinava:

evitava a familiaridade com seculares e os longos banquetes dos ricos em detrimento dos pobres. (...) Todavia, costumava convocar à sua pequena mesa, alguns pobres servidores de Deus, e, às vezes, um ou dois honestos burgueses, para lhes dar instruções para uma vida melhor e lhes saciar com a fartura de doces sermões celestiais. (...) Mas também havia um refeitório, pequenino, no qual os simples podiam se sentar com ele, e no qual, diante da mesa, era servida uma seleção dos melhores livros: ainda que essa bandeja não fosse do agrado do corpo, as cópias dos livros enchiam os copos de sua alma, com os quais brindava, junto aos seus amigos. (...) Ele mesmo costumava cozinhar a própria comida, embora não tivesse a habilidade de cozinhar. Ainda assim, evitava o serviço das irmãs que moravam, em separado, na casa vizinha. (...) E nunca se conheceu nada suspeito: não falava com nenhuma mulher não fosse pela janela fechada e com as cortinas cerradas. (*“Extra domum suam comedere a quo cunque etiam inuitatus noluit: deuitans familiaritates secularium, & longas epulationes diuitum in detrimentum egenorum. (...) Attamen aliquos pauperes deo seruientes, & interdum vnum vel duos honestos burgenses, ad suam mensulam conuocauit ob instructionem vitae melioris: quos vberius suauitate caelestis sermonis refecit (...) Habebat autem refectorio! um modicum: in quo pauci cum eo poterant discumbere. Vbi in propinquo contra mesam stabat promptuarium libris optimis refertum: vt si ferculum corporis non placeret: ex copia librorum poculum animae amicis suis propinaret. (...) Ipse sibi cibos coquere solebat: licet peritiam coquendi non haberet: a sororibus autem quae in vicina domo segregatim morabantur, suscipere seruitium deuitabat. (...) Et ne suspecta res notaretur: nulli sororum nisi clause & obuelata fenestra loquebatur.”*) *“Vitae Gerardi Magni vulgariter Groot”*. Cap. XI. OC-1494, DANHAUSER. fol. CLIV.

25 – [IX, 1] *Corre para lá ou para cá, e não encontrarás quietude senão em humilde submissão à autoridade de um prelado:*

O termo “prelado” (*“prelatus, -i”*), no século XV, era usado para designar os superiores das comunidades de religiosos, aos quais seus demais membros se ligavam por votos de obediência. No contexto da *devotio moderna*, os guias espirituais eram eleitos pelos membros de suas respectivas casas, e eram identificados geralmente como “prelados”, embora o termo “prior” - especialmente pelo seu feminino “priora” - também fosse comum. O prelado da Casa de Windesheim - a primeira comunidade masculina e onde também se passou a reunir o Capítulo Geral - também era chamado de “reitor”, o

título de maior proeminência em todo o círculo dos devotos e equivalente ao de “superior-geral” nas ordens monásticas. A recomendação aqui feita é à submissão à vida comum ou ao regime monástico, entendido como o caminho adequado para se evitar as “ vaidades do mundo” e os possíveis erros e excessos de uma vida religiosa autônoma, não orientada por um guia espiritual confiável e mais experiente.

26 – [IX, 1] *A imaginação dos lugares e as mudanças derrubam a muitos:*

As comunidades da *devotio moderna* nunca chegaram a formular uma regra própria, e a sua organização era definida por costumes e preceitos formulados por seus primeiros nomes, como Geert Groote e Florent Radewijns. Seus membros e casas possuíam certa autonomia, sendo comum que adotassem regras para definir mais claramente sua condição religiosa e determinar a organização coletiva, sendo as mais comuns as dos cartuxos, cistercienses e, a principal, dos agostinianos. Apesar disso, todas elas mantinham vínculos, respondendo ao Capítulo Geral de Windesheim e ao seu reitor. Nessas circunstâncias, os devotos transitavam entre as diferentes regras e organizações da “vida comum”, o que permitia a alguns que desejassem, a mudança para os locais que melhor atendessem suas expectativas. Considerando esse contexto, essa frase provavelmente representa uma advertência àqueles descontentes com a própria comunidade, que imaginassem suprir melhor seus anseios espirituais por uma outra regra, ou por algum outro lugar. Essas reivindicações eram tão comuns que resultaram em uma determinação papal, em 1420, que proibiu a passagem de uma regra para a outra sem a autorização do Capítulo Geral, com exceção apenas à Ordem Cartuxa. BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. pp. 131-137. O uso do termo “*fefellit*”, literalmente, “fazer tropeçar” – traduzido por “derrubar” - denota os riscos da imaginação enquanto fonte de insatisfação para a vida religiosa.

27 – [X, 2] *A consolação exterior não é de pouco dano ao interior e à consolação divina, e por isso, deve-se vigiar e orar para que não se passe o tempo de forma ociosa:*

“Consolação” (“*consolatio*, -onis”) é entendida como sinônimo de “amparo”, “agrado” e “alívio”. O texto da *Imitação de Cristo* define duas formas de “consolação”: a “externa”, identificada com qualquer satisfação material, e a “interna”, referente aos amparos e conquistas espirituais. Nessa última definição – que não é o trecho no qual essa

nota se aponta - representa um elemento importante na perspectiva devocional do livro. É na “consolação” que o devoto contempla os benefícios de Deus e é amparado por sua presença, unindo-se a ela, em um movimento de ascensão característico do misticismo medieval. O termo é característico do vocabulário cristão, sendo empregado com esses mesmos sentidos por Paulo. *I Cor* 1: 3-7; 7: 4-13; *Ef* 2: 1-4; *I Ts* 3: 7. O termo “ocioso”, aqui, é empregado de forma negativa, em contradição com seu uso em III, 3, como comentado na nota 14. p. 223.

28 – [X, 2] *Entretanto, muito ajudam, para o progresso espiritual, as devotas leituras conjuntas sobre as coisas espirituais, sobretudo onde os pares em espírito se reúnem unidos a Deus:*

As “leituras conjuntas” (“*collatio*, -onis”) representam uma prática central na rotina das comunidades da *devotio moderna*. Assim como na rotina monástica, os membros se reuniam em refeições comunitárias e ouviam, em silêncio, a leitura de trechos da Bíblia e de outros livros devocionais, seguidas de explicações a respeito de seus significados e de instruções para a vida religiosa. No entanto, a *devotio moderna* não limitou essa prática aos seus membros, definindo dias semanais nos quais era realizada de forma aberta, aceitando outros clérigos, estudantes e quaisquer outros leigos que delas quisessem participar. Tratava-se de uma forma de “ganhar almas” e propagar as suas perspectivas espirituais, verdadeiras pregações destinadas à sociedade como um todo. Por esse motivo, foram alvo de controvérsias, uma vez que rompiam o monopólio dos padres locais e das ordens mendicantes, em especial os dominicanos. Por elas, nota-se a ênfase dos devotos ao ideal apostólico, que remonta as suas próprias origens em Geert Groote. O oposto das “leituras conjuntas” pode ser identificado na *lectio divina* (“leitura divina”), momento de leitura individual, seguido de orações, e para os quais os devotos compilavam os *rapiaria*, conjunto de excertos utilizados para inflamar o ardor espiritual em seus momentos privados de meditação e oração. BECKER, Kenneth. *From the Treasure House of Scripture: An analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout: Brepols, 2002. pp. 17, 51-94; VAN ENGEL, John. *Devotio Moderna: Basic Writings*. Translated and introduced by John Van Engen. New York: Paulist Press, 1988. pp. 16-17, 52-43.

29 – [XI, 2] *Não atendemos ao perfeito cotidiano, e, por isso, permanecemos frios e mornos:*

EA 1471/72 traz “*ad perfectum cottidianum non attendimus*”, traduzido aqui como “Não atendemos ao perfeito cotidiano”. TOC-1441 e EV 1483 apresentam a frase “*et ad quotidianum profectum non accendimur*”, o que estabelece uma relação de adição com a oração anterior, podendo ser traduzido como “Raramente também vencemos qualquer vício perfeitamente, e não ascendemos ao progresso cotidiano”.

30 – [XI, 5] *Mas de modo contrário, muitas vezes sentimos que nós éramos melhores e mais puros no começo da conversão do que depois de muitos anos de profissão:*

“Profissão” (no latim, “*professio, -onis*”), no contexto medieval, significa a condição específica de um religioso, alguém que “professa”, “declara” a sua fé vivendo por ela. “*professio, -onis*”. BLAISE. pp. 668-669.

31 – [XIII, 1] *Em Jó, está escrito: ‘A vida humana sobre a terra é tentação’:*

“Não está o homem condenado a trabalhos forçados aqui na terra?” Jó 7:1. A tradução da *Bíblia de Jerusalém* – a partir do texto hebraico - se distancia do texto da *Vulgata Latina*. Isso se deve às diferentes traduções a que o texto foi submetido: do original hebraico e do “grego geral” (“*κοινή*”), para o latim, na *Vulgata*, versão na qual o texto da *Imitação de Cristo* se baseia. Por isso, a citação aqui indicada possui uma variação considerável com a *Bíblia de Jerusalém*, que utilizamos para referenciar as citações bíblicas. No texto da *Vulgata*, nota-se uma maior proximidade com o que é aqui indicado: na *Imitação de Cristo*, “*Temptacio est vita humana super terram*”, e na *Vulgata*, “*militia est vita hominis super terram*”. Nota-se que a única diferença é em relação à substituição do termo “*militia*” (sentido de “obrigação militar”, “dever de servir”) por “*Temptacio*” (“tentação”). Essa substituição ajuda a compreender como as obrigações da vida civil e mundana são pensadas de modo negativo, associadas a perversões e tentações. Ver “Livro de Jó”. *Bíblia de Jerusalém*. p. 810, nota “b”.

32 – [XIII, 3] *Não há homem que viva por muito tempo totalmente seguro das tentações... pois nascemos do desejo:*

Embora o texto use “*concupiscentia*”, traduzido para “desejo”, há aqui uma clara referência ao *Salmo* 50: 7, da *Vulgata Latina*: “*Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum*” (“Eis que eu nasci na iniquidade”). *Sl* 51: 7, *Bíblia de Jerusalém*. As duas palavras latinas, “*concupiscentia*” e “*iniquitas*”, bem como as do português, “desejo” e “iniquidade”, devem aqui ser encaradas por um sentido comum, a “concupiscência”, que na tradição bíblica, assume o significado de “desejo sexual” ou “desejo pecaminoso”.

33 – [XIII, 3] *A cada tribulação ou tentação retirada, outra sobrevém, e teremos que suportar algo para não perdermos o bem de nossa felicidade:*

A “tribulação” (“*tribulatio, -onis*”) representa uma palavra corrente na tradição cristã, sendo empregada por Paulo em suas cartas, como sinônimos de dificuldades gerais. *II Cor* 1: 3-11; 4: 7-18; 7: 4-7; *Ef* 3: 13; *I Ts* 3:4-7; *II Ts* 1: 3-4; *II Tm* 2: 24. Na *Imitação de Cristo*, o termo “tribulação” costuma ser associado a momentos de fortes inquietações espirituais e dificuldades, nos quais o devoto se mostra confuso e perturbado, mas que também oferecem a possibilidade de reafirmar o seu compromisso espiritual.

34 – [XIII, 6] *Alguém disse: ‘Impeça no princípio, depois se sofre com o remédio’:*

Citação de Ovídio, *Remedia Amoris*. v. 91-92. Consultado em PUBLIUS OVIDIUS NASO. *Carmina Amatoria*. *Lucianus Mueller Recognovit* (“Reconhecido por Luciano Mueller”). Berlim: publicado pelo Reverendo Gaertneri, 1856. p. 92.

35 – [XIII, 6] *Há aqueles que são tentados de forma leve...:*

O texto latino traz “*leuiter*”, que traduzimos o decorrer do texto como “levianamente”. Esse trecho em específico, usa o termo de forma particular, como algo “leve”, “de pouca intensidade”. Esse sentido está de acordo com a variação em *TOC-1441*, que traz “*leniter*”. As duas edições impressas, *EA-1471/72* e *EV-1483*, trazem “*leuiter*”, um possível erro de edição, dadas as trocas frequentes entre “*n*” e “*u*”, muito provavelmente, decorrentes da inversão do tipo na hora de inseri-lo na prancha da prensa.

36 – [XIII, 3] *Difícilmente, deixa-se e se abandona o antigo costume, e ninguém é levado, de bom grado, além de si próprio:*

Os últimos períodos deste parágrafo, que enfatizam o egoísmo e as dissensões entre “amigos e conterrâneos”, parecem fazer referência a uma revolta ocorrida em Zwolle, no ano de 1416. O motivo teria sido a reivindicação das corporações de ofício, as chamadas “guildas”, a uma participação maior no governo da cidade, desafiando o “antigo costume” (“*antiqua consuetudo*”) que o regia. O desfecho seria trágico. No dia de Santa Lúcia, padroeira das corporações, soldados infiltrados a mando dos magistrados teriam se aproveitado das comemorações para suprimir a revolta e prender os seus participantes. Na mesma noite, mais de cem deles seriam conduzidos em procissão pela cidade e sumariamente executados. Os restantes, considerados de “menor culpa”, seriam expulsos de Zwolle. BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. pp. 119-120. Victor Becker e Otto Spitzen identificam Hermannus de Oever, citado por Thomas de Kempis nos *Sermonum ad nouitios* (“*Sermão aos Noviços*”), como um dos sobreviventes dessa revolta: “Havia na cidade de Zwolle um certo cidadão chamado Hermannus de Oever, rico e honesto, pio e misericordioso com os pobres, e também fiel administrador no Hospital do Espírito Santo dos Doentes e Pobres. Quando surgiu a confusão na cidade, contra ele e alguns de seus conterrâneos, fugiu para o nosso monastério, o Monte da Santa Virgem Agnes, para pedir abrigo. Por sua probidade e mansidão, foi aceito e bem tratado, com muita caridade e fraterna benevolência.” (“*Fuit in ciuitate swollensi ciuis quidam hermannus de oeuer nominatus: dius & honestus, pius & misericors super pauperes: atque in hospitali sancti spiritus fidelis infirmorum & egenorum procurator. Hic quadam turbatione orta in ciuitate contra eum & quosdam conciuies eius: confugit ad monasterium nostrum in montem sanctae Agnetis virginis hospitandi gratia. Qui super sua probitate & mansuetudine susceptus est: & benigne tractatus: cum multa charitate & fraterna beniuolentia*”). “*Sermonum ad nouitios*”. P. III; S. VIII. OC-1494, DANHAUSER. fol. CXXXVII.

37 – [XVI, 2] *Se alguém, aconselhado por duas vezes, ou de forma semelhante, não se aquietar...:*

A EA-1471/2, ao contrário de TOC-1441 e EV-1483, não traz a palavra “non” antes de “*acquiescit*”. Como a supressão do negativo não condiz com o provável sentido deste trecho, consideramos aqui um erro de transcrição.

38 – [XVI, 2] *De bom grado, consideramos que os outros devam ser perfeitos, mas, entretanto, não corrigimos nossos próprios defeitos:*

O uso do verbo “*habeo, -es*” (em latim, “ter”, “possuir”) é frequente na *Imitação de Cristo* com o sentido de “considerar”, “reputar”, como se nota nesse caso. Victor Becker indica esse uso em consonância com o uso de “*hebben*” em holandês: BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 85.

39 – [XVII, 1] *Em muitas coisas, é preciso que aprendas a mortificar a ti próprio se quiseses manter a paz e a harmonia com os outros:*

O começo desta frase, em latim, “*Oportet vt (quod, na transcrição do manuscrito autógrafo de 1441, por Michael Pohl) discas teipsum in multis frangere...*” é apontada por Victor Becker como a tradução literal do holandês “*Zich zelven breken*”. BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 85. Otto Spitzen indica a tradução para o médio holandês do manuscrito de Viena, do século XV: “*Du moeste di in velen dingen breken*”. O que se nota é o recurso do período ao verbo “*breken*” para o termo “*frango, -is*” (“quebrar”, “romper”). Spitzen indica que, no século XV, “*breken*” e “*sterven*” (“morrer”, “expirar”) eram pensados como sinônimos para o conceito de “mortificação”. SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. pp. 22-23.

40 – [XVIII, 6] *Ó, condição negligente de nosso tempo, que tão rápido declinamos do fervor primevo!:*

“*O temporis* (na transcrição do manuscrito autógrafo, temos “*teporis*”, genitivo de “*tepor*”, significando, em português, “fraqueza”, “debilidade”) *et negligentie status nostri...*” representa uma construção bastante inusual, e por isso foi alterada ou omitida em diversas edições da *Imitação de Cristo*. Trata-se de uma interjeição seguida de quatro genitivos, o que, certamente, estranha e explica a interpretação de diversos editores como um erro. No entanto, aqui se tem uma construção típica do médio holandês, que recorria a interjeições como “*Och*”, “*we*” ou “*wi*”, seguidas de genitivo, como uma forma de exprimir uma exclamação de descontentamento ou infelicidade. Essa mesma frase foi

traduzida em um manuscrito de Windesheim como “*Och der loewheit ende der onachtsamheit nos staats*”, fazendo uso do artigo “*de*” em seu genitivo, “*der*”. BECKER, Victor. *L'Auteur de l'Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 98-93; SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l'Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. pp. 43-48.

41 – [XIX, 1] *‘Ajuda-me, Senhor, meu Deus, nos bons propósitos e no santo serviço a ti, e me dá, hoje, agora, a perfeição para começar, porque nada fiz até aqui’:*

Esta resposta traz em seu início o salmo 109: “Socorre-me, Iahweh meu Deus, salva-me conforme o teu amor.” Sl 109 (108): 26. Para Kenneth Becker, uma referência, também a Sl 77(76):11 e Lc 17:10. No entanto, quando comparados o texto latino com os trechos especificados na *Vulgata*, há uma discrepância considerável: na *Imitação*, “*da mihi nunc hodie perfecte incipere*” (“e me dê hoje, agora, a perfeição para começar”), e na *Vulgata*, “*et dixi nunc coepi...*” (“E disse: ‘agora comecei...’”, Sl 76:11. Na *Imitação de Cristo* temos “*quia nihil est quid hactenus feci*” (“porque nada fiz até aqui”), e na *Vulgata*, “*cum feceritis omnia quae praecepta sunt vobis dicite servi inutiles sumus*” (“quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizeis: ‘Somos servos inúteis’”). BECKER, Kenneth. *From the Treasure House of Scripture: An analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 320.

42 – [XIX, 3] *Mas ... para aquilo que mais intensamente nos impede:*

EA-1471/2 traz “*non*”, ao invés de “*nos*” (“*non impedit*”, “não impede”) como em TOC-1441 e EV-1483. O negativo, neste trecho, não condiz com o sentido do período, e, por isso, consideramos que o texto latino traz um erro de transcrição.

43 – [XX, 2] *Alguém disse: ‘Estive, cotidianamente, entre os homens, e menos homem retornava’:*

Aqui há uma referência a Sêneca, que na carta número VII, a Lucílio, ao comentar sobre os espetáculos de gladiadores, diz: “Pois então, pelos desejos, os vícios mais facilmente se manifestam. O que pensas que posso dizer? Retorno mais avaro? Mais ambicioso? Mais luxurioso? Ou melhor, mais cruel e desumano? É que estive entre os

homens.” (“*Tunc enim per voluptatem facilius vitia surrepunt. Quid me existimas dicere? avarior redeo, ambitiosior, luxuriosior? immo vero crudelior et inhumanior, quia inter homines fuit.*”) LUCIUS ANEUS SENECA. “*Ad Lucilium Epistolae. Epistola VII.*” 1. 2. In *L. Annei Senecae Philosophi Opera Omnia*. Organizada e ilustrada por *Fridericus Ernestus Ruhkopf*. Vol. II (V vols.) Leipzig: Libraria Weidmannia, 1800. p. 23. É provável que a simplificação dessa frase seja resultante de sua circulação oral como um provérbio.

44 – [XX, 6] *Melhor é se esconder e cuidar de si, do que, em negligência, ficar fazendo sinais:*

No texto latino, “*signa facere*”, cujo sentido é literalmente “fazer sinais”. A frase nos parece incompleta, mas é provável que seu significado fosse familiar ao contexto em que o livro foi escrito, de modo que os leitores percebessem, imediatamente, a que sinais esse trecho se refere. Uma hipótese, que nos parece bastante viável, é que sejam algo como o sinal da cruz, que no latim medieval, é descrito como “*facere signum crucis*”, ou “fazer o sinal da cruz”. O sentido, segundo essa hipótese, seria que gestos rotineiros, tido por costume como “protetores”, nada mais seriam do que “superstição”, e por isso aquele que neles confiasse, manifestando religiosidade apenas no “exterior”, se negligenciaria, não cultivando hábitos que realmente contribuíssem para a paz espiritual e o progresso na devoção. Ver “*signum, -i*”. *BLAISE*. pp. 759-760.

45 – [XXI, 3] *Não atraias a ti nada dos outros, nem te impliques nas causas dos maiores:*

“*Non attrahas tibi res aliorum*” corresponde à expressão em holandês “*zich iets aantrekken*” (aqui, expressa de forma impessoal pela terceira pessoa, “atrair as coisas a si”, de onde, “se envolver”). Considerando esse sentido, é possível entender esse trecho por “não se envolva com os assuntos dos outros...”. BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 79; SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii.* pp. 13-14. Optamos por considerar apenas o trecho latino, uma vez que os próprios termos empregados expressam o mesmo sentido que o médio holandês, a recomendação do afastamento dos assuntos humanos, ainda que de forma inusual.

46 – [XXI, 4] *O homem bom encontra matéria suficiente pela qual se deve doer e chorar, pois quer se analise, ou quer pense no próximo...:*

EA-1471/2 traz “*sine de primo penset*”, quando, de acordo com os trechos dos textos aqui consultados, temos “*siue de primo penset*”. É provável que tenhamos aqui mais um erro de transcrição, e, por isso, traduzimos “*sine*” como “*siue*”, ou seja, “ou”.

47 – [XXII, 2] *A felicidade do homem não é ter bens temporais em abundância, mas se satisfazer com o medíocre:*

O termo “*mediocritas*” (“mediocridade”) indica o que se situa “no meio” (“*medius*, -a, -um), portanto, oposto a “extremos” ou “excessos”. “Satisfazer-se com o medíocre” (“*sufficit ei mediocritas*”) indica o contentamento com apenas o necessário (a palavra também possui relação com “*modicum*, -i” - em português, “pouco” - e seus derivados). O “meio termo” aparece, no contexto da *devotio moderna*, como uma forma de evitar tanto as consequências indesejáveis da vida ascética radical, bem como a possível vaidade ou soberba decorrente dos que, por ela, se “auto-santificassem”, como também da “vida relaxada”, entregue aos desejos e às satisfações materiais. O ideal da “*aura mediocritas*”, talvez melhor traduzida por “aparência simples”, representa um valor bastante presente na vida monástica e no pensamento cristão medieval como um todo. Ver “*mediocris*, -e”. ERNOULT-MEILLET. p. 393.

48 – [XXII, 7] *Ai de nós... :*

EA-1471/72 traz “*de vobis*” (“de vós”, “sobre vós”), ao contrário de TOC-1441 e EV-1483, “*nobis*” (“em nós”, “a nós”). O uso da segunda pessoa do plural, aqui, não parece fazer sentido. Por isso, consideramos “*de vobis*” como um erro de edição, entendendo-o e traduzindo como “*de nobis*”.

49 – [XXIII, 1] *Vê de outro modo como tu te tens aqui: hoje há um homem, e amanhã, desaparece:*

O uso do pronome latino “te” seguido do verbo “habeo, -es”, na frase “*Vide aliter quomodo te hic habeas*” (o termo “hic” não está presente no manuscrito veneziano de 1483 e nem na transcrição do manuscrito autógrafo de 1441, realizada por Michael Pohl) parece sugerir a equivalência com a expressão em holandês “*zich hebben*”, que possui o sentido de “se comportar”. BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 85; SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. p. 23. Optamos pelo verbo “ter”, uma vez que, no contexto da frase, denota tanto o sentido de “se comportar” quanto o da percepção da própria condição humana, mortal, uma ambiguidade presente tanto em latim como em holandês. Ver nota 38. p. 237.

50 – [XXIII, 1] *Assim, deverias te ter em todo feito e pensamento, quase como se estivesses imediatamente para morrer:*

Esta frase, no texto latino, foi composta com traços de holandês médio marcantes. “*Sic te in omni facto e cogitatu debes tenere...*” pode ser literalmente traduzido para “*Also soudstu die in alle werken en gedachten houden*”, como foi realizado na tradução do manuscrito de Leiden. Aqui, “*debes*” (“deves”, “obriga-te”) é empregado como auxiliar de “*tenere*” para expressar o tempo condicional, assim como ocorria com verbo “*sollen*” (atual “*zullen*”), no caso, conjugado na segunda pessoa, “*soudstu*”. O verbo “*tenere*”, por sua vez, é empregado com o seu sentido de “guardar”, “cuidar”, “proteger”, uso comum em Thomas de Kempis, que pode ser também identificado com o sentido análogo de “*houden*” no médio holandês. BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. Bruxelles: F. J. OLivier; London: D. Nutt, 1882. p. 89. Otto Spitzen, porém, discorda que este trecho tenha suas origens no holandês. SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. Utrecht: L. J; Beijers; J. W. V. Leeuwen, 1884. p. 34.

51 - *Muitos morrem de súbito e improviso, pois na hora em que não se pensa no Filho do gênero humano, ele chegará:*

A *Imitação de Cristo*, neste trecho, se vale da expressão “*filius hominis*”, tal como empregada na *Vulgata Latina*, tradicionalmente vertida como “Filho do Homem”.

Optamos, no entanto, por traduzi-la como “Filho do gênero humano”, de acordo com as considerações trazidas por Frederico Lourenço em sua tradução da *Bíblia*, que opta, em sentido semelhante, por “Filho da Humanidade”. Tanto em grego, nos originais do *Novo Testamento*, “ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου”, quanto em latim, na *Vulgata*, “*filius hominis*”, temos os equivalentes *ἄνθρωπον* e *hominis*, cujos sentidos denotam a ideia de humanidade, sem necessariamente especificar o gênero masculino. Tanto o grego quanto o latim possuem outras terminologias para “homem” em sua acepção exclusivamente masculina: “ὁ, ἄνῆρ, ἄνδρὸς” e “*uir, uiri*”. O entendimento de *filius hominis* como “Filho da Humanidade” se reforça quando consideramos as narrativas evangélicas: Jesus não é propriamente filho de nenhum homem, mas de Deus, e, por coerência, a expressão deveria significar a condição humana de sua encarnação. Esse foi o entendimento adotado pela patrística e reproduzido no período medieval, entendendo a expressão como referente a Adão, em quem todo o gênero humano estava contido, ou a Maria, a origem humana de Jesus. LOURENÇO, Frederico. “O grego dos Evangelhos e a Presente Tradução”. In *Bíblia. Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. Tradução do grego apresentação e notas por Frederico Lourenço. Volume I. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. pp. 45-46. BURKETT, Delbert. *The son of Man Debate: A History and Evaluation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. pp. 1-12. A expressão “*filius hominis*” ocorre apenas duas vezes na compilação da *Imitação de Cristo*, aqui e no *Livro III*, capítulo XLII, 1, passagem na qual a referência ao gênero humano está mais clara: “Senhor, o que é o ser humano? Por que dele te lembras? Ou, por que tu, Filho do gênero humano, o visitas?”. Empregada por cerca de cinquenta vezes no *Novo Testamento*, em sua maioria, como título dado por Jesus a si mesmo, seu exato sentido ainda é alvo de polêmicas. Dezenove séculos suscitaram diferentes interpretações, incluindo a designação à natureza humana da encarnação de Jesus, forma de autorreferência, ênfase da condição privilegiada da primogenitura, ou título messiânico derivado do *Livro de Daniel*, 7: 13, e do apócrifo *Primeiro Livro de Enoque*, 46: 3. Sobre esses diferentes entendimentos, recomendamos o trabalho de Delbert Burkett, *The Son of Man Debate. Passim*.

52 – [XXIII, 5] *Não confia em amigos e próximos... porque os homens te esquecerão mais rápido do que os estimas:*

O início desta frase, “*Noli confidere super amicos...*”, é apontado por Victor Becker como uma transposição literal do médio holandês “*Wil niet betrouwen op vrienden...*”. A estrutura “confiar *sobre* algo” corresponde à estrutura típica dessa língua, e, ao mesmo tempo, pouco usual em latim. BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 80.

53 – [XXIII, 5] *Melhor é prever agora, oportunamente... do que esperar pelo auxílio dos outros:*

Novamente, o uso de “*super*” em semelhança com uma construção a partir do holandês: “*super auxilio aliorum sperare*”. Segundo Otto Spitzen, uma equivalência com “*op andere mensen waeldoen te hopen*”, em médio holandês. SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. pp. 31-32.

54 – [XXIII, 8] *Faze agora teus amigos os santos de Deus... para que quando careceres da vida, eles te recebam nos tabernáculos eternos:*

Aqui há uma referência direta a uma passagem do *Evangelho de Lucas*: “fazei amigos com o Dinheiro da iniquidade, a fim de que, no dia em que faltar o dinheiro, estes vos recebam nas tendas eternas” *Lc* 16: 9. Na *Vulgata*, assim como no texto latino da *Imitação de Cristo*, ‘*eterna tabernacula*’, traduzidos por ‘tendas eternas’ na *Bíblia de Jerusalém*. Apesar de caracterizar o dinheiro como “iníquo”, essa frase é citada em um contexto a respeito da boa e honesta administração e a consequente confiança dela advinda, capaz de granjear o apoio de “amigos”. *Lc* 16: 1-13. Mas se em *Lucas* o caráter de sua mensagem é essencialmente material, o *Livro I* da compilação da *Imitação de Cristo* se vale de sua estrutura para construir um foco oposto, espiritual: imitar os santos e se tornar amigo deles, o que no decorrer dos quatro livros, é marcadamente entendido como afastamento dos bens materiais; e na ausência total da matéria, o próprio fim da vida, a consequente recompensa nos “tabernáculos eternos”. É lícito especularmos a respeito das implicações que a associação da palavra “tabernáculos” pode ter em um contexto de ênfase espiritual. Por ela, entra-se em um dos temas mais presentes no decorrer do conjunto bíblico. O termo latino “*tabernaculum, -i*”, empregado aqui no plural “*tabernacula*”, é utilizado na *Vulgata Latina* para nomear a “Tenda de Reunião”,

primeiro local de abrigo do Decálogo e de seu receptáculo, a Arca da Aliança, construído por instruções divinas e que materializava a própria presença de Deus entre os israelitas. Futuramente, seria substituído pelo Templo de Jerusalém, edificado com o mesmo propósito, no alto do Monte Moriá, onde teria se dado o quase sacrifício de Isaac, momento em que se sela a aliança de Abraão e de sua descendência com Deus, portanto local simbólico da reaproximação divina com a humanidade. A respeito da construção do *Tabernáculo* e suas prescrições rituais, ver *Ex* 25-30; 35-40; *Lv* 6-8; 24: 1-9; *Nm* 4; 15; *Dt* 12,10. Sobre a edificação do Templo de Jerusalém, ver *2 Sm* 7: 1-17; *1 Rs* 5: 15; 6; 7: 31-51; 8: 1-13; *2 Rs* 24: 10-15; *1 Cr* 15; 16: 1-3; 17: 1-15; 22: 2-19; 28; *2 Cr* 1, 18; 2-7; 8: 1-16. Sobre a sua reconstrução, ver *Es* 3: 4-23; 5-6; *Ne* 19: 33-40. Sobre as profecias a respeito da destruição do Templo e o significado de sua destruição e posterior reconstrução, ver *Tb* 14: 5; *Ag* 2: 1-9; *Zc* 4: 8-10; *Ez* 10; *Is* 7: 1-15; *Jr* 7; 26. Mas se o “Tabernáculo” e o Templo de Jerusalém, no *Antigo Testamento*, especificam a presença de Deus em meio ao “seu povo”, e local de culto exclusivo, na posterior interpretação cristã, ele será empregado como metáfora para o “culto interior”, no qual o corpo do fiel passa a representar o próprio Templo, e pelo interior, se cultua a presença divina: “Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo e esse templo sois vós.” *1 Cor* 3, 16-17; “Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus?... e que, portanto, não pertenceis a vós mesmos? Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate; glorificai, portanto, a Deus no vosso corpo.” *1 Cor* 6: 19-20; “Que há de comum entre o templo de Deus e os ídolos? Ora, nós é que somos o templo do Deus vivo...” *2 Cor* 16-18; “Estais edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular” *Ef* 2: 20; “Entendo que é justo despertar-vos com as minhas admoestações, enquanto estou nesta tenda terrena, sabendo que em breve hei de despojar-me dela, como, aliás, nosso Senhor Jesus Cristo me revelou.” *II Pd* 1: 12-14. Se o “Tabernáculo” e o Templo de Jerusalém possuíam um âmbito exclusivo para a presença divina, o “Santo dos Santos”, definido por um véu, após a morte de Jesus, ele é rasgado, em uma clara indicação de que a intermediação da relação com o divino e de seu culto sacerdotal não mais se fariam necessários. O sacrifício de Jesus, assim, teria aberto, para cada fiel, o caminho direto a Deus. *Lc* 27, 51; *Mc* 15, 39; *Hb* 10: 9-20. Ver também *Ez* 37: 14: “Porei o meu espírito dentro de vós e vivereis: eu vos reporei em vossa terra e sabereis que eu, Iahweh, falei e hei de fazer, oráculo de Iahweh”. Assim, o termo “*tabernaculum*, -i” carrega o peso

simbólico da presença divina, identificado no *Novo Testamento* com o próprio culto interior a Deus. Na perspectiva da *Imitação de Cristo*, os “santos de Deus” são aqueles que souberam cultuar a Deus em seu íntimo, e por seus exemplos, tornaram-se “abrigos”, nos quais aqueles que seguissem suas condutas seriam não apenas recebidos, mas também contribuiriam para a edificação de outros “tabernáculos”, identificados com o corpo de cada devoto que cultuasse a Deus dentro de si próprio. Não se trata de uma noção nova ao cristianismo. Agostinho, na *Cidade de Deus*, livro XII, capítulo IX, afirma: “Os participantes desse bem formam sociedade santa com Aquele a quem se unem e entre si constituem a Cidade de Deus, e sacrifício vivo e templo vivo dele”. *A Cidade de Deus*. XIV, 2. Tradução de Oscar Paes Leme; (“*Hoc bonum quibus commune est, habent et cum illo cui adhaeret et inter se sanctam societatem et sunt una ciuitas Dei eadem et inter se sacrificium eius uiuumque templus eius*”). *De Civitate Dei*. XIV, 2.

55 – [XXIII, 1] *Por que não te prevines ao dia do juízo... e cada um terá a si como um fardo suficiente?:*

Na frase “*vt quid non preuides tibi...*”, temos o verbo “*preuides*”, cujo sentido imediato no latim é “prevejas”, “antevejas”. No entanto, é possível que aqui haja uma confusão surgida a partir do termo “*voorzien*”, que em holandês define tanto “prever” quanto “prover”, “se preparar”. Dessa forma, um sentido possível seria “Por que não te preparas para o dia do juízo...”, considerando que, neste trecho, temos uma palavra em latim (“*preuides*”) que não carrega um dos sentidos que sua correspondente em holandês (“*voorzien*”) possui. Optamos pelo verbo “prevenir” (“Por que não te prevines...”) justamente pelo sentido ambíguo que a aproxima tanto do latim quanto do holandês. BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 88 (Becker indica erroneamente essa frase no capítulo XXIII); SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. pp. 29-30.

56 – [XXIII, 2] *O homem que sofre tem um grande e saudável purgatório:*

“saudável purgatório”, por seu original latino, “*salubre purgatorium*”, possui uma ambiguidade que se perde em português: a “saúde”, pensada enquanto “conservação da

vida”, também significa a “salvação” da alma, aquilo que é útil a sua sobrevivência e a afasta dos perigos, no caso, as perdições materiais.

57 – [XXIII, 5] *Então, todo devoto se alegrará, e todo não religioso terá o que merece:*

O termo “*irreligiosus*” significa um “não religioso”. No contexto medieval, um “religioso” seria qualquer membro do clero ou, mais especificamente, qualquer um que pertencesse a uma ordem monástica. Por este trecho, é possível identificar que, para a *devotio moderna*, o “não religioso” se define como o oposto do “devoto”, aquele que não se submetia à vida comunitária e orientada para as práticas religiosas cotidianas das comunidades.

58 – [XXIII, 6] *Aprende agora, a sofrer pelo pouco, para que então te valhas liberar das coisas mais sérias:*

O verbo “*pati*”, precedido por “*te*”, (“*Disce te nun in modico pati...*”), é muitas vezes traduzidos como “suportar”. Segundo Victor Becker, os manuscritos da *Imitação de Cristo* em médio holandês empregam a expressão “*di liden*”, que possuía o sentido de “se fazer violência”, “sofrer”. BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. pp. 86-88; SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. pp. 25-28. O termo “sério” é tradução de “*grauioribus*”.

59 – [XXIII, 6] *Se nesse momento, o pouco sofrer te torna tão impaciente, o que então fará na geena:*

A palavra “*geena*” (em latim, “*iehenna*, -ae”) aparece nos livros do *Novo Testamento* como sinônimo de “inferno”. É descrito como o local no qual “o verme não morre e onde o fogo não se extingue”, “que pode destruir a alma e o corpo”, e põe “em chamas o ciclo da criação, inflamada como é”. Mt 10,28; 23, 33; Mc 9, 43-48. Esse mesmo termo ainda aparece em Mt 5, 21-29; 18, 9; 23, 15; Lc 12, 5; e Tg 3,6. Assim como a “Vida” – seu oposto imediato - representa a possibilidade da sobrevivência eterna ao lado de Deus, a *geena* define a morte eterna, em um processo no qual a alma ganha o mesmo destino do corpo e é destruída em um processo contínuo e incessável. A origem

do termo vem do hebraico *Bem-Enom* ou *Gê-Hinmon*, vale em Jerusalém onde, segundo os relatos bíblicos, crianças eram oferecidas em sacrifício e executadas em meio às chamas do *Tofet* (“queimadero”, “torrador” ou “grelha”). A partir do hebraico, formariam-se os termos “*γέεννᾱ*, - *ης*”, em grego, e “*iehenna*, -*ae*”, em latim. Sobre os rituais de sacrifício em *Bem-Enom*, ver *II Rs* 16: 3; 21: 6; 23:10; *Is* 30: 33; *Jr* 7:31; 32: 25; *Ez* 16: 21. Sobre a proibição desse tipo de sacrifício e a sua associação com a ideia de morte e ofensa a Iahweh, ver *Lv* 18, 21; 20, 2-5; *Dt* 12, 31; 18-10; *Ez* 16, 21. Ver também *Bíblia de Jerusalém*. pp. 186-187 (nota “h”); 1736 (nota “f”).

60 – [XXIII, 6] *Eis a verdade: não podes ter duas alegrias, deleitar-te aqui neste mundo e, depois, reinar com Cristo:*

Este trecho exacerba uma oposição que perpassa toda a compilação da *Imitação de Cristo*: a distinção entre matéria, o “mundo”, e espírito, um tema intrínseco ao cristianismo, e que já pode ser notado no icônico episódio em que Jesus é questionado sobre o imposto a César. *Mt* 22:17-21; *Mc* 12: 14-17; *Lc* 20:21-25. Ao determinar “o que é de Cesar” e “o que é de Deus”, esse episódio, segundo a tradição cristã, define duas obediências: uma terrena, relativa aos homens, o “mundo”, e uma espiritual, concernente à prática dos ensinamentos e à salvação da alma. Essa mesma oposição se apresenta no *Evangelho de João*: “Vós sois daqui de baixo/ e eu sou do alto./ Vós sois deste mundo/ eu não sou deste mundo”. *Jo* 8: 23; e “Meu reino não é deste mundo./ Se meu reino fosse deste mundo,/ meus súditos teriam combatido/ para que não fosse entregue aos judeus./ Mas meu reino não é daqui.” *Jo* 18: 36. A *Vulgata Latina* traduz, em ambas as passagens, “*ἐκ τοῦ κόσμου*” (“*ek tou kosmou*”) por “*de hoc mundo*”. Embora um dos sentidos possíveis para “*ἐκ τοῦ κόσμου*” seja “desta ordem” ou “deste sistema”, em uma acepção política, a tradição cristã sempre a compreendeu por seu sentido espiritual, como é perceptível por sua tradução latina. ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Tradução de Marlene Suano. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. pp. 139. Em Paulo, a mesma distinção se apresenta: “Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas somente como a homens carnaís, como a crianças em Cristo”. *I Cor* 3: 1. Se o “mundo” foi entendido como corrompido e inclinado ao mal, resultado do pecado primevo, ao cristão se abria a possibilidade de superá-lo pela crença na promessa da ressurreição. A “palavra” (“*verbum*”) se fez carne, movimento de Deus aos homens, e se deu em sacrifício de expiação. Segundo Agostinho, “Tal seria a alma

socorrida pelo teu Verbo: ela escrava, ele livre; ela contaminada, ele puro; ela corrupta, ele íntegro; porém ele também corruptível, porque feito da mesma substância.” *Confissões*. VII, 3. Tradução de Lorenzo Mammi (“*et hanc esse animam, cui tuus sermo servienti liber et contaminatae purus et corruptae integer subveniret, sed et ipse corruptibilis, quia ex una eademque substantia*”). *Confessiones*. VII, 3. Mas se foi pela “carne corruptível” que Deus redimiou o gênero humano, é em sua ressurreição em um “corpo incorruptível”, perfeito, que se demonstra a promessa: “A carne e o sangue não podem herdar o ‘Reino de Deus’, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade. Eis que vos dou a conhecer um mistério: nem todos morreremos, mas todos seremos transformados... os mortos ressurgirão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade.” *I Cor* 15: 50-53. Sobre Jesus ressuscitado, ver *Mt* 28; *Mc* 16; *Lc* 24; *Jo* 20-21 (o fato de não ser reconhecido pelos discípulos, suscita a interpretação de um “novo corpo”, diferente daquele “corruptível”). A própria *Imitação de Cristo*, no *Livro II*, Capítulo XII, fundamentará a trajetória de Jesus como revelação dessa promessa, afirmando “Se algo fosse melhor e mais útil à salvação dos homens do que o sofrer, Cristo, certamente, *teria mostrado a palavra e o exemplo*”. A oposição entre “matéria” e “espírito”, implícita a esse dogma central do pensamento cristão, enseja a perspectiva da Igreja enquanto “comunidade espiritual”, à parte do “mundo”, e “vivificada pelo espírito”. *Rm* 7: 5-6; *I Cor* 15: 45. A implicação dessa noção seria decisiva para a constituição política da sociedade cristã de fins da Antiguidade e durante toda a Idade Média. João Crisóstomo (354-407), Patriarca de Constantinopla, ao advogar pela liberdade do cristão frente a sua consciência, definiria: “Ao rei foram confiados os corpos, ao sacerdote as almas”. *IV Homilia sobre Ozias*, 5, 13-21. In SENELLART, Michel *As Artes de Governar: do regimen medieval ao conceito de governo*. Tradução de Paulo Neves. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 78. Agostinho, por sua vez, construiria a ideia das “duas cidades”, no livro *Cidade de Deus*: “Damos o nome de Cidade de Deus, de que dá testemunho a Escritura, àquela que rendeu à sua obediência, não por movimentos anímicos fortuitos, mas por disposição da soberana Providência, todos os engenhos humanos, com a garantia de autoridade divina superior aos espíritos de todas as nações... Por esses e outros testemunhos que seria prolixo enumerar, damo-nos conta da existência da Cidade de Deus, de que, pelo amor que nos inspirou seu Fundador, aspiramos a ser cidadãos. Os cidadãos da cidade terrena a seus deuses deram primazia sobre o Fundador da Cidade Santa ...” *A Cidade de Deus*. XI, 1. Tradução de Oscar Paes

Leme; (*“Ciuitatem Dei dicimus, cuius ea scriptura testis est, quae non fortuitis motibus animorum, sed plane summae dispositio prouidentiae super omnes omnium gentium litteras omnia sibi genera ingeniorum humanorum diuina excellens auctoritate subiecti...His atque huius modi testimoniis, quae omnia commemorare nimis longum est, didicimus esse quendam ciuitatem Dei, cuius ciues esse concupiuimus illo amore, quem nobis illius conditor inspirauit. Huic conditori sanctae ciuitatis ciues terrenae ciuitatis deos suos praeferunt...”*). *De Civitate Dei*. XI, 1. Na cristandade ocidental, o resultado dessa noção seria uma distinção clara entre duas esferas, uma eclesiológica, responsável pelo âmbito da fé, e outra “secular”, relativa à história (*“saecula”*) humana e aos seus assuntos. Gregório Magno (papa de 590 a 604) parece ter sido um dos primeiros a formular, no plano jurídico, essa distinção, principalmente a partir de sua obra *A moral em Jó* (*“Moralia in Job”*), na qual o livro bíblico é empregado para embasar a distinção entre os planos divinos e terrenos (Jó, apesar de sua reputação aos olhos de Deus, é brutalmente atingido tanto com a perda de seus bens como da própria família, sem, por isso, se opor aos desígnios divinos). In *“Justiça dos homens, justiça de Deus”*. PRODI, Paolo. *Uma história da justiça: do pluralismo dos foros ao dualismo moderno entre consciência e direito*. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005. pp. 15-56. A *Imitação de Cristo*, assim, é resultado de uma sociedade que enxergava uma distinção bastante nítida entre o “mundo” e “o espírito”, que não apenas se limitava a uma formulação teológica ou filosófica, mas que nutria a própria organização social e legitimava as bases da autoridade religiosa e secular. Isso nos ajuda a entender a frequente presença do termo “espiritual” no texto, assim como a sua concepção negativa a respeito da sociedade externa às comunidades. Os *devotos modernos*, seguindo a tradição do monasticismo ocidental, procuraram anular as tendências que entendiam como “corruptíveis” ou “nocivas” pela sua recusa, seja pelo isolamento, seja por práticas ascéticas, cujo objetivo único era o de enfraquecer a carne para fortalecer o espírito.

61 – [XXV, 1] *Deves reter a boa esperança, pois chegarás à palma, mas não convém que colhas a segurança e te entorpeças e te tornes altivo:*

A “palma” (*“palma, -ae”*), que pode significar simplesmente “folha” ou ramo”, e em seu sentido mais específico, “folha de palmeira” é associada, pela simbologia bíblica, com a celebração da vida. Sua primeira menção remonta à Festa das Tendias, celebração israelita das colheitas, quando os frutos colhidos, juntamente com folhas de palmeiras e

ramos de outras árvores eram reunidos no primeiro de sete dias de celebração. *Lv* 23: 39. Sua imagem também denota sacralidade, dado seu uso como adorno nas paredes e utensílios do Templo de Jerusalém, bem como em sua ressagração, narrada no *Segundo Livro dos Macabeus*. *I Rs* 6: 29, 32; 7: 36; *II Cr* 3: 5; *II Mc* 10: 5-7. A palma também possui tons honoríficos, sendo oferecida por Alcimo, ex-sumo sacerdote, ao rei selêucida, Demétrio I, no momento de seu desembarque em Trípoli, em 161 antes da Era Comum – 151 antes da Era Comum, segundo o relato bíblico. *II Mc* 14: 4 (Sobre Demétrio I, ver *I Mc* 7 e notas “b” e “c”, *Bíblia de Jerusalém*. p. 737). E é com essa mesma honra que Jesus é recebido em Jerusalém, ao adentrar a cidade sobre um jumento, e segundo o relato do *Evangelho de Mateus*, cumprindo a profecia de Zacarias e sendo reconhecido como rei. *Zc* 9: 9; *Mt* 21: 1-11; *Jo* 12: 12-13. A partir desse momento, a imagem da palma enquanto honra e celebração da vida se amalgama com a própria ideia da salvação e redenção da humanidade pressuposta no sacrifício de Jesus, cuja narrativa começa a se desenrolar a partir de sua entrada em Jerusalém. A palma enquanto símbolo da vida eterna também encontra bases no *Salmo* 92: 13 - “O Justo brota como a palmeira”. *Bíblia de Jerusalém*; (“*Justus ut palma florebit*”) *Sl* 91: 13. *Vulgata Latina* – e em *João* 15: 2-5, “Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, terá muitos frutos, porque sem mim, nada podereis fazer. Se alguém não permanece em mim, é como um ramo arrancado, e seca. Então o recolherão, e lançarão ao fogo, onde arderá.” Traduzido; (“*Ego sum vitis, vos palmites: qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet*”). *Jo* 15: 2-5. *Vulgata Latina*. A máxima expressão da palma enquanto símbolo da superação da morte, e a qual essa passagem faz referência, está no *Apocalipse*: “Depois disso, eis que vi uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé diante do trono e diante do Cordeiro, trajados com vestes brancas e com palmas na mão”. *Ap* 7: 9. Como os ramos que se mantiveram na videira, os justos floresceriam em sua boa esperança, e como recompensa, seriam alçados à multidão dos eleitos, celebrando com palmas nas mãos.

62 - [XXV, 8] *Atenta-te aos Cartuxos, aos Cistercienses e aos diversos religiosos, monges e monjas, os quais toda noite se levantam para o dever de cantar os salmos do Senhor:*

Os cartuxos e os cistercienses são aqui citados no contexto específico das ordens de clausura. Ambas as ordens são pautadas pela reclusão e se orientam por regras que organizam a vida comum nos claustros. Suas atividades mais características são bem resumidas nesse parágrafo: o isolamento, o silêncio, a vida ascética e simples, a rotina de trabalhos manuais, orações e estudos. Tanto os cartuxos quanto os cistercienses aparecem a partir de iniciativas reformadoras da Ordem de São Bento, a mais tradicional das ordens monásticas ocidentais. Em 1084, Bruno de Colônia, mestre na escola de Reims, fundaria uma comunidade em Grenoble, região montanhosa e isolada, procurando reproduzir o ambiente dos “pais do deserto”, eremitas dos primeiros séculos do cristianismo. Nela, seus membros habitavam em células individuais, e levavam uma rotina em grande parte isolados, encontrando-se apenas nos ofícios religiosos, nas refeições em comum e no costume de um passeio semanal. Essa primeira comunidade passaria a ser conhecida como “Grande Cartuxa”, e se tornaria o centro da ordem, local em que residia o seu “prior geral”. No século XIV, a ordem contava com cerca de cem mosteiros e quatro mil monges e conversos. Os cistercienses, por sua vez, enfatizaram desde o começo o rigor no cumprimento da Regra de São Bento, e procuraram adaptar o isolamento à vida comum nos claustros, sempre construídos em locais distantes de grandes aglomerações. Também aboliram as litanias e as procissões, e simplificaram as vestes litúrgicas, enfatizando a simplicidade e a pobreza nos costumes. Ela surgiria em 1098, quando o beneditino Robert de Molesme funda um mosteiro em Cîteaux (*Cistercium*, em latim, de onde “Cister”). Bernardo de Clairvaux redigiria a *Carta Caritatis* (“Carta da Caridade”), que conjuntamente com a Regra de São Bento, organizaria as disposições da nova ordem. A Cîteaux, seguiriam as fundações das abadias de La Ferté (1113), Pontigny (1114), Clairvaux (1115) e Morimond (1115). Até o século XIII, seriam fundadas mais seiscentas e noventa e quatro abadias. GAUSSIN, Pierre-Roger. “Abbaye”. *Dictionnaire de l’Histoire du christianisme*. Paris: Encyclopaedia Universalis; Albin Michel, 2000. pp. 11-19. A menção aos cartuxos e cistercienses é característica da *devotio moderna*. Geert Groote, entre 1377 e 1379, viveria no monastério cartuxo de Monnikhuizen, próximo a Arnhem, antes de abandoná-lo para se dedicar a pregações. HYMA, Albert. *The Christian Renaissance: A History of the Devotio Moderna*. London; New York: The Century, 1925. pp. 11-12; ENGEN, John van. *Devotio Moderna: Basic Writings*. Translated and introduced by John Van Engen. New York: Paulist Press, 1988. p. 13. Johannes Busch, autor de *De origine moderne devotionis* (“A origem da devoção moderna”), identifica as duas ordens como “as mais respeitáveis de seu tempo”, ainda que não fossem ideais por

serem ou muito distantes do mundo, o caso dos cartuxos, ou muito inflexíveis em seu modo de vida, o dos cistercienses. ENGEN, John van. *Devotio Moderna: Basic Writings*. p. 90. A *devotio moderna* jamais formularia uma regra própria, e diante dos riscos de um “estado incerto”, religioso mas ainda “laico”, muitos de seus membros acabavam tomando votos por uma regra e se mantinham ligados aos círculos de vida comum. As comunidades também adotavam regras como uma forma de se organizarem e protegerem. A principal opção costumava ser à regra agostiniana, como foi o caso de sua principal vertente, os cônegos regulares de Windesheim. Essa opção se justificava pela liberdade que oferecia, não restringindo seus membros ao regime dos claustros. ENGEN, John van. “Suspicion and Inquisition”. *Sisters and Brothers of the Common Life*. pp. 84-118. A possibilidade de uma autoria cartuxa para a *Imitação de Cristo* também já foi levantada, numa tentativa de responder ao caráter anônimo da obra. Mas essa hipótese parece improvável, uma vez que pela mesma lógica, não parece adequado que o autor cite a própria ordem como modelo de conduta e permaneça no mesmo espírito de humildade. *Ibidem*. pp. 8-9. Por fim, apontamos como o termo “religioso” (“*religiosi*”) aparece aqui como sinônimo de “monge”.

63 – [XXV, 8] *Por isso, será torpe se tu fores preguiçoso em tão santa obra, na qual tamanha multidão de religiosos começou a jubilar em Deus:*

Victor Becker aponta neste trecho uma equivalência com o atual holandês, que ainda possui a composição dos tempos futuro e condicional com o emprego do verbo auxiliar “*zullen*”, que expressa a ideia de expectativa, intenção ou possibilidade. Thomas de Kempis, assim como outros nomes do círculo de Windesheim, reproduziram essa estrutura a partir do verbo latino “*debeo, -es*” (“dever”, “obrigar-se”) seguido de infinitivo. Assim, “*Et ideo turpe esset ut tu deberes in tam sancto opere pigritari*” representa uma frase condicional, na qual “*deberes*” deve ser entendido não em seu sentido latino mais estrito, mas sim como auxiliar do infinitivo deponente “*pigritari*” (ou infinitivo indicativo, “*pigritare*”, caso do manuscrito veneziano de 1483). Ao substituir “*deberes*” por “*zoudt*”, igualmente segunda pessoa do imperfeito, é possível compor a seguinte frase, por tradução literal, em perfeito holandês: “*Em daarom ware het shcandelijk dat gij in zoo heiling werk zoudt luieren*”. BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. pp. 80-82.

COMENTÁRIOS AO *LIVRO II*
MANUAL PARA ASPECTOS INTERIORES

1 – [I, 7] *O homem interno rápido se recolhe, porque nunca emerge de todo para as coisas exteriores:*

Uma tradução literal seria “nunca se *afunda* (“*effundit*”) de todo nas coisas exteriores”. Optamos por traduzi-la empregando uma ideia oposta, “emerge”, pois oferece maior coerência com o sentido do texto: o devoto “se recolhe” para o interior, “aprofundando-se” em si, e, no movimento oposto, emerge para o mundo que o cerca, o “exterior”.

2 – [I, 7] *Quem tem o interior bem disposto, está ordenado, e não se preocupa com os gestos perversos e admiráveis dos homens:*

A expressão “bem disposto” (“*bonum dispositus*”), reforça a ideia de “ordenado”, de ter os propósitos e sentimentos em “ordem” para atingir os fins espirituais. Ver nota 15, *Livro I*. p. 224.

3 – [I, 7] *Tanto o homem se impede e distrai, quanto mais atrai as coisas para si:*

Aqui nota-se, novamente, o emprego de uma expressão composta a partir do médio holandês: “*sibi res attrahit*” é a tradução literal de “*zich iets antrekken*”. Victor Becker a associa com a frase “*zoovel hij de dingen aantrekt*” (“*quantum sibi res attrahit*”), em holandês moderno, cujo significado pode ser entendido por “se envolver”. BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 79; SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. pp. 13-14.

4 – [II, 2] *Ao humilde, Deus concede graça ampla e, depois de sua depressão, o leva para a glória:*

“Depressão” (“*depressio, -onis*”), aqui, indica um estado de tristeza e melancolia, no qual o devoto, abandonado pela presença divina, contempla sua própria inclinação pecadora e a sua indignidade frente à sabedoria e bondade de Deus. Mas, pela perseverança, reconhecendo seus erros e fraquezas, e atribuindo corretamente os benefícios do progresso, o indivíduo se tornaria merecedor da “glória” (“*gloria, -ae*”) um

estado de felicidade profunda, de amparo divino e de contemplação da própria presença de Deus, algo que parece estar em sintonia com a ideia de “consolação” (“*consolatio*, -*onis*”). A “humildade” (“*humilitas*, -*atis*”) se constitui um elemento importante nesse percurso: o humilde reconhece suas falhas, e as enfatiza, e não se ilude pelos seus méritos e acertos. Isso o conduziria a um apagamento de si, que por sua vez permitiria uma redescoberta do “eu interior”, oposto ao “eu exterior”, ligado às vaidades e ao orgulho. É nesse “eu interior” que, segundo a perspectiva devocional do livro, se abre a possibilidade do conhecimento da natureza divina, e, por consequência, de Deus, que subsiste no interior de todo homem. Há uma correlação, também, da noção de “depressão” que aqui encontramos com o termo “*acidia*, -*ae*” ou “*acedia*, -*ae*” (no latim do texto, “*accidia*, -*ae*” e “*accedia*, -*ae*”), que pode significar desde “preguiça” e “indolência” a “inquietação”, “ansiedade”, “desgosto” e “perturbação espiritual”. “*acedia*, -*ae*”. *BLAISE*. p. 44; “*acedia*, -*ae*”. *ERNOULT-MEILLET*. p. 6. De forma sucinta, representa um estado de insatisfação consigo mesmo, o qual a literatura monástica, como um todo, procurou evitar por meio de todo tipo de ocupação, como preces e orações, leituras, escrita e trabalho manual, entendidos como formas de afastar o indivíduo das tentações e distrações de seu caminho espiritual. O trabalho manual, nesse sentido, foi uma atividade particularmente enfatizada, uma vez que reforçava a ideia de “humildade”. No *Pequeno Tratado Devoto* (“*Tractatulus Devotus*”), de Florent Radewijns, que representa uma série de instruções e exercícios para a vida devocional cotidiana, encontramos o trabalho e os exercícios associadas à superação da “perturbação” (“*accidia*, -*ae*”), e de forma implícita, à “depressão” que encontramos neste trecho: “E aquele que também quiser progredir neste caminho pela leitura, deve, primeiro e antes de tudo, se dirigir o seu estudo e leitura, principalmente, para isso: poder extirpar seus vícios e incorporar virtudes. E que isso que leu, conclua-se em obras que ou acendam à devoção, ou aos jejuns, ou as penitência, ou ao trabalho manual, os quais são recomendações para o suporte das virtudes” (“*Qui autem legendo in hac via voluerit proficere, debet ante omnia primo et principaliter omne studium et lectionem ad hoc dirigere, ut possit vicia extirpare et virtutes inserere, et ea que legit opera adimplere, vel accendi ad devocionem, ineiunium, penitenciam, laborem manuum et consimilia que sunt adminicula ad virtutes.*”) *RADEWIJNS*, Florent. *Petit Manuel pour le dévot moderne*. Établissement du texte latin, sources et traduction par Francis Joseph Legrand. Belgique: Brepols Publishers, 1999. VII, linhas 3-5. pp 75-76; “Da tristeza, nasce a perturbação (“*accidia*”), a qual, uma vez que toma a mente, gera a repulsa pelo ambiente, o incômodo pela cela e desprezo pelos irmãos com os quais se

convive. A experiência prova que a solução para a perturbação (“*accidie*”) não passa por sua recusa pela fuga, mas sim em superá-la resistindo. Mesmo para o preguiçoso (“*pigris*”), é útil o exercício do trabalho acompanhado de um maior esforço, para que assim não possa se tornar remisso por tédio pelo trabalho, apenas por motivo de cansaço. Contra o tédio, também vale uma série de ações. Mas o melhor remédio contra a perturbação (“*accidiam*”) é homem se unir às coisas espirituais que mais lhe incomodam”. (“*De tristitia autem nascitur accidia, que cum mentem obsederit, horrorem loci, celle fastidium, et fratrum cum eo commorantium gignit contemptum. Experimento probatum est accidie impugnacionem non declinando fugiendam, sed resistendo superandam. Pigris eciam utilis est laboris exercitacio cogente strenuo magisterio, ut non possit remissius agere pre tedio laboris, nisi debilitas sit in causa. Item contra tedium cordis valet varietas actionis. Efficacius autem remedium contra accidiam est, cogere se ad ea spiritualia que maxime fastidit homo.*”) *Ibidem*. XLII, ll. 1-13. p. 142.

5 – [VI, 2] A satisfação dos justos vem de Deus e está em Deus, e sua alegria, da verdade:

O texto da *EA-1471/72*, diferentemente de *TOC-1441* e *EV-1483*, traz “*Iustorum leticia de deo et non in deo est et gaudium eorum de veritate*”, de modo que a sua tradução ficaria “A satisfação dos justos vem de Deus e não está em Deus, e sua alegria, da verdade”, o que não parece fazer sentido – tanto em português como no original latino. Considerando que o “*non*” (“não”) está ausente nos outros dois exemplares, consideramos essa variação como um erro de edição, optando por suprimi-la no texto em português.

6 – [VI, 4] ‘Pois não é aprovado aquele que conforta a si mesmo’, diz o apóstolo, ‘mas quem Deus recomenda’:

EA-1471/72 traz o termo “*Apostolis*”. Empregamos o singular “apóstolo” considerando *TOC-1441* e *EV-1483*, que trazem “*beatus Paulus*” (“beato Paulo”), um nome singular, para inferir o sentido desta grafia imprecisa.

7 – [VII, 1] Abençoado quem compreende o que é amar Jesus (...) É preciso abandonar o amado pelo amado, porque Jesus quer ser amado acima de tudo. O amor da criatura é falho, é amor instável. O de Jesus é fiel e perseverante:

Nestes trechos, “*amō, -ās*” e “*dīligo, -is*” são empregados lado a lado: “o que é amar Jesus” (“*quid sit amare iesum*”); “amado pelo amado” (“*dilectum pro dilecto*”); “Jesus quer ser amado” (“*ihesus vult ... amari*”); “O amor da criatura é falho, é amor instável” (“*Dilectio creature fallax est, et instabilis dilectio*”). Note a tendência do verbo “*amō, -ās*” ser empregado em conjunto a Jesus, enquanto os termos “*dīlectus*” e “*dīlectio*” aparecem em referência às criaturas. Ver nota 8, Comentários ao *Livro I*. pp. 209-212.

8 – [VII, 1] *Quem se apega às criaturas, com debilidade cai:*

EA-1471/72 não traz, neste trecho, a palavra “criatura” (“*creatura, -ae*”). Decidiu-se por complementar, de acordo com *TOC-1441* e *EV-1483*, para facilitar a compreensão, uma vez que “criatura” vem pressuposto, retomando um termo de uma oração não imediatamente anterior.

9 – [VII, 1] *Não te fará sofrer e, no fim, perecer:*

Contradição aparente com outros trechos, que encorajam o sofrer como uma forma de afastamento do mundo terreno, do “externo”. No entanto, o “sofrer” (“*pacietur*”) que aqui encontramos, diz respeito às angustias interiores daquele que se atém aos alívios e às consolações da matéria, aos “aspectos externos”. Quem se atém aos “internos”, encontraria a paz e tranquilidade no convívio com Jesus.

10 – [VII, 2] *O teu amado é de tal natureza que não aceita outra pessoa... tal como um rei que quer se sentar no próprio trono:*

No texto da *EA-1471/72*, a primeira frase não traz o negativo “*non*” (“não”), ao contrário de *TOC-1441* e *EV-1483*, nas quais a partícula se faz presente. Assim, consideramos que a ausência no trecho “*Dilectus tuus talis est nature vt alienum velit*” é resultante de um erro de edição, uma vez que o sentido na ausência do “*non*” parece impossível: “O teu amado é de tal natureza que aceita outra pessoa”. Esse trecho possui um jogo de palavras com sentido amoroso: além do “*dilectus*” (“amante”), temos “*alienum*”, palavra que significa, simplesmente, “outro”, mas que nesse contexto, assume o papel de “rival”, “o outro”, a “outra pessoa” com a qual se compartilha o amor. “*alienus, -a*”. *BLAISE*. p. 72; “*alium, -i*”. *ERNOULT-MEILLET*. pp. 21-22.

11 – [IX, 1] *E que coisa incrível se não sente o fardo aquele que é levado pelo onipotente e conduzido pelo condutor supremo”:*

O texto latino traz a expressão “*Et quid mirum*”, que podemos traduzir por “E que maravilha!”. A expressão possui um claro sentido irônico, e procurando expressá-lo melhor, optamos por traduzi-lo como “E que coisa incrível...”.

12 – [IX, 2] *Santo Lourenço venceu o século com seu sacerdote, porque desprezou tudo o que no mundo parecia deleitável. Amava muito a Sisto, o Supremo Sacerdote de Deus, de quem também se afastou, suportando com clemência.... sabes que será preciso a nós todos, ao fim, nos separarmos mutuamente:*

Sisto II foi bispo de Roma, e Lourenço, seu arqui-diácono. Segundo o relato da *Legenda aurea*, Sisto teria conhecido Lourenço em uma viagem à Espanha. Devido às virtudes de Lourenço, Sisto o levaria consigo para Roma, onde o consagraria seu arqui-diácono, o último a ocupar esse posto em Roma. Durante o comando dos imperadores Valeriano e Galiciano (253-260 E.C.), ambos foram presos e martirizados, provavelmente entre os anos 257-258 E.C.. É a esse episódio que o texto faz referência. Preso Sisto, Lourenço imediatamente se dispõe para acompanhá-lo ao martírio. Sisto, então, prevê que um “triunfo mais glorioso” o esperava, e que só então se uniriam no mesmo destino. (“*te autem quase iuunem manet gloriosor de tyranno triumphus*”). Três dias se passam, e Lourenço é preso e submetido a diversas e prolongadas torturas. Segundo o relato, não se demove de sua fé, enfrenta seus carrascos e reafirma a sua posição enquanto cristão. É icônica a sua última frase, dita enquanto era grelhado vivo: “Veja, miserável, você assou uma parte de mim, agora vire a outra e coma.” (“*Ecce, miser, assasti unam partem, gira aliam et manduca!*”). O texto da *Imitação de Cristo* pressupõe o conhecimento desse episódio, uma referência popular no cristianismo medieval. “Vencer o século” faz referência à reação de Lourenço diante dos suplícios, quando despreza a matéria e reafirma a sua convicção espiritual. “Abandonar um amigo” significa ser separado dele pela morte, assim como aconteceu com Sisto e Lourenço. Ver “CX – De Sancto Sixto”; “CXIII – De sancto Laurentio Martyre”. In VARAZZE, Iacopo da. *Legenda Aurea*. Edizione critica a cura di Giovanni Paolo Magionni. 2ª edição. Florença: Sismel- Edizioni del Galluzzo, 1998. pp. 745-746; 754-773. Os trechos entre aspas foram

retiradas da tradução para o português de Hilário Franco Júnior. VARAZZE, Jacopo da. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução, do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 632-633; 639-652. A *Legenda Aurea* é uma compilação de vidas de santos contemporânea à *Imitação de Cristo*. Escrita e retrabalhada por volta de 1250 a 1276, por Jacobo da Varazze, ela reúne diversos relatos e versões a respeito de diferentes santos. É pressuposto que os relatos como o de Sisto e Lourenço fossem familiares aos leitores do século XV, em formas e detalhes próximos dos recolhidos na *Legenda Aurea*, então uma fonte escrita de fácil acesso e amplamente difundida. Por isso, optamos por tomá-la como a principal referência para compor os resumos sobre os santos aqui mencionados.

13 – [IX, 4] *Logo, quando a consolação espiritual for dada por Deus, recebe-a com ação de graças, mas compreenda que é dádiva....:*

EV-1471/72 traz “*mundus*” (“mundo”), ao invés de “*munus*” (“dádiva”, “oferta”), termo presente em *TOC-1441* e *EV-1483*. A palavra “*mundus*” não condiz com o provável sentido desse trecho, tratando-se, portanto, de um erro de edição.

14 [IX, 7] *Nenhum santo foi tão profundamente arrebatado e iluminado que, primeiramente, não tenha sido tentado:*

Este é um dos trechos que, no *Livro II*, se apresenta em primeira pessoa. Note a continuidade entre os parágrafos imediatamente anteriores e posteriores. Neste caso, o motivo dessa inserção soa como uma advertência: não é a comunidade (“homens bons”, “irmãos devotos”, “amigos fiéis”) ou o acesso a livros e cantos litúrgicos (“livros santos”, “belos tratados”, “doces cantos e hinos”) que confeririam a autêntica vida devota, mas sim a presença de Deus por meio da graça. É provável que o seu objetivo, assim como outras aqui indicadas, fosse desencorajar o sentimento de “auto-santificação” que muitos devotos pudessem manifestar apenas por ingressarem nas comunidades. A mudança de voz no decorrer do texto também é uma característica associada ao estilo literário de Thomas de Kempis. Ver nota 13, *Livro I*. p. 223.

15 – [IX, 7] *Nas tentações que nos testam, promete-se o reino celeste:*

Uma referência às tentações de Jesus no deserto. Assim como o diabo o teria tentado, prometendo os reinos do mundo, as “glórias terrenas”, é prometido, àquele que, igualmente souber recusá-las, as glórias do reino celeste. Sobre a oferta do diabo no deserto: “Tornou o diabo a levá-lo, agora para um monte muito alto. E mostrou-lhe todos os reinos do mundo com o seu esplendor e disse-lhe: ‘Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares’. Aí Jesus lhe disse: ‘Vai-te, Satanás, porque está escrito: ‘Ao Senhor teu Deus adorarás/ e a ele só prestarás culto.’” *Mt* 4: 8-10; “O diabo, levando-o para mais alto, mostrou-lhe num instante todos os reinos da terra e disse-lhe: ‘Eu te darei todo este poder com a glória destes reinos, porque ela me foi entregue e eu a dou a quem eu quiser. Por isso, se te prostrares diante de mim, toda ela será tua.’ Replicou-lhe Jesus: ‘Está escrito: ‘Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto’.” *Lc* 4:5-8. Em ambas as passagens, Jesus cita Deuterônimo: “É a Iahweh teu Deus que temerás. A ele servirás e pelo seu nome jurarás.” *Dt* 6:13.

16 – [IX, 7] ‘Quem tiver vencido’, diz, ‘a ele darei de comer na madeira da vida’:

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas: ao vencedor, conceder-lhe-ei comer da madeira da vida que está no paraíso de Deus.” *Ap* 2:7. Este trecho se utiliza da imagem da “madeira da vida”, uma referência à “Árvore da Vida”, localizada no centro do Paraíso (*Gn* 2:8-9), entendida como símbolo profético da madeira da cruz na qual Jesus é crucificado. Para compreender essa relação, é preciso considerá-la à luz do pecado original, quando Adão e Eva, em um ato de desobediência, comem o fruto de uma outra árvore, também colocada por Deus no Paraíso: a “Árvore da Ciência do Bem e do Mal”. Por esse ato, corrompem a sua pureza, ousando conhecer o que Deus antes não lhes permitia. Perturbados pela consciência do mal, emancipam-se do bem absoluto, e se entregam, então, ao próprio juízo, afastando-se de Deus. Em resposta à rebeldia, são expulsos do Paraíso, a fim de não ousarem comer, também, do fruto da “Árvore da Vida”, e “viver para sempre”. Ver *Gn* 2:8-9; 3. Do momento da queda em diante, a “Árvore da Vida” surge como promessa de redenção. Nas visões do Apocalipse, “árvores da vida” frutificam em meio à “Jerusalém Celeste”. *Ap* 2:7; 22:14. Mas é em relação à cruz que a promessa se define em seus termos mais claros. Quando considerados os textos em grego da *Septuaginta* e do Novo Testamento, e em suas traduções para o latim, na *Vulgata*, os termos empregados para definir essas duas figuras são especialmente relevantes. A “Árvore da vida”, em grego, aparece como “τὸ ξύλον τῆς ζωῆς”, e latim, “*lignum vitae*”

(em ambas, algo como “madeira da vida”). *Gn* 2:8-9. Embora nos quatro evangelhos, “cruz” e “crucificar” apareçam, em grego, como “σταυρός, τὸ” e “σταυρώω”, e em latim, “*crux*, -*ūcis*” e “*crūcifigo*, -*is*” (*Mt* 27:22-26, 32-44; *Mc* 15: 20-32; *Lc* 23:20-43; *Jo* 19:14-22), em outros livros, são empregados os mesmos termos utilizados para a árvore: “O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vós matastes, suspendendo-o no madeiro (‘κρεμάσαντες ἐπὶ ξύλου’, “*suspendentes in ligno*”).” *At* 5:30 (mesma expressão em 10:39); “Quando, pois, cumpriram tudo o que estava escrito a seu respeito, retiraram-no do madeiro (‘ἀπὸ τοῦ ξύλου’, “*de ligno*”) e o depuseram num túmulo.” *At* 13:29; “*Maldito todo aquele que é suspenso no madeiro* (*Dt* 21:23; “ἐπὶ ξύλου”, “*in ligno*”) a fim de que a bênção de Abraão em Cristo Jesus se estenda aos gentios, e para que, pela fé recebamos o Espírito prometido.” *Gl* 3: 13-14; “Sobre o madeiro (‘ἐπὶ τὸ ξύλον’, “*super lignum*”), levou os nossos pecados (*Is* 53:12)/ em seu próprio corpo,/ a fim de que, mortos para os nossos pecados,/ vivêssemos para a justiça.” *I Pd* 2:24. Alicerçando-se nos livros bíblicos, o simbolismo profético entre essas duas figuras perpassará o tempo do cristianismo primitivo, e será desenvolvido em suas formas mais bem acabadas durante a Idade Média. No poema *De Pascha* (título que pode ser entendido como “A Páscoa”, ou, mais adequadamente, “A Paixão”, dada a semelhança entre os termos gregos πάσχω e πάσχα), de autoria e datação imprecisas, mas atribuído ao pseudo-Tertuliano ou a Cipriano, com sua mais provável origem no século IV, é descrita uma árvore que cresce no Gólgota, em forma de cruz, com um “fruto da vida” em seu centro: “Há um lugar, que cremos estar no meio de todo o mundo/. Na terra da Judeia, chamam-lhe pelo nome de ‘Gólgota’./ De um corte estéril, uma robusta madeira foi plantado/ - eu me lembro! - e que produziu os frutos da salvação. (...) A árvore é deste tipo: surge de uma estaca/ e, em seguida, estende os ramos como em dois braços (...) Elevou-se do chão de um único broto,/ a Natureza a gerou. Em seguida – diz-se por milagre - a luz retorna pela terceira vez, e, sobre a terra,/ se produz um [outro] ramo, enorme e próspero pelo fruto da vida./ Por duas vezes, a cada vinte dias, cresceu com firmeza,/ até tocar o cume do imenso céu/ e sua cabeça alcançar o santíssimo mais elevado./ Pendiam do gigantesco, dois grupos de onze ramos,/ concedidos e espalhados ao alcance de todo o globo,/ aos povos, a fim de oferecer-lhes, juntos na vitória, a vida perene,/ e para ensinar-lhes que a morte pode ser morta.”; “*Est locus ex omni mediū quem credimus orbe,/ Golgotha Iudaei patrio cognomine dicunt:/ hic ego de stereli succisum robore lignum/ plantatum memini fructus genuisse salubres (...) Arboris haec species: uno de stipite surgit/ Et mox in geminos extendit brachia ramos (...) Quem tulit hoc primo maturo semine lapsum/ Concepit tellus:*

mox hinc (mirabile dictu)/ Tertia lux iterum terrae suprisque tremendum/ Extulerat ramum uitali fruge beatum./ Sed bis uicenis com firmiter ille diebus/ Creuit in immensum caelumque cacumine summo/ Contigit et tandem sanctum caput abdidit alte,/ Dum tament ingenti bis senos pondere ramos/ Edidit et totum spargens porrexit in orbem,/ Gentibus ut cunctis uictum uitamque perennem/ Praeberent mortemque mori qui posse docerent.”

CIPRIANO. “*De Pascha*”. Versos 1-21. HARTEL, G. (ed.). *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum: S. Thasci Caecili Cypriani Opera Spuria*. Viena: C. Geroldi Filius; Bibliopola Academiae, 1871. pp. 305-308. De forma semelhante, Giovanni di Fidanza (1221-1274), cardeal Boaventura, organiza um de seus manuais místicos, *Lignum Vitae* (“Madeira da Vida”), na forma de uma árvore, ordenando os episódios da vida de Cristo de acordo com os tipos de virtudes, em uma sequência de doze ramos: “Uma vez que a imaginação auxilia a inteligência, assim recolhi poucas coisas de muitas e as dispus, em imaginação, em uma certa árvore, que assim ordenei: na extensão dos primeiros e menores dos ramos, é descrita a origem e a vida do próprio Salvador, no meio, a paixão, e, acima, sua glorificação. (...) Portanto, descreve no espírito da tua mente, uma certa árvore, cuja raiz é irrigada por uma fonte que jorra perpetuamente, e que também se derrama em um rio vivo e grande, e a saber, de quatro cabeças, irrigando o paraíso de toda a Igreja. (...) E aí, há um certo fruto, que se trouxe a origem do útero de uma virgem, e na madeira da cruz atingiu a maturidade saborosa pelo calor do sol meridiano e eterno - a saber, a caridade de Cristo - e se tornou, no jardim do paraíso celeste - a saber, a ceia de Deus - oferecendo a si próprio aos que desejam degustá-lo. E assim, o primeiro versículo se insinua, que diz: ‘Óh, cruz, fruto do salvo,/ vivo, pela fonte irrigado/ e pelas flores, aromático:/ óh, fruto desejado!’”. (*Et quoniam imaginatio iuvat intelligentiam, ideo quae ex multis pauca collegi in imaginaria quadam arbore sic ordinavi atque disposui, ut in prima et infima ramorum ipsius expansione Salvatoris origo describatur et vita, in media passio, et glorificatio in suprema. (...) Describe igitur in spiritu mentis tuae arborem quandam, cuius radiz irrigetur fonte scaturitionis perpetuae, qui etiam excrescat in fluvium vivum et magnum, quatuor videlicet capitum, ad irrigandum totius Ecclesiae paradisum. (...) Et hic quidem fructus est, qui de virginali utero traxit originem et in ligno crucis ad maturitatem saporosam per aeterni solis calorem meridianum, Christi videlicet caritatem, pervenit et in horto paradisi caelestis, mensa scilicet Dei, desiderantibus ipsum proponitur degustandus. Et hoc insinuat primus versiculus, quo dicitur: ‘O cruz, frutex salvificus/ Vivo fonte rigatus,/ Cuius flos aromaticus,/ Fructus desideratus.’”* BONAVENTURA. “*Lignum Vitae*”. Prólogo: 1-2. LAUER, Aloysius.

S.(ed.). *Bonaventurae Opera Omnia*. VIII volumes (nº VIII). Florença: Typographia Collegii S. Bonaventurae, 1898. pp. 68-87. A similaridade entre as duas descrições sugeriria uma conexão direta, não fosse a popularidade dessa associação durante toda a Idade Média. GREENHILL, Eleanor Simmons. “The Child in the Tree: A Study of the Cosmological Tree in Christian Tradition” *Traditio*. Cambridge, vol. 10, pp. 323-371, 1954. Barbara Baert, em seu livro *The Heritage of the Holy Cross* (“A Herança da Santa Cruz”), demonstra, por inúmeros exemplos, como, pela lenda da descoberta da cruz por Helena, mãe do imperador Constantino, popularizou-se a identificação da origem da madeira da cruz na própria “Árvore da Ciência do Bem e do Mal”, o que não nega a imagem da cruz como “Madeira da Vida”. BAERT, Barbara. “The Spreading of the Finding and Exaltation of the Cross in the Late Middle Ages”; “From Paradise to Golgotha. The Legend of the Wood of the Cross”. _____. *A Heritage of Holy Wood: The Legend of the True Cross in Text and Image*. Traduzido por Lee Preedy. Leiden; Boston: Brill, 2004. pp. 194-288; 289-349. Por fim, é possível somar a essa associação, a imagem da escada vista por Jacó em um sonho: “Teve um sonho: Eis que uma escada se erguia sobre a terra e o seu topo atingia o céu, e anjos de Deus subiam e desciam por ela!”. *Gn* 28:12. Assim como a escada, a “Árvore da Vida” e a cruz se configuram como um meio de elevação aos céus: “E ele lhe disse: ‘Em verdade, vos digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem’.” *Jo* 1:51. E é dessa mesma imagem que Dante Alighieri, no canto XVIII do Paraíso, se utiliza para descrever a sua ascensão pelos sete céus: “E [Cacciaguida] começou: ‘Neste quinto ascender/ da árvore que, vivendo de sua cima/ sempre frutesce sem folha perder,/ há espíritos beatos que, em sua prima, vida, lá embaixo, houveram tanta luz/ que qualquer musa tornaria opima./ Portanto, mira nos braços da cruz:/ e o que eu nomear te fará ato/ que, de uma nuvem, seu fogo produz.’”; “*El [Caccciaguida] cominciò: ‘in questa quinta soglia/ de l’albero che vive de la cima/ e frutta sempre e mai non perde foglia,/ spiriti beati, che giú, prima/ che venissero al ciel, fuor di gran voce,/ sí ch’ogni musa ne sarebbe opima./ Però mira ne’ corni de la croce: quello ch’io numerò, lí farà l’atto/ che fa in nube il suo foco veloce.*” ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – Paraíso*. 3º edição. Bilingue; tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014. Canto XVIII: 28-34. p. 128. Portanto, esta simples citação carrega consigo toda uma riqueza literária e imagética que amalgamou as três figuras em seus sentidos e as uniu sobre a imagem de Jesus crucificado. Essa imagem, em toda a sua complexidade, é explorada em outros trechos da compilação, nos quais a cruz se ilustra como caminho para a salvação e

vida eterna. Os leitores do século XV, certamente, compreenderiam a polissemia que o termo “madeira da vida” carrega.

17 – [IX, 8] *A tentação segue para que ele não se eleve acima do bem: o diabo não dorme, nem a carne está morta:*

Ecoando a perspectiva agostiniana, a carne é encarada como um elemento rebelde, com uma tendência ao erro, resultado da desobediência no ato do pecado original. Agostinho, vastamente lido durante a Idade Média, e um dos principais nomes ao quais os devotos modernos recorreram, embasou a sua visão sobre a carne por passagens nos evangelhos e cartas do Novo Testamento: “E [Jesus] diz a Pedro: ‘Como assim? Não fostes capazes de vigiar comigo por uma hora! Vigiai e orai, para que não entreis em tentação, pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca.’” *Mt* 26: 40-41. “Sabemos que a Lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido como escravo ao pecado. Realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero, mas faço o que detesto. Ora, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa. Na realidade, não sou mais eu que pratico a ação, mas o pecado que habita em mim. Eu sei que o bem não mora em mim, isto é, na minha carne. Pois o querer o bem está ao meu alcance, não porém o praticá-lo. Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que ajo, e sim o pecado que habita em mim. Verifico, pois, esta lei: quando quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta. Comprazo-me na lei de Deus segundo o homem interior; mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros.” *Rm* 7: 14-24. “Antes, cada qual é provado pela própria concupiscência, que o arrasta e seduz. Em seguida, a concupiscência, tendo concebido, dá à luz ao pecado, e o pecado, atingindo o termo, gera a morte.” *Tg* 1:14-15.

18 – [X, 3] *Que eu sempre me encontre mais humilde e temente, e também me torne mais preparado para me abandonar:*

Este parágrafo é uma clara inserção ao texto. Note como os dois parágrafos, anterior e posterior, formam uma narrativa contínua sobre o tema da “graça”. Além disso, os termos aqui empregados parecem se afastar do que vem sendo construído no restante do livro: “profundo” (“*altum*”), “doce” (“*dulce*”), “puro” (“*purum*”) não tendem a ser

associados a possíveis sentidos negativos, como aqui encontramos. Em sintonia com o que apontamos nas notas 14 e 48 dos *Comentários ao Livro I*, temos aqui uma advertência aos riscos da “auto-santificação” e à incapacidade de saber discernir a natureza dos próprios sentimentos e ações, problemas que provavelmente eram recorrentes nas comunidades. Ver notas 6 e 47 dos *Comentários ao Livro I*. pp. 208, 240

19 – [X, 3] *Dá a Deus o que é de Deus, e tenha a ti o que é teu:*

Referência a resposta de Jesus diante do questionamento sobre o tributo a Roma: “Dize-nos, pois, que te parece: é lícito pagar imposto a César, ou não?” (...) Apresentaram-lhe um denário. Disse ele: ‘De quem é esta imagem e inscrição?’ Responderam: ‘De César’. Então lhes disse: ‘Dai, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus.’” *Mt* 22:17-21; “É lícito pagar imposto a César ou não? Pagamos ou não pagamos?” (...) ‘Trazei-me um denário para que o veja.’ Eles trouxeram. E ele disse: ‘De quem é esta imagem e a inscrição?’ Responderam-lhe: ‘De César’. Então Jesus disse-lhes: ‘O que é de César, dai a César: o que é de Deus, a Deus.’” *Mc* 12: 14-17; “É lícito a nós pagar o tributo a César ou não?” (...) ‘Mostrai-me um denário. De quem traz a imagem e a inscrição?’ Responderam: ‘De César’. Ele disse então: ‘Entregai, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus a Deus.’” *Lc* 20: 21-25. *A Imitação de Cristo* explora a oposição estabelecida entre “Deus” – âmbito espiritual – e “César” – âmbito terreno. Assim, o devoto devia ser capaz de distinguir a fonte da “graça” no espírito, e a “culpa” e “pena pela culpa”, no “terreno” e “mundano”, ou seja, em si mesmo. Ver notas 17, destes comentários, e 60, *Comentários ao Livros I*. p. 267, 247-249.

20 – [XI, 1] *Muitos seguem Jesus até o partir do pão, mas poucos até o beber do cálice da paixão:*

É possível ler neste trecho uma indicação direta ao episódio da Ceia Pascal e ao sacramento da Eucaristia. Jesus, rodeado pelos discípulos, oferece um cálice de vinho e um pão, associando-os ao seu sangue e corpo, respectivamente: “Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse: ‘Tomai e comei, isto é meu corpo.’ Depois, tomou um cálice e, dando graças, deu-o a eles, dizendo: ‘Bebei dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para a remissão dos pecados.’” *Mt* 26:26-28; “Enquanto comiam,

ele tomou um pão, abençoou, partiu-o e lhes deu, dizendo: ‘Tomai, isto é meu corpo’. Depois, tomou um cálice, rendeu graças, deu a eles e todos dele beberam. E disse-lhes: ‘Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos.’ *Mc* 14: 22-24; “E tomou um pão, deu graças, partiu e deu-o a eles, dizendo: ‘Isto é o meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em minha memória.’ E, depois de comer, fez o mesmo com a taça, dizendo: ‘Essa taça é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado por vós.’” *Lc* 22: 19-20. No contexto do século XV, há uma crítica clara àqueles que comungariam na missa – “partir do pão” – mas que se entregavam aos prazeres cotidianos, comportamento oposto ao daqueles que cultivassem hábitos mais sóbrios, ou até mesmo ascéticos, visão que separava os que apenas se diziam cristãos dos que realmente se dispunham a seguir o exemplo dado por Jesus e seus mártires. O *Livro IV* desenvolverá profundamente essa perspectiva.

21 – [XI, 5] *Quando tiverdes feito tudo que vos foi prescrito, dizei de vós mesmos: ‘somos servos inúteis’:*

Diferentemente do restante do parágrafo, este trecho traz uma citação em segunda pessoa: “Assim também vós, quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: ‘Somos simples servos, fizemos apenas o que devíamos fazer.’” *Lc* 17:10. Esta “colagem” de citações bíblicas em torno de um tema, é típico dos *florilegia* medievais, ou, mais especificamente, dos *rapiaria*. Ver nota 13 dos *Comentários ao Livro I*. p. 223.

22 – [XII, 2] *Logo, levanta a tua cruz e segue a mim, Jesus, e irás para a vida eterna:*

Novamente, um parágrafo em primeira pessoa dentro de uma narrativa em segunda. Ver nota 13 dos *Comentários ao Livro I*. pp. 223.

23 – [XII, 3] *Eis que na cruz tudo se encontra e no morrer, tudo se lança:*

Victor Becker aponta neste trecho uma antiga oposição entre os verbos “*staen*” (“estar”) e “*liggen*” (“ser colocado”) no médio holandês, oposição que desapareceu no holandês moderno. A frase latina teria transposto os dois termos por “*constat*” (em português, “consta”, “compõe”, “está junto”; tradução da composição “*bestaan*”) e “*iacet*” (“lançar”, “arremessar”), respectivamente. Assim, “*Ecce in cruce totum constat*

et in moriendo totum iacet” seria a tradução literal de “*Zie alles bestaat in het kruis en in het sterven ligt alles*”. BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. pp. 85-86.

24 – [XII, 4] *E não poderás te liberar ou te aliviar com algum remédio ou consolo:*

No texto latino da *EA-1471/72*, temos “*uec cum aliquo remedio vel solatio liberari seu alleuiari poteris*”, cuja tradução seria “Poderás liberar-te ou aliviar-te com algum remédio ou consolo.” O sentido dessa frase parece contradizer a mensagem geral da compilação. Quando comparamos esse trecho a *TOC-1441* e *EV-1483*, temos “*nec tamen aliqua remedia uel solatio liberari seu alleviari poteris*”, ou seja, “E não poderás te liberar ou te aliviar com algum remédio ou consolo”. A troca entre “u” e “n” que notamos nesse trecho, pelas expressões “*uec*” (“ou”) e “*nec*” (“não”, “nem”), representa um erro comum nas duas edições impressas que trabalhamos, *EA-1471/72* e *EV-1483*. Ver nota 35, *Comentários ao Livro I*. p. 235.

25 – [XII, 4] *Sentirás ou dor no corpo, ou na alma... Logo, a cruz sempre estará preparada, e te espera em todo lugar:*

O tema dos dois parágrafos imediatos, anterior e posterior a este, sugerem que aqui tenhamos mais uma adição. Note como o discurso sobre a inevitabilidade da mortificação, o “carregar a cruz”, é interrompido pelo tema da “tribulação” e “consolação”, sendo retomado no parágrafo seguinte. Ver nota 13 dos *Comentários ao Livro I*. p. 223.

26 – [XII, 10] *Bebe com afeição o cálice do Senhor, se desejas ser seu amigo e ter parte com ele:*

EA-1471/72 traz a palavra “*proptem*” (“próximo”), enquanto *TOC-1441* e *EV-1483*, “*partem*” (“parte”). Optamos por traduzir considerando “*partem*”, uma vez que confere melhor sentido ao texto.

27 – [XII, 10] *Entrega as consolações a Deus, e que ele faça com as tais o que mais lhe agradar:*

Para Otto Spitzen, essa frase, no original latino, “*Consolationes deo comitte faciat ipse cum talibus sinc* (“*sicut*” em *TOC-1441* e *EV-1483*) *magis placuerit*”, seria a tradução literal para o latim do médio holandês “*Die troesten die bevele gode: laet hem daarmede doen als hem meest behagelic is*”. SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. p. 20.

28 – [XII, 12] *Ainda que sejas arrebatado até o terceiro céu com Paulo, não estarias, por isso, seguro de não sofrer nenhuma contrariedade:*

Há uma única menção na Bíblia ao “Terceiro Céu”, cujo sentido seria o do nível mais elevado dos céus, talvez o mais próximo de Deus: “Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu – se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe! E sei que esse homem – se no corpo ou fora do corpo não sei; Deus o sabe! - foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir.” *II Cor 12:2-4*.

29 – [XII, 13] *Quanta edificação haveria para o próximo:*

Este trecho permite que compreendamos o paralelo que o livro cria entre as práticas ascéticas dos devotos e o resgate do cristianismo primitivo: assim como inúmeros mártires e anacoretas, que pelo exemplo de seus sofrimentos, renúncias e mortes, serviram de bons modelos para os futuros, os devotos, em suas práticas ascéticas e vida comunitária, estariam a emulá-los, e conduzindo suas vidas segundo os exemplos dos primeiros cristãos, de modo a se tornarem, também, modelos de conduta espiritual.

30 – [XII, 15] *‘Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, levante a sua cruz e siga-me’:*

O capítulo XII praticamente se encerra como se inicia, exortando o praticante a renunciar a si mesmo e a assumir os sofrimentos da cruz. Ver *Mt 16:24*; *Lc 9:23*, *Mc 8:34* e *At 14:22*.

COMENTÁRIOS AO *LIVRO III*
LIVRO SOBRE A CONSOLAÇÃO INTERNA DE CRISTO

1 - Começa o terceiro livro da Imitação de Cristo, o qual trata sobre a consolação interna de Cristo à alma fiel. Começa o primeiro capítulo:

TOC-1441: “Começa o livro da interna consolação./ Sobre o falar de Cristo à alma fiel. Capítulo I.”; *EV-1483*: “Começa o terceiro [livro]/ O falar à alma fiel. Capítulo I.”

2- [I, 1] Abençoados aqueles que adentram o interno e, para receber os arcanos celestes, empenham-se em se preparar mais e mais com exercícios cotidianos:

Este trecho do *Livro III* se vale de uma citação da *Segunda Carta aos Coríntios*, na versão da *Vulgata*: “e ouviu as palavras arcanas” (“*et audivit arcana verba*”, em semelhança com original da *Imitação de Cristo*, “*et accipienda archana celestia*”). O termo “arcano”, por esses trechos, possui uma conotação positiva, significando segredos ocultos ao homem, dos quais a revelação se apresentaria como dádiva divina. No contexto da *Carta*, é empregado para se referir ao conhecimento comunicado ao homem que foi arrebatado até o “terceiro céu”, dito “impossível de ser falado ao gênero humano” (“*quae non licet homini loqui*”). *II Cor* 12: 2-5. *Vulgata Latina*. Em outros contextos bíblicos, é empregado para designar atos de encantamento ou magia, como no episódio dos milagres dos magos egípcios, narrado em *Êxodo* (7: 11); o canto entoado junto de um saltério, no *Primeiro Livros das Crônicas* (15: 20); segredos comuns, como em *Provérbios* (11: 13); e informações ou conhecimentos preciosos, como no *Livro de Isaías* (45: 3). Sua etimologia remonta à palavra latina “*arca*, -*ae*”, “caixa” ou “cofre”, de onde seu sentido genérico de “segredo”. “*arca*, -*ae*”. ERNOULT-MEILLET. p. 43. Sua associação com atos de magia, como percebido em *Êxodo*, mas reforçada, no contexto do século XV, pelo uso em obras como o *Pimandro*, de Marsilio Ficino (1433-1499), e *De oculta philosophia* (“A Filosofia Oculta”), de Heinrich Cornelius Agrippa (1486-1535), designando os mistérios da cabala e do hermetismo, é suficiente para, em um primeiro momento, estranharmos sua presença na compilação da *Imitação de Cristo*, ainda que com lastro bíblico. Seu sentido enquanto “segredo” ou “revelação” de conhecimentos elevados, também poderia ser tido como uma contradição com as constantes advertências contra a procura dos “segredos de Deus” apresentadas no decorrer deste livro. Isso, porém, permite nos aproximarmos da relação estreita existente entre a compilação da *Imitação de Cristo* e os livros bíblicos: o uso e empréstimos de inúmeros versículos como ilustrações e artifícios de reforço à mensagem pretendida, de forma praticamente literal. Trata-se de

uma característica típica dos *rapiaria*, o gênero literário criado pela *devotio moderna* e que se constitui como apropriações de excertos, posicionados e agrupados em torno de um tema comum. Sobre a relação do termo “arcano” com a tradição hermética e cabalística, ver YATES, Frances. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Cultrix, 1995. pp. 27-29; 160-164.

3 - [III, 2] *Envergonha-te, Sidônia dos mares! Se procuras o motivo, ouve: porque percorre longos caminhos por poucos ganhos. Mas, pela vida eterna, muitos não tiram seus pés da terra! Procuram por preços vis, brigam até mesmo por uma única moeda, pelo que é do tempo, e não temem se cansar, dia e noite, pela promessa do que é vão e desprezível:*

Aqui encontramos uma citação do *Livro de Isaías*, referente às cidades fenícias, designadas sob o nome de Sidônia. *Is* 23: 4. A ela, são associadas a própria Sidônia, ou Sídon; Biblos, ou Gebal; a ilha de Chipre, “terra de Cetim”; Hermon ou Sanir; Basã; Arvad; e Társis, localidade imprecisa, porém já identificada com Tartessos, na costa hispânica. *Is* 23; *Ez* 26-27; 28: 1-23. Notas “c”, página 485, e “d”, 1287. *Bíblia de Jerusalém*. Os fenícios, cuja proveniência remonta à região do Líbano, assim já nomeada nos textos do *Antigo Testamento*, estabeleceram colônias e entrepostos comerciais por todo o mediterrâneo, alcançando a costa egeia, africana - onde fundam Cartago, antiga colônia de Tiro - siciliana e hispânica. Constituíram, assim, uma vasta rede de trocas, granjeando prestígio e nutrindo relações políticas com os poderes de diferentes localidades: Egito, como mencionado em *Isaías*; Pérsia, Lídia, Egeia (“*Graecia*”), Líbia, e Arábia, em *Ezequiel*. Também estabeleceram comércio com os reinos de Israel e Judá, a exemplo do acordo entre Salomão e Hiram, rei de Tiro, quem fornece madeira de cedros e ciprestes, junto de trabalhadores, para a edificação do Templo de Jerusalém, além de inúmeros bens importados por Salomão. *I Rs* 5: 21-26; 10: 14-29. Ver também *Ez* 27: 17. A prosperidade fenícia e a profusão de seus bens comerciais lhes atrelaram à imagem do luxo e da avidez por lucros, tornando-os, nos relatos bíblicos, sinônimos de riqueza. É dessa imagem que este trecho do *Livro III* se utiliza como metáfora para criticar aqueles que se dedicavam aos ganhos terrenos e aos bens temporais, não tirando “os pés da terra” assim como os mercadores da Sidônia, o “coração do mar”. É provável que a menção a Sidônia e a forma como foi incluída no texto, visasse a classe comercial neerlandesa. O trecho “porque percorre longos caminhos para poucos ganhos” (“*pro modica prebenda*

longa via curritur”) não possui paralelo bíblico, sendo, portanto, composição direta do autor. A região dos Países Baixos foi um dos centros comerciais da Europa de fins da Idade Média, possuindo uma de suas maiores taxas de urbanização. Sua posição fronteiriça e próxima ao mar também lhe granjeou vantagens ao estabelecer comunicações com a Inglaterra, França e Sacro Império, bem como Portugal e Espanha. As comunidades da *devotio moderna*, seguindo uma tendência apresentada, primeiro, pelas beguinas e begardos, se originaram em cidades de forte teor mercantil, como Nivelles, Liège, Bruges, Deventer e Zwolle. A presença do termo “*prebenda*” (aqui traduzida como “ganhos”, para maior adequação ao sentido), ambígua ao designar ganhos genéricos ou os rendimentos oriundos de determinada atividade na administração secular ou religiosa, também implica uma referência à classe dos funcionários liberais, estrato social proeminente nas comunidades, além de diretamente relacionado à sua constituição. Geert Groote era filho de um magistrado de Deventer, Werner Groote, tendo adquirido o título de Mestre em Artes, na Universidade de Paris, e atuado na cúria papal de Avignon, possuindo, no momento de sua conversão, duas prebendas por serviços em Aachen e Utrecht. Florent Radewijns, de forma similar, formou-se pela Universidade de Praga e obteve uma prebenda em Utrecht. Esse percurso era comum aos filhos de famílias citadinas, enriquecidas por sua atuação ou comércio, os quais “percorriam longos caminhos” em busca da formação universitária - Colônia, Paris, Praga - objetivando adquirir, futuramente, os ganhos desse tipo de rendimento. Sobre o comércio, a cultura urbana e sua relação com a *devotio moderna*, ver BARBIER, Frédéric. *A Europa de Gutenberg: o Livro e a Invenção da modernidade ocidental* (Séculos XIII-XVI). Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018. pp. 33-39; SIMONS, Walter. *Cities of Ladies: Beguine Communities in the Medieval low Countries, 1200-1565*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2001. pp. 1-12; VAN ENGEN, John. *Devotio Moderna: Basic Writings*. Translated and introduced by John Van Engen. New York: Paulist Press, 1988. p. 1-10; Sobre Geert Groote e Florent Radewijns, ver HYMA, Albert. *The Christian Renaissance: A History of the Devotio Moderna*. London; New York: The Century, 1925. pp.9-13; MERTENS, Thom. “Introduction”. In RADEWIJNS, Florent. *Pétit Manuel pour le dévot moderne*. Établissement du texte latin, sources et traduction par Francis Joseph Legrand. Turnhout: Brepols Publishers, 1999. pp. 8-9. Sobre as prebendas, ver nota 16, *Livro I*. p. 224.

4 - [III, 4] *Cotidianamente, repreendo-lhes duas vezes: uma, para chamar a atenção aos seus vícios, e a outra, para exortar ao crescimento das virtudes:*

No original latino, temos a primeira frase desse período como “*duas lectiones eis cottidie lego*”, cuja tradução seria “cotidianamente, leio-lhes duas lições”. Victor Becker e Otto Spitzen identificam, neste trecho, a tradução literal do holandês “*twee lessen lees ik hun dagelijksch*”, expressão cujo sentido literal é o mesmo que o latim, mas que designa “repreender alguém”. Segundo Spitzen, a tradução do manuscrito de Leiden empregou exatamente essa mesma expressão, no médio holandês: “*twe lessen lese ic hem dagelix*”. BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. Bruxelles: F. J. Olivier; London: D. Nutt, 1882. p. 87; SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. Utrecht: L. J. Beijers; J. W. V. Leeuwen, 1884. p. 24.

5 - [VI, 1] *Bendito tu sejas sempre, e te glorifico com teu filho unigênito e com o Espírito Santo Paraclito, pelo século dos séculos!*

O termo “Paraclito” é um conceito grego, normalmente aplicado, no cristianismo, ao Espírito Santo. Sua origem está na palavra grega “*παράκλησις, εως, ή*” (“*paraklésis*”), “chamar em auxílio”, “convocar”, “demandar” e “exortar”. Na forma empregada, “*παράκλητος ον*” (“*paraklétos*”), possui também o sentido de “defensor”, “assistente” e “ajudante”. Assim, designa o Espírito Santo como “auxiliador”, “intercessor”, ou mesmo “encorajador”, em sintonia com a perspectiva apresentada, no decorrer do livro, pelos conceitos da “consolação” e da “graça”. “*παράκλησις, εως, ή*”. LIDELL-SCOT. p. 1313. Essa é a única passagem da *Imitação de Cristo* que apresenta as três pessoas da Trindade especificadas conjuntamente, anunciando a concepção da eternidade de Deus que será apresentada, com certa frequência, nos capítulos posteriores. A expressão “filho unigênito” (“*vnigenito filio*”), que aqui encontramos, foi extraída do *Credo Niceno* (“*Filium Dei unigenitum*”), reconhecido pelo Concílio de Niceia, em 325, e reafirmado e expandido pelo Concílio de Constantinopla, em 381, e desde então, tido como base para a ortodoxia católica. Esse trecho cita, de forma quase literal, uma parte do credo: “E no Espírito Santo... adorado e glorificado junto do pai e do Filho” (“*Et in Spiritum Sanctum... qui cum Patre et Filio simul adoratur et glorificatur*”). Essa formulação trinitária parte

do pressuposto da eternidade de Deus, âmbito do “tempo” imutável, perpétuo, da qual a existência absoluta, por princípio lógico, não aceita qualquer mudança, seja passada, presente ou futura, uma vez que implicaria na possibilidade da não existência: o que é, existe, e não pode, nunca, deixar de ser ou existir, o que implicaria em um paradoxo. Deus, assim, não teria sido criado ou gerado, mas permaneceria em uma estabilidade sem começo e nem fim, noção apresentada, em *Gênese*, pela imagem das “trevas sob o abismo” (“*tenebrae erant super faciem abyssi*”) e pelo “espírito de Deus sob as águas” (“*spiritus Dei ferebatur super aquas*”). Deus, pela intenção anterior ao ordenamento da criação, concebe, dessa forma, a partir de si, as formas de suas manifestações. Mas, diante da ausência do tempo, propriamente dito segundo a noção do decorrer dos “séculos”, essa concepção não pode ser localizada, não possui início e nem fim, e é necessariamente gerada na imutabilidade e permanência de sua existência absoluta. Dessa forma, tem-se o que poderia ser uma contradição, não fosse a transferência do entender da divindade para “fora do tempo”: Jesus, manifestação da mesma substância de Deus (“*Deum de Deo... consubstantialem Patri*”), portanto o próprio Deus, “nascido do Pai” (“*ex Patre Natum*”) antes de todo o tempo ou século (“*ante omnia saecula*”), “não criado, mas gerado” (“*genitum, non factum*”), concepção que se submete ao próprio tempo, “descendo dos céus e encarnando pela virgem Maria” (“*descendit de caelis, et incarnatus... ex Maria virgine*”). Por fim, o Espírito Santo, termo que primeiro foi designado pelo grego “πνεῦμα τὸ ἅγιον”, “Espírito Santo”, assim traduzido para o latim, mas que também pode ser entendido como “Sopro Sagrado”, forma que facilita a sua compreensão como “vivificante”, segundo o relato da criação de Adão e Eva e a infusão da vida pelo “sopro” (“*spiraculum vitae*”), tornando-os “vivos em suas almas” (“*in anima viventem*”). Mas o Espírito Santo não aparece apenas atribuído à concessão da vida humana original, como vimos pela caracterização como Paraclito: toma a forma de uma pomba no batismo de Jesus; este, tentado no deserto, estaria “pleno do Espírito Santo”; o Espírito também desce a cada um dos apóstolos, na festa de Pentecostes, como “línguas de fogo”, concedendo a capacidade de pregarem em diferentes línguas. Enquanto igual manifestação de Deus, o Espírito Santo pode ser tido como a forma de sua manifestação no tempo, noção, porém, pouco precisa. É preciso ressaltar que a concepção católica recusa a ideia de que as manifestações divinas se deem, no tempo, exclusivamente pelo Espírito Santo, tendo reprimido essa ideia por uma dissidência específica à ortodoxia, proposta por Joachim di Fiori (- 1202), segundo a qual as idades do mundo poderiam ser divididas em três períodos: a idade do Pai, anterior à vinda de Jesus; a idade do Filho, durante sua

encarnação ao período do autor; e a idade do Espírito, pré-apocalíptica, na qual a comunidade dos fiéis seria conduzida diretamente pelo Espírito Santo e pela instituição de uma igreja invisível, portanto não sacramental nem institucional. E como notamos no decorrer de toda a *Imitação de Cristo*, as três pessoas da Trindade, em todo o seu mistério e sabedoria, atuariam para a salvação humana, interpretação reforçada pela perspectiva da imanência divina, mesmo quando manifestada por suas três diferentes formas. Credo Niceno-Constantinopolitano consultado em “Konzil von Konstantinopel”. DENZINGER, Henrici. *Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum. Quod emendavit, in linguam germanicam transtulit et adiuvante Helmut Hoping edititi Petrus Hünermann*. Breisgau: Verlag Herder, 2009. n° 150, p. 381. Sobre o princípio informe, o abismo e as águas, ver *Gn* 1: 1. Sobre as manifestações do Espírito Santo, ver *Mt* 3: 13-17; 4: 1-11; *Mc* 1: 9-13; *Lc* 4: 1; *Jo* 1: 31-34; 14: 16; *At* 2: 1-13. Sobre Joachim di Fiori, ver IRIARTE, Lázaro. *História Franciscana*. Tradução de Adelar Rigo e Marcelino Carlos Dezen. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. pp. 87-88. A apresentação da Trindade, nesse trecho, é mais um dos momentos em que se pode reafirmar a distinção constante que os livros da *Imitação de Cristo* estabelecem entre o âmbito espiritual e o material, entre a eternidade divina e a finitude humana: de um lado, a eternidade imutável de Deus, sua completude em si mesmo, e de outro, o tempo do mundo, o “século”, finito e incompleto, inconstante e imperfeito por sua corrupção, oposto ao “século dos séculos”, expressão que designa a eternidade em que Deus se digna agir, por própria opção, sem qualquer prejuízo ou consequência a si.

6 - [VI, 3] *Dá tudo a todos e tem tudo em todos, pois apenas se aquieta no único Sumo Bem, do qual tudo flui e procede:*

A expressão “Sumo Bem” (“*summum bonum*”) representa um conceito importante para a perspectiva agostiniana. Designa Deus e suas ações, fundamentadas sobre o início de *Gênese*, no qual, cada passo da criação é afirmado como “bom” (“E Deus viu que... era bom”, “*et vidit Deus... esset bonum*”). *Gn* 1. Acima de qualquer julgamento, o termo designa “condição original” e o princípio gerador da natureza divina. Segundo Agostinho, Deus, enquanto criador, somente poderia ter realizado o que estivesse de acordo com sua natureza. Também se encontra pressuposto que um criador não pode ser superado por sua criação: “De fato, nenhuma alma poderia jamais cogitar algo que seja melhor que tu, que

és o supremo e ótimo bem” *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammi. VII: IV, 6. p. 169. (“*Neque enim ulla anima unquam potuit, poterit ve cogitare aliquid quod sit te melius, qui summum et optimum bonum es*”). *Confessiones*. VII: IV, 6. O “Sumo Bem” também está no cerne da ideia de corrupção. A maldade e a perversão são resultantes do afastamento do bem, e não elementos partícipes desse bem, como exemplificado pelas imagens opostas, frequentes em Agostinho, da luz e das sombras. Essa perspectiva abre espaço para a condição de existência da primeira, Deus, enquanto a segunda, criação corrompida, apenas existe na ausência: “E é evidente para mim que as coisas que se corrompem são boas: não poderiam se corromper nem se fossem bem supremos, nem se não fossem boas, porque se fossem bens supremos seriam incorruptíveis; mas se não fossem boas não haveria o que corromper nelas. (...) Assim vi, e se tornou evidente para mim que tu fizeste tudo bom e que não há absolutamente nenhuma substância que tu não tenhas feito. E, como não fizeste todas as coisas iguais, todas elas singularmente são boas, mas todas juntas são muito boas, porque o nosso Deus fez *tudo muito bom*. (...) E investiguei o que era a iniquidade, e não encontrei uma substância, mas a perversão da vontade que se desvia da suprema substância - de ti Deus - rumo ao ínfimo, *jogando para longe sua interioridade*, e, no exterior, inchando-se.” *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammi. VII: XII, 18; XVI, 22. pp. 182-183, 185. (“*Et manifestum est mihi quoniam bona sunt quae corrumpuntur, quae neque si summa bona essent, neque nisi bona essent, corrumpi possent: quia si [s]uma bona essent, incorruptibilia essent. (...) Itaque vidi et manifestatum est mihi quia omnia bona tu fecisti, et prorsus nullae substantiae sunt quas tu non fecisti. Et quoniam non aequalia omnia fecisti, ideo sunt omnia; quia singula bona sunt, et simul omnia valde bona; quoniam fecit Deus noster omnia bona valde. (...) Et quaesivi quid esset iniquitas, et non inveni substantiam: sed a summa substantia, te Deo, detoriae in infima voluntatis perversitatem, projicientis intima sua, et tumescentis foras.*”). *Confessiones*. VII: XII, 18; XVI, 22. Pelo movimento do ser a esses dois opostos, dar-se-ia a salvação ou a completa perdição: em direção ao Sumo Bem, haveria o reencontro do ser com sua própria substância, abrindo a possibilidade da regeneração na negação de tudo o que conduz ao sentido oposto, algo que somente poderia se completar após a separação definitiva pela morte do corpo, a última expressão da substância corrompida; na direção oposta, o afastamento gradativo em direção à corrupção total, implicando no desaparecimento de qualquer resquício da substância outrora perfeita, e, por fim, a inexistência. A salvação, para Agostinho, se dá, assim, em termos de retorno para o Sumo Bem, como se a substância, ou a “pouca luz” (“*modica luce*”, em *Jo* 12: 35),

lutassem contra a possibilidade de seu desaparecimento, perspectiva que encontramos ecoada nos livros da *Imitação de Cristo*.

7 - [VII] - Sobre a provação do verdadeiro amor. Capítulo VII.

A EA-1471/72 reproduz, no título do capítulo VII, o mesmo do anterior: “Sobre o maravilhoso afeto ao divino amor. Capítulo VII.” (“*De mirabili effectu diuini amoris. Capitulum VII*”). Corrigimos o título de acordo com o índice de capítulos posicionado ao fim do *Livro III*, onde é nomeado corretamente. A EV-1483 apresenta uma variação: “Sobre a provação do verdadeiro amante” (“*De probatione veri amatoris*”).

8 - [VII, 4] - A humilde confissão lhe desagrade, e se puder, ele fará cessar a comunhão:

A confissão representa uma prática característica do cristianismo católico, pela qual o fiel declara seus pecados a um religioso, o “confessor”, a quem cabe lhe conferir, ou não, o perdão ou indulgência. Segundo Jean Delumeau, o intuito das confissões seria gerar naquele que confessa o arrependimento por seus pecados. Esse poderia assumir duas formas, designadas pelos conceitos de “atrição” e “contrição”. O primeiro, correspondente ao verbo “*attero, is*” (“quebrar”), correspondia à maior vergonha pelo ato pecaminoso, uma forma de arrependimento “imperfeita”. O segundo, correspondente ao verbo “*contero, is*” (“esmagar”, “pisar”), mais expressivo, e, por isso, usado para designar um arrependimento “perfeito”, pelo qual o fiel tomaria, em sua própria consciência, o peso da culpa. Os dois conceitos, entretanto, não possuíam uma distinção unânime, podendo ambos serem entendidos como válido para o progresso espiritual. DELUMEAU, Jean. *A Confissão e o perdão: as dificuldades da confissão nos séculos XIII e XVIII*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. pp. 13-21; 42-46. A instituição da confissão obrigatória se deu no *IV Concílio de Latrão*, em 1215, curiosamente, ao mesmo tempo em que se determinou o dogma da transubstanciação eucarística. A confissão, enquanto ato de purificação da consciência, se associou à preparação para a comunhão, tal qual encontramos neste trecho. É curioso notar, também, que a estrutura dos dois últimos livros da *Imitação de Cristo*, *Livro sobre a consolação interna de Cristo* e *Tratado sobre o venerável sacramento do altar*, são estruturados na forma de diálogos, correspondendo a exercícios de confissão “solitária”, pelos quais o devoto declara, a si mesmo, seus pecados, simulando estar na presença do “Senhor”.

9 - [VII, 5] - Luta como bom soldado.... retorna aos primeiros e mais fortes homens... e te previne à vã complacência e à soberba:

Neste trecho, encontramos um tom bélico que poderia soar estranho no conjunto da compilação. Nele, o devoto é associado a um “soldado” (*miles*). Não se trata, porém, de uma exceção. A metáfora do combate já se anuncia no *Livro I*, seguindo a tendência dos outros livros em formulá-la de acordo com os esforços contra os desejos da carne e dos “vícios”. No Capítulo III, 3, lemos: “Quem tem luta mais forte que aquele que tenta vencer a si próprio?”, e no XXII, 5, “Levanta-te em um instante, começa e diz: ‘Agora é o tempo de fazer, agora é o tempo de lutar, agora é o tempo de se corrigir!’”. O mesmo se dá no *Livro II*, Capítulo IX, 8: “Por isso, não cesses de te preparar para a luta, porque à direita e à esquerda estão os inimigos que nunca descansam”, frase posicionada logo após a afirmação de que “o diabo não dorme, nem a carne ainda está morta.” Esse tom belicoso se reafirma, de modo mais nítido, neste terceiro livro: o título do Capítulo XIII associará a paciência à “batalha contra a concupiscência”, e, em sua formulação mais precisa, nos parágrafos 5 do Capítulo LVIII, e 5 do LVIII, verdadeiras exortações de guerra: “Eia, marchemos, Jesus estará conosco! Por Jesus, recebemos esta cruz, e por Jesus, perseveraremos nela! Ele será nosso ajudante, nosso comandante e guia! Eis aqui nosso Rei! Avança diante de nós quem lutará por nós! Sigamos corajosamente! Ninguém tema os terrores! Estamos fortemente preparados para morrer em guerra e não aceitaremos o crime à nossa glória, a deserção da cruz!”; “Estamos fortemente preparados para morrer em guerra e não aceitaremos o crime à nossa glória, a deserção da cruz!”. Apesar de não ser frequente, e quase contrastar com o tom introspectivo e com perspectiva da debilidade humana em relação aos perigos mundanos, essa associação povoa outros escritos de Thomas. Na *Vida de Geert Groot*, a conversão do fundador da *devotio moderna* é definida como “uma guerra espiritual contra a carne e o sangue” (“*bellum spirituale aduersus carnem & sanguinem*”), sendo caracterizado, em relação à sua estadia no mosteiro de Monnikhuizen, como “o mais novo soldado de Cristo que se encontrava, intrépido, sob as defesas dos cartuxos” (“*Nouus igitur miles Christi subcastris carthusiorum stabat intrepidus*”). “Vita venerabili magistri Gerardi magni vulgariter Groot”. Capítulos VI. OC-DANHAUSER. f. 153. Mas nenhum outro texto formula melhor essa noção do que *Os três tabernáculos* (“*De tribus tabernaculis*”), no qual Thomas desenvolve os mesmos temas e ênfases da *Imitação de Cristo* em torno de três “virtudes”: a pobreza, humildade e paciência. Logo no início, elas são apresentadas como “as defesas nas quais se mantém

as três virtudes militares” (“*in quibus castra tenent tres militares virtutes*”). No restante do livro, Deus aparece como um comandante, a quem o fiel segue e procura proteção em suas batalhas: “Grande é, Senhor meu Deus, a paciência de teus servos. E esta é a vitória que esperam sobre todas as adversidades neste mundo” (“*Magna est domine deus meus patientia seruorum tuorum. Et haec est victoria eorum quae cuncta superant aduersa in hoc mundo*”); “Portanto, eu te seguirei, Senhor, onde quer que estejas, uma vez que és meu comandante neste percurso. Se eu andar pelo meio das sombras da morte, não temerei o mal, já que estás comigo!” (“*Sequar ergo te domine quocumque ieris: [sic] dummodo mihi dux in via tua fueris. Si ambulauero in medi vmbrae mortis: non timebo mala: quam tu mecum es.*”); “Não temas as fracas hordas” (“*Noli timere pusillus grex*”); “Eis o martelo e a bigorna, a vara e o cajado: o estampido e a lamentação sobre todo arrogante, a queda e submissão, a desgraça e a confusão sobre todo orgulhoso” (“*Ecce malleus & incus, virga & bauculus: stridor & fletus super omnem arrogantem. Casus & deiectio, ignominia & confusio super omnem presumentem*”). “De tribus tabernaculis”. OC-DANHAUSER. ff. LX, LXI, LXII, LXIII. O próprio título da obra joga, habilmente, com a associação da vida espiritual como batalha: “*tabernaculus, -i*”, palavra cujo significado imediato seria “tenda” ou “barraca”. Ela evoca o Tabernáculo e o Templo de Jerusalém, locais de culto, os quais, no pensamento cristão, costumam ser associados ao “interior” ou “íntimo”, local de culto pessoal a Deus; mas, também, possuem o sentido de acampamentos de guerra, de onde a imagem de mobilização contra os perigos e inimigos do mundo. Ver nota 54, *Comentários ao Livro I*. pp. 243-245.

10 - [IX, 1] - *Ali, irás me mostrar a mim mesmo, o que fui, quem fui e o que me tornei, pois nada sou e nada soube:*

Este trecho possui uma notável consonância com duas passagens do *Livro X* das *Confissões*. Nelas, Agostinho, primeiro, se pergunta “Tu, quem és?” (“*Tu quis es?*”) e, então, direcionando-se a Deus, “Logo, o que sou, meu Deus? Qual é minha natureza?” (“*Quid ergo sum, Deus meus? Quae natura sum?*”). *Confessiones*. X: VI, 9; XVII, 26. Por esse trecho, vemos o que Hannah Arendt aponta como “a primeira questão antropológica da filosofia”, levantada por Agostinho, e aqui curiosamente ecoada. ARENDT, Hannah. *A Condição humana*. Tradução de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo, 1981. pp. 18-19. O sentido dessas perguntas, na *Imitação de Cristo*, parece designar a distinção entre “homem interior” e “exterior”: a

primeira, “o que fui”, a posição do ser em meio ao conjunto da criação; a segunda, “quem fui” e “o que me tornei”, relativa à individualidade, pela qual o devoto seria capaz de se afirmar, ou não, diante de Deus, sua posição enquanto criatura única, e cujo destino - perdição ou salvação - dá o sentido de suas possibilidades.

11 - [IX, 2] - *para que eu diga, verdadeiramente, “tu me livras do mal!”:*

Aqui temos uma nítida referência à oração do Pai Nosso, apresentada em *Mateus* 6: 13. A expressão em latim, entretanto, traz o verbo “*eripio, is*”, “*eripiens me malis*”, enquanto a *Vulgata* emprega “*libero, as*”, “*libera nos a malo*”. Essa distinção pode indicar tanto uma citação de memória, algo improvável, dada a importância da frase, ou uma variação medieval da própria oração e dos manuscritos latinos da *Vulgata*, copiados de mão em mão e, portanto, sujeitos a diversas variações.

12 - [XI, 3] - *Mas isso ainda é pouco, também ordenaste os anjos às ordens dos homens!:*

Essa frase, inserida em uma sequência crescente, na qual a criação, “o céu e a terra”, é posicionada abaixo dos anjos e esses, abaixo de Jesus. A humanidade, por sua vez, é posta como o centro da obra divina. Nela, encontramos implícita a concepção medieval de que os anjos seriam seres responsáveis pelos assuntos humanos, e, por isso, estariam “às ordens”, responsáveis por servi-los, de acordo com os desígnios de Deus. YATES, Frances A.. *Giordano bruno e a tradição hermética*. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. 10ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. Pp. 139-141. As diferentes hierarquias angélicas se evidenciam, mais nitidamente, nos livros *III* e *IV*, por menções a diferentes tipos de seres, com funções específicas, segundo a formulação das *Hierarquias Celestiais*, livro do século V que serviu de base para as concepções angélicas durante a Idade Média. Ver nota 20 destes comentários. pp. 228-229.

13 - [XIII, 4]: *Entretanto, é verdade que não compreender por conta da embriaguez e cegueira, assim como os animais mudos, por conta de desprezíveis deleites, corrompe a vida e implica na morte da alma:*

Esse trecho é uma nítida referência à *Carta de Judas*, na qual se condena a luxúria e as blasfêmias de “alguns homens ímpios” (“*quidam homines ... impij*”) que atacavam a

figura de Jesus (“*Jesum Christum negantes*”). *Jd. Vulgata Latina*. Os hábitos de descomedimento e blasfemos da *Carta* são aqui associados à “embriaguez”, aos “deleites”, em sentido mundano, e à “cegueira”, hábitos e condições capazes de igualar o ser humano aos animais. “Cegueira” (“*cecitas*”) é um termo que aparece na compilação como sinônimo de obscurecimento da razão e impedimento para o desenvolvimento espiritual, como se nota no capítulo 1, parágrafo 1, do *Livro I*, assim como nos capítulos 1, 12; 16, 2; 17, 3, do *Livro IV*. O adjetivo “mudo” (“*mutus, -a, -um*”) também denota sentido similar, uma vez que o ser humano teria a fala como um de seus aspectos distintivos na criação, como narrado em *Gênese* 2: 19. Encontramos uma afirmação semelhante em uma das mais eloquentes passagens das *Confissões* de Agostinho. Em seu décimo livro, o autor se dirige à criação em busca de Deus, agindo justamente por sua capacidade indagativa. Apoiando-se no versículo 20 do primeiro capítulo da *Carta aos Romanos*, o autor afirma que apenas pela “razão julgadora” a realidade invisível se tornaria inteligível aos sentidos: “Mas essa aparência não se manifesta para todos que tiverem seus sentidos íntegros? Por que não diz a mesma coisa a todos? Os animais pequenos e grandes a veem, mas não podem perguntar. Com efeito, neles a razão julgadora não governa as mensagens dos sentidos. Os homens podem perguntar para que a realidade invisível de Deus se torne inteligível através das criaturas; mas se submetem às criaturas por amor, e submetidos a elas não pode julgá-las. E estas não respondem senão a quem as interroga com juiz, e não mudam sua voz, isto é, sua aparência, se apenas as vê e outro, ao vê-las, as interroga; não se mostram de um modo para um e de outro para outro, e sim, embora se mostrem do mesmo modo para ambos, para um permanecem mudas, e ao outro falam; ou melhor, falam para todos, mas só as entendem aqueles que cotejam a voz proveniente de fora com a verdade de dentro.” *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammi. X: VI, 10. pp. 257. (“*Nonne omnibus quibus integer sensus est, apparet haec species? Cur omnibus eadem loquitur? Animalia pusilla et magna vidente eam, sed interroare nequeunt: non enim praeposita est in eis nuntiantibus sensibus judex ratio. Homines autem possunt interroare, ut invisibilia Dei, per e aquae facta sunt, intellecta conspiciantur; sed amore subduntur eis, et subditi judicare non possunt. Nec respondente ista interrogantibus nisi judicantibus; nec vocem suam mutante, id est speciem suam, si alius tantum videat, alius autem videns interroget, ut aliter illi appareat, aliter huic; sed eodem modo utrique apparens, illi muta est; huic loquitur; sed illi intelligunt qui ejus vocem acceptam foris intus cum veritate conferunt.*”) *Confessiones*. X: VI, 10. Assim como em Agostinho, a *Imitação de Cristo* pressupõe o uso da razão, em sua dimensão

discursiva, enquanto fator de discernimento. A ausência de seu exercício conduziria à corrupção e degeneração do ser humano em seus propósitos, implicando no afastamento de Deus e na consequente “segunda morte”, o desaparecimento da alma. Ver *Ap* 2: 10-11; 20: 14-5; 21: 8.

14 - [XIII, 1] - *Nenhum inimigo é mais molesto e pior à alma do que ti próprio, e a carne não concorda com o espírito. É preciso que tu assumas de todo o desprezo de ti próprio se quiseres prevalecer contra a carne e o sangue:*

Sobre a oposição que encontramos neste trecho, entre o âmbito espiritual e o material, representado pela “carne e pelo sangue” (expressão emprestada de *Ef* 6: 12), ver nota 60 dos *Comentários ao Livro I*. pp. 247-249.

15 - [XVII, 2] - *Que eu durma e descanse nesta paz, naquilo que está em ti, o eterno Sumo Bem:*

Sobre a expressão “eterno Sumo Bem” (“*Summo eterno Bono*”), ver nota 6 destes comentários. pp. 275-277.

16 - [XIX, 3] - *Que as tribulações recaiam sobre mim enquanto não me direcionas à eternidade, e nem apagues meu nome do Livro da Vida:*

O *Livro da Vida* aparece em sua maior nitidez no *Apocalipse*, em 3: 5, onde encontramos o paralelo mais claro para a formulação acima. Segundo o texto bíblico, o *Livro da Vida* preservaria os feitos individuais de todos os seres humanos e seus nomes, informando, a partir desse registro, o veredicto em relação à salvação: “Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e abriram-se livros. Também foi aberto outro livro, o da vida. Os mortos foram então julgados conforme sua conduta, a partir do que estava escrito nos livros. O mar devolveu os mortos que nele jaziam, a Morte e o Hades entregaram os mortos que neles estavam, e cada um foi julgado conforme sua conduta. A Morte e o Hades foram então lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte: o lago de fogo. E quem não se achava inscrito no livro da vida foi também lançado no lago de fogo”. *Ap* 20: 12-15. Ver também 21: 27. Na *Carta aos Filipenses*, Paulo também afirma que seus auxiliares possuem os nomes “no Livro da Vida”. *Fl* 4: 3. A imagem

apocalíptica do *Livro da Vida* foi formulada segundo menções dos *Salmos* 69 (70): 29 e 139 (140): 16 e do texto profético de *Daniel*, esse que, em 7: 1-10, descreve a visão de um tribunal no qual o juiz veste uma túnica branca e são abertos “livros”, em grande similaridade com a narrativa apocalíptica. Ver também *Dn* 12: 1, 4. Também em *Êxodo*, no episódio da fabricação e culto do Bezerro de Ouro, Moisés roga pelo perdão, porém ciente da possibilidade de recusa, a qual implicaria a remoção de seu nome do “livro”: “Este povo cometeu um grave pecado ao fabricar um deus de ouro. Agora, pois, se perdoasses o seu pecado... Se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste”. *Ex* 32. É possível, ainda, encontrar outras passagens que sustentem a inferência ao *Livro da Vida*, a exemplo do *Evangelho de Lucas*: “Contudo, não vos alegreis porque os espíritos se vos submetem; alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão inscritos nos céus”. *Lc* 10: 20. A menção ao *Livro da Vida*, entretanto, remete ao *Apocalipse*, designando sinônimo de salvação e garantia da vida eterna. O pedido que encontramos no trecho acima, clama pelas dificuldades na vida terrena, transitória, como forma de teste para a garantia da vida eterna. Trata-se de um entendimento baseado na *Carta aos Romanos* e desenvolvido por Agostinho, segundo o qual a condição mortal da carne pecadora seria um ato da misericórdia divina por limitar o tempo de sofrimento, sendo substituído por um corpo não corrupto no momento da ressurreição apocalíptica, concedido aos fiéis. Ver *Rm* 5: 20-21; 11: 30-32. Esse tema é desenvolvido por Agostinho, sobretudo, no *Livro XIII da Cidade de Deus*.

17 - [XX, 2] - *Nem os que então eram justos podiam entrar no Reino Celeste e se salvarem, antes de tua paixão e do resgate de tua sagrada morte:*

Os livros do *Novo Testamento* possuem como núcleo a vinda e realização do “Reino de Deus”. O cristianismo, como um todo, articula os seus princípios de fé em torno dessa noção. Ela se desenvolveu a partir dos *Livros Proféticos*, emprestando da imagem do “Messias” a ideia de soberania e governo: a linhagem real de Davi, como dito em *Sm* 7: 12-29, *Is* 11: 1, *Jr* 5-6; 33: 14-16; “rei de Jerusalém”, em *Zc* 9: 9-17; o “Príncipe da paz”, em *Is* 9: 1-6; e o pastor que “governará Israel” em *Ez* 34: 23-24; 37: 24-25; *Mq* 5: 1-3. À imagem do soberano terreno, sobrepõe-se o aspecto transcendente, como em *Dn* 7, no qual seu domínio é descrito como “reino dos santos do Altíssimo”, o qual será “arrebataado”, “destruído e reduzido a nada até o fim”, apenas para se reconstituir como “reino eterno”, ao qual “todos os poderes servirão e prestarão obediência”; ou em *Isaiás*,

42: 1-9, onde o reino vindouro é descrito como “luz das nações” que “abrirá os olhos dos cegos”, e seu Messias, em 52-53, aquele que “oferece sua vida em sacrifício expiatório” e por meio de quem “o desígnio de Deus triunfará”. A herança profética deu forma à mensagem expressa nos *Evangelhos*, nos quais o “Reino” se apresenta, sobretudo, como realidade vindoura, mas cujos inícios já teriam se pronunciado pela pregação de Jesus. Sua primeira identificação, segundo o desenrolar dos eventos bíblicos, se dá por João Batista, sendo a morte deste reafirmada como indício de sua proximidade. Ver *Mt* 3: 2; 4: 17; *Mc* 1: 15. Jesus a reafirma, inúmeras vezes, sob parábolas, conferindo-lhe diversas associações que são empregadas na tradição cristã como seus sinônimos. O Reino, assim, é “semelhante ao grão de mostarda”, “a menor de todas as sementes”, mas que uma vez semeada, torna-se a maior das hortaliças, como árvore, “a tal ponto que as aves do céu se abrigam nos seus ramos” (ver capítulos VIII, 2; XXIII, 3; XXXIII, 1); é como “vinha” que deve ser trabalhada (ver capítulo XLIX, 2, e nota 44 destes comentários. p. 309); como o “convite às núpcias de um rei”; ou as dez virgens, que com lâmpadas acesas, devem esperar, com dedicação e atenção, a seu esposo. *Mt* 13: 31-51; 20: 1-16; 21: 31-43; 22: 2-13; 25: 1-13. Como núcleo comum, tem-se o “Reino de Deus” como chamado, ao qual apenas os fiéis atenderiam, e cuja comunidade representaria sua própria realização: “A vinda do Reino de Deus não é observável. Não se poderá dizer: ‘Ei-lo aqui! Ei-lo ali!’, pois eis que o Reino de Deus está entre vós.” *Mt* 17: 20-21. Ver também 8: 11-12. Sobre a recusa ao Reino, ver *Mt* 8: 11-12; 11: 12; 13: 11; *Lc* 9: 62. A natureza do Reino é presente, como em *Mateus* 12: 28, mas também futura, como em 10: 7 e 24: 14. Ele já teria se dado a mostrar entre os fiéis, como dito em 3: 11. Dele participarão os pobres, os mansos, os que tem fome, os misericordiosos, os pacíficos e os injustiçados, como afirmado no icônico Sermão da Montanha; é a retribuição justa por cada ação; é concedido aos “pequenos” (na *Vulgata Latina*, “*parvuli*”, palavra que pode tanto designar “criança” quanto “pobre” ou “humilde”); é daqueles que trocaram os bens do tempo pela vida futura. *Mt* 5: 1-12; 16: 27; 18: 34; *Lc* 12: 22-24; 18: 29. O Reino assume, ainda, conotações apocalípticas, denotando a efetivação da recompensa divina aos seus fiéis. Em *Mateus*, Jesus o instituiria ao seu retorno, vindo “na glória de seu Pai, com os seus anjos”, retribuindo a cada um “de acordo com o seu comportamento”, e uma vez “proclamado no mundo inteiro”, viria “o fim”. *Mt* 16: 27; 24: 14. Encontramos citação semelhante na *Primeira Carta aos Coríntios*: “A seguir haverá o fim, quando ele entregar o reino a Deus Pai, depois de ter destruído todo Principado, toda Autoridade, todo Poder.” *I Cor* 6: 9-10. Por fim, no *Apocalipse*, o Reino é a “glória e o domínio pelos séculos dos séculos”

daquele “que nos lavou de nossos pecados com sangue e fez nós [os fiéis] uma Realeza de Sacerdotes para Deus”. Esses, após a recompensa da vida após a morte, reinariam junto de Cristo. *Ap* 1: 6; 20: 4-5. A *Imitação de Cristo* joga com todos esses sentidos, fazendo do Reino um vislumbre da recompensa vindoura, coadunando seus sentidos presentes, como a vida religiosa, a paz de espírito e a graça, com a realização futura. (*Livro I*: XXII, 3; XXIV, 6; *Livro II*: IX, 7; XI, 1; XII, 2; 15; *Livro IV*: II, 1; XI, 3). Esse sentido é nítido em sua formulação mais explícita, no início do *Livro II*: “‘O Reino de Deus está no meio de vós’, diz o Senhor. Converte-te, de todo coração, ao Senhor e abandona este mundo miserável, e a tua alma encontrará repouso. Aprende a desprezar as coisas exteriores e a dar-te às interiores, e verás o Reino de Deus vir a ti. O Reino de Deus é a paz e a alegria no Espírito Santo, o que não é dado aos ímpios. Cristo virá até ti, mostrando sua consolação, se, em teu interior, lhe tiveres preparado uma digna morada. Toda a sua glória e esplendor partem do interior, e, ali, ele se agrada em visitá-lo, com a honra interna, o doce diálogo, a grata consolação, a abundante paz e a estupenda familiaridade!”. *Livro II*: I, 1. Neste terceiro livro, seguindo a gradação do percurso místico estabelecido pela compilação, enfatiza-se o Reino como uma realidade futura, a ser plenamente realizada no momento apocalíptico. Dessa forma, ele se junta a outras imagens que remetem ao juízo final, característica desta terceira parte: a lembrança da promessa como reforço dos propósitos espirituais. Ele aparecerá associado à Jesus como “coroa” do percurso terreno; como resultado das virtudes; como o “Reino” que não conhece fim; como expectativa ansiosa; e como âmbito da vida dos santos, que o possuem como recompensa. *Livro III*: XX, 3; XLV, 1; XLIX, 4; L, 3; LI, 3; LX; 2-10. Se a *Imitação de Cristo* se utiliza do Reino como imagem de recompensa à dedicação aos propósitos espirituais, encontramos o mesmo artifício em outros textos de Thomas de Kempis, porém aplicados às figuras dos fundadores da *devotio moderna*. Geert Groot, por suas pregações, teria “garantido grande ganho a Cristo e conduzido muitos ao Reino” (“*vt sic Christo lucrum maximum ferret & multos secum ad aeternum perduceret regnum*”), enquanto os leigos que o ouviam “abandonavam as vaidades do século às palavras de Deus, desejosos de fugir das penas do inferno e alcançar os Reinos Celestiais pela penitência e lamento” (“*multi clerici & laici audito verbo dei reliquerunt vanitates seculi: cupientes euadere poenas ignis aeterni, & regna caelestia per poenitentiam & luctum adipisci*”). Florent Radewijns, por sua vez, “devoto seguro e humilde sacerdote de Cristo”, teria adentrado à vida eterna “pela virtude da verdadeira humildade, o caminho mais correto para a promessa do Reino Celeste” (“*Hanc autem verae humilitatis virtutem, qua rectissima via est ad caeleste regnum*

promerendum, secutus est deuotus & humilis sacerdos Christi magister Florentius”). “Vita venerabili magistri Gerardi magni, vulgariter Groot.” Capítulo VIII - Quod consilio religiosorum coepit verbum dei praedicare. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folha CLIII. “Vita reuerendi patris domini Florenti”. Capítulo I - De humilitate Christi quam dominus Florentius studuit imitari; Capítulo VI - De conuersione eius per praedicaionem magistri Gerardi. *Ibidem*. Folhas CLXI; CLXII.

18 - [XXI, 4] - *Mas, se desejas ser coroado, luta com coragem e suporta com paciência! Sem trabalho, não se vai ao descanso; nem sem combate, chega-se à vitória:*

Sobre o tom bélico e a metáfora guerreira, presentes neste trecho, ver nota 10. pp. 279-280. O decorrer do *Livro III* apresentará outros trechos com tonalidade semelhantes.

19 - [XXII, 3] - *Revigora-me com a força do céu, para que o homem velho, a mísera carne, ainda não sujeita ao espírito, possa ser dominado, contra quem é necessário lutar enquanto se respira nesta mísera vida!:*

A menção ao “homem velho” (“*vetus homo*”) é um empréstimo das cartas paulinas, uma referência à condição pecadora anterior à promessa da salvação expressa na figura de Jesus. Esse seria substituído pelo “homem novo” ou “nova criatura”, regenerada em sua condição primeira, livre do pecado e reconduzida à sua primeira imagem pela ação redentora da vida espiritual. Em última instância, a morte do “homem velho” e o “nascimento do homem novo” podem também se referir à “transformação” do corpo apresentada na *Primeira Carta aos Coríntios*: “nós seremos transformados. Com efeito, é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade”. *I Cor* 15: 52-53. (“*et nos immutabimur. Oportet enim corruptibile hoc induere incorruptionem: et mortale hoc induere immortalitatem*”). *I Cor* 15: 52-52. *Vulgata Latina*. Sobre o “novo homem” e “nova criatura”, ver *Rm* 6: 5-7; *II Cor* 5: 16-17; *Ef* 2: 15-16; 4: 20-24; *Cl* 3: 9-11 (na versão da *Vulgata Latina*, encontramos o mesmo termo empregado em *I Cor* 15: 52-53, “revestir” (“*induire*”) para designar a formação do “homem novo”). Foi sob essa base bíblica que a *devotio* operou uma das mais incríveis formulações, expressa, também, neste trecho. Jacobus de Voecht, na *Narratio de inchoatione domus clericorum in Zwollis*, (“*Narrativa sobre a formação da Casa dos Clérigos em Zwolle*”), escrita aos finais do século XV, inicia seu relato afirmando a

condição “fria” dos religiosos em “um mundo que envelhece: “A vida comum foi instituída e observada na religião católica por Cristo e pelos apóstolos, e depois, pelos condutores da Igreja pela imposição de decretos, e mesmo conduzida pelos sacerdotes e clérigos. Desde então, foi resguardada e revisitada, em emulação devota, pelos Santos Pais em diversos locais solitários. Infelizmente, neste mundo que já envelhece para a malícia, por conta de um clero frio em caridade, ela tem sido observada com dificuldade por poucos, ou por quase ninguém, em nossa região. Entretanto, pelo Senhor misericordioso e atento, no céu, à salvação de muitos, foi resgatada. Com a oportunidade e cooperação desses muitos, que a resguardavam, a disciplina monástica começou a reflorescer e ser restaurada, por toda parte, no ano do Senhor de 1377 [data da conversão de Geert Groot].” (*“Communis vita in catholica religione a Christo et apostolis instituta et observata, et post ab ecclesie rectoribus cum certis quibusdam decretis imposita, seu etiam precepta sacerdotibus et clericis, et ob hoc olim strennue servata necnon a Sanctis patribus in diversis locis et solitudinibus devota emulatione diu frequentata fuit. Hec jam senescente mundo, et prope dolor, per maliciam caritate precipue in clero refrigesciente, a paucis, ymmo a nullis pene in nostra regione observabatur. Verum miserante Domino et de celo perspiciente in salutem multorum, reassumpta fuit, et occasione ac cooperacione eorum, qui eam servaverunt, quae ubique monastica disciplina refluere ac restaurari cepit anno Domini 1377”*). SCHOENGEM, M.. *Narratio Jacobus Traiecti alias de Voecht narratio de inchoatione domus clericorum in Zwollis*. Werken uitgeeven door het Historisch Genootschap. Serie n° 13. Amsterdam: Johannes Müller, 1908. pp. 1-2. Thomas de Kempis se expressara de forma semelhante ao se referir à comunidade de São Lebuíno, em Deventer, sob a tutela de Florent Radewijns: “Ali a memória dos antigos pais e a convivência fervorosa dos monges do Egito, que jazia quase semimorta na terra, retornou à vida. A condição dos clérigos ressuscitou à norma da suma perfeição, conforme os primórdios da Igreja.” (*“Ibi antiquorum patrum memoria, & Aegyptiorum monachorum feruida conuersatio, quam quasi semimortua iacuit in terra ad vitam rediit: & clericorum status ad summae perfectionis normam, secundum ecclesiae primordia surrexit.”*). “Vita reuendi patris domini Florenti”. Capítulo XXI - De visione Crucifixum super domum eius apparentis”. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXVI. Apesar das diferentes palavras empregadas - “vetus”, na *Vulgata Latina*, “senescente”, em Voecht, e “semimortua”, em Thomas - percebemos uma mesma percepção em torno da ideia da velhice e da perda de vigor, aplicada à condição da vida espiritual tal qual como era percebida pelos devotos. No

decorrer da *Imitação de Cristo* também encontramos afirmações de teor semelhante, a exemplo do *Livro I*, Capítulo XVIII, 6: “Ó, condição negligente de nosso tempo, que tão rápido declinamos do fervor primevo! Já cansa viver diante da lassidão e do torpor! Que não te durma, inteiramente, o progresso nas virtudes, do qual viste, muito mais vezes, vários exemplos dos devotos.” A *devotio moderna* parece ter estendido ao seu mundo a concepção paulina do “homem velho”, como se dissesse que seu próprio tempo fosse marcado pela corrupção e pelo apego aos anseios materiais. Sustentando o discurso de uma ruptura, apresentava seu projeto como “regeneração”, o retorno à imagem do cristianismo originário, tal qual a ideia do “homem novo”. Quando Henry Pomerius, em torno de 1420, compôs sua crônica “*De origine*” (“*Sobre a origem*”), ele apresentou Groot como “a fonte e a origem da devoção moderna” (“*fons e origo moderne devotionis*”), tal qual retomado por Voecht, colocando em palavras o que deveria ser o sentimento do projeto religioso que se constituía. VAN ENGEL, John. *Sisters and Brothers of the Common Life: Devotio Moderna, self-made societies, and the world of the later middle ages*. Pennsylvania, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008. pp. 7-8. O termo “*modernus*, -a, -um”, adjetivação do advérbio “*modo*” (“agora”, “nesse momento”), carrega em si a ideia de contemporaneidade, de algo que corre no presente, como “de agora”, “desse momento”. Ver “*modus*, -i”. ERNOULT-MEILLET. pp. 408-409. Assim, a *devotio moderna* procurava se “revestir” da imagem do “novo”, pretendendo se apresentar como a reconexão com a imagem originária do cristianismo.

20 - [XXIII, 1-2] - Por fim, acima dos anjos e arcanjos, e acima de todo exercício do céu, ... pois tu és meus Deus, o melhor acima de tudo:

A compilação da *Imitação de Cristo* cita, com certa frequência, os anjos. Nos encontramos, no *Livro I*, nos capítulos VIII, 1; XIX, 1; XX, 6, e no *Livro III*, em XI, 3, 6; XV, 1. Os anjos também serão referidos nos capítulos XLV, 2; XLVII, 3; e LIX, 3. No trecho acima, encontramos, pela primeira vez, a menção aos “arcanjos”, e, no *Livro IV*, ainda encontraremos menções aos Querubins e Serafins, no capítulo III, 4. Esses diferentes seres são apresentados de acordo com a concepção medieval das “hierarquias celestiais” ou “angélicas”, segundo a qual, cada categoria, especificada por um nome distinto, ocupa uma função no governo do universo. Os anjos e sua presença permeiam os livros bíblicos, sem, porém, possuírem uma natureza comum, resultado dos diferentes contextos de suas composições. Nos livros do *Pentateuco*, resultados de composições de

diferentes tradições entre os séculos IX e VII A.E.C, os anjos são apresentados em íntima relação com Iahweh, como formas intermediárias frente aos seres humanos, como “enviados”, ainda que também se distingam de suas manifestações diretas, a exemplo das narrativas presentes no *Êxodo*, nas quais o vemos em contato direto com Moisés. Ver como exemplos *Gn* 16: 7-10; 21: 17; 22: 11; 31: 11; *Ex* 3: 2; 14: 19. Nota “a”, página 54. *Bíblia de Jerusalém*. Essa perspectiva encontra seu maior fundamento no episódio da luta de Jacó com um ser misterioso: o conflito se desenrola durante a escuridão da noite, sem que Jacó possa ver seu adversário, que o vence ao deslocar a articulação de sua coxa. O ser solicita a sua partida, deixando implícita a sua vitória, mas Jacó somente a concede mediante uma benção. Ela é dada na forma de um novo nome, Israel, pois fora “forte contra Deus e contra os homens”, cujos sentidos “que Deus se mostre forte” e “ele foi forte contra Deus” também parecem possíveis. A identificação desse ser com Iahweh, na forma implícita de um anjo, fica clara em sua recusa ao revelar seu nome, uma prerrogativa divina que perpassa todo o *Antigo Testamento*, e também no batismo da localidade da luta, por Jacó, como Fanuel, pois ali “viu Deus face a face”. *Gn* 32: 23-32. Ver também notas “c” e “d”, página 77. *Bíblia de Jerusalém*. Nesse sentido, tem-se também os anjos enviados a Sodoma, cuja ação se dá em plena sintonia com o diálogo de Abraão com Iahweh, e, desenvolvido sob essa mesma tradição, o anjo que anuncia a Maria e a José o nascimento de Jesus. *Gn* 19: 1; *Mt* 1: 18-25; *Lc* 1: 26-38. Esses anjos, formados e enviados por Iahweh, estão na origem dos “protetores”, familiares a nós pelo termo popular “anjos da guarda”, figuras que a *Bíblia de Jerusalém* identifica como o início de sua distinção com esses seres, a exemplo de *Gn* 24:7; *Ex* 23: 20; *Nm* 20:16; e *Tb* 5: 4. No profetismo tardio de *Ezequiel* (c. 593-571 AEC), *Zacarias* (c. 520-518 AEC) e *Daniel* (c. 167-164 AEC), os anjos assumem a função de intérpretes, explicando aos profetas suas visões. “Introdução aos Profetas”. *Bíblia de Jersualém*. pp. 1242-1246, 1250-1251, e nota “d”, página 1538. Ver *Ez*; 40: 3; *Dn* 8: 16; 9: 21; 10: 5; *Zc* 1: 8; 2: 2. No *Livro de Tobias*, composto por volta de 200 AEC, encontramos a fala de Rafael, que se identifica como um dos “sete anjos que estão sempre presentes e têm acesso junto à Glória do Senhor”. *Tb* 12: 13-15. Em toda a *Bíblia*, apenas três são nomeados: além de Rafael, em *Tb* e 3:17; 12: 13-15; Gabriel, em *Dn* 8: 16; 9: 21; *Lc* 1: 19, e Miguel (“aquele que é como Deus”), único a ser identificado como “Príncipe” em *Dn* 10: 13-21. Ver também 12: 1; e *Jd* 9. Ao lado dos anjos, no *Antigo Testamento* encontramos seres intimamente relacionados, apresentadas sob os nomes de *Querubins* e *Serafins*, figuras cuja gestação nas concepções mitológicas da cultura mesopotâmica é mais nítida. Os

primeiros encontram a sua mais antiga expressão em *Ex* 25: 18, na descrição do ornamento da Arca da Aliança: seres humanos alados, prostrados e com suas asas se tocando, inseridos acima do propiciatório. Representam a versão hebraica dos *karibu* babilônicos e assírios, figuras antropomórficas, humanos dotados de asas, por vezes com corpo de leão, patas de touro, asas de águia e faces humanas, representações frequentes nos monumentos da mesopotâmia. Notas “f”, página 138; e “d”, página 1483. *Bíblia de Jerusalém*. Após a expulsão do Paraíso, querubins munidos de uma espada fulgurante são posicionados como guardas, impedindo o retorno de Adão e Eva. *Gn* 3: 22-24. Em *Ezequiel*, os Querubins são seres dotados de quatro asas e quatro faces - humana ou “de querubim”, de águia e, à direita, de leão, e à esquerda, de touro – possuindo, igualmente, quatro mãos, e pernas dotadas de cascos. Assentam-se sobre duas rodas entrelaçadas, e sua aparência fulgura “como o brilho do latão polido”. Assumem o papel de conduzirem Iahweh em sua saída do Templo de Jerusalém, como conduções do “carro de Iahweh”. *Ez* 1; 10. Os *serafins*, cuja etimologia significa “abrasadores” ou “fulgurantes”, na *Bíblia*, não se diferem totalmente dos *querubins*, embora sejam descritos como seres possuidores de seis asas. Nota “f”, página 1263. *Bíblia de Jerusalém*. Em *Isaías*, é dito que duas de suas asas cobrem suas faces, duas os pés e voavam com as outras duas. *Is* 6: 2. A tradição judaica apócrifa desenvolveu e aprofundou a distinção entre seres, adicionando novos nomes a essas figuras “dos poderes cósmicos”, das quais o cristianismo importaria para suas próprias concepções. Nota “k”, página 2040. *Bíblia de Jerusalém*. Em *Efésios* 1: 21, são mencionados os Principados, Autoridades, Poderes e Soberanias, e em *1 Colossenses*, 2: 15, apenas os Principados e Autoridades. Em ambas, Paulo reforça o poder de Cristo sobre essas figuras, atestando sua posição como “cabeça da Igreja”, suprimindo a dívida que subjugava os seres humanos aos poderes angélicos. Em *Hebreus* 1: 5-14, é dito que os anjos são “espíritos servidores”, empregados para o propósito da salvação. Por fim, no *Apocalipse*, os anjos conduzem o desenrolar dos eventos: anunciam-no a cada uma das sete igrejas, auxiliam a Deus como sacerdotes, figurados nos setes anciões, tocam as trombetas que desencadeiam os cataclismas, leem o livro com o nome dos salvos, lançam o furor de Deus sobre a Terra, clamam pela vitória sobre a “Babilônia”. O acúmulo dessa miríade de seres, pouco precisos nos livros bíblicos, foi organizada no século V, pelo pseudo-Dionísio – identificado pela tradição cristã com o Aeropagita – na obra *Hierarquias Celestiais*, que se tornaria a máxima expressão para a concepção angélica durante a Idade Média. De caráter eminentemente neoplatônico, os anjos são organizados em um total de nove níveis hierárquicos, divididos em três grupos com funções distintas

no âmbito da ordem cósmica da criação. No primeiro deles, o mais próximo de Deus, os Serafins, seguidos pelos Querubins e Tronos, responsáveis pela execução da consciência direta de Deus. No segundo, os Domínios, responsáveis pela condução dos elementos da criação, as Virtudes, que movem os céus e as Potestades, que zelam pela manutenção da ordem da criação. No terceiro, os Principados, responsáveis pela condução do governo humano segundo os desígnios de Deus, os arcanjos, associados ao culto divino e às coisas sagradas e, por fim, os anjos, encarregados das coisas menores e dos indivíduos. Os últimos em cada um dos três níveis – Tronos, Potestades e Anjos - realizam as intermediações entre os níveis inferiores e superiores, de modo a comunicar todo o sistema. YATES, Frances A.. *Giordano bruno e a tradição hermética*. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. 10ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. Pp. 139-141. Foi sobre essa estrutura que Thomas de Aquino discutiu a organização dos anjos na Questão 108 da Primeira Parte da *Summa Theologica*, utilizando-se, também da *Homilia* 34 sobre os *Evangelhos* de Gregório Magno (590-604), o qual inverteu a posição das Virtudes com os Principados. AQUINO, Thomas de. *Suma Theologica*. Volume 2. Tradução. 2ª edição. São Paulo. Edições Loyola, 2005. Parte I, questão 108. pp. 763-784. Também no *Paraíso*, Dante Alighieri, ao ascender aos limites do nono céu, contempla a condução da criação pelos anjos, dispostos em sua devida hierarquia e função: “E Aquela, que bem via aos meus cuidados:/ ‘São serafins e Querubins, que/ pelo primeiro giro’, disse, ‘são levados,/ tão velozmente seguem seu modelo,/ de semelhar-se ao Ponto na intenção;/ e mais podem quão mais cheguem a vê-lo./ Amores outros que à volta lhes vão,/ chamados Tronos do Supremo Ser,/ da prima tríade ultimam a missão./ (...) Nessa encontram-se as outras divindades:/ frente às Virtudes vem Dominações,/ na primeira, e por fim as Potestades./ Nas penúltimas duas exultações,/ Arcanjos giram, pós os Principados;/ a última é toda Angélicas fruições./ Pra cima esses céus todos são voltados,/ e tão altos estão que todo a Deus/ o mundo levam/ sendo-lhes levados./ Dionísio com tal gosto os apogeu/ se pôs a contemplar, que distribuiu,/ como eu disse, e nomeou todos os céus;/ mas Gregório, que dele divergiu,/ os olhos ao abrir, quando chegou/ para este céu, de si mesmo riu.” (“*E quella che vedea li pensier dubi/ ne la mia mente, disse: ‘I cerchi primi/ t’hanno mostrato Serafi e Cherubi./ Così veloce seguono i suoi vimi,/ per somigliarsi al punto quanto ponno;/ e possono quanto a veder son sublimi./ Quelli altri amori che ’ntorno il vonno,/ si chiaman Troni del divino aspetoo,/ per che ‘l primo ternaro terminono./ (...) In essa gerarcia son l’altre dee:/ prima Deominazioni, e poi Virtudi; l’ordine terzo di Podestadi èe./ Poscia ne’ due penultimi tripudi/ Principati e Arcangeli*”).

si girano;/ l'ultimo è tutto d'Angelici ludi./ Questi ordini di su tutti s'ammirano,/ e di giú vincon sí, che verso Dio/ tutti tirati sono e tutti tirano./ E Dïonisio co tanto disio/ a contemplar questi ordini si mise,/ che li nomò e distinse com'io./ Ma Gregorio da lui poi si divise;/ onde sí tosto come li occhi aperse/ in questo ciel, di sé medesimo rise."

Tradução e texto em ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – Paraíso*. 3º edição. Bilingue; tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014. Canto XXVIII: 97-135. pp. 198-200. No trecho apontado, o conjunto dos diferentes tipos de anjos são agrupados na imagem do “exército dos céus”, em uma metáfora bélica característica do *Livro III*. Acima deles, está Deus, a quem obedecem e, segundo suas ordens, zelam pela manutenção da ordem cósmica e pela efetivação dos desígnios divinos. Sobre a “metáfora bélica”, ver nota 9 destes comentários. pp. 278-279.

21 - [XXIII, 5] - *E assim, estejas pacífico e contente, no primeiro ou no mais novo lugar... ou tido como maior no mundo:*

O parágrafo 5 é uma exortação à humildade e instrução à recusa da fama e louvores do mundo. Em meio a suas frases, localiza-se a oração acima destacada, recomendação sutil aos possíveis riscos da insatisfação em determinada comunidade ou regra - o “lugar” (“*locus*”) - que poderiam gerar inquietações aos devotos e lhes levar a crer que poderiam estar em melhor situação ou obter maior progresso espiritual em outras casas, ou também sob outros superiores e instrutores, sob outra regra ou mesmo em outros ambientes. A esse respeito, ver parágrafos 1 e 2 do Capítulo IX, *Livro I*, e nota 26 dos Comentários ao *Livro I*. p. 232.

22 - [XXV, 4] - *Diz aos mares e a Aquilônio que se aquietem!:*

Menção ao episódio em que Jesus, em um barco junto de seus discípulos, ordena que uma tempestade cesse. Ver *Mt* 8: 23-27; *Mc* 4: 35-41; *Lc* 8: 22-25. “Aquilônio” (“*Aquilonius*, -i”) designa o vento do norte, especialmente forte e sinônimo de tempestade. Trata-se de vocabulário comum da *Vulgata Latina*. Nesta oração do capítulo XXV, refere-se à tranquilidade, ao descanso e ao bom ordenamento espiritual, oposto aos “ventos e tempestades”, as tribulações, dificuldades e inquietações. A direção norte, tradicionalmente, foi entendida também como a orientação para a parte do universo dedicado, por Deus, às forças malignas. As igrejas, cujas entradas deveriam estar face ao leste, possuíam seu lado esquerdo para o norte. O âmbito esquerdo, por sua vez, possui

uma associação de longa data com o maligno e com a má sorte, sendo a palavra “sinistro”, uma herança do adjetivo latino “*sinister*, -a, -um”, “esquerdo”. MUCHEMBLEMED, Robert. *Uma História do Diabo: séculos XII-XX*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001. pp. 27-28.

23 - [XXVII, 1] - *Deixo-vos, a paz; dou-vos minha paz. Não vos dou como o mundo dá (...) Tua paz estará na muita paciência. Se me escutares, se tiveres seguido minha voz, desfrutarás de muita paz:*

As palavras iniciais desse parágrafo são um empréstimo literal do *Evangelho de João*, 14: 27.

24 - [Capítulo XXVIII]:

A EA-1471/72 enumera esse capítulo, erroneamente, como XXIX. Corrigimos a numeração, em maior comodidade ao leitor e padronização para a sua identificação.

25 - [XXVIII, 4] - *No entanto, a Lei Santa proíbe o supérfluo e o que por demais deleita, porque de outra forma, a carne se torna insolente diante do espírito. No meio disso, peço que tua mão me governe e ensine, para que não haja excessos:*

Neste trecho, o *Livro III* faz menção à *Carta aos Romanos*, 7: 12. A “Lei Santa” (“*Lex sancta*”) se refere ao Decálogo, também chamada “Lei Mosaica”. Ver *Ex* 20: 1-21; *Dt* 5: 1-22. No capítulo bíblico do qual a *Imitação de Cristo* extrai a menção, desenvolve-se o argumento de que o pecado só se dá a mostrar mediante a lei. A primeira parte do raciocínio paulino parte do pressuposto de que a transgressão se constitui no próprio pecado, podendo existir apenas mediante à desobediência: conhecendo a lei, tal qual fora revelada, conhece-se o que não é permitido; conhecendo o que não é permitido, dá-se a obediência ou a desobediência, sendo o pecado, resultado dessa última. A segunda parte, apoiando-se na primeira, reafirma, então, a ciência do pecado enquanto possibilidade de escolha pela razão, à desobediência ou obediência. *Rm* 7: 7-24. O centro dessa argumentação se desenvolve em torno do desejo carnal, entendendo-o em relação ao décimo mandamento do decálogo, “não cobiçarás”: “mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que acorrenta à lei do pecado que existe

em meus membros”. *Bíblia de Jerusalém*. Rm 7: 7, 22. O Livro III, no trecho em questão, estendeu o raciocínio aos termos habituais da *devotio moderna*, os desejos mundanos, “o supérfluo e que por demais deleita” (“*superflua et que magis delectant*”). É importante frisar que o pensamento das cartas paulinas se contradiz em relação à existência do pecado diante da ausência da lei: na mesma *Carta aos Romanos*, 5: 13, “o pecado, porém, não é levado em conta quando não existe lei”, enquanto em 2: 12-14, “Portanto, todos aqueles que pecaram sem Lei, sem Lei perecerão; e todos aqueles que pecaram com Lei, pela Lei serão julgados. (...) Quando então os pagãos, não tendo lei, fazem naturalmente o que é prescrito pela Lei, eles, não tendo lei, para si mesmos são Lei”..

26 - [XXIX, 3] - *Assim será se não permaneceres em mim: nem toda mudança é para melhor, pois surgida e aceita a ocasião, encontrarás aquilo do qual fugiste, e de forma ainda mais intensa:*

Segundo Victor Becker, “*permutare te potes, non meliore*” (literalmente, “podes mudar, mas não para melhor”, traduzida aqui como “nem toda mudança é para melhor”), representaria uma aplicação do provérbio holandês “*verandering is nog geen verbetering*” (“nem toda mudança é uma melhora”). BECKER. Victor. L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais. p. 93. Ver também notas 26 dos *Comentários ao Livro I* e 21 desses comentários. pp. 232, 292.

27 - [XXIX, 5] - *Dá-me, Senhor, a sabedoria celeste, para que, acima de tudo, eu te procure e encontre; para que, acima de tudo, eu saiba e compreenda:*

TOC-1441 e EV-1483: “para que, acima de tudo, eu saiba e ame, e compreenda todo o resto como é, segundo a ordem de tua sabedoria...” .

28 - [XXXI, 2] - *E quanto mais difícil me for, tanto mais fácil te será minha mudança para a direita do altíssimo!:*

A expressão “direita do altíssimo” ocorre, com certa frequência, nos livros do *Novo Testamento*, em referência a Jesus. Ver *Mc* 16: 19; *At* 2: 33; 7: 55-56; *Rm* 8: 34; *Ef* 1: 20-22; *Hb* 1: 1-14; 8: 1; 10: 12; 12: 2; *I Pd* 3: 22. Na *Carta aos Romanos*, lemos: “Quem condenará? Cristo Jesus, aquele que morreu, ou melhor, que ressuscitou, aquele que está

à direita de Deus e intercede por nós?”. *Rm* 8: 34. Por essa menção, é possível inferir que o trecho acima denote a aprovação de Deus, como sinônimo de salvação. Seu lastro bíblico parece ser o *Salmo* 76 (77): 11: “Esse é o meu mal:/ a direita do Altíssimo mudou!”. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout: Brepols 2002. p. 526. A imagem da direita de Deus remete ao *Antigo Testamento*, sobretudo ao *Livros dos Salmos*, ocorrendo em 76 (77): 11; 109 (110): e 117 (118): 1. A direita como uma referência ao sagrado se encontra presente já nos livros do *Pentateuco*, noções, portanto, pertencentes de longa data na cultura hebraica (ao menos séculos IX a VI AEC). No *Livro do Êxodo* e *Levítico*, o ritual de expiação e purificação envolve a passagem de parte do sangue da vítima sacrificial sobre a orelha e polegares da mão e pé direitos do Sumo Sacerdote (no caso, Aarão). Os textos paulinos compreenderam esses rituais como prefiguração da crucifixão e ressurreição de Jesus, plasmando a imagem da direita de Deus, em sua dimensão positiva, no pensamento cristão.

29 - [XXXII, 6] - *Eu disse aos meus discípulos amados que, certamente, não os enviei à alegria temporal, mas às maiores lutas... Também não ao ócio, mas aos trabalhos; não ao descanso, mas à colheita de muitos frutos pela paciência:*

TOC-1441 e *EV-1483* terminam com “Lembra destas palavras, meu filho.” A menção aos “discípulos” (“*discipuli*”) faz referência às passagens de *Mt* 10: 17-25; *Mc* 13: 5-13; 16: 15; *Lc* 10: 1-120; *Jo* 15-17.

30 - [XXXIII, 1] - *não posso voar livremente até ti. Aquele que desejava voar livremente, dizia: “Quem me dera ter penas, como uma pomba, para voar e descansar!”:*

Menção literal do *Salmo* 54 (55): 7: “E eu digo/ Quem me dera ter asas como pomba/ para eu sair voando e pousar”. *Bíblia de Jerusalém*. (“*Et dixi:/ Quis dabit mihi pennas sicut columbae,/ et volabo, et requiescam?*”). *Vulgata Latina*. Essa não é a primeira vez que o *Livro III* se vale da imagem das aves enquanto metáfora para a vida espiritual. No capítulo VIII, ao fim do parágrafo 2, os “incautos” (“*incauti*”) que pretendessem realizações maiores que suas capacidades são comparados a aves que “fizeram seus ninhos nos céus” (“*in celum nidum posuerunt*”) mas não puderam voar com suas asas, esperando a plumagem necessária para isso (“*non in alis suis volare, sed sub*

pennis eius sperare”), até o momento em que, “inexperientes” (“*imperiti*”) e “sem ter se alimentado no plano da discrição” (“*nisi in consilio discretorum se regant*”), estariam vulneráveis, “podendo ser facilmente enganados e esmagados” (“*faciliter decipi possunt et elidi*”). Também encontramos uma referência a essa mesma analogia no capítulo XXIII, 3.

31 - [XXXIII, 4] - *Não nos lastimamos por nossos feitos. Porque toda a carne corrompeu seu caminho, seguiu-se o grande dilúvio!:*

O “Grande Dilúvio” é narrado no *Livro de Gênese*, ação punitiva contra a corrupção humana. A segunda frase do trecho acima, se inicia com um empréstimo literal da *Vulgata Latina*: “*omnis quippe caro corruperat viam suam*” (“Porque toda a carne corrompeu seu caminho”). Gn 6: 12. O relato bíblico conta como Deus “se arrependeu” (“*poenituit*”) de ter feito o homem sobre a terra ao ver “seu coração inclinado ao mau” (“*cordis intenta esset ad malum*”). Por isso, decide varrê-lo da face da terra. Envia quarenta dias e quarenta noites de chuva, criando um enorme dilúvio. Apenas Noé, “homem justo”, e sua família foram poupados, recebendo a instrução de construir uma arca para abrigar um casal de cada espécie animal. Ao fim, quando as águas finalmente cessam, a terra é então por eles repovoada. Ver Gn 6: 5 - 9: 17. A menção ao dilúvio, aqui, se apresenta como alerta aos riscos decorrentes dos desejos desordenados e de suas consequências.

32 - [XXXIII, 1] - *Arelados a si estão todos os proprietários, (...) que sempre dão voltas à procura de molezas, e não de Jesus Cristo:*

O texto latino da *EA-1471/2* traz as palavras *gario nagi*, sem sentido aparente. É provável que se trate de um erro de edição do termo “*gyrouagus, -a*” (“errante”, substantivo com o sentido de algo que se perde em giros ou voltas), grafado em uma variação quinhentista como “*gariouagi*” ou “*garouagi*”, o que se reforça pela grafia na *EV-1483* como “*gyrouagi*”. BLAISE. p. 383.

33 - [XXXIII, 2] - *mas permaneças às minhas ordens e às daquele que pus diante de ti, como pai:*

Thomas costuma se referir a Geert Groot, considerado o fundador da *devotio moderna*, e Florent Radewijns, seu mestre, como “pais”. O termo pode se referir a qualquer superior imediato das comunidades, àqueles que teriam como função supervisionar e instruir os devotos, tal qual figuras paternas. Na história do cristianismo, o termo “pai” foi empregado por diversas vezes, consolidando-se na designação de títulos ou funções específicos: “abade”, a partir do siríaco “*abba*”; “papa”, do grego “*πάππας*”, aplicado na antiguidade tardia em deferência aos bispos em geral, e, gradativamente, restrito ao bispo de Roma, no século VI; e o próprio “*pater, -tris*” latino, em suas diversas derivações correntes para se referir aos sacerdotes: *padre, père, prete*. A *devotio moderna*, porém, costuma empregá-lo como uma designação hierárquica interna às comunidades, como no trecho acima.

34 - [XXXV, 2] - *Assim, certa vez, em Betânia, os judeus veneravam junto a Marta e Maria, mas não por conta de Jesus, mas para verem Lázaro:*

Menção ao *Evangelho de João*, 12: 9: “Grande multidão de judeus, tendo sabido que ele estava ali, veio, não só por causa de Jesus, mas também para ver Lázaro, que ele ressuscitara dos mortos”. Lázaro é um personagem do relato joanino, cuja história prefigura a própria morte e ressurreição de Jesus. Sua história se inicia já com a informação de que se encontrava doente, fato que, no decorrer da narrativa, deixa entrever sua morte iminente. Suas irmãs, Maria e Marta, recorrem a Jesus, solicitando que fosse até Betânia, na então província da Judeia, onde habitavam. Uma vez informado, Jesus diz: “Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus.” O relato afirma que Jesus se retém onde se encontrava por mais dois dias, quando então manifesta aos discípulos sua intenção de partir para a Judeia: “Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo. (...) Lázaro morreu. Por vossa causa, alegro-me de não ter estado lá, para que creiais. Mas vamos para junto dele!”. Quando finalmente chega a Betânia, Lázaro já se encontrava morto e sepultado há quatro dias. Suas irmãs eram consoladas pelos amigos - no relato “muitos judeus”. Jesus é recebido, primeiro, por Marta, que a ele acorre ao saber de sua chegada; em seguida, Maria, convocada pela irmã, a ele também se dirige. Ambas informam a morte de Lázaro, “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido”, ao que Jesus pergunta onde havia sido sepultado. Marta e Maria o levam ao local, e pela única vez em todo o relato bíblico, Jesus, comovido, chora, ato entendido como amor por Lázaro: “Vede como ele o

amava!”. O sepulcro, tal qual será o de Jesus, é uma gruta, com uma pedra na porta. Ele solicita que o abram, ao que Marta protesta com dizeres, que, na narrativa, atestam a morte: “Senhor, já cheira mal: é o quarto dia!”. Mas Jesus cobra a crença em suas palavras, e erguendo os olhos para o alto, diz: “Pai, dou-te graças porque me ouviste./ Eu sabia que sempre me ouves;/ mas digo isso por causa da multidão/ que me rodeia,/ para que creiam que me enviaste. (...) Lázaro, vem para fora!”. Lázaro ressuscita, saindo, enfaixado e coberto por seu sudário, de seu sepulcro. *Jo 11*. Traduções da *Bíblia de Jerusalém*. Seguindo o relato, Jesus retorna, sem sabermos de onde, para Betânia, a seis dias da Páscoa, sendo recebido pelos três irmãos com um jantar. É nesse momento em que temos o trecho mencionado na frase acima, quando uma multidão se reúne para ver não apenas Jesus, mas também Lázaro, o ressuscitado. *Jo 12: 1-10*. A citação a Lázaro, aqui, se dá por dois propósitos. O primeiro se insere nas muitas referências do *Livro III* ao momento apocalíptico, quando os mortos ressuscitarão para serem julgados, e, de acordo com sua conduta, serem recompensados com a vida eterna. Ver *Ap 20: 11-14*. O segundo, reproduz uma tópica da *devotio moderna*. A *Vulgata Latina*, a partir do qual o *Livro III* cita a passagem, traz “Logo via-se uma grande multidão de judeus que para ali foram menos por Jesus do que para verem Lázaro, a quem ressuscitara dos mortos” (“*Cognovit ergo turba multa ex Judaeis qui illic est, et venerunt, non propter Jesum tantum, sed ut Laarum viderent, quem suscitavit a mortuis*”). *Jo 12: 9*. O parágrafo no qual esta citação se insere desenvolve o tema da “pura intenção” (“*purior intencionis*”), segundo o qual seria a devoção que deveria conduzir os anseios dos fiéis, e não as maravilhas, sejam elas materiais ou milagrosas. Encontramos críticas similares no *Livro I*, capítulos III, 1; XIII, 1-2; XVIII, 2; XXV, 5, e *Livro IV*, capítulo I, 8.

35 - [XXXVI] - Por que Deus se dá, acima de tudo e em tudo, a ser saboreado pelo amante. Capítulo XXXVI:

O capítulo XXXVI exacerba os sentidos do verbo “*sapio, -is*”, construindo paralelos entre as fases e efeitos que se perdem em português. Em latim, designa uma forma de conhecimento conectado à experiência, podendo assumir os significados de “sentir”, “provar”, “saborear”, “perceber” e, conseqüentemente, “saber”. A forma verbal “*sapio, -is*”, junto de seus derivados, vem sendo traduzida, no decorrer de nossa tradução, em seu sentido mais imediato, “saber”. Essa opção, porém, não permitiria uma adequada compreensão do texto deste capítulo, e, por isso, optamos por verter, simultaneamente,

“*sapio, -is*”, junto de seus derivados, por “*saber*” e “*saborear*”, de acordo com o sentido mais adequado à frase em questão. Sobre os sentidos de “*sapio, is*”, ver BLAISE. p. 738; ERNOULT-MEILLET. p. 594; GLARE. pp. 1863-1864. Note, por exemplo, a última frase do parágrafo 1, na qual se afirma que graça “deve ser bem saboreada” (“*bene sapere oportet*”) com o “tempero” (“*condimento*”) da “sabedoria divina” (“*tue sapientie*”).

36 - [XL, 1] - *mas antes se conduzem de acordo com o que está ordenado a Deus e instituído pelo Sumo Pontífice, que não deixa nada desordenado às suas criaturas:*

Neste trecho, tanto a *EA-1471/2* quanto a *EV-1483* trazem “*summo pontifice*” (“pelo Sumo Pontífice”) enquanto *TOC-1441* emprega “*summo opifice*” (“pelo Sumo Artífice”). Ambas as expressões parecem ser válidas para o contexto deste capítulo. A ideia de Deus enquanto “Artífice” não é estranha à interpretação Agostiniana, carregada de concepções neoplatônicas. No entanto, Deus enquanto criador costuma ser referenciado por “*conditor, -oris*” (“Criador”) e não por “*opifex, -icis*” (“Ártifice”). Assim, “Sumo Artífice” não representa uma noção alheia ao cristianismo, porém é rara, e não conseguimos identificar a razão de seu emprego. “Pontífice”, por outro lado, também soa possível, embora estranha. O termo “*pontifex, -ficus*” designava os membros da classe sacerdotal romana, responsáveis pela supervisão e execução dos ritos oficiais e públicos, sendo liderados pelo “*pontifex maximus*” (“Pontífice Máximo”). O título se conservou na linguagem religiosa, sendo adotado pelo cristianismo, no final do século V, para designar o bispo da diocese de Roma, durante o pontificado de Gelásio I (492-496). “*pontifex, -icis*”. ERNOULT-MEILLET. p. 521; CONGAR, Yves. “Papauté”. *Dictionnaire de l'Histoire du christianisme*. Paris: Encyclopaedia Universalis; Albin Michel, 2000. p. 780. A *devotio moderna* não costuma se referir, em seus textos, a autoridades eclesiais fora de seu círculo. Em relação ao Papado, há um motivo específico: os anos prováveis para a composição da *Imitação de Cristo*, entre 1410 e 1425, coincidem com um momento de perda de prestígio, resultado de disputas ocorridas durante o século XIV. Em 1305, o arcebispo de Bourdeaux, Bertrand de Got (1264-1314), foi eleito Papa, assumindo como nome Clemente V. Bertrand de Got era representante do clero francês e alinhado às posições do rei Felipe IV (r. 1285-1314), que anos antes se envolvera em uma disputa direta com Benedetto Caetano (1235-1303), Papa Bonifácio VIII (1294-1303), a respeito dos direitos de taxaço do clero francês e de nomeação de bispos. Sem ter se instalado em Roma como papa, Clemente V decide, em 1309, se fixar na cidade francesa de

Avignon, tornando-a sede da Cúria, início do período que ficaria conhecido como “Cativo de Avignon”. Pela primeira e única vez na história, os papas dirigiram a Igreja a partir da França. Como aponta Giacomo Martina, o papado de Avignon favoreceu fortemente as pretensões da coroa e do clero francês, em detrimento de outros reinos e regiões da Europa Ocidental: os sete Papas do período foram todos franceses, assim como a esmagadora maioria dos cardeais nomeados (113 entre 134) e dos santos canonizados (cerca de um terço). O papado, assim, comprometia sua dimensão universal, afirmada sobre a posição simbólica do Bispo de Roma, cuja função deveria legislar sobre o aparato eclesial de toda a cristandade ocidental. O sucessor de Clemente V, Jacques D’Euze (1245-1334), papa João XXII (1316-1334), agravou o mal estar ao se imiscuir na disputa de Luís da Baviera e Frederico Habsburgo pelo trono do Sacro Império Romano Germânico, região cujas fronteiras do norte - Colônia e Utrecht - seriam o berço da *devotio moderna*. João XXII chegou a excomungar Luís da Baviera, que assumira o trono *de facto* como Luís IV (r. 1328-1347). Esse, deu como resposta a declaração de deposição do papa e a nomeação de Pietro Rainalducci (1260-1333) como o antipapa Nicolau V (1328-1330). A disputa apenas se encerrou com a morte de Luís IV, alcançando o pontificado de Jacques Fournier (1285-1342), papa Bento XII (1334-1342). João XXII também foi responsável pelo desenvolvimento de uma política fiscal e centralizada, que garantia ao papado o direito de nomeação aos recursos destinados aos titulares das dioceses, as chamadas *prebendas*. Essa política foi percebida como intervencionista, uma vez que permitia ao papa agir, diretamente, na sucessão episcopal, além de poder destinar as prebendas a titulares que as administravam à distância, por meio de vigários.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja de Lutero a Nossos Dias. Volume I: A Era da Reforma*. Tradução de Orlando Soares Moreira. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014. pp. 57-64. Cabe lembrar que tanto Geert Groot e Florent Radewijns, os fundadores da *devotio moderna*, possuíam prebendas por serviços às dioceses de Aachen e Utrecht, as quais abandonaram no momento de suas conversões, entre 1374 e 1381, respectivamente. Ver nota 16, *Comentários ao Livro I*. p. 224. Groot justificou sua decisão nos *Conclusa et proposita, sed non vota* (“Resoluções e Propósitos, mas não votos”): “Em primeiro lugar está não desejar qualquer benefício, nem colocar esperanças e nem desejos futuros em algum ganho temporal, uma vez que quanto mais tiver, sem dúvidas, mais avaro me tornarei. (...) Também não me permitirei a dedicação aos serviços de nenhum cardeal ou eclesiástico em procura de benefícios ou bens temporais, pois esses serviços são próximos às muitas faltas e falhas, e tu és fraco e os perigos são muitos se

não ao serviço de Deus.” (*“Primum est. nullum amplius beneficium desiderare: nec spem nec desiderium in aliquod lucrum temporale ponere de futuro. Siquidem quanto plura habuero, tanto sine dubio auarior fuero. (...) Item nulli cardinale vel ecclesiastico, attento sino hoc seruium: ad beneficia vel bona temporalia consequenda: quia hoc seruitium multis lapsibus & reciduationibus proximum est: & et tu debilis es: & periculis multis nisi in seruitio dei”*). Conclusa & proposita, non vota, in nomine domini Gerardo edita”. In OC-1494, DANHAUSER. Folha CLVIII. O tom das resoluções de Groot deixam entrever a insatisfação com o decurso da administração eclesial, chegando a caracterizá-la como motivo de corrupção e de afastamento dos propósitos religiosos. O período de Avignon certamente suscitou desânimo em parte da cristandade e está na origem de movimentos que se desenvolveram sobre o compromisso individual, os quais procuraram se afastar da institucionalidade temporal da Igreja. A crise em torno do papado não findou com o seu retorno a Roma. Ao contrário, foi motivo de uma nova crise. Em 1377, Pierre Roger de Beaufort (1329-1378), papa Gregório XI (1370-1378), reconduziu a cúria para Roma, setenta anos após a última vez em que um papa pisara na cidade. Em pouco mais de um ano, Gregório XI faleceu, abrindo caminho para o primeiro conclave pós Avignon. O receio com o fortalecido clero francês e os temores do retorno para a França animaram a mobilização em torno da eleição de um papa italiano. Em um dos conclaves mais conturbados de toda a história, Bartolomeu Prignano (1318-1389) foi eleito e entronizado, em abril, como Urbano VI (1378-1389). Insatisfeitos, os cardeais franceses protestaram e se mobilizaram, elegendo, em setembro, Robert de Genebra (1342-1394) como papa Clemente VII (1378-1394), o qual se instalou em Avignon. Pelos próximos trinta anos, a cristandade ocidental se encontraria dividida entre duas obediências, no chamado “Cisma do Ocidente”: Estados Pontifícios, Inglaterra, Irlanda, Polônia e Sacro Império reconheciam o papa de Roma, enquanto França, Escócia, Espanha e Nápoles, o de Avignon. A região dos atuais Países Baixos, entre o Sacro Império e a França, se dividiu. Os impactos do Cisma não devem ser subestimados. Como aponta Alistair Mcgrath, em um momento de efervescência doutrinária e de intenso debate sobre a vida religiosa, a cisão e a crise de autoridade da Igreja operaram fora de sua normalidade. A disputa entre os dois papas também repercutiu em níveis locais, permitindo a bispos e autoridades monásticas aderirem a um ou outro papa, de acordo com seus interesses, ou mesmo cisões internas por mais de uma autoridade investida. William de Salvarvilla, arqui-diácono na diocese de Liège e colega de Geert Groot, o informava, em 1383, sobre seus desgostos em relação à vida eclesiástica: um ano antes, em 1382, fora expulso de Paris, onde atuava

como cantor em Notre Dame, por defender o papa romano. Quando se moveu para Liège, viu-se obrigado a perseguir e expulsar os partidários de Avignon. Groot respondeu dizendo que “vivera exatamente o mesmo” (“*experior hec valde in me*”), recomendando ao amigo que não ficasse cego “à ruína da Igreja”, fruto da “do mal proveniente da negligência”, e que “vivesse pelos livros e pela verdade, sem ser absorvido pelas ocupações do trabalho eclesiástico”. VAN ENGEN, John. *Sisters and Brothers of the Common Life*. p. 13. A situação alcançaria seu limite quando o Concílio de Pisa, em 1409, procurando colocar um fim ao cisma, elegeu Pedro Filargi (1340-1410) como papa Alexandre V (1409-1410). Não reconhecido por Roma e Avignon, Pisa se limitou a adicionar mais um papa na disputa. A crise somente foi resolvida em 1417, no âmbito do Concílio de Constança: convocado em 1414, depôs Baldassare Cossa (1370-1419), papa de Pisa João XXII (1410-1415), e Pedro Martinez de Luna (1324-1423), papa de Avignon Bento XIII (1394-1417); forçou a renúncia de Angelo Correr (1325-1417), papa de Roma Gregório XII (1406-1417); e, por fim, elegeu Oddone Colonna (1368-1431), investido sob o nome de Martinho V (1417-1431), nome que reunificou o papado. MCGRATH, Alister. *Origens intelectuais da Reforma*. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. pp. 25-27; MARTINA, Giacomo. *História da Igreja de Lutero a Nossos Dias. Volume I: A Era da Reforma*. pp. 65-82; VAN ENGEN, John. *Sisters and Brothers of the Common Life*. p. 91. A menção ao *Sumo Pontífice*, assim, soa estranha pelo fato do *Livro III* ter sido muito provavelmente composto no contexto de Constança (1414-1418), ou, no máximo, em um tempo no qual a lembrança do Cisma se mostrava vívida. É improvável que a *Imitação de Cristo* quisesse endossar a ideia do papa, por um título suficientemente vago, como autoridade divinamente instituída para dispor sobre os regulamentos de fé “que não deixassem nada desordenado à suas criaturas”. Ao contrário, suas afirmações direcionadas ao contexto cotidiano e individual reverberam uma possível crítica ao Cisma, às autoridades que deixariam de desempenhar seus deveres para com a cristandade em busca das “ vaidades do século” e “das honras mundanas”, suscitando, assim, “confusões” e “perturbações”, esquecendo-se das “virtudes” e roubando da cristandade a “paz”. Quando a *Imitação de Cristo* foi impressa pela primeira vez, entre 1471 e 1472, o Cisma parecia superado, ainda que suas consequências continuassem reverberando em latência. A mudança de “*Opífice*” (“Artífice”) para “*Pontífice*” (“Pontífice”), assim, é uma provável alteração dos editores. O motivo exato, porém, não pode ser precisado. Talvez “*Artífice*” soasse suficientemente estranho, ou essa seja mesmo uma tentativa de atenuar os riscos de uma interpretação excessivamente

espiritualizada, a qual daria margem para críticas à institucionalidade eclesial, acusação recorrente ao modelo de vida dos devotos. Em respeito a edição impressa trabalhada, a *EA-1471/72*, mantivemos no texto “*Pontífice*”, escolha que nos parece necessária por evidenciar não apenas o tipo de questão ou procedimento aos quais os textos manuscritos eram submetidos em sua passagem para o meio impresso, mas também por dar testemunho da história do mundo que formulou a *Imitação de Cristo*.

37 - [XL, 2] - *Por isso, assim se lê que Josué e os filhos de Israel foram enganados pelos gabaonitas, ... e foram iludidos:*

Os gabaonitas são um dos povos que habitavam a antiga Canaã ou Palestina, a “Terra Prometida”, no momento de sua conquista pelos israelitas, conforme narrado no *Livro de Josué*. Essa narrativa, em sua primeira parte, é repleta de batalhas, execuções e massacres, descrições cuja leitura atual soa como verdadeiro genocídio: cidades inteiras são arrasadas, seus espólios amaldiçoados (na *Vulgata*, “*sit anathema*”) e as populações “passadas ao fio da espada” (“*percussit in ore gladii*”). Instruídos por ordens divinas, os israelitas deveriam expurgar a terra que lhes fora prometida de seus então habitantes, os cananeus, heteus, heveus, ferezeus, gergeseus, amorreus e jebuseus. *Js* 3: 10; 9: 2. Os únicos poupados são os gabaonitas, heveus da cidade de Gabaon, que lançam mão de um artifício para enganar os israelitas e serem poupados. Informados das conquistas e massacres das cidades de Jericó e Hai, os gabaonitas se disfarçam para parecerem habitantes de uma terra longínqua, a fim de garantirem uma aliança com Israel. Convencidos pelo disfarce, o comandante Josué, junto de seus homens, sela com eles uma aliança: “Os homens [israelitas] tomaram então das provisões deles e não consultaram o oráculo de Iahweh. Josué e com ele a paz e selou com ele uma aliança, para que tivessem a vida salva, e os notáveis da comunidade prestaram-lhes juramento.” Após descobrirem que os gabaonitas eram seus vizinhos, o exército israelita parte para suas cidades, Gabaon, Cafira, Berot e Cariat-Iarim. Protegidos pelo juramento, os gabaonitas não puderam ser mortos, podendo se entregar em segurança. Foram, então, feitos “rachadores de lenha” e “carregadores de água para o serviço da comunidade e do altar”, podendo coabitar junto dos israelitas. Sobre as conquistas e massacres, ver *Js* 5-12; sobre os gabaonitas, *Js* 9-10: 1-15; 11: 19. Citação em *Js* 9: 14-15. *Bíblia de Jerusalém*. A menção ao *Livro de Samuel*, por meio da referência aos gabaonitas, se correlaciona com certas passagens do *Livro III*

que se valem de metáforas bélicas, como apontamos na nota 9 destes comentários. pp. 278-279.

38 - [XLII, 1] - *Ou, por que tu, Filho do gênero humano, o visitas?:*

Sobre a expressão “Filho do gênero humano”, ver nota 51 dos *Comentários ao Livro I*. pp. 241-242.

39 - [XLII, 2] - *pois sete tempos mudam sobre mim!:*

A expressão “sete tempos mudam sobre mim” (“*septem tempora mutantur, super me*”) é um empréstimo do *Livro de Daniel*. Em seu capítulo 4, é narrado o sonho de Nabucodonosor, no qual se depara com uma enorme árvore, que alcançava o céu e parecia tocar os limites da terra. Sob suas belas folhas, os animais se alimentavam. Eis que então um anjo (*vigil*, “vigilante”) surge e clama que a árvore deveria ser cortada, assim como seus ramos, suas folhas arrancadas e seus frutos dispersos, devendo ficar na terra apenas suas raízes, presas por correntes de ferro e bronze. Assim permaneceria sob o orvalho do céu, dentre as ervas. Eis que então é dito que “Seu coração se afastará dos homens,/ coração de fera ser-lhe-á dado/ e sete tempos passarão sobre ela!”. As últimas palavras do anjo vigilante são significativas: “a fim de que todo ser vivo saiba/ que o Altíssimo é quem domina sobre o reino dos homens:/ ele concede a quem lhe apraz/ e pode a ele exaltar o mais humilde entre os homens!”. Nabucodonosor, assustado, solicita a Daniel sua interpretação. Visão fatídica, ele lhe explica que a árvore representa o próprio rei, que passaria por uma desgraça não clara - uma menção ao retorno de seu discernimento (“*sensus... reversus est*”), ao final do capítulo, sugere algum tipo de transtorno mental. Seu reino seria conservado (simbolizado pela manutenção das raízes), até que “sete tempos passassem sobre ele” e voltasse “a bendizer o Altíssimo”. *Dn 4. Bíblia de Jerusalém*. Assim, a expressão “sete tempos” ganha sentido de um longo tempo de provação ou inquietação, talvez mesmo de sucessão de desafios ou infortúnios. É por esse entendimento que o trecho em questão a emprega, como sinônimo de instabilidade no progresso da vida espiritual. As últimas palavras do anjo, mencionados no livro bíblico, também estabelecem um intertexto com o restante do parágrafo 2: é ao humilde que Deus dirigirá sua ajuda, o tema das frases seguintes. Aqui temos uma evidência dos muitos diálogos implícitos que a *Imitação de Cristo* possui com as *Bíblia* e da forma como ambos

eram lidos no contexto em questão, sentidos esses que nos escapam, mas que devem ter sido evocados com familiaridade e espontaneidade nos círculos da *devotio moderna*.

40 - [XLII, 6] - *Os judeus, entretanto, que procurem a glória humana e toda honra temporal, toda altitude humana, tolíce e vaidade comparadas à tua eterna glória!:*

Menção a passagens do *Evangelho de João*: “Como podeis crer,/ vós que recebeis a glória uns dos outros,/ mas não procurais/ a glória que vem do Deus único?”; “Não procuro a minha glória/ há quem a procure e julgue”. *Jo* 5: 44; 8: 50. *Bíblia de Jerusalém*. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture*. p. 559. A frase também ecoa passagens da *Carta aos Romanos*: “Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos e trocaram a glória de Deus incorruptível por imagens do homem corruptível”; “Eles trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito pelos séculos”. *Rm* 1: 22, 25. Na mesma *Carta aos Romanos*, encontramos a principal fundamentação para a ideia da recusa de Jesus por parte dos judeus: a dimensão universal da “promessa” de salvação, realizada por Jesus, somente poderia se efetivar pelo “endurecimento” do povo judeu, de modo a não ficar restrita no seio do povo de Israel e poder alcançar os gentios. *Rm* 1: 18-32; 2: 29; 9: 7-8; 11: 27-28 (a *Carta aos Romanos*, como um todo, desenvolve essa interpretação). A afirmação acima não deixa de conter certo tom de antissemitismo. A relação histórica do cristianismo com o judaísmo é carregada de tensão, identificável já nos próprios textos do *Novo Testamento*. Nos *Evangelhos*, há trocas de acusações mútuas entre Jesus e os “fariseus”, intérpretes dos textos judaicos, e a classe sacerdotal dos “saduceus” a respeito do entendimento da Lei. Os judeus são identificados como seus executores, a exemplo de *Mateus* 27: 25, “O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”, e *Atos dos Apóstolos*, 2: 23, “vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios”, e 5: 30: “O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vós matastes, suspendendo-o no madeiro”. A *Imitação de Cristo*, em seu lastro histórico, reproduz o que foi a posição de animosidade em relação ao povo judeu. Desde a cristianização do Império Romano, no século IV, os judeus, expulsos da Judeia em 70 EC, estiveram sujeitos a perseguições, ainda que o judaísmo continuasse a ser, ao contrário do paganismo, uma “religião permitida” (*“religio licita”*), dado o compartilhamento de uma tradição comum com o cristianismo. Jerônimo recorreu a professores judeus para a tradução do hebraico na *Vulgata Latina*, e Agostinho advogou por sua preservação enquanto “museu vivo da antecipação” e “protetores das profecias

bíblicas sobre Cristo”, ainda que ambos não deixassem de recriminar a convivência com judeus e os tivessem como “partícipes da crucificação”, “adeptos do anti-Cristo”, “malditos em sua dispersão” e os quais somente poderiam ser salvos mediante a conversão. Essa foi a posição que perdurou durante a Idade Média. Tidos como “portadores da marca de Caim”, os judeus dependiam totalmente das autoridades, sendo submetidos a extorsões por taxas arbitrárias, confiscos e deveres onerosos. SCHAMA, Simon. “The Menorah and the Cross”; “The Women of Ashkenaz”; “Trials”. _____. *The Story of Jews: finding the words, 1000 BC - 1492 AD*. London: Harper Collins, 2013. (edição digital). pp. 267-266; 435-550. Esp. 332-333; 441-442. A posição da *devotio moderna*, como vemos por esse trecho da *Imitação de Cristo*, não foi diferente da relação habitual do cristianismo medieval com o judaísmo. Os documentos trabalhados não trazem menções que permitem inferir qualquer especificidade em sua relação com a comunidade judaica. Há uma única menção a Florent Radewijns, segundo a qual, ao ouvir sobre a conversão de um judeu, teria a ele recorrido a fim de aprender o hebraico e melhor entender sobre o *Antigo Testamento*: “Um certo homem judeu, convertido à fé cristã, tendo ouvido sobre a santa fama das conversas do mestre Florent, desejou discorrer com ele sobre os antigos patriarcas e profetas. Ele parecia bem instruído na antiga lei, nas letras hebraicas e no que os rabinos diziam a muitos segundo a seita dos judeus. E quando quer que viesse à presença do homem de Deus, esse o recebia com benevolência e o escutava pacientemente, agindo de forma humana e com caridade, persuadindo-o a ter fé sincera em Cristo e se empenhar em todas as suas obras”. (*“Vir quidam ex Iudaeis ad fidem christianam conuersus audiens famam sanctae conuersationis magistria Florentii, cupiebat cum ipso de antiquis patriarchis & prophetis disseret: eo quod in veter lege & Hebraicis literis satis edoctus videbatur, & rabbi a multis secundum sectam Iudaeorum dicebantur. Cumque venisset ad presentia viri dei: ipse benigne eum suscipiens, & patienter audiens, humane & charitatiu cum eo egit, fidem syncaeram in Christo suadens tenere: ac operibus onis insudare.”*). “Vita reurendi patris domini Florenti”. Capítulo XXIII - De deuota exhortatione eius ad spiritualem profectum. *OC-DANHAUSER*. Folha CLXVIII. Essa passagem, repleta de cautela, demonstra a posição dos judeus em meio à sociedade cristã medieval: mesmo converso, continua a ser alvo da “caridade benevolente” de Florent, que o exorta, não sem suspeição implícita, a “ter fé sincera”. O curioso dessa passagem, no entanto, é a informação do contato de Florent com um judeu converso “instruído nas letras hebraicas” e com o qual falava sobre “antigos patriarcas e profetas”, uma possível evidência do emprego do conhecimento judaico na interpretação bíblica dos pais da

devotio moderna, algo que se desenvolveria no seio do movimento humanista neerlandês, com Wessel Gansfort (1419-1489) e Rudolph Agricola (1443-1485), tidos como os primeiros a compreenderem o hebraico no norte. AKKERMAN, Fokke. *Rudolph Agricola: six lives and Erasmus's Testimonies*. English translation by Rudy Bremer and Corrie Ooms Beck. Assen: Royal Van Gorcum, 2012. p. 194.

41 - [XLVII, 3] - Ó, quão bem soube aquela alma que disse: “Minha mente está consolidada e fundamentada em Cristo!”:

Kenneth Becker, em seu estudo sobre o uso dos textos bíblicos na *Imitação de Cristo*, apoiando-se nos *Prolegomena* de Karl Hirsche, aponta essa citação como um empréstimo da *Vita Sanctae Agathae* (“Vida de Santa Ágata”). Os dois autores não especificam de que texto, exatamente, partiria essa citação. A frase, no entanto, está presente na biografia de Ágata da *Legenda Aurea*, e é muito provável que a ela se refiram. HIRSCHKE, Karl. *Prolegomena zu einer neuen Ausgabe der Imitatio Christi nach dem Autograph des Thomas von Kempen, Zugleich eine Einführung in sämtliche Schiften des Thomas, sowie ein Versuch zu entgültiger Feststellung der Thatsache, dass Thomas und kein anderer der Verfasser der Imitatio ist*. vol. II. Berlin: Carl Habel Verlagsbuchhandlung, 1874. p. 246. Consultado em BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture*. p. 571. A história de Ágata de Catânia (- 253) possui como ênfase a sua castidade e humildade. O relato da *Legenda Aurea* a apresenta como “virgem de nobre estirpe e lindíssima de corpo” (“*uirgo ingênua mente et corpore pulcherrima*”). Devido à sua beleza e origem nobre, Quintiano, cônsul da Sicília, teria desejado desposar Ágata, porém se deparando com sua inabalável recusa. Por isso, manda prendê-la sob Afrodisia, meretriz, e suas nove filhas, afim de que a convencessem a mudar de posição. Por trinta dias, Afrodisia e as filhas se empenham na tarefa, seja com “belas promessas” ou “violentas ameaças” (“*promittendo leta modo terrendo aspera*”). Mas Ágata lhes respondia com a frase que encontramos no trecho acima: “Minha vontade é mais sólida que pedra, pois está fundamentada em Cristo. As palavras de vocês são como o vento, suas promessas como a chuva, os terrores como os rios.” (“*Nequissime, nolite mihi tamen persuadere atque terrere, quia mens mea super petram solidata est in Christo fundata. Verba uestra venti sunt, promissiones uestre pluuiæ sunt, terrores uestri flumina sunt.*”). O final de Ágata, seguindo o roteiro dos mártires, seria trágico: Quintiano, furioso com sua recusa e a instigando, sem sucesso, a sacrificar aos deuses,

ordena que seja torturada. O relato intercala os suplicios com as respostas altamente hábeis de Ágata, que humilham Quintiano. A jovem seria lembrada por sua tortura mais infame: o dilaceramento a decepção de seus seios, episódio que, no relato, reforça simbolicamente sua castidade: “E como poderia sentir vergonha... meu corpo está tão horivelmente dilacerado que ninguém poderia ter volúpia por mim? Sou grata, meu senhor e pai, por me honrar com sua solicitude.” (“*Et unde uerecundari possum... ego crudeliter lacerata quod nemo de me posset concipere uoluptatem? Seda go tibi gratias, domine pater, quia sollicitudinem tuam mihi impedere dignatus es.*”) Em decorrência das torturas, Ágata falece, segundo o relato da *Legenda Aurea*, em 253, data que identifica, erroneamente, no reinado de Decio (r. 249-251). “XXXIX - De Sancta Agatha”. VARAZZE, Iacopo da. *Legenda Aurea*. Edizione critica a cura di Giovanni Paolo Magionni. 2º edição. Florença: Sismel- Edizioni del Galluzzo, 1998. pp. 256-261. Traduções, entre aspas, de Hilário Franco Júnior. VARAZZE, Iacopo da. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução, do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 256-260. A frase de Ágata, em sua segunda parte, omitida na citação acima, “*Verba uestra venti sunt*” (“As palavras de vocês são como o vento”) podem estar referidas, implicitamente, no Capítulo XXIX, 5: “*non potest moueri omni vento verborum*” (“Que o vento das palavras não possa me mover”).

42 - [XLVII, 3] - Mas porque não me provi melhor!

No texto da *EA-1471/72*, encontramos essa frase com uma correção: “*Sed quia misero non melius prouidi*” (algo que pode ser traduzido como “Mas porque não me provi melhor em minha miséria!”). *TOC-1441* e *EV-1483* acrescentam “*mihi*”, com o emprego de uma outra partícula explicativa, que substitui “*quia*” por “*quare*”: “*Sed quare mihi misero non prouidi*” (“Mas porque não me provi melhor, eu, miserável!”). Em respeito à correção do texto sob o qual nos baseamos, optamos por ignorar o termo corrigido, “*misero*”, na tradução.

43 - [XLVIII, 4] - porque considera que eu perscruto seu coração e os rins, ... muitas vezes, se acha culpável aos meus olhos o que o juízo humano acredita louvável:

Menção ao *Salmo* 7: 10: “Põe fim à maldade dos ímpios/ e confirma o justo,/ pois tu sondas os corações e os rins,/ Deus justo!”. *Bíblia de Jerusalém*. A menção aos rins se deve à antiga concepção semita de que nos rins estariam os pensamentos e sentimentos. “Nota b”. *Bíblia de Jerusalém*. p. 876. Ver *Ex* 12: 11; *Sl* 7: 10; 15: 7; 25: 2; 72: 21; 138: 13; *Pr* 23: 16; *Jr* 11: 20; 17: 10; 20: 12; *Ez*; 29: 7. A *Imitação de Cristo* se vale da menção aos rins por empréstimo da expressão bíblica.

44 - [XLIX, 2] - *Trabalha, fielmente, em minha vinha:*

Menção ao *Evangelho de Mateus*: “Um homem tinha dois filhos. Dirigiu-se ao primeiro, disse: ‘Filho, vai trabalhar hoje na vinha’. Ele respondeu: ‘Não quero’; mas depois, pego pelo remorso, foi. Dirigindo-se ao segundo, disse a mesma coisa. Este respondeu: ‘Eu irei senhor’; mas não foi. Qual dos dois realizou a vontade do pai?’ Responderam-lhe: ‘o primeiro’. Então Jesus lhes disse: ‘Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precederão no Reino de Deus. Pois João veio a vós, num caminho de justiça, e não crestes nele. Os publicanos e as prostitutas creram nele. Vós, porém, vendo isso nem sequer tivestes remorso para crer nele.” *Mt* 21: 28-32. *Bíblia de Jerusalém*.. O termo “vinha”, no *Novo Testamento*, é sinônimo da mensagem de Jesus e da comunidade dos fiéis, a Igreja, podendo designar, também, os resultados das ações individuais. Ver também *Mt* 20: 1-16; 21: 33-46; *Mc* 12: 1-12; *Lc* 13: 6-9; 20: 9-19; *I Cor* 9: 7; *Ap* 14: 18-20;

45 - [LI, 3] - “*Eu sou, espera-me*”, diz o Senhor, “*até que venha o Reino de Deus*”:

No original latino, “*Ego sum expecta me dicit dominus donec veniat regnum dei*”. Trata-se de uma citação composta a partir de *Sofonias* 3: 8, “Por isso, esperai-me - oráculo de Iaweh” (“*Quapropter expecta me, dicit Dominus*”), e *Lucas* 22: 18: “não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus” (“*non bibam de generatione vitis donec regnum Dei veniat*”). “Sou eu” (“*ego sum*”) possui seu paralelo mais próximo em *Mateus* 14: 27, “Tende confiança, sou eu, não tenhais medo” (“*Habete fiduciam: ego sum, nolite timere*”), mas parece também inferir *Êxodo* 3: 14, “Eu sou aquele que é” (“*Ego sum qui sum*”) e *João* 8: 58 “antes que Abraão existisse, Eu Sou” (“*antequam Abraham fieret ego sum*”). Essa expressão designa a existência absoluta de Deus, podendo ser entendida, também, como “eu sou o que existe” ou mesmo “existo porque existo”. Traduções da

Bíblia de Jerusalém. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture*. p. 590. Sobre o “Reino de Deus”, ver nota 17 destes comentários. pp. 283-286.

46 - [LI, 6] - *É onde concederei a glorificação pelas injúrias sofridas, a túnica de louvor pelo merecimento; e, de acordo com sua última estadia, uma posição pelos séculos!:*

As “túnicas de louvor” (“*pallium laudis*”) fazem referência à multidão dos mártires, descrita no *Livro do Apocalipse*, em 7: 9: “Estavam de pé diante do Cordeiro, trajados com vestes brancas e com palmas na mão”. *Bíblia de Jerusalém*. O texto da *Vulgata Latina*, entretanto, emprega “*stolis*” (“vestes”, “roupas”) e não “*pallis*” (“túnicas”).

47 - [LI, 7] - *aceites tudo como benefício e te empenhes, com vontade sincera, em cumprir o que a ti levarem e pedirem, seja um prelado, seja alguém maior ou menor:*

Segundo Otto Spitzzen, “*pro bonum totum accipias*” (“aceites tudo como benefícios”) seria a tradução literal de “*dat gij alles voor goed aannemt*” para o latim. BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 91; SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l’Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. pp. 39-40.

48 - [LII, 6] - *Minha imperfeição está dobrada à tua vontade:*

TOC-1441 e EV-1483 trazem “Fere minhas costas e meu pescoço, para que dobre minha imperfeição à tua vontade” (“*percute dorsum meum et collum meum ut incuruem ad voluntatem tuam tortuositatem meam*”).

49 - [LII, 8] - *Pois, como diz o humilde Francisco, “cada um é o quanto é aos teus olhos, e nada mais”:*

Francisco de Assis é o único nome do período medieval diretamente citado na *Imitação de Cristo*. Filho do comerciante Pedro Bernadone e nascido em Assis, na Úmbria, entre 1181 e 1182, foi batizado como João Bernadone, nome alterado por seu pai para Francisco. Oriundo de família abastada, recebeu educação cavalheiresca, devendo herdar os negócios da família. Após contrair uma enfermidade desconhecida,

em um roteiro típico das conversões medievais, Francisco abandona seus bens para se dedicar à uma vida de pobreza. Seu primeiro ato foi se dirigir para uma pequena igreja dedicada a São Damiano e colocar à disposição o dinheiro obtido com a venda de suas posses. Seu pai, resistente à sua escolha, primeiro o prendeu e, diante de sua obstinação, o obrigou a abandonar seus direitos de herança perante o bispo de Assis. Francisco, assim, passou a viver como eremita itinerante no entorno da pequena igreja, colocando-se a serviço de leprosos. As informações sobre sua vida costumam recorrer à descrição de suas vestes simples: portava uma túnica cingida por uma corda e um cajado, ora calçando sandálias ora descalço. A *Legenda Aurea* chega a afirmar que “entregou suas roupas e, nu, lançou-se aos braços do Senhor” (“*uestem pariter resignavit et sic nudu ad dominum euolauit*”), e, desde então, portava um cilício e se vestia com “andrajos” (“*panniculis*”). A sua vocação, entretanto, se anuncia em um dos momentos mais icônicos de sua vida, quando na igreja de São Damiano, ouve de Jesus um pedido: “Francisco, vá reconstruir minha casa que, como vê, está toda destruída” (“*Francisce, inquit, uade, repara domum meam que ut cernis tota destruitur*”). Francisco tomou para si a missão, em sentido concreto, dedicando-se à restauração de igrejas nas imediações de Assis: a de São Damiano; de Santa Maria, em Rivo Torto; e de Santa Maria dos Anjos, no monte Subasio, a *Portiuncula*, que acabaria se tornando a sede da congregação Franciscana. Os dizeres, porém, carregam em si o sentido simbólico do projeto que se desenvolveu ao seu redor, pautado pelo retorno à simplicidade evangélica e à vida religiosa expressos na ideia da reforma da Igreja, o que o coloca em plena sintonia com os anseios da *devotio moderna* e ajuda a explicar a sua menção. As iniciativas de Francisco fomentaram um agrupamento de conversos, o primeiro núcleo de uma comunidade que se desdobraria na Ordem Franciscana, instituída pela bula *Solet annuere* (“*Costuma-se assentir...*”), de 1223, emitida por Giovanni Lotario (1160-1216), papa Inocêncio III (1198-1216). A tradição consolidou a versão de que a decisão papal teria se dado após um sonho de Inocêncio III, no qual via a Basílica de São João de Latrão, sede episcopal de Roma - imagem simbólica da Igreja Ocidental - prestes a ruir, sendo somente mantida pelos ombros de Francisco. No processo de institucionalização da nova ordem, Francisco se empenhou diretamente na composição de suas *regras*. Compôs a *regra primitiva*, submetida a Inocêncio III, cuja aprovação, entre 1209 e 1210, deu início à formalização da Ordem Franciscana, sob o nome Ordem dos Frades Menores. As necessidades impostas para o reconhecimento, exigiram maiores especificações, dados na redação da *Regra não-bulada*, aprovada pelo Capítulo Geral de 1221, mas que não chegou a ser submetida por conta dos conflitos

suscitados no seio da própria congregação franciscana. A regra definitiva veio por uma nova redação de Francisco, adaptada aos anseios de especificações mais rígidas em relação à vida monástica, aprovada pela *Solet annuere*. Em seus últimos anos, ditou seu *Testamento*, exortação ao modelo inicial de sua conversão em meio à nova realidade da congregação, já em posse de mosteiros e habituada ao ritmo litúrgico do monasticismo medieval. Francisco morreu em 1226, na *Portiuncula*, sendo canonizado por Ugolino da Segni (1145-1241), papa Gregório IX (1227-1241), em apenas dois anos, em 1228.

IRIARTE, Lázaro. *História Franciscana*. Tradução de Adelar Rio e Marcelino Carlos Dezen. Petrópolis: CEFEPAL; Editora Vozes, 1985. pp. 38-64. MERLO, Grado Giovanni. *Au nom de Saint François: Histoire des Frères mineurs et du franciscanisme jusqu'au début du XVI^e siècle*. Traduit de l'italien par Jacqueline Gréal. Paris: Les éditions du Cerf; Les Éditions Franciscaines, 2006. pp. 17-40. “CXLV - De Sancto Francisco”. VARAZZE, Iacopo da. *Legenda Aurea*. pp. 1016-1032. Citações em português de Hilário Franco Júnior. VARAZZE, Jacopo da. *Legenda áurea: vida de santos*. pp. 837-838. Sobre o sonho de Inocêncio III, ver nota 2. p. 617. Francisco foi um dos santos mais populares nos séculos finais da Idade Média. A história de sua vida serviu de inspiração aos que procuraram reproduzir o modelo evangélico da pobreza e da vida comunitária. Sua imagem se consolidou como exemplo de humildade, sendo lembrado pela manifestação de estigmas, pelo desapego às riquezas e convívio com os pobres, pela familiaridade com a natureza e com os animais. A popularidade de Francisco se confunde com a da Ordem da Franciscana. Seu rápido crescimento, evidenciado pelo número de monges e pela canonização precoce do fundador, coincide com a profusão de biografias que procuraram disputar a sua imagem: as duas *Vidas*, de Thomas de Celano, escritas por volta de 1228; a *Legenda Maior* (“*Lenda Maior*”), de Giovanni di Fidenza (1221-1274), cardeal Boaventura; o *Liber de laudibus* (“*Livro dos louvores*”), de Bernardo de Bessa; *Rotuli* (“*Pequenos círculos*”), de Frei Leão; *Legenda Antiqua* (“*Legenda Antiga*”), do Anônimo de Perúgia; *Legenda Trium Sociorum* (“*Lenda dos três companheiros*”); *Speculum perfectionis* (“*Espelho da Perfeição*”); *Actus e Fioretti* (“*Atos*” e “*Flores*”); a *Historia septem tribulationum Ordinis Minorum* (“*História das sete tribulações da Ordem dos Menores*”), de Angelo Clareno, entre 1323 e 1325; *De conformitate vitae beati Francisci ad vitam Domini Iesu* (“*A Conformação da vida do beato Francisco à vida do Senhor Jesus*”), entre 1385 e 1390; além as crônicas de Giordano de Gianno, em 1262; de Thomas de Eccleston, em 1259; de Salimbene de Adam, entre 1282 e 1288; de Arnaldo de Serrant, por volta de 1365. IRIARTE, Lázaro. *História Franciscana*. p. 21-30. Dentre

tantas fontes possíveis, não conseguimos precisar a origem da frase atribuída, no trecho acima, a Francisco. Ela pode ter partido de qualquer uma dessas biografias, ou mesmo de alguma versão oral sobre sua vida. Apesar da origem desconhecida, a *Imitação de Cristo*, certamente, recorreu à *Legenda Aurea*, na qual figuram como fontes as *Vidas* de Thomas de Celano e a *Legenda Maior* de Giovanni di Fidanza. Ver “Indice delle Fonti”. VARAZZE, Iacopo da. *Legenda Aurea*. pp. 1305, 1318-1319. Victor Becker aponta que as duas únicas vezes na qual Thomas de Kempis cita Francisco - aqui e no *Manuale Parvulorum* (“*Manual dos Pequenos*”) - o faz da mesma forma, como “*humili Franciscus*” (“o humilde Francisco”), expressão presente na *Legenda Aurea*, em passagem que faz alusão à queda dos Príncipes expulsos do céu, lenda pressuposta em várias passagens do *Livro III* e em consonância com o capítulo LIX, 3: “Esse trono foi de um dos príncipes expulsos, e agora está preparado para o humilde Francisco” (“*Sedes ista unius de ruentibus principibus fuit et nunc humili Franciscus paratur*”). Nela também encontramos as expressões “antigo inimigo” (“*antiquus hostis*”), como no capítulo XLI, 3; e a imagem da entrega de Francisco nu, em consonância com o capítulo XXXIX, 1 e 3. Ver “CXLV - De Sancto Francisco”. VARAZZE, Iacopo da. *Legenda Aurea*. pp. 1017, 1018, 1023. Citação em português de Hilário Franco Júnior. VARAZZE, Iacopo da. *Legenda áurea: vida de santos*. pp. 837, 841; BECKER. Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 152.

50 - [LIII] - *Por que se deve insistir nas obras humildes e não se enfraquecer pelas maiores. Capítulo LIII:*

TOC-1441 e EV-1483 trazem “Por que se deve insistir nas obras humildes enquanto se enfraquecer nas maiores” (“*Quod homilibus insistendum est operibus cum deficitur a summis*”).

51 - [LIII, 2] - “Os sofrimentos deste tempo não são dignos da glória futura que se revela em vós”:

Empréstimo da *Carta aos Romanos*, 8: 18. A citação, porém, apresenta uma leve modificação ao empregar “vós” (“*in vobis*”) e não “nós” (“*in nobis*”), como encontramos na *Vulgata Latina*. O texto da EA-1471/72 possui um pequeno “n” grafado acima do “v” de “*vobis*”, indicando uma correção. Considerando, também, os outros dois exemplares

consultados, *TOC-1441* e *EV-1483*, que empregam “*in nobis*”, temos muito provavelmente um erro de edição. No entanto, o uso “*in vobis*” não seria, necessariamente, um absurdo. Os livros da *Imitação de Cristo* citam, com frequência, os textos bíblicos com variações, o que pode ser explicado pelo recurso às citações de memória ou por diferentes versões das escrituras, reproduzidas, mesmo no contexto em que a prensa já se fazia presente, à mão, portanto sujeitas a intervenções e modificações pelos copistas. Como exemplo, citamos a nota 11 dos comentários a esse livro. p. 280.

52 - [LIII, 1] - *não queres que pereçam tuas obras, ao mostrar as riquezas de tua bondade nos vasos da misericórdia, ainda te dignas a consolar teu servo além de todo mérito próprio, ... tuas consolações não são como as confabulações humanas:*

Os “vasos de misericórdia” (“*vasa misericordiae*”) são descritos na *Carta aos Romanos*, 9: 14-24. Trata-se de uma metáfora para designar os fiéis, aqueles que tivessem aceitado a mensagem de Jesus, pelos quais e nos quais, Deus manifestaria seus desígnios. Eles são opostos aos “vasos de ira” (“*vasa irae*”), igualmente instrumentos para as manifestações das intenções divinas, porém demonstrações de sua “ira” e “poder”.

53 - [LVI] - *Sobre os diversos movimentos da natureza e da graça. Capítulo LVI:*

A *EA-1471/2* traz “*De diuersis mortibus nature et gracie*” (“Sobre as diversas mortes da natureza e da graça”), grafando “*motibus*” (“movimentos”) por “*mortibus*” (“mortes”). O título, de tal forma, porém, não seria absurdo: o fim do parágrafo 1 parece supor tanto a morte da natureza, ao dizer “*et semper se pro fine habet*” (“e sempre se tem como fim”), quanto da morte, “*In quo et finaliter requiescit*” (“no qual, por fim, descansa”). Também, no início do parágrafo 2, temos “*Natura inuite vult mori*” (“A natureza não quer morrer”). No entanto, o início do capítulo anuncia explicitamente os movimentos contrários da natureza e da graça (“*aduerte motus nature et gracie, quia valde contrarie et subtiliter mouentur*”), oposição sobre a qual se encontra de todo estruturado. Além disso, a suposta expressão “morte da graça” possui um sentido obscuro, além de não possuir paralelos em todo o texto da *Imitação de Cristo*. Considerando, também, que outros exemplares empregam “*motibus*” e não “*mortibus*”, consideramos o uso deste último como um erro de grafia.

54 - [LVI, 3] - *A graça, por sua vez, se deleita na simplicidade e espera na humildade áspera, sem ser exasperada, e não recusa cobrir-se de panos gastos:*

Os “panos gastos” (“*indui pannis*”) remetem às vestes usadas pelos devotos, as quais, como indicativo de humildade, deveriam ser simples e de material grosseiro. Na *Vida de Geert Groot*, Thomas de Kempis descreve suas vestimentas como mostra de sua pobreza e comportamento comedido: “Suas vestimentas eram de cor cinza e feitas com humildade. Não eram largas nem apertadas, nem adornadas com muitas dobras. Raramente eram novas, e quando rasgadas pela velhice, fazia-as remendar com retalhos” (“*Vestimenta eius grisei coloris erant & humiliter formata: non mollia non nitida: non multis rugis complicata. raro noua & ob vetustatem quandoque attrita, quae modicis etiam panniculis fecerat resarciri*”). Da mesma forma, segundo o autor, se vestia Florent Radewijns. Após dizer que “Vestia uma túnica cinza e portava uma longa toga” (“*grisea tunica indutus & longa toga palliatus*”), Thomas nos informa, com maiores detalhes, que, uma vez tornado sacerdote, “não procurou vestes largas, como as que lhe seriam mais adequadas, ao modelo de outros, mas se contentava com as [vestes] comuns e simples, como dos outros irmãos (...) Logo, não portava um tipo nas festas e outro no cotidiano, mas na celebração da missa, por reverência ao sacramento, valia-se, em festa, de seus melhores ornamentos. Sua murça era muito antiga e desbotada, e por muitas partes corroída e comida pelas traças (...). Não possuía nos pés belas sandálias, como outros vicários da Igreja, mas as fazia, por outros, pobres e com solas baixas, revestidas com couro antigo, com os quais entrava, sem barulho, no coro. Suas túnicas e togas eram de pano cinza. Um tio lhe deu, por amizade, uma nova toga, mas se recusou a usá-la por parecer de excessiva qualidade. Sempre preferia as coisas simples às preciosas. Seus capuzes eram de cor preta ou cinza, e fazia por si os que usava, porque uma ou outra vez deixaram suas costas e pescoço à mostra. Tinha as mangas simples e justas, com alguns nós, pois por conta dos danos da velhice, haviam sido, por vezes, remendadas com novos retalhos” (“*postquam sacerdos effectus est, non quaesiuit molliores vestes quasi per caeteris sibi magis competentes: sed communibus & simplicibus sicut alii fratres erat contentus. ... Non ergo alia portabat in festis, alia in diebus quotidianis: sed tamen in celebratione missae ob reuerentiam sacramenti meliori ornamento in festis utebatur: in quo tamen metam seruauit debitae honestatis. Almutium eius quid habebat satis antiquum & pallidum erat: & in multis locis quase a tineis corrosum & caluum. (...) Ad*

pedes non habebat pulchra sandalia sicut alii vicarii in ecclesia: sed per illis fecerat sibi parua & bassa calopodia: quae erant antiquo corio subsuta: cum quibus sine strepitu chorum intrauit. Tunica eius toga de griseo panno erant. Dederat ei auunculus eius nouam togam amicitiae gratia, sed eam noluit portare, quia nimis honesta videbatur: & ipse simplicia preferabat semper preciosis. Capitium nigri coloris aut grisei fuit: & sicut ipsi parabatur portauit: quid vtramque scapulam & colla nuda pertexit. Manicas habebat paruas & strictas cum paucis nodis: quae propter attritionem vetustatis interdum fuerant nouis panniculis antierius reparate.”). “Vita venerabili magistri Gerardi magni, vulgariter Groot” - Capítulo XI - De rigore eius in victu & vestitu; “Vita reuerendi patris domini Florenti” - Capítulos IX - De pressur & iniuriis ipsi illatis; XII - De simplicitate vestimentorum eius. Folhas CLIII, CLXIII, CLXV. Os relatos de Thomas, entretanto, parecem exagerados, ainda que concordem com as informações que possuímos sobre as vestimentas dos devotos. As *Constituições de Windesheim*, em sua atual forma de 1403, especificam o uso de vestes de lã e linho, junto de calçados e tamancos, que deveriam ser observados e concedidos pelo procurador de cada casa. Quando rasgadas ou rompidas, deveriam ser trocadas por novas (“*novis studeat commutare*”), ainda que a ninguém fosse concedida a autorização para a fabricação de uma nova sem a autorização do reitor. As *Constituições* permitiam a posse de quatro túnicas ou togas, que não deveriam exceder o valor de “dois florins renanos” (“*duorum florenorum Renensium*”) e de um capuz, ao máximo de dois florins. Os devotos também deveriam ser providos de uma pelúcia e duas subtúnicas, uma simples e outra dupla. Além das roupas e materiais permitidos, elas também informam os procedimentos adequados para mantê-las limpas, definindo períodos em que deveriam ser concedidos acréscimos para o frio e o mal tempo. Ver “Appendix C - The Original Constitution of the Brethren of the Common Life at Deventer”. In HYMA, Albert. *The Christian Renaissance*. pp. 452-454. As *Constituições de Windesheim*, porém, nunca foram aprovadas enquanto regra monástica, o que fazia dos devotos, leigos que professavam a vida religiosa em *status* impreciso. Suas vestimentas, segundo John Van Engen, constituíam uma forma de se distinguirem em seu contexto social. As vestes estiveram no centro das acusações a eles feitas, sob o argumento de “que estariam se apropriando dos costumes monásticos” sem autorização. Dentre seus defensores, Gerard Zerbolt argumentou que não seriam as vestes que fariam alguém religioso, enquanto Gabriel Biel as defendeu como hábitos de simplicidade e de necessidade cotidiana. VAN ENGEL, John. *Sisters and Brothers of the Common Life*. pp. 268-269.

55 - [LVI, 6] - Emula os carismas e se assemelha ao Filho de Deus pelas virtudes:

O termo “*charismata*” (“carisma”) ocorre uma única vez na *Vulgata Latina*, na *Primeira Carta aos Coríntios*, 12: 31. Trata-se de um termo de origem grega, “*χαρίσμα, -ατος, τό*”, cujo significado é “dádiva”, “dom”, “favor”. “*χαρίσιος, -α, -ον*”. LIDELL-SCOTT. p. 1979. Dado possuir uma única ocorrência, o texto da *Vulgata Latina* apresenta algumas dificuldades para o seu entendimento. Ele aparece em meio ao desenvolvimento das manifestações espirituais (“*de spiritualibus*”) do Espírito Santo. *I Cor* 12: 1-3. Essas manifestações são, primeiro, exemplificadas segundo a afirmação de que “são muitas as formas das graças, mas partem sempre do Espírito” (“*Divisiones vero gratiarum sunt, idem autem Spiritus*”), sendo elas a sabedoria (“*sapientiae*”); o conhecimento (“*scientiae*”); a fé (“*fides*”); a capacidade de cura (“*sanitatum*”); a “realização de virtudes” (“*operatio virtutum*”); o dom das profecias (“*prophetia*”); o discernimento de espírito (“*discretio spirituum*”); a fala em línguas (“*genera linguarum*”); e a interpretação dos discursos (“*interpretatio sermonum*”). *I Cor* 12: 1-10. A argumentação tem como núcleo a defesa das manifestações espirituais de acordo com a sabedoria divina, concedendo diferentes habilidades a diferentes pessoas de acordo com o benefício comum da comunidade eclesial, ponto que é ilustrado pela imagem do corpo humano, possuidor de diferentes membros com funções distintas, mas que coexistem um em auxílio ao outro. Sobre essa base, a *Carta* estabelece uma hierarquia dos maiores no seio da comunidade: em primeiro lugar, temos os apóstolos, seguidos dos profetas, e esses, dos doutores, o que permite inferir os dons da profecia, da sabedoria e do conhecimento como os mais elevados; a seguir, os dons das virtudes, das curas, dos auxílios, da condução das comunidades, da fala em línguas e das interpretações dos discursos. *I Cor* 12: 12-29. A *Carta*, então, passa à exaltação da caridade (“*caritas, -atis*”, termo latino com significado de “estima”, “apreço” e “amor”), introduzindo-a como um apelo “à emulação dos melhores carismas” (“*Aemulamini autem charismata meliora*”), o “mais excelente caminho a ser demonstrado” (“*excellentiore viam vobis demonstro*”). Algumas das manifestações anteriormente citadas reaparecem, porém, sob o entendimento da pouca serventia frente à ausência da caridade: em um primeiro momento, a fala em línguas, a chamada *glossolalia*; o dom das profecias; o conhecimento dos mistérios; a sabedoria; a fé; a doação aos pobres; e o martírio (“se entregasse meu corpo para ser queimado”, “*si tradidero corpus meum it ut ardeam*”). Em um segundo momento, a fé reaparece junto

da esperança (“*spes*”) e da caridade, sendo essa última definida como maior, manifestações das quais o fiel deveria se apegar enquanto ainda possuir entendimento imperfeito. *I Cor* 12. A dificuldade interpretativa encontra-se na possibilidade de três entendimentos possíveis em relação ao que seriam os “carismas”: 1º) as manifestações citadas - *glossolalia*, profecias, conhecimento, fé, doação aos pobres, disposição ao martírio, esperança e caridade, essa superior às outras; 2º) a própria caridade, “o melhor” que o capítulo se pretende demonstrar, enquanto “carisma único”, do qual partem todos os outros, mostrando-se por meio das manifestações que lhe são resultantes, e por isso o emprego do plural; 3º) apenas a fé, a esperança e a caridade, chamadas pela tradição católica como “três virtudes teologais”, mencionadas, em conjunto, em outras cartas paulinas. Ver *I Ts* 1: 3; 5: 8; *Tt* 2: 2; *Hb* 10: 22-24. Colocamos esse problema, de natureza exegética, como uma tentativa de compreender o que a *Imitação de Cristo* pretende dizer com a menção aos carismas. Não temos uma resposta definitiva, mas apontamos a consonância deste parágrafo 6 com as manifestações trazidas pelo capítulo 12 da *Primeira Carta aos Coríntios*, de modo que se aproxime da primeira possibilidade de entendimento, apontada acima. A adição das “virtudes” pode ser uma menção às virtudes teologais, que já se apresentavam definidas na *Summa Theologica* de Thomas de Aquino, afastando, assim, o entendimento dos carismas especificamente como caridade, fé e esperança. Ver AQUINO, Thomas de. *Suma Theologica*. Volume 4. Tradução. Parte II, questão 162. pp. 172-179.

56 - [LVII, 4] - Mas a própria dádiva dos eleitos é a graça, ou amor, pela qual os assinalados dignos têm a vida eterna:

Provável referência ao *Livro do Apocalipse*, 7: 4. Os “assinalados” (“*insigniti*”). Na *Vulgata Latina*, “*signati*”) são aqueles que carregariam as marcas distintivas da salvação, sendo poupados dos desastres apocalípticos e julgados dignos da vida eterna. O livro bíblico identifica essa marca com a inscrição do nome de Deus. *Ap* 3: 12; 14: 1; 22: 4. Os “eleitos” (“*electorum*”), por sua vez, remetem a um termo que ocorre uma única vez no *Apocalipse*, na versão da *Vulgata Latina*, como sinônimo de fiéis: “e com ele vencerão também os chamados, os escolhidos, os fiéis” (“*et qui cum illo sunt, vocati, electi, et fideles*”). *Bíblia de Jerusalém*. *Ap* 17: 14. Há uma correlação entre os “assinalados” e a inscrição dos nomes dos eleitos no *Livro da Vida*. Ver nota 16 destes comentários. pp. 282-283.

57 - [LVII, 6] - *O que sou sem ela, senão madeiro seco e ramo inútil?*:

No original latino, “*Quid sum sine ea nisi aridum lignum et stips inutilis?*”. Motivo de dificuldades interpretativas, esse trecho foi apontado por James Edward De Montmorency como emblemático do processo de composição de Thomas de Kempis a partir das escrituras. O termo “*lignum*” (“madeiro”), como apontamos na nota 16 dos *Comentários ao Livro II*, pode designar tanto “cruz” quanto “árvore”, nesse caso, podendo remeter à “Árvore da Vida”, mencionada nos livros de *Gênese*, 2: 8-9; 3, e *Apocalipse*, em 2: 7; 22: 14. Ver nota 16, *Comentários ao Livro II*. pp. 260-264. A expressão “madeiro seco” (“*aridum lignum*”), porém, caminha para outras significações, ainda que não se desconecte totalmente da ideia de vida expressa no binômio “árvore-cruz”. Ela é a árvore mencionada no alerta do *Eclesiástico*, “não devores as tuas folhas e não destruas teus frutos:/ ficarás como árvore seca [no deserto]” (“*et folia comedat, et fructus tuos perdat,/ et relinquareis velut linum aridum in eremo*”), imagem oposta da vida, mas que conserva a sombra de sua condição original, desprovida de seus propósitos. *Eclo* 6: 3. Também no *Evangelho de Lucas*, “Porque fazem assim com o lenho verde, o que acontecerá com o seco?” (“*Quia si in viridi ligno haec faciunt, in arido quid fiet?*”). *Lc* 23: 31. E é esse último que parece lançar luz à segunda expressão, “ramo inútil” (“*stips inutilis*”). O termo “*stips, -is*”, tal qual encontramos no texto, significa “pequena doação” ou “pagamento”, “moeda sem valor”, “vintém”, o que estaria em acordo com o sentido da frase: “O que sou sem ela, senão madeiro seco e vintém inútil?”. Mas a proximidade com “madeiro seco” sugere que se trate da grafia modificada de “*stipes, -itis*”, “tronco”, “galho”, “ramo”, pelos quais também “lenha” ou “madeira”. “*stips, -is*”; “*stipes, -itis*”. BLAISE. P. 776; GLARE. pp. 2008-2009. Enquanto objeto de baixo valor, tal qual ramos secos, “*stips, -is*” poderia estar fundamentado na passagem do *Livro de Isaías*, 14: 19, “Tu, porém, foste lançado fora de tua sepultura, como um ramo abominável” (“*tu autem projectus es de sepulchro tuo,/ quase stirps inutilis pollutus*”), em acordo com a adição presente em *TOC-1441*: “ramo inútil a ser lançado fora” (“*stips inutilis ad eiiciendum*”). Traduções da *Bíblia de Jerusalém*. MONTMORENCY, James Edward. *Thomas à Kempis: his age and book*. London: Methuen & Co., 1906. pp. 189-191. Interpretação também apresentada em BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture*. p. 621. Mas a imagem do “madeiro seco” e dos “ramos inúteis” não encerram sua significação. Tratam-se de recursos que denotam a ideia da criação ou, ao menos da

cristandade como uma árvore, na qual as criaturas se ramificam participando da natureza primeira, ainda que “corrompidos”. Enquanto “ramos secos”, podem ser jogados fora ou queimados na perdição eterna, na *Geena* e ou no “lago de fogo” da segunda morte. Mas, também, podem ser incendiados, abrasados ou inflamados pelo ardor da verdadeira devoção, como frequentemente encontramos nas passagens dos livros da *Imitação de Cristo*. E não por acaso, encontramos ecos desse entendimento na *Carta de Recomendação* às obras de Thomas de Kempis escrita por Georges Pirckamer, publicadas no âmbito das *Obras Completas* editadas por Peter Danhauser. Nela, os textos de Thomas são descritos “como uma chama escondida sob um feixe de lenha” (“*velut ignis absconditus in venis filicum*”), em uma clara alusão à potencialidade inflamável de sua devoção. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 4. O trecho do *Livro III*, acima indicado, demonstra as muitas possibilidades interpretativas, por vezes misteriosas, que o texto da *Imitação de Cristo* ainda resguarda.

58 - [LX, 9] - “*Se não fostes convertido e vos tivestes tornado pequenos, não teríeis entrado no Reino dos Céus!*”:

Citação literal de *Mateus* 18: 3: “e [Jesus] disse: ‘Em verdade vos digo que, se não converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus’” (“*et dixit: Amen dico vobis, nisi converſi fueritis, et efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum caelorum*”). *Bíblia de Jerusalém*. Sobre o “Reino dos Céus”, ver nota 17 destes comentários. pp. 283-286.

59 - [LX, 10] - *Ai, também, dos ricos, que aqui possuem suas consolações, porque permanecerão juntos dos pobres ao entrarem no Reino de Deus, porém em vigia, do lado de fora:*

Trecho composto a partir de duas passagens do *Evangelho de Lucas*. A primeira frase é uma citação modificada do capítulo 6: 24: “Mas, ai de vós, ricos, porque já tendes a vossa consolação!”. A segunda, faz menção à parábola do pobre Lázaro, narrada no capítulo 16: 19-29. Nela, temos um homem rico, que se veste com luxo e se banqueteia, todos os dias, com requinte, enquanto Lázaro, um mendigo, coberto de feridas, jaz à sua porta, com fome, sem que nada lhe fosse dado. Após a morte, o homem rico, em meio às chamas do inferno, vê, de longe, Lázaro junto de Abraão. A esse, pede que Lázaro molhe

a ponta do dedo e refresque sua língua, torturada pelas chamas. Abraão, no entanto, lembra-lhe que, em vida, havia recebido coisas boas, enquanto Lázaro, apenas más, e por isso, agora, deveria sofrer, enquanto o pobre mendigo, ser consolado. É sob essa história que o trecho acima constrói a imagem irônica dos ricos juntos dos pobres no Reino de Deus, porém do lado de fora. Sobre o Reino de Deus, ver nota 17 destes comentários. pp. 283-286.

60 - *Termina o livro sobre a consolação interna, que é o terceiro sobre a imitação de Cristo:*

TOC-1441 não traz nenhuma marcação ao fim do livro. *EV-1483*: “Termina o terceiro livro”.

COMENTÁRIOS AO *LIVRO IV*
TRATADO SOBRE O VENERÁVEL SACRAMENTO DO ALTAR

1 - Segue agora o quarto livro sobre a imitação de Cristo.... Segue uma devota exortação à sagrada comunhão de Cristo:

MV-1483, “Devota exortação à sagrada comunhão do corpo de Cristo”; TOC-1441, “Começa a devota exortação à sagrada comunhão”.

2 - fazei-o em minha rememoração:

O termo “rememoração” é aqui empregado para a palavra latina “*commemoratio, -onis*”, cujo sentido imediato é “lembrança”. Trata-se do termo presente na *Vulgata Latina*, no episódio em que Jesus partilha o pão e vinho com os discípulos, oferecendo-os em sua “memória”. *Lc* 22:19 (o episódio também está presente em *Mt* 26: 20-25 e *Mc* 14: 17-25, os quais não empregam o termo “*commemoratio, -onis*”). Essa noção é utilizada, na *Imitação de Cristo*, em uma perspectiva eminentemente espiritual, na qual a lembrança do sacrifício contribui para estruturação do “imitar a Cristo”, o desprezo do mundo e dos pecados associados ao corpo mortal, a exemplo do que é dito no Capítulo XII, 5, do *Livro II*: “Se algo fosse melhor e mais útil à salvação dos homens do que o sofrer, Cristo, certamente, teria mostrado a palavra e o exemplo, pois, frequentemente, exortava e dizia a todos os discípulos que o seguiam, com desejos manifestos de carregar a cruz: ‘Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, levante a sua cruz e siga-me.’” (*Mt* 16:24; *Lc* 9:23, *Mc* 8:34; *At* 14:22). A “rememoração”, por seu lastro bíblico, não representa um conceito específico da *devotio moderna*, embora o contexto neerlandês medieval a tenha enfatizado como uma dimensão espiritual da eucaristia, como aponta Rui Luis Rodrigues, de quem tomamos emprestado o termo para traduzir “*commemoratio, -onis*”. Segundo o autor, o conceito expressaria “a ideia de que, para além da apreensão física do sacramento e de seu valor intrínseco, haveria uma participação espiritual nele que seria, em si mesma, mais importante e efetiva”, noção cuja formulação mais clara teria sido dada por Wessel Gansfort (1419-1489), não coincidentemente, partícipe da espiritualidade da *devotio moderna* e próximo de Thomas de Kempis: “Portanto Paulo, o primeiro eremita, comeu da carne do Filho do homem mesmo durante o tempo em que não viu um único ser humano, quanto mais um sacerdote que lhe celebrasse o sacramento. Mas comeu dessa carne porque cria; e porque cria, rememorava frequentemente; porque rememorava, ponderava cuidadosamente; porque ponderava, ruminava; porque ruminava, saboreava o doce que é essa carne; porque

saboreava o doce que é essa carne, desejava-a; porque desejava, tinha fome e sede; porque tinha fome e sede, sabia que era mais doce do que o mel e do que o favo de mel, suspirava por ela, desejava-a, amava-a, enlanguescia de amor, estava ferido de amor por ela.” RODRIGUES, Rui Luis. *Entre o dito e o maldito: humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente (1530-1685)*. 2012. 614 f. Dissertação (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. pp. 54-59. Citação de Gansfort, traduzida, na página 58. Para mais informações sobre Gansfort, ver HYMA, Albert. “Chapter V - Wessel Gansfort”. _____. *The Christian Renaissance: A History of the “Devotio Moderna”*. 2º edition (1965). Hamden: Archon Books, 1924. pp. 191-235. A noção última expressa pela “memorização” está em fazer o comungante partícipe da bondade divina da encarnação e sacrifício de Jesus, completando, em sua dimensão espiritual, ou “interior”, o ato “exterior” da manducação da hóstia. Mas se Gansfort parece induzir a possibilidade da comunhão exclusivamente espiritual, Thomas de Kempis, no *Livro IV*, a apresenta em pleno complemento da eucaristia, de modo que a união com os desígnios divinos se expresse de forma total, tanto no âmbito físico quanto no espiritual. Trata-se de uma acepção próxima do sentido sacramental que encontramos na *Suma Teológica*, na qual Thomas de Aquino afirma que os sacramentos se constituem como “sinais” (“*signa*”) orientados para um “segredo sagrado” (“*sacrum secretum*”), dos quais a existência permite aos homens se aproximarem daquilo que não podem conceber por meio de imagens que lhe sejam familiares. AQUINO, Thomas de. *Suma Theologica*. Volume 2. Tradução. 2º edição. São Paulo. Edições Loyola, 2005. Parte III, questão 60, artigos 1-2. pp. 13-18. Assim, podemos resumir a concepção da eucaristia na *Imitação de Cristo* como o meio visível para se atingir a comunhão invisível com o amor divino demonstrado no sacrifício de Jesus, sendo essa última definida pelo conceito da “memorização” (“*commemoratio, -onis*”).

3 - [I, 3] *Os anjos e arcanjos te reverenciam...* :

O *Livro IV* menciona frequentemente os “anjos”, seres espirituais que compartilham da presença de Deus e o ajudam na condução da ordem cósmica da criação, concebendo-os segundo noções características do universo medieval. Os anjos, junto do adjetivo “angélico”, aparecem como reforços do propósito da perfeição espiritual, estabelecendo uma oposição com o mundo e, por vezes, utilizados para realçar o valor da eucaristia e,

consequentemente, do sacrifício de Jesus, dado não pelos anjos, mas para os seres humanos. A ideia do “pão angélico” aprofunda essa perspectiva: o pão físico, assim como o corpo de Jesus, remete a uma dimensão superior, “espiritual”, âmbito no qual se dá a salvação, pela qual os verdadeiros devotos poderiam desfrutar da companhia divina de Deus e seus anjos. O *Livro IV da Imitação de Cristo* cita apenas uma vez os querubins e serafins (III, 4), assim como os arcanjos (I, 3), ao contrário dos anjos, frequentes nos livros I, III e IV. Tratam-se daqueles que são mencionados mais claramente nos textos bíblicos – os demais, por Paulo, possuem um contexto obscuro quando considerados à luz exclusiva de suas cartas – o que reforça o lastro da compilação nos textos bíblicos, a eles mais apegados do que as demais fontes medievais. No entanto, notamos uma convergência com as concepções angélicas típicas do período. Os querubins e serafins são associados ao ardor fervoroso pela presença divina, reforçando as concepções místicas do convívio íntimo com Deus. Sobre os diferentes tipos de anjos, ver nota 20 dos *Comentários ao Livro III*. pp. 288-292.

4 – [I, 3-4] *Eis Noé, homem justo... de que modo te introduzirei em minha casa, quando com dificuldade soube despendar meia hora em devoção, ou, na verdade, um quarto de hora?:*

Aqui encontramos três personagens distintos das narrativas bíblicas, mas que estão associados pela concepção espiritual da *devotio moderna*. Noé, apresentado no relato como “homem justo, íntegro em seus contemporâneos”, foi poupado por Deus quando este decidiu exterminar os seres da terra. Foi então escolhido para construir uma “arca”, palavra latina cujo significado é “cofre” ou “caixa”, na qual deveria colocar sete exemplares de animais puros e um casal de cada um dos tipos dos seres vivos restante, uma forma de preservar as sementes da criação. Deus então envia o dilúvio, inundando a terra por quarenta dias e quarenta noites. Após esse período, as águas baixam, permitindo aos tripulantes que deixem a arca. Esse teria sido o início do repovoamento do mundo. Com todos os descendentes dos seres salvos, Deus teria então estabelecido uma aliança (“*foedus*, -*eris*”), simbolizada pelo Arco-Íris nos céus, lembrete de que as chuvas parariam antes de voltar a ameaçar a criação. Gn 6: 5-22; 7-9. Imediatamente a seguir, temos a menção a Moisés e à “Arca da Aliança” (“*arca foederis*”). Moisés, descendente de Levi, teria sido escolhido por Deus para conduzir a libertação dos hebreus do jugo egípcio e o retorno à “Terra prometida”, em um dos passos da concretização da aliança

estabelecida, anteriormente, com os patriarcas Abraão, Isaac e Jacó. São icônicos desse relato os episódios das “dez pragas do Egito”, a instituição da Páscoa, a fuga pelo Mar Vermelho e a peregrinação no Sinai. *Ex* 1-18. É no Sinai que Moisés, então, teria recebido, diretamente de Deus, as prescrições rituais e o *Decálogo*, ou “*Tábuas da Lei*”, conjunto de dez determinações, divididas em dois conjuntos de cinco: o primeiro, relativo ao culto sagrado exclusivo de Iahweh, e o segundo, às normas sociais. *Ex* 19-20; *Dt* 5: 1-22; 10: 1-11. É importante notar que, no relato, essas primeiras tábuas foram quebradas por Moisés diante da veneração do Bezerro de Ouro, pelo qual a comunidade israelita teria rompido com o culto exclusivo de Iahweh, ou, ao menos, com sua proibição ao culto dos ídolos. As tábuas seriam, então, substituídas por uma versão similar, porém escrita pelo próprio Iahweh, em uma renovação da aliança. *Ex* 32-34. Para abrigá-las, segundo as instruções divinas, constrói-se a “Arca da Aliança”, invólucro de madeira de acácia, recoberto de ouro, sob a qual se posicionava o propiciatório adornado com dois querubins dourados. *Ex* 25: 10-22; 37: 1-9. Ver também *Dt* 10: 1-11. A Arca, por sua vez, habitou no Tabernáculo, a tenda construída para o período de itinerância, e que simbolizava a presença física de Deus entre o seu “povo”, como a sua casa, e na qual se realizava o seu culto pelos sacerdotes levitas. *Ex* 35-40. Ver também *Dt* 12: 2-12. A interpretação cristã desse santuário está em íntima relação com a menção seguinte a este trecho, o Templo de Jerusalém. Erigido por Salomão, o edifício teria servido de abrigo para a Arca e para o Decálogo. A transladação e a inauguração do Templo são descritos em *I Rs* 8: 1-9, 62-63. Esses três episódios são entendidos nesse parágrafo em relação às concepções da interiorização espiritual implícitas na eucaristia: assim como Noé inseriu a criação de Deus na arca, e Moisés e Salomão depositaram o código da aliança, as próprias palavras divinas, em seus devidos receptáculos, o fiel introduz em si mesmo, fisicamente, o corpo de Jesus, elemento sacrificial que estabelece a “segunda aliança”, de acordo com a interpretação paulina: “Eis por que [sic] ele é mediador de nova aliança. Sua morte aconteceu para o resgate das transgressões cometidas no regime da primeira aliança; e, por isso, aqueles que são chamados recebem a herança eterna que foi prometida. Com efeito, onde existe testamento, é necessário que se constate a morte do testador. O testamento, de fato, só tem valor no caso de morte. Nada vale enquanto o testador estiver vivo. Ora, nem mesmo a primeira aliança foi inaugurada sem efusão de sangue. (...) Cristo não entrou num santuário feito por mão humana, réplica do verdadeiro, e sim no próprio céu, a fim de comparecer, agora, diante da face de Deus a nosso favor. E não foi para oferecer-se a si mesmo muitas vezes, como o Sumo Sacerdote que entra no Santuário

cada ano com sangue de outrem. Pois, se assim fosse, deveria ter sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas foi uma vez por todas, agora, no fim dos tempos, que ele se manifestou para abolir o pecado por meio do seu próprio sacrifício. E como é fato que os homens devem morrer uma só vez, depois que vem um julgamento, do mesmo modo, Cristo foi oferecido uma vez para tirar os pecados da multidão. Ele aparecerá a segunda vez, com exclusão do pecado, àqueles que o esperam para lhes dar a salvação.” *Hb* 9: 15-28. Ver também 8: 6-13. A menção aos três episódios do *Antigo Testamento*, concebidos como “a lei antiga” por Paulo, é utilizada para reforçar o caráter da eucaristia enquanto sublime, na qual o próprio Jesus, e não um objeto sagrado, passa a habitar o interior do fiel. Essa noção remete à ideia da “memoração” (“*commemoratio, -onis*”), na qual a lembrança do sacrífico desempenha um papel de igual valor ao ato simbólico da manducação, assim como nas concepções do corpo humano como o novo “Templo de Deus”, local de culto interior. Sobre a Rememoração, ver nota 2 destes comentários, e sobre o Templo Interior, nota 54, nos *Comentários ao Livro I*. pp. 323-324, 243-245.

5 - [I, 5] *Quão breve é o tempo em que me satisfaço, quando me disponho a comungar!:*

No texto latino, encontramos o verbo “*communico, -as*”, traduzido por “comungar”. Seu sentido expressa tanto a ideia de “compartilhar” quanto “tomar parte”, “ser admitido”, “participar”, “associar-se”, “unir-se”, assim como “comunicar” ou “estabelecer contato”, partilhando a mesma raiz de “*communio, -onis*”, “comunhão”, “comunidade”, “sociedade” ou “partilha”. “*comunico, -are*”. BLAISE. p. 177; GLARE. p. 405. No texto da *Imitação de Cristo*, ele é empregado para se referir ao ato da comunhão eucarística junto dos termos “*communio, -onis*”, “comunhão”, e “*celebro, -as*”, “celebrar”. A polissemia do termo evoca a ideia da “memoração”, na qual a memória do sacrifício de Jesus torna o fiel partícipe do plano da redenção, simbolizada pelo ato da manducação da hóstia, ao mesmo tempo que o integra na comunidade cristã, aquela dos que o reconhecem como redentor do pecado humano. A noção de “contato” ou “comunicação” também está próxima da perspectiva espiritual expressa nos três livros anteriores, sobretudo nos diálogos do *Livro III*, o que demonstra que o *Tratado sobre o venerável sacramento do altar* não se afasta do restante da compilação. Ver também nota 2.

6 – [I, 6] entre aqueles sacrifícios da lei, figuras do futuro, e a verdadeira oblação de teu corpo, conclusão de todos os sacrifícios antigos:

A seção 6 dá continuidade ao que foi dito, anterior, na seção 4. Os objetos mencionados anteriormente – o Decálogo e a Arca da Aliança – utilizados como metáforas para a interiorização dos desígnios divinos, segundo a concepção mística do culto interior, por mais sagrados que fossem, não poderiam ser comparados com o próprio corpo de Jesus, segundo a doutrina católica, dado em sacrifício pela redenção humana, viabilizando a salvação definitiva. Esses objetos, em conjunto com os sacrifícios de expiação prescritos no *Antigo Testamento*, são entendidos nesse trecho como “prefigurações” da encarnação, morte e ressurreição de Jesus, a “conclusão” (“*completiuum*”) dessas manifestações físicas anteriores que a ele remetem, como etapas do plano da salvação divina. Os sacrifícios constituíram um elemento importante do culto hebraico e, posteriormente, judaico. Prescritos nas normas rituais do *Levítico*, *Números* e *Deuteronômio*, envolviam oferendas a Iahweh, dadas na forma de sacrifícios animais puros – bois, cabritos, carneiros e pombos – ou de produtos da terra, simbolizados por farinha, azeite e pães, ou “bolos”, assados – esses intitulados “oblação” (“*oblatio, -onis*”). *Lv* 1-9; 10: 12-20; 16; 23-24; *Nm* 15: 1-30; 18: 8-32; 19; 28-29; *Dt* 12: 13-28; 15: 19-23; 16: 1-16; 26: 1-11; Segundo Marcel Mauss e Henri Hubert, os sacrifícios hebraicos possuiriam quatro formas fundamentais: as duas primeiras, o *hattât* ou *hataah*, “sacrifício de expiação”, e o *shelamim*, “sacrifício de comunhão”, dado em ação de graças ou forma de aproximação ou aliança com o divino; os dois últimos definem a sua natureza, o *minhâ*, constituído por “frutos da terra” ou alimentos vegetais, e o *ôlá*, oferenda à divindade, podendo todos eles serem combinados para fins específicos (exemplos dos sacrifícios de ordenação sacerdotal, compostos pelo *gattât*, pelo *ôlá*, e pelo *shelamin*, como narrado em *Êxodo* 29: 10-44 e prescrito em *Levítico* 8). MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 22. Desses, os sacrifícios animais constituem os mais frequentes nas narrativas bíblicas, e possuem uma grande importância para a exegese cristã. Segundo Mauss e Hubert, todo sacrifício envolveria a passagem de um objeto comum para o domínio religioso, sendo, portanto, “consagrados”, transformando o ente que o oferece: “O fiel que fornece a vítima, objeto da consagração, não é no final da operação o que era no começo”. Essa seria a essência do que denominam “sacrifícios pessoais”, aqueles cujo ente sacrificador seria diretamente afetado pela ação sacrificial. A vítima, durante o processo, seria imbuída de um princípio

divino, cuja morte desfaz o último vínculo com o profano. *Ibidem*. pp. 15-54 (Citação na página 15). Nos livros do *Antigo Testamento*, os “sacrifícios pessoais” – *hattât* e *shelamim* – assumem as funções de purificação e expiação por delitos, sejam civis ou religiosos. São sempre realizados por intermediação dos sacerdotes e em limites sagrados, como o Tabernáculo e o Templo de Jerusalém. Podemos compreendê-los também pela definição de René Girard, que os coloca como “vítimas relativamente indiferentes, ‘sacrificáveis’, às quais a sociedade procura desviar uma violência cujo risco ameaça seus próprios membros, aos quais pretende proteger”. (“*La société cherche à détourner vers une victime relativement indifférent, une victime ‘sacrifiable’, une violence qui risque de frapper ses propres membres, ceux qu’elle entend à tout prix protéger.*”) GIRARD, René. *La violence et le sacré*. Paris: Bernard Grasset, 1972. p. 17. Nesse tipo de sacrifício, no contexto hebraico, temos o sangue como um dos elementos centrais. A sua associação com a “alma” (na *Vulgata Latina*, “*anima*, -ae”), o princípio vital que “anima” os seres, fez do sangue o principal elemento de purificação, como evidenciado pelos rituais de aspersão e consagração. Ver *Gn* 9:4; *Dt* 12: 16, 23; sobre a aspersão e consagração, ver exemplos em *Ex* 24: 1-1; *Lv* 4: 13-35; 8: 14-36; 9; *Dt* 12: 20-28. As considerações de Mauss, Hubert e Girard nos indicam o propósito da realização dos sacrifícios, cuja sentido na cultura hebraica pode ser rastreado até a Lei de Talião, expressa em *Levítico* sobre a máxima “vida por vida”, ou “alma por alma”, na *Vulgata* (“*animam pro anima*”). *Lv* 24: 18. Esse parece ser o sentido último do entendimento dos sacrifícios: a purificação pelo oferecimento da vida, concessão máxima de Deus, e o resgate das faltas e delitos pela transferência da culpa à vítima sacrificada, como se subentende por sua designação como *kipper*, em hebraico, associada à *koper*, “resgate”. Ver *Ex* 30: 12 e nota “c”, página 162. *Bíblia de Jerusalém*. A proeminência do culto sacrificial na cultura hebraico-judaica forneceu ao cristianismo a principal fundamentação para o papel redentor da crucificação de Jesus, como comentado por Hilário Franco Júnior: “Cristo foi, a rigor, a síntese dos dois grandes campos míticos que conviviam com sua época, o originário da sociedade pastoril do Mesolítico (da qual tinham feito parte os hebreus na etapa nômade de sua história) e o da revolução agrícola do Neolítico (à qual aderiram na Terra Prometida). Do primeiro procedia a ideia de sacrifício animal aos deuses cuja proteção se procurava atrair. Sacrifício que entre os hebreus era seguido de uma refeição comunitária que objetivava, mediante o consumo da vítima sacrificial, estabelecer comunhão com a divindade. Na terra de holocaustos de ovelhas e bois a Yavé, na terra da entrega a Ele do primogênito de animais e humanos, na terra do bode expiatório que anualmente levava para o deserto

os males da sociedade, na terra de Isaac que no momento de ser sacrificado foi substituído por um cordeiro enviado pelo anjo de Yavé, era natural que Jesus tenha sido visto por seus seguidores como o primogênito do Senhor ofertado a Si mesmo, como ‘cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo’.” FRANCO Jr, Hilário. *Os três dedos de Adão: Ensaio de Mitologia Medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p. 23. A ideia da expiação sacrificial foi, assim, transferida pelo cristianismo a Jesus, o “cordeiro de Deus” (“*agnus Dei*”), cujo sangue teria sido oferecido como oferta de resgate pela humanidade corrompida pelo pecado. Essa interpretação é especialmente nítida na *Carta aos Hebreus*, onde não apenas seu sangue derramado sela a “Nova Aliança”, mas lhe imbuí o papel intermediário da sagração antes conferido aos sacerdotes e ao Templo de Jerusalém. *Jo* 1: 29, 36; *I Cor* 5: 7-8; *Hb* 2: 5-18; 5: 1-10; 6: 19; 7-9: 1-25; *Ap* 5. Agostinho de Hipona, nos séculos IV e V, desenvolveu essa mesma perspectiva, dando os contornos pelo qual a imagem do sacrifício de Jesus seria entendido durante a Idade Média. Sua leitura negativa da natureza da carne, reproduzida na *Imitação de Cristo* e perpassando todo seu texto, deixa implícita a concepção filosófica da redenção. O corpo humano, corrompido, seria incapaz de viabilizar a própria salvação, e por isso, a encarnação de Deus, na figura humana de Jesus. Esse, composto da mesma substância do corpo humano, “corruptível porém incorrupto”, ofereceria a possibilidade da expiação pela troca, estabelecendo um paralelo com os sacrifícios do *Antigo Testamento*, no qual somente animais “puros” e “sem defeitos” efetivavam os propósitos sacrificiais: “Tal seria a alma socorrida pelo teu Verbo: ela escrava. Ele livre; ela contaminada, ele puro, ele íntegro, porém ele também corruptível, porque feito da mesma substância”. *Confissões*, VII, II, 3. Tradução de Lorenzo Mammi pp. 167-168. (“*et hanc esse animam, cui tuus sermo, serviente liber, et contaminatae purus, et corruptae integer subveniret; sed et ipse corruptibilis, quia ex una eademque substantia.*”) *Confessiones*, VII, II, 3. Tomo I. p. 734. O resultado, certamente consciente na espiritualidade medieval, é o paralelo entre a purificação sacrificial e o sangue derramado na crucificação; a promessa da vida eterna, incutida no “Verbo encarnado”, oposta à concepção joanina da “segunda morte”, a concessão que afasta, de forma definitiva, os impedimentos da aproximação com o divino. Em suma, “alma por alma”, “vida por vida”. *Ap* 1: 6; 2: 11; 20: 5-6, 14-15, 21: 8. Ver também *Rm* 6: 1-14; e *Cl* 2: 12-13.

7 – [I, 8] *Muitos correm a diversos locais para visitar relíquias dos santos e maravilhar-se com seus efeitos... E eis que, no altar, tu estás presente junto a mim, meu Deus, Santo dos Santos, o criador de todos os homens, Senhor dos anjos:*

O termo “reliquia” provém do latim “*reliquia, -ae*”, cuja etimologia remonta ao verbo arcaico “*linquo, -is*” e seu derivado “*relinquo, -is*”, “abandonar”, “deixar”, “legar”. O termo foi empregado para definir os restos mortais dos santos, os “vestígios” e “resquícios” de seu compromisso com a fé. Sua associação primitiva com os mártires é especialmente sensível, uma vez que representavam os objetos e membros diretamente envolvidos nos processos de tortura e execução, a exemplo das relíquias de Estevão, apedrejado em Jerusalém, Sebastião de Narbonne, amarrado em uma árvore e crivado de flechas por ordens de Diocleciano, Inácio de Antioquia, torturado e por fim lançado aos leões por Trajano, Jorge da Capadócia, arrastado e decapitado, e Pancrácio da Frígia, decapitado ainda menino por conta de sua recusa em sacrificar aos deuses romanos. Ver “Santo Estevão, Mártir”; “São Sebastião”; “Santo Inácio”; “São Jorge”, “São Pancrácio”. VARAZZE, Jacopo da. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução, do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 106-112, 177-187, 239-260, 365-370, 457. A própria palavra “mártir” advém do grego “*μάρτυρ, ὁ, ἡ*” (“*martyr*”), significando “testemunha”, alusão ao fato de terem dado “testemunho” de sua fé, sendo as relíquias a sua materialização ou presentificação física. Durante a Idade Média, as relíquias protagonizaram o meio devocional, sendo abrigadas em relicários elaborados e grandes igrejas, como sintetiza a *Imitação de Cristo* ao se referir a elas como envoltas “em ouro e seda”. Possuíam inúmeras funções, que iam desde a afirmação social de determinada comunidade à legitimação de poder e sinal de *status*. Estavam também no centro das peregrinações, rotas seguidas por fiéis como penitência ou exercício de devoção. As relíquias, porém, não deixaram de ser alvo de polêmica, suscitando, por vezes, a preocupação com a idolatria e com a veneração exacerbada. André Vauchez chega a afirmar que a regulamentação da elevação da hóstia, no século XIII - algo que nos remete à própria institucionalização do *corpus Christi*, em 1264 - teria sido em decorrência de exposição prolongada, por vezes exagerada, durante a consagração, ao exemplo do que acontecia com as relíquias, e Jean Flori aponta o estranhamento de Bernardo de Angers com os relicários em forma de estátuas, representando os santos correspondentes. FLORI, Jean. “A violência sagrada dos santos”. _____ . *Guerra Santa: Formação da ideia de cruzada no Ocidente Cristão*. Tradução de

Ivone Benedetti. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. pp. 107-129 (menção nas páginas 108-109); VAUCHEZ, André. “O Homem Medieval à Procura de Deus: formas e conteúdo da experiência religiosa”. _____. *A Espiritualidade na Idade Média ocidental (séculos VIII a XIII)*. Tradução de Lucy Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. pp. 160-165 (menção na página 163). Uma das apresentações mais vívidas sobre as relíquias pode ser encontrada no *Decamerão* de Giovanni Boccaccio, escrito por volta de 1348. Na décima história do sexto dia, Dionéio conta o episódio satírico envolvendo um certo frade *Cipolla* (“cebola”, uma referência à sua “devoção” pelo vegetal), que exibia, todos os anos, na região do castelo de Certaldo, na Toscana, suas impressionantes relíquias. A narrativa é especialmente reveladora tanto em relação à banalização da exibição das relíquias – absurdas, como o “dedo do Espírito Santo (...) o topete do serafim que apareceu a São Francisco; uma das unhas dos querubins; (...) raios da estrela que surgiram aos três reis magos do oriente” – quanto ao apelo nutrido por esses objetos: “tantos homens e mulheres foram ter ao castelo, que mal cabiam nele; e ficaram ali, com profundo desejo de fitar tal pena [das asas do anjo Gabriel]”; e ainda, ao mostrar um falso carvão atribuído às brasas que queimaram Lourenço, “A plebe ignara olhou a relíquia com reverente admiração; depois, apressaram-se todos a falar com o Frade Cipolla fazendo-lhe ofertas muito maiores do que as que costumavam dar; cada qual implorava que o frade o tocasse com os tais carvões.” BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. 2 Volumes. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Sexta jornada, 10º novela. Volume II. pp. 20-26. Sobre a institucionalização do culto às relíquias, ver BROWN, Peter. *The cult of the Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981. *Passim*; _____. “Relics and Social Status in the Age of Gregory of Tours”. _____. *Society and the Holy in Late Antiquity*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1982. pp. 222-250. A *Imitação de Cristo*, no *Livro IV*, não condena o culto das relíquias, embora enfatize a sua pouca relevância frente à eucaristia, segundo a doutrina católica, o próprio corpo e sangue de Jesus, matéria da redenção e princípio que fundamenta toda devoção espiritual, incluindo a dos santos. A proximidade do tema com os santos também suscita uma última consideração. Por toda a *Imitação de Cristo*, os santos são tidos como exemplos de devoção, figuras que não transcendem a natureza humana, mas atestam o ardor e o compromisso com a fé. Isso, porém, não impediu que Thomas de Kempis desenvolvesse sua própria afeição aos santos, assim como os demais autores da *devotio moderna*. Dentre as composições de Thomas, consta a *Vita Lidewigis* (“Vida de Lidewina”), uma biografia

sobre Lidewina de Schiedam. Nascida em 15 de abril de 1380, passou grande parte da vida debilitada pelas sequelas de uma queda no gelo, enquanto patinava, além de ter sofrido de paralisias múltiplas pelo corpo. Acamada e sempre debilitada, Lidewina ficou conhecida por suas visões místicas e curas, tendo morrido em 1433. Informações retiradas da *Vida* escrita por Thomas. “Vita Lidewigis virginis”. POHL, Michael Joseph *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia*. Vol. 6. Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1905. pp. 321-323; 326-328; 436-439. Na *Vita reuerendi patris Florentii* (“Vida do reverendo pai Florent”), biografia de Florent Radewijns, composta por Thomas, vemos-no descrever suas práticas de ascese em semelhança a um episódio envolvendo Bernardo de Clairvaux na *Legenda Aurea*: “No começo de sua conversão, o fervoroso e devoto serviçal de Deus Florent, para domar a concupiscência de sua carne, castigava o seu corpo com jejuns e vigílias bastante rígidos... porque não apenas se abstinha do inadequado e supérfluo, mas também se privava do necessário. Por isso, perdera quase toda a vontade de comer, e não possuía mais a capacidade de perceber diferentes comidas. Certa vez aconteceu de um cozinheiro relapso entrar em sua cela com uma jarra de óleo ao invés de cerveja, a qual [Florent] bebeu sem perceber. Somente quando o cozinheiro pegou a jarra em que ele bebera, soube que havia se enganado.” (“*Feruidus ac deuotus dei famulus Florentius in primordio conuersionis suae ad edomandam carnis suae concupiscentiam: corpus suum ieiuniis & vigiliis rigide nimis castigauit, (...) quia non solum ab illicitis & superfluis abstinebat: sed multa etiam sibi necessaria subtraxit: ita vt plerumque appetitum comedendi perderet, & gustu discernendi cibos non haberet. Vnde semel accidit, vt absente coco cellarium intraret: & ex quadam amphora oleum pro cereuisia potaret: nec hoc discernere potuit, nisi quando cocus eum de qua amphora bibisset requisiiuit: & tunc se errasse cognouit.*”) “Vita reuerendi patris Florentii”. Capítulo XVII. OGDANHAUSER, 1494. Folha CLXV. Na *Legenda Aurea*, em relação a Bernardo: “De tanto domar a sedução da gula, perdeu grande parte do sentido do paladar. Certa feita, serviram-lhe por engano óleo com bebida e o fato permaneceu em ignorado se não tivessem reparado em seus lábios oleosos.” São Bernardo”. In VARAZZE, Jacopo da. *Legenda aurea*. Tradução de Hilário Franco Júnior. p. 685. (“*Sic gule illecebras edomuerat ut ipsam quoque saporum discretionem ex magna parte pediderit. Nam et oleum sibi per errorem aliquando propinatum bibit et penitus ignorauit nec prius id est cognitum donec quidam lábia eius miraretur inuncta.*”). “CXVI - De Sancto Bernardo”. In VARAZZE, Jacopo da. *Legenda Aurea*. Edizione critica a cura di Giovanni Paolo Magionni. 2ª edição.

Florença: Sismel- Edizioni del Galluzzo, 1998. p. 816. Ainda que tivessem, em sua simplicidade, uma predileção enfática na devoção de Jesus, a *devotio moderna* não deixou de se aproximar, quando possível, dos santos, procurando legitimar suas próprias pretensões, ou mesmo formulando sua própria identidade em paralelo aos muitos exemplos de santidade do universo medieval.

8 – [I, 12] *quando a sagrada comunhão está difundida largamente pelo globo:*

Utilizamos o termo “globo” para traduzir a palavra latina “*orbis, -is*”, cujo sentido é “esfera” ou “objeto arredondado”. O termo, durante a Idade Média, foi empregado com frequência para descrever a totalidade do mundo e também as esferas celestes (“*orbis stellarum*”), representadas pelas diferentes camadas dos planetas e das estrelas fixas. Ver nota 10, *Livro I*. pp. 213-221. O termo “*orbis, -is*” poderia ser acompanhado dos adjetivos “*terrarum*” (“orbe das terras”, “o círculo do mundo”) ou “*christianum*” (“orbe cristão”, “mundo cristão”), dois termos que na concepção medieval, definiam a mesma coisa: os limites do mundo. Não sem motivo, o texto da *Imitação de Cristo* se utiliza apenas do substantivo “*orbis, -is*” (“*per orbem*”, “pelo orbe”, “pelo globo”) associando-o à atuação da Igreja. Trata-se de uma noção cujo desenvolvimento remonta ao período clássico, fomentada pelas dinâmicas sociais do domínio romano. Importando da cultura helênica a noção de “bárbaro” (“*βάρβαροι, οἱ*”, “*bárbaroi*”, literalmente, “os que balbuciam”), empregada para designar os não falantes de grego, o mundo romano a empregaria em associação aos seus “valores cívicos” (“*ciuilitas, -tatis*”), conjunto de hábitos culturais e sociais que os distinguiam, segundo suas concepções, dos povos externos às suas fronteiras. Ser romano, significava estar sob o domínio (“*imperium, -ii*”) de Roma, assim como partilhar de sua “civildade”, termo que deve ser antes entendido pelo compartilhamento de sua organização política, afastando-o do sentido corrente do termo. Com a cristianização do Império e a oficialização do culto cristão pelo Editto de Tessalônica, em 380, determinado por Teodósio I, a fé cristã e suas manifestações rituais se oficializaram como uma das características distintivas do mundo romano. Ao conceito de “Império” e suas implicações enquanto vasta dominação, incluindo diversos povos, línguas e sistemas, somava-se, assim, a pretensão universalista do cristianismo, fundamentada pelos escritos paulinos. Ver, por exemplo, *At* 13: 44-49; *Rm* 11: 1-15; *I Cor* 9: 19-23; *Gl* 3: 15-22; *Cl* 1: 21-29. Vale ressaltar que o cristianismo dos primeiros séculos encontrou sua definição na palavra grega “*καθολικός, -ή, -όν*” (“*katholikós, -é, -*

ón”), cujo sentido é “universal”. Os limites do Império, cuja pretensão expansionista ocupou boa parte de história, assim, se associavam aos limites da cristandade, à *res publica Christiana* (“República cristã”, “sociedade cristã”), que se opunha à sociedade dos “bárbaros”, dos “gentios” ou “pagãos” e dos “infieis”, sem, porém, deixar de reconhecer sobre esses povos suas pretensões e prerrogativas, viabilizando-as, quando possível, pela conquista e evangelização. A noção de “mundo”, o *orbis*, no contexto da cristandade ocidental do século XV, era entendida, assim, entre as terras cristãs e as terras e que deveriam se cristianizar. PAGDEN, Anthoy. “The Legacy of Rome”. _____. *Lords of all the World: Ideologs of Empire in Spain, Britain and France (c. 1500-c.1800)*. London; New Heaven: Yale University Press, 1998. pp. 11-28; RODRIGUES, Rui Luis. “O Fim da *respublica christiana*: as dinâmicas confessionais e a pré-história da noção de laicidade”. In *Teologia em Questão*. Taubaté: volume 24, n. 2013/2. pp. 9-35. 2013.

9 - [II, 2] Desprezo e sujeito a ti as minhas vilezas profundas:

MV-1483 e TOC-1441 trazem: “Mas em que pensarei na comunhão, no acesso ao meu Senhor, a quem sou incapaz de venerar como se deve, e, entretanto, desejo receber com devoção? Mas em que coisa melhor e mais saudável pensarei senão em humilhar totalmente diante de tua face e exaltar tua infinita bondade comigo? Louvo-te, meu Deus, e por toda e eternidade te exaltarei” (“*Sed quid cogitabo in hac communione, in accessu ad dominum meum quem debite venerari nequeo et tamen deuote suscipere desidero? Quid cogitabo melius et salubrius nisi meipsum totaliter humiliando coram te et tuam infinitam bonitatem exaltando supra me. Laudo te deus meus et exalto in aeternum.*”)

10 [II, 6] Por isso, debes sempre te dispor... manifestando-se e morrendo pela salvação dos homens:

Esse último parágrafo representa um conselho, construído em terceira pessoa, rompendo com a voz do restante do capítulo, direcionada a Jesus, em forma de diálogo. Ver nota 13, *Livro I*. p. 223.

11 - [III, 1] Desejo te induzir a minha casa até que eu mereça, como Zaqueu... :

Zaqueu (em latim, “Zachaeus, -i”) é um personagem apresentado no *Evangelho de Lucas*. Trata-se de um “publicano”, cobrador de impostos, função apresentada nos evangelhos de forma pejorativa, associada a à cobiça, ao pecado e aos “gentios”. Zaqueu é descrito como um homem rico, chefe dos publicanos em Jericó. Quando da entrada de Jesus na cidade, ocorreu para vê-lo em meio à multidão, subindo em uma figueira (“*sycomorus, -i*”). Jesus, ao passar debaixo da árvore, levanta então os olhos para Zaqueu e pede que desça, dizendo que se abrigará em sua casa. Tomado de alegria, assim o faz, anunciando a doação de seus bens aos pobres e o retorno de quatro vezes as quantias que havia tomado a outros. Jesus então lhe diz: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.” *Lc* 19: 1-10. Zaqueu, assim, consta como um dos personagens bíblicos citados no *Livro IV* como ilustração do receber a Cristo, uma vez que o teve dentro de sua própria casa, em uma nítida referência ao ideal de interiorização presente na *Imitação de Cristo*. Sobre os publicanos, ver *Mt* 5: 45-46; 9: 10; 18: 17, e nota “g”. *Bíblia de Jerusalém*. p 1712.

12 - [V, 1] *Se tiveres uma pureza angélica e a santidade de São João Batista....*

João Batista é um personagem proeminente na preparação do ministério de Jesus, estando presente nos quatro Evangelhos. Em todos eles, assume o papel de anunciador de sua mensagem e encarnação, sendo associada à “voz que clama no deserto” mencionada no *Livro de Isaías*, 40: 3. *Mt* 3: 1-3; *Mc* 1: 1-3; *Lc* 3: 1-6; *Jo* 1: 6-8, 15, 23. Nos *Evangelhos de Mateus* e *Marcos* é apresentado com hábitos ascéticos, portando vestimentas de pele de camelo e habitando o deserto, onde se alimenta de gafanhotos e mel silvestre. *Mt* 3: 4; *Mc* 1: 1-8. Em *Lucas*, a narrativa mais detalhada a seu respeito, é referido como filho do sacerdote Zacarias e sua mulher, Isabel, tida como estéril, sendo ambos de idade avançada. Sua concepção é anunciada pelo anjo Gabriel, o mesmo que anuncia a Maria o nascimento de Jesus, o qual informa a sua atuação como pregador: “Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor; não beberá vinho, nem bebida embriagante; ficará pleno do Espírito Santo, ainda no seio de sua mãe e converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus.” *Lc* 1: 5-25. Tradução da *Bíblia de Jerusalém*. João pode ser tido como um dos primeiros personagens a reconhecer o papel de Jesus, ao lado de Maria e José, pois teria se exultado em alegria, ainda dentro da barriga de sua mãe, em um episódio no qual Isabel

se aproxima de Maria, grávida de Jesus. *Lc* 1: 39-56. Em *Lucas*, também encontramos menção à sua circuncisão e à escolha de seu nome, cujo significado é “Iahweh lhe é favorável”. *Lc* 1: 59-66. Sobre o sentido do nome, ver nota “h”. *Bíblia de Jerusalém*. Página 1786. Sua morte é descrita em *Mateus* e *Marcos*, além de em uma breve menção em *Lucas*: Herodes, o tetrarca da Galileia, ordena o seu aprisionamento em decorrência de uma reprimenda por conta do casamento com Herodíades, viúva de Filipe, seu irmão, poupando-o em receio às reações à sua execução. Em uma comemoração ao aniversário de Herodes, a filha de Herodíades teria dançado e o agradado a tal ponto, que esse lhe concedeu a promessa de realizar o que quer que pedisse. Instigada pela mãe, ela então declara seu desejo de receber a cabeça de João Batista em um prato, ato concedido por Herodes. *Mt* 14: 3-12; *Mc* 6: 17-29; *Lc* 9: 7-9. O termo “batista”, associado a João, é uma referência à sua prática de imersão em águas como forma de purificação. Não se trata de um ritual completamente novo na cultura judaica, cujas origens remontam a práticas similares de purificação, presentes desde os textos do *Pentateuco*, a exemplo da purificação sacerdotal com água e o ritual das águas lustrais, em *Números*. *Ex* 8: 6; 29: 4-6; 40: 12-15; *Nm* 19: 17-12. Segundo Reza Aslan, o uso da água em rituais de purificação encontrava-se difundido por todas as culturas do Oriente Próximo, dada sua capacidade de “transportar uma pessoa ou objeto de um estado a outro: do sujo ao limpo, do profano ao sagrado.” Aslan também aponta as semelhanças entre o ritual batismal de João com a seita dos essênios, a qual tinha na prática constante da imersão uma forma de purificação, porém sem deixar de considerar o distanciamento de João, indivíduo solitário, acompanhado apenas de seus discípulos e cujo ritual não se apresenta com a mesma constância dos banhos essênios. ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Tradução de Marlene Suano. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. pp. 104-113. A relação de João Batista com Jesus é suficientemente complexa a ponto de merecer algumas considerações. Nos quatro Evangelhos, há menção ao batismo de Jesus por João Batista, sem que este, entretanto, deixe de se reconhecer indigno “de nem ao menos lhe retirar as sandálias”. João também anuncia a diferença de seu batismo, pelas águas, com o de Jesus, feito pelo “fogo do Espírito Santo”. *Mt* 3: 13-15; *Mc* 1: 8-11; *Lc* 3: 21-22; *Jo* 1: 29-33 (citação adaptada da *Bíblia de Jerusalém* em *Mt* 3: 11; *Mc* 1: 7; *Lc* 3: 16 e *Jo* 1: 26). João Batista foi entendido pela tradição cristã como último dos profetas, aquele que veio anunciar diretamente a vinda de Jesus: “Então, que fostes ver? Um profeta? Eu vos afirmo que sim, e mais do que um profeta. É dele que está escrito: *Eis que envio o meu mensageiro à tua frente;/ ele preparará o teu caminho diante de ti.*” *Mt* 11: 9-10 e *Lc* 7:

26-27; “Houve um homem enviado por Deus,/ Seu nome era João./ Este veio como testemunha,/ para dar testemunho da luz,/ a fim de que todos cressem por meio dele./ Ele não era a luz,/ mas veio para dar testemunho da luz. (...) João dá testemunho e clama:/ ‘Este é aquele de quem eu disse:/ o que vem depois de mim/ passou adiante de mim,/ porque existia antes de mim.’”. *Jo* 1: 6-8, 15. O sentido de seu batismo, cuja purificação implicaria uma contradição direta com o plano da redenção, torna-se, nos *Evangelhos*, o sinal da manifestação pública de Jesus como messias: em *Lucas*, “Ora, tendo o povo recebido o batismo, e no momento em que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: ‘*Tu és o meu Filho; eu, hoje, te gerei!*’”, e em *João*, “‘Vi o Espírito descer, como uma pomba vinda do céu, e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar com água, disse-me. ‘Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo.’ E eu vi e dou testemunho que ele é o Eleito de Deus.’” *Lc* 21-22; *Jo* 11: 31-34. João Batista pode ser tido como a figura que marca a transição do *Antigo Testamento* e da *Lei Mosaica* para o *Novo Testamento* e a *Nova Aliança*, noção fundamentada pela afirmação de Jesus em *Lucas* e *Mateus*: “Digo-vos que dentre os nascidos de mulher não há maior do que João; mas o menor no Reino de Deus é do que ele.” *Mt* 11: 11; *Lc* 7: 38. Apesar dessa interpretação, os textos bíblicos deixam inferir a posição de Jesus como discípulo de João Batista, como comenta Reza Aslan: “Essa tentativa frenética de reduzir o significado de João Batista – para fazê-lo inferior a Jesus, para torná-lo pouco mais do que o arauto de Jesus – trai uma necessidade urgente por parte da comunidade cristã primitiva de contra-atacar o que a evidência histórica sugere claramente: seja quem fosse Batista, viesse de onde viesse, e fosse o que fosse que ele pretendesse em seu ritual de batismo, Jesus muito provavelmente começou seu ministério como apenas mais um de seus discípulos. Antes do encontro com João, Jesus era um camponês desconhecido e diarista labutando na Galileia. O batismo por João não só fez dele parte da nova e redimida nação de Israel, como também o iniciou no círculo íntimo de João. Nem todos que foram batizados por João tornaram-se seus discípulos; muitos simplesmente voltaram para suas casas. Mas Jesus não o fez. Os evangelhos deixam claro que em vez de retornar para a Galileia depois do batismo, ele foi ‘para o deserto’ da Judeia; isto é, Jesus foi diretamente para o lugar de onde João tinha acabado de sair. E ele ficou no deserto por um tempo, não para ser ‘tentado por Satanás’, como os evangelistas imaginam, mas para aprender com João e comungar com seus seguidores. As primeiras palavras do ministério público de Jesus

ecoam as de João: ‘O tempo está cumprido. O Reino de Deus está próximo.’ Arrependei-vos e acreditai nas boas novas.’ (Marcos 1: 15) O mesmo acontece com a primeira ação pública de Jesus: ‘Depois disso Jesus e seus discípulos foram para a Judeia e lá eles estava batizando, e João também estava batizando...’ (João 3: 22-23) Claro, os primeiros discípulos de Jesus, André e Filipe, não eram de maneira alguma seus discípulos – eram discípulos de João (João 1: 35-37). Eles apenas seguiram Jesus depois que João foi preso. Jesus até mesmo se dirige a seus inimigos entre os escribas e fariseus com a mesma frase específica que João usa para eles: ‘Sua raça de víboras!’ (Mateus 12: 34)”. ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. p. 112. A proximidade de Jesus com João Batista e seu papel em sua revelação e anunciação, segundo a concepção cristã, explicam a atribuição de “sua pureza angélica”, mencionada nos dois trechos do *Livro IV* que a ele fazem menção – V, 1, aqui referido, e XVII, 3. Em ambos é a proximidade física e a sensibilidade de João que estabelecem a conexão com a aproximação de Jesus presentificado no sacramento.

13 – [VII, 1] *Examina tua consciência com amor à causa...* :

O texto latino da *EA-1417/72* traz “*ex anima*” (“da alma”, “a partir da alma”), em discordância com *TOC-1441* e *EV-1483*, as quais empregam “*examina*” (“examina”). “*ex anima*” não rende um sentido possível, e por isso consideramos um erro de edição, traduzindo, pela comparação com os outros exemplares, a segunda pessoa do imperativo do verbo “examinar”.

14 – [VII, 1] *E se dispões de tempo, confessa ... o conjunto das misérias de tuas paixões:*

O texto latino emprega “*et si tempus patitur ... cunctas conficere passionum tuarum misérias*” (“e se dispor de tempo.... confessa a Deus, ..., o conjunto das misérias de tuas paixões”). Há um jogo de paralelismo entre o verbo “*patior*”, em sua forma na terceira pessoa do presente ativo, “*patitur*” (“sofre”, “suporta”) com o substantivo feminino “*passio, -onis*” (“sofrimento”, “paixão”), em seu genitivo plural, “*passionum*” (“das paixões”). A expressão “*tempus patitur*”, em uma tradução literal, “sofrer” ou “padecer de tempo” parece impossível, de onde seu único sentido possível “dispor de tempo”.

15 – [VII, 2] *tão negligente ao percorrer as horas:*

Durante a Idade Média, o decorrer do dia era dividido em “horas”, estabelecidas de acordo com as atividades cotidianas e litúrgicas do meio monástico. Havia quatro “blocos” fundamentais, que totalizavam um dia corrido: as *primas* (“primeiras”), iniciadas por volta das 6h às 7hs; as *terças*, englobando a parte da manhã; as *nonas*, por volta do meio dia e alcançado a metade da tarde; e as *vésperas* (referência à estrela *Vesper*, “Vênus”, primeira a aparecer no céu durante o crepúsculo), o final do dia e o anoitecer, podendo ser divididas entre “altas” e “baixas vésperas”. Trata-se de um sistema “impreciso” para nossos padrões, variando de acordo com as regiões e estações do ano. Podiam incluir, também, as *laudes* (“louvores”, primeira recitação dos Salmos, ainda durante o fim da madrugada), que antecediam as *primas*, e as *sextas*, entre as *terças* e as *nonas*. Seu principal objetivo foi instituir uma divisão equilibradas das atividades essenciais das comunidades religiosas, como aponta André Vauchez: cerca de quatro horas para a leitura dos textos bíblicos e de autores eclesiásticos, a *lectio divina*; três horas e meia para a liturgia e seis horas para o trabalho. A rotina das comunidades da *devotio moderna* seguiram o cronograma estabelecido por Henry Suso (1295-1366), no *Horologium Sapientiae* (literalmente, “Relógio da Sabedoria”, melhor entendido por “Horário da Sabedoria”). A comunidade de Windesheim alocava três horas e meia para a *lectio divina*, divididas entre as *primas* – antes e após o sino para a missa – as *sextas* e as *vésperas*, além de mais uma hora e meia para leituras individuais. As seis horas de trabalho eram dedicadas à cópia de livros. Essa rotina e a eminência da atividade litúrgica explicam a associação presente nesse trecho entre as “horas” e a prática devocional. Sobre a divisão das horas e sua função na sociedade medieval, ver LE GOFF, Jacques. “O tempo do trabalho na ‘crise’ do século XIV: do tempo medieval ao tempo moderno”. _____. *Para um outra Idade Média: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio e Noéli Correia de Melo Sorbinho. 3º edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. pp. 83-101; VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média ocidental (séculos VIII a XIII)*. Tradução de Lucy Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. pp. 35-39 (menção nas páginas 36-37). Sobre a organização das horas nas comunidades da *devotio moderna*, ver BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout, Belgium: Brepols 2002. pp. 70-7; VAN ENGEN, John. *Sisters and Brothers of the Common Life: Devotio Moderna, self-made societies, and the world of the later middle ages*. Pennsylvania, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008. pp. 275-278.

16 – [VII, 3] no ofertório da cruz de teu coração:

“No ofertório de teu coração”, no original latino (“*in ara crucis cordis tui*”), emprega o termo “*ara, -ae*”, cujo sentido é o de “altar”, mas que difere do termo mais comum no texto, “*altar, -aris*”. Segundo Ernoult e Meillet, sua origem está na designação dos pequenos altares domésticos romanos, nos quais se posicionavam os deuses familiares, os *penates*, e sendo comumente associado à deusa do fogo Vesta, cultuada próxima àslareiras, diferenciando-se dos grandes altares (“*altares*”) dos deuses públicos, nos templos. Ver “*ara, -ae*”. ERNOULT-MEILLET. p. 42. Trata-se de um termo pouco usual na literatura cristã, dada sua associação com os deuses “pagãos”, sendo o seu uso, segundo Antoine Blaise, majoritariamente acompanhado da menção à cruz, como aqui encontramos. “*ara, -ae*”. BLAISE. p. 93. Isso permite inferir que a única ocorrência do termo em toda *A Imitação de Cristo* se dá em uma diferenciação do altar da missa, indicando que o uso de “*ara, -ae*” para designar uma forma mais íntima de culto, algo de pleno acordo com a perspectiva da interiorização espiritual da eucaristia construída no *Livro IV*. Assim, empregamos “ofertório” para a sua tradução, entendendo a sua correspondência com a oferta do corpo de Jesus, na cruz, em consonância com a oferta do fiel em seu culto interior.

17 – [VII, 4] Se o homem fizer, verdadeiramente, o seu melhor:

No texto latino, encontramos essa frase como “*Si fecerit [sic] hoc quid in se est*”. A expressão “*quid*” ou “*quod in se est*”, cuja tradução imediata seria “o que há em si”, “o que existe dentro de si”, possui o sentido de “fazer o que puder”, “fazer o seu melhor”. Essa expressão, recorrente nos escritos da *devotio moderna*, representou um conceito importante no desenvolvimento teológico dos finais da Idade Média, estando no centro dos debates sobre a natureza da graça e da justificação humana frente a Deus. Segundo Alister McGrath, o pensamento escolástico do século XII e XIII considerava os hábitos como capazes de gerar uma transformação ontológica na natureza do ser humano, a ponto de constituírem o meio intermediário pelo qual se dava a salvação. Em outras palavras, essa se dava pela criação de hábitos e pelo exercício da caridade. A diversidade doutrinária desse período, porém, suscitou polêmicas que resultariam em um rompimento com essa interpretação. McGrath situa, no âmbito da corrente teológica da *via moderna*,

o surgimento da discussão a respeito dos poderes de Deus (“*potentiae Dei*”). No cerne dessa discussão, estava a busca por uma resposta sobre a coerência das ações de Deus que não implicasse em uma limitação externa ao seu poder de atuação. A solução foi dada em termos de “dois poderes”, um “absoluto” (“*potentia Dei absoluta*”), englobando a esfera do hipotético, sob a qual Deus bem poderia realizar qualquer coisa, e outro “ordenado” (“*potentia Dei ordinata*”), segundo a qual Deus seguia a lógica de suas concretizações – a criação – por opção e não por necessidade. A noção escolástica dos hábitos, por sua vez, foi entendida como conflitante com esses pressupostos, uma vez que os indivíduos, na medida em que transformavam sua natureza por meio de suas ações, gerariam uma necessidade à atuação de Deus, obrigado a responder com a concessão da graça. Como resultado, a exemplo de teólogos como Robert Holcot (1290-1349) e Gabriel Biel (1420-1495), formula-se uma nova doutrina da graça, dada em termos de “confiabilidade” com a concretização das realizações de Deus. A graça, assim, não seria concedida por meio de ações específicas, mas sim em reconhecimento ao esforço para a realização de “seu melhor” (“*in quod se est*”). Entendia-se que Deus afirmara um “pacto” – palavra que podemos aproximar da noção de “aliança” – por pura opção, com aqueles que fizessem o seu melhor, retribuindo com a sua graça. Ser salvo por Deus, de acordo com essa interpretação, devia-se ao resultado da máxima dedicação aos propósitos religiosos, e não a comportamentos específicos. MCGRATH, Alister. *Origens intelectuais da Reforma*. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. pp 80-89. Ver também VAN ENGEN, John. *Sisters and Brothers of the Common Life: Devotio Moderna, self-made societies, and the world of the later middle ages*. p. 267. Essa concepção da graça, que esteve no cerne do debate teológico durante as reformas religiosas do século XV, está de pleno acordo com a concepção da graça que encontramos na *Imitação de Cristo*. O devoto deve, a todo momento, preparar-se para a sua chegada, dispondo seus “propósitos” e seu “interior” para recebê-la, sem, no entanto, ser capaz de gerá-la. Deus é o agente em sua concessão, e ao devoto, cabe uma posição passiva, fazendo sempre “o seu melhor”. Essa perspectiva possui sua fundamentação em Agostinho (354-430), que percebe a natureza humana em uma chave eminentemente negativa, corrompida e incapaz de agir em seu próprio socorro.

18 - [X, 2] *Em Jó está escrito ... para que deixassem de todo a comunhão ou a ela se aproximassem com torpor:*

Citações de *Jó* 1: 6; 2: 1. Apenas a primeira frase desse período remonta ao *Livro de Jó*. A reflexão sobre a presença de Satã (“adversário”, “acusador”. Nota “g”. *Bíblia e Jerusalém*. p. 805) e o incômodo por ele gerado entre os filhos de Deus é uma reflexão própria da *Imitação de Cristo*. Ela ecoa a perspectiva da “perturbação” ou dos “afetos desordenados”, encontrada, sobretudo, nos dois primeiros livros. Para os devotos modernos, a falta de controle das emoções conduziria à desarmonia, e então, ao consequentemente afastamento dos propósitos espirituais e de Deus.

19 – [X, 5] *Mas se o torpor se insinuar, deve se reanimar e fazer o melhor:*

“*excitare debet et facere quid in se est*”. Ver nota 17, acima. pp. 341-342.

20 – [XI, 1] *quanta doçura há para a alma devota que se banqueteia contigo, em teu convívio:*

No texto latino, encontramos a frase “*deuote anime tecum epulans*” (“a alma devota que se banqueteia contigo”, seguido de “*in conuiuio tuo*” (“em teu convívio”). O verbo “*epulo, as*” – no trecho, em sua forma genitiva do particípio presente, “*epulans*” – designa o ato de tomar parte em um “banquete” (“*epulatio, -onis*”), palavra que carrega o sentido de refeição pública e festividade ritual. “*epulatio, -onis*”. A seguir, encontramos outra palavra com sentido semelhante, o substantivo neutro “*conuiuium, -i*”, termo que igualmente designa “banquete”. Há, porém, uma sutileza em seu sentido, a ideia de “tomar parte” ou “estar junto” de outros durante a refeição, a partir do qual a noção de “convívio”. Segundo Antoine Blaise, o emprego de “*conuiuium, -i*”, nos autores cristãos, costuma se referir à eucaristia, implicando uma interpretação eminentemente espiritual: a “presença” ou “convívio”, como aqui traduzimos, com Jesus durante o “banquete” eucarístico. BLAISE. p. 312; “*epulum, -i*”. ERNOULT-MEILLET. p. 199; “*epulo, -as*”. “*epulatio, -onis*”. GLARE. p. 674; “*conuiuium, -i*”. BLAISE. p. 221; “*conuiuia, -ae*”. ERNOULT-MEILLET. p. 743; “*conuiuium, -i*”. GLARE. p. 484.

21 – [XI, 1] *Que eu também pudesse... derramar lágrimas de afeto e com a pia Madalena, banhar de lágrimas teus pés:*

Maria Madalena, assim nomeada, é apresentada nos *Evangelhos* como uma das mulheres que seguem Jesus. Em *Lucas*, é dito que dela, Jesus expulsara “sete demônios” *Lc* 8: 1-3. Em *Mateus*, *Marcos* e *João*, Maria Madalena está presente na crucificação, sendo que em *Mateus* e *João* se posta do lado externo do sepulcro. *Mt* 27: 55-61; *Mc* 15: 40-47; *Jo* 19: 25-27. Maria também é uma das primeiras testemunhas da ressurreição de Jesus. *Mc* 16: 1-11; *Lc* 24: 1-11; *Jo* 20: 11-18. Maria Madalena, nas interpretações medievais, costumava ser associada à mulher que derrama perfume em Jesus, como se nota por esse trecho do *Livro IV*, uma menção à narrativa de *Lucas* 7: 37-38. Também à Maria, irmã de Marta, *Lc* 10: 38-42; *Jo* 11: 1-44. Essa última associação é especialmente importante. Em *Lucas*, Jesus, em viagem, é abrigado na casa das irmãs. Maria se dedica a ouvi-lo, enquanto Martha, trabalha com os afazeres domésticos. Essa, então, se dirige a Jesus: “Senhor, a ti não importa que minha irmã me deixe assim sozinha a fazer o serviço?”, ao que ele responde: “Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.” *Lc* 10: 28-42. Em *João*, Jesus se abriga na casa das irmãs, em auxílio de Lázaro, onde é mencionada a cidade de Betânia. *Jo* 11: 1-43. Como demonstra Giles Constable, a tradição cristã associou a Marta e Maria às noções de *vida ativa* e *contemplativa*, respectivamente. Maria teria sido aquela que soube desfrutar da presença de Jesus, enquanto Marta, em contrapartida, o teria servido por seus trabalhos. CONSTABLE, Giles. “The interpretation of Mary and Martha”. _____. *Three Studies in Medieval Religious and Social Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. Pp. 1-141. A *Imitação de Cristo* associa as duas Marias, como é perceptível pela referência à Maria de Betânia no *Livro II*, VIII, 1, onde é nomeada como Maria Madalena. Essa menção, em conjunto com a deste trecho, enfatizam a devoção de Maria frente à presença física de Jesus, algo que deve ser entendido pelo recurso constante do *Livro IV* a figuras que denotam a aproximação com o corpo de Jesus.

22 – [XI, 4] *Uma dessas mesas é o altar sagrado.... A outra contém a santa doutrina da divina lei, de onde se retira a correta fé, até se alcançar o interior de seus véus, onde está o Santos dos Santos. Dou graças a ti... pela doutrina das mesas sagradas que ministraste a nós por teus servos, teus profetas, apóstolos e outros doutores:*

Neste trecho, a *Imitação de Cristo* dá forma às duas concepções da comunhão expressas no *Livro IV*: a manducação física da hóstia, o corpo de Jesus, simbolizado pelo

altar sagrado; e a comunhão espiritual pressuposta pelo acordo com a doutrina. Não é a primeira vez que encontramos a “doutrina” associada à eucaristia. No *Livro I*, Capítulo I, 2, ela aparece como “*maná*”, tido como uma das referências ao corpo eucarístico: “A doutrina de Cristo excede todas as doutrinas dos santos, e, aqueles que a têm segundo Deus, aí encontrarão o *maná* escondido.” A imagem das duas mesas também se aproxima das concepções antagônicas que perpassam toda a compilação, mas que aqui, porém, se apresentam e forma completar: o “exterior”, o altar do sacrifício, e o “interior”, a “doutrina”; o “mundo”, não em sua chave negativa, mas como a própria constituição da realidade material, e “espírito”. Para mais detalhes sobre essa oposição, ver nota 60 dos *Comentários ao Livro I*. pp. 247-249.

23 – [XIII, 2] – *Que a esperança em tua bondade progrida, ... que a caridade perfeita, acesa e tendo experimentado o maná celeste, nunca se enfraqueça:*

Sobre o *maná* e sua associação com o corpo eucarístico, ver nota 4, *Comentários ao Livro I*. pp. 205-207.

24 – [XV, 3] *O Senhor, pois, coloca a sua benção nos vazios que encontra:*

O sentido deste trecho é incerto, ainda que se possa ensaiar uma explicação condizente com a espiritualidade pressuposta na compilação. Os “vasos vazios” podem ser uma referência ao abandono dos bens materiais e o afastamento do mundo, “esvaziando-se” do supérfluo e transitório para o recebimento da graça de Deus. Há um possível lastro bíblico no *Segundo Livro de Reis*, no episódio que envolve o profeta Eliseu e o milagre do óleo. Nele, conta-se que uma mulher recém viúva, por conta de suas dívidas, recorre ao profeta, o qual, por sua vez, a instrui a solicitar aos vizinhos ânforas vazias (na *Vulgata*, “*vasa vacua*”, “vasos vazios”), em maior número possível, sobre as quais deveria verter o óleo que possuía, armazenado em uma única ânfora. Após conseguir encher todas as ânforas emprestadas com o conteúdo daquela única que possuía, Eliseu então diz que ela poderá sanar as dívidas da família com o dinheiro resultante da venda do óleo, multiplicado nas ânforas. *II Rs* 4: 1-7. O uso do termo “*vas, -asis*” suscita, também, uma possível referência à *Segunda Carta a Timóteo*, na qual se afirma que, em uma grande casa, haveria vasos de ouro e prata, para uso nobre, e vasos de madeira e argila, para uso ordinário. *II Tm* 2: 20-21. A imagem do vaso simples se

aproxima do ideal de humildade preconizado na *Imitação de Cristo*, mas o sentido do trecho bíblico sugere uma interpretação oposta ao concluir que a boa conduta transforma o indivíduo em "vaso nobre".

25 – [XVII, 2] *Com tal gratidão, dignidade e amor... hoje te recebo, assim como te recebeu e desejou a tua santíssima mãe, Maria... 'Eis a serva do Senhor. Faça-se comigo segundo tua palavra.'*:

Maria, mãe de Jesus, é aqui tida como mais uma das figuras que remetem à ideia da interiorização de Jesus. O pensamento medieval associou à gravidez de Maria ao ato da manducação da hóstia, entendendo que assim como esteve dentro do útero de sua mãe, o corpo de Jesus, nesse ato, encontrava-se igualmente dentro do fiel. Essa mesma associação é encontrada no Capítulo II, 6: “Assim, o conhecimento te deve parecer grande e jocundo quando celebrares ou ouvirdes a missa, como se, no mesmo dia, Cristo estivesse descendo para o útero da virgem e se fazendo homem, ou que pendesse na cruz, manifestando-se e morrendo pela salvação dos homens”. Trata-se de uma interpretação corroborada pelo estudo de Giles Constable, que indica formulações similares de autores como Bernardo de Clairvaux (1090-1153), Giovanni di Fidanza (Bonaventura, 1212-1274) e Alberto Magno (c. 1193-1280). Por vezes, a expressão o “útero da Virgem” era utilizada mesmo para indicar qualquer casa ou abrigo no qual Jesus se encontrara, a exemplo da cidade Betânia (“*castella*”, como aparece na *Vulgata*, em *Lucas* 8: 2). CONSTABLE, Giles. “The interpretation of Mary and Martha”. _____. *Three Studies in Medieval Religious and Social Thought*. pp. 11-12.

26 – [XVIII, 1] *É tolerável o piedoso e humilde exame da verdade preparado sempre para dotar o caminhar com os estudos das saudáveis sentenças dos pais:*

A menção às “sentenças dos pais” se refere aos chamados “pais da Igreja”, tidos também como doutores durante a Idade Média, dos quais os trabalhos ou exemplos de vida embasavam as perspectivas interpretativas da religião cristã. Geert Groot, em sua lista de livros que deviam ser lidos (“*Sacris libris studendis*”) menciona como “pais” e “doutores” Ambrósio de Milão (c. 340-397), Gregório Magno (540-604), Agostinho de Hipona (354-430), Jerônimo (c. 347-420), João Crisóstomo (c. 347-407), Dionísio Aeropagita, ou pseudo-Dionísio, Bernardo de Clairvaux (1090-1153), Beda, o Venerável

(c. 673-735), Isidoro de Sevilha (c. 560-636) e Hugo de São Vítor (1086-1141), enquanto Thomas, na *Vita reuerendi patris Florentii* (“Vida do venerável pai Florent”), inclui os também chamados “pais do deserto” ou do “Egito”, como Atanásio de Alexandria (328-373) e Antão do Egito (251-356), sem porém citar nomes. “Vita venerabili magistri Gerardi magni, vulgariter Groot.” Capítulo XVIII- De publica praestatione eius & de verídica predicatione euangelii quid predicauit. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLVI; “Vita reuerendi patris Florentii”. Capítulo XXI – De visione Crucifixum super domum eius apparentis. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXVI. É frequente, também em Thomas, a menção a Groote e a Florent como “pais”. A designação pelo termo, assim, inclui os grandes nomes da Igreja medieval, podendo ser também referidos aqueles considerados úteis para a edificação de sua perspectiva religiosa.

27– Termina o quarto livro da Imitação de Cristo...

Na EA-1471/72, segue-se a lista de capítulos do *Livro IV*, mantidos na transcrição do texto latino e indicados na lista de capítulos desta tradução.

28 – Terminam os quatros livros da Imitação de Cristo... impressos por meio de letras de bronze em Reutlingen, por Günther Zainer:

EV-1483, “Fim da pequena, útil e devota obra *O desprezo do Mundo*, ~~de Jean Gerson, chanceler de Paris~~ [o nome de Gerson se encontra riscado e substituído, à mão, pelo de Thomas de Kempis: ‘de Thomas de Kempis, da ordem dos regulares’]. MCCCCLXXXIII. Impresso em Veneza, com felicidade, por Peter Lõislen, de Langenzenn alemã. Deus seja louvado!”. TOC-1441 não traz nenhuma conclusão.

VIDA DE THOMAS HEMERKEN DE KEMPIS

1. Um livro ditado por anjos:

A *Imitação de Cristo* adentrou os séculos cercada de fascínio e mistério. A compilação cativou o universo cristão por sua profundidade espiritual e coerência teológica, expressas, de forma quase paradoxal, por uma retórica simples e por estilos literários intencionalmente ingênuos. Foi lida e relida, sendo ainda capaz de se apresentar enquanto guia espiritual, mantendo vivo o seu propósito mesmo após seis séculos de existência. “Nenhum outro livro, saído de mãos humanas, excede-a na linguagem persuasiva e na doce violência com que arrasta os corações, e milhares de almas já sentiram os maravilhosos efeitos de sua leitura”, dizia o franciscano Tomás Borgmeier, em 1920.¹ Leonardo Boff, em 2016, afirmou que Thomas de Kempis “entendeu os labirintos mais escusos da alma humana, as solicitações do desejo, as angústias que ele sempre produz”, apontando “caminhos de como enfrentá-las, sempre confiados unicamente na graça de Deus, na misericórdia de Jesus, no completo despojamento de si mesmo e no menosprezo das coisas deste mundo”.² De forma quase simultânea, Henrique Cristiano José Matos sintetizou os efeitos suscitados em muitos por sua leitura: “a obra exerceu sobre mim uma estranha atração. Parecia ter sido escrita para mim! Nunca consegui captar bem a razão desse fascínio, mas ele existia e continua forte e persistente.”³ Testemunhos semelhantes podem ser encontrados por toda a história do cristianismo ocidental. Figuras cronologicamente distantes, como Inácio de Loyola (1491-1556) e Angelo Giuseppe Roncalli (1881-1963), o papa João XXIII, tomaram-na como referencial para suas perspectivas espirituais.⁴ A *Imitação de Cristo* mobilizou paixões durante toda a sua existência e, nesse sentido, tem sido tratada como uma “obra

¹ BORGMEIER, Tomás. “Prefácio”. In *Imitação de Cristo: tradução portuguesa confrontada com o manuscrito autógrafa de 1441, editado pelo Revmo. Pe. Fleury*. 1ª edição. Tradução de Tomás Borgmeier. Petrópolis: Vozes, 1969 (reimpressão de 2015). p. 15.

² BOFF, Leonardo. In “Explicação introdutória”. *Imitação de Cristo pelo venerável Tomas de Kempis com tradução de Leonardo Boff; Seguimento de Jesus (livro V), pelo teólogo Leonardo Boff*. Tradução e autoria de Leonardo Boff. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 11.

³ MATOS, Henrique Cristiano José. *Imitação de Cristo: caminho de crescimento espiritual; contexto histórico, inspiração e atualidade*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2014. p. 16.

⁴ Inácio de Loyola em seus *Exercícios Espirituais*, instrui, na preparação para as práticas da segunda semana, a leitura da *Imitação de Cristo*: “Durante a segunda semana e as seguintes, será muito útil ler, por alguns momentos, passagens da *Imitação de Cristo*, ou dos evangelhos e vidas de santos.” LOYOLA, Inácio. *Exercícios Espirituais*. Tradução de J. Pereira. 14ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2015. Parágrafo 100. P. 69. Hannah Arendt, em *Homens em Tempos Sombrios*, traça um perfil de Angelo Giuseppe Roncalli pela publicação de seus “diários espirituais”. Praticamente todas as citações de Roncalli trazidas por Arendt possuem algum paralelo, por vezes literal, com a *Imitação de Cristo*. ARENDT, Hannah. “Angelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963”. In _____. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. 1ª edição, 9ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 67-79.

atemporal”, a exemplo das palavras do literato francês Alphonse de Lamartine (1790-1823), que a definiu como “um livro ditado por anjos”.⁵

Quem teria sido o responsável pela composição dessa pequena obra, que parece falar aos séculos, como se entendesse os dramas perpétuos da condição frágil da criatura? Essa pergunta acompanhou a *Imitação de Cristo*, em sua história, como uma sombra. Ao lê-la, percebemos por trás de sua aura de santidade, uma voz humana, empenhada na difusão de um projeto religioso. Para isso, lança mão de indagações praticamente universais. A todo momento, questiona a respeito do propósito humano no mundo, explora as inseguranças e dificuldades de lidar consigo mesmo e com os outros. Apela à cisão entre o desejo da eternidade e o apego constante à vida, mostra-se consciente da sedução exercida pelo conhecimento, pela satisfação terrena e pelas glórias humanas, mas sempre lembrando, porém, que nada mais representam que apegos transitórios e supérfluos. A morte se faz presente em todas as suas páginas, assim como o sofrimento, do qual não haveria possibilidade de fuga. Por isso, devem ser aceitos como condições necessárias do percurso terreno. Suas frases são lembretes de que, enquanto humanos, somos desprezíveis; que nos atormentamos por erros e incapacidades; que somos frágeis. Entretanto, não há pessimismo, pois na imitação de Deus, estaria a esperança, aquele ser único no qual estaria nossa única ajuda. Livro espiritual, mas que fala ao mundo: “Pega a tua cruz e me segue”, diz, “e não andarás em meio às trevas”.

O impacto da *Imitação de Cristo* parece ter sido tão assustador que o cristianismo ocidental nunca pôde compreendê-la, adequadamente, como resultado de um processo histórico. Todas as vezes em tentou, acabou sendo enredado por seu fascínio. Quem teria sido capaz de comunicar o núcleo da fé cristã de forma tão simples e abrasadora? As respostas caminharam, então, pelo que lhe parecia óbvio: apenas figuras da envergadura de Bernardo de Clairvaux (1090-1153) ou Giovanni di Fidanza (1212-1274), o cardeal de Bonaventura, poderiam ter sido responsáveis por sua composição.⁶ Ou, ainda, Jean Gerson (1363-1429), o influente teólogo e chanceler da Universidade de Paris, ou Joannis Gersen Canabaco, abade italiano, portador da longa tradição beneditina. Por essas possibilidades, tentava-se explicar como fora possível a composição do livro, tributando-o a um nome expressivo da história da Igreja. Por vezes, a sua aura sublime e misteriosa

⁵ Citado em BORGMEIER, Tomás. “Prefácio”. In *Imitação de Cristo: tradução portuguesa confrontada com o manuscrito autógrafo de 1441, editado pelo Revmo. Pe. Fleury*. p. 7.

⁶ BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout: Brepols 2002. p. 29.

ainda se reforça pelas incertezas que envolvem o seu aparecimento, como se simplesmente tivesse brotado nos primeiros decênios do século XV, na forma de manuscritos anônimos, como um ato da providência.

Não foi, entretanto, por meio de anjos e nem pelas mãos de grandes santos ou doutores que a *Imitação de Cristo* veio ao mundo. Tudo indica que sua composição partiu de um simples cônego regular, cujo nome hoje permaneceria restrito a poucos especialistas, ou talvez até mesmo desconhecido, não fosse por ela. Thomas Hemerken de Kempis está perpetuamente associado à *Imitação de Cristo*, e só costuma ser evocado como o seu autor, em um caso típico de alguém que acabou sobrepujado por sua criação. A familiaridade do título contrasta com as poucas informações que costumam ser veiculadas ao seu respeito. Apesar disso, Thomas não se resumiu a uma única composição. Ao contrário, foi um dos autores mais prolíficos da *devotio moderna*, protagonista do desenvolvimento de sua identidade e responsável pela conservação da memória de seus fundadores. Esse trabalho seria incompleto se não considerasse a história de seu autor, aquele que, como se seguisse as palavras de seu mestre, escreveu a *Imitação de Cristo* “para ser escrito na vida eterna”.⁷

Assim, apresentamos uma breve biografia a partir das principais informações disponíveis sobre a vida de Thomas e dos comentários de seus contemporâneos ao final do século XV. Ressaltamos que grande parte dessas informações partem do próprio Thomas de Kempis, refletindo, portanto, os objetivos espirituais do projeto coletivo da *devotio moderna*, além de comentários posteriores, que perceberam em sua figura o potencial para suas próprias posições religiosas e interesses, manifestos de acordo com as preocupações dos respectivos períodos. Não pretendemos, portanto, discutir ou atestar o grau de santidade de Thomas, e nem a coerência de sua vida com seus escritos, algo que os textos e estudos a seu respeito o fizeram com frequência. Ao contrário, temos com intuito trazer a sua história a partir das considerações da documentação, algo que nos ajuda a compreender não apenas sua obscura figura, mas também a própria construção histórica de sua imagem.

⁷ “Em outro momento, um jovem da escola foi escrever para seus parentes. (...) Chegou o senhor Florent, que disse: ‘O que vocês estavam fazendo?’ Ele [Luberto Berneri] respondeu com reverência: ‘O meu companheiro está escrevendo cartas para seus parentes.’ Então o doce pai disse: ‘Escreva, para ser escrito na vida eterna’. (...) E eu [Thomas] não me esqueci das palavras ditas por meu senhor Florent, na sala de Luberto.” (“*Alio tempore iuuneis quidam scholaris scripturus ad parentes (...) Superuenit dominus Florentius, & ait: Quid facitis? Respondit reuerenter. Socius meus escribit litteras ad parentes. Tunc dulcissimus pater ait. Scribe: vt scribaris in vitam aeternam. (...) Et ego non sum oblitus verborum domini mei Florentii quae locutus est in câmera Luberti.*”). “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo III – De domino Luberto Berneri. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXIII.

2. A vida de Thomas Hemerken de Kempis:

As informações de que dispomos sobre a vida de Thomas de Kempis partem, sobretudo, de seus próprios textos. Neles encontramos menções esparsas a episódios de sua vida, assim como alguns testemunhos e comentários sobre eventos e pessoas que lhe foram próximas. A esses, somam-se três pequenas biografias, escritas entre 1488 e 1520, publicadas no conjunto das *Obras Completas* de Peter Danhauser e Henrique de Sommalius.⁸ Por fim, na *Chronica Montis Sanctae Agnetis* (“Crônica do Monte de Santa Agnes”), iniciada pelo próprio Thomas e continuada por um anônimo, encontramos mais algumas poucas informações, como a data de sua morte.⁹

Ao lado das fontes, há também um conjunto de trabalhos nos quais a bibliografia sobre o tema e os prefácios da *Imitação de Cristo* costumam se basear. É o caso das *Vindicae Kempensis adversus Constantinum Cajetanum* (“Sentenças de Kempis contra Constantino Cajetano”), publicadas em 1617, por Heribert Rosweyde, a biografia de Eusebio Amort, impressa a partir de 1725 nas reedições das *Obras Completas* de Henrique Sommalius, e, mais “recentes”, *Recherches Historiques et critiques sur le véritable auteur de l’Imitation de Jésus-Christ*, de Jean-Baptiste Malou, em 1838; os *Prolegômenos* de Karl Hirsche, em 1873; *L’auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*, de Victor Becker, e *Thomas à Kempis and the Brothers of Common Life*, de

⁸ Samuel Kettlewell identifica três biografias: a primeira, composta por um anônimo, antes de 1488, sem que haja certeza de sua publicação, dada a sua existência em três exemplares manuscritos, na biblioteca de Rebdorf, e um unido a um exemplar das *Obras Completas* de Danhauser, impressas em Nuremberg, no ano de 1494, por Gaspar Hochfeder; a segunda, composta pelo editor francês Jacobo Badius Ascensius, responsável pela reimpressão dessas mesmas obras completas em 1520, na qual está inclusa; a terceira, de autoria de Francisco Tolensis, cônego regular que viveu no mosteiro de Santa Agnes, o mesmo em que vivera Thomas. Essa última encontra-se publicada nas *Obras Completas* de Henrique de Sommalius. KETTLEWELL, Samuel. *Thomas à Kempis and the Brothers of Common Life*. 1 vol. New York: G. P. Putnam’s sons, 1882. Pp. 12-16. Vita beati Thomae Malleoli”. OC-DANHAUSER, 1494. Folhas 3-8 (As folhas dessas *Obras Completas* passam a ser numeradas, em algarismos romanos, apenas após a décima primeira. Por isso, indicamos essas primeiras por algarismos arábicos); SOMMALIUS, Henrique (org.). *Venerabilis Viri Thomae a Kempis cum docti tum religiosissimi viri, ordinis canonicorum regularium D. Augustini Opera Omnia ad autographa ejusdem emendata, aque etiam tertia fere ex parte nunc aucta & correcta, et in tres tomos distributa*. Sexta Editio. Coloniae Agrippina: Joannem Busaeum Bibliopolam, sub Monocerot, 1660. Tomo I. pp. 37-43.

⁹ LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works”. HOFMAN, Rijklof; CASPERS, Charles; NISSEN, Peter; DIJK, Mathilde van; OOSTERMAN, Johan (eds.). *Inwardness, Individualization, and Religious Agency in the Late Medieval Low Countries: Studies in the Devotio Moderna and its Contexts*. Turnhout: Brepols 2020. pp. 67-86. Esp. p. 77. Não tivemos acesso à *Crônica do Monte de Santa Agnes* (“*Chronica montis Sanctae Agnetis*”) no decorrer desse estudo, uma vez que não se encontra entre as *Obras Completas* publicadas por Danhauser. Por esse motivo, citamo-na a partir dos excertos levantados por Logutova.

Samuel Kettlewell, ambos em 1882; *Thomas à Kempis: His age and book*, de James Edward de Montmorency, em 1906; e, por fim, *The Christian Renaissance*, de Albert Hyma, em 1924.¹⁰

Para a biografia que se segue, utilizamos os próprios textos de Thomas e a biografia publicada por Peter Danhauser, junto com os trabalhos de Victor Becker, Samuel Kettlewell e Albert Hyma. A eles, unimos as informações trazidas pelos dois trabalhos mais recentes sobre a sua vida e obra: *From the Treasure-House of Scripture*, de Kenneth Becker, publicado em 2002, e o artigo de Margarita Logutova, “*Ama Nesciri*”: *Thomas a Kempis’s autobiography reconstructed from his works*, em 2020.¹¹ Pretendemos, assim, reconstruir a biografia de Thomas de Kempis a partir da documentação oriunda do século XV em conjunto com as considerações trazidas pelas pesquisas mais recentes e alguns dos trabalhos clássicos sobre sua vida. Esperamos poder apresentar um perfil histórico desse personagem, cuja importância costuma contrastar com as breves informações de que geralmente dispomos.

Thomas Hemerken nasceu entre 1379 e 1381, na cidade de Kempen – *Kempis*, em latim, pela qual a origem de sua versão mais comum em português – na diocese de Colônia.¹² Seu pai se chamava Johannes, sendo artesão ou ferreiro, de onde seu nome

¹⁰ ROSWEYDE, Heribert. *Vindiciae Kempensis adversus Constantinum Cajetanum*. Antwerp: Plantin, 1617. *Passim*; MALOU, Jean-Baptiste. *Recherches Historiques et critiques sur le véritable auteur du livre de l’Imitation de Jésus-Christ*. Paris: Libraire de P. Lethielleux; Torunai: Libraire de Casterman, 1838; HIRSCHKE, Karl. *Prolegomena zu einer neuen Ausgabe der Imitatio Christi nach dem Autograph des Thomas von Kempen*. Berlin: C. G. Lüderits’sche Verlagsbuchhandlung, 1873. *Passim*; BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. Bruxelles: F. J. Olivier; London: D. Nutt, 1882; KETTLEWELL, Samuel. *Thomas à Kempis and the Brothers of Common Life*. 2 vol.. New York: G. P. Putnam’s sons, 1882. *Passim*; MONTMORENCY, James Edward. *Thomas à Kempis: his age and book*. London: Methuen & Co., 1906. *Passim*; HYMA, Albert. *The Christian Renaissance: A History of the “Devotio Moderna”*. 2ª edição (1965). Hamden: Archon Books, 1924. pp. 158-176. Sobre a biografia de Eusebio Amort, ver BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 47, nota 107.

¹¹ BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout: Brepols 2002. pp. 45-49; LOGUTOVA, Margarita. “‘*Ama Nesciri*’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works”. HOFMAN, Rijklof; CASPERS, Charles; NISSEN, Peter; DIJK, Mathilde van; OOSTERMAN, Johan (eds.). *Inwardness, Individualization, and Religious Agency in the Late Medieval Low Countries: Studies in the Devotio Moderna and its Contexts*. Turnhout: Brepols 2020. pp. 67-86. *Passim*.

¹² Variações de seu nome incluem as latinizações “Thomas Hemerken a Kempis”, “Thomas a Kempis” e “Thomas Kempensis”. “Thomas à Kempis”, por vezes encontrada em português, representa uma importação da denominação francesa. Nas *Obras Completas* de Danhauser, “Kempis” aparece como “Campis”, provavelmente em decorrência de sua associação com o termo latino para “campo”, “*campus*, -i”. As biografias das *Obras Completas* identificam o nascimento de Thomas na cidade de “Campis”, na diocese de Utrecht. “Vita beati Thomae Malleoli”. Capítulo V – De paupertatis excellentia & eius amore a Thoma nostro e parentibus imbibito”. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folhas 10-11. Essa informação, entretanto, contradiz o próprio autor e todas as outras biografias são categóricas em afirmar sua procedência em

Hemerken ou *Hamerlein*, “martelo”; sua mãe, chamava-se Gertrudes Kuht.¹³ Formavam uma família simples e se mantinham pelos próprios esforços. Seu pai trabalhava com assiduidade, conquistando o pão “com o suor de seu rosto”, enquanto a mãe, descrita por seus hábitos comedidos, se dedicava aos afazeres domésticos, demonstrando especial empenho à educação dos filhos. Thomas cresceu nesse ambiente sóbrio, tendo recebido os rudimentos de sua primeira instrução por Gertrudes, desde a sua “mais tenra infância”.¹⁴ Além dele, Johannes e Gertrudes possuíam ao menos um outro filho, Johannes Hemerken, nascido em 1365. Johannes, o filho, fora o primeiro da família a ingressar nas comunidades de vida comum, primeiro em Deventer, em 1381, e depois em Windesheim, após tomar votos como cônego regular, em 1390.¹⁵

Foi por seu intermédio que Thomas, em 1392, então com 11 a 13 anos, se dirigiu para a cidade de Deventer, pretendendo ingressar em uma das cobiçadas escolas da

Kempen, na diocese de Colônia. Sobre isso, ver KETTLEWELL, Samuel. *Thomas à Kempis and the Brothers of Common Life*. pp. 44-45.

¹³ “...Thomas Hemerken, da cidade de Kempis, diocese de Colônia, irmão sanguíneo de Johannis de Kempis, o primeiro prior, dos quais o pai se chamava Johannes e a mãe, Gertrudes” (“*Thomas Hemerken de Kempis civitate, dioecesis Coloniensis, germanus fratris Iohannis Kempen primi prioris, quorum pater Iohannes, mater Gertrudis vocabatur*”). *Chronica Montis sanctae Agnetis*. In POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia*. vol. 7. Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1922. Capítulo 8. p. 368. Citado em LOGUTOVA, Margarita. “‘*Ama Nesciri*’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 77. O nome de seu pai, “Hemerken” pode ser encontrado, também, como “*Hammerlein*” ou na versão latina “*Malleolus*, -i”. O nome de sua mãe, “Kuht”, também pode ser encontrado grafado como “Kuit” e “Keuth”. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 45.

¹⁴ “Pois nascido de pai artesão, que buscava seu trabalho cotidiano no campo como meio de sobrevivência...” (“*Natus enim est patri opifice, cotidiano labore victum aegre quaeritante...*”). “*Vita beati Thomae Malleoli*”. Capítulo V – De paupertatis excellentia & eius amore a Thoma nostro e parentibus imbibito”. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folhas 10-11. “E por ser educado com seriedade desde a mais tenra infância e primeiros tempos nas coisas simples, viu o assíduo trabalho do pai, com suor em seu rosto, para que pudesse comer seu pão; a mãe, empenhada na educação dos filhos, atenta aos deveres domésticos, alegre nos afazeres, moderada no sustento, abstinência, de poucas palavras e comedida nos atos. Poucas vezes pôde sentir ou reclamar da dureza dos trabalhos ou da austeridade. Assim, Hemerken foi formado na casa dos pais a toda paciência e tolerância à pobreza.” (“*At quia a teneris vnguiculis & primis incunabulis in re tenui duriter educatus, viderit patrem assiduo labore & in sudore vultus sui panem manducantem: matrem in educatione liberorum sedulam, ad custodiam rei domestice attentam, in opere alacrem, in victu sobriam, in potu abstemiam, in verbis parcam, in factis pudicam, vix possit sentire, ne dicam reicere, laborum aut parsimoniae durtiam. Quocirca Malleolus in paternis laribus ad omnem patientiam & inopiae tolerantiam institutus*”). “*Vita beati Thomae Malleoli*”. Capítulo VII – De patientiae laude”. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folha 13. Sobre Gertrudes Kuht, Kenneth Becker afirma que dirigia uma escola, informação, porém, ausente dos documentos e do restante da bibliografia. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 45. Essa informação, se confirmada, conferiria maior complexidade à família Hemerken-Kuht. A região dos atuais Países Baixos possuía um dos maiores graus de alfabetização feminina de toda a Europa, e é lícito pensarmos na possibilidade de sua mãe se responsabilizar por crianças deixadas ao seu cuidado, possivelmente recebendo os primeiros rudimentos da alfabetização. Sobre a educação feminina, ver. SIMONS, Walter. *Cities of Ladies: Beguine Communities in the Medieval Low Countries, 1200-1565*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001. pp. 6-7.

¹⁵ BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. pp. 45-46.

cidade. Essas exerceram um forte apelo aos jovens com recursos mínimos para a sua educação.¹⁶ Representavam uma das poucas possibilidades de estudo e ascensão social, abrindo oportunidades para a futura formação universitária, procurada por muitos que ambicionavam funções na crescente burocracia administrativa que se estabelecia.¹⁷ Recomendado pelo irmão a Florent Radewijns, então o carismático líder da *devotio moderna* e sucessor de Geert Groot, Thomas nos conta sobre a sua recepção na cidade:

Assim que cheguei em Deventer, por conta dos estudos, nos anos de adolescência, procurei o caminho para ir até os regulares de Windesheim. E lá encontrei os irmãos cônegos regulares junto de meu irmão. Por recomendação dele, fui instruído a ir, com suma reverência, a um homem, o mestre Florent, vigário da igreja de Deventer, sacerdote e devoto, de quem a doce fama já ascendera às partes superiores. Tinha em mente o seu amor, pois costumavam recomendar suas ações nas coisas divinas às turmas dos estudantes. Ao vê-lo ou escutar, percebia-se que era justo; gracioso aos olhos de todos, pois era um verdadeiro cultuador de Deus e adorador devotíssimo da santa mãe Igreja. Logo após ter ido à presença do pai reverenciado - imediatamente comovido pela piedade - em pouco tempo me colocou em sua casa e me preparou para as aulas, tendo, além disso, me dado livros dos quais pensava que fosse ter necessidade. Por fim, solicitou minha hospedagem com algumas honestas e devotas senhoras, de graça. Fez o bem a mim e a outros clérigos, por muitas vezes. E assim, me juntei, cotidianamente, a um homem tão devoto e aos seus irmãos, atendendo e assistindo suas devotas conversas.¹⁸

Thomas foi abrigado, provisoriamente, por Florent em sua comunidade, a “casa de Florent”, começando seus estudos na escola instalada na sede vicarial de São Lebuíno, sob a condução do reitor Joannes Boheme.¹⁹ Em pouco tempo, mudou-se para a

¹⁶ “Quando florescera a presença do reverendo pai da igreja de Deventer, senhor Florent, muitos, de diversas partes, entravam nas escolas de Deventer procurando os estudos da doutrina...”. (“*Cum dauentriensis ecclesiae reuerendi patris domini Florentii floreret presentia, & multi de diuersis partibus scholares dauentriam intrarent propter doctrinae studium...*”). “*Vita discipulorum domini Florentii*”. Capítulo XIII – De Arnolde schoenhouiae in bellae curiae deuoto clerico. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXXII. Ver também HYMA, Albert. *The Christian Renaissance: A History of the “Devotio Moderna”*. p. 166.

¹⁷ LOGUTOVA, Margarita. “‘*Ama Nesciri*’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 73.

¹⁸ “*Cum igitur studii causa in annis adolescentiae Dauentriam peruenissem: quasiui iter pergendi ad regulares in Wyndesem. Ibique inuentis fratribus canonicis regularibus cum germano meo: hortatu illius inductus sum adire summae reuerentiae virum magistrum Florentium Dauentriensis ecclesiae vicarium, sacerdotemque deuotum: cuius fama dulcissima ad partes superiores iam ascenderat, & in amorem sui mentem meam traxerat: quem frequens turba scholarium in diuinis rebus agentem commendare solebat. Visu enim & auditu iustus erat: atque omnium oculis gratiosus: utpote verus dei cultor, & sanctae matris ecclesiae deuotissimus venerator. Veniente ergo ad presentiam patris reuerendi, mox pietate motus, aliquantisper me secum in domo tenuit & ad scholas instituit: datis insuper libris quibus me egere putauit. Demum hospitium cum quadam honesta & deuota matrona gratis impetrauit: quam mihi & aliis multis clericis saepius bene fecit. Adiunctus itaque tam deuoto viro & fratribus eius quotidie deuotam eorum consuetudinem attendi & inspexi.*” “*Vita discipulorum domini Florentii*”. Capítulo I – De prima congregatione clericorum in Daentria. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXvita florenXI.

¹⁹ Joannes Boheme foi reitor da escola da comunidade de São Lebuíno, além de vigário maior da igreja. “*Vita reuerendi patris domini Florentii*”. Capítulo XXIII – De eficácia sermonum eius & intellectu scripturarum. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXVII. Ver também BECKER, Kenneth Michael. *From*

comunidade feminina acima mencionada. Em outro relato, informa como Florent não apenas lhe concedeu o necessário para a sua estadia e o início de seus estudos, mas assumiu também os custos de suas aulas:

Assim, quando se aproximou o tempo de pagar a taxa, passaram a cada um o que por direito deviam. Eu, também, entreguei a taxa em suas mãos [a Joannes Boheme], cobrando o livro que eu deixara em penhor. E porque tinha informações minhas, sabendo que eu estava sob os cuidados do senhor Florent, disse a mim: ‘Quem te deu esse dinheiro?’ Respondi: ‘O meu senhor Florent.’ ‘Vá’, declarou, ‘devolva a ele o seu dinheiro. Não o quero receber por conta dele.’ Levei novamente o dinheiro ao meu senhor Florent, e falei: ‘O mestre me devolveu a taxa por amor a ti.’ Ele disse: ‘Eu lhe agradeço. Darei a outros como dádiva de apreço’.²⁰

Thomas iniciava, assim, a sua vida em Deventer sob o prestígio da tutela de uma das principais lideranças religiosas da cidade. Permaneceu algum tempo instalado na comunidade feminina, mas devido à proximidade que estabeleceu com Florent, voltou a morar em sua comunidade, tornando-se seu *famulo*.²¹ É provável que essa transferência tenha se dado já por conta de seu interesse em viver como devoto, a exemplo de seu irmão. À sua rotina de estudos, passava então a integrar as atividades da comunidade, absorvendo a sua espiritualidade e dando seus primeiros passos na vida religiosa. As memórias dessa época permitem algumas informações sobre o seu cotidiano, o convívio com os outros moradores e alguns episódios expressivos para o desenvolvimento de suas perspectivas.

Na casa de Florent, Thomas dividiu seu quarto com um outro jovem estudante, Arnolfo Schonhooven, compartilhando com ele seus afazeres diários.²² Arnolfo foi recebido, de igual forma, por Florent, sendo instalado na comunidade sob o sistema da

the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi. p. 46; HYMA, Albert. *The Christian Renaissance: A History of the “Devotio Moderna”*. pp. 166-167.

²⁰ “Cum ergo tempus soluendi precium instaret: reddiderunt singuli quid iure debebant. Tunc etiam ego obtuli ei precium ad manum eius: repetens librum quem pro pignore relinqueram. Et quia notitiam mei habuit sciens me stare sub cura domini Florent: ait mihi. Quis dedit tibi hanc pecuniam? Respondi. Dominus meus Florentius. Vade (inquit) reporta ipsi pecuniam suam: nolo a re recipere propter ipsum. Reportavi iterum pecuniam domino meo Florentio: & dixi. Redidit mihi magister precium amore tui. A[i]t ille: Grates illi ago: alias iterum donis potioribus prouidebo.” “Vita reuerendi patris domini Florentii”. Capítulo XXIII - De eficácia sermonum eius & intellectu scripturarum. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXVII. Episódio também citado em HYMA, Albert. *The Christian Renaissance: A History of the “Devotio Moderna”*. p. 167.

²¹ “Nesse mesmo momento, ajudante do senhor Florent e com ele tomando conselho, comecei a habitar em sua casa.” (“Eodem tempore adiuuante domino Florentio & consulente, domum illam inhabitare coepi.”). “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo XIII – De Arnolfo schoenhouiae in bellae curiae deuoto clerico. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXXIII.

²² “E por um ano, permaneci naquela congregação com Arnolfo, abrigados juntos em um pequeno quarto com um leito.” (“& fere per annum in congregatione illa cum Arnolfo permansi: simul vna camerula vnoque lecto ambo contenti.”). “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo XIII – De Arnolfo schoenhouiae in bellae curiae deuoto clerico. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXXIII.

bursa communis (“bolsa comum”), na qual seus membros administravam a vivência em conjunto, compartilhando bens de uso comum e empregando seus rendimentos para custear a subsistência coletiva.²³ Thomas deve ter vivido sobre esse mesmo sistema, obtendo seus recursos pela cópia de livros e aplicando-os à *bursa*, ainda que fossem poucos e continuasse a depender da caridade de Florent.²⁴

A companhia de Arnaldo parece ter contribuído para reforçar seus anseios pela vida devota, encontrando no colega um modelo de devoção, como nos conta por suas próprias palavras:

Assim, notei muitos sinais de devoção em Arnaldo, que foi muito exemplar e devoto, tanto em casa quanto na escola, nunca estando aborrecido e nem amargo, mas grato e bondoso para tudo. Toda manhã, na hora do quarto sino, imediatamente se levantava em vigília, alegre. Dobrava os joelhos diante do leito e orava brevemente, provando, com fervor, as primeiras palavras de sua boca, dedicadas ao Senhor. Em seguida, vestia-se rapidamente para o local de oração, a fim de ler, nas matinas, à beata Virgem Maria e à Santa Cruz. Prosseguia oportunamente, sem se demorar pelos outros e se chatear ao se unir a eles. À missa, apressava-se em seguir com os primeiros, ajoelhando-se com humildade perto do altar, ouvindo o ofício da missa com reverência simples, sem cessar suas orações e sagradas meditações, até terminar o rito solene da missa. Também amava os locais secretos, afastados das multidões, os quais não o impediam de orar. Orava, então, com enorme fervor. Fugia da aparência humana, e a ninguém deixava notar que era devoto. Cuidava, também, que sua voz não fosse escutada do lado de fora, porque, em privado, só queria estar perto de Deus. Mas, entretanto, nem sempre podia assim fazer, uma vez que, contra sua vontade, as tochas ardiam ou crepitavam do lado de fora. Logo aconteceu de eu o ajudar algumas vezes, em segredo, avisando a ele, que orava, se algo ocorresse. E por conta de seu fervor, me ascendi do pecado, desejando sentir, a qualquer momento, a graça da devoção, tal qual ele parecia ter quase cotidianamente.²⁵

²³ “[Florent] permitiu que ele ficasse em sua antiga casa, na qual vários clérigos, em número de vinte, encontravam-se sob a *bolsa comum*: uma mesa comum, tendo seus gastos e se ajudando em grande devoção ao Senhor. Entre eles, havia três leigos: um procurador, que comprava o necessário; outro, auxiliava na cozinha; um terceiro, costurava as vestes.” (“*concessit ei mansionem in antiqua domo sua: vbi plures clericici numero fere viginti in communi bursa stabant: vnam communem mensam & sumptum habentes & in magna deuotione domino famulantes. Inter quos tres erant laici: vnus procurator quia necessaria emebat: alius coquinae profuit: tertius veste sarciebat*”). “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo XIII – De Arnaldo schoenhouiae in bellae curiae deuoto clerico. OC-DANHAUSER, 1494. CLXXXIII.

²⁴ Uma das biografias de Thomas informa: “Quando estava m Deventer, manteve-se com esmolas para o estudo das letras, concluindo-os com todo o seu trabalho e toda sua pobreza. Também juntava os rendimentos de seus trabalhos, adquirindo-os com seu talento, e o pagamento por seus escritos à instrução e progresso dos pobres, em manutenção comum.” (“*cum esset Dauentriae eleemosynis ad literaum studia nutriendus, omnes labores, omnemque inopiam pertulit. Qui etiam laborum suorum mercede se, geniumque suum fraudans, precium scripturae suae ad pedes profecti pauperum in communem alimoniam apposuit*”). “Vita Thomae a Campis”. Capítulo VII – De patientia laude. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 15. A cópia de livros era uma das principais atividades dos devotos, e é possível, tanto por esse fato quanto pela própria história de Thomas, tomar como pressuposta essa atividade em sua formação na cidade Deventer. LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” pp. 73-75.

²⁵ “*Multa igitur deuotionis signa in Arnaldo notauit: quia multum exemplaris & deuotus fuit tam in domo quam in scholis: nulli molestus nec amarus: sed omnibus gratus & benignus. Omnia mane hora quarta campana signacula dante statim euigilans alacriter surrexit: & flexis genibus ante lectulum breuiter orauit,*

A própria ida de Thomas para a comunidade de Florent parece ter sido incentivada por Arnaldo, que nutria o desejo de viver com o mestre. Ele também atribui a uma conversa com o colega o desejo de aprender a escrever:

Como ele persistia nas preces, o senhor Florent manifestou interesse em ouvir os seus desejos, para que se expressasse melhor. Assim, disse-lhe: ‘Aprendas a escrever bem, e então haverá esperança em ti.’ Ao ouvi-lo, esforçou-se com diligência para aprender a arte de escrever, indo muitas vezes a algum bom escritor e pedindo a ele que lhe ensinasse tudo. Ele me disse: ‘Ó, se eu souber escrever bem, poderei morar com o senhor Florent. Terei esperança de poder vencer minhas paixões, porque bem quero a graça de Deus, somente se eu aprender a escrever.’ E tendo ouvido isso, admirei-me por sua honestidade e fervor, porque queria fazer tudo com ímpeto, igual lhe dissera o senhor Florent. E eu pensei comigo de igual forma, dizendo: ‘Se eu quiser aprender a escrever bem, saberei me corrigir bem’.²⁶

A julgar por esse comentário, é possível inferir que Arnaldo fosse um pouco mais velho, uma vez que o aprendizado da escrita lhe foi recomendado primeiro. Assim, teríamos em sua companhia um jovem que o toma como uma de suas referências e procura seguir seus passos, fazendo de seus hábitos e empenho o parâmetro para seus próprios desejos e objetivos. Thomas ainda nos declara ter sido com a ajuda de Arnaldo que aprendeu a escrever e assim pôde passar a contribuir com a *bursa*:

Além disso, eu me animava ao máximo pelo desprezo do século com as doces conversas dos irmãos e os piedosos conselhos de Arnaldo, ajudando-o e

primitivas oris sui domino feruide libans. Deinde celeriter se vestiendo ad locum orationis per matutinis beatae Mariae virginis & sanctae crucis legendis tempestive processit non faciens moram aliis: sed cunctos peruenire satagebat. Ad missam iturus festinauit esse cum primis: flectens humiliter genua circa altaria audiendo officium missae cum supplici reuerentia: nec cessans ab oratione & meditatione sacra, donec missarum solemnities esset rite finita. Amabat autem locum secretum a turbis remotum, ne impedirent in orando: & tanto feruentius tunc orabat. Fugiebat hominum aspectos: ne in aliquo notaretur esse deuotus. Cauebat quoque ne vox sua audiretur foris: quia in priuata oratione soli deo volebat esse apertus. Sed tamen non semper ita latere potuit: quin ardens lampas vel inuita foras crepitaret. Accidit ergo aliquotiens me ipsi assistente latenter, ut eo orante caute aduerterem quid ageret: atque pro illius feruorem ad pecandum accensus fui, optans talem deuotionis gratiam quanque sentire: qualem ille fere quotidie videbatur habere.” “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo XIII – De Arnaldo schoenhouiae in bellae curiae deuoto clerico. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXXIII.

²⁶ *“Illo igitur persistente in prece, distulit dominus Florentius desiderium eius exaudire, ut prolateretur melius: ita dicens ad eum. Discas bene scribere: & tunc spes erit de te. Quo audito tota diligentia nitebatur scribendi artem addiscere: saepe vadens ad quendam bonum scriptorem & petens ab eo plenius informari. Et dixit mihi. O si scirem bene scribere: ut possim cum domino Florentio habitare. Spero quod bene per gratiam dei vellem passionem meam vincere. Si tantummodo scribere scirem. Et cum haec audissem, miratus sum probitate eius & feruorem: quia omnia conamine satagebat agere, aequae domini Florentii dixerat. Et ego versam vice cogitavi mecum dicens. Bene vellem addiscere scribere: si scirem me bene emendare.” “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo XIII – De Arnaldo schoenhouiae in bellae curiae deuoto clerico. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXXIII.*

sendo por ele instruído cotidianamente. Então pude lucrar escrevendo e trouxe algo para os gastos comuns.²⁷

Mas não foi apenas em Arnolde que Thomas encontrou inspiração. A vida em Deventer o colocou em contato com vários outros nomes que instigaram o desenvolvimento de suas perspectivas espirituais. Na *Vita discipulorum Florentii* (“*Vida dos discípulos de Florent*”), recolheu os exemplos notáveis dos irmãos mais velhos, alguns pertencentes à primeira geração de devotos agremiados em torno de Geert Groot e de Florent Radewijns.²⁸ Thomas nos narra não apenas seus hábitos, mas episódios testemunhados por ele próprio, e nos quais encontramos a eles atribuídas algumas das principais tônicas de suas obras.

Por suas descrições, somos informados, por exemplos, de sua presença nos discursos públicos de Joannis Brinckerinck, “discípulo predileto” de Groot, nos quais pregava “sobre como Deus não poupou seu próprio filho” e pedia poder “retribuir ao Senhor tudo o que ele lhe retribuía”; também nas missas de Henrico Brune, que atraía “muitos seculares” e era capaz de conceder “com facilidade a indulgência”, suscitando nos fiéis o desejo de permanecerem próximo de Jesus mesmo após seu fim.²⁹ Em Gerardo

²⁷ *Ad seculi quoque contemptum fortius animabar maxime dulci conuersatione fratrum & pia ammonitione Arnoldi quotidie adiutus & instructus. Quicquid tunc scribendo lucrari potui, in sumptus communes tradidi. “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo XIII – De Arnolde schoenhouiae in bellae curiae deuoto clerico. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXXIII.*

²⁸ “e me alegrei e deleitei por seus bons costumes e pelas palavras da graça que procediam de suas bocas humildes. Portanto, não me lembro de ver, tanto agora quanto antes, homens tão devotos e fervorosos na caridade de Deus e do próximo, que viviam entre seculares, sem terem nada da vida secular. Pareciam não se preocupar com nenhum dos negócios do mundo. (...) Alguns eram sacerdotes, ilustrados no conhecimento das leis divinas, pregavam com empenho na igreja, e até instruíram os fiéis do povo, pela pregação, a realizarem ações piedosas e a escutarem, pela salvação, os sagrados sermões.” (“& gauisus sum ac delectatus in bonis moribus eorum, & in verbis gratie quam de ore humilium procedebant: quia nunc quam prius tales homines tam deuotos & feruentes in charitate dei & proximi me vidisse memini: qui inter seculares viuentes de seculari vita nihil habebant: nihilque de terrenis negociis curare videbantur. (...) Quidam erant sacerdotes sciam diuinae legis illustrati, strenue in ecclesia praedicabant, quoque ex praedicatione, fideles populi in actibus piis exercendis & sermonibus sacris audiendes salubriter sunt instructi.”) “Vita reuerendi patris domini Florentii”. Capítulo I – De prima congregatione clericorum in Dauentria. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXI.

²⁹ “Por duas vezes o ouvi pregar na sexta-feira da Paixão do Senhor, com muita comoção e abundância. Seu primeiro tema foi sobre como Deus não poupou seu próprio filho. O segundo, tomado do salmo [116; 115 na *Vulgata*], ‘Como retribuirei ao Senhor por tudo o que me retribuiu?’” (“vice audiui eum predicantem in die parasceues passionem domini satis compuncte & prolixè. Primum thema eius fuit, proprio filio suo non pepercit deus. Secundum vero ex psalmo [116] sumpsit. Quid retribuam domino pro omnibus quae retribuit mihi.”) “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo III – De domino Ioanne Brinckerinck. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXII; “Pois quando eu o via, muito me edificava, e a ele mais amava. (...) Também pelo fato de trazer a sua missa muitos seculares, e por ele facilmente se conseguia a indulgência, pois apenas a contragosto se separava do amado Jesus.” (“Quid cum viderem, multum aedificatus fui: & eo amplius eum dilexi. (...) Quo tamen facto plures seculares ad deuotionem missae suae traxit: & facilis ei indulgentia dabatur: quia inuite a dilecto Iesu separabatur.”). “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo VII – De domino Henrico Brune. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXVII.

de Zutphen, encontramos a recomendação à leitura dos “livros que mais instruem e ensinam o que não podemos dizer”, “as luzes de nossas almas”, “tão essenciais à vida quanto o próprio sacramento”.³⁰ Ou, ainda, a memória do cozinheiro Joannis Cacabo, conhecido por Ketel, que transformara a cozinha da comunidade em um oratório, demonstrando que a verdadeira devoção não exigiria nem momento e nem local ideais, apesar de necessária a humildade, como costumava lembrar: “Bem encontramos escrito no Evangelho, ‘Felizes os pobres no espírito, porque é deles o Reino dos Céus’, mas, em nenhum lugar lemos ‘Felizes os mestres das artes’.”³¹ Pela convivência com essas figuras, Thomas tornava-se partícipe da espiritualidade coletiva da *devotio moderna*, absorvendo os preceitos de seu ambiente e desenvolvendo as perspectivas que, anos depois, expressaria em seus escritos.

Dentre todos os devotos com os quais teve contato, foi com Florent Radewijns que estabeleceu maior proximidade, sempre reconhecendo nele a iniciativa do desenvolvimento da comunidade.³² Suas mais ternas lembranças a ele remetem, localizadas por todo o período em que esteve em Deventer. Florent fora uma das primeiras pessoas com as quais teve contato na cidade, dando-lhe todo o apoio necessário para seus estudos. Nesses primeiros tempos, vemos como nutria uma respeitosa admiração pelo “senhor Florent”:

E então naquele tempo, acostumei-me a frequentar o coro com os outros estudantes, assim como fora recomendado pelo mestre Joannes Boheme, que, com empenho, regia a escola e o coro. Logo, vi, cotidianamente, o meu senhor

³⁰ “E a muitos clérigos de fora concedia códices sagrados, para que tivessem em suas casas e escolas as sagradas lições. (...) dizia: ‘Estes livros são muito úteis e nos ensinam de que forma podemos falar. Os Livros sagrados são as luzes para nossas almas, além de alívios e verdadeiros remédios para a vida, e dos quais não podemos ficar sem em nossa peregrinação, não sendo menores que os sacramentos da Igreja.’” (*“Et multis clericis extraneis sacros codices concessit: vt haberent in dominibus suis & in scholis lectiones sacras (...) dicebat. Isti libri plus prodicant & docent quam nos dicere possimus. Nam libri sacri sunt animarum nostrarum lumina & solatia atque vera medicamina vitae: quibus non minus in hac peregrinatione carere possumus, quam ecclesiae sacramentis.”* “Vita discipulorum domini Florentii”). Capítulo III – De domino Gerardo Sutphaniensi. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folha CLXXVIII.

³¹ “Em um dia de festa, um clérigo veio da escola até ele, que começou a lhe dizer algumas coisas boas. Entre elas, disse: ‘Bem encontramos escrito no Evangelho, ‘Felizes os pobres no espírito, porque é deles o Reino dos Céus’, mas, em nenhum lugar lemos ‘Felizes os mestres das artes’.’” (*“Quodam die sacro cum quidam clerici venissent ad eum de schola: coepit eis dicere aliqua bona: & inter caetera haec ait. Bene inuenimus in euangelio scriptum. Beati pauperes spiritum, quam isporum est regnum caelorum: sed nuli legimus beati magistri artium.”*) “Vita discipulorum domini Florentii”). Capítulo XII – De Ioanne Cacabo vulgo Ketel humili coco. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folha CLXXX.

³² Thomas atribuía a Florent o desenvolvimento das comunidades em Deventer. “E pelo exemplo do reverendo pai, o senhor Florent, ao desprezo do mundo, a congregação progrediu em sua instrução, sempre para o melhor”. (*“& exemplo reuerendi patris domini Florentii ad perfectum mundi contemptum, sanctam illa congregatio erudita proficeret semper in melius.”*). “Vita reuerendi patris domini Florenti”. Capítulo XXI – De viro qui in puteum cecidit & inde illaesus extractus fuit. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folha CLXXVI.

Florent estar no coro. Ele não se permitia desviar o olhar, e eu, temia sua presença, por conta da reverência de sua posição, e dava asas à imaginação. E acontecia de eu não estar longe dele no coro. Ele se virou ao nosso livro, cantando conosco. Em pé, colocou suas mãos sobre meus ombros. Permaneci parado, sem ousar me mover, atônito pela graça de tamanha honra.³³

Conforme crescia e progredia em seus estudos, Thomas também se aproximava de Florent e da vida devota. Da época em que foi seu *famulo*, conta como auxiliava o mestre nas obras de caridade:

todo ano, na festa do beato papa Gregório, costumava convidar doze pobres estudantes para sua refeição, em honra ao santo Gregório, pois lera que o beato Gregório tinha consigo, todos os dias, doze pobres. E eu, em sua representação, nomeava os pobres e levava os escolhidos a sua casa, à hora da refeição. (...) Então ficava visivelmente satisfeito ao dizer os salmos e cantavam muito religiosamente antes da benção da mesa. Os pobres comiam e se fartavam, louvavam o Senhor e a ele buscavam (...). Da mesma forma, na mesa de maio, quando as ervas do campo mais valem como medicamento, o piedoso pai não se esquecia de seus pobres. Logo, conhecendo muitos doentes, sarnentos e ulcerosos, fazia-os vir a sua casa em determinado dia e hora, para receberem algum remédio ou banho corporal com águas quentes e ervas odoríferas.³⁴

No início de sua maturidade, vemos Thomas se igualar aos outros devotos, tributando a Florent a sua formação espiritual. Por ele, diz-nos ter sido formado na “escola de Cristo”, tendo-o como exemplo de grande sabedoria:

[Florent] se mostrava alegre e solícito aos que estavam tristes e eram tentados, de modo que se alguém tivesse sido ofendido ou incomodado, fosse rapidamente acalmado e consolado por sua imagem e por suas poucas palavras, e permanecesse contente. Experimentei essa grande sabedoria em mim mesmo

³³ “*Et ego tunc temporis cum allis scholaribus chorum visitare consueui, sicut iniunctum mihi fuerat a magistro Ioanne Boeme quod scholas & chorum strenue regebat. Quotidiens ergo dominum meum Florentium in choro stantem vidi: licet ipse non circumspiceret: praesentiam tamen eius ob reuerentiam status eius metuens, cauebam aliquid fabulari. Et accidit aliquando vt non longe ab eo stare in choro: vertitque se ad librum nobiscum canendo. Et stans post me manus suas super humerum meum posuit: stetique fixus vix audes me mouere: stupens ad tantae dignationis gratiam. “Vita reuerendi patris domini Florenti”. Capítulo XI – De raritate exitus sui & cum quanta disciplina stabat in choro. OC-DANHAUSER, 1494. Folhas CLXIV-CLXV.*

³⁴ “*omni anno in festo beati Gregorii papae, duodecim pauperes scholares ad honorem sancti Gregorii ad suum prandium inuitare solebat: quia beatum Gregorium duodecim pauperes omni die habuisse legerat. Et ego ex comissione eius aliquos pauperes nominatim mihi expressos, ad domum eius hora prandii introduxi. (...) Tunc manifeste impletum est quid pro psalmistam dicitur: & multis religiosis ante benedictionem mensae canitur. Edent pauperes & saturabuntur: & laudabunt dominum qui requirunt eum &c [sic]. Similiter in mense maio quando haerbae agrestes maxime valent per medicamentis: pius pater non est oblitus pauperum suorum. Sciens ergo multos esse debiles, scabiosos & vlcerosos, fecit eos ad domum suam venire certo die & hora: pro quadam medicina & corporali balneatione in aquis calidis cum odoriferis haerbis suscipienda.” “Vita reuerendi patris domini Florenti”. Capítulo XVI – De refectione pauperum & lauatura miserorum. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXV.*

e em meus companheiros devotados. Fomos instruídos por seus conselhos e formados na escola de Cristo pelas melhores de suas lições.³⁵

Thomas carregou consigo a lembrança de Florent por toda a vida. Ao escrever a *Vita Florentii* (“*Vida de Florent*”), principal fonte a seu respeito, diria que se “todos se calassem, jamais se silenciaria”, “cantando pela eternidade a misericórdia” de que fora testemunha.³⁶ Ao apresentá-la, homenageia-o, com sua habitual modéstia, declarando sua gratidão:

Confesso que minha incompetência não pode satisfazer uma descrição da vida de tão grande pai. (...) Por fim, me pareceria insensível e ingrato se silenciasse sobre as virtudes de tão amado pai, pois fizera bem a mim e a muitos outros, e primeiro nos trouxe ao serviço de Deus, para enfim, conduzir-nos à segurança do monastério.³⁷

Thomas viveu por sete anos em Deventer, tendo Florent ao seu lado. Aprendeu a escrever, tornando-se capaz de ler as Escrituras e a compreender os tratados devotos.³⁸ Contava, então, com 18 a 20 anos. Nesse mesmo momento, seu irmão Johannis participava da construção de Agnietenberg, o mosteiro no Monte de Santa Agnes, próximo a Zwolle, sendo eleito o seu primeiro prior.³⁹ Essa iniciativa se inseria nos planos

³⁵ “*Tristibus et temptatis hilarem se exhibuit et solaciosum, ut si quis offensus fuisset et turbatus eo viso et secum parum loquente: mox bene pacatus et consolatus ad sua cum gaudio remanearet. Hoc sapissime expertus sum in me ipso & sociis meis deuotariis, qui eius consilio eruditi sumus: & in schola Christi optimis collationibus informati.*” “*Vita reuerendi patris domini Florenti*”. Capítulo XV – De misericórdia eius in pauperes & aegrotos atque ignotos. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXV. Também citado em LOGUTOVA, Margarita. “*Ama Nesciri*”: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 75.

³⁶ “*Et si omnes tacuerint, ego non silebo: sed misericordias domini Florentii in aeternum cantabo: quia indubitata fide ipso adhuc viuento per septennium multitudinem miserationum ipsius experienterum probauit.*” “*Vita reuerendi patris domini Florenti*”. Capítulo XVI – De refectione pauperum & lauatura miserorum. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXV.

³⁷ “*Fateor nanque imperitiam meam non posse sufficere ad tanti patris vitam describendam (...) Denique durum & ingratum mihi indigno videtur, si tam dilecti patris virtutes reticerem: qui mihi & multis aliis benefecit in vita, & primo traxit ad dei seruitium: ac tandem direxit ad monasterii portum.*” “*Vita reuerendi patris domini Florenti*”. Prologus. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXI.

³⁸ “pois com sua própria fê indubitável eu vivi por sete anos, e provei de sua tamanha misericórdia e de sua experiência.” (“*quia indubitata fide ipso adhuc viuento per septennium multitudinem miserationum ipsius experientia rerum probauit*”). “*Vita reuerendi patris domini Florenti*”. Capítulo XVI – De refectione pauperum & lauatura miserorum. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXV. “Ali, portanto, aprendi a escrever e a ler as Sagradas Escrituras, e nelas observar os costumes, além de ouvir os tratados devotos.” (“*Ibi quippe didici scribere, & sacram scripturam legere: & qua ad mores spectant: duotosque Tractatus audire.*”) “*Vita discipulorum domini Florentii*”. Capítulo XIII – De Arnolde schoenhouiae in bellae curiae deuoto clerico. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXXXIII.

³⁹ “No ano de Senhor de 1399, após a Páscoa, o irmão Johannes de Kempis, conventual em Windesheim, foi eleito como o primeiro prior da casa do Monte de Santa Agnes. Com a ajuda de Deus, ele, o primeiro prior, conduziu os assuntos da casa, junto com muitos e sua pobre família, religiosamente e com empenho, por nove anos. E a melhorou com louvor, tanto em construções, quanto em livros e outras coisas boas necessárias ao proveito do monastério. (...) Não é fácil dizer quanto trabalho e suor aquele lugar montanhoso e arenoso exigiu para a fertilidade de seus frutos e a viabilidade de terra.” (“*Anno Domini MCCCXIX post*

dos devotos de Deventer e Windesheim, os quais, sob a liderança de Florent, procuravam difundir os modelos e preceitos de suas comunidades a outras regiões.⁴⁰ Com a autorização do mestre, Thomas decidiu acompanhar o irmão, solicitando ingresso em Santa Agnes, no ano de 1399:

No mesmo ano, eu, Thomas de Kempis, estudante de Deventer e nascido na diocese de Colônia, vim a Zwolle pelas indulgências. Depois, segui contente para a o Monte de Santa Agnes e solicitei instância para residir nesse mesmo local. Fui misericordiosamente aceito.⁴¹

Segundo Victor Becker, ao dizer que “fora aceito” (“*fui acceptatus*”), Thomas estaria indicando a sua participação como *donatus* (“doador”), condição na qual um indivíduo participava do convívio da comunidade, sem, porém, tornar-se “religioso”, sendo vetada a participação no coro e a possibilidade de tomar votos, além de continuar a portar as vestes dos irmãos laicos de Deventer.⁴² Essa condição teria sido em decorrência da proibição das constituições de Windesheim, importadas para Santa Agnes, em receber dois irmãos sanguíneos como religiosos em uma mesma comunidade.⁴³ Segundo o autor, alguns membros passavam a vida toda nessa condição.⁴⁴ Thomas, entretanto, permaneceu nela por cerca de sete anos, assegurando seu ingresso pleno por

*pascha frater Iohannes Kempis conventualis in Windesem, electus est in priorem domus montis sanctae Agnetis. Hic primus prior Deo auxiliante statum domus cum multa et paupere familia annis novem strenue ac religiose gubernavit: et tam in aedificis, quam in libris et aliis necessariis bona monasterii commendabiliter melioravit. (...) Non est facile dictu, quanto labore et sudore locus ille montuosus et arenosus in ubertatem fructuum et planitiem terrae sit deductus.” Chronica Montis sanctae Agnetis. In POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia*. vol. 7. Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1922. Capítulo 8. pp. 365-368. Citado em LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 77.*

⁴⁰ “Assim, enviou várias pessoas para diversos mosteiros e novas casas para instruírem a conversão de outros. Alguns foram para Windesheim, outros para o Monte de Santa Agnes, para o norte, outros para Guéldria e outros para Holanda.” (“*Misit ergo plures personas ad diuersa monasteria & ad nouas domos pro aliorum conuersione extruendas. Ex quibus aliqui in Windeshem, aliqui in montem sanctae Agnetis: aliqui in Northorn, aliqui in Gelriam, aliqui in Hollandiam perrexerunt*”). “Vita reuerendi patris domini Florenti”. Capítulo XXVII – De emissionem fratrum ad fructificandum in diuersis locis. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXVIII.

⁴¹ “*Eodem anno [MCCCXCIX] ego Thomas Kempis, scholaris Daventriensis, ex diocese Coloniensi natus veni Zwollis pro indulgentiis. Deinde processi laetus ad montem sanctae Agnetis et feci instantiam pro mansionem in eodem loc; et fui misericordier acceptatus.*” *Chronica.* *Chronica Montis sanctae Agnetis. In POHL, Michael Joseph. Thomae Hemerken a Kempis Opera Omnia*. vol. 7. Capítulo 8. p. 368. Citado em LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 77. Trecho presente, também, em BECKER. Victor. L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais. pp. 5-6.

⁴² BECKER. Victor. L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais. p. 4.

⁴³ *Ibidem*. pp. 4-5.

⁴⁴ *Ibidem*. p. 4. O autor não especifica os motivos pelos quais esses membros permaneciam nesse estado.

meio da recomendação de Florent e da autorização excepcional do Capítulo Geral de Windesheim, cuja data não nos é informada.⁴⁵

Apesar de sua entrada em Santa Agnes, sabemos que Thomas continuou presente em Deventer, possibilidade possivelmente facilitada por sua condição de *donatus*. Os anos finais de sua formação coincidiram com o adoecimento de Florent, debilitado por seus costumes ascéticos. Vemos então o discípulo ao lado de seu mestre acamado, com dificuldades para se alimentar e dores pelo corpo, confortando-o junto de seus demais irmãos:

Em determinado momento, fui vê-lo em seu quarto, no qual se sentou, fraco, em sua cama. Eu o saudei educadamente. Tinha muitas dores por conta de sua enfermidade. Também estava o irmão Jacobo de Viana, que dele cuidava.⁴⁶

Thomas assim permaneceu junto de seu “amado pai” até o momento de sua morte, em 1400.⁴⁷

O falecimento de Florent se deu em um contexto crítico para as comunidades. Os anos de 1397 a 1400 presenciaram a morte de grande parte dos devotos da primeira geração, a maioria em decorrência do surto de peste que acometeu as comunidades de Deventer, entre 1398 e 1400.⁴⁸ Enquanto Thomas permaneceu na cidade, alguns dos irmãos, juntos dos estudantes, partiram para Amersfoort.⁴⁹ Assim, é provável que tenha acompanhado de perto a morte dos já mencionados Joannis Brinckerinck, Gerardo de Zutphen e Joannis Ketel, todas em 1398.⁵⁰

⁴⁵ *Ibidem*. p. 6.

⁴⁶ “*Veni aliquando ad visitandum eum in camera eius, vbi sedebat debilis in lectulo suo: & salutavi eum benigne: multum dolens de eius infirmitate. Frater autem Iacobus de Viana qui ei tunc ministravit.*”. “*Vita reurendi patris domini Florenti*”. Capítulo XVII – De abstinentia eius & infirmitatibus ex rigore contractis. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXV.

⁴⁷ “E, amado por Deus e pelos homens, o sacerdote, mestre Florent, partiu deste mundo no ano 1400 da encarnação do Senhor, no tempo do papa Bonifácio IX [1389-1404, papa de Roma], com sua idade por estimada em cinquenta, ou não muito mais velho.” (“*Transit autem ex mundo dilectus deo & hominibus sacerdos magister Florentius anno dominicae incarnationis millesimo quadringentésimo tempore Bonifacii papae noni: & anno aetatis suae vt existimo quinquagesimo aut non multo senior.*”) Vita reurendi patris domini Florenti”. Capítulo XXVIII – De felici transitu eius ex hoc mundo & eclesiástica sepultura. OC-DANHAUSER, 1494. Folha CLXIX.

⁴⁸ HYMA, Albert. *The Christian Renaissance: A History of the “Devotio Moderna”*. p. 171.

⁴⁹ *Ibidem*.

⁵⁰ Dos nove nomeados na *Vida dos discípulos de Florent*, temos também as mortes de Luberto Berneri, em 1397, e Jacobo de Viana, em 1400. “*Vita discipulorum domini Florentii*”. Capítulos III – De Domino Ioanne Brinckerinck; IIII – De domino Luberto Berneri; VIII – De domino Gerardo Sutphaniensi; XI – De domino Iacobo de Viana; XII – De Ioanne Cacabo vulgo Ketel humili coco. OC-DANHAUSER, 1494. Folhas CLXXIII; CLXXV; CLXXIX; CLXXX; CLXXXI.

Esses anos finais em Deventer, entre 1399 e 1400, proporcionaram a Thomas o pleno acesso à herança escrita das primeiras comunidades da *devotio moderna*. Dominando o latim, experiente em sua escrita e leitura, pôde dispor de inúmeras cartas, tratados e exercícios compostos pelos devotos, assim como dos livros acumulados pelas comunidades. É provável que o período da peste e do agravamento da saúde de Florent tenha sido o momento no qual Thomas deu início a sua obra escrita, reunindo todo esse material e o utilizando em suas próprias composições. A *Vita Gerardi Magni* (“*Vida de Geert Groot*”) possui incorporadas as suas resoluções e instruções para os devotos, além de duas cartas em protesto à interdição das pregações de Geert pelo bispo de Utrecht e o epitáfio escrito por Florent.⁵¹ O mesmo se dá com a *Vita Florentii*, a qual inclui uma carta destinada a um anônimo em Windesheim e alguns comentários, na forma excertos, e com a *Vita Florentii discipulorum* (“*Vida dos discípulos de Florent*”), onde se encontram alguns escritos dos mencionados, além dos manuais compostos por Luberto Berneri e Johannis Ketel.⁵² Além desses, há trechos da *Imitação de Cristo* semelhantes aos de uma carta de Jan de Schoonhoven, discípulo de Jan de Ruysbroeck em Groenendael, cujo acesso por parte de Thomas somente pode ser explicado pela posse da correspondência de Groot.⁵³

As informações de sua vida entre 1400 e 1425 são escassas, em contraste com o que dispomos sobre sua juventude. Sabemos que, em 1406, foi investido como “converso” no mosteiro de Santa Agnes – o fim de seu estado como *donatus* - tomando votos como cônego regular; entre 1413 e 1414, foi ordenado sacerdote.⁵⁴ Esses são, justamente, os anos mais prováveis para a composição da *Imitação de Cristo*. O silêncio sobre essa fase da sua vida talvez possa ser explicado pela intensa dedicação a suas primeiras

⁵¹ “Vita venerabili magistri Gerardi magni, vulgariter Groot.” Conclusa & proposita, non vota; De sacris libris studendis; Epistola ad episcopum traiectensem; Epistola magistri wilhelmi. OC-DANHAUSER, 1494. Folhas CLVIII-CLXI.

⁵² “Vita reurendi patris domini Florentii”. Epistola ad quendam regularem in wyndeshem; Quaedam notabilia verba domini Florentii. OC-DANHAUSER, 1494. Folhas CLXIX-CLXXI; A *Vida de Luberto Berneri* inclui uma carta de Amilio de Buren sobre sua morte, uma do próprio Luberto, destinada a Florent, e uma última desse, em sua recomendação. As *Vidas* de Amilio de Buren e Johannis Ketel são acompanhadas por seus respectivos manuais. “Vita discipulorum domini Florentii”. Scriptum predilecti domini Amili de felici obitu domini Luberti; Espitula deuoti & humilis domini Luberti ad dominum Florent; Ex epistola domini Florentii de comendatione eius [Luberti Berneri]; Capítulo X - Exhortatio domini Amili de mutua charitate seruanda; Capítulo XIII – Deuotum exercitium eiusdem fratris Ioannis. OC-DANHAUSER, 1494. Folhas CLXXV-CLXVII; CLXXIX; CLXXXI.

⁵³ Sobre os paralelos entre as cartas de Jan de Schoonhoven e a *Imitação de Cristo*, ver BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 23.

⁵⁴ LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 78.

composições, hipótese reforçada pelas semelhanças, em conteúdo e estilo, de obras como *De recognitione proprie fragilitatis* (“O reconhecimento da própria fragilidade”), *Ortulus rosarum* (“Pequeno Jardim das Rosas”), *Vallis liliorum* (“Vale dos Lírios”), *Soliloquium animae* (“Soliloquio da Alma”), além dos quatro livros da *Imitação de Cristo*.⁵⁵

O ano de 1425 traz mudanças significativas para a vida de Thomas. O então prior do Monte de Santa Agnes, Willian Vornken, foi eleito como reitor de Windesheim, sendo substituído pelo subprior Dirc de Cleves, o que elevou Thomas a essa última função.⁵⁶ Nela, tornava-se oficialmente responsável pela educação dos noviços. Sua história com os fundadores em Deventer, aliada à composição de suas primeiras obras, deve ter tornado Thomas o candidato ideal para o trabalho. Seus textos desse período possuem maior caráter didático, visando a instrução dos noviços, a exemplos do *Alphabetum Monachi* (“Alfabeto do Monge”), uma série de instruções dispostas por suas iniciais, em ordem alfabética; do *Dialogum nouiciorum* (“Diálogo dos Noviços”), composto por lições apresentadas na forma de diálogos entre um instrutor e seus alunos; e da *Disciplina claustralium* (“Disciplina dos Claustros”), conjunto de instruções para a vida monástica.⁵⁷ As *Vidas* de Geert Groot, Florent Radewijns e dos discípulos também datam dessa época, incluindo o *Dialogum nouiciorum*, o que evidencia o seu empenho para legar, a uma nova geração de devotos, a memória dos pais fundadores, mantendo viva a identidade e coesão do projeto espiritual da *devotio moderna*.⁵⁸ Nesse momento, também inicia a sua cópia da Bíblia, concluindo, entre 1427 e 1428, os volumes III e V, provavelmente com o objetivo de fornecer à comunidade um exemplar completo das Escrituras.⁵⁹

⁵⁵ “De Vita solitaria”; “Ortulus rosarum”; “Vallis liliorum”; “Soliloquium animae”. Consultados em *OC-DANHAUSER*, 1494. Folhas LV-LX; LXVIII-LXXIII; LXIII-LXXXII; XC-CVI.

⁵⁶ LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 78.

⁵⁷ “Alphabetum Monachi”; “Disciplina claustralium”; “Dialogum nouiciorum”. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folhas 15; XXVIII-XLIII; XLIII-XLVI.

⁵⁸ “Vita venerabili magistri Gerardi magni vulgariter Groot”; “Vita reuerendi patris domini Florentii”; “Vita discipulorum domini Florentii” Folhas CLI-CLXI; CLXI-CLXXI; CLXXI-CLXXXIII. A atribuição é indicada por John Van Engen. ENGEL, John van. *Sisters and Brother of Common Life: The Devotio Moderna and the World of the Later Middle Ages*. Philadelphia; Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2008. p. 80. De fato, a *Vida dos discípulos do senhor Florent* não fora terminada antes de 1430, pois informa a morte de Arnolfo de Schoonhoven nesse mesmo ano. “Vita discipulorum domini Florentii”. Capítulo XIII – De Arnolfo schoenhoutiae in bellae curiae deuoto clerico. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folha CLXXXIII.

⁵⁹ Kenneth Becker nos oferece os detalhes sobre essas cópias. O volume III, concluído em 1428, inclui *Provérbios*, *Eclesiastes*, *Cânticos dos Cânticos*, *Sabedoria*, *Eclesiástico*, *Jó*, *Tobias*, *Judite*, os dois livros de *Macabeus*, enquanto o V, concluído em 1427, todo o *Novo Testamento*. Os cinco volumes possuem uma inscrição informando sua propriedade: “Livro do monastério dos cônegos regulares do Monte da Santa

Thomas permaneceu como subprior do Monte de Santa Agnes até 1431, quando se afasta da função em decorrência do adoecimento do irmão, Johannis, então reitor e confessor da comunidade feminina de Bethania, próxima a Arnhem.⁶⁰ Permaneceu um ano e dois meses ao seu lado, oferecendo os seus cuidados e o auxiliando em suas funções até o momento de sua morte. Como um último tributo ao irmão, Thomas a registra na *Crônica do Monte de Santa Agnes*:

No ano do Senhor de 1432, morreu o irmão Johannes Kempis, primeiro reitor e confessor das santas irmãs de Bethania, próximo a Arnhem, com a idade de sessenta e sete anos. Foi reitor e prior em diversos locais e em casas recém fundadas. (...) Ao fim, terminou feliz sua vida em obediência e em boa velhice, em Bethania, tida como casa de obediência, sendo sepultado no claustro após a hora das vésperas. Eu então me fazia presente e fechei seus olhos, pois fora solicitado por enviados para lhe fazer companhia e estive com ele por um ano e dois meses.⁶¹

Apesar da forma contida com que nos conta a morte do irmão, Thomas foi extremamente próximo dele. Margarita Logutova é precisa ao apontar a importância de Johannis em sua vida: fora por ele que o jovem Thomas chegara a Deventer, e o seguindo, adentrou a comunidade de Santa Agnes; ambos estiveram juntos até a mudança de Johannis para Bethania, e tempo depois, voltariam a se unir até o momento da separação definitiva.⁶² Johannis, ao lado de Florent, foi a pessoa mais próxima de Thomas, tendo estado ao seu lado durante grande parte de sua vida.

Após a morte do irmão e retorno para Santa Agnes, ainda em 1432, desempenhou a função de *procurator*, responsável pela administração dos bens da comunidade, nela permanecendo até 1448.⁶³ Nesse período, entre 1435 e 1439, completa a sua cópia da

Virgem Agnes” (“*Liber monasterii canonicorum regularium. In monte sancte agnetis virginis.*”) BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. pp. 100-102.

⁶⁰ Não há informações sobre o momento em que Johannis deixa o posto de prior no Monte de Santa Agnes e nem sobre a sua mudança para Bethania. O trecho acima apenas permite inferir que se tratava de uma “casa recém fundada”.

⁶¹ “*Anno Domini MCCCCXXII (...) obiit frater Iohannes Kempis, primus rector et confessor sanctimonialium in Bethania prope Arnhem, anno aetatis suae sexagésimo septimo. Hic in diversis locis et novis dominibus rector aut prior fuit. (...) Tandem in Bethania quae interpretatur domus oboedientiae, vitam ei oboedientia et bona senectute feliciter finivit sepultus intra clausuram post horam vesperarum, ubi tunc praesens fui et oculos eius clausi. Nam per visitatores pro socio sibi deputatus fui et uno anno et duobus mensibus secum steti.*” *Chronica Montis sanctae Agnetis*. In POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia*. vol. 7. Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1922. Capítulo 24. pp. 407-408. Citado em LOGUTOVA, Margarita. “‘*Ama Nesciri*’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 79.

⁶² LOGUTOVA, Margarita. “‘*Ama Nesciri*’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 79.

⁶³ *Ibidem*. pp. 79-80.

Bíblia em mais três volumes.⁶⁴ Em 1441, termina a cópia do famoso manuscrito autógrafo, no qual se encontram os quatro livros da *Imitação de Cristo*, acompanhados de mais treze textos.⁶⁵ Segundo os estudos de León Delaissé, Jacques Huyben e Pierre Debognie, Thomas se considerava o autor de todo esse conjunto.⁶⁶ O motivo dessa cópia, entretanto, ainda não está claro. Talvez Thomas quisesse afirmar a sua autoria em um momento no qual seus escritos já percorriam a Europa, copiados de mão em mão, e por vezes atribuídos a Jean Gerson. Uma outra possibilidade, mais provável, seria a intenção de legar os textos do conjunto à comunidade, que bem poderia conhecê-los de forma lacunar ou ainda possuir cópias insuficientes, uma vez que muito provavelmente deviam ser emprestadas ou enviadas a outras comunidades.

Em 1448, Thomas reassume a posição de subprior, a última informação que nos dá sobre sua vida:

Feita uma breve seleção, foi eleito o irmão Thomas de Kempis, um dos anciões, contando com sessenta e sete anos, e que já fora apontada para essa função em tempos passados. Embora se esquivasse, sabendo-se incompetente para tal, humildemente se curvou em obediência ao conselho dos irmãos, não recusando assumir o trabalho por conta deles, em amor a Jesus Cristo, pedindo reservadamente pelas orações de seus companheiros e irmãos, confiando mais na graça de Deus do que em si.⁶⁷

Em 1471, aos noventa e dois anos, o monge de Kempis fechou seus olhos, encerrando seu exílio. A sua posteridade, legou mais de quarenta textos, sendo alguns, os mais expressivos testemunhos da espiritualidade da *devotio moderna*. Em menos de um ano, a *Imitação de Cristo*, que já circulava em manuscritos por toda a Europa Ocidental,

⁶⁴ Volume II, concluído em 1435, correspondente aos livros de *Samuel* e *Reis* – os quatros intitulados *Reis*, na *Vulgata* – *Crônicas*, *Esdras* e *Neemias* ; Volume IV, em 1438, aos *Livros Proféticos*; e volume I, em 1439, à totalidade do *Pentateuco*, acrescido de *Josué*, *Juízes* e *Rute*. Os cinco volumes estão conservados na Hochschunbibliothek, em Darmstadt. BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. pp. 100-101. Ver nota 62.

⁶⁵ O catálogo dos textos presentes no Manuscrito Autógrafo pode ser acessado no site da Koninklijke Bibliotheek (“Biblioteca Real da Bélgica”): <https://opac.kbr.be/LIBRARY/doc/SYRACUSE/18369828>.

⁶⁶ DELAISSÉ, Léon M. J.. *Le manuscrit autographe de Thomas à Kempis et l'Imitation de Jésus Christ*. 2 vol. Paris: e.n.i., 1956. *Passim*; HUYBEN, Jacques; DEBOGNIE, Pierre. *L'auteur ou les auteurs de l'imitation*. Louvain: e. n. i., 1957. Citados em POST, Rognerius R.. *The Modern Devotion: Confrontation with Reformation and Humanism*. pp. 526-527.

⁶⁷ “[F]acto brevi scrutinio electus est et nominatus frater Thomas Kempis unus de senioribus LXVII, annorum: qui praeteritis temporibus huic officio deputatus fuit. Et quamvis se ineptum sciret et excusaret, tamen oboedientia iubente humiliter se subiecit consilio fratrum, non recusans laborem propter eos subire amore Iesu Christi, petens intime sociorum ac fratrum suorum orationes, plus gratiae Dei quam sibi confidens.” *Chronica Montis sanctae Agnetis*. In POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia*. vol. 7. Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1922. Capítulo 26. pp. 423-424. Citado em LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” p. 80.

foi impressa pela primeira vez, em Augsburg. Com uma autonomia inédita, o texto da *Imitação de Cristo* levava para todo o mundo a palavra de um cônego regular solitário, Thomas Hemerken de Kempis.

Sua morte foi registrada em um epitáfio, por um anônimo, na continuação da *Crônica do Monte de Santa Agnes*:

Em 1471, após o fim do dia de São Tiago Maior [25 de julho], morreu nosso muito amado irmão Thomas Hemerken, nascido na cidade de Kempis, diocese de Colônia, com a idade de noventa e dois anos, tendo sessenta e três anos de sua investidura, e cinquenta e oito de sacerdócio. Na idade de sua juventude, foi ajudante do senhor Florent, em Deventer, e por ele foi conduzido, aos vinte anos, até seu irmão sanguíneo, o qual, naquele tempo, era então o prior do Monte de Santa Agnes. Após seis anos de provação, foi investido. Manteve-se em grande pobreza, desde os primeiros tempos de monastério, mesmo diante das tentações e dos trabalhos. Também escreveu em sua totalidade a nossa Bíblia, e muitos livros para nossa casa e para a venda. Além disso, compôs pequenos tratados para a edificação dos jovens, em ordem e estilo simples, mas grandiosos em suas sentenças e eficazes em seus objetivos. Foi também muito amoroso, e, na Paixão do Senhor, consolava-se maravilhosamente quando tentado e tribulado. Ao fim, por conta de sua velhice, foi acometido por uma hidropisia nas pernas, e dormiu no Senhor. Foi sepultado na parte oriental, ao lado do irmão Peter Herbort.⁶⁸

3. “O criador de santos nunca santificado”.⁶⁹

Quando Thomas morreu, em 1471, seu nome já era conhecido no meio religioso europeu. A *Imitação de Cristo* se difundira desde, pelo menos, 1420, fazendo a sua fama, ainda que sua autoria já oscilasse entre Jean Gerson e, em menor frequência, outros nomes. Isso, em nada, arranhou o seu prestígio. A passagem do século XV para o XVI

⁶⁸ “Eodem anno in festo sancti Jacobi maioris post completorium obiit praedilectus frater noster Thomas Hemerken de Kempis natus, civitate diocesis Coloniensis, anno aetatis suae XCII, et investitionis suae LXIII, anno autem sacerdotii sui LVIII. Hic in iuvenili aetate fuit auditor domini Florentii in Daventria et ab eo directus est ad fratrem suum germanum, tunc temporis priorem montis sanctae Agnetis, anno aetatis suae XX, a quo post sex anos probationis suae investitus est. Et sustinuit ab exordio monasterii magnam penuriam, temptationes et labores. Scripsit autem Bibliam mostram totaliter et alios multos libros pro domo et pro pretio. Insuper composuit tractatulos ad aedificationem iuvenum in plano et simplici stilo, sed praegrandes in sententia et operis eficácia. Fuit etiam multum amarus in passione Domini et mire consolativus temptatis et tribulatis. Tandem circa senium suum vexatus hydropsi in cruribus obdormivit in Domino, sepultus est in ambitu orientali ad latus fratris Petri Herbort.” *Chronica Montis sanctae Agnetis, Continuatio*. In POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia*. vol. 7. Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1922. Pp. 466. Citado em LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’s Autobiography Reconstructed from his Works.” pp. 83-84.

⁶⁹ Expressão de Samuel Kettlewell, “never-Sainted saint-maker”. KETTLEWELL, Samuel; WRIGHT (eds.). *Meditations on the Life of Christ, by Thomas a Kempis*. Oxford: e.n.i., 1892. p. XXXVIII. Citado em BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 12.

parece ter nutrido um grande interesse pelo cônego regular de Santa Agnes, demandando mais informações a seu respeito, junto de suas demais obras.

Em menos de três anos após a sua morte, uma seleção de seus textos foi impressa em Utrecht, em 1474, sem, porém, conter a *Imitação de Cristo*.⁷⁰ A sua ausência dentre as obras de Thomas certamente nos causa estranhamento, visto que estamos acostumados a ver seu nome, única e exclusivamente, associado a esse título. Talvez o seu editor não a tenha incluído por conta da incerteza em relação a sua autoria; ou, de forma ainda mais reveladora, porque pretendia atender a demanda por seus demais trabalhos, cuja difusão fora muito mais restrita. Os testemunhos mais antigos sobre Thomas são unânimes em lhe tributar a composição de “inúmero livros e tratados”, reforçando essa última possibilidade.⁷¹ Vinte anos depois, em 1494, as *Obras Completas* organizadas por Peter Danhauser foram impressas por Kaspar Hochfeder, em Nuremberg, sendo reimpressas em 1500 e, novamente, em 1520, por Badius Ascensius, em Paris.⁷²

De 1471, momento da primeira impressão da *Imitação de Cristo*, até 1500, foram impressos também o *Soliloquium animae*, em 1474, e ao menos três vezes o *Ortulus rosarum*, em 1496, 1498 e 1499.⁷³ Na reimpressão de 1520 das *Obras Completas*, há

⁷⁰ Há um exemplar dessa edição conservado na Biblioteca Nacional da França - *Bibliothèque Nationale de France*, código CIBN T-221. Informações em ark:/12148/cb30677544j.public. Ver também BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 30.

⁷¹ Além do epitáfio acima citado, que menciona os “pequenos tratados para a edificação dos jovens”, temos também a menção de Johann Busch, o qual, em *Os homens ilustres* (“*De viris illustribus*”), atribui a Thomas a composição de “vários livros devotos”: “irmão Thomas de Kempis, homem de vida pura, que compôs vários livros devotos, a exemplo de *Quem me Segue*, ou *A Imitação de Cristo*, dentre outros.” (“*frater Thomas de Kmpis, vir probatae vitae, qui plures devotos libros composuit, videlicet qui sequitur me, de imitatione Christi, cum aliis*”). Citado em BECKER, Victor. *L’Auteur de l’Imitation et les Documents Néerlandais*. p. 16. As cartas e a biografia das *Obras Completas* de Danhauser também a ele se referem por suas “obras” (“*opera*”).

⁷² DANHAUSER, Peter (org.). *Opera et libri vite fratris Thome de Kempis ordinis canonicorum regularium*. Nuremberge: Caspar Hochfeder, 1494. 178 folhas. Conservado na Biblioteca Estadual de Darmstadt – Landesbibliothek Darmstadt, identificação Inc IV 432, ISTC No. It00352000. Acessível em <http://tudigit.ulb.tu-darmstadt.de/show/inc-iv-431>. Reimpressão de 1520, DANHAUSER, Peter (org.). *Opera Thomae a Campis cognomento Malleoli, viri pientissimi & religiosissimi sub Canone diui patris Augustini, aucta & diligentius recognita, suaque serie reposita vt in huius patebit tergo*. Nuremberga: Iodoco Badio Ascensio, 1494. (Reimpressão de 1520). 161 folhas. Biblioteca da Universidade de Gent – Universiteits Bibliotheek Gent, BIB.TH. 000945, acessível em: <https://books.google.be/books?vid=GENT900000075777>. Ver também BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. p. 47, nota 107; KETTLEWELL, Samuel. *Thomas à Kempis and the Brothers of Common Life*. Vol. I. pp. 12-16.

⁷³ *Soliloquium animae*. Utrajecti: N. Ketelaer et G. de Leempt, 1474. Biblioteca Nacional da França – Bibliothèque Nationale de France, código CIBN T-261. Informações em: <http://ark.bnf.fr/ark:/12148/cb30677602w.public>. *Ortulus rosarum*. Paris: Claude Jaumar, 1496. BNF, C3176; Pell11092e-f. Informações em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb393065030.public>; Paris: Etienne Jehannot, 1498. Bibliothèque Sainte-Geneviève, 8DSUP26RES. Disponível em: <https://archive.org/details/8DSUP26RES>; Basel: Johann Bergmann, 1499. BNF, CIBN T-224. Informações em: <https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb334234957>.

menção ao volume da *Disciplina claustralium* encomendado pelos celestinos de Villeneuve, em Soisson, devidamente “corrigido” e com seus cinco livros “posicionados em sua justa sequência”.⁷⁴

Nesse mesmo intervalo, acompanhando a edição de seus textos, surgem as primeiras biografias de Thomas, responsáveis por apresentá-lo ao circuito externo da *devotio moderna*. Segundo Samuel Kettlewell, o século XV teria conhecido três biografias, sendo uma composta por um anônimo, outra pelo editor Jacobo Badius Ascensius e a terceira, pelo cônego regular Francisco Tolensis, além de algumas informações encontradas em uma carta de recomendação de George Pirckamer e aquelas acrescidas pelo continuador da *Chronica Montis Sanctae Agnetis*. Dessas, apenas duas foram impressas: a carta de Pirckamer e a de Badius Ascensius, ambas em diferentes impressões das *Obras Completas* de Danhauser.⁷⁵ Suas principais preocupações estão em atestar a contribuição de Thomas para a espiritualidade cristã e a coerência de sua vida com a mensagem de suas obras. Elas representam, portanto, importantes testemunhos sobre como a vida e as obras de Thomas foram percebidas logo após sua morte, além de serem o início da construção de sua imagem. Dentre essas, destacam-se os textos impressos no âmbito das *Obras Completas* de Danhauser, as quais conheceram mais de uma impressão, tornando-se o principal meio de veiculação e promoção da vida e obra de Thomas durante o século XV e XVI.

⁷⁴ “Em um segundo momento, como disse, os celestinos do monastério de Villeneuve, por conta da ansiedade de levarem um exemplar novo e corrigido, desejaram a impressão, na Alemanha, dos quatro livros da *Disciplina dos claustros*, aumentado e corrigido, posicionados em sua justa sequência.” (“*Porro Caelestini villae nouae, vt dixi, coenobitae, quod exemplar attulerunt anxiae tersum & castigatum: quatuorque libellis de Disciplina claustrali in germanica impressione desideratis: auctum: & iusta seria per omnia repositum.*”). “Epistola commendantius authoris et operum eius”. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 4. Nas *Obras Completas* de 1474, apenas o primeiro livro da *Disciplina dos claustros* fora impresso, sendo composta, ao todo, por cinco. Os celestinos, também conhecidos como “irmãos do Espírito Santo”, nome de seu primeiro monastério, localizado em Sulmona, na região de Abruzzo, no centro da Itália, representam uma ramificação eremítica da Ordem de São Bento. A ordem teve sua primeira autorização em 1263, pelo papa Urbano IV (papa de 1261 a 1264), sendo aprovada em 1274, por Gregório X (p. 1271-1276). Seu nome advém de Pierre Morrone (1215-1296), beneditino que ascendeu ao papado em 1294, sob o nome de Celestino V (p. 1294-1296), quando então instituiu a regra da ordem. Os celestinos se fizeram fortemente presentes na França a partir de 1300, quando o rei Filipe, o Belo (r.1285-1314), procurando exaltar Celestino V e minar o prestígio de Bonifácio VIII (p. 1294-1303), convidou-os para se estabelecerem no país. In DUVAL, André. “Célestins”. *Dictionnaire de l'Histoire du christianisme*. Paris: Encyclopaedia Universalis; Albin Michel, 2000. p. 239.

⁷⁵ KETTLEWELL, Samuel. *Thomas à Kempis and the Brothers of Common Life*. pp. 12-16. A biografia de Franciscus Tolensis foi impressa nas *Obras Completas* de Sommalius, apenas em 1599. Consultada por uma reimpressão de 1660: SOMMALIUS, Henrique (org.). *Venerabilis Viri Thomae a Kempis cum doctum religiosissimi viri, ordinis canonicorum regularium D. Augustini Opera Omnia ad autographa ejusdem emendata, aequae etiam tertia fere ex parte nunc aucta & correctae, et in tres tomos distributa*. Sexta Editio. Coloniae Agrippinae: Joannem Busaeum Bibliopolam, sub Monocerotia, 1660. Tomo I. pp. 37-43.

A apresentação de George Pirckamer, presbítero-prior da casa cartuxa de Nuremberg, traz um breve resumo sobre a vida de Thomas, sendo a maior parte de seu conteúdo, uma elegia ao autor. Pirckamer afirmava “não haver nenhuma outra fórmula mais saudável capaz de conduzir ao divino entendimento da Santa Trindade além da leitura dos livros da vida de Thomas de Kempis”, dizendo que a edição de seus textos não poderia ter contribuído de forma “mais santa, nem mais honesta, ou ainda, mais religiosa para a *res publica Christiana* do que com o empenho para que as obras e os livros de Thomas Kempis, homem de santidade e castidade, fossem legados ao povo”, justificando que “muito poderiam contribuir com a religião cristã”.⁷⁶ Nela também encontramos a primeira formulação sobre o estilo simples dos textos de Thomas, em contraste com a profundidade de seus ensinamentos, algo que ainda hoje costuma ser percebido e apontado, com as mesmas ênfases, nos prefácios das traduções da *Imitação de Cristo*:

“De fato, Thomas de Kempis não possui eloquência, mas a confiança na verdade tomou a composição destas obras, com seu discurso emanando de uma tênue fonte e aparecendo em sua luz clara e resplandecente”.⁷⁷

⁷⁶ “Nenhuma fórmula te seria mais saudável, capaz de conduzir ao divino entendimento da Santa Trindade, do que se lesse os livros da vida de Thomas de Kempis.” (“*Nulla prorsus salubrior tibi est medela, quae te in diuinam mentem sanctae trinitatis procuocare poterit: quam si libros vitae Thomae de Kempis legeris*”); “mas não poderias determinar nada mais santo, nem mais honesto, ou ainda, mais religioso para a *res publica Christiana* do que o empenho para que estas obras e livros de Thomas de Kempis, homem de santidade e castidade, fossem legados ao povo, os quais muito podem contribuir para a religião cristã.” (“*sed nihil sanctius, nihil honestius, nihil denique religiosius pro re publica christiana condere poteris: quam curare ut haec opera & libri Thomae de Kempis viri sanctimonia ac castitate percipui in vulgus exeant: quae multum satis christiane religione accommodare poterunt*”). “Epistola commendantius authoris et operum eius”. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 4. O termo *res publica Christiana* (literalmente, “meio público cristão”, melhor entendido por “sociedade cristã”) definia, no contexto medieval, os contornos da cristandade, sendo a principal noção identitária das sociedades europeias, as quais, apesar de fragmentadas em diversas unidades políticas, se reconheciam como herdeiras das heranças políticas e sociais romanas, e encontravam no elemento cristão sua principal forma de coesão. Sobre isso, ver PAGDEN, Anthoy. “The Legacy of Rome”. _____. *Lords of all the World: Ideologis of Empire in Spain, Britain and France (c. 1500-c.1800)*. London; New Heaven: Yale University Press, 1998. pp. 11-28; RODRIGUES, Rui Luis. “O Fim da *respublica christiana*: as dinâmicas confessionais e a pré-história da noção de laicidade”. In *Teologia em Questão*. Taubaté: volume 24, n. 2013/2. pp. 9-35. 2013.

⁷⁷ “*Verum venerabilis pater Thomas de Kempis non eloquentiae, sed veritatis fidutia haec opera condenda aggressus est: & oratione quae de tenui fonte emanat lumine tamen suo clara & illustris apparet*.” “Epistola commendantius authoris et operum eius”. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 4. Essa mesma tônica pôde ser encontrada em alguns comentários contemporâneos sobre o estilo da *Imitação de Cristo*: “Durante estes quinhentos anos, seus textos simples, mas profundos, consolam, aconselham, nutrem o espírito e lapidam os sentimentos da humanidade. (...) Mais admirável ainda neste livrinho simples é que lhe procuram consolo, o estímulo e o rumo, ao mesmo tempo os espíritos iluminados de fé e aqueles que ainda estão submersos na escuridão da descrença e do pecado.” PEIXOTO, Paulo Matos. “Introdução”. *Imitação de Cristo*. Tradução de Pietro Nasseti 1ª edição, 1ª reimpressão (2008). São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 11; “Este livro não é obra engenhosa do saber humano, no posto que seu autor conheça a fundo o nosso coração e saiba falar-lhe a linguagem de suas aspirações íntimas; é a efusão de uma alma iluminada do céu e penetrada do profundo sentimento das coisas divinas. O estilo é simples, sem enfeite, e por vezes incorreto; porém, a força e a majestade dos pensamentos imprimem-lhe uma espécie de grandeza maravilhosa, que eleva a alma, derrama nela celestial unção, e como que a encanta com os dons do Espírito Santo.”

A recomendação de Pirckamer acompanhou as três edições das *Obras Completas* de Danhauser, em 1494, 1500 e 1520. Nessa última, o editor Badius Ascensius incluiu uma biografia de sua autoria, construída sobre as informações dadas por Thomas em seus textos, juntamente com reflexões acerca de sua obra. Ela foi a principal síntese sobre sua vida até 1599, quando a publicação das *Obras Completas* de Henrique Sommalius deu início aos estudos críticos sobre a *Imitação de Cristo* e o seu autor.

A biografia de Ascensius possui doze capítulos, nos quais apenas sete são relacionados, diretamente, à vida de Thomas, sendo possível identificar, em sua organização, quatro partes. A primeira delas é uma reflexão sobre os sentidos implícitos em seu nome. Segundo o editor, “Thomas” significaria, do grego, “dividido” ou “seccionado”, atribuindo-o, ao substantivo “*tómos*” (“*τόμος, ὁ*”, “corte” ou “divisão”), uma referência ao fato de ter “separado e dividido seu interior, desde a mais tenra idade, da companhia humana, do gênero dos inimigos, do mundo, da carne e do demônio.”⁷⁸ “Hemerken” - grafado por Ascensius como “Hemerkin” - ou “Malleolus, -i”, seu correspondente latino, cujo significado é “martelo”, seria um presságio de seus ensinamentos e exortações, pelos quais “bateu, quebrou e rompeu toda a arrogância e maldade do mundo, toda a sedução e petulâncias da carne, e todas as malícias e ilusões do diabo”.⁷⁹ “Hemerken” ainda seria uma alusão à construção do “Templo de Deus” erigido por Thomas em seu interior, “como se ele mesmo pudesse ser chamado de

ROQUETTE, José Inácio. “Prólogo”. *Imitação de Cristo*. Tradução de José Inácio Roquette. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013. pp. 5-6.

⁷⁸ “Pois segundo a origem grega, ‘Tomas’ é interpretado ‘seccionado’ ou ‘dividido’ (...) Tendo também separado e dividido seu interior, desde a mais tenra idade, da companhia humana, do gênero dos inimigos, do mundo, da carne e do demônio (...) ‘Tomas’, como *tomos*, em secção.” (“*Nam secundum graecam originem Tomas interpretur sectus seu diuisus (...) Sectus autem & penitus diuisus a teneris fuit vngiculis a consortio humani generis hostium, mundi, carnis, daemonum (...) Tomas, veluti Tomos, in sectio*”). “Vita beati Thomae Malleoli”. Capítulo II - De nomine authoris & eius etymo ac interpretamento. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 10. Apesar de entender o nome de Thomas pelo grego “*tomos*”, é provável que também tivesse em mente o adjetivo “*tomaños, -a, -on*” (“*τομαños, -α, -ον*”, “cortado”, “separado”).

⁷⁹ “É por isso um justo presságio que fosse conhecido por ‘Pequeno Martelo’, mas também ‘Hemerkin’, como se diz em teutônico e vernáculo, em minha língua e na dele, porque por suas santíssimas conversas, por sua venerável companhia, pelos diálogos melifluos, respostas doces, por seus muito piedosos escritos e exortações conveniente, bateu, quebrou e rompeu toda a arrogância e maldade do mundo, toda a sedução e petulâncias da carne, e todas as malícias e ilusões do diabo.” (“*Malleolus autem quid Theutonice & vernacula illi & mihi lingua Hemerkin dicitur, idcirco iusto presagio est cognominatus, quod sanctissima conuersatione, venerabili comitare, melliluo alloquio, dulcissimo responso, pientissimis scriptis, opportunis exhortationibus: omnem mundi fastum & malignitatem: omneis carnis illecebras & petulantias, omneis diaboli versutias & ilusiones sic contudit, fregit, & contriunt*”). “Vita beati Thomae Malleoli”. Capítulo II - De nomine authoris & eius etymo ac interpretamento. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 10.

Salomão”.⁸⁰ Por fim, “Kempis”, latinização de Kempen, mas que Ascensius identifica erroneamente como “Campi”, na diocese de Utrecht, ou “Capua”, na Itália, seria uma referência ao verbo latino “*capio, is*” (“pegar”, “receber”), pois muitos “o receberam (*‘capiant’*)”, além de “ter sido muito capaz (*‘capacius’*) de ter recolhido, em seu peito, como um tesouro dos mais santos e dentro de sua medida, todas as virtudes, todas as sagradas letras e as boas artes”.⁸¹

A parte seguinte da biografia é construída a partir do livro de Thomas *De tribus tabernaculis* (“*Os três tabernáculos*”), no qual o autor identifica “três fortalezas” para as “virtudes”: pobreza, humildade e paciência.⁸² Ascensius estrutura a sua infância a partir desses três valores, atribuindo a sua origem humilde ao aprendizado da pobreza e humildade, e a paciência, à expectativa precoce de adentrar a vida religiosa.⁸³ Os anos de Thomas em Deventer são então prenunciados pela história da conversão de Geert Groot, a formação das comunidades de vida comum, até o início de seus estudos sob a tutela de

⁸⁰ “Além disso, em justo acordo com o apóstolo [Paulo], pois sois vós o Templo Santo de Deus. O próprio Thomas pode ser dito um Templo de Deus, quase como Salomão, ou melhor, como se ele mesmo pudesse ser chamado Salomão – pois também fora sábio e pacífico, vivendo sem disputas. No *Primeiro Livro de Reis*, capítulo VI [*I Rs* 6: 7], está escrito sobre o Templo de Salomão: ‘E não se ouvia o martelo e o machado, assim como todas as ferramentas, enquanto se construía o Templo de Deus’.” (“*Caeterum quia iuxta apostolicum templum dei sanctum est: quid estis vos: ipse vere dici potest templum domni, & quasi Solomonis immo Solomom impse (Nam & sapiens & pacificus fuit, & sine querela vixit) potest de eo dici, quid III Regnum VI de Solomonis templo scriptum est: Et malleus & securis, & omne ferramentum non sunt audita in domo domini cum aedificaretur*”). “*Vita beati Thomae Malleoli*”. Capítulo II - De nomine authoris & eius etymo ac interpretamento. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 10. Sobre Paulo, ver *I Cor* 3: 16-17; 6: 19-20; *II Cor* 6: 16. Sobre a edificação do Templo, *I Rs* 6: 7 (*III Regnum*, na *Vulgata Latina*).

⁸¹ “Além disso Campis, localizada na diocese de Utrecht, e por sua capacidade, dizem de Capua, na Itália, sem o ‘m’. E não sem razão dizem de Campis, pois muitos o receberam. E também por ter sido muito capaz de ter recolhido, em seu peito, como um tesouro dos mais santos e dentro de sua medida, todas as virtudes, todas as sagradas letras e as boas artes.” (“*Porro Campi, quos in diocese Traictensi habuit patriam, a capacitate sunt dicti vnde & Capua Italica sine m litera, neque tamen ab re Campi dicti quod ample capiant. Sed quid Thoma[s] hoc capacius: in cuius pectore, vt in sanctiore quodam aerario, omnes virtutes, omnesque sacrae literae & artes bonae (ad mensuram tamen) sunt reconditae*”). “*Vita beati Thomae Malleoli*”. Capítulo II - De nomine authoris & eius etymo ac interpretamento. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 10.

⁸² “Thomas deve aos pais, e nós, a Thomas, a recomendação a tamanha pobreza, modéstia e humildade, as quais se encontram com frequência e em vários lugares na sua obra *Os Três Tabernáculos*”. (“*Thomas debet parentibus & nos Thomae, tot paupertatis modestia seu humilitationis, & patientiae preconiam, quae cum saepe aliubi tum in opere de tribus tabernaculis habentur maxima*”). “*Vita beati Thomae Malleoli*”. Capítulo V - De paupertatis excellentia & eius amore a Thoma nostro e parentibus imbibito. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 11. Os capítulos dessa parte correspondem a: “*Vita beati Thomae Malleoli*”. Capítulos V - De paupertatis excellentia & eius amore a Thoma nostro e parentibus imbibito; VI - De modestiae & humilitatis laude; VII - De patientiae laude. OC-DANHAUSER, 1494. Folhas 11-16. Sobre *Os Três Tabernáculos*: “Começa o manual dos *Três Tabernáculos*, três fortalezas para as virtudes de combate: no primeiro, a pobreza; no segundo, a humildade; e, no terceiro, a paciência (“*Incipit Libellus de tribus tabernaculis, in quibus castra tenent tres militares virtutes, In primo paupertas: in secundo humilitas: & in tertio patientia*.”) “*De tribus tabernaculis*”. Incipit. OC-DANHAUSER, 1494. Folha LX.

⁸³ “E então com dezesseis anos, teve todo tipo de impedimento à religião regular, aos quais demonstrava impaciência”. (“*Deinde cum sexemium totum ad religionis regularis specimen impenderet, quam non exhibat patientiam*”). “*Vita beati Thomae Malleoli*”. VII - De patientiae laude. OC-DANHAUSER, 1494. Folha 15.

Florent Radewijns.⁸⁴ Os últimos capítulos, por fim, dedicam-se à sua vida em Santa Agnes e seu compromisso religioso.⁸⁵

Não é coincidência que a biografia de Ascensius siga uma estrutura parecida com as vidas de santos da *Legenda Aurea*, o principal repertório para o modelo de santidade do fim da Idade Média.⁸⁶ Thomas, ainda durante sua vida, percorreu a cristandade ocidental como um nome capaz de reacender o autêntico ardor da fé e instigar a devoção pessoal aos valores perenes do cristianismo. Após sua morte, sua figura foi apropriada como um patrimônio desse universo, potencializada por suas obras, em especial a *Imitação de Cristo*. Thomas, assim, adentrava os séculos como o monge solitário, avesso às ilusões do mundo e dedicado à promoção da espiritualidade interior, como se, ao escrever, estivesse ditando ao mundo o caminho da santidade, deixando, nas palavras de Pirkamer, seu legado “como uma chama escondida sob um feixe de lenha”.⁸⁷

4. A iconografia de Thomas Hemerken de Kempis:

As inúmeras impressões da *Imitação de Cristo* nos finais do século XV e durante o século XVI se destinaram a mais de um público, definindo diferentes formatos para as edições. Dentre esses, destacam-se em sua história editorial as traduções, destinadas majoritariamente ao público leigo, como manuais para a devoção individual.⁸⁸ Além de terem ocupado um papel central em sua difusão, foram nessas impressões que se veicularam as primeiras ilustrações xilografadas do livro, as quais, segundo Yann Sordet, vêm obedecendo um mesmo padrão desde seu início: o tema da *sequela Christi* (“seguir a Cristo”), na qual um fiel é apresentado carregando a cruz, seguindo os passos de Jesus à sua frente, e, por vezes, na presença de Thomas de Kempis; e as “imagens de título”, ornamentos variados em estilo de xilogravuras, posicionados acima dos capítulos,

⁸⁴ “Vita beati Thomae Malleoli”. Capítulos VIII – De Gerardo Maggno constitutore clericorum regularium qui fratres dicuntur; IX – De eorumdem regula & incrementis; X – De exhortatione Thomae ad religionem canonicam diui Augustini per Florentium. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folhas 16-20.

⁸⁵ “Vita beati Thomae Malleoli”. Capítulo XI – De eius professione & reliqua vita. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folha 20.

⁸⁶ Composta entre 1250 e 1276, por Jacobo da Varazze. Ver VARAZZE, Jacopo da. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução, do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. *Passim*.

⁸⁷ “hactenus derelicta velut ignis absconditus in venis filicum”. Epistola commendantius authoris et operum eius”. *OC-DANHAUSER*, 1494. Folha 4.

⁸⁸ SORDET, Yann. *Communication: formes editoriales et usages del'Imitatio Christi – XVe – XIXe siècles*. CRAI, c.n.i., II, p. 869-895, 2012. pp. 879.

geralmente no início de cada um dos quatro livros.⁸⁹ Foi no âmbito das primeiras que se deram as primeiras representações de Thomas, sobretudo após a publicação do manuscrito autógrafo por Sommalius, em 1599. Sob o modelo da *sequela Christi*, passou a ser representado como um monge tranquilo e solitário, na maioria das vezes acompanhado do livro que o imortalizara.



A *sequela Christi*: um fiel carrega a cruz. Gravura de Albrecht Dürer (1471-1528), produzida entre 1522 e 1528. Acima, a inscrição “*Domine da quod/ iubes at iube quod/VIS*” (“Senhor, dá o que ordenas e ordena o que queiras”), semelhante ao Capítulo XVI, 2, do Livro III: “*Da quod vis et quantum vis et quando vis*” (“Dá o que queiras, e quanto queiras e quando queiras”). Abaixo, a citação do *Salmo 23*, versículo 4 (22, na *Vulgata*): “*Nam si ambulero in medio umbre mortis non timebo qvoniam tu mecum es*” (“Pois ainda que eu ande dentre as sombras da morte, não temerei porque tu estarás comigo”). British Museum, SL,5218.150, *asset number* 328661001. Acessível em <https://www.britishmuseum.org/collection/image/328661001>.

⁸⁹ *Ibidem*. pp. 881-888.



Thomas de Kempis se ajoelha diante da Virgem com o menino Jesus, em posição de oração e portando um rosário. Suas vestes o identificam como cônego regular, e sobre elas, uma manta de pele grosseira, sinal de humildade, comum em suas representações. Na imagem à esquerda, vemos Thomas, no canto esquerdo inferior, em uma gruta, lendo calmamente um livro, referência à *Imitação de Cristo*. Acima, as inscrições trazem “*In omnibus requiem quaesui et nusquam inueni nisi in angello cum libello*” (“Em tudo procurei repouso, e só o encontrei em um canto com um pequeno livro”).⁹⁰ A mesma frase está escrita parcialmente nos livros ao chão, sendo a segunda página em médio holandês, indicando sua procedência neerlandesa. Abaixo, lê-se: “Thomas de Kempis, cônego regular. Falecido no ano de 1471, no dia 25 de julho, com a idade de 92.” Imagem à esquerda, produzida por Hieronymus Wier, entre 1563 e 1619. Rijksmuseum, RP-P-1898-A-20088. Acessível em: <https://www.rijksmuseum.nl/nl/collectie/RP-P-1898-A-20088>. À direita, produção anônima, entre 1626 e 1676. *Rijksmuseum*, Hollstein Dutch 60 kopie. Acessível em: https://www.europeana.eu/pt/item/90402/RP_P_1886_A_10525.

⁹⁰ O início dessa frase é uma referência a *Eclo* 24:11.



Uma imagem da mesma tradição iconográfica da anterior. Thomas se encontra sentado, em seu isolamento, com as mesmas vestes, com a adição do barrete dos cônegos regulares, rodeado por uma auréola, indicativa de sua santidade. Ao fundo, a mesma cena em uma gruta. Na faixa, lemos “*Nusquam tuta quies nisi cella codice claustrum*” (“Só há tranquilidade segura na cela, no claustro e no código”), a mesma inscrita parcialmente no livro ao chão. Abaixo, lê-se: ‘Efígie de São Thomás de Kempis, cônego regular de Santo Agostinho, quando em vida’. Apesar dessa inscrição, não se conhece nenhuma imagem contemporânea sua, além do fato de Thomas nunca ter sido beatificado ou canonizado.⁹¹ Produzida entre 1600 e 1619, por Firens. Deventer Museums, 0513. Acessível em: <https://www.europeana.eu/pt/item/2021659/0513>.

⁹¹ Há uma imagem que costuma ser veiculada em algumas edições como uma “pintura de um contemporâneo”, no que parece ser um afresco, com as datas de seu nascimento e morte. Não há menções a essa imagem na bibliografia, e nem conseguimos localizar sua proveniência, remetida para “O memorial de Thomas de Kempis” (“Gedenkseite Thomas von Kempen”). Acessível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Thomas_von_Kempen_JS.JPG.



Thomas, à esquerda, em sua cela, acompanhado de seus livros. Abaixo, lemos: “Foi da nação dos teutônicos, da ordem dos Cónegos regulares de Santo Agostinho do monte de Santa Agnes, próximo a Zwolle, na diocese de Utrecht. Homem estudioso das escrituras divinas e erudito. Devoto em sua vida e em suas conversas, e sempre empenhado no amor à beata Virgem Maria. Escreveu 17 pequenas obras das mais estimadas. Faleceu no ano do Senhor de 1471, no oitavo dia de agosto, na idade de 92 anos.” Na imagem à direita, a mesma representação circulado pela frase “Em tudo procurei repouso, e só o encontrei em um canto com um livro”. Na parte inferior do círculo, uma citação da *Imitação de Cristo*, Livro III, Capítulo 23 (21), 1: “Acima de tudo e em tudo, descansa sempre no Senhor, minha alma, porque ele é o eterno descanso dos Santos”. Logo abaixo, sua apresentação: “Thomas de Kempis, cónego regular de Santo Agostinho, do monte de Santa Agnes, próximo a Zwolle, na diocese de Utrecht. Faleceu no ano do Senhor de 1471, na idade de 92 anos.” Produzidas entre 1635 e 1719, pelo escultor F. B.. Rijksmuseum, RP-P-BI-1495X e RP-P-1937-865, respectivamente. Acessíveis em: https://www.europeana.eu/pt/item/90402/RP_P_BI_1495X ; https://www.europeana.eu/pt/item/90402/RP_P_1937_865 .



Thomas, segurando a *Imitação de Cristo*, olha fixamente para o leitor, na capa de uma edição francesa do século XVIII. Sob ele, sua apresentação: “Thomas de Kempis, cônego regular da ordem de Santo Agostinho, dito o autor da *Imitação de Jesus*. Ele nasceu perto de Colônia e morreu em 1471, com a idade de 92 anos.” Logo a seguir, um comentário: “Pela *Imitação* e pelo santo exemplo/ que o sábio de Kempis ao cristão ditou,/ temos o fiel modelo/ para bem alcançarmos o Senhor.” Imagem produzida no século XVIII pela casa editorial Daumont, na rua de St. Martin, em Paris. Deventer Museums, 0514. Acessível em: <https://www.europeana.eu/pt/item/2021659/0514>.



O êxtase místico de Thomas. Em uma profusão de informações, vemos Thomas olhando diretamente para Jesus, enquanto esse, junto de sua cruz, acende o ardor em seu coração, ocupado pelo ideal de imitar o seu Senhor. A luz é então refletida de seu coração para o mundo, como se o incendiasse com sua fé. Acima, querubins o coroam com a glória, enquanto a ele direcionam as setas flamejantes do desejo religioso. Ao lado, sobre o chão, as vestes dos cônegos regulares. Escrito à mão, o título do livro: “*A Imitação de Cristo, em quatro livros, de Thomas de Kempis, cônego regular da ordem de Santo Agostinho*”, junto da referência à impressão na Antuérpia, pela oficina Plantiniana. Produzida em 1647. Rijksmuseum, RP-P-OB-6937. Acessível em: https://www.europeana.eu/pt/item/90402/RP_P_OB_6937.

A iconografia de Thomas deu forma à sua imagem, desenvolvendo as tendências plantadas por seus próprios textos. Dando continuidade ao projeto espiritual da *devotio moderna*, atribuído a Geert Groot e Florent Radewijns, Thomas se inseriu em seu desenvolvimento, emulando seus preceitos por sua retórica simples e a eles atribuindo seus valores espirituais. O cônego regular do Monte de Santa Agnes, assim, foi efetivo em se apresentar como um dos porta-vozes do fenômeno, nutrindo os ideais da dedicação fervorosa ao modelo religioso e do desapego dos valores do mundo. Esses foram reverberados dentro da cristandade do século XV, como atestado pelas inúmeras cópias, impressas e manuscritas, da *Imitação de Cristo* no período, junto de alguns de seus demais textos. Vemos, então, se cristalizar a imagem do monge solitário, humilde, cujo empenho à vida religiosa teria resultado em uma das mais potentes expressões da autêntica vida cristã, da qual o isolamento, a tranquilidade e a companhia exclusiva de Jesus e de seu pequeno livro, tornaram-se símbolos máximos. As representações visuais, por sua vez, associaram, de forma definitiva, o autor a esses elementos, tornando-se veículos que, ao lado do conteúdo da *Imitação de Cristo*, passaram a promover, mutuamente, a identidade de Thomas de Kempis.

5. O legado escrito de Thomas de Kempis:

Apesar de ter sido eternizado pela *Imitação de Cristo*, sua obra maior, Thomas de Kempis possui uma ampla bibliografia de sua autoria. Cultivando uma das grandes ênfases da *devotio moderna*, boa parte de sua vida foi dedicada à leitura e ao estudo, à escrita e à composição de livros, manuais e tratados, essenciais para a sua espiritualidade. Tudo indica que Thomas, assim como Geert Groot e Florent Radewijns, foi apaixonado por seus códices, tanto aqueles dos quais dispunha quanto os que saíram de suas próprias mãos. Os livros constituíram o seu vínculo com o mundo, ao mesmo tempo que eram os instrumentos de sua quietude religiosa, de suas práticas ascéticas e exercícios espirituais. Após a morte, foi por eles que se construiu e efetivou sua aura de santidade. Por eles, continuou a falar aos homens, inserindo-se na complexa rede do pensamento cristão-ocidental, tornando-se uma parte constitutiva de sua história. No *Doctrinale iuuenum*

(“*Doutrinal dos Jovens*”), dá mostra de seu amor por aquilo que chamava o “tesouro da Igreja”.⁹²

Portanto, a biblioteca dos discursos sagrados deve ser protegida com grande cautela e com fortes trancas de toda poeira que estraga, das chamas que incendeiam, das gotas que umedecem; dos ladrões que roubam e dos ruídos das gritarias; da lama dos pés e dos vermes que roem; de todo dano e destruição das folhas. Não é digno de ler um santo livro quem não sabe bem dele cuidar ou se esquece de o colocar em seu devido lugar.⁹³

Por cuidados desse tipo, as obras de Thomas alcançaram nossos dias. Por elas, temos acesso a alguns dos mais expressivos testemunhos da espiritualidade da *devotio moderna*, assim como dos desdobramentos religiosos do século XV. Trata-se de uma documentação farta, pouco trabalhada em nossos dias, a qual não apenas nos ajuda a compreender esse fenômeno religioso, mas a própria constituição da *Imitação de Cristo*, um dos livros mais lidos e apropriados em toda a história do cristianismo. De Thomas, conhecemos cerca de trinta e três livros, entre manuais e tratados, além de seis cartas e dezenove cantos ou hinos.⁹⁴ Indicamo-nos abaixo por seus títulos, levantados com base na consulta das *Obras Completas* de Danhauser, Sommalius e Pohl.⁹⁵

⁹²“Portanto, deve-se proteger de todo descuido o tesouro da Igreja, elaborado e produzido pelos santos doutores e escrito e recolhido pelos bons escritores, concedido por Deus para a consolação de muitos.” (“*Ab omni igitur sorde seruandus est thesaurus ecclesiae, a sanctis doctoribus elaboratus ac editus: a bonis scriptoribus scriptus & collectus: pro multorum consolatione a deo prouisus*”). “Doctrinale Iuenum”. Capítulo V – De firma custodia librorum. OC-DANHAUSER, 1494. Folha XLVII.

⁹³ “*Igitur com magna cautela & firma clausura seruanda est libraria sacrorum eloquiorum ab omni putredine pulueris: ab incendio ignis, & stiliccidio humoris: a raptu furis & strepitu clamoris: a luto pedum & morsu verminum: ab omnia macula & ruptura foliorum. Non enim dignus est in sacro libro legere, qui nescit bene custodire: & in apto loco negligit reponere*”. “Doctrinale Iuenum”. Capítulo V – De firma custodia librorum. OC-DANHAUSER, 1494. Folha XLVII.

⁹⁴ Danhauser reuniu quatro cantos, enquanto Sommalius e Pohl, dezenove. Nas três *Obras Completas*, há seis cartas. Não os indicamos na lista a seguir, uma vez que se constituem como pequenos textos, esparsos e sem coesão definida, podendo ser acessados nas edições indicadas: DANHAUSER, Peter (org.). *Opera Thomae a Campis cognomento Malleoli, viri pientissimi & religiosissimi sub Canone diui patris Augustini, aucta & diligentius recognita, suaque serie reposita vt in huius patebit tergo*. Nuremberga: Iodoco Badio Ascensio, 1494. (Reimpressão de 1520). 161 folhas; SOMMALIUS, Henrique (org.). *Venerabilis Viri Thomae a Kempis cum docti tum religiosissimi viri, ordinis canonicorum regularium D. Augustini Opera Omnia ad autographa ejusdem emendata, aque etiam tertia fere ex parte nunc aucta & correcta, et in tres tomos distributa*. Sexta Editio. Coloniae Agrippina: Joannem Busaeum Bibliopolam, sub Monocerotia, 1660; POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia Voluminibus Septem edidit additoque volumine de vita et scriptis eius disputauit*. 7 vol. Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1902-1922.

⁹⁵ Ressaltamos que os títulos, por vezes, são nomeados de forma distinta entre os três conjuntos das *Obras Completas*, além de serem dispostos com variações. A *disciplina claustralium*, por exemplo, possui apenas um livro, mas está acrescida de outros quatro na impressão de Danhauser. Essa também dispõe as *Vidas* separadas do *Dialogus nouiciorum*, que obedecem a mesma estrutura desse último, e são tidos como uma única obra em Sommalius e Pohl.

1. ***De imitatione Christi et contemptu omnium vanitatum mundi libri quatuor;***
A Imitação de Cristo e o desprezo de todas as vaidades do mundo, em quatro livros;
 - a) ***Libellus consolatorius ad instructionem deuotorum;***
Manual consolador para a instrução dos devotos;
 - b) ***Libellus ad interna trahentes;***
Manual para aspectos interiores;
 - c) ***Liber de interna consolacione Christi;***
Livro sobre a consolação interna de Cristo;
 - d) ***Tractatus de venerabili sacramento altaris.***
Tratado sobre o venerável sacramento do alto.
2. ***Alphabetum Monachi;***
Alfabeto do Monge;
3. ***Consolatio pauperum & infirmorum;***
Consolação dos pobres e dos enfermos;
4. ***Chronica montis S. Agnetis;***
Crônica do Monte de Santa Agnes;
5. ***De bona pacifica vita;***
A boa e pacífica vida;
6. ***De disciplina claustralium;***
A disciplina dos claustros;
7. ***De elevatione mentis;***
A elevação da mente;
8. ***De fidei dispensatore;***
O fiel administrador;
9. ***De humilitate;***
A humildade;
10. ***De mortificata vita;***
A vida mortificada;
11. ***De paupertate, humilitate & patientia, seu Tribus tabernaculis;***
A pobreza, humildade e paciência, ou Os Três Tabernáculos;
12. ***De recognitione proprie fragilitatis;***
O reconhecimento da própria fragilidade;
13. ***De solitudine & silentio;***
A solidão e o silêncio;
14. ***De vera compunctione;***
O verdadeiro arrependimento;
15. ***Dialogus nouitiorum;***
Diálogos dos noviços;
 - a) ***Dialogus nouitiorum;***
Diálogo dos noviços;
 - b) ***Vita Gerardi Magni;***
Vida de Geert Groot;
 - c) ***Vita Florentii;***
Vida de Florent;
 - d) ***Vita discipulorum Florentii.***
Vida dos discípulos de Florent.
16. ***Doctrinale & manuae iuuneum;***
Doutrinal e manual dos jovens;
17. ***Epitaphium seu Enchiridion Monachorum (Pohl, Sommalius)***
Epitáfio ou Enchiridion dos Monges;
18. ***Hospitale pauperum;***
O abrigo dos pobres;
19. ***Libellus spiritualis exercitii;***
Pequeno livro para exercícios espirituais;
20. ***Manuale paruulorum;***
Manual dos pobres;
21. ***Meditatio de incarnatione Christi;***
Meditação sobre a encarnação de Cristo;
22. ***Ortulus Rosarum;***
O Pequeno Jardim das Rosas;
23. ***Soliloquium animae;***
O solilóquio da Alma;
24. ***Vallis liliorum;***
Vale dos Lírios;
25. ***Van goeden worden to horen ende die to spreken*** (única composição conhecida em médio holandês);
O falar e ouvir das boas palavras;
26. ***Vita boni monachi;***
A vida do bom monge;
27. ***Vita Lidewigis;***
Vida de Lidewina;
28. ***Brevis admonitio spiritualis exercitii;***

Breve conselho sobre o exercício espiritual;

29. *Orationes de passione Domini et beata virgine et aliis sanctis;*

Orações sobre a Paixão do Senhor, sobre a Beata Virgem e sobre outros santos;

30. *Orationes et meditationes de vita Christi;*

Orações e meditações sobre a Vida de Cristo;

31. *Sermones ad fratres;*

Sermões para os irmãos;

32. *Sermones ad nouitios;*

Sermões para os noviços;

33. *Sermones de vita et passione Domini.*

Sermões sobre a vida e a Paixão do Senhor.

**DE IMITATIONE CHRISTI ET CONTEMPTU OMNIUM
VANITATUM MUNDI
LIBRI QUATUOR**

I**LIBELLVS CONSOLATORIVS AD INSTRUCTIONEM DEVOTORVM**

Incipit libellus consolatorius ad instructionem deuotorum Euius primum capitulum est de imitatione christi et contemptu damni¹ vanitatum mundi. Et quidam totum libellum sic appellant scilicet libellum de imitatione christi, sicut euangelium Mathei appellatur liber generardis iesu christi Eo quid in primo capitulo fit mentio de generatione christi secundum carnem.

Incipit primum capitulum.²

[1] Qvi sequitur me non ambulat in tenebris³ dicit dominus. Hec sunt verba christi quibus admonemur quatenus vitam eius et mores imitemur si velimus veraciter illuminari et ab omni cecitate cordis liberari Summum igitur studium nostrum sit in vite iesu⁴ meditari. [2] Doctrina christi, omnes doctrinas sanctorum precellit, et qui secundum dei habent, ibi manna absconditum inuenient.⁵ Sed contingit quod multi ex frequenti auditu euangelii paruum desiderium senciunt, quia spiritum dei⁶ non habent. Qui autem vult plene et sapide christi verba intelligere, oportet vt totam vitam suam illi studeat conformare.[3] Quid prodest tibi alta de trinitate discutere,⁷ si careas humilitate vnde displiceas sancte⁸ trinitati. Vere alta verba non faciunt sanctum et iustum, sed virtuosa vita efficit hominem⁹ deo carum Opto magis sentire conpunctionem quam scire eius diffinitionem [sic]. Si scires totam bibliam exterius et omnium philosophorum dicta, quid totum prodesset, sine caritate et gratia dei. Vanitas vanitatum et omnia vanitas preter amare deum et illi soli seruire. Ista est summa sapientia per contemptum mundi tendere ad celestia¹⁰ [4] Vanitas igitur est diuitias perituras querere et in illis sperare. Vanitas quoque est honores mundi¹¹ ambire et in altum¹² se extollere. Vanitas est carnis desideria sequi et illa¹³ desiderare. Vnde post mortem¹⁴ oportet grauiter

¹ “de omni”.

² TOC-1441: “*Incipiunt admonitiones ad spiritualem vitam utiles*”; EV-1483: “*Incipit iber primus Johannis Gerson cancellarii parisiensis [Thome a Kempis ordinis regularium]. De imitatione christi et de contemptu omnium vanitatum mundi. Capitulum P*”.

³ EV-1483: “*non ambulat in tenebris sed habebit lumen vite...*”.

⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*ihesu christi...*”.

⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*et qui spiritum haberet absconditum, ibi manna inueniret*”.

⁶ TOC-1441: “*Christi*”.

⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*disputare*”.

⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*sancte*” ausente.

⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*hominem*” ausente.

¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*ad celestia regna*”.

¹¹ TOC-1441 e EV-1483: “*mundi*” ausente.

¹² TOC-1441: “*in altum statum...*”.

¹³ TOC-1441 e EV-1483: “*illud*”.

¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*postmodum*”.

puniri. Vanitas est longam vitam optare et de bona vita non¹⁵ curare. Vanitas est presentem vitam solum attendere, et que futura sunt non preuidere, Vanitas est diligere quod cum omni celeritate transit, et illuc¹⁶ non festinare vbi sempiternum gaudium manet [5] Memento frequenter illius prouerbii quia non saciabitur¹⁷ oculus visu, nec impletur auris auditu. Stude ergo cor tuum ab amore visibilium abstrahere et ad inuisibilia te transferre. Nam sequentes suam sensualitatem maculant conscientiam et perdunt dei gratiam.

De humili scire sui ipsius.¹⁸ Capitulum secundum.¹⁹

[1] Omnis homo naturaliter scire desiderat Sed scientia sine timore dei quid importat, melior est profecto humilis rusticus qui deo seruit quam superbus philosophus qui se neglecto cursum celi considerat, Qui bene seipsum considerat et²⁰ cognoscit sibiipsi vilescit nec laudibus delectatur humanis, Si scirem omnia que in mundo sunt et non essem in caritate, quid me iuuaret coram deo qui me iudicaturus est ex facto, [2] Quiesce animo sciendi desiderio quia magna inuenitur ibi²¹ distractio et deceptio Scientes libenter volunt videri et sapientes dici, Multa sunt²² que scire parum vel nihil anime prosunt. Et valde insipiens est qui aliquibus vanis²³ intendit magis²⁴ quam hiis que saluti sue deseruiunt. Multa verba non saciant animam sed bona vita refrigerat mentem et pura conscientia magnam prestat ad deum confidentiam, [3] Quanto plus et melius scis tanto grauius inde iudicaberis, nisi enim²⁵ sanctius vixeris, Noli ergo extolli de ulla arte vel scientia, sed potius time de data tibi noticia Si tibi videtur quod multa scis et satis bene intelligis, scito tamen quia sunt multo plura que nescis Noli altum sapere sed ignorantiam tuam magis fatere Quid vis te alicui preferre cum plures doctiores te inueniantur et magis in lege periti Si vis vtiliter aliquid scire et discere, ama nesciri et pro nihilo reputari, [4] Hec est altissima et vtilissima lectio suiipsius vera

¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*parum*".

¹⁶ TOC-1441: "*illic*".

¹⁷ EV-1483: "*saciatur*".

¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*De humili sentire sui ipsius*".

¹⁹ TOC-1441: "*Capitulum II*".

²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*considerat et*" ausentes.

²¹ EV-1483: "*ibi*" ausente.

²² EV-1483: "*multa ergo sunt...*".

²³ TOC-1441: "*vanis*" ausente.

²⁴ TOC-1441: "*magis*" ausente; EV-1483: "*qui aliis intendit quam...*".

²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*enim*" ausente.

cognitio et despectio, de seipso nihil²⁶ tenere, et de aliis semper bene et alta²⁷ sentire. Magna sapientia est et perfectio si videris aliquem²⁸ aperte peccare vel aliqua grauia perpetrare, tamen non debes²⁹ te meliorem estimare, quia nescis quam diu possis in bono stare. Omnes fragiles simus sed tu neminem teipso fragiliorem tenebis.

De doctrina veritatis. Capitulum. III.

[1] Felix est³⁰ quem veritas per se docet non per figuras³¹ transeuntes sed sicuti se habet, Nostra opinio et noster sensus fallit³² et modicum videt Quid prodest magna cauillatio, de obscuris et multis rebus³³ de quibus non³⁴ arguemur in iudicio quia ignorauimus. Grandis insipientia quod neglectis vtilibus et necessariis ad salutem anime vltro intendi³⁵ curiosis et damnosis, oculos habentes non videmus [2] et quid cure nobis de generibus et speciebus Cui eternum verbum loquitur a multis oppinionibus expeditur. Ex quo³⁶ verbo omnia et vnum loquuntur omnia Hoc est³⁷ principium quod³⁸ et loquitur nobis. Nemo sine illo intelligit aut recte iudicat cui omnia vnum sunt, et omnia ad vnum trahit, et omnia in vno videt, stabilis in corde potest esse et in deo pacificus permanere. O veritas deus eterne³⁹ fac me vnum tecum in perpetua caritate. Tedet me sepe multa legere et audire. In te totum est quod⁴⁰ volo et desidero. Taceant omnes doctores, sileant vniuerse creature in conspectu tuo tu solus mihi loquere. [3] Quanto aliquis magis tibi⁴¹ vnitus et interius simplicatus fuerit, tanto plura et altiora sine labore intelligit, quia desuper lumen intelligencie accipit purus simplex et stabilis spiritus in multis operibus non dissipatur, quia omnia ad dei honorem operatur et in se ociosus ab omni propria inquisitione⁴² esse nititur. Quis te magis impedit et molestat, quam tua immortificata

²⁶ Na EA-1471/2, há duas folhas dos capítulos XX e XXI que se encontram fora de suas posições, no meio do segundo capítulo.

²⁷ TOC-1441 e EV-1483: “alte”.

²⁸ TOC-1441: “alium”.

²⁹ TOC-1441: “deberes”.

³⁰ TOC-1441 e EV-1483: “est” ausente.

³¹ TOC-1441 e EV-1483: “per figuras et voces...”.

³² TOC-1441: “noster sensus saepe nos fallit...”.

³³ TOC-1441 e EV-1483: “de occultis et obscuris rebus...”.

³⁴ TOC-1441 e EV-1483: “nec”.

³⁵ TOC-1441 e EV-1483: “et necessariis, vltro intendimus...”.

³⁶ TOC-1441 e EV-1483: “ex vno”.

³⁷ TOC-1441 e EV-1483: “et hoc est...”.

³⁸ EV-1483: “quid”.

³⁹ TOC-1441 e EV-1483: “eterne” ausente.

⁴⁰ EV-1483: “quid”.

⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: “sibi”.

⁴² TOC-1441 e EV-1483: “exquisitione”.

affectio cordis. Bonus et deuotus homo prius opera sua intus disponit que foris agere debet, nec illa trahunt eum ad desideria vitiose inclinacionis, sed ipse reflectit⁴³ ea ad arbitrium recte rationis. Quis habet forcius certamen quam qui nititur vincere seipsum, et hoc deberet esse negotium nostrum et cuiuslibet hominis vincere seipsum cottidie seipso forciolem fieri atque in melius aliquid proficere⁴⁴ [4] Omnis perfectio in hac vita quandam imperfectionem habet sibi annexam Et omnis speculatio nostra quadam caligine non caret, humilis tui cognitio cercior via est ad deum quam profunda⁴⁵ scientie cognitio⁴⁶ Non est culpanda scientia aut quelibet simplex rei noticia que bona est in se considerata et ad deum⁴⁷ ordinata, Sed preferenda est semper conscientia bona et virtuosa vita Quia vero plures magis student scire quam bene viuere, Ideo sepe errant et pene nullum vel modicum fructum ferunt [5] O si tantam adhiberent diligentiam ad extirpanda vitia et virtutes inserendas, sicuti admouendas questiones non fierent tanta mala et scandala in populo nec tanta in cenobiis dissolutio Certe adueniente die iudicii non queretur a nobis quid legimus sed quid fecimus, nec quam bene diximus sed quam religiose viximus. Dic mihi modo⁴⁸ vbi sunt omnes illi domini et magistri quos bene nouisti, dum adhuc viuerent et in studiis florerent. Iam eorum prehebendas alii possident et nescio vtrum de eis recogitant. In vita, enim,⁴⁹ sua aliquid videbantur esse⁵⁰ et de illis modo tacetur [6] O quam cito transit gloria mundi et concupiscentia eius.⁵¹ Utinam vitam eorum perituram recogitassent, et vita scientie eorum concordassent, tunc bene studuissent et legissent⁵² Quam multi pereunt per vanam scientiam in seculo⁵³ qui parum curant de seruitio dei Et quia magis eligunt magni esse quam humiles Ideo euanescunt in cogitationibus suis Vere magnus est ille⁵⁴ qui magnam habet caritatem Vere magnus est qui in se paruus est et pro nihilo omne culmen honoris ducit, Vere

⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*inflecri*".

⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*Et hoc deberet esse negotium nostrum, vincere videlicet seipsum, et quotidie seipso fortiolem fieri, atque in melius aliquid proficere*".

⁴⁵ EV-1483: "*profundae*".

⁴⁶ TOC-1441: "*inquisitio*".

⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*a deo*".

⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*modo*" ausente.

⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*enim*" ausente.

⁵⁰ EV-1483: "*esse*" ausente.

⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: "*et concupiscentia eius*" ausente.

⁵² TOC-1441 e EV-1483: "*Utinam vita eorum, scientiae ipsorum concordasset, tunc bene studuissent et legissent*".

⁵³ EV-1483: "*in hoc seculo...*".

⁵⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*ille*" ausente.

prudens est qui terrena⁵⁵ arbitratur vt stercora vt christum lucrifaciat, Et vere bene doctus est qui dei voluntatem facit et suam voluntatem relinquit.

De prouidentia⁵⁶ in agendis. Capitulum. IIII.

[1] Non est credendum omni verbo nec instinctu.⁵⁷ sed caute et longanimiter res est secundum deum ponderanda Prochdolor sepe malum facilius quam bonum de alio creditur et dicitur, Ita infirmi sumus sed perfecti viri non facile credunt omni enarranti quia sciunt humanam infirmitatem ad malum procliuem⁵⁸ et in verbis satis labilem, [2] Magna sapientia est non esse precipitem in agendis nec pertinaciter stare in propriis sensibus. Ad hanc etiam pertinet non quibuslibet verbis hominum credere nec audita vel credita mox ad aliorum aures effundere. Cum sapiente et consciencioso viro consilium habe et quere potius a meliore instrui quam tuas adinuentiones sequi. Bona vita facit hominem sapientem secundum deum et expertum in multis, Quanto quis in se humilis⁵⁹ fuerit et deo subiectionis tanto in omnibus erit sapientior et paratior.⁶⁰

De lectione sanctarum scripturarum. Capitulum V.

[1] Veritas est in scripturis sanctis querenda non eloquentia. Omnis scriptura sacra ex spiritu⁶¹ debet legi quo facta est Querere debemus potius vtilitatem in scripturis quam subtilitatem sermonis. Ita libenter deuotos et simplices libros legere debemus sicut altos et profundos, Non te offendat auctoritas scribentis vtrum parue vel magne litterature fuerit, sed amor pure veritatis te trahat ad legendum. Non queras quis hoc dixerit sed quid dicatur attende, [2] honores⁶² transeunt sed veritas domini manet in eternum. Sine personarum acceptione variis modis loquitur nobis deus. Curiositas nostra sepe nos impedit in lectione scripturarum cum volumus intelligere et discutere vbi simpliciter esse transeundum, Si vis profectum haurire lege humiliter simpliciter et fideliter, nec vnquam velis habere nomen scientie Interroga libenter et audi tacens verba sanctorum, nec displiceant tibi parabole seniorum sine causa enim non proferuntur.

⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*omnia terrena...*".

⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*prudentia*".

⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*instinctui*".

⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*procliuiam*".

⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*humilior*".

⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*pacatior*".

⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: "*eo spiritu*".

⁶² TOC-1441 e EV-1483: "*homines*".

De inordinatis affectionibus. Capitulum VI.

[1] Quandocunque homo aliquid inordinate appetit statim in se inquietus fit Superbus et auarus nunquam quiescunt, pauper et humilis spiritu in multitudine pacis conuersantur, Homo qui nec dum in se perfecte mortuus est cito temptatur et vincitur in paruis et vilibus rebus. Infirmus in spiritu et quodammodo adhuc carnalis et ad sensibilia inclinatus difficulter potest se a terrenis desideriis ex toto abstrahere, Et ideo sepe habet tristiciam cum se subtrahit, leuiter etiam dedignatur⁶³ si quis ei resistit [2] Si autem prosecutus fuerit quid concupiscit statim ex reatu conscientie grauatur quia secutus est passionem suam que nihil iuuat ad pacem quam quesiuit Resistendo igitur passionibus inuenitur vera pax cordis, non autem seruiendo eis, Non est ergo pax in corde hominis carnalis nec⁶⁴ in homine exterioribus dedito, sed in feruido spirituali.⁶⁵

De vana spe et elatione fugienda. Cap. VII.

[1] Vanus est qui spem suam ponit in hominibus aut in creaturis, non te pudeat aliis seruire amore ihesu christi in hoc seculo pauperem videri⁶⁶ Non stes super teipsum, sed in deo spem tuam constitue Fac quod in te est et deus aderit bone voluntati tue, Ideo⁶⁷ non confidas in tua scientia vel cuiusquam⁶⁸ viuientis astucia sed magis in dei gratia que⁶⁹ humiles adiuuat et de seipsis⁷⁰ presumentes humiliat. [2] Ne glorieris in diuitiis si assunt, nec in amicis quia potentes sunt, sed in deo qui omnia prestat et seipsum super omnia dare desiderat Non te extollas de magnitudine vel pulchritudine corporis que modica infirmitate corrumpitur et defedatur. Non placeas tibiipsi de [h]abilitate et⁷¹ ingenio tuo, ne⁷² displiceas domino⁷³ cuius est totum quicquid naturaliter boni habes⁷⁴ [3] Non te reputes aliis meliorem ne forte coram deo deterior habearis qui bene scit

⁶³ TOC-1441 e EV-1483: "*indignantur*".

⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*non*".

⁶⁵ TOC-1441: "*sed in fervido et spirituali*".

⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*et pauperem in hoc seculo videri*".

⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*Ideo*" ausente.

⁶⁸ TOC-1441: "*cuiuscumque*".

⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*qui*".

⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*se*".

⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: "*aut*".

⁷² TOC-1441 e EV-1483: "*nec*".

⁷³ TOC-1441 e EV-1483: "*deo*".

⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*habueris*".

quicquid est in homine⁷⁵ Non superbias de operibus bonis quia aliter sunt iudicia dei quam hominum, cui sepe displicet quod hominibus placet. Si aliquid boni habueris crede de aliis meliora et⁷⁶ humilitatem conserues, Non nocet si te omnibus supponas Nocet autem plurimum si⁷⁷ vni te preponas. Iugis pax cum humili zelus autem et indignatio in corde superbi.⁷⁸

De cauenda nimia familiaritate. Cap. VIII.

[1] Non omni homini reueles cor tuum, sed cum sapiente et timente deum age causam tuam Cum iuuenibus et extraneis rarus esto Cum diuitibus noli blandiri et coram magnatis non libenter appareas Cum humilibus et simplicibus cum deuotis, cum morigeratis sociare et que deuotionis⁷⁹ sunt pertracta Non sis familiaris alicui mulieri, sed in comuni omnes bonas mulieres deo commenda; Soli deo et angelis eius opta familiaris esse et hominum noticiam deuota. [2] Caritas habenda est ad omnes sed familiaritas non expedit Quandoque accidit vt persona ignota ex bona fama luceat cuius tamen presentia oculos intuentium obfuscat,⁸⁰ Putamus aliquando aliis placere ex communicatione⁸¹ nostra, et incipimus magis displicere ex morum improbitate in nobis considerata.

De obedientia et subiectione. Capitulum IX.

[1] Valde magnum est in obedientia stare sub prelato viuere et sui iuris non esse. Multo tucius est stare in subiectione quam in prelatura, Multi sunt sub obedientia magnis ex necessitate quam ex caritate, et illi penam habent et leuiter⁸² murmurant nec libertatem mentis acquirunt nisi ex todo corde propter deum se subiciant, Curre hic vel ibi non inuenies quietem nisi in humili subiectione sub prelati regimine, Imaginatio locorum et mutatio multos fefellit [2] Verum est quod vnusquisque libenter agit pro sensu suo et inclinatur ad eos magis qui secum sentiunt, Sed si deus est inter nos necesse est vt relinquamus, etiam quandoque nostrum sentire propter bonum pacis Quis est ita sapiens

⁷⁵TOC-1441 e EV-1483: "*qui scit quid est in homine*".

⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*ut*".

⁷⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*si vel...*".

⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*in corde autem superbi zelus et indignatio frequens*".

⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*aedificationis*".

⁸⁰ "*offuscat*".

⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: "*coniunctione*".

⁸² EV-1483: "*leniter*".

qui omnia plene scire potest: ergo noli nimis in sensu tuo confidere sed velis etiam libenter aliorum sensum audire; Si bonum est tuum sentire et hoc ipsum propter deum dimittis et alium sequeris magis inde proficies, [3] Audiui enim sepe securius esse audire et accipe⁸³ consilium quam dare Potest enim⁸⁴ contingere vt bonum sit vnicuique⁸⁵ sentire, sed nolle acquiescere aliis cum illud⁸⁶ ratio aut causa postulat signum est superbie et pertinacie.

De cauenda superfluitate verborum. Capitulum X.

[1] Caueas tumultum hominum quantum potes, Multum, enim, impedit tractatus secularium negotiorum vel⁸⁷ gestorum etiam si simplici intencione proferantur Cito enim inquinamur vanitate et captiuamur Vellem me pluries tacuisse et inter homines non fuisse; [2] Sed quare tam libenter loquimur et inuicem fabulamur cum tamen raro sine lesione conscientie ad silentium redimus. Ideo tam libenter loquimur, quia per mutuas locuciones adinuicem⁸⁸ consolari querimus et cor diuersis cogitationibus fatigatum releuari optamus⁸⁹ Et multum libenter de his que multum diligimus vel cupimus vel que nobis contraria sentimus libet loqui et cogitare, Sed prohdolor sepe inaniter et frustra Nam hoc⁹⁰ exterior consolatio interioris et diuine consolationis non modicum detrimentum est, Ideo vigilandum est et orandum ne tempus ociose pertranseat,⁹¹ Si loqui licet et expedit que edificabilis⁹² sunt loquere, Malus vsus et negligentia profectus nostri multum facit ad incustodiam oris nostri, Iuuat tamen non parum ad profectum spiritualem deuota spiritualium⁹³ collatio maxime vbi pares spiritu⁹⁴ in deo sibi sociantur.

⁸³ TOC-1441 e EV-1483: "*acipere*".

⁸⁴ TOC-1441: "*etiam*".

⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*vniuscuique*".

⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*id*".

⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*negociorum vel*" ausentes.

⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*ab inuicem*".

⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*optamos releuare*".

⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*haec*".

⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*transeat*".

⁹² TOC-1441 e EV-1483: "*edificalia*".

⁹³ TOC-1441 e EV-1483: "*spiritualium rerum*".

⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*vbi pares animo et spiritu*".

De pace sibi acquirenda et zelo proficiendi. Cap. XI.

[1] Multam possemus pacem habere si non vellemus nos cum aliorum dictis aut⁹⁵ factis que⁹⁶ ad nostram curam non spectant occupare Quomodo potest ille diu in pace vivere⁹⁷ qui alienis curis se inmiscet?⁹⁸ Qui occasiones forinsecus querit qui parum vel raro se intrinsecus colligit Beati simplices quoniam ipsi⁹⁹ multam pacem habebunt, [2] Quare quidam sanctorum tam perfecti et contemplatiui fuerunt quia omnino mortificare seipsos ab omnibus terrenis desideriis studuerunt? Et ideo totis medullis cordis deo inherere atque libere sibi vacare potuerunt. Nos nimium¹⁰⁰ occupamur propriis passionibus et de transitoriis nimis sollicitamur Raro etiam vnum vitium perfecte vincimus ad perfectum cottidianum non attendimus¹⁰¹ Ideo frigidi et tepidi remanemus [3] Si essemus nobisipsi¹⁰² perfecte mortui et interius minime implicati tunc possemus etiam diuina sapere et de celesti contemplacione aliquid experiri Totum et maximum impedimentum est quia non sumus a passionibus et concupiscenciis liberi nec perfectam sanctorum viam conamur ingredi Quando etiam modicum aduersitatis occurrit nimis cito deicimur et ad humanas consolationes conuertimur [4] Si niteremur sicut viri fortes stare in proelio profecto auxilium domini super nos videremus de celo Ipse etenim certantes et de sua gratia sperantes paratus est adiuuare qui nobis certandi occasiones procurat vt vincamus. Si tantum in istis exterioribus obseruantis profectum religionis ponimus cito finem habebit deuocio nostra Sed ad radicem securim ponamus vt purgati a passionibus pacificam mentem possideamus, [5] Si omni anno vicium¹⁰³ extirparemus cito viri perfecti efficeremur Sed modo econtrario sepe sentimus quod¹⁰⁴ meliores et puriores in principio¹⁰⁵ conuersionis nos fuisse inuenimus¹⁰⁶ quam post multos annos professionis, Feruor profectus¹⁰⁷ noster¹⁰⁸ cottidie deberet crescere, Sed nunc pro magno videtur si quis primi feruoris partem posset retinere, si modicam

⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁹⁶ TOC-1441: “dictis et factis et quae...”.

⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “manere”.

⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “intermiscet”.

⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “ipsi” ausente.

¹⁰⁰ EV-1483: “nos quidem nimium”.

¹⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: “et ad quotidianum profectum non accendimus”.

¹⁰² TOC-1441 e EV-1483: “nobisipsi”.

¹⁰³ TOC-1441 e EV-1483: “vnum vicium...”.

¹⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: “ut”.

¹⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: “in inicio”.

¹⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: “inueniamus”.

¹⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: “feruor et profectus...”.

¹⁰⁸ TOC-1441: “noster” ausente.

violentiam faceremus in principio tunc cuncta postea possemus facere cum leuitate et gaudio. [6] Graue est assueta dimittere Sed grauius est contra propriam voluntatem ire, Sed si non vincis parua et leuia quando superabis difficiliora Resiste in principio inclinacioni tue et malam dedisce¹⁰⁹ consuetudinem ne forte paulatim te ducat ad maiorem difficultatem. O si aduerteres quantam tibi pacem aliis¹¹⁰ leticiam faceres te¹¹¹ bene habendo, puto quod sollitior¹¹² esses ad spiritualem profectum.

De vtilitate aduersitatis. Capitulum XII.

[1] Bonum nobis est quod aliquando habemus¹¹³ aliquas grauitates et contrarietates quia sepe hominem ad cor reuocant quatenus¹¹⁴ se in exilio esse, cognoscat nec spem¹¹⁵ in aliqua re mundi ponat Bonum est quod aliquando¹¹⁶ paciamur contradictiones¹¹⁷ et quod male et imperfecte de nobis senciatur, etiam si bene agimus et intendimus, Ista sepe ad humilitatem iuuant et a vana gloria nos defendunt Tunc, enim, melius interiorem testem deum querimus, quando foris vilipendimur ab hominibus non bene¹¹⁸ creditur nobis [2] Ideo deberet se homo totaliter¹¹⁹ in deo firmare vt non esset ei necesse multas humanas¹²⁰ consolationes querere, Quando homo bone voluntatis tribulatur vel temptatur aut malis cogitacionibus affligitur tunc deum sibi magis necessarium intelligit, sine quo nihil boni se posse deprehendit, Tunc etiam tristatur gemit et orat pro miseriis quas patitur Tunc tedet eum diucius viuere mortem¹²¹ optat venire¹²² vt possit dissolui et esse cum christo Tunc etiam bene aduertit perfectam securitatem et plenam pacem in mundo constare non posse.

¹⁰⁹ EV-1483: "*desiste*".

¹¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*tibi pacem et aliis...*".

¹¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*teipsum*".

¹¹² TOC-1441 e EV-1483: "*sollitior*".

¹¹³ TOC-1441: "*habeamus*".

¹¹⁴ TOC-1441: "*quatinus*".

¹¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*spem suam...*".

¹¹⁶ TOC-1441: "*quandoque*"; EV-1483: "*quanque*".

¹¹⁷ EV-1483: "*contradictores*".

¹¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*et non bene...*".

¹¹⁹ TOC-1441: "*taliter*".

¹²⁰ EV-1483: "*humanas*" ausente.

¹²¹ TOC-1441: "*et mortem...*".

¹²² EV-1483: "*inuenire*".

De temptationibus resistendis. Capitulum XIII.

[1] Quam diu viuimus in mundo sine tribulationibus et temptationibus¹²³ esse non possumus Vnde in iob scriptum est Temptacio est vita humana super terram Ideo vnusquisque sollicitus esse debet¹²⁴ circa temptationes suas et vigilare in oracionibus ne diabolus inueniat¹²⁵ locum decipiendi qui nunquam dormitat sed circuit querens quem deuoret, Nemo tam perfectus est et sanctus qui non habeat aliquando temptationes, et plene eis carere non possumus [2] Sunt tamen temptationes homini sepe valde vtilis licet moleste sint et graues quia in illis homo purgatur humiliatur et eruditur Omnes sancti per multas tribulationes et temptationes transierunt et profecerunt et qui bene¹²⁶ temptationes sustinere nequierunt reprobi facti sunt et defecerunt, [3] Non est aliquis ordo tam sanctus nec locus tam secretus vbi non sint temptationes et¹²⁷ aduersitates, Non est homo securus a temptationibus totaliter quam diu vixerit quia in nobis est vnde temptamur Ex quo in concupiscentia nati sumus, vna temptatione vel¹²⁸ tribulatione recedente alia superuenit et super¹²⁹ aliquid ad paciendum habebimus ne¹³⁰ bonum felicitatis nostre perdamus.¹³¹ Multi querunt temptationes fugere et grauius incidunt in eas, per solam fugam non possumus vincere, sed et¹³² per patientiam et veram humilitatem omnibus hostibus efficimur forciores. [4] Qui exterius tantummodo declinat nec radicem euellit¹³³ parum proficiet Imo cicius ad eum temptationes redeunt¹³⁴ et peius senciet. Paulatim, et per patientiam cum longanimitate deo iuuante melius superabis quam cum duritia et importunitate propria, Sepius accipe consilium in temptatione et cum temptato noli durius¹³⁵ agere sed consolationemingere sicut tibi optares fieri, [5] Inicium omnium malarum temptationum inconstancia animi est¹³⁶ et parua ad deum confidentia quia sicut nauis sine gubernaculo hincinde a fluctibus impellitur, Ita homo remissus et suum propositum deserens varie temptatur Ignis probat

¹²³TOC-1441 e EV-1483: "*tribulatione et tentatione...*".

¹²⁴TOC-1441 e EV-1483: "*deberet*".

¹²⁵TOC-1441 e EV-1483: "*inueniret*".

¹²⁶TOC-1441: "*bene*" ausente.

¹²⁷TOC-1441 e EV-1483: "*vel*".

¹²⁸TOC-1441 e EV-1483: "*seu*".

¹²⁹TOC-1441 e EV-1483: "*semper*".

¹³⁰TOC-1441 e EV-1483: "*nam*".

¹³¹TOC-1441 e EV-1483: "*perdidimus*".

¹³²TOC-1441: "*et*" ausente.

¹³³TOC-1441 e EV-1483: "*euellit*".

¹³⁴TOC-1441 e EV-1483: "*redient*".

¹³⁵TOC-1441 e EV-1483: "*duriter*".

¹³⁶TOC-1441 e EV-1483: "*est*" ausente.

ferrum et temptacio hominem iustum Nescimus sepe quid possumus sed temptacio aperit quid sumus Vigilandum tamen est precipue circa initium temptationis quia facilius tunc hostis vincitur si ostium mentis nullatenus intrare sinitur, Sed extra limen statim vt pulsauerit illi obuiatur? Vnde quidam dixit, Principiis obsta sero medicina paratur¹³⁷ Nam primo occurrit menti cogitacio simplex: De inde fortis imaginatio postea delectacio et motus prauus et assensio; Sicque paulatim ingreditur hostis malignus ex toto dum illi non resistitur in principio et quanto diucius ad resistendum quis torpuerit tanto in se cottidie fit debelior et hostis contra eum potencior; [6] Quidam in principio conuersione sue grauiiores temptationes paciuntur quidam autem in fine, quidam vero quasi per totam vitam suam male habent. Nonnulli satis leuiter¹³⁸ temptantur secundum diuine ordinationis sapientiam et equitatem qui¹³⁹ statum et meritum¹⁴⁰ hominum pensat et cuncta ad electorum suorum salutem preordinat, [7] Ideo non debemus desperare cum temptamur: Sed eo feruentius deum exorare quatenus¹⁴¹ dignetur in omni tribulatione nos adiuuare qui vtique secundum beati pauli apostoli¹⁴² dictum, talem faciet cum temptatione prouentum vt possimus sustinere, Humiliemus ergo animas nostras sub manu dei in omni temptatione et liberatione¹⁴³ quia humiles spiritu liberabit,¹⁴⁴ saluabit et exaltabit [8] In tribulationem ihesus et temptationibus¹⁴⁵ probatur homo quantum profecit et ibi maius meritum existit¹⁴⁶ et virtus melius patescit Nec magnum est si homo sit deuotos et feruidus cum grauitatem non sentit, sed si tempore aduersitatis pacienter se sustinet spes magni profectus erit Et¹⁴⁷ quidam a magnis temptationibus custodiuntur et a¹⁴⁸ paruis cottidianis sepe vincuntur vt sicut¹⁴⁹ humiliati nunquam de seipsis in magnis confidunt qui in tam modicis vincuntur et¹⁵⁰ infirmantur.

¹³⁷ TOC-1441 e EV-1483: “paratur”. Aqui há uma referência a Ovídio: “Principiis obsta. erro medicina paratur”. *Remedia Amoris*, v. 91. Nota-se aqui, um erro de transcrição.

¹³⁸ TOC-1441: “leniter”.

¹³⁹ TOC-1441: “quae”.

¹⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: “merita”.

¹⁴¹ TOC-1441: “quatinus”.

¹⁴² TOC-1441 e EV-1483: “beati” e “apostoli” ausentes.

¹⁴³ TOC-1441 e EV-1483: “tribulatione”.

¹⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: “liberabit” ausente.

¹⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: “In tentationibus et tribulationibus...”, “iesus” ausente.

¹⁴⁶ TOC-1441: “consistit”.

¹⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: “et” ausente.

¹⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: “in paruis”.

¹⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: “sicut” ausente.

¹⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: “vincuntur et” ausentes.

De temeratio iuditio.¹⁵¹ Capitulum XIII.

[1] Ad teipsum oculos reflecte et aliorum facta caueas iudicare In iudicando alios homo frustra laborat [s]epius errat et peccat leuiter. Seipsum vero iudicando et discuciendo semper fructuose laborat. Sicut res nobis cordi est sic de ea frequenter iudicamus Nam verum iuditium propter priuatum amorem faciliter perdimus, Si deus esset semper pura intentio desiderii nostri non tam faciliter turbaremur pro resistentis sensus nostri, [2] sed sepe abintra aliquid latet Vel etiam ab extra concurrit Quod nos etiam pariter trahit; Multi se ipsos occulte quærunt in rebus quas agunt et nesciunt, Videntur etiam in bona pace stare quando res fiunt pro eorum velle et sentire. Si autem aliter fit quam cupiunt statim¹⁵² mouentur et tristes fiunt propter diuersitates¹⁵³ sensuum et oppinionum satis frequenter oriuntur dissensiones inter amicos et ciues inter religiosos et deuotos [3] Antiqua consuetudo difficulter dimittitur et¹⁵⁴ relinquitur et vltra proprium videre nemo libenter ducitur, Si rationi tue magis inuiteris¹⁵⁵ vel industrie quam virtuti subiectiue, christi ihesu raro et tarde eris homo illuminatus quia deus vult sibi perfecte nos subiici et omnem racionem per inflamatum amorem transcendere.

De operibus ex caritate factis. Capitulum XV.

[1] Pro nulla re mundi, et pro nullius hominis dilectione aliquod malum est faciendum, Sed pro vtilitate indigentis¹⁵⁶ bonum opus est aliquando libere¹⁵⁷ intimittendum aut etiam pro meliori est mutandum, Hoc, enim, facto opus bonum non destruitur sed in melius conmutatur Sine caritate opus externum nihil prodest. Quicquid autem ex caritate agitur quantumcunque, enim,¹⁵⁸ paruum sit et despectum totum efficitur fructuosum, Magis siquidem deus pensat ex quanto quis agit quam quantum facit¹⁵⁹ Multum facit qui multum diligit, [2] Multum facit qui rem bene facit, benefacit qui magis communitati que sue voluntati seruit; Sepe videtur esse caritas et est magis

¹⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: “De temeratio iudicio vitando”.

¹⁵² TOC-1441 e EV-1483: “cito”.

¹⁵³ TOC-1441 e EV-1483: “diuersitatem”.

¹⁵⁴ TOC-1441 e EV-1483: “dimittitur et” ausentes.

¹⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: “initeris”.

¹⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: “tamen indigentis...”.

¹⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: “libere” ausente.

¹⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: “etiam”.

¹⁵⁹ TOC-1441: “quam opus quod facit”; EV-1483: “quam quantum quis facit”.

carnalitas, quia carnalis¹⁶⁰ inclinatio, propria voluntas, spes retribucionis, affectus commoditatis raro abesse volunt [3] Qui veram et perfectam caritatem habet in nulla re seipsum querit sed dei gloriam solummodo in omnibus fieri desiderat, Nulli etiam inuidet quia nullum priuatum gaudium amat, nec in seipso vult gaudere sed in deo super omnia bona optat beatificare, Nemini aliquid boni attribuit sed totaliter ad deum¹⁶¹ a quo omnia fontaliter procedunt in quo omnes¹⁶² sancti fruibiliter quiescunt;¹⁶³ O qui scintillam vere caritatis haberet profecto omnia terrena plena esse vanitatis sentiret.¹⁶⁴

De sufferentia defectuum aliorum. Capitulum XVI.

[1] Que homo in se vel in aliis emendare non valet debet patienter sustinere donec deus aliter ordinet, Cogita quia sic forte melius est pro tua probatione et patientia sine qua non sunt multum ponderanda nostra merita, Debes tamen pro talibus impedimentis supplicare vt deus dignetur tibi subuenire vt¹⁶⁵ possis benigne portare, [2] Si quis semel uel¹⁶⁶ bis ammonitus acquiescit¹⁶⁷ noli cum eo contendere, sed totum deo comitte vt fiat voluntas eius et honor in omnibus seruis suis qui scit bene mala in bonum conuertere Studa¹⁶⁸ paciens esse in tollerando aliorum defectus et qualescunque infirmitates, quia et tu multa habes que ab aliis oportet tollerari. Si non potes te talem facere qualem vis quomodo poteris alium habere ad tuum beneplacitum? Libenter habemus alios perfectos, sed¹⁶⁹ tamen proprios non emendamus defectus; [3] Volumus quod alii stricte corrigantur et nosipsi tamen corrigi nolumus¹⁷⁰ Displicet larga aliorum licentia et tamen nolumus nobis negari quid¹⁷¹ petimus Alios restringi per statuta volumus et ipsi nullatenus patimur cohiberi amplius, Sic ergo patet quam raro proximum nostrum¹⁷² sicut nosipsos pensamus, Si essent omnes perfecti quid tunc haberemus pro deo pati ab aliis? [4] Nunc autem deus sic ordinauit vt discamus alter alterius onera portare quia nemo sine defectu, nemo sine onere, nemo sibi sufficiens nemo sibi satis sapiens; Sed

¹⁶⁰ TOC-1441: "*naturalis*".

¹⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: "*ad deum refert...*".

¹⁶² TOC-1441 e EV-1483: "*in quo finaliter omnes...*".

¹⁶³ TOC-1441: "*requiescunt*".

¹⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*profecto omnia terrena sentiret plena fore vanitatis*".

¹⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

¹⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*aut*".

¹⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*non acquiescit...*". Provavelmente, erro de transcrição.

¹⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*Stude*".

¹⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

¹⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*et ipsi corrigi nolumus*".

¹⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

¹⁷² TOC-1441 e EV-1483: "*nostrum*" ausente.

oportet nos inuicem portare consolari¹⁷³ pariter et adiuuare instruere et admonere. Quante autem virtutis quisquis¹⁷⁴ fuerit melius patet occasione aduersitatis. Occasiones namque hominem fragilem non faciunt sed qualis sit ostendunt.

De monastica vita. Capitulum XVII.

[1] Oportet vt¹⁷⁵ discas teipsum in multis frangere si vis pacem et concordiam cum aliis tenere, Non est paruum in monasteriis vel in congregatione habitare et ibi¹⁷⁶ sine querela conuersari et vsque ad mortem fidelis permanere¹⁷⁷ Beatus qui ibidem bene vixit¹⁷⁸ et fideliter¹⁷⁹ consumauit. Si vis debite stare et proficere teneas te tanquam exulem et peregrinum super terram, Oportet te stultum fieri propter christum, si vis religiosam ducere vitam [2] habitus et tonsura modicum faciunt et¹⁸⁰ conferunt, sed mutatio morum et integra mortificatio passionum verum faciunt religiosum Qui aliud querit quam pure deum et anime sue salutem non inueniet nisi tribulationem et dolorem Non potest etiam diu stare pacificus qui non nititur esse minimus et omnibus subiectus [3] Ad seruiendum venisti non ad regendum, Ad paciendum et laborandum scias te esse¹⁸¹ vocatum non ad ociandum vel fabulandum Hic ergo probantur homines sicut aurum in fornace, Hic nemo potest stare nisi propter deum ex toto corde se voluerit humiliare.

De exemplis sanctorum patrum. Capitulum. XVIII.

[1] Intuere sanctorum patrum viuida exempla in quibus vera perfectio refulsit et videbis quantum sit¹⁸² et pene nihil quod nos agimus Heu quid est vita nostra si illis fuerit comparata Sancti et amici christi domino seruierunt in fame et siti, in frigore et nuditate in labore et fatigatione in vigiliis et in ieiuniis, in oracionibus et sanctis meditationibus in persecucionibus et obprobriis multis [2] O quam multas graues¹⁸³ tribulationes passi

¹⁷³TOC-1441 e EV-1483: "*oportet nos inuicem portare, inuicem consolari...*".

¹⁷⁴ TOC-1441: "*quisque*"; EV-1483: "*quisquam*".

¹⁷⁵ TOC-1441: "*quod*".

¹⁷⁶ TOC-1441: "*ibi*".

¹⁷⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*perseuerare*".

¹⁷⁸ TOC-1441: "*vixerit*"; EV-1483: "*Beatus quidem qui ibi bene vixit...*".

¹⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*faeliciter*".

¹⁸⁰TOC-1441 e EV-1483: "*faciunt et*" ausentes.

¹⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: "*esse*" ausente.

¹⁸² TOC-1441 e EV-1483: "*vera perfectio refulsit et religio, et videbis quam modicum sit...*".

¹⁸³ TOC-1441 e EV-1483: "*multas et graues...*".

sunt, apostoli, martires, confessores, et¹⁸⁴ virgines et reliqui omnes qui vestigia christi voluerunt sequi, Nam animas suas in hoc mundo oderunt vt in eterna vita¹⁸⁵ eas possiderent, O quam strictam et artam¹⁸⁶ vitam sancti patres in heremo duxerunt quam longas et graues temptationes pertulerunt, quam frequenter ab inimico vexati sunt, quam crebras et feruidas orationes deo obtulerunt, quam rigidas abstinentias egerunt,¹⁸⁷ quam magnum zelum et feruorem ad spiritualem perfectum habuerunt quam forte bellum aduersus edomationem viciorum gesserunt quam puram et rectam intencionem ad deum tenuerunt Per diem laborabant et noctibus orationi diuine,¹⁸⁸ vacabant Quamquam laborando manibus, tamen ab oratione multibus minime cessabant¹⁸⁹ [3] Omne tempus vtiliter expendebant, Omnis hora ad vacandum deo brevis videbatur, Et pre magna dulcedine contemplationis etiam obliuioni tradebatur necessitas corporalis refectionis Omnibus diuitiis dignitatibus honoribus amicis et cognatis renuncciabant, Nil de mundo habere cupiebant Vix necessaria vite sumebant, Corpori etiam seruire in necessitate dolebant, Pauperes ergo¹⁹⁰ erant rebus terrenis sed diuites valde in gratia et virtutibus, foris egebant sed intus gratia et consolatione diuina reficiebantur, [4] Mundo erant alieni, sed deo proximi et¹⁹¹ familiares amici, Sibiipis videbantur quase nihil,¹⁹² et huic mundo despecti, sed erant in oculis dei preciosi et electi.¹⁹³ In vera humilitate stabant, in simplici obedientia viuebant. In caritate et patientia ambulabant in spiritu,¹⁹⁴ et ideo cottidie perficiebant et apud deum magnam gratiam obtinebant, Dati sunt in exemplum omnibus religiosis et plus prouocare debent nos ad proficiendum¹⁹⁵ quam tepidorum numerus ad relaxandum [5] O quantus feruor omnium religiosorum in principio sue sancte institutionis fuit, O quanta deuocio orationis quanta emulatio virtutum,¹⁹⁶ quam magna disciplina vigit quanta reuerentia et obedientia sub regula in omnibus reffloruit¹⁹⁷ Testantur adhuc vestigia derelicta quod vere viri sancti et perfecti fuerunt, qui tam strennue militantes mundum suppeditauerunt. Iam magnus putatur Si

¹⁸⁴ TOC-1441 e EV-1483: “et” ausente.

¹⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: “in eternam vitam...”.

¹⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: “abdicatam”.

¹⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: “peregerunt”.

¹⁸⁸ TOC-1441: “diutinae”.

¹⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: “quamquam laborando ab oratione mentali minime cessarent”.

¹⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: “igitur”.

¹⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: “ac”.

¹⁹² TOC-1441 e EV-1483: “videbantur tamquam nihili...”.

¹⁹³ TOC-1441: “dilecti”.

¹⁹⁴ TOC-1441: “in spiritu” ausente.

¹⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: “ad bene proficiendum...”.

¹⁹⁶ TOC-1441 e EV-1483: “virtutis”.

¹⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “sub regula magistri in omnibus effloruit”.

quis transgressor non fuerit, Si quis quid¹⁹⁸ accepit cum patientia tollerare potuerit. [6] O temporis¹⁹⁹ et negligentie status nostri quod tam cito declinamus a priscino feruore et iam tedet viuere pre lassitudine et torpore,²⁰⁰ Vtinam in te penitus non dormitet profectus virtutum qui multa sepius exempla vidisti deuotorum.

De exercitiis boni religiosi. Capitulum XIX.

[1] Vita boni religiosi omnibus virtutibus pollere debet vt sit taliter²⁰¹ interius qualis videtur hominibus exterius. Et merito multo plus debet esse interius²⁰² quam quid cernim²⁰³ foris quod²⁰⁴ inspector noster est deus quem summopere reuereri debemus vbicunque fuerimus, et tanquam angeli in conspectu eius munde²⁰⁵ incedere Omni die renouare debemus propositum nostrum et ad feruorem nos excitare, quasi hodie primum ad conuersionem venissemus et²⁰⁶ dicere, Adiuua me domine deus meus²⁰⁷ in bono proposito et sancto seruitio tuo et da mihi nunc hodie perfecte incipere, quia nihil est quid hactenus²⁰⁸ feci [2] secundum propositum nostrum cursus profectus nostri et multa diligentia opus est bene proficere volenti. Quod si forte²⁰⁹ proponens sepe deficit quid ille qui raro aut minime vix²¹⁰ aliquid proponit?²¹¹ Variis tamen modis contingit desertio propositi²¹² et leuis obmissio exercitiorum vix sine aliquo dispendio transit, Iustorum propositum in gratia dei potius quam in propria sapientia dependet²¹³ in quo semper²¹⁴ confidunt quicquid arripiunt Nam homo proponit sed deus disponit nec est in homine via eius, [3] sed sue pietatis²¹⁵ causa aut fraterne dilectionis et²¹⁶ vtilitatis proposito quandoque consuetum obmittitur exercitium facile posset²¹⁷ postea recuperari, Si autem

¹⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “quod”.

¹⁹⁹ TOC-1441: “temporis”.

²⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: “tepore”.

²⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: “talis”.

²⁰² TOC-1441 e EV-1483: “intus”.

²⁰³ TOC-1441: “quod cernitur...”; EV-1483: “cernitur”.

²⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: “quia”.

²⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: “mundi”.

²⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: “atque”.

²⁰⁷ TOC-1441: “meus” ausente.

²⁰⁸ TOC-1441: “quod hactenus”; EV-1483: “hactenus”.

²⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: “fortiter”.

²¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: “minus fixe...”.

²¹¹ TOC-1441 e EV-1483: “aut minus fixe aliquid proponit?”.

²¹² TOC-1441 e EV-1483: “propositi nostri...”.

²¹³ TOC-1441 e EV-1483: “pendet”.

²¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “in quo et semper...”.

²¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: “sed sue” ausentes. Iniciam a frase com “Si pietatis...”.

²¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: “dilectiones et” ausentes.

²¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “poterit”.

tedio animi aut negligentia facilliter relinquitur satis culpabile est, et nocuum senciatur. Conemur quantum possumus adhuc leuiter deficiemus in multis, Sed²¹⁸ tamen aliquid certi semper proponendum est et illa²¹⁹ precipue que amplius non²²⁰ impediunt exteriora nostra et interiora pariter nobis scrutanda sunt et ordinanda quia vtraque expediunt ad profectum, [4] Si non continue te vales colligere saltem interdum et ad minus semel in die mane et vespere²²¹ Mane propone vespere discute mores tuos qualis hodie fuisti, in verbo opere et cogitatione, quia forsitan deum sepius in his offendisti et proximum. Accinge te sicut vir fortis contra diabolicas nequicias, frena gulam et postea²²² facilius frenabis omnem carnis inclinacionem Nunquam sis ex toto ociosus, aut legens,²²³ aut scribens aut orans aut meditans aut aliquid vtilitatis pro communi laborans, corporalia tamen²²⁴ exercitia discrete sunt agenda nec omnibus equaliter assumenda. [5] Que non sunt comunia non sunt foris ostendenda, nam in secreto tucius exercentur priuata, Cauendum tamen est²²⁵ ne piger sis ad communia et ad singularia promptior Sed expletis integre et fideliter debitis et in cunctis²²⁶ si iam vltra vacat redde te tibi pro ut deuotio tua desiderat, Non omnes possunt habere vnum exercitium, Sed aliud isti aliud illi magis deseruit, etiam pro temporis²²⁷ congruentia diuersa placent exercitia, quia alia in festiuis,²²⁸ alia feriatis magis²²⁹ sapiunt diebus. Aliis indigemus tempore temptationis et aliis tempore pacis et quietis. Alia cum temptamur²³⁰ libet cogitare et alia cum leti in domino fuerimus. [6] Circa principalia festa renouanda sunt bona exercitia et sanctorum suffragia feruentius imploranda, De festo in festum proponere debemus qui si²³¹ tunc de hoc seculo migraturi sumus²³² et ad eternum festum prouentius.²³³ Ideoque sollicite nos preparare debemus in temporibus deuotis et deuocius conuersari, atque omnem obseruantiam strictius custodire tanquam in breui premium laboris nostri a deo

²¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*Semper*".

²¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*et contra illa...*".

²²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*nos*". Provavelmente, erro de transcrição.

²²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*in die, mane videlicet aut vespere*".

²²² TOC-1441 e EV-1483: "*postea*" ausente.

²²³ TOC-1441: "*sed aut legens...*".

²²⁴ EV-1483: "*tamen*" ausente.

²²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*est*" ausente.

²²⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*iniunctis*".

²²⁷ EV-1483: "*pro temporum*".

²²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*in festis*".

²²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*in feriatis magis...*".

²³⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*tristamur*".

²³¹ TOC-1441 e EV-1483: "*quasi*".

²³² TOC-1441: "*sumus*" ausente; EV-1483: "*simus*".

²³³ TOC-1441 e EV-1483: "*peruenturi*".

recepturi.²³⁴ [7] Et si dilatum fuerit credamus nos minus bene preparados atque adhuc²³⁵ indignos tante glorie que reuelabitur in nobis tempore prefinio et studeamus nos melius ad exitum preparare. Beatus seruus ait euangelista Lucas, Quem cum venerit dominus inuenerit vigilantem, amen dico vobis super omnia bona sua constituet eum.

De amore solitudinis et silentii. Capitulum XX.

[1] Quere aptum temporis²³⁶ vacandi tibi et de beneficiis dei bene²³⁷ cogita Relinqua curiosa, tales perlege materiam²³⁸ que conpunctionem magis prestant quam occupationem. Si te subtraxeris a superfluis locucionibus et ociosis circuicionibus necnon a vanitatibus ac²³⁹ rumoribus audiendis, inuenies tempus sufficiens ac²⁴⁰ aptum pro bonis meditationibus insistendis, Maximi sanctorum vitabant humana consorcia vbi poterant et deo in secreto viuere²⁴¹ eligebant [2] Dixit quidam Quociens inter homines fui minor homo redii hoc sepius²⁴² experimur quando diu confabulamur. Facilius et tucius est omnino tacere²⁴³ quam verbo excedere.²⁴⁴ Facilius est domi latere quam foris se posse sufficienter custodire Qui igitur intendit ad interiora et spiritualia peruenire oportet eum cum ihesu a turba declinare, [3] Nemo secure apparet²⁴⁵ nisi qui libenter latet, Nemo secure loquitur nisi qui libenter tacet.²⁴⁶ Nemo secure preest, nisi qui libenter subest, Nemo secure precipit, nisi qui libenter²⁴⁷ obedire didicit. Nemo secure gaudet, nisi consciencie bone testimonium habeat.²⁴⁸ Semper tamen sanctorum securitas plena timoris dei extitit, nec eo minus solliciti et in se humiles fuerunt, quia magis²⁴⁹ virtutibus et gratia enituerunt.²⁵⁰ Prauorum autem securitas ex superbia et presumptione oritur et in fine in deceptionem sui vertitur.²⁵¹ Nunquam promittas tibi securitatem in

²³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*percepturi*".

²³⁵ TOC-1441: "*adhuc*" ausente.

²³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*tempus*".

²³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*frequenter*".

²³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*materias*".

²³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*nouitatibu et...*".

²⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

²⁴¹ TOC-1441: "*servire*".

²⁴² EV-1483: "*hoc quippe saepius...*".

²⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*Facilius est omnino tacere...*".

²⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*verbo non excedere*".

²⁴⁵ EV-1483: "*praecipit*".

²⁴⁶ EV-1483: "*Nem secure loquitur nisi libenter tacet*" ausente.

²⁴⁷ TOC-1441: "*bene*".

²⁴⁸ TOC-1441: "*nisi bonae conscientiae in se testimonium habeat*"; EV-1483: "*habet*".

²⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*magnis*".

²⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*emicuerunt*".

²⁵¹ TOC-1441: "*sui ipsius vertitur*".

hac vita quamuis bonus videaris cenobita aut deuotus heremita [4] Sepe meliores in estimatione hominum grauius periclitati sunt propter nimiam suam confidentiam Vnde multum²⁵² vtilius est vt non careant penitus temptationibus, sed sepius impugnentur ne nimium securi sint ne forte in superbiam eleuentur, ne etiam ad exteriores consolaciones licencius declinent. O qui nunquam transitoriam licentiam²⁵³ quereret et²⁵⁴ qui nunquam cum mundo se occuparet quam bonam conscientiam conseruaret²⁵⁵ O qui omnem vanam sollicitudinem amputaret et solum diuinam ac salutaria cogitaret et totam spem suam in deo constitueret quia magnam pacem et quietem possideret²⁵⁶ [5] Nemo dignus est celesti consolatione, nisi quid²⁵⁷ diligenter se exercuerit in sancta compunctione, Si vis cordetenus compungi intra cubile tuum et exclude tumultum mundi sicut scriptum est In cubilibus vestris compugimini In cella inuenies quod²⁵⁸ deforis sepius ammitteres,²⁵⁹ Cella continuata dulcescit et male custodita tedium generat. Si in principio tue conuersionis bene eam incolueris et custodieris erit tibi postea dilecta amica et gratissimum solacium, [6] In silentio et quiete proficit anima deuota et discit abscondita scripturarum Ibi inuenit fluenta lacrimarum quibus singulis noctibus se lauet et mundet vt creatori²⁶⁰ suo tanto familiarior fiat quanto longius ab omni seculari tumultum degit Qui ergo se abstrahit a notis et amicis appropinquabit sibi²⁶¹ deus cum angelis sanctis, Melius est latere et sui curam agere quam se neglecto signa facere. Laudabile est homini religioso raro foris²⁶² ire, fugere, videri, nolle etiam homines videre [7] Quid vis videre quid²⁶³ non licet habere. Transit mundus et concupiscentia eius Trahunt desideria sensualitas ad spaciandum sed cum hora transierit, quid nisi grauitatem conscientie et cordis dispersionem importat,²⁶⁴ Letus exitus tristem sepe reditum parit. Et leta vigilia serotina triste mane facit. Sic omne gaudium carnale blande intrat sed in fine mordet et punit²⁶⁵ Quid potest²⁶⁶ alibi videre quid hoc non videt.²⁶⁷ Ecce celum et terra²⁶⁸ et omnia

²⁵² TOC-1441 e EV-1483: “multis”.

²⁵³ TOC-1441 e EV-1483: “laeticiam”.

²⁵⁴ TOC-1441 e EV-1483: “et” ausente.

²⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: “seruaret”.

²⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: “O qui omnem vanam sollicitudinem amputaret, et dumtaxat saluataria ac diuina cogitaret, et totam spem suam in deo constitueret, quam magnam pacem et quietem possideret”.

²⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: “quid” ausente.

²⁵⁸ EV-1483: “quid”.

²⁵⁹ TOC-1441: “amittes”.

²⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: “conditori”.

²⁶¹ TOC-1441: “approximabat illi...”; EV-1483: “illi”.

²⁶² TOC-1441 e EV-1483: “foras”.

²⁶³ TOC-1441: “quod”.

²⁶⁴ TOC-1441: “reportas”; EV-1483: “importas”.

²⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: “pernit”.

²⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: “potes”.

elementa nonne²⁶⁹ existis omnia facta sunt. [8] Quid potest²⁷⁰ alicubi videri quid²⁷¹ diu sub sole potest permanere. Credis forsitan²⁷² saccari sed non poteris pertingere. Si cuncta videres presentia quid esset nisi vana visio, leua oculos tuos ad deum in excelsis et ora pro peccatis tuis et negligenciis. Dimittere vana vanis tu autem intende illis que tibi precepit deus. Claude super te ostium tuum et voca ad te ihesum dilectum tuum. Mane cum eo in cella quia non inuenies alibi tantam pacem, Si non exisses nec quicquam de rumoribus audisses melius in bona pace permansisses Ex quo noua te aliquando delectant²⁷³ audire, sed ex te et inde²⁷⁴ turbationem cordis tollerare.

De conpunctione cordis. Capitulum XXI.

[1] Si vis aliquid proficere conserua te in timore dei et noli esse nimis liber, sed sub disciplina cohibe omnes sensus tuos, nec inepte te tradas leticie Da te potius²⁷⁵ ad cordis conpunctionem et inuenies deuocionem Conpunctio multa bona parit,²⁷⁶ que dissolutio cito perdere consueuit, Mirum est quod homo vnquam potest²⁷⁷ in hac vita perfecte²⁷⁸ letari qui suum exilium considerat, et tam multa pericula anime sue pensat²⁷⁹

[2] propter leuitatem cordis et negligenciam defectuum nostrorum non sentimus dolores anime nostre, sed sepe vane ridemus quando merito flere deberemus. Non est vera libertas nec bona leticia nisi in timore dei cum bona consciencia. Felix est²⁸⁰ qui potest abicere omne inpedimentum deuocionis²⁸¹ et ad vnionem se redigere²⁸² sancte conpunctionis, Felix qui a se abdicat quicquid suam conscienciam maculare potest vel grauare. Certa viriliter consuetudo consuetudine vincitur, Si tu scis homines dimittere ipsi bene²⁸³ dimittent te, tua facta facere, [3] Non attrahas tibi res aliorum, nec te

²⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*quod hic non vides*".

²⁶⁸ EV-1483: "*terram*".

²⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*nam*".

²⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*potes*".

²⁷¹ TOC-1441: "*quod*".

²⁷² TOC-1441 e EV-1483: "*Credis te forsitan...*".

²⁷³ TOC-1441 e EV-1483: "*delectat*".

²⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*oportet te ex inde...*".

²⁷⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*pocius*" ausente.

²⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*aperit*".

²⁷⁷ EV-1483: "*possit*".

²⁷⁸ TOC-1441: "*perfecte*" ausente.

²⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*qui suum exilium et tam multa pericula animae suae considerat et pensat...*".

²⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*est*" ausente.

²⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: "*distractionis*".

²⁸² TOC-1441: "*recolligere*".

²⁸³ EV-1483: "*bene*" ausente.

implices causis maiorum. Habe²⁸⁴ semper oculum primo super te²⁸⁵ et admoueas te specialiter pre omnibus dilectis tuis.²⁸⁶ Si non habes fauorem hominum noli ex inde²⁸⁷ tristati, sed hoc sit tibi graue quia non habes te satis bene et circumspecte sicut decet²⁸⁸ seruum dei et deuotum religiose²⁸⁹ conuersari Vtilius est sepe et securius quod homo non habeat multas consolationes in hac vita precipue secundum carnem. Tamen quod diuinas consolationes²⁹⁰ non habemus aut rarius sentimus nos in culpa sumus, quia conpunctionem cordis non querimus, nec vanas consolationes²⁹¹ et externas omnino abiicimus, [4] Cognosce te indignum diuina consolatione, sed magis dignum omni tribulatione, Quando homo est perfecte conpunctus tunc grauis et amarus est a totus mundus, Bonus homo sufficientem inuenit materiam dolendi et flendi Siue, enim, se consideret²⁹² sine²⁹³ de primo penset²⁹⁴ scit quia nemo sine tribulatione hic viuit. Et quanto strictius se consideret²⁹⁵ tanto amplius dolet, Materie iusti doloris et interne conpunctionis sunt vitia et peccata nostra quibus ita inuoluti iacemus vt raro celestia contemplari valeamus. [5] Si frequentius de morte tua quam de longitudine vite²⁹⁶ cogitares, non dubium quin feruencius te emendares. Si etiam futuras inferni siue purgatorii penas cordialiter perpenderes, credo quod libenter laborem et dolorem sustineres et nihil rigoris timeres²⁹⁷ Sed quia ad cor ista non transeunt et adhuc blandimenta amamus, Ideo frigidi et valde pigri in tempore²⁹⁸ remanemus, [6] Sepe est inopia spiritus vnde tam leuiter conqueritur miserum corpus. Ora ergo²⁹⁹ humiliter ad dominum vt tibi det conpunctionis spiritum et dic cum propheta Ciba me domine pane lacrimarum et potum da mihi in lacrimis in mensura.

²⁸⁴ TOC-1441: "*Habeas*".

²⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*super te primum...*".

²⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*te ipsum specialiter pre omnibus tibi dilectis*".

²⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*hoc*".

²⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*deceret*".

²⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*religiosum*".

²⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*consolationes*" ausente.

²⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*consolationis*" ausente.

²⁹² TOC-1441 e EV-1483: "*considerat*".

²⁹³ TOC-1441 e EV-1483: "*siue*". Provavelmente, erro de transcrição.

²⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*pensat*".

²⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*sese considerat...*".

²⁹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*vitae tuae...*".

²⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*formidares*".

²⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*in tempore*" ausente.

²⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*igitur*".

De consideratione humane miserie. Capitulum XXII.

[1] Miser es vbicumque fueris et quocunque te vertas³⁰⁰ nisi ad deum te conuertas. Quid turbaris quia non succedit tibi sicut vis et desideras, Quis est qui habet omnia secundum suam voluntatem, nec ego nec tu nec aliquis hominum super terram Nemo est in mundo sine tribulatione aliqua siue³⁰¹ angustia, siue Rex sit siue Papa.³⁰² Quis est qui melius habet vtique qui pro deo aliquid pati valet [2] Dicunt miseri imbecilles et infirmi³⁰³ Ecce quam bonam vitam ille homo habet, quam diues, quam magnus, quam potens et excelsus³⁰⁴ Sed attende ad celestia bona, et videbis quod omnia ista bona³⁰⁵ temporalia nulla sunt sed etiam³⁰⁶ valde incerta et magis grauancia, quia nunquam sine sollicitudine et timore possidentur. Non est felicitas hominis habere temporalia ad habundantiam, sed sufficit ei mediocritas Vere miseria est viuere super terram. Quanto homo voluerit esse spiritualiorum,³⁰⁷ tanto presens vita fit ei amarior,³⁰⁸ quia sentit plenius³⁰⁹ et videt clarius humane corruptiones defectus Nam comedere, bibere, vigilare dormire, quiescere et³¹⁰ laborare et ceteris necessitatibus nature subiacerere Vere magna miseria est et afflictio homini deuoto, qui libenter esset liber et absolutus ab omni peccato. [3] Valde enim grauatur interior homo necessitatibus [sic] corporalibus in hoc mundo, Vnde propheta deuote rogat quatenus³¹¹ liber ab istis esse valeat dicens. De necessitatibus meis erue me domine. Sed ve non cognoscentibus suam miseriam, et amplius. Ve illis qui diligunt hanc miseriam et corruptibilem vitam Nam quidam hanc in tam amplectuntur,³¹² licet etiam vix necessaria laborando aut mendicando³¹³ habeant vt si possent semper hic viuere de regno dei nichil curarent. [4] O insani et infideles corde qui tam profunde in terrenis³¹⁴ iacent, vt nil nisi terrena³¹⁵ sapiant, sed miseri adhuc in fine grauiter sencient, quam vile et nichilum erat quod amauerunt, Sancti autem dei et

³⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*verteris*".

³⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: "*uel*".

³⁰² TOC-1441 e EV-1483: "*quamuis rex sit uel papa*".

³⁰³ TOC-1441 e EV-1483: "*Dicunt multi imbeciles et infirmi*".

³⁰⁴ EV-1483: "*quam diues, quam potens quam excelsus quam magnus et quam pulcher*".

³⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*bona*" ausente.

³⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*etiam*" ausente.

³⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*spiritualior*".

³⁰⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*amarior*".

³⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*melius*".

³¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

³¹¹ TOC-1441: "*quatinus*".

³¹² TOC-1441 e EV-1483: "*Nam in tantum quidam hanc amplectuntur...*".

³¹³ EV-1483: "*meditando*".

³¹⁴ EV-1483: "*terris*".

³¹⁵ TOC-1441: "*ut nihil nisi carnalia sapiant...*"; EV-1483: "*carnalia*".

omnes deuoti amici christi non attenderunt que carni placuerunt nec que in hoc tempore floruerunt, sed tota spes eorum et intencio ad eterna bona anhelabat Totum desiderium ipsorum³¹⁶ ferebatur ad mensuram³¹⁷ et inuisibilia ne amore visibilium traherentur ad infima Noli frater amittere confidentiam proficiendi ad spiritualia, Adhuc habes tempus et horam [5] quare vis procrastinare propositum tuum Surge et in instanti incipe et dic, Nunc tempus est faciendi, nunc tempus est pugnaudi [sic], nunc tempus est³¹⁸ emendandi Quando male habes tribularis³¹⁹ tunc tempus est promerendi Sed³²⁰ te transite³²¹ per ignem et aquam antequam venias in refrigerium nisi tibi vim feceris viciu non superabis Quamdiu istud fragile corpus gerimus sine peccato esse non possumus nec sine tedio et dolore viuere libenter haberemus ab omni miseria quietem, sed quia per peccatum perdidimus innocentiam et³²² amisimus veram beatitudinem, Ideo oportet nos tenere patientiam et expectare dei misericordiam donec transeat iniquitas hec et mortalitas absorbeatur a vita, [6] O quanta fragilitas humana que prona³²³ est ad vitia hodie confiteris peccata³²⁴ et cras iterum perpetras confessa. Nunc proponis cauere et post horam magis³²⁵ agis quasi nihil propusisses Merito ergo nosipsos humiliare possumus ne³²⁶ vnquam aliquid magni de nobis sentire velimus³²⁷ quia tam fragiles et instabiles sumus. Cito etiam potest perdi per negligentiam quod multo labore vix tandem acquisitum est per gratiam, [7] Quid fiet ve nobis³²⁸ adhuc in fine qui te pestimus [sic] tam mane de vobis³²⁹ si sic volumus declinare ad quietem quasi iam pax sit et securitas cum adhuc non appareat³³⁰ vestigium vere sanctitatis in nostra conuersatione Vnde³³¹ opus esset quod adhuc instrueremur iterum tanquam boni nouicii ad mores optimos si forte spes esset de aliqua futura emendatione et maiori profectu spirituali.

³¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*eorum*".

³¹⁷ TOC-1441: "*sursum ad mansura...*"; EV-1483: "*mansura*".

³¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*tempus aptum est...*".

³¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*male habes et tribularis....*".

³²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*Oportet*".

³²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*transire*".

³²² TOC-1441 e EV-1483: "*etiam*".

³²³ TOC-1441 e EV-1483: "*que semper prona...*".

³²⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*peccata tua...*".

³²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*magis*" ausente.

³²⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*nec*".

³²⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*velimus*" ausente.

³²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*de nobis*".

³²⁹ TOC-1441: "*Vae nobis*"; EV-1483: "*Eu nobis*".

³³⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*cum necdum appareat...*".

³³¹ TOC-1441 e EV-1483: "*Bene*".

De meditatione mortis. Capitulum XXIII.

[1] Ualde cito hic³³² tecum erit factum Vide aliter quomodo te hic³³³ habeas Hodie homo est et cras non comparet, Cum autem sublatus fuerit ab oculis etiam cito transit a mente, O [h]ebetudo et duritia cordis humani quod solum presentia meditatur et futura magis non preuidet, Sic te in omni facto et cogitatu debes³³⁴ tenere quasi esses³³⁵ statim moriturus. Si bonam conscientiam haberes non multum mortem timeres Melius esset peccata cauere quam mortem fugere Si hodie non es paratus cras quomodo eris Cras est dies incerta Et quid scis si crastinam³³⁶ habebis [2] Quid prodest diu viuere cum³³⁷ parum emendatur? Ach longa vita non semper emendat sed sepe culpam magis auget Vtinam per vnam diem essemus bene conuersati in hoc mundo Multi annos computant conuersionis sed sepe paruus est fructus emendationis Si formidolosum est mori forsitan periculosius est³³⁸ diucius viuere, Beatus qui horam mortis sue semper ante oculos habet, et ad moriendum cottidie se disponit, Si vidisti aliquando hominem mori cogita quia et tu per eandem viam transibis [3] Cum mane fuerit puta te ad vesperum non peruenturum Vespere autem facto mane non audeas tibi polliceri Semper ergo paratus esto et taliter viue vt nunquam te imparatum mors inueniat. Multi subito et improuise moriuntur, nam hora qua non putatur filius hominis venturus est, Quando illa hora extrema venerit multum aliter sentire incipies de toda vita tua preterita et valde dolebis quod³³⁹ tam negligens et remissus fuisti, [4] Quam felix et prudens qui taliter³⁴⁰ nunc nititur esse in vita qualis optat inueniri in morte, Dabit nanque magnam fiduciam³⁴¹ moriendi perfectus contemptus mundi, feruens desiderium in virtutibus proficiendi, amor discipline, labor penitencie promptitudo obedientie, abnegatio sui, et supportatio cuius libet aduersitatis pro amore Christi; Multa bona potes operari dum sanus es, sed infirmatus nescio quid poteris. Pauci ex infirmitate emendantur³⁴² sicut³⁴³ et qui multum peregrinantur raro sanctificantur. [5] Noli confidere super amicos et proximos, nec

³³² EV-1483: "*hoc*".

³³³ TOC-1441 e EV-1483: "*hic*" ausente.

³³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*deberes*".

³³⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*quase hodie esses...*".

³³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*crastinum*".

³³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*viuere, quando tam parum...*".

³³⁸ TOC-1441: "*erit*".

³³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*quia*".

³⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*taliter*".

³⁴¹ TOC-1441: "*fiduciam feliciter...*"; EV-1483: "*confidentiam faeliciter...*".

³⁴² TOC-1441: "*meliorantur*".

³⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*sic*".

salutem tuam in futurum³⁴⁴ differas quia homines obliuiscuntur³⁴⁵ [sic] tui cicius quam estimas.³⁴⁶ Melius est nunc tempestiue preuidere³⁴⁷ et aliquid boni premittere quam super auxilio aliorum sperare Si non es modo sollicitus pro teipso quis erit pro te sollicitus in futuro: Nunc tempus est valde precisum,³⁴⁸ Sed prochdolor quod hoc vtilius non expendis³⁴⁹ in quo promereri valeas³⁵⁰ vnde eternaliter viuas, veniet quando vnam diem vel horam³⁵¹ pro emendatione desiderabis et nescio an impetrabis, [6] Eiia carissimi de quanto periculo te poteris liberare de quam magno timore eripere si modo semper timoratus fueris et suspectus de morte Stude nunc taliter viuere vt in hora mortis valeas potius gaudere quam timere. Disce nunc mori mundo vt tunc incipias viuere cum christo Disce nunc omnia contempnere vt tunc libere possis ad christum pergere Castiga nunc corpus tuum per penitentiam vt tunc certam valeas habere confidentiam, [7] Ach stulte quid cogitas te victurum diu cum nullum diem habeas securum? Quam multi sunt decepti et inespérate de corpore extracti Quociens audisti a dicentibus, quia ille gladio cecidit, ille submersus est, ille ab alto ruens ceruicem fregit, ille manducaudo [sic] obriguit, ille ludendo finem fecit. Alius igne, alius ferro, alius peste, alius latrocinio interiit,³⁵² et sic finis omnium mors est, et vita hominis³⁵³ tanquam vmbra subito transit.³⁵⁴ [8] Quis memorabitur tui post mortem et quis orabit pro te? Age age nunc carissime quicquid agere potes, quia nescis quando morieris, nescis quicquid post mortem tibi sequitur³⁵⁵ Dum tempus habes congrega diuitias³⁵⁶ immortales Preter salutem tuam nichil cogites, solum que dei sunt [sic] cures; Fac nunc tibi amicos, sanctos dei venerando et eorum actus immitando vt cum defeceris in hac vita illi te recipiant in eterna tabernacula [9] Serua te tanquam peregrinum et hospitem super terram ad quem nichil spectat de mundi negociis, Serua cor tuum³⁵⁷ liberum et securum³⁵⁸ sursum erectum ad deum, quia non habes hic manente ciuitatem. Illuc preces

³⁴⁴ EV-1483: “in futuris”.

³⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: “obliuiscuntur”.

³⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: “tui homines quam estimas”.

³⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: “prouidere”.

³⁴⁸ TOC-1441: “Nunc tempus est valde pretiosum: nunc sunt dies salutis, nunc tempus acceptabile”.

³⁴⁹ EV-1483: “hoc inuitilium expendis...”.

³⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: “vales”.

³⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: “quando vnum diem seu horam...”.

³⁵² EV-1483: “periit”.

³⁵³ TOC-1441 e EV-1483: “hominum”.

³⁵⁴ TOC-1441 e EV-1483: “pertransit”.

³⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: “nescis etiam quid tibi post mortem sequetur”.

³⁵⁶ EV-1483: “congrega tibi diuitias...”.

³⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: “tuum” ausente.

³⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: “securum” ausente.

et gemitus cottidianos dirige cum lacrimis, vt spiritus tuus mereatur ad deum³⁵⁹ post mortem feliciter transire.³⁶⁰

De Iuditio et penis peccatorum. Capitulum XXIII.

[1] In omnibus³⁶¹ respice finem et qualiter ante districtum iudicem stabis cui nihil est occultum que³⁶² muneribus non placatur nec excusaciones recipit, sed quod iustum est iudicabit. O miserrime et insipiens peccator quid respondebis deo, omnia mala tua scienti qui interdum formides³⁶³ vultum hominis irati vt quid non preuides tibi in die iudicii quando nemo poterit per alium excusari vel defendi sed vnusquisque sufficiens onus erit sibiipsi? Nunc labor tuus erit fructuosus, flectus acceptabilis, gemitus exaudibilis dolor satisfactorius et purgatiuus, [2] Magnum habet et salubre purgatorium paciens homo, qui suscipiens iniurias plus dolet de alterius malitia quam de sua iniuria, qui pro contrariantibus sibi libenter orat, et ex corde culpas indulget, qui veniam ab aliis petere non retardat, qui facilius miseretur quam irascitur qui sibiispsi violentiam frequenter facit et carnem omnino spiritui subiugare conatur Melius est modo purgare peccata et vitia resecare quam in futuro purganda reseruare Vere nosipsos decipimus per inordinatum amorem quem ad carnem habemus. [3] Quid aliud ignis ille deuorabit nisi peccata tua? Quanto amplius nunc tibiipsi parcis et carnem sequeris, tanto durius postea lues et maiorem materiam conburendi conseruas,³⁶⁴ In quibus homo peccauit in illis grauius pnnietur [sic]. Ibi accidiosi ardentibus stimulis purgentur³⁶⁵ et gulosi ingenti siti et fame cruciabuntur.³⁶⁶ Ibi luxuriosi et voluptatum amatores ardenti pice et fetido sulphure perfundentur et inuidiosi predolore vllulabunt sicut canes furiosi [4] Nullum viciu[m] est quod suum propriu[m] cruciatu[m] non habebit. Ibi superbi omni confusione replebuntur et auari miserrima egestate artabuntur. Ibi erit vna hora grauior in pena, quam hic centum anni sunt in amarissima penitencia.³⁶⁷ Ibi nulla requies est, nulla consolatio damnatis. Hic tamen interdum cessatur a laboribus atque amicorum fruitur solaciis Esto modo sollicitus et dolens pro peccatis tuis vt in die iudicii securus sis cum

³⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*ad dominum*".

³⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: terminam com "*Amen*".

³⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: "*in omnibus rebus...*".

³⁶² TOC-1441 e EV-1483: "*qui*".

³⁶³ TOC-1441 e EV-1483: "*formidas*".

³⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*reseruas*".

³⁶⁵ TOC-1441: "*perurgentur*".

³⁶⁶ EV-1483: "*et gulosi ingenti fame ac siti cruciabuntur*".

³⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*quam hic centum anni in gravissima paenitentia*".

beatis Tunc, enim, iusti stabunt in magna constancia aduersus eos qui se angustiauerunt et depresserunt. Tunc ille³⁶⁸ stabit ad iudicandum qui modo se subiicit humiliter iudiciis hominum Tunc magnam fiduciam habebunt³⁶⁹ pauper et humilis, et pauebit vndique superbns [sic] [5] Tunc videbitur sapiens in hoc mundo fuisse qui pro christo didicit stultus et despectus esse Tunc placebit omnis tribulatio pacienter perpressa et omnis iniquitas oppilabit os suum Tunc gaudebit omnis deuotus et merebit omnis irreligiosus Tunc plus exultabit caro afflicta quam si in deliciis semper fuisset nutrita Tunc splendeat habitus vilis et obtenebrescet vestis subtilis Tunc plus laudabitur pauperculum domicilium quam deauratum palacium, Tunc plus iuuabit constans patientia quam omnis mundi potencia Tunc amplius exaltabitur simplex obedientia quam omnis secularis astucia [6] Tunc plus letificabit pura et bona conscientia, quam docta philosophia Tunc plus ponderabit contemptus diuitiarum quam totus thesaurus terrigenarum Tunc magis consolaberis super deuota oratione quam super delicata conuestione Tunc potius gaudebis de seruato silentio quam de longa fabulatione, Tunc plus valebunt sancta opera quam multa pulchra verba. Tunc plus valebit³⁷⁰ stricta vita et ardua penitencia, quam omnis delectacio terrena, Disce te³⁷¹ nunc in modico pati vt tunc valeas a grauioribus liberari Hic primo proba quid tunc posses³⁷² pati³⁷³ postea,³⁷⁴ Si modo modica passio te³⁷⁵ tam impacientem efficit quid iehenna tunc faciet? Ecce vere non potes duo gaudia habere, Hic delectare in mundo et postea regnare cum Christo.³⁷⁶ [7] Si vsque in hodiernum diem semper in honoribus et voluptatibus vixisses qui³⁷⁷ totum tibi profuisset, si te³⁷⁸ in instanti mori contingeret: Omnia ergo vanitas preter amare deum et illi soli seruire Qui ergo³⁷⁹ deum ex toto corde amat, nec mortem nec supplicium nec iudicium nec infernum metuit quia perfectus amor securum ad deum accessum facit, Quem autem delectat adhuc peccare, non mirum si mortem et iuditium timeat, Bonum tamen est vt si nec dum amor a malo te reuocat saltem timor iehennalis

³⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*ille*” ausente.

³⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*habebit*”.

³⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*placebit*”.

³⁷¹ EV-1483: “*te*” ausente.

³⁷² TOC-1441 e EV-1483: “*possis*”.

³⁷³ TOC-1441: “*pati*” ausente.

³⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: seguem com a frase, ausente no EA-1471/2: “*Si nunc tam parum non vales sustinere, quomodo poteris tunc aeterna tormenta sufferre?*”.

³⁷⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*te*” ausente.

³⁷⁶ EV-1483: “*regnare in caelo cum christo*”.

³⁷⁷ TOC-1441: “*quid*”.

³⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*iam*”.

³⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*enim*”.

coherceat, Qui vero timorem dei postponit diu in bono stare non valebit sed diabolus laqueos citius incurret.

De feruenti emendatione totius vite nostre. Capitulum XXV.

[1] Esto vigilans et diligenter³⁸⁰ in dei seruitio te exerce³⁸¹ et cogita frequenter ad quid uenisti cur³⁸² seculum reliquisti. Nonne ut deo uiueres et spiritualis fieres³⁸³ Igitur ad profectum ferueas, quia mercedem laborum tuorum recipies³⁸⁴ nec erit tunc amplius dolor aut timor in finibus tuis, Modicum nunc laborabis [sic] et magnam requiem, imo perpetuam leticiam inuenies Si tu permanseris fidelis et feruidus in agendo deus proculdubio erit fidelis³⁸⁵ in retribuendo, Spem bonam retinere debes quod ad palmam peruenies et securitatem capere non oportet ne torpeas aut elatus fias, [2] Cum, enim,³⁸⁶ quidam anxius inter spem et metum frequenter fluctuaret et quadam vice merore confectus in ecclesia ante quoddam altare se prostrauisset³⁸⁷ hec intra se reuoluit dicens, O si scirem quod adhuc perseueraturus essem statimque audiuit intus responsum diuinum, Quod si hoc scires quid facere velles³⁸⁸ fac nunc, quod tunc facere velles et bene securus eris. Mox³⁸⁹ consolatus et confortatus diuine se commisit voluntati et cessauit anxia fluctuatio, Noluit quod³⁹⁰ curiose inuestigare, ut sciret que sibi essent futura, sed magis studuit inquerere³⁹¹ que esset voluntas dei beneplacens, et perfecta ad omne opus bonum inchoandum et perficiendum, [3] Spera in domino et fac bonitatem ait Propheta et inhabita terram et pascaris in diuiciis eius. Vnum est qui³⁹² multos a profectu et feruenti emendatione retrahit, Horror difficultatis seu labor certaminis, Enimuero illi maxime pre ceteris³⁹³ in virtutibus proficiunt qui ea que sibi magis contraria sunt et grauia viriliter³⁹⁴ vincere nituntur Nam ibi homo prius³⁹⁵ proficit et

³⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*diligens*".

³⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: "*te exerce*" ausente.

³⁸² TOC-1441 e EV-1483: "*et cur*".

³⁸³ TOC-1441 e EV-1483: "*spiritualis homo fieres*".

³⁸⁴ TOC-1441: "*in breui recipies...*"; EV-1483: "*in breue recipies...*".

³⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*fidelis et locuplex...*".

³⁸⁶ TOC-1441: "*enim*" ausente.

³⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*se in oratione prostrauisset...*".

³⁸⁸ EV-1483: "*Quid si hoc scires facere velles?*".

³⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*Moxque*".

³⁹⁰ TOC-1441: "*que*"; EV-1483: "*quam*".

³⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*inquirere*".

³⁹² TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

³⁹³ EV-1483: "*pre aliis*".

³⁹⁴ EV-1483: "*viribus*".

³⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*plus*".

gratiam meretur ampliorem vbi magis seipsum vincit et in spiritu mortificat, [4] Sed non omnes habent eque multum ad vincendum et moriendum diligens tamen emulator valentior erit ad proficiendum etiam si plures habeat passiones quam alius bene morigeratus, minus tamen feruens ad virtutes. Duo specialiter ad magnam virtutem iuuant,³⁹⁶ videlicet se subtrahere violenter ad quod³⁹⁷ natura vitiose inclinatur et feruenter instare pro bono quo amplius quis indiget. Illa etiam studeas magis cauere et vincere que tibi frequencius in aliis displicent. [5] Vbiue profectum tuum accipias³⁹⁸ vt si bonum exemplum³⁹⁹ videas vel audias ad imitandum accendaris, Si quid autem reprehensibile consideraveris caue ne idem facias aut si aliquando fecisti cicuius emendare studeas,⁴⁰⁰ Sicut oculus tuus alios considerat sic interim⁴⁰¹ ab aliis notaris, Quam dulce et iocundum est videre feruidos et deuotos fratres bene morigeratos et disciplinatos. Quam triste est et graue videre inordinate ambulantes qui ea ad que vocati sunt non exercent, Quam nociuum est negligere sue vocationis propositum et ad non comissa inclinare sensum [6] Memor esto arrepti propositi et iimaginem crucifixi prepone⁴⁰² tibi, Bene verecundari potest inspecta vita domini nostri⁴⁰³ ihesu Christi et⁴⁰⁴ nec dum magis illi te conformare studuisti, licet diu in via dei fuisti, Religiosus qui se intente et deuote in sanctissima vita et passione domini exercet omnia vtilia et necessaria sibi habundanter ibi inueniet, nec opus est vt extra ihesum aliquid melius querat O si Ihesus crucifixus in cor nostrum veniret quam cito et sufficienter docti essemus, [7] Religiosus feruidus omnia bene portat et capit que illi iubentur Religiosus negligens et tepidus habet tribulacionem super tribulacionem et ex omni parte patitur angustiam quia interiori consolatione caret et exteriorem querere prohibetur Religiosus extra disciplinam viuens graui patitur ruiue.⁴⁰⁵ Et⁴⁰⁶ qui laxiora querit et remissiora semper in angustia⁴⁰⁷ erit quia aut⁴⁰⁸ vnum aut reliquum sibi displicebit [8] Quomodo

³⁹⁶ TOC-1441 e EV-1483: “Duo tamen specialiter ad magnam emendationem iuuant...”.

³⁹⁷ EV-1483: “quid”.

³⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “capias”.

³⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “bona exempla”.

⁴⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: “emendare te studeas...”.

⁴⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: “iterum”.

⁴⁰² TOC-1441: “propone”.

⁴⁰³ EV-1483: “domini nostri” ausente.

⁴⁰⁴ TOC-1441: “quia”.

⁴⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: “gravi ruinae patet”. Como acontece frequentemente no EA-14771, troca-se frequentemente “n” por “u”, significando aqui, portanto, “ruine”.

⁴⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: “Et” ausente.

⁴⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: “in angustis”.

⁴⁰⁸ TOC-1441: “aut” ausente.

faciunt tam multi religiosi qui satis artati⁴⁰⁹ sunt sub disciplina claustrali, Raro exeunt, abstracte viuunt, pauperrime conmedunt, grosse vestinuntur, [sic] multum laborant, parum locuntur, diu vigilant, mature surgunt, orationes prolongant. Frequenter legunt et se in omni disciplina custodiunt Attende Karthusienses, Cistarcienses et diuersi⁴¹⁰ religionis Monachos et Moniales qualiter omni nocte ad psallendum domini assurgunt Et ideo turpe esset⁴¹¹ ut tu deberes in tam sancto opere pigritari,⁴¹² vbi tanta multitudo religiosorum incipit deo iubilare [9] O si nichil faciendum⁴¹³ incuberet nisi dominum deum nostrum toto corde laudare et ore O si nunquam indigeres conmedere et⁴¹⁴ bibere nec dormire sed semper posses deum laudare et solummodo in⁴¹⁵ spiritualibus studiis vacare, tunc multo felitior esses quam modo cum carni ex qualicunque necessitate viuus et⁴¹⁶ seruis Vtinam non essent iste necessitates, sed solummodo⁴¹⁷ spirituales anime refectiones, quas satis⁴¹⁸ raro degustamus [10] Quando homo ad hoc peruenit quod de nulla creatura consolationem suam querit tunc deus ei primo perfecte sapere incipit, tunc etiam bene contentus de omni euentu rerum erit, tunc ne⁴¹⁹ pro magno letabitur nec pro modico contristabitur sed ponit se integre et fiducialiter in deum⁴²⁰ qui est omnia⁴²¹ in omnibus cui nihil vtique perit nec moritur sed omnia ei viuunt et ad nutum iunctanter [sic] deseruiunt [11] Memento semper finis quia⁴²² perditum non redit tempus Vnde⁴²³ sine sollicitudine et diligentia nunquam acquies virtutes. Si incipis tepescere incipis male habere. Si autem dederis te ad feruorem inuenies magnam pacem et sencies leuiorem laborem propter dei gratiam et virtutis amorem Homo feruidus et diligens ad omnia est paratus, Maior labor est in resitendo⁴²⁴ viciis et passionibus quam corporalibus insudare laboribus Qui paruos non deuittat⁴²⁵ defectus paulatim labitur ad maiores. Gaudebis semper de⁴²⁶ vespere si diem expendas fructuose Vigila super

⁴⁰⁹ EV-1483: “*arti*”.

⁴¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*diuersae*”.

⁴¹¹ EV-1483: “*est*”.

⁴¹² EV-1483: “*pigritare*”.

⁴¹³ TOC-1441 e EV-1483: “*nihil aliud faciendum...*”.

⁴¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*nec*”.

⁴¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*in*” ausente.

⁴¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*viuis et*” ausentes.

⁴¹⁷ TOC-1441: “*solum*”.

⁴¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*quas heu satis...*”.

⁴¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*nec*”.

⁴²⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*in deo*”.

⁴²¹ TOC-1441 e EV-1483: “*qui est ei omnia...*”.

⁴²² TOC-1441 e EV-1483: “*finis et quia...*”.

⁴²³ TOC-1441 e EV-1483: “*Vnde*” ausente.

⁴²⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*est resistere*”.

⁴²⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*vitat*”.

⁴²⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*de*” ausente.

teipsum admone teipsum, excita teipsum,⁴²⁷ et quicquid de aliis sit non negligas teipsum, Tantum proficies quantum tibi ipsi vim intuleris.⁴²⁸

Explicit primus liber de imitatione Christi et de contemptu omnium vanitatum mundi.⁴²⁹

Sequitur tabula huius libri primi.

De imitatione christi et de contemtu [sic] omnium vanitatum – I

De humili scientia suiipsius – II

De doctrina veritatis – III

De prudentia in agendis – IIII

De lectione sanctarum scripturarum – V

De inordinatis affectionibus – VI

De vana spe et elatione fugienda – VII

De cauenda nimia familiaritate – VIII

De obedientia et subiiectione – IX

De cauenda superfluitate verborum – X

De pace acquirenda et zelo proficiendi – XI

De vtilitate aduesitatis – XII

De temptationibus resistendis – XIII

De temerario iuditio vitando – XIII

De operibus ex caritate factis – XV

De sufferentia defectuum aliorum – XVI

De monastica vita – XVII

De exemplis patrum – XVIII

De exercitiis boni religiosi – XIX

De amore solitudinis et silentii – XX

De conpunctione cordis – XXI

De consideratione humane miserie – XXII

De meditatione mortis – XXIII

⁴²⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*excita teipsum*” ausente.

⁴²⁸ TOC-1441: termina com “*Amen*”.

⁴²⁹ TOC-1441: “*Expliciunt admonitiones ad spiritualem vitam utiles*”; EV-1483: “*Explicit liber primus*”.

De iuditio et penis peccatorum – XXIII

De feruenti emendatione vite tocius - XXV

II***LIBELLVS AD INTERNA TRAHENTES***

Sequitur secunda pars huius libri qui est de ammonicione ad interna trahentem siue ammocionibus ad interna trahentes.¹

De interna conuersatione. Capitulum primum.²

[1] Regnum dei intra vos est dicit dominus Conuertere in toto corde³ ad dominum et relinque hunc miserum mundum et inueniet anima tua requiem, Disce exteriora contemnere et ad interiora te dare et videbis regnum dei in te venire. Est, enim, regnum dei pax et gaudium in spiritu sancto quod non datur impiis. Veniet ad te christus ostendens tibi consolationem suam si dignam illi ab intus paraueris mansionem. Omnis gloria eius et decor ab intus⁴ et ibi conplacet sibi frequens illi visitacio cum honore interno⁵ dulcis sermocinatio grata consolatio multa pax familiaritas stupenda nimis. [2] Eiiia anima fidelis prepara huic sponso cor tuum quatenus ad te venire et in te habitare dignetur, Sic enim dicit Si quis diligit me sermonem meum seruabit et ad eum veniemus et mansionem apud eum faciemus. Da ergo christo locum et ceteris omnibus nega introitum. Cum christum habueris diues es et sufficit tibi, Ipse erit prouisor tuus et fidelis procurator in omnibus vt non sit opus in hominibus sperare, Homines enim cito mutantur et deficiunt velociter, Christus autem manet in eternum et astat vsque in finem firmiter [3] Non est magna fiducia ponenda in homine mortali et fragili et⁶ si vtilis sit et dilectus neque tristicia multa ex hoc capienda si interdum aduersetur et contradicat. Qui hodie tecum sunt, cras contrariari possunt et econuerso⁷ sepe vt aura vertuntur, Pone totam tuam spem in deo⁸ et sit ipse timor tuus et amor tuus Ipse pro te respondebit et faciet bene sicut melius fuerit, Non habes hic manentem ciuitatem, et vbicunque fueris extraneus es et peregrinus nec requiem aliquando habebis nisi in Christo⁹ intime fueris vnitus. [4] Quid hic circumspicis cum iste non sit locus tue requiecionis In celestibus debet esse habitacio tua et sicut in transitu cuncta terrena sunt respicienda,¹⁰ transeunt omnia et tu pariter cum eis. Vide vt non hereas¹¹ ne capiaris et pereas, Apud altissimum

¹ TOC-1441: "*Incipiunt admonitiones ad interna trahentes*"; EV-1483: "*Incipit secundus [liber]*".

² TOC-1441: "*Capitulum I*".

³ TOC-1441 e EV-1483: "*conuerte te ex toto corde...*".

⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*ab intra est...*".

⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*cum homine interno...*".

⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*etiam*".

⁷ TOC-1441: "*conuerso*".

⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*pone totam fiduciam tuam in domino....*".

⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*nisi christo...*".

¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*aspicienda*".

¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*inhereas*".

sit cogitatio tua et deprecatio tua ad christum sine intermissione dirigatur, Si nescis speculari alta et celestia requiesce in passione christi et in sacris vulneribus eius libenter habita. Si enim ad vul[n]era et preciosa stigmata Ihesu deuote confugis magnam in tribulatione confortacionem sencies nec multum curabis hominum despectiones, faciliterque verba detrahentia¹² perferes, [5] Christus etiam fuit in mundo ab hominibus despectus et in maxima necessitate a notis et amicis inter obprobria derelictus,¹³ Christus habuit aduersarios et oblocutores et tu vis omnes habere amicos et benefactores, Vnde coronabitur patientia tua si nil aduersitatis occurrerit, Si nil contrarium vis pati quomodo eris amicus christi, Sustine te cum Christo et pro Christo si vis regnare cum christo, [6] Si semel perfecte introisses in interiora iesu et modicum de ardenti¹⁴ amore eius¹⁵ sapuisses tunc de proprio commodo vel incomodo nihil curares sed magis de obprobrio illato gauderes, quia amor Ihesu facit hominem seipsum contemnere. Amator Ihesu et verus¹⁶ internus et liber ab affectionibus inordinatis potest se ad deum libere conuertere et eleuare se super seipsum¹⁷ in spiritu et¹⁸ frui quiescere. in eo¹⁹ [7] cui sapiunt omnia pro ut est²⁰ non ut dicunt²¹ aut estimantur hic vere sapiens est et doctus magis a deo quam ab hominibus Qui ab intra scit ambulare et modum²² res ab extra ponderare non requirit loca nec expectat tempora ad habenda exercitia deuota. Homo internus cito recolligit,²³ quia nunquam se totum ad exteriora effundit, Non illi est²⁴ labor exterior, nec²⁵ occupatio ad tempus necessaria, sed sicut res eueniunt sic se illis accomodat Qui intus bonum²⁶ dispositus est ordinatus non curat peruersos et mirabiles hominum gestus. Tantum homo impeditur et distrahit²⁷ quantum sibi res attrahit [8] Si recte tibi esset et bonum²⁸ purgatus esses omnia tibi in bonum cederent et profectum Ideo multa tibi displicent et sepe conturbant quia non es perfecte

¹² EV-1483: “*detrahentium*”.

¹³ TOC-1441e EV-1483 seguem com: “*Christus pati voluit et despici, et tu audes de aliquod conqueri?*”.

¹⁴ TOC-1441: “*de ardente*”.

¹⁵ EV-1483: “*eius*” ausente.

¹⁶ TOC-1441: “*amator Iesu et veritatis...*”.

¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*se supra seipsum....*”.

¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*ac*”.

¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*in eo*” ausente.

²⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*sunt*”.

²¹ TOC-1441 e EV-1483: “*ut dicuntur....*”.

²² TOC-1441 e EV-1483: “*modicum*”.

²³ TOC-1441 e EV-1483: “*cito se recolligit....*”.

²⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*obest*”.

²⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*aut*”.

²⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*bene*”.

²⁷ TOC-1441e EV-1483: “*distrahitur*”.

²⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*bene*”.

tibi²⁹ mortuus nec segregatus ab omnibus terrenis Nihil sic maculat et implicat cor hominis, sicut impurus amor in creaturis Si rennuis consolari exterius poteris speculari celestia et frequenter iubilare interius.

De humili submissione sui.³⁰ Capitulum II.

[1] Non magis preendas³¹ quis pro te vel contra te sit sed hoc age et cura vt tecum deus sit in omni re quam facis. Habeas scientiam³² bonam et deus te bene defensabit Quem, enim, iuuare³³ voluerit nullius peruersitas nocere poterit Si tu scis tacere et pati videbis procul dubio auxilium domini Ipse nouit modum et tempus liberandi te, et ideo debes te illi resignare, dei enim³⁴ est adiuuare et ab omni confusione liberare, Sepe valde prodest ad maiorem humilitatem seruandam³⁵ quod defectus nostros alii sciunt et redarguunt, [2] quando homo pro defectibus suis se humiliat tunc facilius alios placat et leuiter satisfacit, sibi irascentibus Humilem deus protegit et liberat. Humilem diligit et consolatur. Humili homini se inclinat humili largitur gratiam magnam et post suam depressionem leuat ad gloriam humili sua secreta reuelat, et ad se dulciter trahit et inuitat Humilis accepta contumelia et³⁶ confusione satis bene est in pace, quia stat in deo et non in mundo. Non reputes te aliquid profecisse nisi te omnibus inferiorem esse sencias.

De bono pacifico homine. Capitulum III.

[1] Pone³⁷ te primo in pace et tunc poteris alios pacificare Homo pacificus magis³⁸ prodest quam bene doctus, homo passionatus etiam bonum in malum conuertit³⁹ et facilius malum credit Bonus pacificus homo omnia ad bonum trahit⁴⁰ Qui bonum⁴¹ in pace est de nullo suspicatur, qui autem male contentus est et commotus variis

²⁹ TOC-1441: "*quia adhuc non es perfecte tibi...*".

³⁰ TOC-1441: "*De humili submissione*"; EV-1483: "*De humili submissione sub praelati regimini*".

³¹ TOC-1441 e EV-1483: "*pendas*".

³² TOC-1441 e EV-1483: "*conscientiam*".

³³ TOC-1441 e EV-1483: "*adiuuare*".

³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*enim*" ausente.

³⁵ EV-1483: "*conseruandam*".

³⁶ TOC-1441: "*contumelia et*" ausentes.

³⁷ TOC-1441: "*Tene*".

³⁸ EV-1483: "*plus*".

³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*trahit*".

⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*conuertit*".

⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "*bene*".

suspitionibus agitur, nec ipse quiescit, nec alios quiescere permittit Dicit sepe quod omnino⁴² dicere non deberet et obmittit quod sibi facere magis expediret⁴³ Considerat quid⁴⁴ alii facere teneantur⁴⁵ et negligit quid ipse tenetur,⁴⁶ Habe ergo primo zelum super teipsum et zelare⁴⁷ poteris etiam proximum tuum, [2] Tu bene scis facta tua excusare et colorare,⁴⁸ et aliorum excusationes non vis recipere, Iustius vt te excusares⁴⁹ et fratrem tuum excusares Si portari vis porta et alium Vide quam longe es adhuc a vera caritate et humilitate que nulli irasci nouit vel indignari nisi tantum sibi,⁵⁰ Non est magnum cum bonis et mansuetis conuersari Hoc, enim, omnibus naturaliter placet et vnusquisque libenter pacem habet et secum sencientes magis diligit. Si cum duris ac persuersis et indisciplinatis⁵¹ aut nobis contriantibus pacifice possemus⁵² viuere magna gratia⁵³ et laudabile nimis, virilequia factum esset,⁵⁴ [3] Sunt qui seipsos in pacem tenent et cum aliis etiam pacem habent Et sunt qui nec pacem habent nec alios in pace dimittunt. Aliis sunt graues, sed sibiipses⁵⁵ semper grauiore, Et sunt qui seipsos in pace retinent et ad pacem alios reducere student. Est⁵⁶ tamen tota pax nostra in hac misera vita pocius in humili sufferentia ponenda,⁵⁷ quam in non sentiendo contraria. Qui melius scit pati maiorem tenebit pacem Iste est victor sui et dominus mundi amicus christi et heres celi.

De pura mente et simplici intencione. Capitulum IIII.

[1] Duabus aliis subleuatur homo a terrenis,⁵⁸ simplicitate scilicet et puritate Simplicitas debet esse in intencione puritas in affectione Simplicitas intendit deum, puritas

⁴²TOC-1441 e EV-1483: “omnino” ausente.

⁴³TOC-1441 e EV-1483: “quod saepe sibi magis facere expediret”.

⁴⁴EV-1483: “quod”.

⁴⁵TOC-1441 e EV-1483: “tenentur”.

⁴⁶TOC-1441 “teneatur”; EV-1483: “quod ipse facere tenetur”.

⁴⁷TOC-1441: “super te ipsum: et tunc iuste zelare...”; EV-1483: “super temetipsum tunc iuste zelare...”.

⁴⁸EV-1483: “tolerare”.

⁴⁹TOC-1441 e EV-1483: “Iustius esset ut te accusares...”.

⁵⁰EV-1483: “sibiipsi”.

⁵¹TOC-1441: “Sed cum duris et perversis aut indisciplinatis”; EV-1483: “sed cum duris ac peruersis et iudisciplinatis [sic]”, erro de edição.

⁵²TOC-1441 e EV-1483: “posse”.

⁵³TOC-1441 e EV-1483: “gratia est...”.

⁵⁴TOC-1441 e EV-1483: “esset” ausente.

⁵⁵TOC-1441 e EV-1483: “sibi”.

⁵⁶EV-1483: “Et”, talvez erro de edição.

⁵⁷EV-1483: “ponenda est...”.

⁵⁸EV-1483: “terreus”, provavelmente, erro de edição.

apprehendit et gostat Nulla bona actio te impediat,⁵⁹ si liber intus ab inordinato affectu fueris.⁶⁰ Si nichil aliud quam dei placitum⁶¹ et proximi vitilitatem intendis et queris interna libertate perfrueris, Si rectum cor tuum esset tunc omnis creatura speculum vite et liber sancte doctrine esset, non est creatura tam parua et vilis que dei bonitatem non representet, [2] Si tu esses intus bonus et purus tunc omnia sine impedimento videres et bene caperes Cor purum penetrat celum et infernum, Qualis vnusquisque intus natus⁶² est taliter indicat⁶³ exterius. Si est gaudium in mundo hoc vitque possidet puri cordis homo Et si alicubi⁶⁴ tribulatio et angustia hoc melius noiuuit mala conscientia Sicut ferrum missum in ignem amittit rubiginem et totum candens efficitur, Sic homo integre ad deum se conuertens a corpore⁶⁵ exuitur et in nouum hominem transmutatur. [3] Quando homo incipit tepescere tunc paruum metuit laborem et libenter externam recipit⁶⁶ consolationem, Sed quando perfecte incipit se vincere et viriliter in via dei ambulare tunc minus ea reputat que sibi prius grauis⁶⁷ esse senciebat.

De propria consideratione. Capitulum V.

[1] Non debemus⁶⁸ nobisipsis nimis credere, quia sepe nobis gratia deest et sensus Modicum lumen est in nobis et hoc cito per negligentiam amittimus Sepe etiam non aduertimus quod tam ceci intus sumus Sepe male agimus et peius excusamus Passione interdum moriemur⁶⁹ et zelum putamus, Parua in aliis reprehendimus et nostra maiora pertansimus.⁷⁰ Satis cito sentimus et ponderamus quid⁷¹ ab aliis sustinemus. Sed quando⁷² alii de nobis⁷³ aliquid sustinent non aduertimus, Qui bene et recte facta⁷⁴ sua ponderaret non esset quod⁷⁵ de alio grauiter iudicaret. [2] Internus homo suipsius curam

⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*impediat*".

⁶⁰ EV-1483: "*ab omni inordinato affectu fueris*".

⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: "*benepiacitum*".

⁶² TOC-1441 e EV-1483: "*natus*" ausente.

⁶³ TOC-1441 e EV-1483: "*iudicat*".

⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*Est si est alicubi...*".

⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*a torpore*".

⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*accipit*".

⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*grauia*".

⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*possumus*".

⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*et passione interdum mouemur...*".

⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*pertransimus*".

⁷¹ EV-1483: "*quod*".

⁷² TOC-1441 e EV-1483: "*quantum*".

⁷³ EV-1483: "*a nobis*".

⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*facta*" ausente.

⁷⁵ EV-1483: "*quid*".

omnibus curis anteponit, Et qui sibi⁷⁶ diligenter intendit faciliter de aliis tacet, Nunquam eris internus et deuotus nisi de aliis⁷⁷ silueris et teipsum⁷⁸ specialiter respexeris Si tibi et deo totaliter intendis modicum te mouebit quid⁷⁹ foris percipis, Vbi es quando tibiipsi presens non es et quando omnia procurasti⁸⁰ quid tibi neglecto perfecisti.⁸¹ Si vis⁸² habere pacem et vnionem⁸³ oportet quod totum postponas⁸⁴ et te solum pre oculis habeas [3] Multum proinde proficies si te feriatum ab omni cura temporali conserues,⁸⁵ Valde deficies si aliquid temporale reputaueris Nil magnum, nil altum, nil acceptum nil gratum tibi sit nisi pure deus aut quid⁸⁶ de deo fit Totum vanum existima quicquid consolationis occurrit⁸⁷ de aliqua creatura, Amans deum anima sub deo despicit vniuersa, Solus deus eternus et immensus implens omnia solacium anime⁸⁸ et vera cordis leticia.

De leticia bone conscientie. Capitulum VI.

[1] Gloria boni hominis testimonium bone conscientie⁸⁹ habe bonam conscientiam et habebis semper leticiam, Bona conscientia multa⁹⁰ potest portare et valde leta est inter aduersa Mala conscientia semper timida est et inquieta Suauiter requiesces si cor tuum te non reprehendit, Noli letari nisi cum benefeceris, Mali nunquam veram habent leticiam nec internam senciunt pacem quia non est pax impiis dicit dominus Et si dixerint in pace sumus non venient super nos mala⁹¹ ne credas eis quoniam⁹² repente exurget ira dei et in nihilum redigentur actus⁹³ et cogitationes ipsorum⁹⁴ peribunt. [2]

⁷⁶ TOC-1441: “sibi ipsi”.

⁷⁷ TOC-1441 e EV-1483: “de alienis”.

⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: “et ad teipsum...”.

⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: “quod”.

⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: “percurristi”.

⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: “quid te neglecto perfecisti”.

⁸² TOC-1441 e EV-1483: “debes”.

⁸³ TOC-1441 e EV-1483: “vnionem veram...”.

⁸⁴ TOC-1441: “quod totum adhuc postponas”; EV-1483: “quod totum adhuc postpouas...”.

Provavelmente, erro de edição.

⁸⁵ EV-1483: “conserues”. Provavelmente, erro de edição.

⁸⁶ TOC-1441 “quid” ausente.

⁸⁷ TOC-1441: “occurrerit”.

⁸⁸ EV-1483: “solatium est animae...”.

⁸⁹ EV-1483: “bonae conscientiae est...”.

⁹⁰ EV-1483: “Bona conscientia valde multa...”.

⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: segue com “et quis nobis nocere audebit?”.

⁹² EV-1483: “quam”.

⁹³ TOC-1441 e EV-1483: “actus eorum...”.

⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “eorum”.

Gloriari in tribulatione non est graue amanti Sic, enim, gloriari oportet in cruce domini⁹⁵
 Breuis gloria est qui ab hominibus datur et accipitur⁹⁶ Mundi gloriam semper sequitur⁹⁷
 tristitia, Bonorum gloria in conscienciis eorum et non in ore hominum, Iustorum leticia
 de deo et non⁹⁸ in deo est et gaudium eorum de veritate, Qui veram et eternam gloriam
 desiderat temporalem non curat Et qui temporalem requirit⁹⁹ gloriam aut non ex animo
 contemnit minus amare conuincitur celestem Magnam habet cordis tranquillitatem, qui
 nec laudes curat nec vituperia [3] Facile erit contentus et placatus¹⁰⁰ cuius conscientia
 munda est, Non est sanctior si laudaris nec vilior si vituperaris.¹⁰¹ Quod es hoc es, nec
 maior dici valeas quando¹⁰² deo teste sis Si attendis quid apud te sis intus non curabis
 quid de te loquantur homines¹⁰³ Homo videt in facie deus autem in corde Homo
 considerat actus,¹⁰⁴ deus vero pensat etiam cogitationes,¹⁰⁵ Bene semper agere et
 modicum de se tenere humilis anime iudicium¹⁰⁶ est. Nolle consolari ab aliqua creatura
 magne puritatis et interne fidei signum¹⁰⁷ est [4] Qui nullum extrinsecus pro se
 testimonium querit liquet quod totaliter se deo commisit Non enim qui seipsum
 commodat¹⁰⁸ ille probatus est vt¹⁰⁹ ait Apostolis,¹¹⁰ sed quem deus commendat.
 Ambulare cum deo nec¹¹¹ aliqua affectione teneri foris status est interni hominis.

De amore iesu super omnia. Capitulum VII.

[1] Beatus qui intelligit quid sit amare iesum et contemnere seipsum propter iesum
 Oportet dilectum pro dilecto relinquere quia ihesus vult super¹¹² omnia amari Dilectio
 creature fallax est, et instabilis dilectio Ihesu fidelis et perseuerabilis, qui adheret

⁹⁵TOC-1441: “sic enim gloriari est gloriari in cruce”; EV-1483: “sic enim gloriari est in cruce domini gloriari”.

⁹⁶TOC-1441 e EV-1483: “Breuis gloria quae ab hominibus datur et accipitur”.

⁹⁷TOC-1441 e EV-1483: “comitatur”.

⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “non” ausente.

⁹⁹ EV-1483: “querit”.

¹⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: “pacatus”.

¹⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: “Non es sanctior si lauderis nec vilior si vitupereris”.

¹⁰² TOC-1441 e EV-1483: “quam”.

¹⁰³ EV-1483: “homines foris”.

¹⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: “actus”.

¹⁰⁵ TOC-1441: “intentiones”; EV-1483: “deus pensat intentiones”.

¹⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: “iudicium”.

¹⁰⁷ EV-1483: “iudicium”.

¹⁰⁸ TOC-1441 e EV-1483: “commendat”.

¹⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: “vt” ausente.

¹¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: “ait beatus Paulus...”.

¹¹¹ EV-1483: “cum deo intus nec...”.

¹¹² TOC-1441 e EV-1483: “vult solus super...”.

cadit¹¹³ cum labili qui amplectitur iesum firmabitur in eum Illum dilige et amicum tibi retine¹¹⁴ qui omnibus recedentibus te non relinquet¹¹⁵ nec pacietur te¹¹⁶ in fine perire. Ab omnibus oportet te aliquando separari siue velis siue nolis. [2] Teneas te apud iesum viuens et¹¹⁷ moriens, et illius fidelitati te commite qui omnibus deficientibus solus potest te iuuare Dilectus tuus talis est nature vt alienum velit¹¹⁸ admittere sed solus cor¹¹⁹ tuum habere et tanquam rex in proprio throno sedere. Si scires te bene ab omni creatura euacuare. Ihesus deberet libenter tecum habitare pene te¹²⁰ totum perditum inuenies quicquid extra Ihesum in hominibus posueris Non confidas nec innitaris super calamum ventosum quis¹²¹ omnis caro fenum et omnis gloria eius vt flos feni cadet, [3] Cito decipieris si ad externam hominem¹²² apparentiam tamen¹²³ aspexeris Si, enim, tuum in aliis queris solatium et lucrum senties sepe¹²⁴ detrimentum Si queris in omnibus ihesum, inuenies vtique ihesum Si autem queris teipsum inuenies etiam teipsum sed ad tuam perniciem, Plus, enim, homo nociuior est¹²⁵ sibi si Ihesum non querit quam totus mundus et omnes sui aduersarii.

De familiari amicicia ihesu. Capitulum VIII.

[1] Quando ihesus adest tunc¹²⁶ totum bonum est.¹²⁷ Quando vero iesus non adest tunc¹²⁸ totum durum est, Quando iesus intus non loquitur exterior¹²⁹ consolacio vilis est Si autem iesus tantum vnum verbum loquitur magna consolacio sentitur. Nonne Maria magdalena statim surrexit de loco in quo fleuit quando martha dixit¹³⁰ Magister adest et vocat te. Felix homo quem vocat Ihesus de lacrimis ad gaudium spiritus¹³¹ Quam aridus

¹¹³ TOC-1441 e EV-1483: "*qui adheret creatura cadet...*".

¹¹⁴ EV-1483: "*tene*".

¹¹⁵ EV-1483: "*derelinquet*".

¹¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*te*" ausente.

¹¹⁷ TOC-1441: "*ac*".

¹¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*ut alienum non velit...*".

¹¹⁹ TOC-1441: "*sed solus vult cor...*".

¹²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*te*" ausente.

¹²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*quia*".

¹²² TOC-1441 e EV-1483: "*hominum*".

¹²³ TOC-1441: "*tantum*".

¹²⁴ TOC-1441: "*saepius*".

¹²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*est*" ausente.

¹²⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*tunc*" ausente.

¹²⁷ TOC-1441 e EV-1483: seguem com "*nec quicquam difficile videtur*".

¹²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*tunc*" ausente.

¹²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*exterior*" ausente.

¹³⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*quando Martha illi dixit*".

¹³¹ TOC-1441 e EV-1483: "*felix hora, quando ihesus vocat de lacrymis ad gaudium spiritus.*"

et durus es sine ihesu, quam insipiens et vanus es¹³² si cupis aliquid extra Ihesum, Nonne hoc est maius damnum quam si totum perderes mundum, [2] Quid potest tibi¹³³ mundus conferre sine ihesu. Esse sine Ihesu grauis est infernus, et esse cum ihesu dulcis paradisu, Si fuerit tecum Ihesus nullus poterit nocere inimicus Qui inuenit ihesum inuenit thesaurum bonum. Imo bonum super omne bonum, Et qui perdit ihesum perdit nimis multum et plus quam totum mundum,¹³⁴ [3] Magna res¹³⁵ est scire conuersari cum Ihesu, et scire tenere ihesum magna prudentia. Esto humilis et pacificus et erit tecum Ihesus,¹³⁶ Potes cito fugare ihesum et gratiam eius perdere si volueris ad exteriora declinare. Et si illum effugaueris et perdideris ad quem fugies¹³⁷ et quem tunc queres amicum Sine amico non potes bene¹³⁸ viuere Et si ihesus non fuerit amicus tuus pre omnibus amicis¹³⁹ eris nimis tristis et desolatus Fatue igitur agis si in aliquo altero confidis aut¹⁴⁰ letaris Eligendum est magis totum mundum habere contrarium quam Ihesum offensum. [4] Ex omnibus caris¹⁴¹ sit ihesus solus¹⁴² dilectus specialis Diligantur omnes propter ihesum Ihesus autem propter seipsum Solus autem¹⁴³ ihesus singulariter est amandus qui solus bonus et fidelis inuenitur pre omnibus amicis propter ipsum et in ipso tam amici quam inimici sint tibi cari et pro hiis omnibus exorandus est vt omnes ipsum cognoscant et diligant Nunquam cupiant¹⁴⁴ singulariter laudari vel¹⁴⁵ amari, quia hoc solius dei est qui similem sibi non habet. Nec velis quod aliquis secum¹⁴⁶ in corde tuo¹⁴⁷ occupetur, neque cum¹⁴⁸ alicuius alterius¹⁴⁹ occuperis amore Sed sit ihesus in te et in omni bono homine [5] Esto bonus¹⁵⁰ et purus ab intus sine alicuius

¹³² TOC-1441 e EV-1483: “es” ausente.

¹³³ EV-1483: “tibi” ausente.

¹³⁴ TOC-1441 e EV-1483: seguem com “*Pauperrimus est qui viuit sine ihesu: Ditissimus qui bene est cum Iesu.*”.

¹³⁵ TOC-1441 e EV-1483: “ars”.

¹³⁶ TOC-1441: segue com “*Sis devotus et quietus: et manebit tecum Iesus*”; EV-1483: “*Sis deuotus et quietus et permanebit tecum iesus*”.

¹³⁷ EV-1483: “*ad quem tunc fugies?...*”.

¹³⁸ EV-1483: “*diu*”.

¹³⁹ TOC-1441: “*et si Iesus non fuerit tibi prae omnibus amicus...*”; EV-1483: “*amicus*”.

¹⁴⁰ EV-1483: “*et*”.

¹⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: “*ex omnibus ergo caris...*”.

¹⁴² EV-1483: “*solus*” ausente.

¹⁴³ TOC-1441 e EV-1483: “*autem*” ausente.

¹⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*cupias*”. No contexto das frases anteriores e seguintes, o emprego da segunda pessoa, aqui, faz mais sentido, o que induz a crer que “*cupiant*” seja um erro de edição.

¹⁴⁵ EV-1483: “*et*”.

¹⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*tecum*”.

¹⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*suo*”.

¹⁴⁸ TOC-1441: “*neque tu cum...*”; EV-1483: “*neque te cum...*”.

¹⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*cum alicuius occuperis amore...*”.

¹⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*liber*”.

creature impedimento¹⁵¹ Oportet te esse mundum¹⁵² et purum cor ad deum¹⁵³ gerere si vis vacare et videre quam suavis est¹⁵⁴ dominus. Et reuera ad hoc non peruenies nisi gratia dei¹⁵⁵ fueris prouentus¹⁵⁶ et intractus vt omnibus euacuatis et licenciatis solus cum deo¹⁵⁷ vniaris, Quando, enim, gratia dei venit ad hominem tunc potens fit ad omnia et quando recedit tunc pauper et infirmus erit et quasi tantum ad flagella relictus In hiis non debes deici nec desperare sed ad voluntatem¹⁵⁸ equaniter¹⁵⁹ stare et cuncta superuenientia tibi¹⁶⁰ ad laudem iesu christi perpeti, quia¹⁶¹ post noctem dedit¹⁶² dies et post tempestatem magna serenitas.

De carentia omnis solatii. Capitulum IX.

[1] Non est graue humanum contemnere solatium cum adest diuinum. Magnum est et valde magnum tam diuino quam humano posse carere solatio et pro honore dei libenter exilium cordis velle sustinere et in nullo seipsum querere nec ad proprium meritum respicere. Quid magni est¹⁶³ si sis hiilaris et deuotus adueniente gratia Optabilis cunctis hec hora, Suauiter¹⁶⁴ equitat quem gratia dei portat, Et quid mirum si onus non sentit qui portatur ab omnipotente et ducitur a summo ductore [2] Libenter habemus aliquid pro solatio et difficulter exuitur homo a seipso. Vicit sanctus laurencius¹⁶⁵ seculum cum suo sacerdote, quia omne quod in mundo delectabile videbatur despexit et summum¹⁶⁶ dei sacerdotem Sixtum quem maxime diligebat pro amore christi etiam a se tolli clementer ferebat Amore ergo dei creatoris amorem¹⁶⁷ hominis superauit, et pro humano solatio diuinum beneplacitum magis elegit. Ita et tu aliquem necessarium et dilectum amicum pro amore dei disce relinquere, nec grauiter feras cum ab amico derelictus fueris, sciens

¹⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: “*sine alicuius creaturae implicamento*”.

¹⁵² TOC-1441 e EV-1483: “*nudum*”.

¹⁵³ EV-1483: “*ihesum*”.

¹⁵⁴ TOC-1441: “*sit*”.

¹⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*eius*”.

¹⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*praeuentus*”.

¹⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*solo*”.

¹⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*voluntatem Dei...*”.

¹⁵⁹ EV-1483: “*equanimiter*”.

¹⁶⁰ TOC-1441: “*sibi*”.

¹⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: segue com “*post hyemem sequitur aestas...*”.

¹⁶² TOC-1441 e EV-1483: “*redit*”.

¹⁶³ EV-1483: “*es*”.

¹⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*satis suauiter...*”.

¹⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*sanctus martyr Laurentius...*”.

¹⁶⁶ EV-1483: “*summi*”.

¹⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*Amore igitur creatoris amorem...*”.

quam¹⁶⁸ oportet nos tandem omnes abinuicem separari, [3] Multum et diu oportet hominem in seipso decertare¹⁶⁹ antequam [sic]¹⁷⁰ seipsum discat plene superare et totum affectum suum in deum¹⁷¹ trahere Quando homo stat super seipsum¹⁷² facile labitur ad consolationes humanas. Sed verus amator christi et studiosus sectator virtutum non cadit super consolationes¹⁷³ nec querit tales sensibiles dulcedines, Sed magis fortes exercitationes et pro christo duos sustinere labores. [4] Cum ergo¹⁷⁴ spiritualis a deo consolatio datur cum gratiarum actione accipe eam, sed munus dei intellige esse non tuum meritum, Noli extolli¹⁷⁵, noli nimium gaudere nec inaniter presumere sed esto magis humilior ex dono, caucior quoque et timoracior in cunctis actibus tuis, quam¹⁷⁶ transibit hora illa et sequitur¹⁷⁷ temptatio. Cum ablata fuerit consolatio non statim desperes sed cum humilitate et paciencia expecta celestem consolationem¹⁷⁸ quanque¹⁷⁹ potens est deus ampliozem tibi redonare consolationem,¹⁸⁰ Istud non est nouum nec alienum viam dei expertis, quia in magnis sanctis et antiquis prophetis¹⁸¹ fuit sepe talis alternacionis modus [5] Vnde quidam presentem¹⁸² iam gratia dicebat, Ego dixi in habundantia mea non mouebor in eternum, Absente vero gratia¹⁸³ quid in se fuerit expertus adiungit dicens Auertisti faciem tuam a me et factus sum conturbatus, Inter hoc¹⁸⁴ tamen nequaquam desperat, sed instancius dominum rogat et dicit, Ad te domine clamabo et ad deum meu deprecabor Denique orationis sue fructum reportat et se exauditum testatur dicens, Audiuit dominus [sic] et misertus est mei, factus¹⁸⁵ est adiutor meus Sed in quo Conuertisti inquit planctum meum in gaudium mihi et circumdedisti me leticia Si sic factum¹⁸⁶ est cum magnis sanctis non est desperandum nobis infirmis et pauperibus si interdum in frigiditate¹⁸⁷ sumus quam¹⁸⁸ spiritus venit et

¹⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*quoniam*".

¹⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*certare*".

¹⁷⁰ "*antequam*".

¹⁷¹ EV-1483: "*affectum suum plene in deum...*".

¹⁷² EV-1483: "*seipso*".

¹⁷³ EV-1483: "*illas consolationes...*".

¹⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*igitur*".

¹⁷⁵ EV-1483: "*et noli extolli...*".

¹⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*quoniam*".

¹⁷⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*sequetur*".

¹⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*visitationem*".

¹⁷⁹ TOC-1441: "*quoniam*"; EV-1483: "*quia*".

¹⁸⁰ EV-1483: "*redonare gratiam et consolationem*".

¹⁸¹ EV-1483: "*in antiquis prophetis...*".

¹⁸² TOC-1441: "*praesente*".

¹⁸³ EV-1483: "*Absente autem gratia...*".

¹⁸⁴ EV-1483: "*haec*".

¹⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*dominus factus...*".

¹⁸⁶ TOC-1441: "*actum*"; EV-1483: "*et si sic actum...*".

¹⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*si interdum in frigiditate et interdum in feruor...*".

recedit secundum beneplacitum sue voluntatis Vnde beatus iob ait Visitas eum diluculo et subito probas illum [6] Super quid ergo¹⁸⁹ sperare possum¹⁹⁰ aut in quo confidere debeo nisi in sola dei misericordia magna et in sola spe gratie celestis. Siue, enim, assint homines boni siue deuoti fratres vel¹⁹¹ amici fideles siue libri sancti Vel tractatus pulcer¹⁹² siue dulcis cantus et iimni omnia hoc¹⁹³ modicum iuuant modicum¹⁹⁴ sapiunt quando desertus suum a gratia et a propria¹⁹⁵ paupertate derelictus¹⁹⁶ Tunc non est melius remedium, quam patientia et abnegatio mei in voluntate dei, [7] Nunquam inueni aliquam¹⁹⁷ tam religiosum et deuotum qui non habuit¹⁹⁸ interdum gratie subtratactionem aut non senserit feruoris diminucionem; Nullus sanctis¹⁹⁹ fuit tam²⁰⁰ alte raptus et illuminatus qui prius vel postea non fuerit²⁰¹ temptatus Non, enim, dignus est alte dei contemplare²⁰² qui pro deo non est exercitatus aliqua tribulatione. Solet, enim, sequentis consolacionis temptacio precedens esse signum. Nam temptacionibus probatis celeste promittitur regnum²⁰³ Qui vicerit inquit dabo ei edere ligno de vite²⁰⁴ [8] Datur autem²⁰⁵ consolacio diuina vt homo forcior sit ad sustinendum aduersa Sequitur, enim,²⁰⁶ temptacio ne se eleuet de bono non dormit diabolus nec caro adhuc mortua est, Ideo non cesses te preparare ad certamen quia a dextris et sinistris sunt hostes qui nunquam quiescunt.

De gratitudine pro gratia.²⁰⁷ Capitulum X.

[1] Cur²⁰⁸ queris quietem cum natus sis ad laborem, Pone te ad patientiam magis quam ad consolationes, et ad crucem portandum²⁰⁹ magis quam ad leticiam. Quis enim

¹⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*quoniam*".

¹⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*igitur*".

¹⁹⁰ EV-1483: "*possim*".

¹⁹¹ EV-1483: "*et*".

¹⁹² TOC-1441 e EV-1483: "*pulchrī*".

¹⁹³ TOC-1441 e EV-1483: "*haec*".

¹⁹⁴ EV-1483: "*iuuant et modicum...*".

¹⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*in propria...*".

¹⁹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*relictus*".

¹⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*aliquem*".

¹⁹⁸ TOC-1441: "*habuerit*"; EV-1483: "*aliquem religiosum qui non habuerit...*".

¹⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*sanctus*".

²⁰⁰ EV-1483: "*fuit vnquam tam...*".

²⁰¹ EV-1483: "*fuit*".

²⁰² TOC-1441 e EV-1483: "*contemplatione*".

²⁰³ TOC-1441 e EV-1483: "*caelestis promittitur consolatio...*".

²⁰⁴ TOC-1441: "*de ligno vitae*".

²⁰⁵ EV-1483: "*etiam*".

²⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*etiam*".

²⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*De gratitudine pro gratia dei*".

secularium non libenter consolationem et leticiam spiritualem acciperet, si semper obtinere²¹⁰ posset. Precedunt aliter²¹¹ excedunt, enim, spirituales consolationes, omnes mundi delicias, et carnis voluptates, Nam omnes delicie mundane sunt vane aut turpes. Spirituales delicie²¹² sole iocunde sunt²¹³ et honeste ex virtutibus progenite et a deo puris mentibus infuse. Sed istis diuinis consolationibus nemo semper pro suo affectu frui valet quia tempus temptationis non diu cessat. [2] Multum autem²¹⁴ contrariatur superne visitacioni. Falsa libertas animi et magna confidencia sui Deus bene facit consolacionis gratiam dando, sed homo male agit, non totum deus²¹⁵ cum gratiarum actione retribuendo, Et ideo non possunt in nobis dona gratie fluere quia ingrati sumus auctori, nec totum refundimus fontali origini Semper enim debetur gracia digne gratias referenti, et aufertur ab elato quid dari solet homini grato²¹⁶, [3] Nolo consolationem que mihi aufert conpunctionem, nec affecto contemplacionem que ducit in elationem, Nam non omne²¹⁷ altum sanctum, nec omne dulce bonum, nec omne desiderium purum, nec omne carum deo gratum libenter accepto gratiam, Vnde semper²¹⁸ humilior et timoracior inueniar atque ad relinquendum me paracior fiam. Doctus dono gratie et eruditus subtractionis verbere, non²¹⁹ sibi quicquam boni audet²²⁰ attribuere sed potius pauperem²²¹ et nudum confitebitur. Da deo quod²²² dei est et tibi ascribe quid²²³ tuum est Hoc est, deo gratias pro gratia tribue. Tibi autem soli culpam et dignam penam pro culpa deberi sentias. [4] Pone te semper ad infimum et dabitur tibi summum, nam summum non stat sine infimo, Summi sancti ante²²⁴ deum minimi est²²⁵ apud se et quanto gloriosiores tanto in se humiliores, pleni veritate et gloria celesti non inanis²²⁶ glorie cupidi, In deo fundati et confirmati nullo²²⁷ possunt esse elati. Et qui totum deo

²⁰⁸ EV-1483: "*Quid*".

²⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*portandam*".

²¹⁰ TOC-1441: "*optinere*".

²¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*Precedunt aliter*" ausentes.

²¹² TOC-1441 e EV-1483: "*Spirituales vero deliciae...*".

²¹³ TOC-1441 e EV-1483: "*sunt*" ausente.

²¹⁴ EV-1483: "*autem*" ausente.

²¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*deo*".

²¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*et referenti auferetur ab eato quod dari solet humili*".

²¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*Non enim omne...*".

²¹⁸ EV-1483: "*semper*" ausente.

²¹⁹ EV-1483: "*no[n]*".

²²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*audebit*".

²²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*se pauperem...*".

²²² EV-1483: "*quicquid*".

²²³ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

²²⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*apud*".

²²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*sunt*".

²²⁶ TOC-1441: "*non sunt vanae gloriae cupidi*"; EV-1483: "*vanae*".

²²⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*nullo modo...*".

ascribunt quicquid boni acceperunt, abinuicem gloriam non querunt, sed gloriam que a solo deo est volunt, et deum in se et in omnibus sanctis laudari super omnia cupiunt et semper in idipsum tendunt [5] Esto ergo²²⁸ gratus pro minimo²²⁹ et eris dignus maiora arripere,²³⁰ Sit tibi minimum etiam pro maximo et magis contemptibile pro speciali dono, Si dignitas datoris inspicitur nullum datum paruum aut nimis²³¹ vile videbitur Non enim purum²³² est quid²³³ a summo deo donatur, etiam si penas et verbera dederit²³⁴ gratum esse debet quia semper pro salute nostra facit, quicquid nobis aduenire permittit. Qui gratiam dei retinere desiderat sit gratus pro gratia²³⁵ data paciens pro sublata. Oret vt redeat cautus sit et humilis ne amittat.

De paucitate amatorum crucis christi²³⁶ Capitulum XI.

[1] Habet ihesus nunc multos amatores sui regni celestis sed paucos baiolatores sue crucis Multos habet desideratores consolationis sed paucos tribulationis Plures inuenit socios mense, sed paucos abstinentie, Omnes cupiunt cum eo gaudere, sed pauci cum eo aliquid sustinere.²³⁷ Multi ihesum secuntur vsque ad fractionem panis, sed pauci vsque ad bibendum calicem passionis, Multi miracula eius venerantur sed²³⁸ pauci ignominiam crucis secuntur, Multi ihesum diligunt quam diu aduersa eis²³⁹ non contingunt, Multi illum laudant et benedicunt quam diu consolationes ab eo percipiunt.²⁴⁰ Si autem ihesus se absconderit et modicum eos relinquerit²⁴¹ aut in querimoniam aut²⁴² in deictorem²⁴³ nimiam cadunt [2] Qui autem ihesum propter ihesum et non propter suam aliquam consolationem diligunt²⁴⁴ ipsum in omni²⁴⁵ tribulacione et angustia²⁴⁶ cordis sicut in

²²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "igitur".

²²⁹ EV-1483: "in minimo...".

²³⁰ TOC-1441 e EV-1483: "accipere".

²³¹ EV-1483: "munus".

²³² TOC-1441 e EV-1483: "paruum".

²³³ TOC-1441 e EV-1483: "quod".

²³⁴ EV-1483: "donauerit".

²³⁵ EV-1483: "gratia dei...".

²³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "De paucitate amatorum crucis ihesu."

²³⁷ TOC-1441: "pauci volunt pro eo aliquid sustinere"; EV-1483: "Omnes volunt cum christo gaudere, sed pauci volunt per ipso aliquid sustinere".

²³⁸ TOC-1441: "sed" ausente.

²³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "eis" ausente.

²⁴⁰ TOC-1441: "consolationes aliquas ab ipso percipiunt"; EV-1483: "consolationes aliquas ab ipso recipiunt".

²⁴¹ TOC-1441: "reli[n]querit"; EV-1483: "relinqueret".

²⁴² TOC-1441: "vel".

²⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "deiectionem".

²⁴⁴ EV-1483: "et non propter suam aliquam consolationem propriam diligunt...".

²⁴⁵ EV-1483: "in omni" ausente.

summa consolatione benedicunt Et si nunquam eis consolationem vellet dare ipsum tamen semper laudarent et semper gratias agere vellent, [3] O quantum potest amor ihesu purus, nullo proprio amore vel commodo permixtus Nonne omnes mercenarii sunt dicendi qui consolationes semper querunt. Nonne amatores sui magisquam christi probantur qui sua conmoda et²⁴⁷ lucra semper meditantur vbi inuenitur talis qui velit deo seruire gratis [4] Raro inuenitur tam spiritualis aliquis qui omnibus sit nudatus, Nam verum pauperem spiritu et ab omni creatura nudum quis inueniet procul et de vltimis finibus precium eius. Si dederit homo omnem substanciam suam pro hac nuditate²⁴⁸ adhuc nihil est Et si fecerit penitenciam magnam adhuc exiguum est Et si apprehendit²⁴⁹ omnem scientiam adhuc longe est Et si habuit²⁵⁰ virtutem magnam et deuotionem nimis ardentem adhuc multum sibi deest se;²⁵¹ vnum quod summe sibi necessarium est²⁵² Quid illud ut omnibus relictis se relinquat et a se totaliter exeat, nihilque de priuato amore retineat. Cunque²⁵³ omnia fecerit que facienda nouerit, nihil se fecisse sentiat, [5] Non grande ponderet quid²⁵⁴ grande estimari possit sed in veritate seruum inutilem pronunciet sicut veritas ait, Cum feceritis omnia que precepta sunt vobis dicite serui²⁵⁵ inutiles sumus Tunc vero²⁵⁶ pauper et nudus spiritu esse poterit et cum propheta dicere Quia vnicus et pauper sum ego Nemo tamen isto ditior nemo potentior nemo liberior est²⁵⁷ qui se et omnia sua relinquere scit et ad infimum se ponere.²⁵⁸

De regia via sancte crucis. Capitulum XII.

[1] Durus multis videtur hic sermo Abnega temetispum tolle crucem tuam et sequere me.²⁵⁹ Sed multo durius erit audire illud extremum verbum, Discedite a me maligni²⁶⁰ in

²⁴⁶ EV-1483: “et in angustia...”.

²⁴⁷ EV-1483: “uel”

²⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: “pro hac nuditate” ausente.

²⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: “apprehenderit”.

²⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: “habuerit”.

²⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: “se” ausente.

²⁵² TOC-1441: “scilicet unum quod summe...”; EV-1483: “vnum scilicet quid summe...”.

²⁵³ EV-1483: “cum”.

²⁵⁴ TOC-1441 e EV-1483: “quod”.

²⁵⁵ EV-1483: “dicite quia serui...”.

²⁵⁶ TOC-1441: “vere”.

²⁵⁷ TOC-1441: “est” ausente.

²⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: “Nemo isto ditior nem tamen liberior, nemo potentior illo qui scit se et omnia relinquere et ad infimum se ponere”.

²⁵⁹ TOC-1441: “sequere Iesum”.

²⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: “maledicti”.

ignem eternum Qui, enim, modo libenter audiunt et secuntur verbum crucis illi²⁶¹ tunc non timebant²⁶² ab audicione eterne damnationis.²⁶³ Hoc signum crucis erit in celo cum dominus ad iudicandum venit²⁶⁴ Tunc omnes serui crucis qui se christo²⁶⁵ conformauerent in vita accedent ad christum iudicem cum magna fiducia. [2] Quid ergo²⁶⁶ times tollere crucem per quam itur ad regnum In cruce salus, in cruce vita, in cruce protectio ab hostibus In cruce infusio superne suauitatis, in cruce robur mentis, in cruce gaudium spiritus,²⁶⁷ in cruce perfectio sanctitatis Non est salus anime nec spes eterne vite nisi in cruce. Tolle ergo crucem tuam²⁶⁸ et sequere me ihesum²⁶⁹ et ibis in vitam eternam, Processit ille baiolans sibi crucem et mortuus est pro te in cruce, vt et²⁷⁰ tu tuam²⁷¹ portes crucem et mori affectes in cruce, quia si commortuus fueris etiam cum illo pariter viues, Et si socius fueris pene, eris et glorie,²⁷² [3] Ecce in cruce totum constat et in moriendo totum iacet. Et non est alia via ad vitam et veram²⁷³ pacem internam nisi via sancte crucis et cottidiane mortificationis. Ambula vbi vis, quere quodcunque volueris et non inuenies altiorem viam supra nec securiorem viam infra, nisi viam sancte crucis. Dispone et ordina omnia secundum tuum velle et videre et non inuenies semper²⁷⁴ aliquid pati debere aut sponte et²⁷⁵ inuite et ita crucem semper inuenires.²⁷⁶ Aut, enim, in corpore dolorem senties aut in anima spiritus tribulationem sustinebis [4] Interdum a deo relinqueris interdum a proximo excitaberis²⁷⁷ et quod²⁷⁸ est amplius tibimetipsi grauis eris, uec [sic] cum²⁷⁹ aliquo remedio vel solatio liberari seu alleuiari poteris, donec deus veluerit oportet vt sustineas,²⁸⁰ Vult enim deus vt

²⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: “illi” ausente.

²⁶² TOC-1441: “timebunt”.

²⁶³ EV-1483: “ab audicione mala aetaerne damnationis.”

²⁶⁴ EV-1483: “venerit”.

²⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: “crucifixo”.

²⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: “igitur”.

²⁶⁷ EV-1483: “gaudium spiritus, in cruce virtus summa...”.

²⁶⁸ EV-1483: “tuam” ausente.

²⁶⁹ TOC-1441: “sequere Iesum...”.

²⁷⁰ EV-1483: “etiam”.

²⁷¹ EV-1483: “tuam” ausente.

²⁷² EV-1483: “socius eris et gloriae”.

²⁷³ TOC-1441 e EV-1483: “ad veram...”.

²⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: “inuenies nisi semper...”.

²⁷⁵ TOC-1441 e EV-1483: “aut”.

²⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: “inuenies”.

²⁷⁷ TOC-1441: “exercitaberis”.

²⁷⁸ EV-1483: “quid”.

²⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: “nec tamen...”.

²⁸⁰ TOC-1441: “sed donec Deus voluerit oportet ut sustineas”; EV-1483: “sed donec deus voluerit oportet quod sustineas”.

tribulationem sine consolatione discas,²⁸¹ vt ille²⁸² te totaliter subiicias et humilior ex tribulatione fias, Nemo ita cordialiter sentit passionem christi, sicut is cum²⁸³ contigerit similia pati, Crux ergo²⁸⁴ semper parata²⁸⁵ et vbique te expectat. Non potes effugere vbicunque cucurreris, quia vbicunque veneris teipsum portas²⁸⁶ et semper teipsum inuenies. Conuerte de supra te,²⁸⁷ conuerte te infra, conuerte te extra, conuerte te intra²⁸⁸ et in omnibus²⁸⁹ inuenies crucem, et necesse est te vbique habere²⁹⁰ pacientiam si internam vis tenere²⁹¹ pacem et perpetuam promereri coronam [5] Si libenter crucem portas portabit te et ducet²⁹² ad desideratum finem, vbi scilicet finis erit paciendi quamuis hic non erit. Si inuite portas onus tibi facis et teipsum magis grauas et tamen oportet vt sustineas Si abiicis vnam crucem aliam proculdubio inuenies et forsitan grauiorem, [6] Credis te²⁹³ euadere quod nullus mortalium potuit prete[r]ire. Quis sanctorum in mundo sine cruce et tribulacione fuit. Nec enim ihesus christus dominus noster vna hora sine dolore passionis fuit quam diu in hoc mundo²⁹⁴ vixit Oportebat ait²⁹⁵ christum pati et resurgere a mortuis et ita intrare in gloriam suam. Et quomodo tu aliam viam queris quam hanc viam regiam, que est via sancte crucis, Tota vita christi crux fuit et martirium, et tu queris²⁹⁶ requiem et gaudium. [7] Erras erras si aliud queris quam tribulationes,²⁹⁷ quia tota vita ista mortalis plena est²⁹⁸ miseriis et circumsignata crucibus, Et quanto alcius quis in spiritu profecerit tanto altiores²⁹⁹ sepe cruces inuenit,³⁰⁰ quia exilii sui pena magis ex amore crescit, Sed tamen iste multipliciter sicut³⁰¹ afflictus non est sine leuamine consolationis, quia fructum sibi maximum³⁰² sentit accrescere ex sufferentia sue crucis [8] Nam dum sponte se illi subicit omne onus

²⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: “sine consolatione pati discas...”.

²⁸² TOC-1441 e EV-1483: “et ut illi...”.

²⁸³ EV-1483: “cu”.

²⁸⁴ EV-1483: “igitur”.

²⁸⁵ EV-1483: “semper parata est...”.

²⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: “teipsum tecum portas....”

²⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: “Converte te supra...”.

²⁸⁸ EV-1483: “conuerte te extra et intra...”.

²⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: “in his omnibus...”.

²⁹⁰ TOC-1441: “tenere”; EV-1483: “vbicunque tenere...”.

²⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: “habere”.

²⁹² EV-1483: “deducet”.

²⁹³ TOC-1441 e EV-1483: “tu”.

²⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “in hoc mundo” ausente.

²⁹⁵ EV-1483: “autem”.

²⁹⁶ EV-1483: “et tu tibi queris...”.

²⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “quam pati tribulationes...”.

²⁹⁸ EV-1483: “est” ausente.

²⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “grauiores”.

³⁰⁰ TOC-1441: “inuenerit”.

³⁰¹ TOC-1441: “sic”; EV-1483: “sicut” ausente.

³⁰² EV-1483: “magnum”.

tribulacionis in fiduciam diuine consolationis conuertit.³⁰³ Et quanto caro magis per afflictionem³⁰⁴ atteritur tanto spiritus amplius per internam gratiam³⁰⁵ roboratur. Et nonnunquam intantum confortatur ex affectu tribulationis et aduersitatis ob amorem conformitatis crucis christi vt se³⁰⁶ sine dolore et tribulatione esse non vellet, quoniam tanto se acceptiorem deo credit quanto plura et grauiora pro te³⁰⁷ perferre potuerit.³⁰⁸ Non est istud³⁰⁹ hominis virtus sed gratia christi que tanta potest et agit in carne fragili, vt quid³¹⁰ naturaliter semper abhorret et fugit hoc feruore spiritus aggrediatur et diligit, [9] Non est secundum hominem crucem portare, crucem amare, corpus castigare et seruituti subicere. Honores fugere contumelias³¹¹ libenter sustinere, seipsum despiciere et despici optare, aduersa queque cum damnis perpeti et nihil prosperitatis in hoc mundo desiderare. Si ad teipsum respicis nihil huiusmodi ex te poteris, sed si in domino confidis dabitur tibi fortitudo de celo et subicientur³¹² ditioni tue mundus et caro. Sed nec inimicum diabolium timebis si fueris fide armatus et cruce christi³¹³ signatus [10] Pone te ergo sicut bonus et fidelis seruus christi ad portandum fideliter³¹⁴ crucem domini tui pro te ex amore crucifixi. Prepara te ad tolleranda multa aduersa et varia incommoda in hac misera vita quia sicut³¹⁵ tecum erit vbicunque fueris, et sicut³¹⁶ reuera inuenies³¹⁷ vbicunque latueris Oportet³¹⁸ ita esse et non est remedium euadendi a tribulatione malorum et dolore quam vt te paciaris Calicem domini affectanter bibe, si amicus³¹⁹ esse et proptem³²⁰ cum eo habere desideras, Consolationes deo committe faciat ipse cum talibus sinc³²¹ sibi magis placuerit Tu vero pone te ad sustinendum tribulationes et reputa eas maximas consolationes, quia non sunt condigne passionis huius temporis ad futuram gloriam promerendam³²² Etiam si solus omnes passionis³²³

³⁰³ TOC-1441 e EV-1483: "conuertitur".

³⁰⁴ EV-1483: "tribulationem".

³⁰⁵ EV-1483: "consolationem".

³⁰⁶ EV-1483: "se" ausente.

³⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: "eo".

³⁰⁸ EV-1483: "poterit".

³⁰⁹ EV-1483: "illud".

³¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "quod".

³¹¹ EV-1483: "contumeliam".

³¹² EV-1483: "subiectur".

³¹³ EV-1483: "ihesu cruce...".

³¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "portandam viriliter...".

³¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "sic".

³¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "sic".

³¹⁷ EV-1483: "reuera eum inuenis...".

³¹⁸ EV-1483: "Oportet te...".

³¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "amicus eius...".

³²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "partem".

³²¹ TOC-1441 e EV-1483: "sicut".

³²² EV-1483: "quae reuelabitur in nobis promerendam."

posses sustinere [11] Quando ad hoc veneris quod tribulatio tibi dulcis est et sapit pro christo tunc bene tecum estima,³²⁴ quia inuenisti paradysum in terra Quam diu pati graue tibi est et fugere queris tam diu male habebis et sequitur³²⁵ te vbicunque³²⁶ fuga tribulationis [12] et³²⁷ ponis te ad quod esse debes videlicet ad paciendum et moriendum fiet cito melius et pacem inuenies Etiam si raptus³²⁸ fueris vsque³²⁹ ad tertium celum³³⁰ cum Paulo non es propterea securatus de nullo contrario paciendo.³³¹ Ego inquit ihesus ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati, Pati ergo tibi remanet si ihesum diligere et perpetue illi seruire placet, [13] Vtinam dignus esses aliquid pro nomine ihesu pati quam magna gloria tibi remaneret, quanta exultacio omnibus sanctis dei, quanta quoque³³² esset edificatio proximi, Nam patientiam omnes recommendant quamuis tamen pauci pati velint, Merito libenter deberes modicum pati pro christo cum multi grauiora paciuntur pro mundo [14] Scito³³³ pro certo quod³³⁴ morientem te oportet ducere vitam Et quanto plus quisquis³³⁵ sibi moritur tanto magis deo viuere incipit Nemo aptus est ad apprehendendum³³⁶ celestia nisi submiserit³³⁷ ad portandum pro christo aduersa Nihil deo acceptius, nihil tibi salubrius in isto mundo quam libenter pati pro christo, E si eligendum tibi esset magis optare deberes pro christo pati aduersa quam multis consolationibus recreari, quia christo similior esses et omnibus sanctis³³⁸ magis conformior, Non enim stat meritum nostrum et profectus status nostri in multis suauitatibus et consolationibus, sed potius in magnis grauitatibus et tribulationibus perferendis [15] Si, enim, melius aliquid³³⁹ et vtilius saluti hominum quam pati fuisset, christus vtique verbo et exemplo ostendisset Nam et frequenter³⁴⁰ se discipulos omnesque eum sequi cupientes manifeste ad crucem portandam hortatur et dicit Si quis vult venire post me abneget semetipsum et tollat crucem suam et sequatur me Omnibus

³²³ TOC-1441 e EV-1483: "*passiones*" ausente.

³²⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*bene tecum esse estima...*".

³²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*sequitur*".

³²⁶ TOC-1441: "*ubique*".

³²⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*s*".

³²⁸ EV-1483: "*etiam et si raptus...*".

³²⁹ EV-1483: "*vsque*" ausente.

³³⁰ EV-1483: "*in tertium caelum...*".

³³¹ EV-1483: "*sustinendo*".

³³² EV-1483: "*quoque*" ausente.

³³³ TOC-1441 e EV-1483: "*Scias*".

³³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*quia*".

³³⁵ EV-1483: "*quisque*".

³³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*ad comprehendendum...*".

³³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*nisi se submiserit...*".

³³⁸ EV-1483: "*omnibus sanctis eius...*".

³³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*Si quidem aliquid melius...*".

³⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*sequentes*".

ergo perlectis et scrutatis sit hoc³⁴¹ conclusio finalis Quam³⁴² per multas tribulaciones oportet nos intrare regnum dei.³⁴³

Explicit liber secundus de imitatione christi scilicet de ammonitionibus ad interna trahentis.³⁴⁴

Sequitur tabula huius libri secundi.

De interna conuersatione – I.

De humili submissione sui – II.

De bono pacifico homine – III.

De pura mente et simplici intentione – IIII.

De propria consideratione – V.

De leticia bone conscientia – VI.

De amore ihesu super omnia – VII.

De familiari amicicia ihesu – VIII.

De carentia omnis solatii – IX.

De gratitudine pro gratia – X.

De paucitate amatorum crucis christi – XI.³⁴⁵

De regia via sancte crucis – XII.

³⁴¹ TOC-1441: “haec”; EV-1483: “ista”.

³⁴² TOC-1441 e EV-1483: “quoniam”.

³⁴³ TOC-1441 e EV-1483: “in regnum Dei”.

³⁴⁴ TOC-1441: “Expliciunt admonitiones ad interna trahentes”; EV-1483: “Explicit liber secundus”.

³⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: “De paucitate amatorum crucis Iesu”.

III**LIBER DE INTERNA CONSOLATIONE CHRISTI**

Incipit tectius liber de imitatione christi qui tractat de interna consolacione christi ad animam fidelem In[cipit] primo capitulo.¹

[1] Audiam quid loquatur in me dominus deus Beata anima que dominum in se loquentem audit et de ore eius consolacionis verbum accipit. Beate aures que venas diuni suspirii² suscipiunt de mundi huius susurracionibus non aduertunt.³ Beate plane aures que non vocem foris sonantem sed intus auscultant veritatem docentem,⁴ Beati oculi qui exterioribus clausi interioribus autem sunt intenti Beati qui interna penetrant et ad accipienda⁵ archana celestia magis ac magis per cottidiana exercitia student⁶ preparare Beati qui deo vacare gesciunt et ab omni impedimento seculi excutiunt,⁷ [2] Animaduerte hec anima mea⁸ et claude sensualitatis tue hostia⁹ vt possis audire quid loqueretur¹⁰ in te dominus deus tuus,¹¹ Hec dicit dilectus tuus,¹² Salus tua ego sum et vita tua¹³ Serua te apud me et inuenies pacem. Dimitte omnia transitoria et¹⁴ quere eterna. Quid est¹⁵ omnia temporalia nisi seductoria Quid¹⁶ iuuant omnes creature si fueris a creatori derelictus,¹⁷ Omnibus ergo abdicatis creatori tuo te redde placidum¹⁸ ac fidelem ut veram valeas apprehendere beatitudinem.

Quod veritas intus loquitur sine strepitu verborum. Capitulum II.

[1] Loquere domine quia audit seruus tuus. Seruus tuus sum ego da mihi intellectum ut sciam testimonia tua Inclina cor meum in verba oris tui, fluat ut ros eloquium meum¹⁹ Dicebant olim filii israel ad moysen, loquere tu nobis et audiemus, non loquatur nobis

¹ TOC-1441: "*Incipit liber internae consolationis./ De interna Christi locutione ad animam fidelem. Capitulum I.*"; EV-1483: "*Incipit tertius [liber]/ locutione ad animam fidelem. Capitulum I.*"

² TOC-1441 e EV-1483: "*susurrii*".

³ TOC-1441 e EV-1483: "*et de mundi huius susurracionibus nihil aduertunt*".

⁴ EV-1483: "*sed interius auscultant veritatem loquentem et docentem*".

⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*capienda*".

⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*exercitia se estudent...*".

⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*saeculi se excutiunt...*".

⁸ EV-1483: "*haec o anima...*".

⁹ TOC-1441: "*ostia*".

¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*loquatur*".

¹¹ EV-1483: "*tuus*" ausente.

¹² TOC-1441: "*Hec dicit dilectus tuus*" ausente.

¹³ TOC-1441 e EV-1483: "*Salus tua ego sum, pax tua et vita tua...*".

¹⁴ TOC-1441: "*et*" ausente.

¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*sunt*".

¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*Et quid*".

¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*deserta*".

¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*placidam*".

¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*eloquium tuum*".

dominus ne forte moriamur Non sic, non sic domine oro sed magis cum samuele prophete²⁰ humiliter ac desideranter obsecro, Loquere domine quia audit seruus tuus, Non loquatur mihi Moyses vt²¹ aliquis ex prophetis, sed tu potius loquere domine deus inspirator et illuminator omnium prophetarum quia tu solus sine eis potes me perfecte imbuere Illi autem sine te nihil proficient [2] Possunt quidam verba sonare sed spiritum non conferunt Pulchritudinem per lucernam dicunt,²² sed te tacente cor non accendunt, Litteras tradunt sed tu sensum aperis Misteria proferunt sed tu reseras intellectum signatorum Mandata edicunt sed tu iuuas ad perficiendum Viam ostendunt, sed tu confortas ad ambulandum, Illi foris tantum agunt sed tu corda instruis et illuminas Illi exterius rigant sed tu fecunditatem donas Illi clamant verbis, sed tu auditui intelligentiam tribuis [3] Non ergo loquatur mihi moyses sed tu domine deus meus eterna veritas ne forte moriar et sine fructu efficiar, Si fuero tamen foris ammonitus et intus non accensus ne sit mihi ad iudit[i]um verbum auditum et non factum cognitum nec amatum creditum et non seruatum Loquere ergo²³ domine quia audit seruus tuus Verba, enim, eterne vite habes loquere mihi ad quaecunque anime mee consolationem et ad tocius vite mee emendacionem, tibi autem ad laudem²⁴ et gloriam et perpetuum honorem.

Quod verba dei cum humilitate sunt audienda et quod multi ea non ponderant. Capitulum III.

[1] Audi fili²⁵ verba mea suauissima omnem philosophorum sapientiam et huius mundi scientiam excedentia²⁶ uerba mea spiritus et vita sunt nec humano sensu pensanda Non sunt ad vanam complacenciam trahenda sed in silentio audienda et cum omni humilitate atque magno affectu suscipienda Et dixi Beatus quod²⁷ tu erudieris domine et de lege tua docueris eum Vt mitiges ei a diebus malis et non desoletur in terra Ego inquit dominus docui prophetas ab initio vsque²⁸ nunc non cesso omnibus loqui, sed multi ad vocem meam surdi sunt et duri [2] Plures mundum libencius audiunt quam deum Facilius secuntur carnis sue appetitum quam beneplacitum dei, promittit mundus temporalia et

²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*propheta*".

²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*aut*".

²² TOC-1441: "*Pulchriter dicunt...*"; EV-1483: "*Pulcherrime dicunt...*".

²³ TOC-1441 e EV-1483: "*igitur*".

²⁴ EV-1483: "*ad laudem*" ausente.

²⁵ EV-1483: "*fili mi...*".

²⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*omnem philosophorum et sapientium huius mundi scientiam axcedentia.*"

²⁷ TOC-1441: "*Beatus quem...*"; EV-1483: "*Beatus est quem...*".

²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*ab initio et vsque...*".

parua et seruitur ei auiditate magna, Ego promitto summa et eterna et torpescunt mortalia²⁹ corda. Quis tanta cura mihi seruit³⁰ et obedit sicut mundo et dominus ei³¹ seruitur, Erubescit Sydon et³² mare et si causam queris audi quare pro modica prebenda longa via curritur, pro eterna vita³³ vix a multis pes semel a terra leuatur Vile procium³⁴ queritur pro vno nummismate interdum temporaliter³⁵ litigatur pro vana re et parua promissione die nocteque³⁶ fatigare non timetur, [3] sed pro chdolor³⁷ pro bono incommutabili pro premio inestimabili pro summo honore et gloria interminabili vel ad modicum fatigari pigritatur, Erubescit ergo serue piger et querulose quod illi paratiores inueniuntur ad perdicionem quam tu ad vitam Gaudent illi amplius ad vanitatem quam tu ad veritatem, Equidem a spe sua nonnunquam frust[r]antur, sed promissio mea neminem fallit nec confidentem mihi dimittit in anem³⁸ Quod si³⁹ promisi dabo, quod dixi implebo, si tamen vsque in finem fidelis in dilectione mea quia⁴⁰ permanserit Ego remunerator sum omnium honorum⁴¹ et fortis probator omnium deuotorum [4] Scribe verba mea in corde tuo et perfecta⁴² diligenter erunt, enim, in tempore tribulationis⁴³ valde necessaria Quod non intelligis cum legis cognosces, in die visitacionis dupliciter soleo dilectus⁴⁴ meos visitare, temptatione scilicet et consolatione, et duas lectiones eis cottidie lego, vnam increpando vitia eorum, alteram exhortando ad virtutum incrementa. Qui habet verba mea et sper[n]it ea habet qui iudicet eum in nouissimo die.

²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*mortalium*".

³⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*Quis tanta cura mihi in omnibus seruit...*".

³¹ TOC-1441 e EV-1483: "*dominis eius*".

³² TOC-1441 e EV-1483: "*ait*".

³³ EV-1483: "*et pro aeterna vita*".

³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*precium*".

³⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*turpiter*".

³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*noctuque*".

³⁷ TOC-1441: "*pro pudor...*".

³⁸ TOC-1441 e V-1483: "*inanem*".

³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*si*" ausente.

⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*quis*".

⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "*bonorum*".

⁴² TOC-1441 e EV-1483: "*pertracta*".

⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*tentationis*".

⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*electos*".

Oratio ad implorandum deuotionis gratiam. Capitulum III.⁴⁵

[1] Domine deus meus omnia bona mea tu est.⁴⁶ Et quis ego sum ut audeam ad te loqui Ego sum pauperrimus seruus⁴⁷ tuus et abiectus vermiculus, multo pauperior⁴⁸ quam scio et dicere audeo. Memento tamen domine, quia nihil sum, nihil habeo nihilque valeo Tu solus bonus iustus et sanctus tu omnia potes, omnia prestas, omnia imples, solum peccatorem manere⁴⁹ relinquens. Reminiscere miserationum tuarum⁵⁰ et imple cor meum gratia tua, qui non vis vacua esse opera tua [2] Quomodo possum me tollerare in hac misera vita nisi me confortaueris gratia tua.⁵¹ Noli auertere faciem tuam a me noli visitacionem tuam prolongare. Noli consolationem tuam abstrahere ne fiat anima mea sicut terra siue⁵² aqua tibi Domine doce me facere voluntatem tuam, doce me coram te digne et humiliter conuersari quia sapientia mea tu es, qui in veritate me cognoscis et cognouisti antequam fieret mundus et antequam natus essem in mundo.

Quod in veritate et humilitate coram deo conuersandum⁵³ est. Capitulum V.⁵⁴

[1] Filii ambula coram me in veritate et in⁵⁵ simplicitate cordis tui quare me super,⁵⁶ Qui ambulat coram me in veritate tutabitur ab incursibus malis, et veritas liberabit eum a seductionibus [sic] et detractionibus⁵⁷ iniquorum Si veritas te liberauerit vere liber eris et non curabis de vanis hominum verbis Domine verum est sicut dicis Ita queso me[c]um fiat, Veritas tua me doceat, Ipsa me custodiat et vsque ad salutarem finem me conseruet,⁵⁸

⁴⁵ TOC-1441: oração dentro do capítulo III. A partir deste capítulo, as EA-1471/2 e EV-1483 apresentam uma numeração distinta de TOC-1441, identificando os capítulos por um número acima. Por esse motivo, a numeração dos parágrafos, estabelecida por Henrique Sommalius sob o texto do manuscrito autógrafo, identifica essa oração em continuidade com o capítulo anterior. Considerando o estabelecimento da transcrição sob outra versão do texto, adaptamos os parágrafos para corresponderem com os capítulos da EA-1471/72. Assim, os parágrafos 1 e 2 deste capítulo IV correspondem aos 5 e 6 do capítulo III das versões baseadas no manuscrito autógrafo, a exemplo de TOC-1441.

⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: “es”.

⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: “seruulus”.

⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: “multo pauperior et contemptibilior...”.

⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: “inanem”.

⁵⁰ EV-1483: “miserationum tuarum domine...”.

⁵¹ TOC-1441: “nisi me confortaueris misericordia et gratia tua?”; EV-1483: “nisi me confortauerit misericordia et gratia tua...”.

⁵² TOC-1441 e EV-1483: “sine”.

⁵³ EV-1483: “conuersadam”.

⁵⁴ TOC-1441: “Capitulum III”.

⁵⁵ EV-1483: “in” ausente.

⁵⁶ TOC-1441: “semper”.

⁵⁷ EV-1483: “a detractionibus”.

⁵⁸ TOC-1441: “me” ausente; EV-1483: “conducat”.

Ipsa me liberet ab omni affectione mala et inordinata dilectione et ambulo tecum in magna cordis leticia et libertate⁵⁹ [2] Ego te docebo ait veritas que recta sunt et placida coram me Cogita peccata tua cum displicentia magna et merore, et nunquam te reputes aliquid esse propter opera tua,⁶⁰ Reuere peccatores et multis passionibus obnixus et implicatus,⁶¹ Ex te semper ad nihil intendis,⁶² cito laberis,⁶³ cito vinceris, cito turbaris, cito dissoluis⁶⁴ Non habes⁶⁵ quicquam vnde possis gloriari, sed multa vnde te debeas⁶⁶ vilificare, quia multo infimior es quam vales comprehendere, [3] Nil ergo tibi magnum videatur, ex omnibus que agis nil grande nil preciosum et admirabile nil reputacione appareat dignum, nil altum nil vere laudabile et desiderabili⁶⁷ nisi quid⁶⁸ eternum est. Placeat tibi super omnia eterna veritas, displiceat tibi semper tua maxima vilitas,⁶⁹ Nil sic timeas, sic vituperes⁷⁰ et fugias sicut vicia et peccata tua que magis displicere debent tibi quam quolibet rerum damna actum,⁷¹ Quidam vero⁷² non sincere coram me ambulant sed quadam curiositate et arrogantia ducti volunt secreta mea scire et alta dei intelligere se et suam salutem negligentes. Hii sepe in magnas temptationes et peccata propter tuam⁷³ superbiam et curiositatem me eis aduersante, labuntur [4] Time iuditia dei, expauescere⁷⁴ iram omnipotentis, Noli autem discutere opera altissimi, sed tuas iniquitates perscrutare in quantis deliquisti, et quam multa bona neglexisti Quidam portant deuotionem in verbis et in libris, quidam vero in iimaginibus. Quidam autem in figuris exterioribus et signis.⁷⁵ quidam habent me in ore sed modicum corde,⁷⁶ Sunt alii⁷⁷ qui intellectu illuminati et affectu purgati ad eterna semper anhelant de terrenis grauiter audiunt necessitatibus

⁵⁹ TOC-1441: “*et ambulabo tecum in magna cordis libertate...*”; EV-1483: “*in magna cordis libertate...*”.

⁶⁰ TOC-1441: “*opera bona*”.

⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: “*Reuera peccator es et multis passionibus obnoxius et implicatus...*”.

⁶² TOC-1441 e EV-1483: “*tendis*”.

⁶³ EV-1483: “*et cito laberis*”.

⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*dissolueris*”.

⁶⁵ EV-1483: “*habebis*”.

⁶⁶ EV-1483: “*debes*”.

⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*desiderabile*”.

⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*quod*”.

⁶⁹ EV-1483: “*displiceat tibi super omnia vilitas maxima tua...*”.

⁷⁰ EV-1483: “*nihil sic vituperis...*”.

⁷¹ TOC-1441: “*quae magis displicere debent quam quaelibet rerum damna.*”; EV-1483: “*quae magis displicere debent quod quaelibet rerum damna...*”.

⁷² TOC-1441 e EV-1483: “*vero*” ausente.

⁷³ Provável erro de edição, embora EV-1483 concorde com AE-1471/72. TOC-1441: “*suam*”.

⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*expauesce*”.

⁷⁵ TOC-1441: “*Quidam solum portant suam deuotionem in libris; quidam in iimaginibus; quidam autem in signis exterioribus et figuris.*”; EV-1483: “*Quidam solum portant suam deuotionem in libris et quidam in iimaginibus; quidam autem in signis exterioribus et figuris*”.

⁷⁶ TOC-1441: “*est in corde.*”; EV-1483: “*in corde*”.

⁷⁷ EV-1483: “*Sunt et alii...*”.

nature dolenter inseruiunt, et hii sentiunt quid spiritus veritatis loquitur in eis, quia⁷⁸ docet eos terrena despicere et amare celestia, mundum negligere et celum tota die ac nocte desiderare.

De mirabili effectum diuini amoris. Capitulum VI.⁷⁹

[1] Benedico te o⁸⁰ pater celestis, Pater domini mei ihesu christi quia mei pauperis dignatus es recordari O pater misericordiarum et deus totius consolationis, gratias tibi ago⁸¹ qui me indignum omni consolacione quandoque recreas tua consolatione Benedico te semper et glorifico cum vnigenito filio tuo et spiritu sancto paraclito in secula seculorum Eiia domine deus amator sancte meus cum tu veneris in cor meum exultabunt omnia interiore⁸² mea Tu es gloria mea et exultacio cordis mei Tu es⁸³ spes mea et refugium meum in die tribulationis mee. [2] Sed quia debilis⁸⁴ sum in amore et imperfectus in virtute, ideo necesse habeo a te confortari et consolari, propterea visita me sepius et instrue me in disciplinis sanctis,⁸⁵ libera me a passionibus malis et sana cor meum ab omnibus affectionibus inordinatis⁸⁶ vt intus sanatus et bene [p]urgatus aptus fiam⁸⁷ ad amandum fortis ad paciendum, stabilis ad perseuerandum. [3] Magna res est amor magnum omnino bonum quid⁸⁸ solum leue facit omne onerosum et fert equaliter omne inequale. Nam onus sine onere portat et omnem amarum dulce et⁸⁹ sapidum efficit Amor ihesu nobilis ad magna operanda impellit, et ad desideranda semper perfectiore⁹⁰ excitat Amor vult sursum⁹¹ nec vllis rebus infimis retineri. Amor vult esse liber et ab omni mundana affectione alienus, ne intimus eius impediatur affectus,⁹² ne per aliquod commodum temporale implicaciones sustineat aut per incomodum succumbat. Nihil dulcius est amore nihil forcius nihil alcius, nihil lacius, nihil iocundius, nihil plenius, nihil

⁷⁸ EV-1483: "qui".

⁷⁹ TOC-1441: "*Capitulum V*".

⁸⁰ TOC-1441: "o" ausente.

⁸¹ TOC-1441: "ago" ausente.

⁸² TOC-1441 e EV-1483: "*interiora*".

⁸³ TOC-1441 e EV-1483: "es" ausente.

⁸⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*Sed quia adhuc debilis...*".

⁸⁵ EV-1483: "*et instrue disciplinis sanctis...*".

⁸⁶ EV-1483: "*inordinatis et vitiis...*".

⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*efficiar*".

⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*ac*".

⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*perfectiora*".

⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*vult esse sursum...*".

⁹² TOC-1441 e EV-1483: "*ne internus eius impediatur aspectus...*".

melius in celo et in terra quia amor ex deo⁹³ natus est nec potest nisi in deo super omnia creata quiescere.⁹⁴ [4] Amor⁹⁵ volat currit et⁹⁶ letatur liber est et non tenetur Dat omnia pro omnibus et habet omnia in omnibus quia in vno summo bono⁹⁷ super omnia quiescit ex quo de⁹⁸ bonum fluit et procedit. Non respicit ad dona sed ad donantem sed⁹⁹ conuertit super omnia bona Amor modum sepe¹⁰⁰ nescit, sed super omnem modum feruescit Amor onus non sentit Labores non reputat plus affectat quam valet, de impossibilitate non causatur, quia cuncta sibi posse et licere arbitratur Valet igitur ad omnia et multa implet et effectum¹⁰¹ mancipat vbi non amans deficit et iacet [5] Amor vigilat et dormiens non dormitat, fatigatus non lassatur, artatus non coartatur¹⁰² territus non conturbatur sed sicut viuens¹⁰³ flamma et ardens facula, sursum erumpit, securere quod¹⁰⁴ pertransi[t]. Si quis amat nouit quid hec vox clamat¹⁰⁵ Magnus clamor in auribus dei est, ipse ardens affectus anime que dicit deus meus amor meus, tu totus meus et ego totus¹⁰⁶ tuus. [6] Dilata me in amore tuo¹⁰⁷ vt discam interiori¹⁰⁸ cordis ore degustare, quam suaue sit amare et in amore liquefieri et natare, Teneor¹⁰⁹ amore vadens supra me pre nimio feruore et stupore, Cantem amoris canticum sequar te dilectum meum in altum. Deficiat in laude tua anima mea iubilans ex amore, Amem te plusquam me, nec me nisi propter te et omnes in te qui vere amant te sicut iubet lex amoris lucens ex te [7] Est amor velox sincerus pius iocundus et amenus fortis paciens fidelis prudens longanimis virilis et seipsum nunquam querens Vbi, enim, seipsum aliquis querit ibi ab amore cadit Est amor circumspectus humilis et rectus non moltis¹¹⁰ non leuis nec vanis intendes rebus Sobrius castus stabilis quietus et in cunctis sensibus custoditus. Et¹¹¹ amor subiectus et obediens prelatis sibi vilis et

⁹³ EV-1483: “a deo”.

⁹⁴ EV-1483: “requiescere”.

⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: “Amans”.

⁹⁶ EV-1483: “et” ausente.

⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “bona”.

⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “omne”.

⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “se”.

¹⁰⁰ EV-1483: “semper”.

¹⁰¹ TOC-1441: “effectui”; EV-1483: “affectui”.

¹⁰² TOC-1441 e EV-1483: “artatur”.

¹⁰³ TOC-1441 e EV-1483: “viuax”.

¹⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: “secureque”.

¹⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: “clamet”.

¹⁰⁶ EV-1483: “totus” ausente.

¹⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: “tuo” ausente.

¹⁰⁸ EV-1483: “interiora”.

¹⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: “Teneor”.

¹¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: “mollis”.

¹¹¹ TOC-1441 e EV-1483: “Est”.

despectus deo deuotus et gratificans fidens¹¹² et sperans semper in eo cum sibi¹¹³ non sapit deus; quia sine dolore non viuitur in amore. [8] Qui non est paratus omnia pati et ad voluntatem stare dilecti, non est dignus amator appellari. Sed¹¹⁴ amantem omnia dura et amare propter dilectum libenter amplecti nec ob contraria accidentia ab eo deflecti.

De mirabili effectu diuini amoris [De probatione veri amoris]. Capitulum VII.¹¹⁵

[1] Fili non es adhuc fortis et prudens amator. Quare domine quia propter modicam contrarietate deficiis a ceptis et nimis auide consolacionem queris Fortis amator stat in temptationibus nec callidis inimici credit persuasionibus Sic¹¹⁶ in prosperis ei placeo, ita nec in aduersis displiceo, [2] Prudens amator non tam donum amantis considerat quam dantis amorem, Affectum potius attendit quam censum et infra dilectum omnia ponit¹¹⁷ Nobilis amator non quiescit in dono sed in me super omne donum, Non est ideo totum perditum si quandoque minus bene de me vel de sanctis meis sentis quam velles. Affectus iste¹¹⁸ bonus et dulcis quem interdum percipis, Affectus est gratie presentis et quidam pregustus proprie celestis.¹¹⁹ Super quo non nimium est¹²⁰ innitendum quia vadit et venit Certare autem aduersus malos inuidentes¹²¹ motus animi suggestionesque¹²² spernere diabolici insigne virtutis est et magni meriti. [3] Non ergo te conturbent aliene fantasie de quacunque materia ingeste, forte serua propositum et intentionem rectam ad deum, Nec est illusio quod aliquando in excessu[m] subito raperis et statim ad insolentis ineptas¹²³ cordis reuerteris. Illas enim inuite magis pateris quam agis et quam diu displicent et reniteris meritum est et non perditio, [4] Scito quod inimicus¹²⁴ omnino nititur impedire desiderium tuum bono¹²⁵ et ab omni bono¹²⁶ exercitio euacuare a sanctorum sed¹²⁷ cultu,

¹¹² TOC-1441: “et gratificus fidens...”; EV-1483: “confidens”.

¹¹³ TOC-1441 e EV-1483: “in eo, etiam cum sibi...”.

¹¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “Oporteret”.

¹¹⁵ Erro de edição. TOC-1441: “De probatione veri amoris. Capitulum VI.”; EV-1483: “De probatione veri amatoris. Capitulum VII.”

¹¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: “Sicut”.

¹¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “omnia data ponit...”.

¹¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “ille”.

¹¹⁹ TOC-1441: “effectus gratiae praesentis est, et quidam praegustus patriae caelestis.”; EV-1483: “patriae caelestis”.

¹²⁰ TOC-1441 e EV-1483: “est” ausente.

¹²¹ TOC-1441 e EV-1483: “incidentes”.

¹²² TOC-1441 e EV-1483: “suggestionemque”.

¹²³ TOC-1441 e EV-1483: “ad ineptias solitas”.

¹²⁴ TOC-1441 e EV-1483: “antiquus inimicus”.

¹²⁵ TOC-1441 e EV-1483: “in bono”.

¹²⁶ TOC-1441: “devoto”; EV-1483: “bono” ausente.

¹²⁷ TOC-1441 e EV-1483: “scilicet”.

a pie¹²⁸ passionis mee memoria, et peccatorum¹²⁹ vtili recordatione, a proprii cordis custodia, et a infirmo proposito¹³⁰ perficiendi in virtute Multas malas cogitationes ingerit vt tedium tibi faciat et horrorem vt te ab¹³¹ oratione reuocet et sacra lectione Displicet sibi humilis confessio, et si posset a communione cessare faceret, Non credas ei neque cures illum licet sepius tibi tetenderit¹³² laqueos sibi imputa cum mala inserit¹³³ et immunda, Dicito illi, Vade inmunde spiritus erusbece miser, valde immundus es qui¹³⁴ talia inseris¹³⁵ auribus meis, Discede a me seductorum pessime non habebis proptem vllam¹³⁶ sed ihesus mecum est¹³⁷ tanquam bellator fortis et tu stabis confusus, Malo mori¹³⁸ et omnem subire penam quam tibi consentire. Tace et obmutesce non audiam te amplius licet plures mihi molliaris¹³⁹ molestias. Dominus illuminatio mea et salus mea quem timebo¹⁴⁰ Si consistant aduersum me castra non timebit [cor] meum,¹⁴¹ Dominus adiutor meus et redemptor meus. **[5]** Certa tanquam miles bonus Et si interdum ex fragilitate corruis, resume vires fortiores prioribus confidens de ampliori gratia mea, et multum precaue de vana¹⁴² complacentia et superbia Propter hoc multi in errorem ducunt¹⁴³ et in cecitatem pene incurabilem quandoque labuntur Sit tibi in cautelam et perpetuam humilitatem ruina hec superboreum de se stulte presumentium.

¹²⁸ TOC-1441 e EV-1483: “a pia”.

¹²⁹ TOC-1441 e EV-1483: “meae memoria, a peccatorum...”.

¹³⁰ TOC-1441: “et in firmo proposito”; EV-1483: “et a firmo proposito”.

¹³¹ TOC-1441: “te” ausente; EV-1483: “te” ausente. “ab” duplicado: “ab ab oratione...”.

¹³² TOC-1441 e EV-1483: “tibi deceptionis tetenderit...”.

¹³³ EV-1483: “ingerit”.

¹³⁴ TOC-1441 e EV-1483: “es tu qui...”.

¹³⁵ TOC-1441 e EV-1483: “infernus”.

¹³⁶ TOC-1441: “Discede a me seductor pessime; non habebis in me partem ullam...”; EV-1483: “non habebis in me partem vllam...”.

¹³⁷ TOC-1441 e EV-1483: “erit”.

¹³⁸ EV-1483: “Malo potius mori...”.

¹³⁹ TOC-1441 e EV-1483: “moliris”.

¹⁴⁰ EV-1483: continua com “Dominus protector vitae meae, a quo trepidabo?”.

¹⁴¹ TOC-1441: “adversus me castra: non timebit cor meum...”; EV-1483: “non timebit cor meum...”.

¹⁴² TOC-1441 e EV-1483: “a vana”.

¹⁴³ TOC-1441 e EV-1483: “ducuntur”.

De occultanda gratia siue¹⁴⁴ humilitatis custodia. Capitulum VIII.¹⁴⁵

[1] Fili vtilius est tibi et securius deuotionis gratiam abscondere, nec in altum te efferre, nec multum ponderare, sed magis teipsum¹⁴⁶ despicere et tanquam indigno datum¹⁴⁷ timere Non est huic affectioni tenacius inherendum qui¹⁴⁸ cicius potest mutari in contrarium, Cogita in gratia quam miser et inops esse soles sine gratia nec est in spiritualis vite¹⁴⁹ profectus cum consolationis habueris gratiam, sed cum humiliter et abnegate pacienter quod¹⁵⁰ tuleris eius, subtractionem Ita quod tunc ab orationis studio non torpeas nec reliqua opera tua ex vsu facienda omnino dilabi permittas, sed sicut melius potueris et intellexeris libenter quod in te est facias, nec propter ariditatem seu anxietatem mentis quam sentis te totaliter negligas [2] Multi, enim, sunt quibus¹⁵¹ cum non bene successerit¹⁵² statim impacientes fiunt aut desides. Non enim est¹⁵³ in potestate hominis via eius sed dei est dari¹⁵⁴ et consolari quando vult et quantum et cui vult¹⁵⁵ sicut sibi placuerit et non nmplius [sic] Quidam incauti seipsos propter deuotionis gratiam destruxerunt quod¹⁵⁶ plus agere voluerunt quam potuerunt, non pensantes sue paruitatis mensuram sed magis cordis affectum sequentes quam rationis iudicium Et quia maiora presumpserunt quam deo placitum fuerit,¹⁵⁷ Id circo [sic] gratiam cito perdiderunt facti sunt inopes et viles relictii qui in celum nidum posuerunt sibi vt humiliati et de pauperati discant non in alis suis volare sed sub pennis eius¹⁵⁸ sperare qui adhuc noui sunt et imperiti in via domini nisi in¹⁵⁹ consilio discretorum se regant faciliter¹⁶⁰ decipi possunt et elidi [3] Qui¹⁶¹ si suum sentire magis sequi quam aliis exercitatis credere volunt erit eis periculosus exitus si tamen retrahi a proprio conceptu non valuerint Raro sibi ipsis

¹⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: “sub”.

¹⁴⁵ TOC-1441: “Capitulum VII.”.

¹⁴⁶ TOC-1441: “nec in altum te efferre, nec multum inde loqui neque multum ponderare; sed magis temet ipsum...”; EV-1483: “temetipsum”.

¹⁴⁷ TOC-1441: “datam”.

¹⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: “quae”.

¹⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: “Nec est in eo tamen spiritualis vitae...”.

¹⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: “pacienterque...”.

¹⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: “qui”.

¹⁵² TOC-1441 e EV-1483: “non bene eis successerit...”.

¹⁵³ TOC-1441 e EV-1483: “Non enim semper est...”.

¹⁵⁴ TOC-1441 e EV-1483: “dare”.

¹⁵⁵ TOC-1441: “quando vult et quantum vult e cui vult...”.

¹⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: “quia”.

¹⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: “fuit”.

¹⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: “meis”.

¹⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: “in” ausente.

¹⁶⁰ EV-1483: “facilius”.

¹⁶¹ TOC-1441: “Quod”.

sapientes ab aliis regi humiliter paciuntur Melius est modicum sapere cum humilitate et parua intelligencia quam magni scienciarum thesauri cum vana complacencia. Melius est tibi minus habere, quam multum vnde posses superbire, Non satis discrete age qui totum¹⁶² leticie tradit, ubliuiscens priscine inopie sue et casti timoris domini qui timet gratiam oblatam amittere nec¹⁶³ etiam satis virtuose sapit qui tempore aduersitatis et cuiuscunque¹⁶⁴ grauitatis desperate¹⁶⁵ se gerit et minus fidenter de me quam oportet recogitat ac sentit, [4] Qui tempore pacis nimis secure¹⁶⁶ esse voluerit, sepe tempore belli nimis deiectus et formidolosus reperietur. Si sciris semper humilis et modicus in te permanere necnon spiritum tuum bene moderari¹⁶⁷ et¹⁶⁸ regere non incideres tam cito in periculum et offensum¹⁶⁹ Consilium bonum est vt feruoris spiritu concepto mediteris quid futurum sit abscedente lumine, Quid¹⁷⁰ dum contigerit recogita et denuo lucem posse renerti [sic] quam ad cautelam tibi, mihi autem ad gloriam ad tempus subtraxi [5] Vtilior est sepe¹⁷¹ talis probacio quam si semper haberes prospera pro tua voluntate, Nam merita non sunt ex hoc existimanda¹⁷² si quis plures visiones aut consolationes habeat Vel si peritus sit in scripturis aut in altiori ponatur gradu, Sed si vere fuerit humilitate fundatus et diuinam caritate repletus si dei honorem pure et integre semper querat si seipsum nihil reputet et in veritate despiciat atque ab aliis etiam despici et humiliari magis gaudeat quam honorari.

De vili estimatione suiipsius in oculis dei. Capitulum IX.¹⁷³

[1] Loquar¹⁷⁴ ad dominum meum cum sim puluis et cinis Si amplius me reputauero ecce tu stas contra me et dicunt testimonium verum iniquitates mee nec possum contradicere Si autem me vilificaui et ad nihilum redegero ab omni¹⁷⁵ propria reputatione defecero atque sicut sum puluerisauero erit mihi propicia gratia tua, et vicina cordi meo lux tua, et

¹⁶² TOC-1441 e EV-1483: "*agit qui se totum...*".

¹⁶³ EV-1483: "*non*".

¹⁶⁴ TOC-1441: "*cuiusque*"; EV-1483: "*cuiusquam*".

¹⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*grauitatis nimis desperate...*".

¹⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*securus*".

¹⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*moderare*".

¹⁶⁸ EV-1483: "*ac*".

¹⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*offensam*".

¹⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*Quod*".

¹⁷¹ EV-1483: "*Utilior est enim saepe...*".

¹⁷² EV-1483: "*estimanda*".

¹⁷³ TOC-1441: "*Capitulum VIII.*".

¹⁷⁴ EV-1483: "*Loquor*".

¹⁷⁵ TOC-1441: "*et ab omni...*".

omnis estimacio quantumcunque¹⁷⁶ minima in valle nihilitalis mee submergetur et peribit in eternum [sic] Ibi ostendis me mihi, quid sum quis fui, et quo deueni,¹⁷⁷ quia nihil sum¹⁷⁸ et nesciui Si mihiipsi relinquo ecce nihil sum,¹⁷⁹ et tota infirmitas, si autem subito me respexeris statim fortis efficio et nouo repleor gaudio. Et mirum valde quod sic repente subleuor et tam benigne a te complector qui proprio pondere semper ad ima feror, [2] facit hoc amor tuus gratus¹⁸⁰ preueniens me et in tam multis subueniens necessitatibus, a grauibz quoque custodiens periculis¹⁸¹ et ab innumeris vt vere dicam eripiens me¹⁸² malis Me siquidem male viuendo perdiidi sed te solum querendo¹⁸³ et pure amando me et te pariter inueni, atque ex amore profundius ad nihilum me redegi. Quia tuo dulcissime¹⁸⁴ facis mecum supra meritum omne et supra id quod¹⁸⁵ audeo sperare vel rogare, [3] benedictus sis deus meus, quia licet ego sim indignus omnibus bonis, tua tamen nobilitas et infinita bonitas nunquam cessat bene facere etiam ingratis et longe a te auersis Conuerte nos ad te vt simus grati humiles et deuoti quod¹⁸⁶ salus nostra tu es virtus et fortitudo nostra.

Quod omnia ad deum sicut ad finem vltimum sunt referenda. Capitulum X.¹⁸⁷

[1] Fili ego debeo esse finis tuus supremus et vltimatus si vere desideras esse beatus Ex hac intencione purgabitur¹⁸⁸ affectus tuus sepius ad seipsum et ad creaturas male curatus¹⁸⁹ Nam si teipsum in aliquo quantis¹⁹⁰ statim in te deficiis et arescis, Omnia ergo ad me principaliter refereas quia ego sum qui omnia dedi Sic singula considera sicut ex summo bono manantia, Nam ad me tanquam ad suum originem cuncta sunt reducenda.¹⁹¹
[2] Ex me pusillus et magnus, pauper et diues tanquam ex fonte viuo aquam hauriunt viuam Et qui mihi sponte et lib[e]re deseruiunt, gratiam pro gratia accipient. Qui autem

¹⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*quantulacunque*".

¹⁷⁷ TOC-1441: "*quid sum quid fui et quo deveni...*"; EV-1483: "*et de quo veni...*".

¹⁷⁸ EV-1483: "*sum*" ausente.

¹⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*sum*" ausente.

¹⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*gratis*".

¹⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: "*custodiens me periculis...*".

¹⁸² TOC-1441: "*me*" ausente.

¹⁸³ TOC-1441 e EV-1483: "*Me siquidem male amando me perdiidi et te solum quaerendo...*".

¹⁸⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*Quia tu o dulcissime...*".

¹⁸⁵ TOC-1441: "*quam*".

¹⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*quia*".

¹⁸⁷ TOC-1441: "*Capitulum IX*".

¹⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*purificabitur*".

¹⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*incuratus*".

¹⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*quaeris*".

¹⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*et ideo ad me tanquam ad suam originem cuncta sunt reducenda*".

extra me voluerit gloriari vel in aliquo priuato bono delectari non stabilietur impediatur et angustabitur¹⁹² Nihil ergo tibi de bono ascribere debes nec alicui homini virtutem attribuas, sed totum est a deo¹⁹³ sine quo nihil habet homo Ego totum dedi ego totum rehabere volo, et cum magna districtione gratiarum actiones requiro [3] Hec est veritas quam fugatur glorie vanitas, Et si intrauerit celestis gloria¹⁹⁴ et vera caritas, non erit aliqua inuidia, nec contractio cordis, neque priuatus amor occupabit Vincit, enim, omnia diuina caritas et dilatat omnes anime vires Si recte sapis in me solo gaudebis, in me solo separabis,¹⁹⁵ quia nemo bonus nisi solus deus qui est super omnia laudandus et benedicendus in omnibus.

Quod spreto mundo dulce est seruire deo. Capitulum XI.¹⁹⁶

[1] Nunc iterum loquor¹⁹⁷ domine et non silebo, dicam in auribus dei mei¹⁹⁸ et regis mei qui est in excelso O quam magna multitudo dulcedinis tue¹⁹⁹ quam abscondisti timentibus te Sed quid es amantibus, quid toto corde tibi seruientibus Vere ineffabilis dulcedo contemplacionis tue quam largiris amantibus te In hoc maxime ostendisti mihi²⁰⁰ dulcedinem caritatis tue, quod²⁰¹ cum non essem fecisti me, et cum errarem longe a te reduxisti me vt seurirem tibi, et precepisti michi²⁰² vt diligam te [2] O fons amoris perpetui quid dicam de te quomodo potero tui obliuisci, qui me²⁰³ dignatus es recordari Etiam post quam constabui et perii fecisti vltram²⁰⁴ omnem spem misericordiam cum seruo tuo et vltram omnem²⁰⁵ meritum gratiam et amicitiam exhibuisti Quid retribuam tibi pro gratia ista, non enim omnibus datum est ut omnibus abdicatis seculo renuncient et monasticam vitam assumant. Nunquid magnum est ut tibi seruiam cui omnis creatura seruire tenetur Non mihi magnum videri debet seruire tibi sed potius hoc magnum mihi

¹⁹²TOC-1441 e EV-1483: "*Qui autem extra me voluerit gloriari uel in aliquo priuato bono delectari, non stabilietur in vero gaudio neque in corde suo dilatabitur: sed multipliciter impediatur et angustabitur*".

¹⁹³ TOC-1441 e EV-1483: "*sed totum da deo...*".

¹⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*gratia*".

¹⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*sperabis*".

¹⁹⁶ TOC-1441: "*Capitulum X.*".

¹⁹⁷ TOC-1441: "*loquar*".

¹⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*dicam in auribus dei mei, domini mei, ...*".

¹⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*tue domine...*".

²⁰⁰ EV-1483: "*mihi*" ausente.

²⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: "*quia*".

²⁰² TOC-1441 e EV-1483: "*michi*" ausente.

²⁰³ TOC-1441 e EV-1483: "*mei*".

²⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*constabui et perii, fecisti vltra...*".

²⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*vltra omne*".

et mirandum²⁰⁶ apparet quod tam pauperem et indignum dignaris in seruum tuum²⁰⁷ recipere et dilectis seruis tuis adunare [3] Ecce omnia tua sunt que habeo et vnde tibi seruo Verumtamen²⁰⁸ tu magis mihi seruis quam ego tibi, Ecce celum et terra que in ministerium²⁰⁹ hominis creasti presto sunt et faciunt cottide quecumque mandasti. Et hoc est parum quin etiam angelos in ministerium hominis ordinasti.²¹⁰ Transcendunt²¹¹ autem hec omnia quia tu ipse homini seruire dignatus es et teipsum daturum ei promisisti, [4] Quid dabo tibi pro omnibus istis milibus bonis, Vtinam possem tibi seruire cunctis diebus vite mee, Vtinam vel vno die dignum tibi²¹² seruicium exhibere sufficerem Vere tu es dignus omni seruitio omni honore et laude eterna Vere dominus meus es et pauper ego seruus tuus qui totis viribus teneor tibi seruire nec vmquam [sic] in laudibus tuis debeo fastidire, Sic volo, sic desidero, vt²¹³ quicquid mihi deest, tu digneris supplere. [5] Magnus honor, magna gloria tibi seruire Et omnia propter te contemnere habebunt enim bonam gratiam²¹⁴ qui sponte se subiiecerunt²¹⁵ tue sanctissime seruituti Inuenient suauissimam spiritus sancti consolationem qui pro amore tuo carnalem abiecerent delectationem,²¹⁶ consequenter magnam mortis²¹⁷ libertatem qui artam pro nomine tuo ingrediuntur viam et omnem mundanam neglexerunt²¹⁸ curam, [6] O grata et iocunda dei seruitus qua homo veraciter efficitur liber et sanctus O sacer status religiosi fam[i]liatus²¹⁹ qui hominem angelis reddit equalem deo placabilem demonibus terribilem et cunctis fidelibus commodabilem²²⁰ O amplectandum et super²²¹ optandum seruicium quo²²² summum promeretur bonum et gaudium acquiritur sine fine mansurum.

²⁰⁶ EV-1483: "*admirandum*".

²⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*tuum*" ausente.

²⁰⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*Verumtamen viceversa...*".

²⁰⁹ EV-1483: "*in ministerio*".

²¹⁰ EV-1483: "*in ministerio hominis creasti et ordinasti*".

²¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*Transcendit*".

²¹² TOC-1441: "*tibi*" ausente.

²¹³ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

²¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*gratiam magnam*".

²¹⁵ TOC-1441: "*subiiecerint*".

²¹⁶ TOC-1441: "*qui pro amore tuo omnem carnalem abiecerint delectationem...*"; EV-1483: "*qui pro amore tuo carnalem abiecerent delectationem*" ausente.

²¹⁷ TOC-1441: "*Consequentur magnam mentis...*"; EV-1483: "*consequentur magnam cordis...*".

²¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*neglexerint*".

²¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*famulatus*".

²²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*commendabilem*".

²²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*O amplectendum et semper...*".

²²² EV-1483: "*quo*" ausente.

Quod desideris²²³ cordis examinanda sunt et moderanda. Capitulum XII.²²⁴

[1] Fili oportet te ad[h]uc multa addiscere que nec dum bene didicisti, que sunt hec domine? Vt desiderium tuum ponas totaliter secundum beneplacitum meum et tuiipsius amator non sis sed mee voluntatis cupidus emulator²²⁵ Desideria te sepe accendunt et vehementer impellunt, sed considera an propter tuum commodum magis mouearis an propter amorem meum,²²⁶ Si ego sum in causa bene contentus eris quomodocunque ordinanauero Si autem de proprio quesito aliquid latet ecce hoc est quid²²⁷ te impedit et grauat [2] Caue ergo ne nimium innitaris super desiderio preconcepto me non consulte²²⁸ ne forte peniteat postea an²²⁹ displiceat quid²³⁰ primo placuit et quasi pro meliori zelasti. Non, enim, omnis affectio que videtur bona statim est sequenda, sed neque contraria²³¹ affectio ad primum fugienda Expedit interdum refrenatione vti etiam in bonis studiis et desideriiis ne per inopportunitatem mentis destructionem²³² incurras, ne aliis per indisciplinationem scandalum generes Vel etiam per resistenciam aliorum subito turberis et corruas [3] Interdum vero oportet violentia vti et viriliter appetitui sensitiuo contraire et²³³ nec aduertere quid velit caro, et quid non velit, sed hoc magis satagare vt subiecta sit etiam nolens spiritui, Et tam diu castigari debet et cogi seruituti subesse donec parata sit ad omnia, paucisque contentari discat et simplicibus delectari, nec contra aliquid inconueniens inusitare.²³⁴

²²³ TOC-1441 e EV-1483: “*desideria*”.

²²⁴ TOC-1441: “*Capitulum XP*”.

²²⁵ EV-1483: “*cupidus amator et aemulator...*”.

²²⁶ TOC-1441: “*sed considera na propter honorem meum na propter tuum commodum magis movearis...*”; EV-1483: “*honorem meum*”.

²²⁷ TOC-1441: “*quod*”.

²²⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*consulto*”.

²²⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*et*”.

²³⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*quod*”.

²³¹ TOC-1441: “*sed neque omnis contraria...*”; EV-1483: “*sed nec omnis contraria...*”.

²³² TOC-1441 e EV-1483: “*distractionem*”.

²³³ TOC-1441 e EV-1483: “*et*” ausente.

²³⁴ TOC-1441: “*nec contra aliquod inconueniens mussitare.*”; EV-1483: “*nec contra aliquod inconueniens murmurare.*”.

De informatione pacientie et luctamine aduersus concupiscentias. Capitulum XIII.²³⁵

[1] Domine vt video,²³⁶ pacientia est michi valde necessaria Multa, enim, in hac vita accidunt contraria Nam qualitercunque ordinauero de pace mea non propter²³⁷ esse sine bello et dolore vita mea, Ita est fili sed volo te non talem querere²³⁸ pacem que temptationibus careat aut contraria non sentiat Sed tunc etiam te pacem esti[m]are inuenisse cum fueris temptationibus²³⁹ exercitatus et in multis contrarietatibus probatus, [2] Si dixeris te non multa posse pati, quomodo tunc sustinebis purgatorii penas²⁴⁰ De duobus malis super minus est eligendum,²⁴¹ vt ergo eterna futura supplitia possis euadere mala presentia studeas pro deo equanimiter tollerare An putas quod homines huius seculi nihil vel²⁴² parum paciantur nec hoc inuenies, Etiam si delicatissimos quesieris Sed habent inquit²⁴³ multas delectationes et proprias secuntur voluntates, Ideoque parum suas ponderant tribulationes estima²⁴⁴ Ita sit vt²⁴⁵ habeant quicquid voluerint sed quamdiu putas durabit [3] Ecce quam admodum²⁴⁶ fumus deficient habundantes in hoc²⁴⁷ seculo et nulla erit recordatio preteritorum gaudiorum Sed et²⁴⁸ cum adhuc viuunt non sine amaritudine et tedio ac timore in eis quiescunt. Ex eadem namque re Vnde sicut delectationem concipiunt, inde doloris pena frequenter iuste illis fit, vt²⁴⁹ quia inordinate delectiones querunt et secuntur non sine confusione et amaritudine eas expellant, [4] O quam breues, quam false, quam inordinate et turpes omnes sunt Verum tamen pre ebrietate et cecitate non intelliguntur²⁵⁰ sed velut muta animalia propter modicum corruptibilis vite delectamentum mortem anime incurrunt Tu ergo post²⁵¹ concupiscentias tuas non eas et a voluntate tua auertere, Delectare in domino et dabit tibi petitiones cordis tui, [5] Etenim si veraciter vis delectari et habundantius a me consolari

²³⁵ TOC-1441: "*Capitulum XII.*".

²³⁶ TOC-1441: "*Domine Deus ut video...*"; EV-1483: "*Domine domine deus ut audio...*".

²³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*potest*".

²³⁸ EV-1483: "*Ita est fili. Non autem volo te talem quaerere...*".

²³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*variis tribulationibus*".

²⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*ignem*".

²⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "*De duobus malis semper minus malum est eligendum...*".

²⁴² EV-1483: "*aut*".

²⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*inquis*".

²⁴⁴ EV-1483 e TOC-1441: "*estima*" ausente.

²⁴⁵ TOC-1441: "*Esto ita sit: ut...*"; EV-1483: "*Esto quod ita sit ut...*".

²⁴⁶ TOC-1441: "*quemadmodum*"; EV-1483: "*quem admodum*".

²⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*hoc*" ausente.

²⁴⁸ EV-1483: "*et*" ausente.

²⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*vnde delectationem concipiunt, sibi inde doloris poenam frequenter recipiunt. Iuste illis fit, et...*".

²⁵⁰ TOC-1441: "*intelligunt*".

²⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: "*Tu ergo fili post...*".

Ecce in contemptu omnium mundanorum et in abscisione omnium infimarum delectacionum erit benedictio tua et copiosa reddetur tibi consolatio, Et quanto plus te ab omnium creaturarum consolatione²⁵² subtraxeris, tanto in me suauiiores et potenciores consolationes inuenies Sed primo non sine quadam tristitia et labore certaminis ad has pertingere²⁵³ obsistet inolita consuetudo. Sed meliori consuetudine deuincetur²⁵⁴ Remurmurabit caro sed feruores spiritus frenabitur²⁵⁵ Instigabit et exacerbabit te²⁵⁶ serpens antiquus sed oratione fugabitur, Insuper labore²⁵⁷ vtili aditus ei magnus obstruetur.

De obedientia humilis subditi ad exemplum christi ihesu. Capitulum XIII.²⁵⁸

[1] Fili qui se subtrahere nititur ab obedientia ipse se subtrahitur²⁵⁹ a gratia Et qui querit habere priuata amittit communia Qui non libenter et sponte suo superiori se subdit signum est quod caro sua non dum²⁶⁰ perfecte sibi obedit sed sepe recalcitrat et murmurat²⁶¹ Disce ergo celeritus²⁶² tuo superiori te submittere, Si carnem tuam optas²⁶³ subiugare, citius nanque exterior²⁶⁴ vincitur inimicus si interior homo non fuerit deuastatus, Non est molestior et peior hostis anime quam tuipse tibi et caro²⁶⁵ non bene concordans spiritui. Oportet omnino²⁶⁶ verum te assumere tuiipsius contemptum si vis preualere aduersus carnem et sanguinem [2] qui²⁶⁷ adhuc nimis inordinate te diligis. Ideo plene te resignare aliorum voluntati trepidans²⁶⁸ Sed quid magnum si tu qui puluis es et nihil propter deum te homni subdis quando ego omnipotens et altissimus qui cuncta creauit ex nihilo me homni propter te humiliter subieci, factus sum omnium humilimus et infimus vt tuam superbiam mea humilitate vinceris Disce obtemperare puluis. Disce te humiliare terra et limus et sub

²⁵² TOC-1441 e EV-1483: “*ab omni creaturarum solacio...*”.

²⁵³ TOC-1441 e EV-1483: “*pertinges*”.

²⁵⁴ TOC-1441 e V-1483: “*deuincetur*”.

²⁵⁵ TOC-1441: “*sed fervore spiritus frenabitur.*”; EV-1483: “*sed feruore spiritus refraenabitur*”.

²⁵⁶ EV-1483: “*te*” ausente.

²⁵⁷ TOC-1441: “*insuper et labore...*”.

²⁵⁸ TOC-1441: “*Capitulum XIII.*”.

²⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*subtrahit*”.

²⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*necdum*”.

²⁶¹ TOC-1441: “*remurmurat*”.

²⁶² TOC-1441 e EV-1483: “*celeriter*”.

²⁶³ TOC-1441 e EV-1483: “*si carnem propriam optas...*”.

²⁶⁴ EV-1483: “*exterius*”.

²⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*et caro*” ausente.

²⁶⁶ EV-1483: “*enim*”.

²⁶⁷ TOC-1441: “*Quia*”.

²⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*trepidans*”.

omnium pedibus incuruare Disce voluntates frangere²⁶⁹ et ad omnium²⁷⁰ subiectionem te dare [3] Exardesce contra te ne paciariis tu tumorem in te viuere sed subiectum et paruulum te exhibe vt omnes homines super te ambulare possunt et sicut lutum platearum conculcare,²⁷¹ Quid habes homo inanis conqueri, quid sordide peccator habes condicere²⁷² exprobrantibus tibi qui tociens deum offendisti et infernum²⁷³ meruisti Sed pepercit tibi oculus meus quod²⁷⁴ preciosa fuit anima tua in conspectu meo vt cognosceres dilectionem meam et gratus semper beneficiis meis existeres, et vt²⁷⁵ ad veram subiectionem et humilitatem te iugiter dares, patienterque proprium contemptum ferres.

De occultis dei iudiciis considerandis ne extollamur in bonis. Capitulum XV.²⁷⁶

[1] Intonas super me iudicia tua domine et timore ac tremore concutis omnia ossa mea et expauescit anima mea valde, Sto attonitus et considero quia celi non sunt mundi in conspectu tuo, Si in angelis reperisti puritatem²⁷⁷ nec tamen pepercisti quid fiet de me, Ceciderunt stelle de celo et ego puluis quid presumo quorum opera videbantur laudabilia ceciderunt ad infima. Et qui commedebant panem angelorum vidi siliquis delectari porcorum [2] Nulla ergo²⁷⁸ sanctitas si manum tuam domine subrahis²⁷⁹ Nulla iuuat fortitudo si conseruare definas Nulla segura castitas si eam non protegas Nulla propria prodest custodia si non assit tua sacra vigilantia Nulla prodest sapiam si gubernare desistas,²⁸⁰ nam relictis mergimur et perimus visitati vero erigimur et viuimus Instabiles quippe sumus sed per te confirmamur tepestimus, sed per te²⁸¹ accendimur [3] O quam humiliter et quam²⁸² abiecte mihi de meipso sciendum²⁸³ est quam nihil perpendendum Si quid boni videor²⁸⁴ habere, O quam profunde submittere me deo sub abissalibus

²⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*voluntates tuas frangere...*".

²⁷⁰ TOC-1441: "*ad omnem*".

²⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: "*Exardesce contra te, nec patiaris tumorem in te viuere sed ita subiectum et paruulum te exhibe ut omnes super te ambulare possint, et sicut lutum platearum conculcare.*".

²⁷² TOC-1441 e EV-1483: "*peccator potes contradicere...*".

²⁷³ TOC-1441: "*et infernum multotiens...*"; EV-1483: "*et totiens infernum...*".

²⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*quia*".

²⁷⁵ EV-1483: "*vt*" ausente.

²⁷⁶ TOC-144: "*Capitulum XIII.*".

²⁷⁷ TOC-1441: "*prauitatem*".

²⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*Nulla est ergo...*".

²⁷⁹ TOC-1441: "*subtrahas*"; EV-1483: "*retrahas*".

²⁸⁰ TOC-1441: "*Nulla prodest sapiam si gubernare desistas*" ausente; EV-1483: "*Nulla sapientia prodest si gubernare desistas...*".

²⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: "*sed a te...*".

²⁸² TOC-1441 e EV-1483: "*quam*" ausente.

²⁸³ TOC-1441 e EV-1483: "*sentiendum*".

²⁸⁴ TOC-1441: "*videar*".

iudiciis, Oportet domine vt nihil aliud me esse inuenio quam nihil et nihil.²⁸⁵ O pondus immensum O pelagus intransitabile²⁸⁶ vbi nihil de me reperio quam in toto nihil Vbi est ergo latebra glorie vbi confidentia de virtute²⁸⁷ concepta Absorpta est omnis gloria vana in profunditate omnium iudiciorum tuorum super me,²⁸⁸ [4] Quid est omnis caro in conspectu tuo, Nunquid gloriabitur lutum contra formantem se, Quomodo potest erigi vaniloquio cuius cor in veritate subiectum est deo Non eum totus mundus eriget²⁸⁹ quem veritas sibi subiecit nec omnium landancium²⁹⁰ ore mouebitur qui totam spem suam in deo firmavit Nam et ipsi qui locuntur ecce omnes nihil Deficient, enim, cum sonitu verborum,²⁹¹ veritas autem domini manet in eternum.

Qualiter standum sit et²⁹² dicendum in omni re desiderabili. Capitulum XVI.²⁹³

[1] Fili sic dicas in omni re, Domine si tibi placitum fuerit fiat hoc ita Domine si fuerit²⁹⁴ honor tuus fiat hoc in nomine tuo, domine si mihi videris expedire et vtile esse probaueris tunc dona²⁹⁵ michi hoc vti ad honorem tuum Sed si mihi nocium fore cognoueris, Nec anime mee saluti prodesse, aufer a me tale desiderium a spiritu sancto, etiam si videatur homini rectum et bonum,²⁹⁶ Difficile est pro vero iudicare vtrum²⁹⁷ spiritus bonus vel²⁹⁸ alienus te impellat ad desiderandum hoc vel illud, an etiam ex proprio mouearis spiritu. Multi in fine sunt decepti qui primo bono spiritu videbantur inducti [2] Igitur semper cum timore dei et cordis humilitate ad desiderandum est quicquid desiderabile²⁹⁹ menti occurrit, maxime³⁰⁰ cum propria resignatione michi totum comittendum est atque dicendum,

²⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: “O quam profunde me submittere debeo sub abyssalibus iudiciis tuis domine, vbi nihil aliud me esse inuenio quam nihil et nihil”.

²⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: “intransnabile”.

²⁸⁷ EV-1483: “de gloria”.

²⁸⁸ TOC-1441: “Absorpta est omnis gloriatio vana, in profunditate iudiciorum tuorum super me.”; EV-1483: “Absorta omnis gloria vana in profunditate iudiciorum tuorum super me.”.

²⁸⁹ EV-1483: “erigeret”.

²⁹⁰ laudancium.

²⁹¹ EV-1483: “et deficiente cum sonito verborum...”.

²⁹² TOC-1441 e EV-1483: “ac”.

²⁹³ TOC-1441: “Capitulum XV.”.

²⁹⁴ EV-1483: “sit”.

²⁹⁵ EV-1483: “da”.

²⁹⁶ TOC-1441: “Nec animae meae saluti prodesse: aufer a me tale desiderium. Non enim omne desiderium est a Spiritu santo: etiam si homini videatur rectum et bonum.”; EV-1483: “nec animae meae saluti prodesse, aufer a me tale desiderium. Non enim omne desiderium a spiritu sancto est, etiam si homini videatur rectum aut bonum”.

²⁹⁷ EV-1483: “an”.

²⁹⁸ TOC-1441: “an”; EV-1483: “aut”.

²⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “et cordis humilitate desiderandum est et petendum quicquid desiderabile...”.

³⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: “maximeque”.

Domine tu scis qualiter melius est, fiat³⁰¹ hoc vel illud qualiter volueris. Da quod³⁰² vis et quantum vis et quando vis Fac mecum sicut vis³⁰³ et sicut magis tibi placuerit et maior honor tuus fuerit. Pone me vbi vis et libere age mecum in omnibus In manu tua sum Gira et reuersa me per circuitum En ego seruus tuus paratus sum³⁰⁴ ad omnia, quoniam non desidero mihi viuere sed tibi vtinam digne et perfecte.

Oratio pro beneplacito dei perficiendo. Capitulum XVII.³⁰⁵

[1] Concede mihi benignissime ihesu gratiam tuam vt mecum sit et mecum laboret mecumque vsque in finem perseueret. Da mihi hoc super³⁰⁶ desiderare et velle, quid³⁰⁷ tibi magis acceptum fuerit³⁰⁸ et carius placet Tu voluntas mea sis³⁰⁹ et mea voluntas tuam semper sequatur et optime ei concordet Sit mihi vnum velle et nolle tecum, nec aliud posse velle aut nolle, nisi quod tu velis et nolis³¹⁰ [2] Da mihi omnibus mori qui³¹¹ in mundo sunt et propter te amare contemni et nesciri in hoc seculo, Da mihi super omnia desiderata in te requiescere³¹² et cor meum in te pacificare Tu vera pax cordis Tu sola requies, Extra te dura sunt omnia et inquieta In hac pace in idipsum, hoc est in te vno summo eterno³¹³ bono dormiam et requiescam Amen.

Quod verum solacium in deo³¹⁴ est quarendum. Capitulum XVIII.³¹⁵

[1] Quidcquid desiderare possum aut³¹⁶ cogitare ad solacium meum, non hic expecto sed in posterum Quod si omnia solatia mundi solus haberem, et omnibus deliciis frui possem,

³⁰¹ EV-1483: “*fac*”.

³⁰² EV-1483: “*quid*”.

³⁰³ TOC-1441 e EV-1483: “*scis*”.

³⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*sum*” ausente.

³⁰⁵ TOC-1441: oração dentro do capítulo XVI, e numeração dos parágrafos em continuidade. Assim, os parágrafos a seguir numerados como 1 e 2 se referem, respectivamente, a 4 e 5 do capítulo XVI das versões baseadas no manuscrito autógrafa. Ver nota 45. A partir daqui, os capítulos de EA-1471/2 e EV-1483 estarão dois números acima dos de TOC-1441.

³⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*semper*”.

³⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*quod*”.

³⁰⁸ TOC-1441: “*est*”; EV-1483: “*fuerit*” ausente.

³⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*Tua voluntas mea sit...*”.

³¹⁰ TOC-1441: “*nisi quod tu vis et nolis.*”; EV-1483: “*nisi quod vis et nolis*”.

³¹¹ TOC-1441 e EV-1483: “*quae*”.

³¹² EV-1483: “*quiescere*”.

³¹³ EV-1483: “*summo et aeterno...*”.

³¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*in solo deo*”.

³¹⁵ TOC-1441: “*Capitulum XVI.*”

³¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*uel*”.

certii est quod diu durare non possem³¹⁷ Vnde non poteris anima mea plene consolari, nec perfecte decreari,³¹⁸ nisi in deo consolatore pauperum ac³¹⁹ susceptore humilium Expecta modicum anima mea expecta diuinum promissum et habebis habundantiam omnium bonorum [sic] celo³²⁰ Si nimis inordinate appetis illa³²¹ presentia, perdes eterna et celestia Sint temporalia in vsu, eterna in desiderio Non potes aliquo bono temporali saciari, quia ad hec stuenda non es creatus.³²² [2] Etiam si omnia creata bona haberes non posses esse felix et beatus,³²³ Sed in deo qui cuncta creauit tota beatitudo³²⁴ et felicitas consistit, non qualis videtur et laudatur a stultis mundi amatoribus Sed qualem expectant boni christi fideles et pregustant interdum spirituales ac misericordes³²⁵ quorum conuersatio est in celis Vanum est et breue omne humanum solatium Beatum et verum solatium quod intus a veritate percipitur Deuotus homo vbique fert secum consolatorem suum ihesum et dicit ad eum Adesto mihi domine ihesu in omni loco et tempore Hec mihi sit consolatio libenter velle carere omni humano solatio Et si tua defuerit consolatio, sit mihi tua voluntas et iusta probatio pro summo solatio. Non enim imperpetuum irascaris, neque in eternum [sic] comminaberis.

Quod omnis sollicitudo in deo statuenda sit.³²⁶ Capitulum XIX.³²⁷

[1] Fili, sine me tecum agere quid³²⁸ volo, ego scio quid expedit³²⁹ tibi, tu cogitas sicut³³⁰ homo, sentis in multis sicut iuadet humanus effectus³³¹ Domine verum est quid³³² dicis Maior est sollicitudo tua pro me quam omnis cura quam ego gerere possum pro me Nimis, enim, casualiter stat qui non proiicit omnem sollicitudinem suam in te, Domine dummodo voluntas mea recta est³³³ firma ad te permaneat Fac de me quicquid tibi placuerit, Non

³¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “certum est quod diu durare non possent”.

³¹⁸ Possível erro de edição. TOC-1441 e EV-1483: “recreari”.

³¹⁹ EV-1483: “et”.

³²⁰ TOC-1441 e EV-1483: “in celo”.

³²¹ TOC-1441: “ista”.

³²² TOC-1441 e EV-1483: “quia ad haec fruenda non es creata”.

³²³ TOC-1441 e EV-1483: “beata”.

³²⁴ TOC-1441 e EV-1483: “beatitudo tua”.

³²⁵ TOC-1441: “ac mundicordes...”; EV-1483: “ac mundi corde...”.

³²⁶ EV-1483: “in deo ponenda sit”.

³²⁷ TOC-1441: “Capitulum XVII.”.

³²⁸ TOC-1441: “quod”.

³²⁹ EV-1483: “expediat”.

³³⁰ EV-1483: “ut”.

³³¹ TOC-1441: “tu sentis in multis sicut humanus suadet affectus”; EV-1483: “...humanus suadet affectus”.

³³² TOC-1441: “quod”.

³³³ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

enim potest esse nisi bonum quicquid de me feceris [2] Si vis me esse in tenebris sis benedictus. Et si me vis esse in luce sis iterum benedictus. Si me dignaris consolari sis benedictus, Et si me vis tribulari sis eque semper benedictus. Fili sic oportet te stare si mecum desideras ambulare.³³⁴ Ita promptus esse debes ad paciendum, sicut ad gaudendum. Ita libenter debes esse inops et pauper sicut plenus et diues. [3] Domine libenter paciar pro te, quicquid volueris venire super me. Indifferenter volo bonum et malum de manu tua, dulce et amarum, lete³³⁵ et triste suscipere, ac³³⁶ pro omnibus mihi contingentibus gratias agere. Custodi me ab omni peccato et non timebo mortem neque³³⁷ infernum, dummodo in eternum [sic] me non proicias, nec deleas de libro³³⁸ vite non mihi nocebit, quicquid tribulationis venerit super me.

Quod temporales miserie exemplo christi equanimiter sunt ferende. [Capitulum] XX.³³⁹

[1] Fili ego descendi de celo pro tua salute. Suscepi tuas misérias non necessitate sed caritate trahente, vt patientiam disceres, et temporales misérias non indignanter ferres. Nam ab hora ortus mei vsque ad exitum in cruce non defuit michi tollerantia dolorum.³⁴⁰ Defectum rerum temporalium magnum habui. Multas querimonias de me frequenter audiui. Confusiones et obprobria benigne sustinui. Pro beneficiis ingratitudinem recepi. Pro miraculis blasphemias. Pro doctrina reprehensiones. [2] Domine quia tu³⁴¹ pácies fuisti in vita tua, in hoc maxime implendo preceptum patris tui. Dignum est, vt ego miserimus³⁴² peccator secundum voluntatem tuam pacienter me sustineam, et donec volueris³⁴³ onus corruptibilis vite pro salute mea portem. Nam et si onerosa sentitur presens vita, tamen facta est per gratiam tuam³⁴⁴ valde meritoria, atque exemplo tuo et sanctorum tuorum vestigiis infirmis tollerabilior et clarior, sed et multo magis consolatoria quam olim in veteri lege fuit,³⁴⁵ cum porta celi clausa persisteret, et obscurior

³³⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*ambulare*”.

³³⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*laetum*”.

³³⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*et*”.

³³⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*nec*”.

³³⁸ EV-1483: “*nec deleas me de libro...*”.

³³⁹ TOC-1441: “*Capitulum XVIII*”.

³⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*doloris*”.

³⁴¹ EV-1483: “*tu*” ausente.

³⁴² TOC-1441: “*misellus*”.

³⁴³ TOC-1441 e EV-1483: “*donec ipse volueris...*”.

³⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*facta est tamen iam per gratiam tuam...*”.

³⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*fuera*”.

etiam via ad celum³⁴⁶ videbatur, quando tam pauci regnum celorum querere curabant Sed neque qui tunc iusti erant et saluandi ante passionem tuam et sacre mortis debitum celeste regnum poterant introire [3] O quantas tibi gratias teneor referre per³⁴⁷ viam rectam et bonam dignatus es mihi et cunctis fidelibus ad eternum regnum tuum ostendere Nam vita tua via nostra, et per sanctam pacientiam ambulamus ad te qui es corona nostra Nisi tu nos precessisses et docuisses, quis sequi curaret Heu quanti longe retro³⁴⁸ manerent, nisi tua preclara exempla inspicerent Ecce adhuc tepestimus, auditis tot signis tuis et doctrinis, Quid fuerit³⁴⁹ si tantum lumen ad sequendum te non haberemus.

De tollerantia iniuriarum et quis verus paciens comprobetur.³⁵⁰ Capitulum XXI.³⁵¹

[1] Quid est quod loqueris fili, Cessa conqueri considerata mea et aliorum sanctorum passione³⁵² Non dum vsque ad sanguinem restisti. Parum est quid³⁵³ tu pareris³⁵⁴ in comparatione eorum, qui tam multa passi sunt, tam fortiter temptati, tam grauiter tribulati, tam multipliciter probati et exercitati. Oportet ergo³⁵⁵ te aliorum grauiora ad mentem reducere vt leuius feras tua minima Et si tibi minima non videntur vide ne tibi³⁵⁶ hoc faciat tua impacientia. Siue tamen parua siue magna sint, stude cuncta pacienter sufferre.³⁵⁷ [2] Quanto melius ad paciendum te disponis, tanto sapientius agis et amplius promeris, feres quod leuius animo et vsu, ad hoc non segniter preparatis.³⁵⁸ Nec dicas non valeo hec³⁵⁹ ab homine tali pati, nec hui[us]cemodi mihi pacienda sunt Graue, enim, intulit damnum mihi³⁶⁰ que nunquam cogitaueram, sed ab alio libenter paciar et sicut pacienda video,³⁶¹ Insipiens est talis cogitatio, que virtutem paciencie non considerat, nec a quo

³⁴⁶ EV-1483: “ad celum” ausente.

³⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: “quod”.

³⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: “retroque”.

³⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: “fieret”.

³⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: “probetur”.

³⁵¹ TOC-1441: “Capitulum XIX.”.

³⁵² EV-1483: “consideram meam et aliorum sanctorum passionem”.

³⁵³ TOC-1441 e EV-1483: “quod”.

³⁵⁴ TOC-1441 e EV-1483: “pateris”.

³⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: “igitur”.

³⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

³⁵⁷ EV-1483: “ferre”.

³⁵⁸ TOC-1441: “tanto sapientius agis et amplius promeris; fferes quoque leuius: animo et usu ad hoc non segniter paratis.”; EV-1483: “tanto sapientius agis: et amplius promeris et feres leuius animo et usu ad hoc non segniter paratis”.

³⁵⁹ EV-1483: “hoc”.

³⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: “intulit damnum et improperat mihi...”.

³⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: “videro”.

coronanda erit, sed magnas³⁶² personas et offensas sibi illatus³⁶³ perpendit [3] Non est verus paciens qui pati non vult nisi quantum sibi visum fuerit, et a quo sibi placuerit. Verus autem paciens non attendit a quo homine, vtrum a prelato suo an ab alio³⁶⁴ equali aut inferiori. Vtrum a bono et sancto viro vel a peruerso et indigno exerceatur sed indiffenter ab omni creatura quantuncunque et quociescunque ei aliquid aduersi acciderit hoc totum de manu dei gratanter accipit et ingens lucrum reputat quia nil apud deum quamlibet paruum pro deo tamen passum poterit sine merito transire. [4] Esto itaque³⁶⁵ expeditus, ad pugnam si vis habere victoriam sine certamine non potest³⁶⁶ venire ad pacientie coronam. Si pati non vis recusas coronari. Si autem coronari desideras certa viriliter sustine pacienter. Sine labore non tenditur ad requiem nec sine pugna peruenitnr [sic] ad victoriam. Fac michi domine possibile per gratiam quid³⁶⁷ michi impossibile videtur per naturam. Tu scis quod pati non possunt³⁶⁸ et quod cito deicior leui exurgente aduersitate. Efficiatur mihi quelibet exercitationis tribulatio³⁶⁹ amabilis pro nomine tuo et optabilis. Nam pati et vexari pro te valde salubre est anime mee.

De confessione proprie infirmitatis et huius vite miseriis. Capitulum XXII.³⁷⁰

[1] Confitebor aduersum me in iusticiam meam,³⁷¹ confitebor tibi domine infirmitatem meam. Sepe parua res est que me deiecit et contristat. Propono me fortite acturum, sed cum modica temptatio aduenerit,³⁷² magna mihi angustia fit. Valde vilis quandoque res est, vnde grauis temptatio prouenit. Et dum puto me aliquantulum tutum, cum non sentio inuenio in³⁷³ me non nunquam pene deuictum ex leui flatu. [2] Vide ergo domine humilitatem meam et fragilitatem tibi vndique notam, miserere et³⁷⁴ eripe me de luto vt non infigar ne³⁷⁵ permaneam deiectus³⁷⁶ vsque quaque, hoc est quod me frequenter

³⁶² TOC-1441 e EV-1483: “magis”.

³⁶³ TOC-1441 e EV-1483: “illatas”.

³⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: “aliquo”.

³⁶⁵ EV-1483: “igitur”.

³⁶⁶ TOC-1441: “potes”; EV-1483: “poteris”

³⁶⁷ TOC-1441: “Fiat Domine mihi possibile per gratiam: quod...”; EV-1483: “quod”.

³⁶⁸ Erro de edição. TOC-1441 e EV-1483: “Tu scis quod modicum possum pati...”.

³⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: “exercitatio tribulationis”.

³⁷⁰ TOC-1441: “Capitulum XX.”.

³⁷¹ TOC-1441: “Confitebor aduersum me iniustitiam meam...”; EV-1483: “Confiteor aduersum me iustitiam meam...”.

³⁷² TOC-1441 e EV-1483: “venerit”.

³⁷³ TOC-1441 e EV-1483: “in” ausente.

³⁷⁴ EV-1483: “Miserere mei et...”.

³⁷⁵ EV-1483: “non”.

³⁷⁶ EV-1483: “deuictus”.

reuerberat, et coram te confundit quod tam labilis sum et infirmus ad resistendum passionibus. Et si non omnino ad consentionem,³⁷⁷ tamen mihi etiam molesta et grauis est earum infestatio,³⁷⁸ et tedet me³⁷⁹ valde sic cottidie viuere in lite, ex hinc nota fit michi infirmitas mea, quia multo facilius irruunt ab hominande³⁸⁰ semper fantasie quam discedant.³⁸¹ [3] Vtinam fortissime deus israhel zelator animarum fidelium, respicias serui tui laborem et dolorem, assistasque illi in omnibus ad quecunque perrexerit. Robora me celesti fortitudine, ne³⁸² vetus homo misera caro spiritui, nondum,³⁸³ plene subiecta valeat dominari,³⁸⁴ aduersus quam certari³⁸⁵ oportebit quamdiu spiratur in hac vita miserrima. Heu qualis est hec vita, vbi non desunt tribulationes et miserie, vbi plena laqueis et hostibus sunt omnia. Nam vna tribulatione seu temptatione recedente alia accedit. Sed et³⁸⁶ priore adhuc durante conflictu, alii plures super me veniunt et³⁸⁷ insperate. [4] Et quomodo potest amari vita tantas habens amaritudines, tot³⁸⁸ subiecta calamitatibus et miseriis. Quomodo etiam dicitur vita tot generans mortes ac³⁸⁹ pestes. Et tamen amatur et delectari in ea a multis queritur. Reprehenditur frequenter mundus, quod fallax sit et vanus et³⁹⁰ tamen facile relinquitur quia³⁹¹ concupiscentie carnis nimis donantur.³⁹² Sed alia trahunt ad amandum alia ad contemnendum. Trahunt ad amorem mundi desiderium carnis, desiderium oculorum et superbia vite, sed pene et miserie sequentes ea,³⁹³ odium mundi pariunt et tedium. [5] Sed vincit prochdolor delectatio praua mentem mundo deditam, et esse sub sensibus delicias reputat quia dei suauitatem et internam virtutis amenitatem, nec vidit nec gustauit. Qui autem mundum perfecte contempnunt, et deo viuere sub santa disciplina student isti diuinam dulcedinem veris ab renuncciatoribus promissam non ignorant. Et quam grauiter mundus errat et varie fallit clarius vident.³⁹⁴

³⁷⁷ EV-1483: “*ad consensionem trahit...*”.

³⁷⁸ TOC-1441: “*insectatio*”; EV-1483: “*infectatio*”.

³⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*me*” ausente.

³⁸⁰ *abhominandae*.

³⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: “*discedunt*”.

³⁸² EV-1483: “*neque*”.

³⁸³ TOC-1441 e EV-1483: “*necdum*”.

³⁸⁴ TOC-1441: “*plene subacta praeualeat dominari...*”.

³⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*certare*”.

³⁸⁶ EV-1483: “*et*” ausente.

³⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*plures superueniunt et...*”.

³⁸⁸ EV-1483: “*et tot...*”.

³⁸⁹ TOC-1441: “*mortes et...*”; EV-1483: “*et*”.

³⁹⁰ Erro de edição. TOC-1441 e EV-1483: “*nec*”.

³⁹¹ EV-1483: “*cum*”.

³⁹² TOC-1441: “*dominantur*”; EV-1483: “*carnis dominantur...*”.

³⁹³ TOC-1441: “*sed poenae ac miseriae iuste sequentes ea...*”; EV-1483: “*sed poenae ac miseriae sequentes ea...*”.

³⁹⁴ TOC-1441: “*et varie fallitur, clarius vidente.*”; EV-1483: “*et varie fallitur vident*”.

Quod in deo super omnia³⁹⁵ et dona requiescendum est. Capitulum XXIII.³⁹⁶

[1] Super omnia et in omnibus requiesces³⁹⁷ anima mea in domino semper quia ipse est³⁹⁸ sanctorum eterna requies. Da mihi dulcissime et amantissime ihesu in te super omnem creaturam requiescere, super omnem salutem et pulcritudinem, super omnem gloriam et honorem, et³⁹⁹ super omnem potenciam et dignitatem, super omnem scientiam et subtilitatem, super omnes diuitias et artes, super omnem leticiam et exultaciones,⁴⁰⁰ super omnem famam et laudem, super omnem suauitatem et consolacionem super omnem spem et promissionem, super omnem⁴⁰¹ meritum et desiderium, super omnia dona et munera que potes dare et infundere, super omnem⁴⁰² gaudium et iubilacionem quam potest mens capere et sentire Denique super angelos et archangelos,⁴⁰³ et super omnem exercitium celi, super omnia visibilia,⁴⁰⁴ et super omnem quid⁴⁰⁵ tu deus meus non es, [2] quia tu deus meus⁴⁰⁶ super omnia optimus es. Tu solus altissimus, tu solus potentissimus, tu solus sufficientissimus et plenissimus, tu solus suaissimus et solatiosissimus, tu solus pulcerrimus et amantissimus, tu solus nobilissimus et gloriosissimus super omnia, in quo cuncta bona simul et⁴⁰⁷ perfecte sunt et semper⁴⁰⁸ fuerunt et erunt Atque ideo minus est et insufficiens, quicquid mihi preter te ipsum donas, aut⁴⁰⁹ de te ipso reuelas vel promittis te non viso nec plene adepto, Quomodo⁴¹⁰ quidem non potest cor meum veraciter requiescere nec totaliter contentari, nisi te⁴¹¹ requiescat et omnia dona omnemque creaturam transcendat [3] O mi dilectissime sponse ihesu christe amator purissime, dominator vniuerse creature, quis mihi dat⁴¹² pennas vere libertatis ad volandum et pausandum in te. O quando ad plenum dabitur mihi vacare et videre quam suavis es

³⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*super omnia bona...*".

³⁹⁶ TOC-1441: "*Capitulum XXI.*".

³⁹⁷ EV-1483: "*requiesce*".

³⁹⁸ TOC-1441: "*est*" ausente.

³⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

⁴⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*exultationem*".

⁴⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: "*omne*".

⁴⁰² TOC-1441 e EV-1483: "*omne*".

⁴⁰³ EV-1483: "*super omnes angelos et archangelos*".

⁴⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*super omnia visibilia et inuisibilia...*".

⁴⁰⁵ TOC-1441: "*et super omne quod...*"; EV-1483: "*omne*".

⁴⁰⁶ TOC-1441: "*Dominus deus meus...*".

⁴⁰⁷ EV-1483: "*et*" ausente.

⁴⁰⁸ EV-1483: "*et semper*" ausente.

⁴⁰⁹ EV-1483: "*ut*".

⁴¹⁰ TOC-1441: "*Quoniam*".

⁴¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*nisi in te...*".

⁴¹² TOC-1441 e EV-1483: "*det*".

domine deus meus. O quando ad plenum recolligam in te,⁴¹³ vt pre amore tuo non sentiam me, sed te solum super⁴¹⁴ omnem sensum et modum, in modo non omnibus noto Nunc autem frequenter gemo, et infelicitatem meam cum dolore porto, quia multa mala in hac valle lacrimarum et miseriarum occurrunt mihi que me sepius conturbant et obnubilant,⁴¹⁵ sepius impediunt et distrahunt, alliciunt et implicant, ne liberum habeam accessum ad te et ne iocundis fruar amplexibus presto semper beatis spiritibus Moueat te suspirium meum, et desolatio multiplex in terra. [4] O ihesu splendor eterne glorie, solamen peregrinantis anime aput te est os meum, sine voce et silentium⁴¹⁶ loquitur tibi Vsque quo tardat venire dominus meus. Veniat ad me pauperculum suum et letum faciat. Mittat manum suam et miserum eripiat de omni angustia. Veni veni quia sine te non erit leta dies aut hora,⁴¹⁷ quia tu leticia mea et sine te vacua est mensa mea. Miser sum ac quod admodo incarceratus⁴¹⁸ et compedibus grauatus, donec luce presentie tue me reficias, ac libertati dones, vultum quod amabilem demonstres.⁴¹⁹ [5] Querant alii pro te aliud quidcunque⁴²⁰ libuerit, mihi⁴²¹ aliud interim nil placet nec placebit nisi tu deus meus spes mea salus eterna. Non reticebo nec deprecari cessabo, donec gracia tua reuertatur mihique tu intus loquaris. Ecce assum. Ecce ego ad te venio⁴²² quia inuocasti me lacrimae tue et desiderium anime tue, humiliatio et contritio cordis tui⁴²³ inclinauerunt me et adduxerunt ad te. Et dixi. Domine inuocaui⁴²⁴ te et desiderauit frui te, paratus sum⁴²⁵ omnia respuere propter te. Tu enim prior excitasti me vt quererem te. Sis ergo benedictus domine, qui fecisti hanc bonitatem cum seruo tuo secundum multitudinem misericordie tue. [6] Quid habet vltra dicere serus tuus⁴²⁶ coram te, nisi vt humiliter⁴²⁷ se valde ante te memor semper proprie iniquitatis ac⁴²⁸ vilitatis. Non enim est similis tui in cunctis mirabilibus celi et terre. Sunt

⁴¹³ TOC-1441 e EV-1483: *“Quando ad plenum recolligam me in te...”*.

⁴¹⁴ TOC-1441: *“supra”*.

⁴¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: *“in hac valle miseriarum occurrunt quae me saepius conturbant contristant et obnubilant”*.

⁴¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: *“silentium meum”*.

⁴¹⁷ TOC-1441: *“sine te nulla erit laeta dies aut hora...”*; EV-1483: *“sine te nulla erit quieta dies aut hora...”*.

⁴¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: *“Miser sum et quodammodo incarceratus...”*.

⁴¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: *“vultumque amicabilem demonstres”*.

⁴²⁰ TOC-1441 e EV-1483: *“quodcunque”*.

⁴²¹ EV-1483: *“et mihi...”*.

⁴²² TOC-1441 e EV-1483: *“venio”* ausente.

⁴²³ TOC-1441: *“tui”* ausente; EV-1483: *“tua”*.

⁴²⁴ TOC-1441: *“vocavi”*.

⁴²⁵ TOC-1441 e EV-1483: *“sum”* ausente.

⁴²⁶ EV-1483: *“dicere domine seruus tuus...”*.

⁴²⁷ TOC-1441 e EV-1483: *“humiliet”*.

⁴²⁸ TOC-1441 e EV-1483: *“et”*.

opera tua bona valde,⁴²⁹ iudicia vera et prouidentia tua reguntur vniuersa, laus ergo tibi et gloria o patris sapientia, te laudet et benedicat os meum, anima mea et cuncta creata simul.

De recordacione multiplicium beneficiorum dei. Capitulum XXIII.⁴³⁰

[1] Aperi domine cor meum in lege tua et in preceptis tuis doce me ambulare. Da michi intelligere voluntatem tuam et cum magna reuerentia ac diligenti consideratione beneficia tua tam in generali quam speciali memorari⁴³¹ vt digne ubi⁴³² ex hinc gracias valeam referre. Verum scio et confiteor nec pro minimo puncto me posse debitas graciaram laudes persolvere Minor ego sum omnibus bonis mihi prestitis et cum tuam voluntatem⁴³³ attendo deficit pre magnitudine illius⁴³⁴ spiritus meus [2] Omnia que in anima habemus et in corpore et quecunque exterius vel interius naturaliter vel super naturaliter possidemus tua sunt beneficia, et te beneficium pium ac bonum confindant,⁴³⁵ a quo cuncta bona accepimus Et si alius plura alius pauciora accepit, omnia tamen tua sunt, et sine te, nec minimum potest haberi Ille qui maiora accepit non potest merito suo gloriari, nec⁴³⁶ super alios extolli nec minori insultare quia iste⁴³⁷ maior est⁴³⁸ et melior qui sibi minus ascribit et in regratiando humilior est atque deuotior. Et qui omnibus viliores se existimat et indigniores se iudicat, aptior est ad percipienda⁴³⁹ maiora [3] Qui autem pauciora accepit constriari non debet neque⁴⁴⁰ indignanter ferre nec⁴⁴¹ di[u]tiori inuidere sed te potius attendere, et tuam bonitatem maxime laudare, quod tam affluenter, tam gratis et libenter⁴⁴² sine personarum acceptione tua munera largiris. Omnia ex te, et ideo in omnibus es laudandus, Tu scis quid vnique donari expediat, et cur iste minus iste amplius habeat,⁴⁴³ non nostrum sed tuum est hoc discernere, apud quem singulorum diffinita sunt merita. [4] Vnde domine deus pro magno etiam reputo beneficio non multa

⁴²⁹ EV-1483: "*valde domine...*".

⁴³⁰ TOC-1441: "*Capitulum XXII.*".

⁴³¹ TOC-1441 e EV-1483: "*quam in speciali memorari...*".

⁴³² TOC-1441: "*tibi*".

⁴³³ TOC-1441 e EV-1483: "*nobilitatem*".

⁴³⁴ TOC-1441: "*illius*" ausente.

⁴³⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*commedant*".

⁴³⁶ TOC-1441: "*neque*".

⁴³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*ille*".

⁴³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*est*" ausente.

⁴³⁹ EV-1483: "*ad percipiendum*".

⁴⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*nec*".

⁴⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "*neque*".

⁴⁴² EV-1483: "*et tam libenter...*".

⁴⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*iste minus et ille amplius habeat...*".

habere Vnum et exterius secundum homines laus et gloria apparet.⁴⁴⁴ Ita ut quis considerata paupertate et vilitate persone sue, non inde grauitatem et tristitiam vel deiectionem concipiat,⁴⁴⁵ sed potius consolationem et hilaritatem magnam quia tu deus pauperes et humiles atque huic mundo despectos tibi elegisti, et⁴⁴⁶ infamiliares [sic] et domesticos Testes sunt ipsi apostoli, quos⁴⁴⁷ principes super omnem terram constituisti, fuerunt tamen sine querela conuersati in mundo, tam humiles et simplices sine omni malitia et dolo, vt etiam pati contumelias gauderent pro nomine tuo et que mundus abhorret ipsi amplecterentur affectu magno [5] Nihil ergo amatorem tuum et cognitorem benefactorum⁴⁴⁸ tuorum, ita letificare debet, sicut voluntas tua in eo, et beneplacitum eterne dispositionis tue, de qua tantum contentari et consolari debet, vt ita libenter velit esse minimus vt⁴⁴⁹ aliquis optaret esse maximus. Et ita pacificus et contentus in nouissimo sicut in loco primo atque ita libenter despectabilis et abiectus, nullius quoque nominis et fame sicut ceteris honorabilior et maior in mundo Nam voluntas⁴⁵⁰ et amor honoris tui omnia excedere debet et plus eum consolari, magisque placere quam omnia beneficia sibi data vel danda.

De quatuor magnam importantibus pacem. Capitulum XXV.⁴⁵¹

[1] Fili nunc docebo te viam pacis et vere libertatis; fac domine quid⁴⁵² dicis quia gratum est mihi hoc audire; stude fili alterius potius facere voluntatem quam tuam Elige semper minus quam plus habere Quere semper inferiorem locum et omnibus subesse Opta semper et ora vt voluntas integre fiat.⁴⁵³ Ecce talis homo ingreditur fines pacis et quietis; [2] Domine sermo tuus iste brevis multum in se continet perfectionis, paruus est dictu sed plenus sensu et vber in fructu Nam si posset a me fideliter custodiri, non deberet tam facile⁴⁵⁴ in me turbatio oriri Nam quociens me in pacato⁴⁵⁵ sentio et grauatum, ab hac

⁴⁴⁴ TOC-1441: "*habere unde exterius et secundum homines laus et gloria apparet...*"; EV-1483: "*appareat*".

⁴⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*non modo grauitatem aut tristitiam uel deiectionem inde concipiat...*".

⁴⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

⁴⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*apostoli tui quos...*".

⁴⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*beneficiorum*".

⁴⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*sicut*".

⁴⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*voluntas tua*".

⁴⁵¹ TOC-1441: "*Capitulum XXIII*".

⁴⁵² TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁴⁵³ TOC-1441 e EV-1483: "*integre in te fiat...*".

⁴⁵⁴ TOC-1441: "*facilis*".

⁴⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*impacatum*".

doctrina me recepisse⁴⁵⁶ inuenio Sed tu qui omnia potes, et anime profectum semper diligis, adauge maiorem gratiam vt possum⁴⁵⁷ tuum complere sermonem et meam perficere salutem

Oratio contra malas cogitationes⁴⁵⁸

[3] Domine deus meus ne elongeris a me, deus meus in auxilium meum respice quoniam insurrexerunt in me varie⁴⁵⁹ cogitationes et timores magni affligentes animam meam, Quomodo transibo⁴⁶⁰ illesus, quomodo confringam eas.⁴⁶¹ Ego inquit ante te ibo et gloriosos in te humiliabo,⁴⁶² Aperiam ianuam carceris et archana secretorum reuelabo tibi Fac domine vt loquaris, fugiant⁴⁶³ a facie tua omnes inique cogitationes, hec spes et vnica consolatio mea ad te in omni tribulatione confugere et confidere te ex intimo⁴⁶⁴ inuocare et pacienter consolationem tuam expectare

Oratio pro illuminatione mentis⁴⁶⁵

[4] Clarifica me bone iesu claritate eterni⁴⁶⁶ luminis et educ de habitaculo cordis mei tenebras vniuersas Cohibe euagationes malas et vim facientes vniuersas temptationes⁴⁶⁷ Pugna pro me fortiter et expugnam⁴⁶⁸ malas bestias concupiscencias dico illecebrosas, vt fiat pax in virtute tua, et habundantia laudis tue resonatur⁴⁶⁹ in aula sancta, hoc est in conscientia pura Impera ventis et tempestatibus Dic mari quiesce et aquiloni ne tardaueris,⁴⁷⁰ et erit tranquillitas magna [5] Emitte lucem tuam et veritatem tuam,⁴⁷¹ vt

⁴⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: “recessisse”.

⁴⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: “possim”.

⁴⁵⁸ TOC-1441: oração dentro do capítulo XXIII; EV-1483: “*Capitulum XXVP*”. A partir daqui, as três versões passam a numerar os capítulos de forma distinta.

⁴⁵⁹ EV-1483: “*vanae*”.

⁴⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*pertransibo*”.

⁴⁶¹ TOC-1441: “*perfrigam eas*”; EV-1483: “*perfrigam eam*”.

⁴⁶² TOC-1441 e EV-1483: “*gloriosos terrae humiliabo...*”.

⁴⁶³ TOC-1441 e EV-1483: “*ut loqueris, et fugiant...*”.

⁴⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*confugere, tibi confidere, ex intimo...*”.

⁴⁶⁵ TOC-1441: oração dentro do capítulo XXIII; EV-1483: “*Oratio pro illuminatione mentis deuotissima. Capitulum XXVII*”.

⁴⁶⁶ TOC-1441: “*interni*”.

⁴⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*Cohibe euagationes multas et elide vim facientes tentationes*”.

⁴⁶⁸ TOC-1441: “*expugna*”.

⁴⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*resonet*”.

⁴⁷⁰ TOC-1441: “*flaveris*”; EV-1483: “*dic mari quiesce, dic aquiloni ne flaueris...*”

⁴⁷¹ TOC-1441: “*tuam*” ausente.

luceant⁴⁷² super terram quia terra sum inanis et vacua donec illumines me. Effunde gratiam⁴⁷³ desuper, perfunde cor meum rore⁴⁷⁴ celesti, ministra deuocionis aquas ad irrigidam faciem terre ad producendum fructum bonum et optimum Eleua mentem pressam mole peccatorum, et ad celestia totum desiderium meum suspende, vt gustata suauitate superne felicitatis pigeat de terrenis cogitare, [6] Rape me et eripe me⁴⁷⁵ ab omni craturarum indurabili consolacione, quia nulla res create valet meum appetitum plenarie quietare et consolari Iunge me tibi inseparabili dilectionis vinculo, quoniam tu solus sufficis amanti et absque te friuola sunt vniuersa.

De euitacione curiose inquisitionis super alterius vita. Capitulum XXVI.⁴⁷⁶

[1] Fili noli esse curiosus, nec vacuas gerere sollicitudines, Quid hoc vel illud ad te, tu me sequere. Quid enim ad te vrtrum ille sit talis vel talis, aut iste sic agit vel sic loquitur⁴⁷⁷ Tu non indiges respondere pro aliis, sed pro teipso redde⁴⁷⁸ rationem Quid ergo te implicas. Ecce ego omnes cognosco et cuncta que sub sole fiunt video, et scio qualiter cum vnoquoque sit, quid cogitet quid velit et ad quem finem tendat eius intencionem⁴⁷⁹ Mihi igitur committenda sunt omnia Tu vero serua te in bona pace et dimitte agitantem agitare, quid⁴⁸⁰ voluerit, veniet super eum quid⁴⁸¹ fecerit vel dixerit quia me fallere non potest [2] Non sit tibi cure de magno⁴⁸² nominis vmbra, non⁴⁸³ de multorum familiaritate nec de priuata hominum dilectione Ista, enim, generant destructiones⁴⁸⁴ et magnas in corde obscuritates, libenter loquerer tibi verbum meum et abscondita reuelarem tibi,⁴⁸⁵ si aduentum meum diligenter observaues et ostium cordis mihi aperires Esto prouidus et vigila in orationibus, et humilia te in omnibus.

⁴⁷² EV-1483: “*luceat*”.

⁴⁷³ EV-1483: “*gratiam tuam*”.

⁴⁷⁴ EV-1483: “*gratia*”.

⁴⁷⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*me*” ausente.

⁴⁷⁶ TOC-1441: “*Capitulum XXIII*”; EV-1483: “*Capitulum XXVIII*”.

⁴⁷⁷ TOC-1441: “*aut iste sic et sic agit vel loquitur?*”; EV-1483: “*vel loquitur*”.

⁴⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*reddes*”.

⁴⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*intentio*”.

⁴⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*quantum*”.

⁴⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: “*quicquid*”.

⁴⁸² Erro de edição. TOC-1441 e EV-1483: “*magni*”.

⁴⁸³ EV-1483: “*et non...*”.

⁴⁸⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*distractiones*”.

⁴⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*tibi*” ausente.

In quibus pax cordis et profectus verus consistit. Capitulum XXVII.⁴⁸⁶

[1] Fili ego locutus sum, pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis, non quomodo mundus dat ego do vobis, sed⁴⁸⁷ que ad v[er]am pacem pertinent, non omnes curant Pax mea cum humilibus et mansuetis corde Pax tua erit in multa pacientia, si me audieris, vocem meam⁴⁸⁸ secutus fueris potes⁴⁸⁹ multa pace frui Quid i[gi]tur faciam, in omni re, attende tibi quid facias et quid dicas, et omnem intencionem tuam ad hoc dirige vt mihi soli placeas et extra me nichil cupias vel queras, Sed et de aliorum dictis vel factis nichil⁴⁹⁰ temere iudices, nec rebus⁴⁹¹ tibi non commissis te implices, et poterit fieri vt parum vel raro turbaris.⁴⁹² [2] Nunquam autem sentire aliquam turbationem nec aliquam pati corporis molestiam,⁴⁹³ non est presentis temporis sed status eterne quietis Non ergo estimes te veram pacem inuenisse, si nullam senseris grauitatem, nec tunc totum esse bonum, si neminem pateris aduersarium, nec hoc esse perfectum si cuncta fiunt secundum tuum affectum, neque tunc aliquid magni te reputes, aut specialiter dilectum estimes, si in magna fueris deuotione atque dulcedine quia in istis non cognoscitur verus amator virtutis nec in istis consistit profectus et perfectio hominis [3] In quo ergo domine in offerendo te ex toto corde tuo diuine voluntati non querendo que tua sunt nec in paruo nec in magno, nec in tempore nec in eternitate ita, vt vna equali facie in gratiarum actione permanes inter prosperea et contraria omnia eque⁴⁹⁴ lance pensando Si fueris tam fortis et longanimis in spe vt subtracta interiori consolatione, etiam ad ampliora sustinenda cor tuum preparaueris nec te iustificaueris quasi hoc tanta quod pati non deberes sed me in omnibus disposicionibus iustificaueris⁴⁹⁵ et sanctum laudaueris tunc in vera et recta via pacis ambulas et spes indubitata erit quod rursus in iubilo faciem meam sis visurus Quod si ad plenum tuiipsius contemptum perueneris scito quod tunc habundantia pacis perfrueris secundum possibilitatem tui incolatus

⁴⁸⁶ TOC-1441; “*In quibus firma pax cordis... Capitulum XXV.*”; EV-1483: “*In quibus firma pax cordis... Capitulum XXIX.*”.

⁴⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*...do vobis. Pacem omnes desiderant: sed...*”.

⁴⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*et vocem meam*”.

⁴⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*poteris*”.

⁴⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*nil*”.

⁴⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: “*nec cum rebus...*”.

⁴⁹² TOC-1441: “*turberis*”; EV-1483: “*turbaris*” corrigido para “*turbearis*”, com o “e” posicionado acima do “a”.

⁴⁹³ TOC-1441: “*vel corporis molestiam...*”; EV-1483: “*aliquam cordis uel corporis molestiam....*”.

⁴⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*aequa*”.

⁴⁹⁵ TOC-1441: “*quasi haec tantaque pati...iustificaveris...*”; EV-1483: “*quasi hoc tanta quod pati non deberes sed me in omnibus disposicionibus iustificaueris*” ausente.

De eminentia libere mentis quam supplex oratio magis meretur quam frequens lectio.
Capitulum XXIX [XXVIII]⁴⁹⁶

[1] Domine hoc opus est perfecti viri nunquam ab intencione celestium animum relaxare et inter multas curas quasi sine cura transire non more torpentis sed prerrogatiua quadam libere mentis nulli creature inordinata affectione adherendo [2] Obsecro piissime⁴⁹⁷ deus meus, preserua me a curis huius vite, ne nimis implicer a multis necessitatibus corporis, ne voluntate⁴⁹⁸ capiar ab vniuersis anime obstaculis, ne molestiis fractus deiciar Non tamen⁴⁹⁹ dico ab his rebus que⁵⁰⁰ toto affectu ambit vanitas mundana, sed ab his quo⁵⁰¹ miseriis que animam serui tui communi maledico mortalitatis penaliter grauunt et retardant, ne in libertatem spiritus quociens libuerit valeat introire [3] O deus meus dulcedo ineffabilis, verte mihi in amaritudinem omnem consolationem carnalem, ab amore eternorum me abstrahentem et ad se intuitu cuiusdam boni delectabilis presentis mali⁵⁰² allicientem Non me vincat deus meus, non vincat caro et sanguis, non me decipiat mundus et brevis gloria eius, non me supplantet diabolus et astucia illius Da mihi fortitudinem resistendi, patientiam tollerandi, constanciam perseuerandi Da mihi⁵⁰³ pro omnibus mundi consolationibus suauissimam tui spiritus vnctionem, et pro carnali tui nominis amore effunde⁵⁰⁴ amorem [4] Ecce cibus potus vestis et⁵⁰⁵ cetera vtensilia ad corporis sustentacionem⁵⁰⁶ pertinencia feruenti spiritui sunt onerosa, Tribue talibus temperate vti,⁵⁰⁷ non desiderio nimio implicari Abicere omnia non licet, quia natura sustentanda est, Requiritur autem superflua et que magis delectant, Lex sancta prohibet Nam alias caro aduersus spiritum insolesceret. Inter hoc⁵⁰⁸ queso manus tua me regat et doceat ne quid nimium fiat.

⁴⁹⁶ A EA-1471/72 enumera, erroneamente, o capítulo como XXIX; TOC-1441: “De eminentia... meretur quam lectio. Capitulum XXVI.”; EV-1483: “De eminentia liberae mentis et quod supplex... meretur quam lectio. Capitulum XXX.”

⁴⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “obsecro te piissime...”.

⁴⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “voluptate”.

⁴⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “tamen” ausente.

⁵⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: “quas”.

⁵⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: “quo” ausente.

⁵⁰² TOC-1441 e EV-1483: “male”.

⁵⁰³ TOC-1441 e EV-1483: “mihi” ausente.

⁵⁰⁴ TOC-1441: “infunde”.

⁵⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: “ac”.

⁵⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: “sustentaculum”.

⁵⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: “Tribue talibus fomentis temperate vti...”.

⁵⁰⁸ TOC-1441 e EV-1483: “haec”.

Quod priuatus amor a summo bono maximo⁵⁰⁹ retardat. Capitulum XXIX.⁵¹⁰

[1] Fili oportet te dare totum pro toto, et nihil tuiipsius esse, scito quod amor tuiipsius magis nocet⁵¹¹ quam aliquam⁵¹² res mundi secundum amorem et affectum quem geris, quelibet res plus vel minus adheret Si fuerit amor tuus purus simplex et bene ordinatus eris sine captiuitate rerum Noli concupiscere quid⁵¹³ non licet habere Noli habere quod potest te in pedire⁵¹⁴ et libertate interiori priuare Mirum quod non ex toto fundo cordis teipsum mihi committis cum omnibus quo⁵¹⁵ desiderare potest vel habere: [2] Quare vano merore consumeris Cur superfluis curis fatigaris, Sta ad beneplacitum meum, et nullum pacieris detrimentum. Si queris hoc vel illud, et volueris esse ibi vel ibi propter tuum commodum et propter⁵¹⁶ beneplacitum magis habendum, nunquam [sic] eris in quietudine, nec liber a sollicitudine, quia in omni re reperietur aliquis defectus, et in omni loco erit quid⁵¹⁷ aduersetur [3] Iuuat igitur non quelibet res adepta vel multiplicata exterius, sed potius contempta et decisa radicitus,⁵¹⁸ quod⁵¹⁹ non tantum decensueris⁵²⁰ et diuitiarum intelligas sed etiam de honoris ambitu et vane laudis⁵²¹ desiderio, que omnia transeunt cum mundo Munit parum locus si deest spiritus furoris,⁵²² nec diu stabit pax illa quesita forinsecus, si vacat a vero fundamento status cordis Hoc est nisi steteris in me permutare te potes non meliore⁵²³ Nam occasione orta et accepta inuenies quod fugisti et amplius.

⁵⁰⁹ TOC-1441: "*maxime*".

⁵¹⁰ TOC-1441: "*Capitulum XXVII.*"; EV-1483: "*Capitulum XXXI.*"

⁵¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*magis nocet tibi...*".

⁵¹² TOC-1441 e EV-1483: "*aliqua*".

⁵¹³ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁵¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*impedire*".

⁵¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*quae*".

⁵¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*proprium*".

⁵¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*qui*".

⁵¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*et decisa ex corde radicitus...*".

⁵¹⁹ EV-1483: "*Quid*".

⁵²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*de censu aeris*".

⁵²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*ambitu ac vanae laudationis...*".

⁵²² EV-1483: "*feruoris*".

⁵²³ TOC-1441 e EV-1483: "*te potes sed non meliorare*".

Oratio pro purgatione cordis et celestis sapientia.⁵²⁴

[4] Confirma me deus per gratiam sancti spiritus, da virtutem corroborari in interiori homine, et cor meum ab omni inutili sollicitudine⁵²⁵ et angore euacuare, nec variis desideriis trahi cuiuscunque rei vilis aut precioso,⁵²⁶ sed omnia inspicere sicut transeuntia et me pariter cum illis transiturum, quia nichil permanens sub sole nisi⁵²⁷ omnia vanitas et afflictio spiritus O quam sapiens qui ita considerat. [5] Da mihi domine celestem sapientiam vt discam te super omnia querere et inuenire, super omnia sapere et intelligere⁵²⁸ Da prudenter declinare blandientem et pacienter ferre aduersantem, quia hoc⁵²⁹ magna sapientia non potest⁵³⁰ moueri omni vento verborum, nec aurem male blandienti prebere syrene Sic, enim, incepta pergatur via secure.

Contra linguas detractorum. Capitulum XXX.⁵³¹

[1] Fili non egreferas [sic] si quidam de te male senserint et dixerint quid⁵³² non libenter audias, tu deteriora de teipso sentire debes et neminem inferiorem⁵³³ te credere Si ambulas ab intra non multum ponderabis volantia uerba Est non parua prudentia silere in tempore malo et introrsus ad me conuerti nec humano iuditio disturbari. [2] Non sit pax tua in ore hominum Siue, enim, bene siue male interpretati fuerint non es ideo⁵³⁴ alter homo Vbi est vera pax et vera gloria nonne in me Et qui non appetit hominibus placere nec timet displicere multa perfruetur pace Ex inordinato amore et vano timore oritur omnis inquietudo cordis et distractio sensuum.

⁵²⁴ TOC-1441: oração dentro do capítulo XXVII; EV-1483: "*Capitulum XXXII*".

⁵²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*et cor meum ab omni inutili sollicitudine*" ausente.

⁵²⁶ TOC-1441: "*pretiosi*"; EV-1483: "*preciosae*".

⁵²⁷ TOC-1441: "*ubi*".

⁵²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*super omnia sapere et diligere, et caetera secundum ordinem sapientiae tuae prout sunt intelligere...*".

⁵²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*haec*".

⁵³⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*potest*" ausente.

⁵³¹ TOC-1441: "*Contra linguas obtrectatorum. Capitulum XXVIII*"; EV-1483: "*Contra linguas obtrectatorum. Capitulum XXXIII*".

⁵³² TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁵³³ TOC-1441 e EV-1483: "*infirmiorem*".

⁵³⁴ EV-1483: "*igitur*".

Qualiter instante tribulacione deus inuocandus est et benedicendus. Capitulum XXXI.⁵³⁵

[1] Sit nomen tuum domine benedictum in secula qui voluisti hant⁵³⁶ temptationem⁵³⁷ venire super me non possum eam effugere, sed necesse habeo ad te confugere vt me adiuues, et in bonum mihi ipsam⁵³⁸ conuertas Domine modo sum in tribulatione et non est cordi meo bene sed multum vexor a presenti passione Et nunc pater dilecte quid dicam Deprehensus sum inter angustias saluifica me ex hora hac Sed propterea veni in hanc horam vt tu clarificeris cum fuero valde⁵³⁹ humiliatus et per te liberatus, Conplaceat [sic] tibi domine vt eruas me. Nam ego pauper quid agere possum et quo ibo sine te, Da patientiam domine in⁵⁴⁰ hac vice Adiuua me deus meus et non timebo quantumcunque grauatus fuero [2] Et nunc inter hec quid dicam, Domine fiat voluntas tua ego bene merui, tribulari et grauari oportet vtique vt sustineam vt vtinam pacienter donec transeat tempestas hec, ac melius fiat.⁵⁴¹ Potens est autem omnipotens manus tua, etiam hanc temptationem a me auferre, ac⁵⁴² eius impetum mitigare ne penitus succumbam quemadmodum et prius sepius⁵⁴³ egisti mecum deus meus misericordia mea. Et quanto michi difficilior tanto tibi facilius, est hec mutatio dextre⁵⁴⁴ excelsi.

De diuino petendo auxilio et confidentia recuperande gracie. Capitulum XXXII.⁵⁴⁵

[1] Fili ego dominus confortans in die tribulacionis venias ad me cum tibi non benefuerit [sic]. Hoc est quid⁵⁴⁶ maxime consolacionem impedit celestem quia tardius te conuertis ad oracionem. Nam antequam me intende⁵⁴⁷ roges multa interim solacia queris et recreas te in externis. Ideoque fit vt parum omnia prosint donec aduertas quia ego sum, quid⁵⁴⁸ eruo sperantes in me, nec est extra me valens auxilium sed⁵⁴⁹ neque durable remedium.

⁵³⁵ TOC-1441: "*Capitulum XXIX*"; EV-1483: "*Capitulum XXXIII*".

⁵³⁶ "*hanc*".

⁵³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*tentationem et tribulationem*".

⁵³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*ipsam*" ausente.

⁵³⁹ TOC-1441: "*valide*".

⁵⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*etiam*".

⁵⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "*tempestas et melius fiat*".

⁵⁴² TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁵⁴³ EV-1483: "*saepe*".

⁵⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*dexterea*".

⁵⁴⁵ TOC-1441: "*Capitulum XXX*"; EV-1483: "*Capitulum XXXI*".

⁵⁴⁶ TOC-1441: "*quod*".

⁵⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*intente*".

⁵⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*qui*".

⁵⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*nec est extra me valens consilium neque vtile, sed...*".

Sed iam resumpto spiritu post tempestatem reconualesce in luce miserationum mearum quia prope sum dicit dominus vt restaurem omnia non solum integre sed ac habundanter cumulate.⁵⁵⁰ [2] Nunquid michi quicquam est difficile aut ero similis dicenti et non facienti. Vbi est fides tua. Sta firmiter et perseueranter Esto vir fortis et longanimis veniet tibi consolatio in tempore suo. Expecta me expecta veniam et curabo te. Temptatio est que te vexat et formido vana que te exceret. Quid importat sollicitudo de futuris contingentibus, nisi vt tristitiam super tristitiam habeas sufficit dici⁵⁵¹ malicia sua, vanum est et inutile de futuris conturbari vel gratulari que forte nunquam euenient. [3] Sed humanum est huiusmodi imaginationibus illudi et parui adhuc animi signum, tam leuiter trahi ad sugestiones⁵⁵² inimici. Ipse vero non curat vtrum per verum an falsum illudat⁵⁵³ et decipiat. Vtrum presentium⁵⁵⁴ amore aut futurorum formidine prosternat. Nam⁵⁵⁵ ergo turbetur cor tuum neque formidet. Crede in me et in misericordia mea habeto fiduciam. Quando tu putas te elongatum a me sepe sum propinquior⁵⁵⁶ Quando tu estimas pene⁵⁵⁷ totum perditum, tunc sepe merendi⁵⁵⁸ instat lucrum. Non est perditum⁵⁵⁹ quando res accidit in contrarium. Non debes iudicare secundum presens sentire, nec sic grauitati alicui vndecunque venienti inherere et accipere tanquam omnis spes sit oblata emergendi. [4] Noli putare te relictum⁵⁶⁰ ex toto quamuis ad tempus tibi miserim aliquam tribulationem etiam optatam subtraxerim consolationem.⁵⁶¹ Sic enim transitur ad regnum celorum. Et hoc sine dubio expedit tibi et ceteris seruis meis vt exercitem in aduersis quam si cuncta ad libitum habereris⁵⁶² Ego noui cogitationes absconditas quia multum expedit pro salute tua vt interdum sine sapore relinquaris ne forte eleueris in bono successu et tibiipsi placere velis in eo quod⁵⁶³ non es. Quod dedi auferre possum et restituere cum michi placuerit. [5] Cum dederō meum est cum retraxero tuum, non tuli quia meum est

⁵⁵⁰ TOC-1441: “*ut restaurem universa non solum integre: sed et abundanter ac cumulate.*”; EV-1483: “*ut restaurem vniuersa non solum integre sed et abundanter et cumulate*”.

⁵⁵¹ TOC-1441: “*Sufficiat diei...*”; EV-1483: “*diei*”.

⁵⁵² TOC-1441: “*suggestionem*”.

⁵⁵³ TOC-1441: “*Ipse enim non curat utrum veris an falsis illudat...*”; EV-1483: “*Ipse enim non curat an veris an falsis illudat...*”.

⁵⁵⁴ EV-1483: “*et vtrum presentium...*”.

⁵⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*Non*”.

⁵⁵⁶ EV-1483: “*Quando tu te elongatum estimas a me, saepe sum propinquior*”.

⁵⁵⁷ EV-1483: “*pene*” ausente.

⁵⁵⁸ TOC-1441: “*sepe maius merendi*”; EV-1483: “*saepe magis merendi...*”.

⁵⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*Non est totum perditum...*”.

⁵⁶⁰ EV-1483: “*derelictum*”.

⁵⁶¹ TOC-1441: “*vel etiam optatam...*”; EV-1483: “*etiam optatam subtraxerim consolationem.*” ausente.

⁵⁶² TOC-1441 e EV-1483: “*Et hoc sine dubio magis expedit... ut exercitemini aduersis: quam si cuncta ad libitum haberetis.*”; EV-1483: “*...exercitemini aduersis, quam si cuncta ad libitum haberetis.*”.

⁵⁶³ EV-1483: “*quid*”.

omne datum bonum et omne perfectum⁵⁶⁴ Si tibi admisero grauitatem aut quamlibet contrarietatem non indigneris neque concidat cor tuum. Ego⁵⁶⁵ cito subleuare possum et omne onus in gaudium transmutare. Veruntamen iustus sum et recommendabitur⁵⁶⁶ multum cum sic facio tecum. [6] Si recte sapis et in veritate aspicias nunquam debes propter aduersa, tam deiecte contristari sed magis gaudere et gratias agere Imo hoc vnicum reputare gaudium quid⁵⁶⁷ affligens te doloribus non parco tibi. Sicut dilexit me pater et ego vos diligo. Dixi dilectis discipulis meis quos vtique non misi, ad gaudia temporalia sed ad magna certamina non ad honores, sed ad despectiones. Non ad ocium sed ad labores non ad requiem sed ad afferendum fructum multum in patientia.⁵⁶⁸

De neglectu omnis creature vt creator possit inueniri. Capitulum XXXIII.⁵⁶⁹

[1] Domine bene adhuc indigeo⁵⁷⁰ deus maiori gracia si debeam et⁵⁷¹ illuc peruenire vbi me nemo poterit, nec vlla creatura impedire. Nam quamdiu res aliqua me retinet non possum libere ad te volare. Cupiebat libere volare qui dicebat. Quis dabit michi pennas sicut columbe et volabo et requiescam. Quid simplici oculo quiecuis et quid liberius nil desideranti⁵⁷² in terris. Oportet igitur omnem supertransire⁵⁷³ creaturam et seipsum perfecte deserere ac in excessu mentis stare ac videre, omnium creatorem cum⁵⁷⁴ creaturis nil simile habere. Et nisi quis ab omnibus creaturis fuerit expeditus non poterit libere intendere diuinis. Ideo enim pauci inueniuntur contemplatiui quod non sciunt⁵⁷⁵ se a perituris creaturis ad plenum sequestrari. [2] Ad hoc ergo requiritur magna gracia quam animam leuat et super semetipsam rapiat.⁵⁷⁶ Et nisi homo sit in spiritu eleuatus et ab omnibus creaturis liberatus ac deo totus vnitus, quicquid scit quicquid etiam habet non est magni ponderis Diu parum erit et infra iacebit,⁵⁷⁷ qui aliquid magnum⁵⁷⁸ estimat, nisi

⁵⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*omne donum perfectum*".

⁵⁶⁵ EV-1483: "*et ego...*".

⁵⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*recommendabilis*".

⁵⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁵⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: adicionam "*Horum memento fili me verborum*".

⁵⁶⁹ TOC-1441: "*Capitulum XXXI.*"; EV-1483: "*Capitulum XXXVI*".

⁵⁷⁰ EV-1483: "*Domine mi adhuc bene indigeo...*".

⁵⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

⁵⁷² TOC-1441 e EV-1483: "*desiderante*".

⁵⁷³ EV-1483: "*pertransire*".

⁵⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*stare et videre te omnium conditorem cum...*".

⁵⁷⁵ TOC-1441: "*contemplatiui: quia pauci sciunt...*"; EV-1483: "*pauci sciunt...*".

⁵⁷⁶ TOC-1441: "*Ad hoc magna requiritur gratia: quae animam leuet, et supra semet ipsam rapiat.*"; EV-1483: "*Ad hoc magna requiritur gratia quae animam leuet et supra seipsam rapiat*".

⁵⁷⁷ EV-1483: "*Diu parum erit et in terra iacebit*".

⁵⁷⁸ EV-1483: "*magni*".

solum vnum immensum eternum bonum. Et quicquid deus non est nichil est, ac pro nichilo reputari debet.⁵⁷⁹ Et magna differentia⁵⁸⁰ sapientia illuminati et deuoti viri et scientia literati atque⁵⁸¹ studiosi clerici. Multo nobilior est illa doctrina que desursum ex diuina influentia manat, quam que laboriose humano requiritur⁵⁸² ingenio. [3] Plures reperiuntur contemplationem desiderare sed que ad eam requiruntur non student exercere. Est magnum impedimentum⁵⁸³ quia insignis et sensibilibus rebus⁵⁸⁴ statur, ac⁵⁸⁵ parum de perfecta mortificatione habet.⁵⁸⁶ Nescio quid est quo spiritu ducimur et quid pretendimus qui spirituales dici videmur quod tantum⁵⁸⁷ laborem et ampliorem sollicitudinem pro transitoriis et vilibus rebus agimus et deus interioribus nostris⁵⁸⁸ vix, raro plene recollectis sensibus cogitamus [4] Proch dolor statim post modicam recollectionem foras erumpimus nec opera nostra districta examinatione trutinamus. Vbi iacent affectus nostri non attendimus et quam impura sunt,⁵⁸⁹ omnia nostra facta⁵⁹⁰ non deploramus. Omnis quippe caro corruerat viam suam, ideo⁵⁹¹ sequebatur diluuium magnum, Cum ergo interior affectus noster multum⁵⁹² corruptus sit, necesse est vt actio sequens index carentie interioris vigoris corrumpatur. Ex puro corde protedit⁵⁹³ fructus bone vite. [5] Quantum quis fecerit queritur sed ex quanta virtute agit, non tam studiose pensatur Si fuerit fortis, diues, pulcer, abilius,⁵⁹⁴ vel bonus scriptor bonus cantor, bonus laborator inuestigator quam pauper sit spiritu quam paciens et mitis quam deuotus ac⁵⁹⁵ internus a multis tacetur. Natura exteriora hominis despicit gratia ad interiora conuertit.⁵⁹⁶ Illa frequenter fallitur ista in deo sperat vt non decipiatur.

⁵⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*et pro nihilo computari debet*”.

⁵⁸⁰ TOC-1441: “*Est magna differentia...*”; EV-1483: “*Est quippe magna differentia...*”.

⁵⁸¹ EV-1483: “*et*”.

⁵⁸² TOC-1441 e EV-1483: “*acquiritur*”.

⁵⁸³ EV-1483: “*Est et Magnum impedimentum...*”.

⁵⁸⁴ EV-1483: “*in rebus*”.

⁵⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*et*”.

⁵⁸⁶ TOC-1441: “*habetur*”.

⁵⁸⁷ EV-1483: “*totum*”.

⁵⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*et de interioribus nostri...*”.

⁵⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*sint*”.

⁵⁹⁰ TOC-1441: “*mostra facta*” ausentes; EV-1483: “*facta*” ausente.

⁵⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: “*et ideo...*”. Na edição trabalhada de TOC-1441, há duas páginas faltando, de número 204 e 205. Isso faz com que a continuidade deste capítulo e a totalidade do próximo – XXXI e XXXIII em TOC-1441 – estejam ausentes, sendo o texto retomado no capítulo XXXIII – XXXV na edição transcrita, EA-1471/72. Até a retomada do texto de TOC-1441, há apenas variações referentes à EV-1483.

⁵⁹² EV-1483: “*multum*” ausente.

⁵⁹³ Erro de edição. EV-1483: “*procedit*”.

⁵⁹⁴ EV-1483: “*habilis*”.

⁵⁹⁵ EV-1483: “*et*”.

⁵⁹⁶ EV-1483: “*Natura exteriora hominis respicit, gratia ad interiora se conuertit*”.

De abnegacione sui et abdicacione omnis cupiditatis. Capitulum XXXIII.⁵⁹⁷

[1] Fili non potes perfectam⁵⁹⁸ possidere libertatem nisi totaliter abneges temetipsum. Compediti sunt omnes proprietarii et suiipsius amatores cupidi curiosi, gario nagi,⁵⁹⁹ querentes semper mollia non que ihesu christi, sed hoc sepe figentes, et componentes quid⁶⁰⁰ non stabit, p[er]ibit enim totum quid non est ex deo ortum. Tene breue et consumatum verbum. Dimitte omnia inuenies⁶⁰¹ omnia. Hoc mente pertracta et cum impleueris intelliges omnia. [2] Domine hoc non est opus vnus diei nec ludus paruulorum, ymmo in hoc breui verbo⁶⁰² includitur omnis perfectio omnium⁶⁰³ religiosorum. Fili non debes auerti nec statim deici audita via perfectorum, sed magis ad sublimiora prouocari et ad minus ad hec desiderio suspirare. Vtinam sic totum⁶⁰⁴ esset et ad hoc peruenisses et⁶⁰⁵ tuiipsius amator non esses sed ad nutum meum pure stares et eius quem tibi preposui patris tunc michi valde placeres et tota vita cum gaudio et pace transires.⁶⁰⁶ Adhuc multa habes an⁶⁰⁷ relinquendum que nisi michi ex integro resignaueris non acquies quid postulas. Suadeo igitur⁶⁰⁸ tibi emere a me aurum ignitum vt locuples fias, idest celestem scientiam⁶⁰⁹ omnia infima conculcantem. Postpone terrenam sapientiam omnem humanam et propriam voluntatem.⁶¹⁰ [3] Dixi viliora tibi emenda pro preciosis et altis rebus humanis Nam vilis et parua ac pene obliuioni tradita videtur vera et⁶¹¹ celestis sapientia. Non sapere⁶¹² alta de se nec magnificari quarere in terra quam multi oretenus predicant, sed vita longe dissenciunt. Ipsa tamen est preciosa margarita a multis abscondita.

⁵⁹⁷ EV-1483: "*Capitulum XXXVII.*".

⁵⁹⁸ EV-1483: "*perfecte*".

⁵⁹⁹ EV-1483: "*gyrouagi*".

⁶⁰⁰ EV-1483: "*quod*".

⁶⁰¹ EV-1483: "*Dimitte omnia et inuenies...*".

⁶⁰² EV-1483: "*verbo*" ausente.

⁶⁰³ EV-1483: "*omnium*" ausente.

⁶⁰⁴ EV-1483: "*tecum*".

⁶⁰⁵ EV-1483: "*ut*".

⁶⁰⁶ EV-1483: "*transiret*".

⁶⁰⁷ EV-1483: "*ad*".

⁶⁰⁸ EV-1483: "*igitur*" ausente.

⁶⁰⁹ EV-1483: "*sapientiam celestem...*".

⁶¹⁰ EV-1483: "*Postpone terrenam sapientiam, omnem humanam complacentiam et propriam*".

⁶¹¹ EV-1483: "*et*" ausente.

⁶¹² EV-1483: "*sapiens*".

De instabilitate cordis et de intentione finale ad deum habenda. Capitulum XXXV.⁶¹³

[1] Fili noli credere affectui tuo quid nunc est cito mutabitur in aliud. Quamdiu vixeris⁶¹⁴ mutabilitati subiectus, es⁶¹⁵ etiam nolens vt modo letus, modo tristis, modo pacatus, modo turbatus, nunc deuotus nunc indeuotus, nunc studiosus, nunc accidiosus, nunc grauis, nunc leuis inueniaris. Sed stat super hec mutabilia sapiens et benedoctus [sic], in spiritu non attendens quid in se sentiat vel in⁶¹⁶ qua parte ventus flet instabilitatis sid⁶¹⁷ vt tota mentis intentio eius ad debitum et optimum⁶¹⁸ proficiat finem. Nam sic poterit vnus et idem in concussus⁶¹⁹ permanere simplici intencionis oculo per tot varios euentus in pretermisse directo.⁶²⁰ [2] Quanto autem purior fuerit itencionis oculus tanto constantius inter diuersas itur procellas. Sed in multis caligat oculus pure intentionis. Respicitur⁶²¹ enim cito in aliquid delectabile quod occurrerit⁶²² et raro totus liber inuenitur⁶²³ a neuo proprie exquisicionis Sic iudei olim venerant in bethaniam ad martham et mariam non propter ihesum tamen⁶²⁴ sed vt lazarum viderent. Mundandus est ergo intencionis oculus vt sine⁶²⁵ simplex et rectus atque vltra omnia varia media ad me dirigendus.

Quod amanti sapit deus super omnia et in omnibus. Capitulum XXXVI.⁶²⁶

[1] Ecce deus meus et omnia. Quid volo amplius et quid felicius desiderare possum. O sapidum et dulce verbum dei non⁶²⁷ mundum nec ea que in mundo sunt. Ecce⁶²⁸ deus meus et omnia. Intelligentibus satis dictum est, et sepe repetere iocundum est amanti.⁶²⁹ Te quidem⁶³⁰ presente, iocunda sunt omnia, te autem absente fastidiunt cuncta. Tu facis

⁶¹³ TOC-1441: “*Capitulum XXXIII.*”; EV-1483: “*Capitulum XXXVIII.*”.

⁶¹⁴ EV-1483: “*Quandiu enim vixeris...*”.

⁶¹⁵ EV-1483: “*eris*”.

⁶¹⁶ TOC-1441: “*in*” ausente.

⁶¹⁷ Erro de edição, possivelmente “*sic*”. TOC-1441 e EV-1483: “*sed*”.

⁶¹⁸ TOC-1441: “*ut ota intentio mentis eius ad debitum et optatum...*”; EV-1483: “*ad optimum*”.

⁶¹⁹ TOC-1441: “*inconcussusque*”.

⁶²⁰ EV-1483: “*per tot varios eventos ad me in pretermisse directo.*”.

⁶²¹ EV-1483: “*respicit*”.

⁶²² TOC-1441: “*in aliquid delectabile quod occurrit...*”; EV-1483: “*occurrit*”.

⁶²³ TOC-1441: “*nam et rato totus liber quis invenitur...*”; EV-1483: “*liber quis inuenitur...*”.

⁶²⁴ TOC-1441: “*tantum*”.

⁶²⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*si*”.

⁶²⁶ TOC-1441: “*Capitulum XXXIII*”; EV-1483: “*Capitulum XXXIX*”.

⁶²⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*O sapidum et Dulce verbum; sed amanti Verbum: non...*”.

⁶²⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*Ecce*” ausente.

⁶²⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*Intelligenti satis dictum est: et saepe reperere iocundum est amanti.*”.

⁶³⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*siquidem*”.

cor tranquillum, pacem magnam, liticiamque festinam.⁶³¹ Tu facis bene sentire de omnibus et in omnibus te laudare, nec potest sine te aliquid diu placere sed si debet gratum esse et bene sapere oportet gratiam tuam adesse et condimento tue sapientie condiri. [2] Cui tu sapis quid ei recte non sapit, ac tui non sapis⁶³² quid ei ad iocunditatem esse poterit. Sed deficiunt in sapientia tua mundi sapientes et qui carnem sapiunt quia ibi plurima vanitas et hic mors inuenitur. Qui autem te per contemptum mundanorum et mortificationem⁶³³ secuntur vere sapientes esse noscuntur,⁶³⁴ quia de vanitate ad veritatem de carne ad spiritum transferuntur. Istis sapit deus et quicquid boni⁶³⁵ inuenitur in creaturis totum ad laudem referunt sui conditoris. Dissimilis tamen multum dissimilis⁶³⁶ sapor creatoris et creature eternitatis et temporis lucis increate et lucis illuminate. [3] O lux perpetua, cuncta creata transcendens lumina, fulgura coruscationes,⁶³⁷ de sublimi penetrantem omnia intima cordis mei, purifica, clarifica, letifica et viuifica, spiritum meum cum suis potenciis ad herendum⁶³⁸ tibi iubilationis excessibus. O quando veniet hec beata et desiderabilis hora ut tua me facies⁶³⁹ presentia, ut⁶⁴⁰ sis michi omnia in omnibus. Quamdiu hoc datum non fuerit nullum⁶⁴¹ plenum gaudium erit. Adhuc pro dolor vivit in me homo vetus non est totus crucifixus non est perfecte mortuus adhuc concupiscit fortiter contra⁶⁴² spiritum bella mouet intestina, nec regnum anime patitur esse quietum. [4] Sed tui qui damnaris potestati maris et motum fluctuum eius tu mitigas⁶⁴³ exurge adiuvam me. Dissipa gentes que bella volunt contere eos in virtute tua quod non est⁶⁴⁴ spes alia nec refugium mihi, nisi in te domine deus meus.

⁶³¹ EV-1483: "*et pacem magna, laetitiamque festinam*".

⁶³² TOC-1441 e EV-1483: "*non sapiet, et cui tu non sapis...*".

⁶³³ TOC-1441 e EV-1483: "*et carnis mortificationem...*".

⁶³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*cognoscuntur*".

⁶³⁵ EV-1483: "*boni*" ausente.

⁶³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*Dissimilis tamen et multum dissimilis...*".

⁶³⁷ TOC-1441: "*coruscationem*".

⁶³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*ad inhaerendum*".

⁶³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*saties*".

⁶⁴⁰ TOC-1441: "*et*".

⁶⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "*nec*".

⁶⁴² EV-1483: "*aduersus*".

⁶⁴³ TOC-1441: "*Sed tu qui dominaris potestatis maris et motum fluctuum eius mitigas...*"; EV-1483: "*Sed tu qui damnaris potestati maris et motum fluctuum eius tu mitigas...*".

⁶⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*contere eas in virtute tua: ostende quaeso magnalia tua et glorificetur dextera tua, quia non est...*".

Quod non est securitas a temptatione in hac vita. Capitulum XXXVII.⁶⁴⁵

[1] Fili nunquam securus es, in hac vita sed quo aduixeris semper arma spiritualia tibi sunt necessaria. Inter hostes versaris et a dextris et sinistris impugnaris⁶⁴⁶ Si ergo non vteris vndique scuto pacientie non eris diu sine vulnere. Insuper si non ponis cor tuum fixe in me cum mea⁶⁴⁷ voluntate cuncta paciendi propter me non poteris ardorem istum sustinere. Nec ad palmam pertingere beatorum Oportet te ergo viriliter omnia pertransire et potenti manu vti aduersus obiecta. Nam vincenti datur manna et torpenti relinquitur multa miseria. [2] Si queris in hac vita requiem quomodo tunc peruenies ad eternam requiem.⁶⁴⁸ Non ponas te ad multam requiem sed ad magnam pacientiam. Quere veram pacem non in terris sed in celis, non in hominibus nec in terris⁶⁴⁹ creaturis sed in solo deo. Pro amore dei debes omnia libenter subire, labores scilicet et dolores, temptationes, vexaciones, anxietates, necessitates, infirmitates, iniurias, oblocutiones, reprehensiones, humiliationes, confusiones, correctiones et despectiones. Hec iuuant ad virtutem,⁶⁵⁰ hec probant christi timorem.⁶⁵¹ hec fabricant celestem coronam. Ego reddam⁶⁵² mercedem eternam pro breui labore, infinitam gloriam⁶⁵³ pro transitoria confusione. [3] Putas tu⁶⁵⁴ quod semper habebis pro tua voluntate consolaciones spirituales sancti mei, non habuerunt semper tales, sed multas grauitates et temptationes varias magnasque desolaciones sed pacienter⁶⁵⁵ sustinuerunt se in omnibus, ac⁶⁵⁶ magis confisi sunt deo quam sibi scientes quia non sunt condigne passionis huius temporis ad futuram gloriam promerendii.⁶⁵⁷ Vis tu statim habere quod multi post multas lacrimas⁶⁵⁸ et magnos labores vix obtinuerunt. Expecta dominum viriliter age et confortare Noli diffidere, noli discedere, sed corpus et animam expone constanter pro gloria dei. Ego reddam plenissime ego tecum ero in omni tribulatione.

⁶⁴⁵ TOC-1441: "*Capitulum XXXV.*"; EV-1483: "*Capitulum XL.*".

⁶⁴⁶ EV-1483: "*Inter hostes versaris, a dextris et a sinistris impugnaris.*".

⁶⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*mera*".

⁶⁴⁸ EV-1483: "*requiem*" ausente.

⁶⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*in caeteris*".

⁶⁵⁰ EV-1483: "*ad virtutes*".

⁶⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: "*tyronem*".

⁶⁵² EV-1483: "*Ego reddam ei...*".

⁶⁵³ TOC-1441: "*et infinitam gloriam...*".

⁶⁵⁴ EV-1483: "*tu*" ausente.

⁶⁵⁵ EV-1483: "*patientes*".

⁶⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁶⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*promerendam*".

⁶⁵⁸ EV-1483: "*habere quid multi post lacrimas...*".

Contra vana hominum iudicia. Capitulum XXXVIII. ⁶⁵⁹

[1] Fili iacta cor tuum firmiter in domino ac⁶⁶⁰ humanum ne metuas iudicium. Vbi te conscientia pium reddit et insontem. Bonum est et beatum taliter pati nec hoc erit graui humili corde⁶⁶¹ et deo magisquam [sic] sibiipsi confidenti. Multi multa locuntur. Et ideo parua fides est adhibenda. Sed et omnibus satis esse non est possibile. Si⁶⁶² paulus omnibus studuit in domino placere et omnibus omnia factus est, tamen etiam pro minimo duxit quod ab humano die iudicatus fuerit.⁶⁶³ [2] Egit satis pro aliorum edificatione et salute quantum in se erat et poterat, sed ne ab aliis aliquando iudicaretur vel non deficeret⁶⁶⁴ cohibere non potuit. Ideo totum deo commisit qui totum nouerat ac patientia ac humilitate⁶⁶⁵ contra ora loquencium iniqua aut etiam vana aut mendosa⁶⁶⁶ cogitantium atque pro libitu suo queque iactantium se defendit. Respondit tamen interdum, ne infirmis ex sua taciturnitate generaretur sacandalum. [3] Quis es⁶⁶⁷ tu vt timeas a mortali homine hodie est et cras non comparet. Deum time et hominum terrores non expauesces. Quid potest aliquis in te verbis aut iniuriis, sibi pocius nocet quam tibi nec poterit iudicium dei effugere quicumque est iste.⁶⁶⁸ Tu habe deum pre oculis et noli contendere verbis querulosis. Quod si ad presens tu⁶⁶⁹ videris succumbi et confusionem pati, quam non meruisti, ne indigneris ex hoc neque per impatientiam, minuas coronam tuam sed ad me pocius respice in celum qui potens sum eripere ab omni confusione et iniuria et vnique reddere secundum opera sua.

⁶⁵⁹ TOC-1441: "*Capitulum XXXVI.*"; EV-1483: "*Capitulum XLI.*".

⁶⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁶⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: "*nec hoc erit graue humili cordi...*".

⁶⁶² TOC-1441 e EV-1483: "*Et si...*".

⁶⁶³ TOC-1441: "*fuit*".

⁶⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*despiceretur*".

⁶⁶⁵ TOC-1441: "*et patientia ac humilitate...*"; EV-1483: "*et patientia et humilitate...*".

⁶⁶⁶ TOC-1441: "*aut etiam vana ac mendosa...*"; EV-1483: "*ac etiam vana ac mendosa...*".

⁶⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*es*" ausente.

⁶⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*ille*".

⁶⁶⁹ EV-1483: "*tu*" ausente.

De pura et integra sui resignatione ad obtinendam cordis libertatem. Capitulum XXXIX.⁶⁷⁰

[1] Fili relinque te et inuenies me. Sta sine electione et omni proprietate, et lucraberis semper. Nam et adiicietur tibi amplior gracia statim vt te resignaueris nec resumpseris. Domine quociens me resignabo et in quibus me relinquam. Semper ac⁶⁷¹ in omni hora, sicut in paruo sic et in magno. Nichil excipio sed in omnibus te nudatum inuenire volo. Alioquin quomodo poteris esse meus et ego tuus, nisi fueris ab omni propria voluntate intus et foris spoliatus. Quanto celerius hoc agis tanto melius habebis, et quanto plenius et sincerius tanto plus michi placebis ac⁶⁷² amplius lucraberis. [2] Quidam se resignant sed cum aliqua excepcione. Non enim plene deo confidunt, ideo sibi produidere satagunt. Quidam etiam primo totum offerunt sed postea temptatione pulsante ad propria redeant⁶⁷³ ideo minime in virtute perficiunt. Hii ad vera[m] puri cordis libertatem et iocunde familiaritatis mee grariam non pertingent nisi integra resignacione et cottidiana sui imolacione prius facta sine qua non stat nec stabit vnio fruitiua. [3] Dixi tibi sepiissime et nunc iterum dico. Relinque te resigna te et frueris magna interna pace. Da totum pro toto nil exi[n]quere nil repete Sta pura et inhesitanter in me ac habebis me.⁶⁷⁴ Eris liber in corde et tenebre non conculcabunt te Ad hoc conare hoc ora, hoc desidera⁶⁷⁵ vt ab omni proprietate possis expoliari ac⁶⁷⁶ nudus nudum ihesum sequi tibi mori et michi eternaliter viuere. Tunc deficient omnes fantasie⁶⁷⁷ conturbationes inique et cure superflue. Tunc etiam recedet immoderatus timor, et inordinatus amor morietur.

⁶⁷⁰ TOC-1441: “De pura... ad optinendam cordis libertatem. Capitulum XXXVII.”; EV-1483: “Capitulum XLII.”.

⁶⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁶⁷² TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁶⁷³ TOC-1441: “sed postea temptatione pulsati ad própria redeunt”; EV-1483: “redeunt”.

⁶⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: “sta pure et inhaesitanter in me: et habebis me.”.

⁶⁷⁵ EV-1483: “hoc stude desiderare”.

⁶⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁶⁷⁷ TOC-1441 e EV-1483: “omnes vanae fantasie...”.

De bono regimine in exercitiis et recursum ad deum in periculis. Capitulum XL.⁶⁷⁸

[1] Fili ad istud diligent tendere debes vt in omni loco et actione seu occupatione externa sis intime⁶⁷⁹ liber et tuiipsius potens ac⁶⁸⁰ sint omnia sub te et non⁶⁸¹ sub eis vt sis dominus actionum tuarum et rector non seruus neque empticius sed magis exemptus verusque hebreus in sortem et⁶⁸² libertatem transiens filiorum dei, qui stant super presentia et speculantur eterna. Qui transitoria sinistro intuentur oculo et dextro celestia. Quos temporalia non trahunt ad inherendum sed trahunt ipsi magis ea ad bene seruiendum prout ordinata sunt a deo ac⁶⁸³ instituta a summo pontifice⁶⁸⁴ qui nil inordinatum relinquit in sua creatura [2] sed⁶⁸⁵ etiam in omni euentu stes non in apparentia externa, non⁶⁸⁶ oculo carnali lustras visa vel audita, sed mox in qualibet causa intras cum moyse in tabernaculum ad consulendum dominum. Audies nonnunquam diuinum responsum et redies instructus de multis presentibus et futuris. Semper enim recursum habuit moyses ad tabernaculum pro dubiis et questionibus soluendis fugitque ad orationis adiutorium per periculis et improbitatibus hominum subleuandis. Sic et tu confugere debes in cordi tui secretarium diuinum intentius implorando suffragium. Propterea nanque iosue et filii israhel a gabaonitis leguntur decepti quia os domini prius non interrogauerunt, sed nimium creduli dulcibus semonibus falsa pietate delusi sunt.

Quod homo non sit importunus in negociis. Capitulum XLI.⁶⁸⁷

[1] Fili committe michi semper causam tuam ego bene disponam eam in tempore suo.⁶⁸⁸ Expecta ordinationem meam, et sencies inde profectum. Domine satis libenter tibi omnes res committo, quia parum potest mea cogitatio proficere. Vtinam non multum adhererem futuris euentibus sed ad beneplacitum tuum incunctanter me offerrem [2] Fili sepe homo

⁶⁷⁸ TOC-1441: “De bono regimine in externis et recurso ad Deum in periculis. Capitulum XXXVIII.”; EV-1483: “De bono regimine in externis et recurso ad deum in periculis. Capitulum XLIII.”.

⁶⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: “intimus”.

⁶⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁶⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: “et tu non...”.

⁶⁸² TOC-1441 e EV-1483: “ac”.

⁶⁸³ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁶⁸⁴ TOC-1441: “opifice”.

⁶⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: “Si”.

⁶⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: “nec”.

⁶⁸⁷ TOC-1441: “Capitulum XXXIX.”; EV-1483: “Capitulum XLIII.”.

⁶⁸⁸ TOC-1441: “ego bene disponam in tempore suo.”; EV-1483: “et ego bene disponam in tempore suo.”.

rem aliquam vehementer agitat⁶⁸⁹ quam desiderat sed cum ad eam peruenerit, aliter sentire incipit quia affectiones circa idem non sunt durabiles sed magis de vno ad aliud impellunt.⁶⁹⁰ Non est ergo nimium etiam in minimis seipsum relinquere.⁶⁹¹ [3] Verus profectus hominis est abnegatio suiipsius. Et homo abnegatus valde liber est et securus Sed antiquus hostis omnibus bonis aduersans a temptatione non cessat et⁶⁹² die noctuque graues molitur insidias si forte in laqueum deceptionis possit precipitare incautum. Vigilate ergo ac orate⁶⁹³ dicit dominus vt non intretis in temptationem.

Quod homo nichil boni ex se habet et de nullo gloriari potest. Capitulum XLII.⁶⁹⁴

[1] Domine quid est homo quod memor [s]is⁶⁹⁵ eius aut filius hominis quia visitas eum. Quid promeruit homo vt dares illi gratiam tuam. Domine quid possum conqueri si me deseris aut quid iuste obtendere si quid peto⁶⁹⁶ non feceris. Certe hoc in veritate cogitare possum et dicere. Domine nichil sum nichil possum,⁶⁹⁷ nichil boni ex me habeo sed in omnibus deficio ac⁶⁹⁸ ad nichil semper tendo, ac nisi a te fuero adiutus ac interius confortatus totus⁶⁹⁹ efficior tepidus et dissolutus. [2] Tu autem domine semper idem ipse es et permanes in eternum [sic] semper bonus iustus et sanctus et bene iuste et sancte agens omnia ac disponens cuncta insipientia.⁷⁰⁰ Sed ego qui ad defectum sum magis pronus quam ad profectum non sum semper in eodem⁷⁰¹ statu perdurans, quia septem tempora mutantur, super me. Veruntamen cito melius fit cum tibi placuerit et manum porrexeris adiutricem quia tu solus sine humano suffragio poteris auxiliari et intantum [sic] confirmare vt vultus meus amplius in diuersa non mutetur sed in te vno conuertatur cor meum, et quiescat [3] Vnde si bene scirem humanaque consolationem⁷⁰² abiicere siue propter deuotionem adipiscendam siue propter necessitatem qua compellor te querere quia

⁶⁸⁹ EV-1483: "*Fili mi saepe homo rem aliquam agitat...*".

⁶⁹⁰ EV-1483: "*de vno in aliud nos impellunt.*".

⁶⁹¹ EV-1483: "*Non erro minimum etiam in minimis se relinquere.*".

⁶⁹² TOC-1441: "*sed*".

⁶⁹³ TOC-1441: "*Vigilate et orate...*".

⁶⁹⁴ TOC-1441: "*Capitulum XL.*"; EV-1483: "*Capitulum XLV.*".

⁶⁹⁵ TOC-1441: "*es*".

⁶⁹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*obtendere possum si quod peto...*".

⁶⁹⁷ EV-1483: "*nichil possum*" ausente.

⁶⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁶⁹⁹ TOC-1441: "*Et nisi a te fuero adiutus et interius informatus: totus...*".

⁷⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*semper bonus iustus et sanctus, bene iuste ac sancte agens omnia et disponens in sapientia.*".

⁷⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: "*in vno*".

⁷⁰² TOC-1441 e EV-1483: "*scirem omnem humanam consolationem...*".

non est homo qui me consoletur, tunc possem bene⁷⁰³ de gracia tua sperare, et de dono nouo exultacionis exultare.⁷⁰⁴ [4] Gracias tibi vnde totum venit quocienscunque michi bene succedit Ego autem vanitas et nichilum ante te inconstans homo et infirmus. Vnde ergo possum gloriari, aut cur appeto reputari. Nunquid de nichilo. Et hoc vanissimum est. Vere inanis gloria, mala pestis vanitas maxima quia a vera trahit gloria ac⁷⁰⁵ celesti spoliatur gracia. Dum enim homo complacet sibi displicet tibi, Dum inhiat laudibus humanis priuatur veris virtutibus, [5] Est autem vera gloria ac⁷⁰⁶ exultatio sancta gloriari in te, et non in se gaudere in nomine tuo, et⁷⁰⁷ non in propria virtute nec in aliqua creatura letari⁷⁰⁸ nisi propter te. Laudetur igitur⁷⁰⁹ nomen tuum non meum. Magnificetur opus tuum non meum, benedicatur nomen tuum sanctum nichil autem michi attribuat de laudibus hominum. Tu gloria mea tu exultatio cordis mei in te gloriabor et exultabo tota die, pro me autem nichil nisi infirmitatibus meis. [6] Querant autem iudei gloriam que non ab inuicem est ergo hanc⁷¹⁰ requiram que a solo deo est. Omnis quidam gloria humana omnis honor temporalis, omnis altitudo humana⁷¹¹ eterne glorie tue comparata vanitas est et stulticia. O veritas mea et misericordia mea deus meus trinitas beata tibi soli laus honor virtus ac⁷¹² gloria per infinita secula seculorum Amen.⁷¹³

De contemptu omnis temporalis honoris. Capitulum XLIII.⁷¹⁴

[1] Fili noli tibi attrahere si videas aliquos⁷¹⁵ honorari et eleuari te autem despici et humiliari, erige cor tuum ad me in celum et non contristabit te contemptus hominum⁷¹⁶ in terris. Domine in cecitate sumus, vanitate⁷¹⁷ cito seducimur. Si recte me inspicio nunquam facta est michi iniuria ab aliqua creatura. Vnde nec iuste habeo conqueri auersum te. [2] Quia autem frequenter et grauiter peccaui tibi merito armatur contra me

⁷⁰³ TOC-1441 e EV-1483: "*merito*".

⁷⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*et de dono nouae consolationis exultare*".

⁷⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁷⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁷⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

⁷⁰⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*delectari*".

⁷⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*igitur*".

⁷¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*Querant iudei gloriam quae ab inuicem est, ego hanc...*".

⁷¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*mundana*".

⁷¹² TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁷¹³ TOC-1441: "*Amen*" ausente.

⁷¹⁴ TOC-1441: "*Capitulum XLI*."; EV-1483: "*Capitulum XLVI*".

⁷¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*alios*".

⁷¹⁶ EV-1483: "*hominis*".

⁷¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*et vanitate...*".

omnis creatura. Michi ergo⁷¹⁸ iuste debetur confusio et contemptus, tibi autem laus honor et gloria. Et nisi me ad hoc preparauero quod velim libenter ab omni creatura despici et relinqui atque penitus nichil videri non possum interius pacificari et stabiliri nec spiritualiter illuminari nec⁷¹⁹ plene tibi vniri.

Quod pax non est ponenda in hominibus. Capitulum XLIII.⁷²⁰

[1] Fili ponis⁷²¹ pacem tuam cum aliqua persona propter tuum sentire ac⁷²² conuiuere instabilis eris et impacatus. Sed si recursum habeas⁷²³ ad semper viuentem ac⁷²⁴ manentem veritatem non contristabit te⁷²⁵ amicus recedens aut moriens. In me debet amici dilectio stare et propter me diligendus est quisquis tibi bonus visus est et multum carus in hac vita. Sine me non valet nec durabit amicitia nec erit⁷²⁶ vera et munda dilectio quam ego non copulo. Ita mortuus debes esse talibus affectionibus dilectorum hominum vt quantum ad te pertinet sine omni humano optares esse consorcio. Tanto homo deo magis appropinquat quanto ab humano⁷²⁷ solacio terreno longius recedit. Tanto etiam alcius ad deum, ascendit quanto profundius in se descendit, et plus sibiipsi vilescit. [2] Qui autem sibi aliquid boni attribuit gratiam dei in se inuenire⁷²⁸ impedit quia gracia spiritus sancti cor humile semper querit. Si scires te perfecte anichilare atque omni creato amore⁷²⁹ euacuare tunc deberem tecum magna emanare.⁷³⁰ Quando⁷³¹ tu respicis ad creaturas subtrahitur tibi aspectus creatoris. Disce te in omnibus propter creatorem vincere, et⁷³² tunc ad diuinam valebis cognicionem peruenire.⁷³³ Quantumcunque modicum sit si inordinate diligitur, et respicitur recordat a summo bono quid super omnia diligendum est, et respiciendum alias seducimur.⁷³⁴

⁷¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “igitur”.

⁷¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “neque”.

⁷²⁰ TOC-1441: “Capitulum XLII.”; EV-1483: “Capitulum XLVII.”.

⁷²¹ TOC-1441 e EV-1483: “Fili si ponis....”.

⁷²² TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁷²³ TOC-1441 e EV-1483: “habet”.

⁷²⁴ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁷²⁵ TOC-1441: “te” ausente.

⁷²⁶ TOC-1441: “est”.

⁷²⁷ TOC-1441 e EV-1483: “omni”.

⁷²⁸ TOC-1441 e EV-1483: “venire”;

⁷²⁹ TOC-1441: “ab omni creato amore”.

⁷³⁰ TOC-1441 e EV-1483: “tunc deberem in te cum magna gratia emanare.”.

⁷³¹ EV-1483: “Sed quando...”.

⁷³² TOC-1441 e EV-1483: “et” ausente.

⁷³³ TOC-1441 e EV-1483: “pertingere”.

⁷³⁴ EV-1483: “Quantumcunque modicum sit si inordinate diligitur et respicitur retardat a summo et vitiat.”.

Contra vanam secularem scientiam. Capitulum XLV.⁷³⁵

[1] Fili non te moueant pulcra et subtilia hominum dicta. Non enim est regnum dei in sermone sed in virtute. Attende verba mea que cor⁷³⁶ accendunt et mentes illuminant. Inducunt compunctionem et variam ingerunt consolationem. Nunquam legas ad hoc verbum vt doctior et sapientior possis videri. Stude⁷³⁷ mortificationem viciorum quia hoc amplius tibi proderit, quam multarum⁷³⁸ diff[i]cilium questionum. [2] Cum multa legeris ac⁷³⁹ cognoueris ad vnum semper oportet redire principium,⁷⁴⁰ Ego sum qui doceo hominem scientiam et clariorem paruulis tribuo intelligentiam quam ab homine posset⁷⁴¹ doceri. Cui ego cito sapiens erit ac multum⁷⁴² in spiritu proficiet. Ve illis⁷⁴³ qui multa curiosa ab homibus inquirunt ac⁷⁴⁴ de via michi seruiendi parum curant. Veniet tempus quando apparebit, magister⁷⁴⁵ christus dominus angelorum cunctorum auditurus lectiones hoc est singulorum examinaturus conscientias. Et tunc scrutabitur iherusalem in lucernis et manifesta erunt abscondita tenebrarum tacebuntque argumenta, linguarum [3] ego sum qui humilem in puncto eleuo mentem, vt plures eterne veritatis capiat rationes, quam si quis decem annis studuisset in scolis. Ego doceo sine strepitu, verborum sine confusione oppinionum, sine fastu honorum⁷⁴⁶ sine pugnatione argumentorum. Ego sum qui doceo terrena despicere, presentia fastidire, celestia querere eterna sapere,⁷⁴⁷ honores fugere scandala sufferre omnem spem in me ponere, extra me nil capere⁷⁴⁸ et super omnia me ardentem amare. [4] Nam quidam amando didicit⁷⁴⁹ diuina et loquebatur mirabilia plus profecit in relinquendo omnia quam in studendo subtilia. Sed aliis loquor communia aliis specialia, aliquibus in signis et figuris dulciter appareo quibusdam vero in multo lumine

⁷³⁵ TOC-1441: "*Contra vanam et saecularem scientiam. Capitulum XLIII.*"; EV-1483: "*Contra vanam et saecularem scientiam. Capitulum XLVIII.*".

⁷³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*corda*".

⁷³⁷ EV-1483: "*sed stude....*".

⁷³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*quam noticia multarum...*".

⁷³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁷⁴⁰ EV-1483: "*ad vnum tamen oportet venire principium*".

⁷⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "*possit*".

⁷⁴² TOC-1441 e EV-1483: "*Cui ego loquor, cito sapiens erit et multum...*".

⁷⁴³ TOC-1441: "*eis*".

⁷⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁷⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*magister magistrorum*".

⁷⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*honoris*".

⁷⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*praesentia fastidire, aeterna quaerere, aeterna sapere...*".

⁷⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*cupere*".

⁷⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*Nam quidam amando me intime didicit...*".

reuela⁷⁵⁰ misteria. Vnde⁷⁵¹ vox librorum sed non eque omnes informat quia intus sum doctor veritatis scrutator cordis, cogitationum intellector, actionum promotor distribuens singulis sicut dignum iudicauero.

De non attrahendo sibi res exteriores. Capitulum XLVI.⁷⁵²

[1] Fili in multis oportet te esse inscium et estimare te tanquam mortuum super terram, et cui totus mundus crucifixus sit. Multa etiam oportet te⁷⁵³ surda aure pertransire, et que tue pacis sunt, magis cogitare.⁷⁵⁴ Vtilius est oculos a rebus displicentibus auertere et vnicuique suum sentire relinquere quam contenciosis sermonibus deseruire. Si bene steteris cum deo et eius iudicium aspexeris facilius te victum portabis. [2] O domine quousque venimus. Ecce dampnum [sic] defletur temporale et⁷⁵⁵ pro modico questu laboratur et curatur,⁷⁵⁶ et spirituale detrimentum in obliuionem transit ac⁷⁵⁷ vix sero redditur. Quod parum vel nichil prodest attenditur, et quid necessarium⁷⁵⁸ est negligenter preteritur, quia homo totus ad externa defluit et non resipiscat⁷⁵⁹ libens in exterioribus iacet.

Quod omnibus non est credendum et de facili lapsu verborum. Capitulum XLVII.⁷⁶⁰

[1] Da michi auxilium domine de tribulatione quia vana salus hominis, quam sepe ibi non inueni fidem vbi me habere putavi. Quociens etiam ibi reperi vbi minus presumpsi. Vana ergo spes in hominibus salus autem iustorum in te deus. Benedictus sis domine deus meus que accidunt nobis.⁷⁶¹ Infirmi sumus et instabiles cito fallimur, et permutamur [2] Quis est homo qui ita caute et circumspecte in omnibus se custodire valet vt aliquando in aliquam deceptionem vel perplexitatem non veniat. Sed qui inte⁷⁶² domine confidit ac

⁷⁵⁰ TOC-1441: “revelo”.

⁷⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: “Una”.

⁷⁵² TOC-1441: “Capitulum XLIII.”; EV-1483: “Capitulum XLIX.”.

⁷⁵³ TOC-1441 e EV-1483: “te” ausente.

⁷⁵⁴ EV-1483: “recogitare”.

⁷⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: “et” ausente.

⁷⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: “curritur”.

⁷⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁷⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: “et quod summe necessarium...”.

⁷⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: “et nisi cito resipiscat...”.

⁷⁶⁰ TOC-1441: “Capitulum XLV.”; EV-1483: “Capitulum L.”.

⁷⁶¹ TOC-1441: “Benedictus sis Domine Deus meus, in omnibus quae accidunt nobis.”; EV-1483: “Benedictus sis domine deus in omnibus quae nobis accidunt”.

⁷⁶² TOC-1441 e EV-1483: “in te”.

simplici ex corde querit non tam facile labitur, etsi [sic] inciderit in aliquam tribulationem quorumque fuerit etiam implicatus, per te cicius euacuetur, aut a te consolabitur quia non deseris⁷⁶³ in te sperantem vsque in finem.⁷⁶⁴ Rarus fidus amicus in cunctis⁷⁶⁵ amici perseuerans pressuris. Tu domine tu solus es fidelissimus in omnibus et preter te non est alter talis. [3] O quam bene sapuit sancta anima illa que dixit. Mens mea solidata est et in christo fundata. Si ita mecum foret non tam facile timor humanus me sollicitaret nec verborum iacula mouerent. Quis omnia preuidere quis precauere futura mala sufficit. Si preuisa sepe etiam ledunt quid improuisa nisi grauiter feriunt.⁷⁶⁶ Sed quia ~~miser~~ [sic] non⁷⁶⁷ melius prouidi. Cur etiam tam facile aliis credidi. Sed homines sumus, nec aliud quam fragiles homines sumus, etiam si angeli a multis estimamur et dicimur. Cui credam domine, cui nisi tibi.⁷⁶⁸ Veritas es que non falis nec falli potes. Et rursus omnis homo mendax, et infirmus et instabilis, ac labilis maxime in facie sonare videtur.⁷⁶⁹ [4] Quam prudenter premonuisti cauendum ab homibus ac⁷⁷⁰ quia inimici hominis domestici eius nec credendum. Si quis dixerit. Ecce hic aut ecce illic. Doctus sum dampno, [sic] ac vtinam ad cautelam maiorem ac⁷⁷¹ non ad insipientiam michi.⁷⁷² Cautus esbait [sic] quidam cautus esto,⁷⁷³ serua apud te quod dico. Et dum ego sileo et absconditum credo, nec iste silere potest qui silendum petiit sed statim prodit me ac se et abiit.⁷⁷⁴ Ab huiusmodi fabulis et in cautis hominibus protege me domine, ne in manus eorum incidam, ne⁷⁷⁵ vnquam talia committam. Verbum verum et stabile da in os meum et linguam callidam longe⁷⁷⁶ fac a me. Quid pati nolo omnino⁷⁷⁷ cauere debeo. [5] O quam bonum et pacificum de aliis

⁷⁶³ TOC-1441 e EV-1483: “quia tu non deseris...”.

⁷⁶⁴ TOC-1441: “Et si inciderit aliquam tribulationem; quocumque modo fuerit etiam implicatus, citius per te eruatur, aut a te consolabitur: quia tu non deseres in te sperantem usque in finem.”; EV-1483: “Et si inciderit aliquam tribulationem quomodocumque etiam fuerit implicatus, citius per te eruatur aut a te consolabitur: quia tu non deseris in te sperantem vsque in finem.”.

⁷⁶⁵ EV-1483: “cunctis”, erro de edição.

⁷⁶⁶ EV-1483: “grauiter etiam feriunt?”.

⁷⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: “Sed quare mihi misero non...”.

⁷⁶⁸ EV-1483: “Cui credam domine, cui credam nisi tibi?”.

⁷⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: “Et rursus: Omnis homo mendax, infirmus, instabilis et labilis, maxime in verbis, ita ut statim vix credi debeat quod rectum in facie sonare videtur.”.

⁷⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁷⁷¹ EV-1483: “ac” ausente.

⁷⁷² TOC-1441: “Doctus sum damno meo: et utinam ad cautelam maiorem et non ad insipientiam mih.”;

EV-1483: “Doctus sum damno: et vtinam ad cautelam maiorem, non ad insipientiam mihi.”.

⁷⁷³ TOC-1441 e EV-1483: “Cautus esto quidam ait, cautus esto...”.

⁷⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: “credo, nec ille silere potest quod silendum petiit, sed statim prodit me et se et abiit.”.

⁷⁷⁵ TOC-1441 e EV-1483: “nec”.

⁷⁷⁶ TOC-1441: “longe” ausente.

⁷⁷⁷ TOC-1441: “Quod pati nolo: omnimode...”;

EV-1483: “omnimode”.

silere nec indifferenter⁷⁷⁸ omnia credere neque, de facili vltius effari paucis seipsum reuelare, te semper inspectorem cordis querere nec omnia⁷⁷⁹ vento verborum circumferri sed omnia intima nec exteriora secundum beneplacitum tue voluntatis⁷⁸⁰ optare perfici. Quam tutum est⁷⁸¹ pro conseruacione celestis gracie humanam fugere apparentiam, nec appetere que foris ammiracionem prebere videntur sed ea tota sedulitate sectari que vite emendacionem dant et feruorem [6] quam multis nocuit virtus scita ac propere⁷⁸² laudata, quam sane⁷⁸³ profuit gracia silentio seruata in hac fragili vita que tota temptatio fertur et milicia.

De confidentia in deo habenda quando insurgunt verborum iacula. Capitulum XLVIII.⁷⁸⁴

[1] Fili ista fortiter⁷⁸⁵ et spera in me. Quid enim sunt verba nisi verba. Per aerem volant, sed lapidem non ledunt. Si reus es, cogita quod libenter te emendare velis. Si nichil tibi conscius⁷⁸⁶ pensa quod velis libenter hoc pro deo sustinere. Parum satis est, vt vel verba interdum sustineas qui nec dum forcia verbera tollerare vales. Et quare tam parua tibi ad cor transeunt, nisi quia adhuc carnalis es, et homines magisquam oportet attendis. Nam quia despici metuis reprehendi pro excessibus non vis, et excusationum vmbracula queris. [2] Sed inspicere te melius et agnosces quia viuunt in te adhuc mundus et vanus amor placendi hominibus. Cum enim bassari fugis⁷⁸⁷ et confundi pro defectibus, constat itaque⁷⁸⁸ quod nec verus⁷⁸⁹ humilis sis nec vere mundo mortuus nec mundus tibi crucifixus. Sed audi verbum meum⁷⁹⁰ et non curabis decem milia verba hominum. Ecce si cuncta contracte dicerentur que fingi maliciosissime possunt quid tibi nocere possent si omnino transire permitteres nec plusquam festucam perperderes.⁷⁹¹ Nunquid vel vnum capillum tibi extrahere possent. [3] Sed qui cor intus non habet nec deum pre oculis faciliter verbo

⁷⁷⁸ EV-1483: “*nec aliud indifferenter...*”.

⁷⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*omni*”.

⁷⁸⁰ TOC-1441: “*sed omnia intima et externa secundum placitum tuae voluntatis...*”; EV-1483: “*sed omnia intima et externa secundum tuae beneplacitum voluntatis...*”.

⁷⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: “*est*” ausente.

⁷⁸² TOC-1441 e EV-1483: “*praepropere*”.

⁷⁸³ EV-1483: “*sana*”.

⁷⁸⁴ TOC-1441: “*Capitulum XLVI.*”; EV-1483: “*Capitulum LI.*”.

⁷⁸⁵ TOC-1441: “*Fili. Sta firmiter...*”; EV-1483: “*fir[i]m[i]ter*”.

⁷⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*consciis es...*”.

⁷⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: “*refugis*”.

⁷⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*vtique*”.

⁷⁸⁹ EV-1483: “*vere*”.

⁷⁹⁰ EV-1483: “*verba mea*”.

⁷⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: “*Ecce si cuncta contra te dicerentur quae fingi maliciosissime possent, quid tibi noceret si omnino transire permitteres nec plus quam festucam perperderes?*”.

mouetur vituperacionis. Qui autem in me confidit nec proprio iudicio stare appetit, absque humano terrore erit. Ego enim sum iudex et cognitor omnium secretorum. Ego scio qualiter res acta est. Ego iniuriantem noui et sustinentem, a me exiit verbum istud, me permittente accidit⁷⁹² vt reuelentur ex multis cordibus cogitationes. Ego reum et innocentem iudicabo sed occulto iudicio vtrunque ante probare volui. [4] Testimonium hominum sepe fallit meum iudicium verum est, stabit et non subuertetur. Iacet plerunque ac paucis⁷⁹³ ad singula patet, nunquam tamen errat, nec errare potest etiam si oculis insipientium non recte⁷⁹⁴ videatur. Ad me ergo currendum⁷⁹⁵ est in omni iudicio, nec proprio immitendum⁷⁹⁶ arbitrio. Iustus enim non contristabitur⁷⁹⁷ quicquid ei a deo acciderit. Etiam si iniustum⁷⁹⁸ aliquid contra eum prolatum fuerit, non multum curabit. Sed nec vane exultabit si per alios excusetur rationabiliter. Pensat nanque [sic] quia ego sum scrutans corda et res⁷⁹⁹ qui non iudico secundum faciem et humanam apparentiam. Nam sepe in oculis meis reperitur culpabile quid⁸⁰⁰ hominum iudicio creditur laudabile. [5] Domine deus iuste⁸⁰¹ fortis et pociens qui hominum nosti fragilitatem et prauitatem esto robur meum et tota fiducia mea. Non enim michi sufficit, conscientia mea, tu nosci quid⁸⁰² ego non noui. Et ideo in omni reprehensione humiliare me debui, et mansuete sustinere. Ignosce quoque⁸⁰³ michi propicius quociens sic non egi ac⁸⁰⁴ dona iterum gratiam amplioris sufferencie. Melior est enim michi tua copiosa miseri cordia [sic] ad consecutionem indulgentie, quam mea oppinata iusticia pro defensione latentis conscientie. Etsi [sic] nichil michi conscius sum tamen in hoc me iustificare non possum, quod⁸⁰⁵ remota misericordia tua non iustificabitur in conspectu tuo omnis viuens.

⁷⁹² TOC-1441 e EV-1483: "*permittente hoc accidit...*".

⁷⁹³ TOC-1441 e EV-1483: "*latet plaerunque et paucis...*".

⁷⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*rectum*".

⁷⁹⁵ EV-1483: "*recurrendum*".

⁷⁹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*innitendum*".

⁷⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*conturbabitur*".

⁷⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*iniuste*".

⁷⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*renes*".

⁸⁰⁰ TOC-1441: "*quod*".

⁸⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: "*Domine deus iudex iuste...*".

⁸⁰² TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁸⁰³ EV-1483: "*ergo*".

⁸⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁸⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*quia*".

Quod omnia grauia pro eterna vita sunt tolleranda. Capitulum XLIX.⁸⁰⁶

[1] Fili non te frangant labores quos assumpsisti propter me, nec tribulationes te deiiciant vsquequaque, sed me promissio in omni euentu te roboret et consoletur. Ego sufficiens sum ad reddendum supra omnem modum et mensuram Non diu hoc⁸⁰⁷ laborabis neque semper grauaberis doloribus Expecta paulisper et habebis celerem sinem malorum.⁸⁰⁸ Veniet vna hora quando cessabit omnis labor et tumultus Modicum est, et breue est, omne quid⁸⁰⁹ transit cum tempore [2] Age quid agis fideliter,⁸¹⁰ labora in vinea mea, ego ero merces tua. Scribe, lege, canta, geme, tace, ora, sustine viriliter contraria. Digna est his omnibus et maioribus preliis vita eterna. Veniet et⁸¹¹ pax in die vna que nota est domino et erit non dies neque nox,⁸¹² huius scilicet temporis, sed lux perpetua claritas infinita pax firma ac⁸¹³ requies segura. Non dices tunc, quis me liberabit de corpore mortis huius neque⁸¹⁴ clamabis. Heu michi quia incolatus meus prolongatus est, quoniam precipitabitur mors, et salus erit in defectiua, [sic] anxietas nulla, iocunditas beata, societas dulcis et decora. [3] O si vidisses sanctorum in celo coronas perpetuas quanta quoque nunc exultabunt⁸¹⁵ gloria qui huic mundo olim contemptibiles, et quasi vita ipsi indigni putabantur. Profecto te statim humiliaris vsque ad terram ac affecta res⁸¹⁶ potius omnibus subessequam [sic] vni preesse, nec huius vite letos dies concupisceres, sed magis pro deo tribulari gauderes et pro nichilo inter homines, reputari⁸¹⁷ maximum lucrum duceres. [4] O si tibi hec saperent et profunde ad cor transirent, quomodo auderes vel semel conqueri. Nonne pro vita eterna cuncta laboriosa sunt tolleranda? Non est paruum quid perdere aut lucrari regnum dei Leua igitur faciem tuam in celum. Ecce ego et omnes sancti mecum,⁸¹⁸ qui in hoc seculo habuere certamen⁸¹⁹ modo gaudent, modo consolantur, modo securi sunt, modo requiescunt et sine fine in regno patris mei permanebunt.⁸²⁰

⁸⁰⁶ TOC-1441: "*Capitulum XLVII.*"; EV-1483: "*Capitulum LII.*".

⁸⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*hic*".

⁸⁰⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*Expecta paulisper et videbis celerem finem malorum.*".

⁸⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*et breuue omne quod...*".

⁸¹⁰ TOC-1441: "*Age quod agis; fideliter...*"; EV-1483: "*Age ergo ut agis fideliter...*".

⁸¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

⁸¹² EV-1483: "... *quae nota est domino. Non enim erit dies uel nox...*".

⁸¹³ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁸¹⁴ EV-1483: "*nec*".

⁸¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*exultant*".

⁸¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*et affectares...*".

⁸¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*computari*".

⁸¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*sancti mei mecum...*".

⁸¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*in hoc saeculo Magnum habuere certamen...*".

⁸²⁰ TOC-1441: "*et sine ffine mecum in regno Patris mei permanebunt.*"; EV-1483: "...modo consolantur: et modo securi sunt: et modo requiescunt et sine fine in regno patris mei permanebunt mecum.".

De eternitatis et huius vite angustiiis. Capitulum L.⁸²¹

[1] Superne ciuitatis⁸²² mansio beatissima o dies eternitatis clarissima quam nox non obscurat, sed summa veritas semper irradiat. Dies semper leta, semper segura, et nunquam statum mutans contraria.⁸²³ O vtinam dies illa illuxisset et cuncta hec temporalia finem accepissent. Lucet quidem sanctis perpetua claritate splendida, sed non nisi a longe per speculum⁸²⁴ peregrinantibus in terra. [2] Norunt celi ciues quam gaudiosa sint⁸²⁵ illa gemunt exules filii eue quod amara et tediosa sit ista. De⁸²⁶ huius temporis parui et mali pleni doloribus et angustiiis vbi homo multis peccatis inquinatur multis passionibus irritetur, multis terroribus⁸²⁷ stringitur, multis curis distenditur multis⁸²⁸ curiositatibus distrahitur, multis vanitatibus implicatur, multis erroribus confunditur,⁸²⁹ multis laboribus atteritur, temptationibus grauatur, deliciis eneruatur, egestate cruciatur. [3] O quando finis horum malorum, quando liberabor a miseria, et seruitute viciorum⁸³⁰ quando memorabor domine tui solius, quando ad plenum letabor in te. Quando ero sine omni impedimento, in vera⁸³¹ libertate, sine omni grauamine mentis et corporis quando erit pax solida, pax in pertubabilis [sic] et segura, pax intus et foris, pax ex omnia⁸³² parte firma. Ihesu bone quando stabo ad videndum te, quando contemplabor gloriam regni,⁸³³ quando eris michi omnia in omnibus. O quando ero tecum in regno tuo, quod preparasti dilectis tuis ab eterno. Relictus sum pauper et exul in terra hostili vbi bella cottidiana et infortunia maxima. [4] Consolare exilium meum, mitiga dolorem meum, quia ad te suspirat omne desiderium meum. Nam onus michi totum est quicquid huius mundi fert ad solacium⁸³⁴ Desidero te intime frui sed nequeo⁸³⁵ apprehendere. Opto inherere celestibus sed

⁸²¹ TOC-1441: “De die aeternitatis et huius vitae angustiiis. Capitulum XLVIII.”; EV-1483: “De die aeternitatis et huius vitae angustiiis. Capitulum LIII.”.

⁸²² TOC-1441 e EV-1483: “O supernae civitatis...”.

⁸²³ TOC-1441 e EV-1483: “mutans in contraria...”.

⁸²⁴ TOC-1441: “sed non nisi alonge et per speculum...”.

⁸²⁵ Erro de edição. TOC-1441 e EV-1483: “sit”.

⁸²⁶ TOC-1441 e EV-1483: “Dies”.

⁸²⁷ EV-1483: “multis passionibus irritetur, multis timoribus...”.

⁸²⁸ EV-1483: “distenditur: et multis...”.

⁸²⁹ TOC-1441 e EV-1483: “circumfunditur”.

⁸³⁰ TOC-1441: “quando liberabor a misera servitute vitiorum?”; EV-1483: “O quando finis horum multorum laborum, quando liberabor a misera servitute vitiorum.”.

⁸³¹ EV-1483: “et in vera...”.

⁸³² TOC-1441: “ex omni”; EV-1483: “ab omni”.

⁸³³ TOC-1441 e EV-1483: “regni tui”.

⁸³⁴ TOC-1441 e EV-1483: “...est quicquid mundus hic offert ad solatium.”.

⁸³⁵ TOC-1441 e EV-1483: “nequeo”.

deprimunt me⁸³⁶ res temporales, et immortificate passiones. Mente omnibus rebus superesse volo, sed carne inuite eis subesse cogor.⁸³⁷ Sic ego homo infelix mecum pugno⁸³⁸ et factus sum michimetipsi [sic] grauis, dum spiritus sursum caro⁸³⁹ querit esse deorsum. [5] O quid intus pacior dum mente celestia pertracto ac mox⁸⁴⁰ carnalium turba occurrit oranti. Deus meus ne elongeris a me ne⁸⁴¹ declines in ira a seruo tuo. Fulgura coruscationem tuam et dissipa eam,⁸⁴² emitte sagittas tuas et conturbentur omnes fantasie inimici Recollige sensus meos ad te fac me obliuisci omnium mundanorum. Da cito abicere et contemnere fantasmata viciorum. Succurre michi eterna veritas vt nulla me moueat vanitas. Adueni celestis suauitas, et fugiat a facie tua omnis impuritas, Ignosce quoque michi et misericorditer indulge, quotiens preter te aliud in oratione reuoluo. Confiteor enim⁸⁴³ vere quia valde distracte me habere consueui. Nam ibi multociens non sum vbi corporaliter sto aut sedeo, sed ibi magis sum, quo cogitationibus feror. Ibi sum vbi cogitatio mea est. Vbi est frequenter cogitatio mea, ibi est quid amo,⁸⁴⁴ hoc michi cito occurrit quid⁸⁴⁵ naturaliter delectat aut ex vsu placet. [6] Vnde tu veritas aperte dixisti. Vbi enim est thesaurus tuus ibi est et cor tuum. Si celum diligo libenter de celestibus penso. Si mundum amo, mundi felicitatibus congaudeo, et de aduersitatibus eius tristor. Si carnem diligo, que carnis sunt sepe⁸⁴⁶ imaginor. Si spiritum amo de spiritualibus cogitare delector Quecunque enim diligo de his libenter loquor et audio, atque talium imagines mecum ad domum reporto. Sed beatus ille homo qui propter te domine omnibus creaturis licentiam abundi tribuit, qui nature vim facit et concupiscentias carnis feruore spiritus crucifigit vt seruata⁸⁴⁷ conscientia, puram tibi orationem offerat? Dignusque sit interesse angelicis choris omnibus terrenis foris et intus exclusis.

⁸³⁶ TOC-1441 e EV-1483: “me” ausente.

⁸³⁷ TOC-1441 e EV-1483: “carne autem inuite subesse cogor.”.

⁸³⁸ TOC-1441 e EV-1483: “pugno”.

⁸³⁹ TOC-1441 e EV-1483: “sursum et caro...”.

⁸⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: “caelestia tracto et mox...”.

⁸⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: “neque”.

⁸⁴² TOC-1441 e EV-1483: “eas”.

⁸⁴³ TOC-1441 e EV-1483: “etenim”.

⁸⁴⁴ TOC-1441: “ibi est frequenter cogitatio mea, ubi est quod amo.”; EV-1483: “ibi est id quod amo.”.

⁸⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: “quod”.

⁸⁴⁶ EV-1483: “saepissime”.

⁸⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: “serenata”.

De desiderio eterne vite et quanta sint certantibus bona promissa. Capitulum LI.⁸⁴⁸

[1] Fili⁸⁴⁹ cum tibi desiderium eterne beatitudinis infundi desuper sentis et de tabernaculo corporis exire concupiscis vt claritatem mean sine vicissitudinis vmbra contemplari possis. Dilata cor tuum et omne desiderium tuum hanc sanctam⁸⁵⁰ inspirationem suscipe. Redde amplissimas superne bonitati gracias que tecum sic dignanter agit, clementer visitat, ardentem excitat potenter subleueat, ne proprio pondere ad terrena labaris. Neque enim hoc cogitas tuo proprio accipis,⁸⁵¹ sed sola dignacione superne gracie et diuini respectus, quatenus in virtutibus et maiori humilitate proficias et ad futura certamina te prepares michique toto cordis affectu adherere ac feruenti voluntate studeas deseruire. [2] Fili sepe ignis ardet sed sine fumo flamma non ascendit. Sic et aliquorum desideria ad celestia flagrant et tamen a temptatione carnalis affectus liberi non sunt. Idcirco nec omnino pure pro honore dei agunt, quid⁸⁵² tam desideranter ab eo petunt. Tale est et tuum sepe desiderium quid⁸⁵³ insinuasti fore tam importunum. Non enim est hoc purum et perfectum quid propria commoditate est factum.⁸⁵⁴ [3] Pete non quid⁸⁵⁵ tibi est delectabile et commodum, sed quid⁸⁵⁶ michi est acceptabile atque honorificum quia si recte iudicas ordinacionem meam tuo desiderio et omni desiderato preferre debes et⁸⁵⁷ sequi Nam⁸⁵⁸ desiderium tuum et frequentes gemitus audiui. Iam velles in libertate glorie filiorum dei esse. Iam te delectat domus eterna ac⁸⁵⁹ celestis patria gaudio plena sed nondum venit hora ista. Et adhuc aliud tempus belli, tempus laboris, et probationis⁸⁶⁰ optas summo repleti bono sed non potes, hoc assequi modo. Ego sum expecta me dicit dominus donec veniat regnum dei. [4] Probandus es adhuc in terris et in multis exercitandus. Consolacio tibi interdum dabitur, sed copiosa sacietas non conceditur. Confortare igitur et esto robustus tam in agendo quam in paciendo nature contraria. Oportet te nouum induere

⁸⁴⁸ TOC-1441: "*Capitulum XLIX.*"; EV-1483: "*Capitulum LIII.*".

⁸⁴⁹ EV-1483: "*Fili mi...*".

⁸⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*et omni desiderio hanc sanctam...*".

⁸⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: "*Neque enim hoc coitatu tuo aut conatu accipis...*".

⁸⁵² TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁸⁵³ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁸⁵⁴ TOC-1441: "*quod propria commoditate est infectum.*"; EV-1483: "*infectum*".

⁸⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁸⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

⁸⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*ac*".

⁸⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*Noui*".

⁸⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁸⁶⁰ TOC-1441: "*sed est adhuc aliud tempus: scilicet tempus belli tempus laboris et probationis.*"; EV-1483: "*sed est adhuc aliud tempus belli, videlicet tempus laboris et probationis.*".

hominem et in alt[er]ium virum mutari, oportet te sepe agere quod non vis et quid⁸⁶¹ vis oportet te relinquere. Quod aliis placet processum habebit, quid⁸⁶² tibi placet vltra non proficiet. Quod alii dicunt audietur, quod tu dicis pro nichilo computabitur, petent alii ac⁸⁶³ accipient, tu petes nec impetrabis. [5] Erunt alii magni in ore hominum de te autem tacebitur. Aliis hoc vel illud committetur, tu autem ad nichil vtilis⁸⁶⁴ iudicaberis, propter hoc natura contristabitur, et magnum certamen sustinebit sed similes hec portaueris.⁸⁶⁵ In his ac⁸⁶⁶ similibus, multis probari solet fidelis domini seruus, qualiter se abnegare et in omnibus frangere queat.⁸⁶⁷ Vix est aliquid tale in quo tantundem mori indiges sicut videre⁸⁶⁸ et pati que voluntati tue sunt aduersa. Maxime autem cum disconuenientia que minus tibi vtilia apparent fieri iubentur. Et quia non audes resistere altiori potestati sub dominio constitutus Ideo durum tibi videtur ad nutum alterius ambulare et omne proprium sentire obmittere. [6] Sed pensa fili horum fructum laborem⁸⁶⁹ celerem finem atque premium nimis magnum ac⁸⁷⁰ habebis inde grauamen sed fortissimum patientie tue solamen. Nam et pro modica hac voluntate quam nunc sponte deseris habebis voluntatem tuam in celis.⁸⁷¹ Ibi aderit tibi totius boni facultas sine timore ammittendi. Ibi voluntas tua vna semper mecum nil cupiet extraneum priuatum.⁸⁷² Ibi nullus resister tibi. Nemo de te conqueretur nemo te⁸⁷³ impediet, nichil obuiabit, sed cuncta desiderata simul erunt presentia totumque affectum tuum reficient, et adimplebunt vsque ad summum. Ibi reddam gloriarum⁸⁷⁴ pro contumelia perpressa pallium laudis, pro merore, pro loco nouissimo sedem in secula.⁸⁷⁵ Ibi apparebit fructus obedientie gaudebit labor penitentiae et omnis⁸⁷⁶ subiectio coronabitur gloriose. [7] Nunc ergo inclina te humiliter sub omnium

⁸⁶¹ TOC-1441: “quod”.

⁸⁶² TOC-1441: “quod”.

⁸⁶³ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁸⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: “vtilis”.

⁸⁶⁵ TOC-1441: “Propter hoc natura quandoque contristabitur: et Magnum si silens portaueris.”; EV-1483: “Nam propter hoc natura aliquando contristabitur, et magnum si silens portaueris.”.

⁸⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁸⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: “quiuerit”.

⁸⁶⁸ EV-1483: “sicut non videri...”.

⁸⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: “laborum”.

⁸⁷⁰ TOC-1441: “et non...”.; EV-1483: “et”.

⁸⁷¹ TOC-1441: “habebis semper voluntatem tuam in caelis. Ibi quippe inuenies omne quod volueris, omne, quod desiderare poteris”; EV-1483: apenas adiciona “Ibi quippe inuenies omne quod volueris, omne quod desiderare potes...”, portanto, em relação à TOC-1441, “semper” ausente na oração anterior.

⁸⁷² TOC-1441 e EV-1483: “extraneum uel priuatum.”.

⁸⁷³ TOC-1441 e EV-1483: “te” ausente.

⁸⁷⁴ TOC-1441: “gloriam”.

⁸⁷⁵ TOC-1441 e EV-1483: “sedem regni in saecula...”.

⁸⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: “humilis”.

manibus, nec tibi⁸⁷⁷ sit cure quis hoc dixerit vel iusserit sed hoc magno opore⁸⁷⁸ curato vt siue prelati siue minor⁸⁷⁹ aut equalis, aliquid a te exposerit⁸⁸⁰ vel inuenerit, pro bono totum accipias et sincera voluntate studeas adimplere. Querat alius hoc alius illud, gloriatur ille in illo et iste in isto. Laudeturque millies mille, tu autem nec in isto nec in illo sed in⁸⁸¹ tuiipsius gaude contemptu, et in mei solius beneplacito ac honore. Hoc optandum est tibi vt siue per vitam siue per mortem deus in te semper glorificetur.

Qualiter homo desolatus se⁸⁸² debet in manus dei offerre. Capitulum LII.⁸⁸³

[1] Domine deus sancte pater sis nunc et in eternum [sic] benedictus quod⁸⁸⁴ sicut vis sic factum est, ac quid⁸⁸⁵ facis bonum est letetur in te seruus tuus non in se nec in aliquod alio quod⁸⁸⁶ tu solus leticia vera tu solus⁸⁸⁷ spes mea et corona mea tu gaudium meum et honor meus domine, quid habet seruus tuus nisi quod⁸⁸⁸ a te accepit etiam sine merito suo? Tua sunt omnia que dedisti et fecisti.⁸⁸⁹ Pauper sum et in laboribus meis a iuuentute mea et contristat⁸⁹⁰ anima mea nonnunquam vsque ad lacrimas, quandoque etiam conturbatur ad se propter imminentes passiones. [2] Desidero pacis gaudium, pacem filiorum tuorum flagito qui in lumine consolationis a te pascuntur. Si das pacem, si gaudium sanctum infundis erit anima serui tui plena modulatione et deuota in laude tua. Sed si subtraxeris te sicut sepiissime soles non, poterit currere viam mandatorum tuorum sed magis ad tundendum pectus genua eius⁸⁹¹ incuruantur, quia non est illi sicut heri et nudius tercius quando splendebat lucerna tua super caput eius ac⁸⁹² sub vmbra alarum tuarum protegebatur a temptationibus irruentibus. [3] Pater iuste et semper laudande venit hora vt probetur seruus tuus. Pater amande dignum est, vt hac hora paciatur pro te aliquid seruus tuus. Pater perpetue venerande venit hora quam ab eterno presciebas affuturam vt

⁸⁷⁷ EV-1483: “tibi” ausente.

⁸⁷⁸ Erro de edição. TOC-1441 e EV-1483: “*magnopere*”.

⁸⁷⁹ TOC-1441: “*iunior*”.

⁸⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*exposcerit*”.

⁸⁸¹ EV-1483: “*in*” ausente.

⁸⁸² EV-1483: “*se*” ausente.

⁸⁸³ TOC-1441: “*Capitulum L.*”; EV-1483: “*Capitulum LV.*”.

⁸⁸⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*quia*”.

⁸⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*et quod...*”.

⁸⁸⁶ E TOC-1441 e V-1483: “*quia*”.

⁸⁸⁷ TOC-1441 e TOC-1441 e EV-1483: “*solus*” ausente.

⁸⁸⁸ EV-1483: “*quid*”.

⁸⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*et quae fecisti.*”.

⁸⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*contristatur*”.

⁸⁹¹ EV-1483: “*eius*” ausente.

⁸⁹² TOC-1441 e EV-1483: “*et*”.

ad modicum tempus succumbat foris seruus tuus viuat vero semper apud te intus. Paululum vilipendatur humilietur et deficiat coram hominibus, passionibus conteratur et languoribus, ac⁸⁹³ iterum tecum in aurora noue lucis resurgat, et in celestibus glorificetur.⁸⁹⁴ Pater sancte tu sic ordinasti, et sicut voluisti et factum est, quod precepisti.⁸⁹⁵ [4] Hec enim est gracia ad amicum tuum pati et tribulari in mundo pro amore tuo quocienscunque et a quocunque id permiseris fieri.⁸⁹⁶ Sine consilio et prouidentia tua, et sine causa nichil fit in terra. Bonum michi domine quod humiliasti me, vt discam iustificationes tuas, et omnes electiones⁸⁹⁷ cordis atque presumptiones abiiciam. Vtile michi est⁸⁹⁸ quod confusio cooperuit faciem meam vt te potius quam homines ad consolandum requiram. Didici etiam ex hoc inscrutabile iudicium tuum expauescere, qui affligis iustum cum impio sed non sine equitate et iusticia. [5] Gracias tibi quia non pepercisti malis et attriui me verberibus amaris infligens dolores et immitens angustias intus ac foris.⁸⁹⁹ Non est qui consoletur⁹⁰⁰ ex omnibus que sub celo sunt nisi tu domine deus meus celestis medicus animarum qui percutis ac⁹⁰¹ sanas deducis ad inferos et reducis. Disciplina tua super me, et virga tua ipsa me docebit. [6] Ecce pater dilecte in manibus tuis sum ego sub virga correctionis tue me inclino, percutere dorsum meum et curuam ad voluntatem tuam⁹⁰² tortuositatem meam. Fac me pium et humilem discipulum sicut bene facere consueuisti, vt ambulem ad omnem nutum tuum. Tibi me et omnia mea ad corrigendum commendo. Melius est enim⁹⁰³ hic corripui quam in futuro. Tu scis omnia et singula et nichil te latet in humana conscientia. Antequam fiant nosti futura⁹⁰⁴ et non opus est tibi vt quis doceat te aut moneat⁹⁰⁵ de hiis que geruntur in terra. Tu scis quid expedit ad profectum meum, et quantum deseruit tribulatio ad rubiginem viciorum purgandam. Fac mecum desideratum beneplacitum tuum, ac⁹⁰⁶ ne despicias peccaminosam vitam meam nulli melius nec clarius quam tibi soli notam. [7] Da michi

⁸⁹³ TOC-1441 e EV-1483: “ut”.

⁸⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “clarificetur”.

⁸⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: “et hoc factum est quod ipse praecepisti.”.

⁸⁹⁶ EV-1483: “tuo quotienscunque a quocunque et quomodocunque id permiseris fieri.”.

⁸⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “electiones”.

⁸⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “est” ausente.

⁸⁹⁹ TOC-1441: “quia non pepercisti malis meis; sed attriui me verberibus amaris: infligens Dolores et immitens angustias foris et intus.”; EV-1483: “quia non pepercisti malis meis sed attriui me verberibus amoris infligens Dolores: et immitens angustias foris et intus.”.

⁹⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: “qui me consoletur...”.

⁹⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁹⁰² TOC-1441 e EV-1483: “percutere dorsum meum et collum meum ut incuruam ad voluntatem tuam...”.

⁹⁰³ TOC-1441 e EV-1483: “enim” ausente.

⁹⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: “ventura”.

⁹⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: “admoneat”.

⁹⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

domine hoc⁹⁰⁷ scire quod sciendum est, hoc amare quod amandum est, hoc laudare quod tibi summe placet, hoc reputare quod tibi preciosum apparet hoc vituperare quod⁹⁰⁸ oculis tuis sordescit. Non me sinas secundum visionem oculorum exteriorum iudicare, neque secundum auditum aurium hominum impiorum⁹⁰⁹ sententiare, sed in iudicio vero de visibilibus et spiritualibus discernere atque super omnia voluntatem beneplaciti tui semper inquirere. [8] Falluntur sepe hominum sensus in iudicando. Falluntur et amatores seculi visibilia tantummodo amando. Quid est homo inde melior, quod⁹¹⁰ reputatur ab homine maior. Fallax fallacem, vanus vanum, cecus cecum, infirmus infirmum decipit, dum exaltat et veraciter magis confundit, dum inaniter laudat. Nam quantum vnus quisque [sic] est in oculis tuis tantum est et non amplius ait humilis franciscus.⁹¹¹

Quod humilibus insistendum est operibus et non deficitur a summis. Capitulum LIII.⁹¹²

[1] Fili non vales semper in feruentiori desiderio virtutum stare nec in altiori gradu contemplacionis consistere,⁹¹³ sed necesse habes interdum ad⁹¹⁴ originalem corruptelam ad inferiora descendere et onus corruptibilis vite etiam inuite cum⁹¹⁵ tedio portare. Quamdiu mortale corpus geris tedium sencies et grauamen cordis. Oportet enim hoc sepe⁹¹⁶ in carne de carnis onere gemere eo quod non vales spiritualibus studiis et diuine contemplacioni indesinenter inherere. [2] Tunc expedit tibi ad humilia et exteriora confugere opera et in bonis actibus te recreare. Aduentum meum et supernam visitacionem firma confidentia expectare. Exilium tuum et ariditatem mentis pacienter sufferre donec iterum a me visiteris et ab omnibus anxietatibus libereris. Nam faciam te laboris⁹¹⁷ obliuisci et interna quiete perfrui. Expandam coram te prata scripturarum vt

⁹⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: “hoc” ausente.

⁹⁰⁸ EV-1483: “quid”.

⁹⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: “imperitorum”.

⁹¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: “quia”.

⁹¹¹ TOC-1441 e EV-1483: “humilis sanctus franciscus.”.

⁹¹² TOC-1441: “Quod homilibus insistendum est operibus cum deficitur a summis. Capitulum LI.”; EV-1483: “Quod humilibus insistendum est operibus cum deficitur a summis. Capitulum LVI.”.

⁹¹³ EV-1483: “consistere” ausente.

⁹¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: “ob”.

⁹¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: “inuite et cum...”.

⁹¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: “Oportet ergo saepe...”.

⁹¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: “laborum”.

dilatato corde curre⁹¹⁸ incipias viam mandatorum meorum et dices. Non sunt condigne passiones huius temporis ad futuram gloriam que reuelabitur in vobis.⁹¹⁹

Quod homo non reputet se consolatione dignum sed magis verberibus reum. Capitulum LIII.⁹²⁰

[1] Domine non sum dignus consolatione tua nec aliqua spiritali visitatione et ideo iuste mecum agis quando me inopem et desolatum relinquis. Si enim adinstar maris lacrimas fundere possem, adhuc consolatione tua dignus non essem. Vnde nichil dignus sum quam flagellari et puniri, quia grauiter et sepe te offendi et in multis valde te dereliqui.⁹²¹ Ergo vera pensata ratione nec minima dignus sum consolatione. Sed tu clemens et misericors deus⁹²² qui non vis perire opera tua ad ostendendum diuicias bonitatis tue inuasa misericordie,⁹²³ etiam preter omnem meritum proprium digneris⁹²⁴ consolari seruum tuum supra humanum modum. Tue enim consolationis⁹²⁵ non sunt sicut humane confabulationes. [2] Quid egi domine vt michi conferres aliquam celestem consolationem. Ego nichil boni me egisse recolo, sed semper ad vicia pronum, et ad emendationem pigrum fuisse. Verum est et negare non possum. Si aliter dicerem tu stares contra me ac⁹²⁶ non esset qui defenderet. Quid merui pro peccatis meis nisi infernum et ignem eternum. In veritate confiteor quoniam dignus sum omni ludibrio et contemptu nec decet me inter iustos et deuotos tuos commemorari.⁹²⁷ Et licet hec egere⁹²⁸ audiam tamen aduersum me pro veritate peccata mea arguam vt facilius misericordiam tuam merear impetrare. [3] Quid dicam reus et omni confusione plenus. Non habeo os loquendi nisi hoc tantum verbum.⁹²⁹ Peccaui domine peccaui miserere mei. Ignosce michi. Sine me paululum vt

⁹¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: “currere”.

⁹¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “in nobis”. EA-1471/72: há um pequeno “n” sobre o “v” de “vobis”, provavelmente indicando uma dupla possibilidade de leitura.

⁹²⁰ TOC-1441: “Capitulum LII.”; EV-1483: “Capitulum LVII”.

⁹²¹ TOC-1441 e EV-1483: “valde deliqui.”.

⁹²² EV-1483: “deus” ausente.

⁹²³ TOC-1441: “bonitatis tuae in vasa misericordiae...”; EV-1483: “bonitatis tuae in vasa misericordiae tuae...”.

⁹²⁴ TOC-1441: “praeter omne proprium meritum dignaris...”; EV-1483: “dignaris”.

⁹²⁵ TOC-1441 e EV-1483: “consolationes”.

⁹²⁶ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

⁹²⁷ TOC-1441 e EV-1483: “inter deuotos tuos commorari.”.

⁹²⁸ TOC-1441: “licet hoc aegre...”; EV-1483: “aegre”. EA-1471/72: há um pequeno “e” sobre o “gr” de “egre”, indicando uma correção para “egere”.

⁹²⁹ Novamente, uma lacuna em TOC-1441, referente às páginas 243 a 254. A continuidade deste capítulo, LII em TOC-1441, juntamente com os de número LIII, LIIII, LV e LVI, está ausentes na edição trabalhada. Até a retomada do texto, em seu capítulo LVII – LXI da EA-1471/72 – há apenas as variações referentes à EV-1483 e a identificação dos capítulos entre colchetes.

plangam dolorem meum antequam vadam ad terram tenebrosam ac⁹³⁰ opertam mortis caligine. Quid⁹³¹ tam maxime a reo peccatore misero requiris nisi vt conuertatur⁹³² et humiliet se pro delictis suis. In vera contritione et cordis humiliatione noscitur⁹³³ spes venie reconciliatur turbata⁹³⁴ conscientia, reparatur perdita gracia tuetur homo a futura ira et occurrunt sibi mutuo in osculo sancto deus et penitens anima. [4] Humilis peccatorum contritio acceptabile est sacrificum deo longe⁹³⁵ suauius odorans in conspectu tuo quam thuris incensum. Hoc est gratum etiam vng[u]entum quid sacris pedibus tuis infundi voluisti quia cor contritum ac humiliatum nunquam despexisti. Ibi est locus a facie ire inimici. Ibi emendatur et abluitor quod aliunde contractum est inquinatum.⁹³⁶

Quod gracia dei non miscetur terrena sapientibus. Capitulum LV.⁹³⁷

[1] Fili preciosa est gracia mea non patitur se misceri extraneis rebus nec consolacionibus terrenis. Abiicere ergo oportet omnia impedimenta graciae si optas eius infusionem suscipere. Pete secretum tibi ama solus habitare, tecum nullius require consolacionem,⁹³⁸ sed magis ad deum deuotam effunde precem vt compunctam teneas mentem et puram conscientiam. Totum mundum nichil estima dei vocacionem⁹³⁹ omnibus antepone exterioribus Non enim poteris michi vacare et in transitoriis pariter semper⁹⁴⁰ delectari. A notis et caris oportet te elongari⁹⁴¹ et ab omni temporali solacio mentem tenere priuatam. Sic obsecrat beatus petrus apostolus vt tanquam aduenas et peregrinos in mundo hoc se contineant cristi fideles. [2] O quanta fiducia erit morituro quem nullius rei aspectus⁹⁴² detinet in mundo Sed sic segragatum cor habere ab omnibus eger nec dum capit animus nec animalis homo nouit interni hominis libertatem. Attamen si vere velis⁹⁴³ esse spiritualis oportet te⁹⁴⁴ renuntiare tam remotis quam propinquis et a nemine magis

⁹³⁰ EV-1483: "et".

⁹³¹ EV-1483: "Et quid...".

⁹³² EV-1483: "conteratur".

⁹³³ EV-1483: "nascitur".

⁹³⁴ EV-1483: "perturbata".

⁹³⁵ EV-1483: "contritio acceptabile tibi est domine sacrificium, longe...".

⁹³⁶ EV-1483: "et abluitor quicquid aliunde contractum est et inquinatum".

⁹³⁷ [TOC-1441: Capitulum LIII.]; EV-1483: "De gratia quae non miscetur terrena sapientibus. Capitulum LVIII."

⁹³⁸ EV-1483: "confabulationem".

⁹³⁹ EV-1483: "vacationem".

⁹⁴⁰ EV-1483: "semper" ausente.

⁹⁴¹ EV-1483: "et a charis amicis oportet elongari...".

⁹⁴² EV-1483: "affectus".

⁹⁴³ EV-1483: "velit".

⁹⁴⁴ EV-1483: "eum".

cauere quam a teipso. Si temetipsum perfecte viceris cetera facilius subiugabis. Perfecta victoria⁹⁴⁵ est de semetipso triumphare. Qui enim sic⁹⁴⁶ semetipsum subiectum tenet vt sensualitas rationi et ratio in cunctis obediat michi, hic vere victor est sui et dominus mundi. [3] Si ad hunc apicem scandere gliscis oportet te⁹⁴⁷ viriliter incipere ac⁹⁴⁸ securim ad radicem ponere vt euellas et destruas occultam et inordinatam inclinationem ad teipsum et ad omne priuatum et materiale bonum. Ex hoc vicio quod homo seipsum⁹⁴⁹ nimis inordinate diligit, pene totum pendet quicquid radicaliter vincendum est. Quo deuicto et subacto malo pax magna et tranquillitas erit continuo. Sed q[ui]a pauci sibiipsis perfecte mori laborant nec plene extra se in spiritu eleuari possunt.⁹⁵⁰ Qui autem libere mecum ambulare desiderat necesse est vt omnes prauas et inordinatas affectiones suas mortificet atque nulli creature priuato amore concupiscenter inhereat.

De diuersis mortibus⁹⁵¹ nature et gracie. Capitulum LVI.⁹⁵²

[1] Fili diligenter aduerte motus nature et gracie, quia valde contrarie et subtiliter mouentur, et vix nisi a spirituali ac⁹⁵³ intimo illuminato, homine discernuntur. Omnes quidem bonum appetunt et aliquid boni in suis dictis vel factis pretendunt. Ideo sub specie boni multi falluntur. Natura callida est et multociens⁹⁵⁴ trahit illaqueat ac⁹⁵⁵ decipit, et se semper pro fine habet, sed gracia simpliciter ambulat ab omni specie mala declinat, fallacitas non pretendit et omnia pure propter deum agit. In quo et finaliter requiescit. [2] Natura inuite vult mori nec premi nec superari, nec subesse, nec sponte subiugari. Gracia vero studet mortificationi proprie resistit sensualitati querit subiici, appetit vinci, nec propria vult libertate fungi, sed⁹⁵⁶ sub disciplina amat teneri, nec alicui cupit dominari, sed sub deo semper viuere stare et esse atque propter deum omni humane creature

⁹⁴⁵ EV-1483: “*perfecta nanque victoria...*”.

⁹⁴⁶ EV-1483: “*sic*” ausente.

⁹⁴⁷ EV-1483: “*te*” ausente.

⁹⁴⁸ EV-1483: “*et*”.

⁹⁴⁹ EV-1483: “*semetipsum*”.

⁹⁵⁰ EV-1483: “*nec plene extra se tendunt, propterea in se implicati remanente nec supra se in spiritu eleuari possunt.*”.

⁹⁵¹ Erro de edição. EV-1483: “*motibus*”.

⁹⁵² [TOC-1441: *Capitulum LIII.*]; EV-1483: “*Capitulum LIX*”.

⁹⁵³ EV-1483: “*et*”.

⁹⁵⁴ EV-1483: “*multos*”.

⁹⁵⁵ EV-1483: “*et*”.

⁹⁵⁶ EV-1483: “*sed*” ausente.

humiliter parata inclinari.⁹⁵⁷ Natura pro commodo⁹⁵⁸ laborat, et quid lucri sibi ex alio proueniat attendit. Gracia autem non quid sibi vtile et commodosum sit, sed quid⁹⁵⁹ multis proficiat magis considerat. Natura libenter honorem et reuerentiam accipit: Gracia vero omnem honorem et gloriam deo fideliter attribuit. [3] Natura confusionem timet, et contemptum, gracia autem gaudet, pro nomine ihesu contumeliam pati. Natura ocium amat et quietem corporalem. Gracia vero⁹⁶⁰ vacua esse non potest sed libenter amplectitur laborem. Natura querit habere curiosa et pulcra abhorret vilia et grossa. Gracia vero simplicibus delectatur et humilibus aspera non asperantur nec vetustis refugit indui pannis. Natura respicit temporalia gaudet ad lucra terrena, tristatur de damno, irritatur leui iniurie verbo, Sed gracia attendit eterna non inheret temporolibus [sic], nec in perditione rerum turbatur, neque verbis durioribus acerbatur quia thesaurum suum et gaudium in celo vbi nil perit constituit. [4] Natura cupida est et libencius accipit quam donat amat propria et priuata. Gracia autem pia est ac⁹⁶¹ communis vitat singularia contentatur paucis beacius dare iudicat quam accipere. Natura inclinatur ad creaturas ad carnem propriam ad vanitates⁹⁶² et discursus. Sed gracia trahit ad deum et ad virtutes renunciat creaturis fugit mundum, odit carnis desideria, restringit euaginations,⁹⁶³ erubescit in publico apparere. Natura libenter aliquod solacium habet externum in quod⁹⁶⁴ delectetur ad sensum. Sed gracia in solo deo querit consolari et in summo bono super omnia visibilia delectari. [5] Natura totum agit propter lucrum, et proprium commodum, nichil gratis agere⁹⁶⁵ potest, sed aut equale, aut melius, aut laudem, aut fauorem pro benefactis consequi sperat, et multum ponderari sua gesta et dona concupiscit. Gracia vero nil temporale querit, nec aliud premium quam deum solum, pro mercede postulat, nec amplius de temporalibus necessariis desiderat nisi quantum hec sibi ad assecucionem eternorum valeant deseruire. [6] Natura gaudet de amicis multis et propinquis, gloriatur de nobili loco et ortu generis arridet potentibus blanditur diuitibus applaudit sibi similibus. Gracia autem inimicos⁹⁶⁶ diligit nec de amicorum turba extollitur, nec ortum, nec locum natalium reputat,⁹⁶⁷ nisi virtus maior ibi fuerit. Fauet magis pauperi, quam diuiti, compatitur plus innocenti quam

⁹⁵⁷ EV-1483: "*parata est inclinari.*".

⁹⁵⁸ EV-1483: "*pro suo comodo...*".

⁹⁵⁹ EV-1483: "*quod*".

⁹⁶⁰ EV-1483: "*autem*".

⁹⁶¹ EV-1483: "*et*".

⁹⁶² EV-1483: "*ad vanitatem*".

⁹⁶³ EV-1483: "*euagationes*".

⁹⁶⁴ EV-1483: "*in quo*".

⁹⁶⁵ EV-1483: "*facere*".

⁹⁶⁶ EV-1483: "*autem et inimicos...*".

⁹⁶⁷ EV-1483: "*nec locum nec ortum natalium reputat...*".

potenti, congaudet veraci et⁹⁶⁸ non fallaci, exhortatur semper bonos meliora Carismata emuliri⁹⁶⁹ et filio dei per virtutes assimilari. Natura defectu⁹⁷⁰ et molestia cito conqueritur. Gracia vero⁹⁷¹ constanter fert inopiam. [7] Natura omnia ad se reflectit pro se certat et arguit. Gracia autem ad deum cuncta reducit. Vnde originaliter emenant, nichil boni sibi ascribit nec arroganter presummit, nec contendit nec sententiam⁹⁷² aliis preferit, sed in omni⁹⁷³ te intellectu eterna sapientie ac diuino examine se submittit. Natura appetit scire secreta, et noua audire⁹⁷⁴ vult exterius apparere et multa per sensus experiri. Desiderat agnoscere⁹⁷⁵ et agere vbi⁹⁷⁶ laus et ammiratio procedit. Sed gracia non curat noua nec curiosa percipere, quia totum de vetustate⁹⁷⁷ corruptionis est ortum cum nichil nouum et durable sit super terram. Docet itaque gracia⁹⁷⁸ sensus restrigere, vanam complacentiam et ostentationem deuitare laudanda et digne miranda humiliter abscondere, et de omni re et omni scientia, vtilitas⁹⁷⁹ fructum atque dei laudem et honorem querere Non vult se nec sua predicari sed deum in donis suis optat benedici qui cuncta ex mera caritate largitur. [8] Gracia supernale lumen est quoddam⁹⁸⁰ dei speciale, donum et⁹⁸¹ proprie electorum signaculum et pignus salutis eterne quia⁹⁸² hominem de terrenis ad celestia sustollit⁹⁸³ et de carnali spiritualem efficit. Quanto ergo⁹⁸⁴ natura amplius premitur et vincitur tanto maior gracia infunditur et cottidie nouis visitationibus interior homo secundum imaginem reformatur.⁹⁸⁵

⁹⁶⁸ EV-1483: “et” ausente.

⁹⁶⁹ EV-1483: “emulare”.

⁹⁷⁰ EV-1483: “Natura de defectu...”.

⁹⁷¹ EV-1483: “vero” ausente.

⁹⁷² EV-1483: “non contendit nec suam sententiam...”.

⁹⁷³ EV-1483: “in omni sensu...”.

⁹⁷⁴ EV-1483: “Natura appetit scire, et noua secreta audire...”.

⁹⁷⁵ EV-1483: “agnosci”.

⁹⁷⁶ EV-1483: “vnde”.

⁹⁷⁷ EV-1483: “quia totum hoc de vetustate...”.

⁹⁷⁸ EV-1483: “gracia” ausente.

⁹⁷⁹ EV-1483: “vtilitatis”.

⁹⁸⁰ EV-1483: “Haec gratia supernaturale lumen et quoddam...”.

⁹⁸¹ EV-1483: “donum est et...”.

⁹⁸² EV-1483: “quae”.

⁹⁸³ EV-1483: “ad caelestia amanda sustollit...”.

⁹⁸⁴ EV-1483: “igitur”.

⁹⁸⁵ EV-1483: “secundum imaginem dei reformatur...”.

De corrupcione nature et efficacia gracie diuine. Capitulum LVII.⁹⁸⁶

[1] Domine deus meus qui me creasti ad ymaginem et similitudinem tuam. Concede michi hanc gratiam quam ostendisti tam magnam ac necessariam ad salutem ac vnicam pessimam naturam meam retrahentem ad peccata ac in perditionem.⁹⁸⁷ Sencio enim in carne mea legem peccati contradicentem, legi mentis mee et captiuum me ducentem ad obediendum sensualitati in multis nec possum resistere passionibus eius nisi assistat tua sanctissima gracia cordi meo ardentem infusa. [2] Opus est gracia tua et magna gracia vt vincatur natura, ad malum semper prona ab adolescentia sua. Natura⁹⁸⁸ per primum hominem adam lapsa et viciata per peccatum in omnes homines pena huius maculae⁹⁸⁹ redundat, et ipsa natura que bene ac recte a te condita⁹⁹⁰ fuit pro vicio iam et infirmitate corrupte nature ponatur eo quod motus eius sibi relictus ad malum et ad inferiora trahit.⁹⁹¹ Nam modica vis que remansit est tanquam scintilla quedam latens incinere. [sic] Hec est ipsa ratio naturalis circumfusa magna caligine ad indicium⁹⁹² habens boni ac mali veri falsique distantiam, licet impotens sit adimplere omne quod⁹⁹³ approbat nec pleno iam lumine veritatis et nec sanitate affectionum suarum pociatur. [3] Hinc est deus meus quod delector⁹⁹⁴ legi tue secundum interiorem hominem sciens mandatum tuum fore bonum iustum et sanctum arguens etiam omne malum et peccatum fugiendum in⁹⁹⁵ carne autem seruo lege peccati dum magis sensualitati obedio quam rationi. Hinc quod⁹⁹⁶ velle bonum michi adiacet perficere autem non inuenio. Hinc est quod⁹⁹⁷ sepe multa bona propono, sed quia gracia deest adiuuandum infirmitatem meam ex leui resistantia resilio et deficio, Hinc accidit quod viam perfectionis agnosco qualiter⁹⁹⁸ agere debeam clare satis video sed proprie corrupcionis pondere pressus ad perfectiora non assurgo. [4] O quam maxime est michi necessaria domine gracia tua ad inchoandum bonum ad proficiendum, et ad

⁹⁸⁶ [TOC-1441: *Capitulum LV.*]; EV-1483: "*Capitulum LX.*".

⁹⁸⁷ EV-1483: "*tam magnam et necessariam ad salutem ut vincam pessimam naturam meam trahentem ad peccata et in perditionem.*".

⁹⁸⁸ EV-1483: "*nam*".

⁹⁸⁹ EA-1471/72: há um pequeno "e" sobre o último "a" de "*macula*", único caso em todo o impresso em que o ditongo "ae" é indicado não contraído em "e".

⁹⁹⁰ EV-1483: "*poena huius maculae descendit, ut ipsa natura quae bona et recta a te condita...*".

⁹⁹¹ EV-1483: "*trahat*".

⁹⁹² Dadas as frequentes trocas entre "n" e "u", é provável que aqui tenhamos mais um erro de edição, reforçado pela maior precisão de sentido pelo termo "*iudicium*". EV-1483: "*adhuc iudicum*".

⁹⁹³ EV-1483: "*quid*".

⁹⁹⁴ EV-1483: "*condelector*".

⁹⁹⁵ EV-1483: "*in*" ausente.

⁹⁹⁶ EV-1483: "*Hinc est quod...*".

⁹⁹⁷ EV-1483: "*est quod*" ausentes.

⁹⁹⁸ EV-1483: "*agnosco, et qualiter...*".

perficiendum, nam sine ea nichil possum facere, omnia autem possum in te confortante me gracia tua.⁹⁹⁹ O vere celestis gracia sine qua nulla sunt propria merita, nulla¹⁰⁰⁰ dona nature ponderanda, nichil artes, nichil diuicie, nichil pulcritudo, nichil fortitudo, nichil ingenium, nichil eloquencia¹⁰⁰¹ valent, aput te domine sine gracia. Nam dona nature bonis ac malis sunt communia. Electorum autem proprium donum est gracia siue dilectio qua insigniti digni habentur vita eterna. Tantum eminet hec gracia vt nec donum prophecie, nec signorum operatio nec quantalibet alta speculatio aliquid estimatur¹⁰⁰² sine ea: Sed neque fides, neque spes, neque alie virtutes, tibi accepte sunt sine caritate et gracia. [5] O beatissima gracia que pauperem spiritu virtutibus diuitem facis et diuitem multis bonis humilem corde reddis. Veni descende ad me, reple me mane consolacione tua ne deficiat p[r]elassitudine [sic] et ariditate mentis anime mea virtus mea.¹⁰⁰³ Obsecro domine vt inueniam gratiam in oculis tuis, sufficit enim michi gracia tua ceteris non obtentis que desiderat natura. Si fuero temptatus et vexatus turbacionibus¹⁰⁰⁴ multis non timebo mala, dummodo¹⁰⁰⁵ fuerit mecum gracia tua. Ipsa fortitudo mea consilium¹⁰⁰⁶ confert et auxilium. Cunctis hostibus potentior est, et sapientior vniuersis sapientibus. [6] Magistra enim¹⁰⁰⁷ veritatis doctrix discipline, lumen cordis, solamen pressure, sagatrix tristicie, ablatrice timoris, nutrix deuocionis, productrix lacrimarum. Quid sum sine ea nisi aridum lignum et stips inutilis?¹⁰⁰⁸ Tua ergo domine me gracia semper preueniat, et sequatur, at [sic] bonis operibus iugiter prestet esse intentum. Per ihesum cristum filium tuum Amen.

Quod nosmetipsos¹⁰⁰⁹ abnegare et cristum imitari debemus per crucem. Capitulum LVIII.¹⁰¹⁰

[1] Fili quantu a te vales exire: tantum in me poteris transire. Sicut nichil foris concupiscere internam pacem facit, sic se interius relinquere deo co[n]iungit. Volo te

⁹⁹⁹ EV-1483: "*tua*" ausente.

¹⁰⁰⁰ EV-1483: "*nulla quoque...*".

¹⁰⁰¹ EV-1483: "*nihil ingenium uel eloquentia...*".

¹⁰⁰² EV-1483: "*estimetur*".

¹⁰⁰³ EV-1483: "*virtus mea*" ausente.

¹⁰⁰⁴ EV-1483: "*tribulationibus*".

¹⁰⁰⁵ EV-1483: "*dum*".

¹⁰⁰⁶ EV-1483: "*Ipsa fortitudo mea, ipsa consilium...*".

¹⁰⁰⁷ EV-1483: "*enim*" ausente.

¹⁰⁰⁸ EV-1483: "*et stips inutilis ad eiiciendum?*".

¹⁰⁰⁹ EV-1483: "*nosipsos*".

¹⁰¹⁰ [TOC-1441: *Capitulum LVI.*]; EV-1483: "*Capitulum LXI.*".

addiscere perfectam abnegationem tui in voluntate mea sine contradictione et querela. Sequere me ego sum via veritas et vita. Sine via non itur sine veritate non cognoscitur, sine vita non viuitur Ego sum via quam sequi debes veritas infallibilis vita intermiinabilis.¹⁰¹¹ Ego sum rectissima via veritas suprema, vita vera vita beata, vita increata, si manseris in via mea cognosces veritatem, et veritas liberabit te, et apprehendes vitam eternam. [2] Si vis ad vitam ingredi serua mandata. Si vis veritatem cognoscere crede michi.¹⁰¹² Si vis esse discipulus meus abnega temetipsum. Si vis beatam vitam possidere, presentem vitam contempne. Si vis exaltari in celo humilia te in mundo. Si vis regnare mecum porta crucem mecum Soli enim serui crucis inueniunt viam beatitudinis et vere lucis. [3] Domine ihesu quia arta erat¹⁰¹³ vita tua et mundo despecta, dona michi te, cum mundi¹⁰¹⁴ despectu imitari. Non enim maior est seruus domino suo nec discipulus super magistrum. Exerceatur seruus tuus in vita tua quia ibi est salus mea ac¹⁰¹⁵ sanctitas vera. Quicquid extra eam lego, vel audio non me recreat nec delectat plene. [4] Fili quia hec scis et legisti omnia, beatus es¹⁰¹⁶ si feceris ea. Qui habet mandata mea et seruat ea ipse est qui diligit me, ego¹⁰¹⁷ diligam eum, et manifestabo ei meiipsum et faciam eum sedere¹⁰¹⁸ mecum in regno patris mei. Domine ihesu¹⁰¹⁹ sicut dixisti et promisisti sic vtique fiat et¹⁰²⁰ michi promereri contingat. Suscepi de manu tua crucem et¹⁰²¹ portabo eam vsque ad mortem sicut imposuisti michi. Vera¹⁰²² vita boni monachi est crux, sed dux paradisi, Inceptum est retro abire non licet nec relinquere oportet. [5] Eya pergamus¹⁰²³ simul ihesus erit nobiscum. Propter ihesum susp[e]simus¹⁰²⁴ hanc crucem, propter ihesum perseueremus in cruce. Erit adiutor noster qui est dux noster et predecessor.¹⁰²⁵ En rex noster graditur¹⁰²⁶ ante nos qui pugnabit pro nobis. Sequamur viriliter nemo metuat terrores, Simus parati mori fortiter in bello et inferamus crimem glorie nostre vt fugiamus a cruce.

¹⁰¹¹ EV-1483: “veritas cui credere debes, vita quam sperare debes.”.

¹⁰¹² EV-1483: adiciona “Se vis perfectus esse, vende omnia.”.

¹⁰¹³ EV-1483: “est”.

¹⁰¹⁴ EV-1483: “mihi tecum mundi...”.

¹⁰¹⁵ EV-1483: “et”.

¹⁰¹⁶ EV-1483: “eris”.

¹⁰¹⁷ EV-1483: “et ego...”.

¹⁰¹⁸ EV-1483: “consedere”.

¹⁰¹⁹ EV-1483: “igitur”.

¹⁰²⁰ EV-1483: “fiat et” ausentes.

¹⁰²¹ EV-1483: “et” ausente.

¹⁰²² EV-1483: “Uere”.

¹⁰²³ EV-1483: “Eya fratres pergamus...”.

¹⁰²⁴ Erro de edição, “suscepimus”.

¹⁰²⁵ EV-1483: “praecessor”.

¹⁰²⁶ EV-1483: “ingreditur”.

Quod homo non sit nimis deiectus quando in aliquos labitur defectus. Capitulum LIX.¹⁰²⁷

[1] Fili magis placet¹⁰²⁸ michi patientia et humilitas in aduersis quam multa iubilatio¹⁰²⁹ et deuotio in prosperis, vt quid contristat¹⁰³⁰ paruum factum contra te dictum. Si amplius fuisset commoueri non debuisses. Sed nunc permittite¹⁰³¹ transire. Non est primum nec vltimum erit si diu vixeris.¹⁰³² Satis virilis es quamdiu tibi¹⁰³³ nil obuiat aduersi bene etiam consulis et aliorum¹⁰³⁴ nosti roborare verbis. Sed cum ad ianuam tuam venit repentina tribulatio deficiis consilio et robore. Attende magnam fragilitatem, tuam quam sepius experiris in modicis obiectis. Tamen pro salute tua ista fiunt cum hec et similia contingunt, [2] propone¹⁰³⁵ vt melius nosci ex corde et si te tetigit, nec¹⁰³⁶ tamen deiiciat nec diu implicet. Adminus [sic] sustine pacienter si non potes gaudenter Etsi¹⁰³⁷ minus libenter audis et indignationem sentis, repone¹⁰³⁸ te, nec paciaris aliquid inordinatum ex ore tuo exire. Vnde paruuli scandalisentur. Cito quiesces commotione excitata¹⁰³⁹ et dolor internus dulcorabitur reuertente gracia. Adhuc viuo ego iuuare¹⁰⁴⁰ te paratus et solito amplius consolari. Si confisus fueris michi et deuote inuocaueris [3] animequior [sic] esto et ad maiorem sustinentiam attingere. Non est totum frustratum, si te sepius percipis tribulatum vel grauiter temptatum. Homo es non deus. Caro es et non angelus Quomodo tu posses semper in eodem statu virtutis permanere, quando hoc defuit angelo in celo ac¹⁰⁴¹ primo homini in paradiso.¹⁰⁴² Ego sum qui merentes erigo sospitalitate¹⁰⁴³ et suam cognoscentes infirmitatem ad meam proueho diuinitatem. [4] Domine benedictum sit verbum tuum dulce super mel et fauum ori meo. Quid facerem in tantis tribulacionibus et angustiis¹⁰⁴⁴ nisi me confortares tuis sanctis sermonibus dummodo tandem ad portum

¹⁰²⁷ TOC-1441: "*Capitulum LVII.*"; EV-1483: "*Capitulum LXII.*".

¹⁰²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*placent*".

¹⁰²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*consolatio*".

¹⁰³⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*Ut quid te contristat...*".

¹⁰³¹ EV-1483: "*dimitte*".

¹⁰³² TOC-1441 e EV-1483: "*non est primum nec nouum, nec vltimum erit si diu vixeris.*".

¹⁰³³ TOC-1441 e EV-1483: "*tibi*" ausente.

¹⁰³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*alios*".

¹⁰³⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*Pone*".

¹⁰³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*non*".

¹⁰³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*Etiam si*".

¹⁰³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*Reprime*".

¹⁰³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*Cito conquiescet commotio excitata...*".

¹⁰⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*Adhuc viuo ego dicit dominus iuuare...*".

¹⁰⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

¹⁰⁴² EV-1483: adiciona "*qui non diu steterunt*".

¹⁰⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*sospitate*".

¹⁰⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*angustiis meis*".

salutis peruenero.¹⁰⁴⁵ Quid cure est que et quanta passus fuero. Da finem bonum, felicem da in hoc transitum.¹⁰⁴⁶ Memento mei deus meus et dirige me in¹⁰⁴⁷ recto itinere in regnum tuum Amen.

De altioribus rebus et occultis dei iudiciis non scrutandis. Capitulum LX.¹⁰⁴⁸

[1] Fili caueas disputare de altis materiis et de occultis iudiciis dei. Cur iste si relinquitur, et iste¹⁰⁴⁹ ad tantam gratiam assummitur. Cur etiam iste tantum affligitur, et iste¹⁰⁵⁰ tam eximie exaltatur. Ista omnem humanam facultatem excedunt, nec ad inuestigandum iudicium diuinum nulla¹⁰⁵¹ ratio preualet, vel disputatio Quando ergo hec tibi fuggerit inimicus vel etiam curiosi¹⁰⁵² inquirunt homines. Responde illud prophete. Iustus es domine et rectum iudicium tuum Et illud. Iudicia domini vera iustificata in semetipsa. Iudicia mea metuenda sunt non discutienda quod¹⁰⁵³ humano intellectui sunt contemptibilia.¹⁰⁵⁴ [2] Noli etiam inquirere nec¹⁰⁵⁵ disputare de meritis sanctorum quis alio sit¹⁰⁵⁶ sanctior, aut quis maior fuerit in regno celorum. Talia generant sepe lites ac¹⁰⁵⁷ contentiones inutiles nutriunt quoque superbiam et vanam gloriam vnde oriuntur, inuidie et dissensiones, dum iste illum sanctum ac¹⁰⁵⁸ alius alium conatur superbe preferre. Talia autem velle scire et inuestigare nullum fructum afferunt, sed magis displicent quia non sum deus dissentionis, sed pacis que pax in humilitate vera quam etiam¹⁰⁵⁹ in propria exaltatione consittit [sic]. [3] Quodam¹⁰⁶⁰ zelo dilectionis trahuntur ad hos vel ad illos ampliori affectu, sed humano potiusquam [sic] diuino. Ego sum qui cunctos condidi sanctos ego donaui gratiam, ego prestiti gloriam, ego noui singulorum merita, ego preueni eos in benedictionibus dulcedinis mee. Ego prescui dilectos ante secula, ego elegi eos de

¹⁰⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*perueniam*".

¹⁰⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*da faelicem ex hoc mundo transitum.*".

¹⁰⁴⁷ EV-1483: "*in*" ausente.

¹⁰⁴⁸ TOC-1441: "*Capitulum LVIII.*"; EV-1483: "*Capitulum LXII*".

¹⁰⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*ille*".

¹⁰⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*ille*".

¹⁰⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: "*vlla*".

¹⁰⁵² TOC-1441 e EV-1483: "*etiam quidam curiosi...*".

¹⁰⁵³ TOC-1441 e EV-1483: "*quia*".

¹⁰⁵⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*incomprehensibilia*".

¹⁰⁵⁵ EV-1483: "*uel*".

¹⁰⁵⁶ EV-1483: "*sit*" ausente.

¹⁰⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

¹⁰⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

¹⁰⁵⁹ TOC-1441: "*sed pacis; quae pax magis in humilitate vera...*"; EV-1483: "*etiam*" ausente.

¹⁰⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*Quidam*".

mundo, non ipsi me preelegerunt. Ego vocavi eos¹⁰⁶¹ per gratiam, attraxi per misericordiam. Ego perdux i eos per temptationes varias. Ego infudi consolationes magnificas. Ego dedi persequentiam. Ego coronaui eorum patientiam. [4] Ego primum et nouissimum agnosco. Ego omnes in estimabili [sic] dilectione amplector. Ego laudandus sum in omnibus sanctis meis. Ego super omnia benedicendus sum, et honorandus in singulis, quis¹⁰⁶² sic gloriose magnificaui et predestinaui sine ullis precedentibus propriis meritis. Qui vnum¹⁰⁶³ de minimis meis contempserit nec magnum honorat, quia pusillum et magnum ego feci. Et quid derogat alicui sanctorum derogat et¹⁰⁶⁴ michi et ceteris omnibus in regno sanctorum.¹⁰⁶⁵ Omnes vnum per caritatis vinculum¹⁰⁶⁶ Idem sentiunt, idem volunt, ac¹⁰⁶⁷ omnes in vnum se diligunt. [5] Adhuc autem quod multo alcius est, plus me quam sua¹⁰⁶⁸ merita diligunt. Nam super¹⁰⁶⁹ serapti, [sic] et extra propriam dilectionem tracti toti in amorem mei pergunt. In quo ac fruiue¹⁰⁷⁰ quiescunt. Nichil est quod eos auertere possit aut deprimere, quippe qui eterna veritate pleni igne ardescunt inextinguibilis caritatis Taceant igitur carnales ac¹⁰⁷¹ animales homines de sanctorum statu disserere qui non norunt nisi priuata gaudia diligere. Demunt et addunt pro sua inclinacione non prout placet eterne veritati. [6] In multis est ignorantia eorum maxime pui¹⁰⁷² parum illuminati, raro aliquem perfecta spiritali dilectione diligere norunt. Multum¹⁰⁷³ adhuc naturali affectu ac¹⁰⁷⁴ humana amicitia ad hos vel ad illos trahuntur, et sicut in inferioribus se habent ita et de celestibus ymaginantur. Sed est distantia in comperabilis¹⁰⁷⁵ que imperfecti cogitant, et que illuminati viri per reuelacionem supernam speculantur. [7] Caue ergo fili de istis curiose tractare que tuam scientiam excedunt. Sed hoc magis satage, et intende, vt vel minimus in regno dei queas inueniri. Et si quispiam sciret quis alio sanctior esset, vel maior haberetur, in regno celorum quid hec¹⁰⁷⁶ noticia prodest, nisi se ex hac cognitione coram me humiliaret et in maiorem nominis mei laudem

¹⁰⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: “eos” ausente.

¹⁰⁶² TOC-1441: “quos”.

¹⁰⁶³ TOC-1441 e EV-1483: “Qui ergo vnum...”.

¹⁰⁶⁴ EV-1483: “et” ausente.

¹⁰⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: “caelorum”.

¹⁰⁶⁶ TOC-1441: “Omnes unum sunt per caritatis vinculum”.

¹⁰⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

¹⁰⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: “quam se et sua...”.

¹⁰⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: “supra”.

¹⁰⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: “et fruiue...”.

¹⁰⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

¹⁰⁷² Erro de edição, “qui”.

¹⁰⁷³ EV-1483: “Multi”.

¹⁰⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

¹⁰⁷⁵ Erro de edição, “incomparabilis”.

¹⁰⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: “quid ei haec...”.

exurgeret. Multo acceptius deo facit quid de peccatorum suorum magnitudine et virtutum suarum paruitate cogitat et quam longe a sanctorum perfectione distat quam is qui deorum¹⁰⁷⁷ maiortate vel paruitate disputat. Melius est sanctos deuotis precibus et lacrimis ex orare et eorum gloriosa suffragia humili mente implorare quam eorum secreta vana inquisitione perscrutari [8] Illi bene et optime contentantur si homines scirent, contentari et vaniloquio compescere.¹⁰⁷⁸ Non glorianatur de propriis meritis quippe qui sibi nichil bonitatis ascribunt solum¹⁰⁷⁹ totum michi quoniam ipsis cuncta ex infinita caritate mea donauit, Tanto amore diuinitatis replentur et gaudio supereffluenti vt nichil eis glorie nichilque possit deesse felicitatis. Omnes sancti quanto altiores in gloria, tanto humiliores in seipsis et michi viciniore et dilectiores existunt. Ideo quod¹⁰⁸⁰ habes scriptum quia mittebant coronas suas ante deum et ceciderunt, in facies suas coram agno et adorauerunt viuientem in secula seculorum. [9] Multi querunt¹⁰⁸¹ quis maior sit in regno dei que ignorant, an cum minimis erunt digni computari. Magnum est vel minimum esse in celo vbi omnes magni sunt quia filii¹⁰⁸² dei vocabuntur et erunt. Minimus erit in mille ac¹⁰⁸³ peccator centum annorum morietur. Cum enim quererent discipuli quis maior esset, in regno celorum, tale audierunt responsum Nisi conuersi fueritis ac¹⁰⁸⁴ efficiamini sicut paruuli non intrabitis in regnum celorum. Quicumque ergo humiliauerit se sicut paruulus iste maior¹⁰⁸⁵ est in regno celorum. [10] Ve eis qui cum paruulis humilare se sponte dedignantur quoniam humilis ianua regni celestis eos non admittet intrare. Ve etiam diuitibus qui habent hic consolationes suas quia pauperibus intransibilibus in regnum dei ipsi stabunt, foris¹⁰⁸⁶ euilantes. Gaudete humiles et exultate pauperes quia vestrum est regnum dei si tamen in veritate ambulatis.

¹⁰⁷⁷ Erro de edição. TOC-1441 e EV-1483: “*de eorum...*”.

¹⁰⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: “*et vaniloquia sua compescere.*”.

¹⁰⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: “*sed*”.

¹⁰⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: “*Ideoque*”.

¹⁰⁸¹ EV-1483: “*Multi quidem quaerunt...*”.

¹⁰⁸² TOC-1441 e EV-1483: “*omnes filii*”.

¹⁰⁸³ TOC-1441 e EV-1483: “*et*”.

¹⁰⁸⁴ TOC-1441 e EV-1483: “*et*”.

¹⁰⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: “*iste: hic maior...*”.

¹⁰⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: “*foras*”.

Quod omnis spes ac¹⁰⁸⁷ fiducia in solo deo est figenda. Capitulum LXI.¹⁰⁸⁸

[1] Domine que est fiducia mea quam in hac vita habeo aut quid¹⁰⁸⁹ maius solacium meum ex omnibus apparentibus sub celo. Nonne tu domine deus meus cuius misericordie non est numerus. Vbi michi bene fuit sine te. Aut quando male esse potuit presente te. Malo pauper esse propter te quam diues sine te. Eligo potius tecum in terra peregrinari quam sine te celum possidere Vbi tu ibi celum atque ibi mors et infernus, vbi tu non es. Tu michi in desiderio es, et ideo post te gemere et clamare et exorare necesse est. In nullo denique possum plene confidere, qui in necessitatibus auxilietur oportunis nisi in te solo deo meo. Tu es spes mea¹⁰⁹⁰ tu consolator meus et fidelissimus in omnibus. [2] Omnes que sua sunt querunt, tu salutem meam et profectum meum solum modo¹⁰⁹¹ pretendis et omnia michi in bonum conuertis. Etiam si variis temptationibus et aduersitatibus exponas. Hoc totum ad vitilitatem meam ordinas qui mille modis electos¹⁰⁹² tuos probare consueuisti. In qua probatione nonminus [sic] diligi debes et laudari quam si celestibus consolationibus me repleres. [3] In te ergo domine deus meus¹⁰⁹³ pono totam spem meam et refugium. In te omnem tribulationem et angustiam constituo,¹⁰⁹⁴ quia totum infirmum et instabilem¹⁰⁹⁵ inuenio quicquid extra te conspicio. Non enim proderunt multi amici neque fortes auxiliarii adiuuare poterunt, nec prudentis¹⁰⁹⁶ consilarii responsum vtile dare, neque libri¹⁰⁹⁷ doctorum consolari nec aliqua preciosa substantia liberare nec locus aliquis secretus aut amens¹⁰⁹⁸ contutari si tu ipse non assistas iuues confortes consolaris prestes instruas ac custodias.¹⁰⁹⁹ [4] Omnia nanque que ad pacem videntur esse et felicitatem habendam te absente nichil sunt, nichil felicitatis in veritate conferunt. Finis ergo omnium bonorum et altitudo vite et profunditas eloquiorum tu es et in te super omnia sperare fortissimum solacium seruorum tuorum. Ad te sunt oculi mei in te confido misericordiarum pater.¹¹⁰⁰ Benedic et sanctifica animam meam benedictione celesti vt fiat

¹⁰⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

¹⁰⁸⁸ TOC-1441: “Capitulum LIX.”; EV-1483: “Capitulum LXIII.”.

¹⁰⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: “quod”.

¹⁰⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: adicionaM “et fiducia mea...”.

¹⁰⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: “solummodo”.

¹⁰⁹² TOC-1441 e EV-1483: “dilectos”.

¹⁰⁹³ TOC-1441: “meus” ausente.

¹⁰⁹⁴ TOC-1441: “et angustiam meam constituo...”.

¹⁰⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: “instabile”.

¹⁰⁹⁶ TOC-1441 e EV-1483: “prudentes”.

¹⁰⁹⁷ EV-1483: “liber”.

¹⁰⁹⁸ TOC-1441: “et amoenus...”.; EV-1483: “aut amens” ausente.

¹⁰⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: “si tu ipse non assistas, iuues, confortes, consoleris, instruas: et custodias.”.

¹¹⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: “in te confido deus meus misericordiarum pater.”.

habitatio tua sancta ac¹¹⁰¹ sedes eterne glorie tue. Nichilque in templo tue dignitatis inueniatur quod oculos tue maiestatis offendatur¹¹⁰² secundum magnitudinem bonitatis tue et multitudinem miserationum tuarum respice in me et exaudi orationem serui tui¹¹⁰³ longe exultantis in regione vmbre mortis. Protege et conserua animam seruuli tui, inter tot discrimina vite corruptibilis ac comitante gracia tua dirige in viam¹¹⁰⁴ ad patriam perpetue claritatis Amen.¹¹⁰⁵

Explicit liber interne consolationis qui est tercius de imitatione christi. Sequitur tabula huius libri tercii de interna christi locucione ad animam fidelem.¹¹⁰⁶

Quod veritas intus loquitur sine strepitu verborum – I.

Quod verba dei cum humilitate sunt audienda et quod ea multi non ponderant – II.

Oratio ad implorandum deuotionis gratiam – III.

Quod in veritate et humilitate coram deo conuersandum est – IIII.

De mirabili effectum diuini amoris – V.

De probatione veri amoris – VI.

De occultanda gracia siu humilitatis custodia – VII.

De vili estimacione suiipsius in oculis dei – VIII.

Quod omnia ad deum sicut ad finem vltimum sunt referenda – IX.

Quod spreto mundo dulce est seruire deo – X.

Quod desideria cordis examinandu sunt – XI.

Quod de infomacione pacientie et luctamine aduersus concupiscentias. XII.

De obedientia humilis subditi ad exemplum ihesu cristi – XIII.

De occultis dei iudiciis considerandis ne extollamur – XIII.

Qualiter standum sit et dicendum in omni re desiderabili – XV.

Oratio pro beneplacito dei perficiendo – XVI.

Quod verum solacium in solo deo est querendum – XVII.

Quod omnis sollicitudo in deo statuenda sit – XVIII.

Quod temporales miserie exemplo cristi euqanimiter sunt ferende – XIX.

¹¹⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: “et”.

¹¹⁰² TOC-1441 e EV-1483: “offendat”.

¹¹⁰³ TOC-1441 e EV-1483: “orationem pauperis serui tui...”.

¹¹⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: “per viam pacis”.

¹¹⁰⁵ EV-1483: “Amen” ausente.

¹¹⁰⁶ TOC-1441: não há nenhuma frase relativa ao encerramento do livro; EV-1483: “Explicit liber tertius”.

- De tollerantia iniuriarum et quis pacien comprobetur – XX.
- De confessione proprie infirmitatis et huius vite miseriis – XXI.
- Quod in deo super omnia bona et dona requiescendum est – XXII.
- De recordacione multiplicium beneficiorum dei – XXIII.
- De quatuor magnum importantibus pacem – XXIII.
- Ibidem oratio contra malas cogitaciones et oratio per illuminacione mentis.
- De euitacione curiose inquisicone super altius vita – XXV.
- In quibus pax cordis et verus perfectus consistit – XXVI.
- De eminentia libere mentis quam simplex oratio magis meretur quam frequens lectio – XXVII.
- Quod priuatus amor a summo bono retardat – XXVIII.
- Ibidem oratio per purgacione cordis et celestia sapientia – XXIX.
- Contra linguas detractorum – XXX.
- Qualiter instante tribulacione deus inuorandus est – XXXI.
- De diuino petendo auxilio et confidentia recuperande gracie – XXXII.
- De neglectu omnis creature vt creator possit inueniri – XXXIII.
- De abnegatione sui et abdicatione omnis cupiditatis – XXXIII.
- De instabilitate cordis et de intencione finali ad deum – XXXV.
- Quod amanti sapit deus super omnia et in omnibus – XXXVI.
- Quod non est securitas a tempactione in illa vita – XXXVII.
- Contra vana hominum iudicia – XXXVIII.
- De pura et integra resignatione sui ad obtinendum cordis libertatem – XXXIX.
- De bono regimine in exercitiis et recursu ad deum – XL.
- Quod homo non sit importunus in negociis – XLI.
- Quod homo nichil boni ex se habet et de nullo gloriaria potest – XLII.
- De contemptu omnis temporalis honoris – XLIII.
- Quod pax non est ponenda in hominibus – XLIII.
- Contra vanam et secularem scientiam – XLV.
- De non attrahendo sibi res exteriores – XLVI.
- Quod omnibus non est credendum et de facili lapsu verborum – XLVII.
- De confidentia in deo habenda quando insurgunt verborum iacula – XLVIII.
- Quod omnia grauia per eterna vita sunt tolleranda – XLIX.
- De die eternitatis et huius vite angustiis – L.
- De desiderio eterne vite et quanta sint bona permissa – LI.

Qualiter homo desolatus se debet deo offerre – LII.

Quod humilibus insistendum est operibus deficitur a summis – LIII.

Quod hominem reputet se consolacione dignum – LIII.

Quod gracia dei non miscetur terrena sapientibus – LV.

De diuersis motibus nature et graciae – LVI.

De corrupcione nature et efficacia graciae diuine – LVII.

Quod nosmetipsos abnegare debemus et christum sequi – LVIII.

Quod homo non sit nimis deiectus quando in aliquem labitur defectus – LIX.

De altioribus rebus et occultis dei iudiciis non scrutandis – LX.

Quod omnis spes et fiducia in solo deo est figenda – LXI.

IV**TRACTATUS DE VENERABILI SACRAMENTO ALTARIS**

Sequitur nunc liber quartus de imitacione cristi in quo tractatur de venerabili sacramento altaris.¹ Sequitur deuota exhortatio ad sacram cristi communionem. Vox Christi.²

Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis et ego reficiam vos dicit dominus. Panis quem ego dabo caro mea est per mundi vita. Accipite et comedite hoc est corpus meum quod pro vobis tradetur hoc facite in meam commemoracionem. Qui manducat meam carnem et bibit meum sa[n]guinem in me manet et ego in eo.³ Verba que locutus sum⁴ vobis spiritus et vita sunt.

Cum quanta sit deuotione cristus suscipiendus. Vox discipuli.⁵ Capitulum I.

[1] Hec sunt verba tua criste ihesu⁶ veritas eterna quamuis non vno tempore prolata nec in vno loco conscripta. Quia ergo tua sunt hec verba⁷ gratanter michi et fideliter cuncta sunt audienda et⁸ accipienda. Tua sunt et ea proptulisti et mea quoque sunt quod⁹ pro salute mea ea¹⁰ edidisti, libenter ea suscipio ex ore tuo, vt arcus inserantur cordi meo. Excitant me verba tante pietatis plena dulcedinis et dilectionis. Si¹¹ terrent me delicta propria et ad capienda tanta misteria me reuerberat impura consciencia prouocat me dulcedo verborum tuorum. Sed onerat me multitudo viciorum meorum. [2] Iubes vt fiducialiter ad te accedam si tecum velim habere partem, et¹² vt immortalitatis accipiam alimoniam, si eternam cupiam obtinere¹³ vitam et gloriam. Venite inquit¹⁴ ad me omnes qui laboratis et onerati estis et ego reficiam vos. O dulce et amicabile verbum in aure peccatoris quid¹⁵ tu domine deus meus egenum et pauperem inuitas ad communionem sanctissimi corporis tui. Sed quis ego sum domine vt ad te presummam accedere. Ecce

¹ EV-1483: "Incipit quartus".

² TOC-441: "Incipit deuota exhortatio ad sacram communionem. Vox Christi"; EV-1483: "Deuota exhortatio ad sacram corporis christi communionem. Vox christi".

³ TOC-1441 e EV-1483: "in illo".

⁴ TOC-1441: "Verba quae ego locutus sum".

⁵ TOC-1441: "Cum quanta reuerentia Christus sit suscipiendus. Vox Discipuli"; EV-1483: "Cum quanta reuerentia christus sit suscipiendus".

⁶ TOC-1441 e EV-1483: "ihesu" ausente.

⁷ TOC-1441: "et vera".

⁸ TOC-1441 e EV-1483: "audienda et" ausentes.

⁹ TOC-1441: "quia".

¹⁰ EV-1483: "ea" ausente.

¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "Sed".

¹² EV-1483: "et" ausente.

¹³ TOC-1441: "optinere".

¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "inquis".

¹⁵ TOC-1441: "quod".

celi celorum te non capiunt et tu dicis, venite ad me omnes. [3] Quid vult sibi ista benignissima¹⁶ dignacio et tam amicabile in uitatio [sic]. Quomodo [sic] ausus ero venire ad te¹⁷ qui nichil boni sum conscius, vnde presume possum,¹⁸ quomodo te introducā in domum meam qui sepius offendi benignissimam faciem tuam. Reuerentur Angeli et archangeli metuunt sancti et iusti et tu dicis, venite ad me omnes. Nisi tu domine hoc diceris quis verum hoc¹⁹ crederet. Et nisi tu iuberis, quis accedere attemptaret. Ecce noe vir iustus in archa quam fabricauit²⁰ centum annis laborauit vt cum paucis saluaretur. Et ego quomodo potero me vna hora preparare vt mundi fabricatorem cum reuerentia summam. [4] Moyses famulus tuus magnus et specialis amicus tuus archam ex imputribilibus lignis fecit et eam²¹ mundissimo auro vestiuit vt tabulas legis in ea reponeret, Et ego putrida creatura audebo te creatorem²² et²³ vite datorem tam facile suscipere. Salomon sapientissimus regum israhel templum magnificum septem annis in laudem nominis tui edificauit. Et octo diebus festum dedicationis eius celebrauit et²⁴ mille hostias pacificas obtulit²⁵ et archam federis in clangore buccine et iubilo in locum sibi preparatum solleminiter collocauit. Et ego infelix et pauperrimus hominum quomodo in domum meam te introducā, qui vix expendere noui mediant horam deuotam et vere vix semi mediam.²⁶ [5] O mi deus quantum illi agere studuerunt ad placendum tibi, heu quam pusillum est quod ego²⁷ ago quam breue expleo tempus, cum me ad communicandum dispono. Raro totus recollectus²⁸ rarissime ab omni distractione purgatus. Et certe in tua salutari deitatis presentia nulla debet²⁹ occurrere indecens cogitacio. Nulla etiam occupare creatura quia non angelum sed angelorum dominum suscepturus sum hospicio. [6] Et³⁰ tamen valde magna distantia est, inter archam federis cum suis reliquiis³¹ et mundissimum corpus

¹⁶ TOC-1441: "*pissima*".

¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*ad te*" ausente.

¹⁸ TOC-1441: "*possim praesumere*".

¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*esse*".

²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*in archae fabrica*".

²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*quam*".

²² TOC-1441 e EV-1483: "*conditorem legis*".

²³ TOC-1441 e EV-1483: "*ac*".

²⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

²⁵ TOC-1441: "*optulit*".

²⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*qui vix mediam expendere deuote noui horam, et vtinam uel semel digne fere mediam.*"

²⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*ego*".

²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*collectus*".

²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*deberet*".

³⁰ TOC-1441: "*Et*" ausente.

³¹ EV-1483: "*reliquiis*".

tuum cum suis ineffabilibus virtutibus inter legalia illa sacrificia futurorum figuratiua³² et veram tui corporis hostiam omnium sacrificiorum antiquorum completiuam. Quare igitur non magis ad tuam venerabilem inardesco presentiam, Cur me non maiori preparo sollicitudine ad tua sancta sumenda, quando illi sancte patriarche³³ et prophete reges quoque et principes cum vniuerso populo tantum deuotionis demonstraerunt effectum³⁴ circa³⁵ cultum diuinum. [7] Saltauit deuotissimus rex Daud coram archa dei totis viribus, recolens beneficia olim indulta patribus, fecit diuersi generis organa psalmos edidit et cantare³⁶ instituit cum letania.³⁷ Cecinit et ipse frequenter in cythara spiritus sancti afflatus gracia. Docuit populum israhel toto corde laudare³⁸ et ore consono diebus singulis benedicere et predicare. Si tanta agebatur deuotio ac diuine laudis extitit recordatio coram archa testamenti quanta nunc michi et omni populo cristiano habenda est reuerentia et deuotio in presentia sacramenti in sumptione excelentissimi corporis cristi. [8] Currunt multi ad diuersa loca per visitandis reliquiis, sanctorum et mirantur auditis gestis eorum et³⁹ ampla edificia templorum inspiciunt et osculantur seritis et auro inuoluta sacra ossa eorum.⁴⁰ Et ecce tu presens es hic apud me in altaria deus meus sanctus sanctorum creator omnium hominum,⁴¹ et dominus angelorum. Sepe in talibus videndis curiositas est hominum et nouitas inuisorum et modicus reportatur emendationis fructus maxime vbi est tam leuis sine vera contritione discursus. Hic autem in sacramento altaris totus es presens deus meus homo christus. Ihesus vbi copiosus percipitur, eterne salutis fructus quocienscunque fueris digne et⁴² deuote susceptus. Ad istud vero non trahit leuitas aliqua nec curiositas, aut sensualitas, sed firma fides, deuota spes et sincera caritas. [9] O inuisibilis conditor mundi deus quam mirabiliter agis nobiscum, quam graciose et suauiter cum electis tuis disponis quibus temetipsum in sacramento sumendum proponis. Hoc nanque omnem intellectum superat, hoc specialiter deuotorum corda trahit et accendit ad effectum. Ipsi vero⁴³ fideles tui qui totam vitam suam ad emendationem disponunt ex dignissimo sacramento

³² TOC-1441 e EV-1483: "*prefiguratia*".

³³ TOC-1441 e EV-1483: "*Illi antiqui sancti patriarchae*".

³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*affectum*".

³⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*erga*".

³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*cantari*".

³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*laetitia*".

³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*deum laudare*".

³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*ipsorum*".

⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "*hominum*" ausente.

⁴² EV-1483: "*ac*".

⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*Ipsi enim veri*".

magnum deuotionis gratiam et virtutis amorem frequenter recipiunt. **[10]** O admirabilis et abscondita gracia sacramenti quam notunt tantum christi fideles. Infideles autem et peccatis seruientes experiri non possunt. In hoc sacramento confertur spirituales gracia et reperatur in anima virtus amissa et per peccatum deformata redit pulcritudo. Tanta est aliquando hec gracia vt ex plenitudine collate deuotionis non tantum mens sed et debile corpus vires sibi prestatas senciatis ampliores. **[11]** Dolendum tamen valde et miserandum super tepeditate et negligentia nostra quod non maiori affectione⁴⁴ trahimur ad christum sumendum in quo tota spes nostre salutationis⁴⁵ consistit et meritum. Ipse enim est sanctificatio nostra et redemptio. Ipse consolatio viatorum et sanctorum eterna fruicio. Dolendum est⁴⁶ itaque valde quod multi tam parum hoc misterium salutare aduertunt, quod celum letificat et mundum conseruat vniuersum. Heu cecitias et duricia cordis humani tam ineffabile bonum⁴⁷ non magis accedere⁴⁸ et ex cottidiano vsu etiam in aduertentiam defluere. **[12]** Si enim hoc sacratis⁴⁹ sanctissimum sacramentum in vno tantum celebraretur loco et ab vno tantum consecraretur sacerdote in mundo, quanta⁵⁰ putas desiderio ad locum illum et ad⁵¹ talem dei sacerdotem homines afficerentur vt diuina misteria celebrare viderent.⁵² Nunc autem multi facti sunt sacerdotes et in multis locis offertur cristus vt tanto maior appareat gracia et dilectio dei ad homines quando lacius est sacra communio diffuso⁵³ per orbem. Gracias tibi bone Ihesu pastor eterne qui nos pauperes et exules dignatus es precioso corpore et sanguine tuo reficere et ad hec misteria percipienda etiam proprioris tui alloquio inuitate dicendo. Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis et ego reficiam vos.

Quam⁵⁴ magna bonitas et caritas dei in sacramento exhibetur homini vox discipuli.
Capitulum II.

[1] Super bonitate tua et magna misericordia tua domine confisus accedo eger ad saluatorem esuriens et siciens ad fontem vite. Egenus ad regem celi seruus ad dominum

⁴⁴ EV-1483: "*affectu*".

⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*tota spes saluandorum*".

⁴⁶ TOC-1441: "*est*" ausente.

⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*donum*".

⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*attendere*".

⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*sacratiss*" ausente.

⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*quanto*".

⁵¹ EV-1483: "*ad*" ausente.

⁵² EV-1483: "*audirent*".

⁵³ TOC-1441 e EV-1483: "*diffusa*".

⁵⁴ TOC-1441: "*Quod*".

creatura ad creatorem desolatus ad meum pium saluatorem.⁵⁵ Sed vnde hoc michi vt venias ad me. Quis ego sum vt prestas⁵⁶ michi teipsum. Quomodo audet dignaris peccator coram te apparere⁵⁷ et tu quomodo dignaris ad peccatorem venire. Tu nosci seruum tuum et scis quia nichil boni in se habet. Vnde hoc illi prestas.⁵⁸ Confiteor igitur vilitatem meam agnosco bonitatem tuam, laudo pietatem et voluntatem⁵⁹ et gratias ago propter nimiam caritatem propter te metipsum⁶⁰ enim hoc facis non propter mea merita vt bonitas tua mihi magis innocescat, caritas amplior ingeratur et humilitas perfectius comendetur. Quia ergo tibi hoc placet et tu sic fieri iussisti. Placet et dignatio tua mihi et vtinam iniquitas mea non obsistat [2] O dulcissime et benignissime ihesu quanta tibi reuerentia est⁶¹ et graciaram actio, cum perpetua laude pro suscepione sacri corporis tui debetur, cuius dignitatem nullius⁶² hominum explicare potens inuenitur. Sed quid cogitabo melius et salubrius nisi meipsum totaliter humiliando et tuam infinitam bonitatem exaltando supra me laudo te deus meus et exaltabo te in eternum, despicio me et subiicio tibi profundum vtilitatis mee.⁶³ [3] Ecce tu sanctus sanctorum et ego sordes peccatorum. Ecce inclines tu te ad me et tu vis esse mecum, tu inuitas me ad conuiuium tuum.⁶⁴ Tu mihi dare vis celestem cibum et panem angelorum ad manducandum, non alium sanctum⁶⁵ quam teipsum panem viuum qui de celo descendisti et das vitam mundo. [4] Ecce vnde dilectio procedit qualis dignatio illudescit quam magne graciaram actiones et laudes pro hiis⁶⁶ debentur. O quam salutare et vtile consilium tuum, cum istud instituisti quam suaue et iocundum quam teipsum ancibum donasti.⁶⁷ O quam admirabilis operatio tua domine, quam potens virtus tua quam infallibiis veritas tua. Dixisti enim et facta sunt omnia et factum est hoc quod iussisti.⁶⁸ [5] Mira res et fide

⁵⁵ TOC-1441: *"consolatorem"*.

⁵⁶ TOC-1441: *"prestes"*.

⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: *"Quomodo audet peccator coram te apparere?"*.

⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: *"prestes"*.

⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: *"et voluntatem"* ausente.

⁶⁰ TOC-1441: *"temet ipsum"*.

⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: *"est"* ausente.

⁶² TOC-1441 e EV-1483: *"nullus"*.

⁶³ TOC-1441 e EV-1483: *"Sed quid cogitabo in hac communione, in accessu ad dominum meum quem debite venerari nequeo et tamen deuote suscipere desidero? Quid cogitabo melius et salubrius nisi meipsum totaliter humiliando coram te et tuam infinitam bonitatem exaltando supra me. Laudo te deus meus et exalto in aeternum"*.

⁶⁴ TOC-1441 e EV-1483: *"et tu inclinas te ad me, qui non sum dignus ad te respicere"*.

⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: *"sane"*.

⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: *"laudes tibi pro hiis..."*.

⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: *"et iocundum conuiuium cum teipsum in cibum donasti"*.

⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: *"quod ipse iussisti"*.

digna et⁶⁹ humanum vincens intellectum, quod tu domine deus meus verus deus et homo sub modica specie panis et vini integer continelis,⁷⁰ et sine consupatione a summente manducaris. Tu domine vniuersorum qui nullius habes indigentiam voluisti per sacramentum tuum habitare in nobis. Conserua cor meum et corpus meum immaculatum vt leta et pura conscientia, sepius tua valeam celebrare misteria, et ad meam perpetuam accipere salutem que precipue ad tuum honore⁷¹ et memoriale perhenne sanxisti et instituisti. [6] Letare anima mea et gracias age deo pro tam nobili munere et solatio singulari in hac lacrimarum valle tibi relicto. Nam quociens hoc misterium recolis et corpus Cristi accipis tociens tu⁷² redemptionis opus agis et particeps omnium meritorum cristi efficeris, caritas enim⁷³ cristi nunquam minuitur et magnitudo propiciacionis eius nunquam exhauritur. Ideo noua semper mentis renouatione ad hoc te disponere debes et magnum salutis misterium attenta consideratione pensare. Ita magnum et⁷⁴ iocundum et nouum tibi videri debet cum celebras vel⁷⁵ missam audis, ac si eadem⁷⁶ die Cristus primum in vterum virginis descendens homo factus esset aut in cruce pendens pro salute hominum pateretur et moreretur.

Quam⁷⁷ vtile sit sepe communicare Vox discipuli. Capitulum III.

[1] Ecce ad te venio⁷⁸ vt bene michi sit ex munere tuo et letificer in conuiuio sancto tuo quid⁷⁹ parasti in dulcedine tua pauperi deus. Ecce in te est totu⁸⁰ quid desiderare possum et debeo. Tu salus mea et redemptio, spes et fortitudo, decus et gloria. Letifica ergo hodie animam serui tui quoniam ad te domine ihesu animam meam leuauit, desidero nunc te deuote et reuerenter accipere⁸¹ cupio te in domum meam inducere⁸² quatenus

⁶⁹ TOC-1441: "ac".

⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: "containeris".

⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: "honorem".

⁷² TOC-1441: "tuae".

⁷³ TOC-1441: "etenim".

⁷⁴ TOC-1441: "et" ausente.

⁷⁵ TOC-1441: "aut".

⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: "eodem".

⁷⁷ TOC-1441: "Quod".

⁷⁸ EV-1483: "Ecce ego venio ad te domine...".

⁷⁹ TOC-1441: "quod".

⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: "totum".

⁸¹ TOC-1441: "suscipere".

⁸² EV-1483: "introducere".

cum zacheo merear a te benedici ac inter filios abraham⁸³ computari. Anima mea corpus tuum concupiscit cor meum tecum vnire⁸⁴ desiderat. [2] Trade te michi et sufficit. Nam preter te nulla consolatio valet, sine te esse nequeo, et sine visitatione tua viuere non valeo. Ideoque oportet me frequenter ad te accedere et remedium⁸⁵ salutis mee te accipere,⁸⁶ ne forte deficiam in via si fuero celesti fraudatus alimonia. Sic enim tu misericordissime Ihesu predicans populis et varios curans languores aliquando dixisti. Nolo eos ieiunos dimittere in domum suam ne deficiant in via. Age ergo⁸⁷ hoc mecum modo qui pro fidelium consolatione te in sacramento relinquisti. Tu es enim suauis defectio⁸⁸ anime, et qui te digne manducauerit particeps et heres erit eterne glorie. Necessarium quidem michi est, vt⁸⁹ qui tam sepe laboro [sic] et pecco, tam cito torpesco et deficio vt per frequentes orationes et confessiones ac sacramenti⁹⁰ tui corporis perceptionem me renouem et⁹¹ mundem et accendam ne forte diutius abstinendo a sancto proposito defluam. [3] Proni enim sunt sensus⁹² hominis ad malum ab adolescentia sua et nisi succurrat diuina medicina labetur⁹³ homo mox ad peiora. Retrahit ego⁹⁴ sancta communio a malo et confortat in bono. Si enim modo tam sepe negligens sum et tepidus quando communico aut celebro quid fieret si medelam non summerem et tam grande iuuamen, non quererem et licet omni die non sim aptus nec ad celebrandum bene dispositus. Dabo tamen operam congruis temporibus diuina percipere sacramenta siue⁹⁵ misteria ac tante gracie participem me prebere.⁹⁶ Nam hec est vna principalis fidelis anime consolatio quandiu peregrinatur a te in mortali corpore vt sepius⁹⁷ memor dei sui dilectum suum deuota suscipiat mente. [4] O mira circa nos tua pietatis dignatio, quod tu domine deus creator et viuificator omnium spiritum ad pauperculam dignaris venire animam et cum tota diuinitate tua ac humilitate eius

⁸³ TOC-1441: "*Abrahae*".

⁸⁴ EV-1483: "*vniri*".

⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*in remedium*".

⁸⁶ EV-1483: "*recipere*"; TOC-1441: "*salutis meae recipere*".

⁸⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*igitur*".

⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*refectio*".

⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*vt*" ausente.

⁹⁰ TOC-1441: "*ac sacram*"; EV-1483: "*et sacram*".

⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

⁹² EV-1483: "*sensns*", erro de edição.

⁹³ TOC-1441 e EV-1483: "*labitur*".

⁹⁴ TOC-1441: "*ergo*".

⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*sacramenta siue*" ausentes.

⁹⁶ EV-1483: "*exhibere*".

⁹⁷ EV-1483: "*vt sit saepius...*".

impugnare esuriem.⁹⁸ O felix⁹⁹ et beata anima que te dominum deum suum meretur deuote suscipere in tua¹⁰⁰ susceptione spirituali¹⁰¹ gaudio repleti. O quam magnum suscipit dominum, quam dilectum inducit hospitem, quam iocundum recipit socium, quam fidelem acceptat amicum, quam speciosum et nobilem amplectitur sponsum pre omnibus dilectis et super omnia desiderabilia amandum. Sileant a facie tua dulcissime dilecte deus¹⁰² meus celum et terra et omnes¹⁰³ ornatus eorum, quoniam quicquid laudis habet et¹⁰⁴ decoris ex dignatione est tue largitatis et¹⁰⁵ ad decorem tui perueniet¹⁰⁶ nominis cuius sapientie non est numerus actum.¹⁰⁷

Quod multa bona praestantur deuote communicantibus.¹⁰⁸ Capitulum IIII.

[1] Domine deus meus preueni seruum tuum in benedictionibus dulcedinis tue, vt ad tuum magnificum sacramentum digne et deuote mereatur¹⁰⁹ accedere, Excita cor meum in te et a graui torpore erue¹¹⁰ me. Visita me in salutari tuo ad gustandum¹¹¹ in spiritu suauitatem tuam, que in hoc sacramento tanquam in fonte plenarie latet. Illumina quoque oculos meos ad intuendum tantum misterium et ad credendum illud indubitata fide me roboras. Est enim operatio tua non humana potentia tua sancta instructio non hominis ad inuencionem.¹¹² Non enim adhuc¹¹³ capienda et intelligenda aliquis ydoneus per se reperitur que angelicam etiam sublimitatem excedunt.¹¹⁴ Quid ergo ego peccator indignus terra et cinis de tam alto secreto¹¹⁵ potero inuestigare et capere. [2] Domine in simplicitate cordis mei¹¹⁶ in bona firma fide et in tua iussione ad te cum spe et¹¹⁷

⁹⁸ TOC-1441: *"impinguare esuriem"*; EV-1483: *"et cum tota deitate tua ac humanitate eius impinguare esuriem"*.

⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: *"O faelix mens..."*.

¹⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: *"et in tua..."*.

¹⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: *"spirituali"*.

¹⁰² TOC-1441 e EV-1483: *"deus"* ausente.

¹⁰³ TOC-1441 e EV-1483: *"omnis"*.

¹⁰⁴ TOC-1441 e EV-1483: *"habent ac ..."*.

¹⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: *"nec"*.

¹⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: *"peruenient"*.

¹⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: *"actum"* ausente.

¹⁰⁸ TOC-1441: traz *"Vox discipuli"*.

¹⁰⁹ TOC-1441: *"digne ac devote merear..."*; EV-1483: *"merear"*.

¹¹⁰ TOC-1441: *"exue"*.

¹¹¹ TOC-1441: *"ad gustandam"*.

¹¹² TOC-1441 e EV-1483: *"tua sacra institutio non hominis adinuentio"*.

¹¹³ TOC-1441 e EV-1483: *"ad haec"*.

¹¹⁴ TOC-1441: *"subtilitatem transcendunt"*; EV-1483: *"transcendunt"*.

¹¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: *"sacro secreto"*.

¹¹⁶ EV-1483: *"mei"* ausente.

reuerentia accedo, et vere credo quia tu presens es hic in sacramento.¹¹⁸ Vis ergo vt te suscipiam et meipsum tibi in caritate vniam. Vnde precor tuam clementiam et specialem ad hoc imploro mihi dare¹¹⁹ gratiam vt totus inte liquefiam, et amore pereffluam [sic] et¹²⁰ de nulla alia seu aliqua consolatione¹²¹ amplius me intromittam. Est enim hoc altissimum et diguissimum [sic] sacramentum, salus anime et corporis, medicina omnis spiritualis languoris in quo vicia mea curantur passiones frenantur temptationes vincuntur et diminuuntur.¹²² Gracia maior infunditur, virtus incepta augetur, firmatur fides, spes roboratur caritas ignescit et dilatatur.¹²³ [3] Multa nanque bonis largitus es et adhuc sepius largiris in sacramento dilectis tuis deuote communicantibus deus meus susceptor anime mee reparator infirmitatis humane et tocius dator, consolacionis eterne.¹²⁴ Nam multam temporis¹²⁵ consolationem aduersus variam tribulationem¹²⁶ infundis, et de imo deiectionis proprie ad spem tue protectionis erigis atque noua quadam gracia eos intus viuificas¹²⁷ recreas et illustras vt qui anxii primum et sine affectione se ante communionem senserant postea refectioni cibo et potu¹²⁸ celesti in melius se mutatos inueniant. Quid igitur cum electis¹²⁹ dispensanter agis vt veraciter agnoscant et potenter experiantur,¹³⁰ quam tum infirmitatis ex seipsis habeant¹³¹ et quid bonitatis et¹³² gratie ex te consequentur,¹³³ quia ex seipsis frigidi et duri et indeuoti,¹³⁴ ex te autem feruentes alacres et deuoti esse merentur. Quis enim ad fontem suauitatis humiliter accedens non modicum suauitatis inde deportauit.¹³⁵ Aut quis iuxta copiosum ignem stans non parum caloris inde percipit et tu fons es et nunquam deficiens.¹³⁶ [4]

¹¹⁷ TOC-1441: "ac".

¹¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "in sacramento deus et homo".

¹¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "donare".

¹²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "atque".

¹²¹ TOC-1441 e EV-1483: "de nulla aliena consolatione...".

¹²² TOC-1441: "aut minuuntur"; EV-1483: "ac minuuntur".

¹²³ TOC-1441 e EV-1483: "et charitas ignescit ac dilatatur".

¹²⁴ TOC-1441 e EV-1483: "internae".

¹²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "ipsis".

¹²⁶ EV-1483: "varias tribulationes".

¹²⁷ TOC-1441 e EV-1483: "viuificas" ausente.

¹²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "potuque".

¹²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "Quod idcirco cum electis tuis...".

¹³⁰ TOC-1441: "et potenter experiantur"; EV-1483: "et potenter expiantur".

¹³¹ EV-1483: "quam nihil ex semetipsis habeant...".

¹³² TOC-1441 e EV-1483: "ac".

¹³³ TOC-1441: "consequantur".

¹³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "quia ex semetipsis frigidi duri ac indeuoti".

¹³⁵ TOC-1441 e EV-1483: "reportat".

¹³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "Et tu fons es semper plenus et superhabundans ignis iugiter ardens et nunquam deficiens".

Vnde si¹³⁷ non licet haurire de plenitudine fontis neque vsque ad societatem¹³⁸ potare apponam tamen os meum ad foramen celestis fistule vt saltim¹³⁹ modicam inde guttalam capiam, ad reu[f]ocillandam sitim meam et non penitus arescam.¹⁴⁰ Et si nec dum celestis¹⁴¹ et tam ignitus vt cherubin et seraphin esse possim,¹⁴² conabor tamen deuotioni insistere et cor meum preparare vt vel modicam diuini incendii flammam ex humili susceptione viuifici sacramenti acquiram.¹⁴³ Quicquid autem mihi deest ihesu bone saluator sanctissime tu pro me superple¹⁴⁴ benigne ac gracieose qui a te homines¹⁴⁵ dignatus es vocare dicens. Venite ad me omnes qui labor[a]tis et onerati estis et ego reficiam vos [5] Ego quidem laboro in sudore vultus mei dolore cordis torqueor, peccato¹⁴⁶ oneror, temptationus inquietor, multis malis passionibus implicor et premor et non est qui adiuuet, non est qui liberet, et saluum faciat, nisi tu domine deus saluator meus cui committo me et omnia mea, vt me custodias et perducas in vitam eternam. Suscipe me in laudem et gloriam nominis tui qui corpus tuum et sanguinem in cibum et potum michi preparasti.¹⁴⁷ Presta domine deus salutaris meus vt cum frequentatione misterii tui crescat in me deuotionis¹⁴⁸ affectus.

De dignitate sacramenti et dignitate sacerdotali. Vox dilecti.¹⁴⁹ Capitulum V.

[1] Si habeas¹⁵⁰ angelicam puritatem et sancti Iohannis baptiste sanctitatem non es¹⁵¹ dignus hoc sacramentum accipere et¹⁵² tractare. Non eni[m] meritis hoc debetur hominum quod homo consecret et tractet christi sacramentum et sumat in cibum panem angelorum. Grande misterium et magna dignitas sacerdotum quibus datum est quod angelis non est concessum Soli nanque sacerdotes rite in ecclesia ordinati potestatem habent celebrandi, et corpus christi consecrandi Sacerdos quidem minister est dei, vtens

¹³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*Unde si mihi...*".

¹³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*satietatem*".

¹³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*saltem*".

¹⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*exarescam*".

¹⁴¹ TOC-1441: "*Et si necdum totus caelestis...*".

¹⁴² TOC-1441 e EV-1483: "*possum*".

¹⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*ex humili sumptione viuifici sacramenti conquiram*".

¹⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*supple*".

¹⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*omnes*".

¹⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*peccatis*".

¹⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*parasti*".

¹⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*crescat meae deuotionis...*".

¹⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*De dignitate sacramenti et statu sacerdotali*". EV-1483: "*Vox dilecti*" ausente.

¹⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*haberes*".

¹⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: "*esses*".

¹⁵² TOC-1441 e EV-1483: "*nec*".

verbo dei, per iussionem et institutionem dei deus autem principalis est ibi¹⁵³ autor et inuisibilis operator, cui subest omne quod voluerit, et paret omne quod iusserit, [2] Plus ergo deo credere debes omnipotenti in hoc excellentissimo sacramento quam proprio sensui aut alicui signo visibili. Ideoque cum timore et reuerentia ad hoc opus accedendum est. Attende tibi¹⁵⁴ et vide cuius misterium tibi traditum est, per impositionem manus episcopi et tu sacerdos factus es¹⁵⁵ et ad celebrandum consecratus. Vide nunc vt fideliter et deuote in suo tempore deo sacrificium offeras et teipsum irreprehensibilem exhibeas. Non alleuiasti onus tuum sed artiori iam obligatus¹⁵⁶ es vinculo discipline et ad maiorem teneris perfectionem sanctitatis. Sacerdos omnibus virtutibus debet esse ornatus, et aliis bone vite exemplum prebere. Eius conuersatio non cum popularibus et communibus hominum viis sed cum angelis in celo aut cum perfectis viris in terra debet esse.¹⁵⁷ [3] Sacerdos sacris vestibus indutus christi vices gerit vt deum pro se et pro omni populo suppliciter et humiliter roget. Habet ante¹⁵⁸ se et retro se¹⁵⁹ dominice crucis signum ad memorandum¹⁶⁰ iugiter christi passionem, ante se crucem in casula portat vt christi vestigia diligenter inspiciat et sequi feruenter studeat. Post se cruce signatus est vt aduersa quelibet illata, ab hiis¹⁶¹ clementer pro deo tolleret. Ante se crucem gerit vt propria peccata lugeat. Post se vt aduersa¹⁶² aliorum etiam commissa percompassionem, [sic] defleat, et se medium inter deum et peccatorem constitutum esse sciat, nec ab oratione et oblatione¹⁶³ sancta torpescat donec gratiam et misericordiam impetrare mereatur. Quando sacerdos deuote celebrat deum honorat angelos letificat viuos adiuuat, defunctis requiem parat et se omnium bonorum participem efficit.¹⁶⁴

¹⁵³ TOC-1441 e EV-1483: "*ibi*" ausente.

¹⁵⁴ EV-1483: "*igitur*".

¹⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*Ecce sacerdos factus es...*".

¹⁵⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*alligatus*".

¹⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*debet esse*" ausente.

¹⁵⁸ EV-1483: "*Habet nunque ante...*".

¹⁵⁹ TOC-1441: "*se*" ausente.

¹⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*ad memorandam*".

¹⁶¹ TOC-1441 e EV-1483: "*ab aliis*".

¹⁶² TOC-1441 e EV-1483: "*aduersa*" ausente.

¹⁶³ EV-1483: "*nec ab oblatione...*".

¹⁶⁴ EV-1483: "*angelos laetificat, ecclesiam aedificat, viuos adiuuat, defunctis requiem praestat: et sese omnium bonorum participem efficit*".

Interrogatio de exercicio ante communionem Vox discipuli.¹⁶⁵ Capitulum VI.

[1] Cum tuam dignitatem domine et meam vilitatem penso valde contremisco et in me ipso confundor Si enim non accedo vitam fugio et indigne me ingressero¹⁶⁶ offensam incurro. Quid ergo faciam deus meus auxiliator meus in necessitatibus meis.¹⁶⁷ [2] Tu doce me viam rectam, propone breue aliquod exercitium sacre comunioni congruum. Vtile est enim scire qualiter scilicet deuote et reuerenter tibi preparare debeo,¹⁶⁸ cor meum ad recipiendum salubriter tuum sacramentum seu etiam celebrandum tam magnum et diuinum sacraficium.

De discussione proprie conscientie et emendacionis proposito.¹⁶⁹ Capitulum VII.

[1] Super omnia cum summa humilitate¹⁷⁰ et simplici reuerentia et¹⁷¹ plena fide et pia intentione honoris dei ad hoc sacramentum celebrandum tractandum et sumendum oportet dei sacerdotem accedere diligenter ex anima¹⁷² conscientiam tuam et proposse [sic] tuo vera contricione et humili confessione eam munda¹⁷³ et clarifica, ita vt nil graue habeas aut scias quid¹⁷⁴ te remordeat, et liberum accessum impediat habeas displicentiam omnium peccatorum tuorum in generali et pro cottidianis excessibus magis in speciali doleas et gemas, et si tempus patitur deo in secreto cordis cunctas conficere passionum tuarum miseras. [2] Ingemisce et dole quod ita carnalis adhuc es¹⁷⁵ et mundanus tam immortificatus a passionibus tam plenus concupiscentiarum motibus tam incustoditus in sensibus exterioribus, tam sepe multis fantasiis¹⁷⁶ implicatus tam multum inclinatus ad exteriora, tam leuis ad risum et dissolutionem, tam durus ad fletum et compunctionem, tam promptus ad luxuriam¹⁷⁷ et carnis commoda,

¹⁶⁵ EV-1483: "*Vox discipuli*" ausente.

¹⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*et si indigne me ingressero...*".

¹⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*auxiliator meus et consiliator in necessitatibus?*".

¹⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*debeam*".

¹⁶⁹ TOC-1441: traz "*Vox dilecti*".

¹⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*cum summa humilitate cordis...*".

¹⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: "*cum*".

¹⁷² TOC-1441 e EV-1483: "*examina*".

¹⁷³ EV-1483: "*nuda*".

¹⁷⁴ TOC-1441: "*quod*".

¹⁷⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*sis*".

¹⁷⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*multis vanis fantasiis...*".

¹⁷⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*ad laxiora*".

tam segnis ad rigorem et feruorem, tam curiosus ad noua audienda et pulcra videnda,¹⁷⁸ tam remissus ad humilitia et abiecta amplectanda, tam cupidus ad multa habenda, tam parcus¹⁷⁹ ad dandum, tam tenax ad retinendum, tam inconsideratus in loquendo, tam incontinens in tacendo,¹⁸⁰ tam incompositus in moribus, tam importunus in actibus tam effusus super cibum, tam surdus ad dei verbum, tam velox ad quietem, tam tardus ad laborem, tam vigilans ad fabulas, tam somnolentus ad vigiliis sacras tam festinus ad finem, tam fagus¹⁸¹ ad attendendum, tam negligens in horis persoluendis, tam tepidus in celebrando, tam tardus¹⁸² in communicando, tam cito distractus, tam raro plene recollectus,¹⁸³ tam subito conmotus ad iram, tam facilis ad alterius displicentia,¹⁸⁴ tam pronus ad iudicandum, tam rigidus ad arguendum, tam letus ad prospera, tam debilis in aduersis, tam sepe multa bona proponens et modicum ad effectum perducens. [3] His et aliis defectibus tuis cum dolore et magna displicentia proprie et¹⁸⁵ infirmitatis confessis ac deploratis, firmum statue propositum emendandi¹⁸⁶ vitam tuam et in melius perficiendi.¹⁸⁷ Deinde cum plena resignacione et integra voluntate offer teipsum in honorem nominis mei, in ara crucis¹⁸⁸ cordis tui, ni¹⁸⁹ holocaustum perpetuum corpus tuum scilicet animam michi fidelem¹⁹⁰ committendo quatinus sic digne merearis ad offerendum deo sacrificum accedere et sacramentum corporis mei salubriter suscipere. [4] Non enim est oblacio dignior et satisfactio maior pro peccatis diluendis quam seipsum pure et integre cum oblatione corporis cristi in missa et in comunione deo offerre. Si fecerit [sic] hoc¹⁹¹ quid¹⁹² in se est, et vere penituerit quocienscunque pro venia et gracia ad me accesserit. Viuo ego dicit dominus nolo mortem peccatoris sed magis vt conuertatur et viuatur quoniam peccatorum suorum non recordabor amplius sed cuncta sibi indulta erunt.

¹⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*intuenda*".

¹⁷⁹ EV-1483: "*et tam parcus...*".

¹⁸⁰ EV-1483: "*ad tacendum*".

¹⁸¹ TOC-1441 e EV-1483: "*vagus*".

¹⁸² TOC-1441 e EV-1483: "*aridus*".

¹⁸³ TOC-1441 e EV-1483: "*tam raro tibi bene collectus*".

¹⁸⁴ TOC-1441: "*displicentiam*".

¹⁸⁵ TOC-1441: "*et*" ausente.

¹⁸⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*propositum semper emendandi...*".

¹⁸⁷ TOC-1441: "*proficiendi*".

¹⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*crucis*" ausente.

¹⁸⁹ TOC-1441; "*ni*" ausente. EA-1471/2: erro de digitação de "*in*", evidenciado pelo uso do acusativo a seguir.

¹⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*fideliter*".

¹⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*homo*".

¹⁹² TOC-1441: "*quod*".

De oblacione christi in cruce et propria resignacione.¹⁹³ Capitulum VIII.

[1] Sicut ego meipsum expansi¹⁹⁴ in cruce manibus et nudo corpore pro peccatis tuis deo patri sponte¹⁹⁵ ita vt nichil in me remaneret quin totum in sacrificium diuine placationis transiret.¹⁹⁶ Ita debes et tu teipsum¹⁹⁷ michi voluntarie in oblacionem puram et sanctam cottidie in missa cum omnibus viribus et affectionibus tuis, quanto intimius vales offerre. Quid magis a te requiro quam vt tu¹⁹⁸ te studeas michi ex integro offerre et¹⁹⁹ resignare. Quicquid preter teipsum das nichil curo quia non requiro²⁰⁰ datum tuum sed te. [2] Sicut non sufficeret tibi omnibus habitis preter me, ita nec michi placere poterit, quicquid dederis te non oblato. Offer te mihi et da te totum pro deo et erit accepta oblacionem.²⁰¹ Ecce ego me totum obtuli deo²⁰² patri pro te etiam dedi totum corpus meum et sanguinem in cibum et potum,²⁰³ vt totus tuus essem et tu meus permaneres. Si autem in teipso steteris nec sponte te ad voluntatem meam obtuleris, non est plena oblatio nec integra inter nos erit vnio. Igitur²⁰⁴ omnia opera tua precedere debet spontanea tuuipsius in manus dei oblatio, si libertatem consequi et gratiam velis.²⁰⁵ Ideo enim²⁰⁶ tam pauci illuminati et liberi intus efficiuntur quia seipsos ex toto abnegare nesciunt. Et²⁰⁷ firma sententia mea nisi quis renunciauerit omnibus que possidet²⁰⁸ non potest meus esse discipulus. Tu ergo si optas meus esse discipulus offer teipsum mihi cum omnibus affectibus tuis.

¹⁹³ TOC-1441: traz "*Vox dilecti*".

¹⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*expansis*".

¹⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*sponte obtuli*".

¹⁹⁶ EV-1483: "*transierit*".

¹⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*temetipsum*".

¹⁹⁸ TOC-1441: "*tu*" ausente.

¹⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*offerre et*" ausentes.

²⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*quaero*".

²⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: "*oblatio*".

²⁰² TOC-1441 e EV-1483: "*deo*" ausente.

²⁰³ TOC-1441 e EV-1483: "*et potum*" ausentes.

²⁰⁴ EV-1483: "*Ideo*".

²⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*vis*".

²⁰⁶ EV-1483: "*enim*" ausente.

²⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*Est*".

²⁰⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*que possidet*" ausentes.

Quod nos et omnia nostra deo offerre et pro omnibus orare debemus.²⁰⁹ Capitulum IX.

[1] Domine omnia tua sunt que in celo sunt et que²¹⁰ in terra desidero meipsum tibi in spontaneam oblationem offerre et tuus perpetue manere.²¹¹ Domine in simplicitate cordis mei offerre tibi omnia peccata et delicta mea quam commisi coram te et sanctis angelis tuis a die qua primo peccare potui vsque ad horam hanc super placabili altari tuo offero etiam meipsum tibi hodie in seruum sempiternum in obsequium et sacrificium laudis perpetue.²¹² Suscipe cum²¹³ hac oblatione sancta tui preciosi corporis quam tibi hodie in presentia angelorum inuisibiliter assistentium offero vt sit pro me et pro cuncto populo tuo in salutem [2] remissionem peccatorum meorum tibi in altari tuo a me oblaturum²¹⁴ vt tu omnia pariter incendas et comburas igne caritatis tue deleas²¹⁵ vniuersas maculas peccatorum meorum, et conscientiam meam ab omni delicto emundes et restituas mihi gratiam tuam quam peccando amisi omnia mihi plene indulgendo et in osculum pacis tue me misericorditer recipiendo.²¹⁶ [3] Quid possum agere pro peccatis meis nisi humiliter ea confitendo et lamentando et tuam propiciationem incessanter deprecando. Deprecor te exaudi me propicius vbi assisto²¹⁷ coram te deus meus. Omnia peccata mihi maxime displicent nolo ea amplius vnquam perpetrare. Sed pro eis doleo et dolebo quamdiu vixero paratus penitentiam agere et pro posse satisfacere. Dimitte michi deus meus,²¹⁸ dimitte mihi peccata mea propter nomem sanctum tuum salua animam meam quam precioso sanguine tuo redemisti. Ecce committo me misericordie tue, resigno me manibus tuis²¹⁹ age mecum secundum bonitatem tuam non secundum meam maliciam et iniquitatem. [4] Offero tibi etiam omnia bona mea quamuis valde pauca et imperfecta vt ea²²⁰ emendes et sanctifices et²²¹ ea grata habeas et accepta tibi facias et semper ad meliora trahas, nec non ad beatum

²⁰⁹ TOC-1441: traz "*Vox discipuli*".

²¹⁰ EV-1483: "*que*" ausente.

²¹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*permanere*".

²¹² TOC-1441 e EV-1483: "*Domine in simplicitate cordis mei offero meipsum tibi hodie in seruum sempiternum, in obsequium et sacrificium laudis perpetue*".

²¹³ TOC-1441 e EV-1483: "*Suscipe me cum...*".

²¹⁴ TOC-1441: "*vsque ad horam hanc super placabili altari tuo...*"; EV-1483: "*et pro cuncto populo tuo in salutem. Domine offero tibi omnia peccata et delicta mea quae commisi coram te et sanctis angelis tuis a die quo primum peccare potui vsque ad diem hanc, super placabili altari tuo...*".

²¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*et deleas*".

²¹⁶ TOC-1441: "*et in osculum pacis me misericorditer assumendo*"; EV-1483: "*assumendo*".

²¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*asto*".

²¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*meus*" ausente.

²¹⁹ EV-1483: "*in manibus tuis*".

²²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*vt tu ea...*".

²²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*ut*".

et²²² laudabilem finem me pigrum et inutilem hominem²²³ perducas. [5] Offero quoque tibi omnia desideria deuotorum necessitates parentum amicorum fratrum sororum omniumque carorum meorum et eorum michi aut²²⁴ aliis propter amorem tuum benefecerunt et qui orationes et missas pro se suisque omnibus dici a me desiderauerunt et pecierunt siue in carne adhuc viuant siue iam a seculo defuncti sint vt omnes sibi auxilium gracie²²⁵ opem consolationes et²²⁶ protectionem a periculis, liberationem a peccatis²²⁷ aduenire senciat²²⁸ et vt ab omnibus malis erepti gratias tibi magnificas leti persoluant. [6] Offero etiam tibi preces et hostias placationis pro illis specialiter qui me in aliquo leserunt contristauerunt aut vituperauerunt, vel aliquid damnum vel grauamen intulerunt. Pro hiis quoque omnibus quos aliquando contristauit conturbauit grauauit scandalisauit,²²⁹ verbis aut²³⁰ factis scienter vel²³¹ ignoranter vt omnibus nobis paritus²³² indulgeas peccata nostra et mutuas offensiones. Auffer domine a cordibus nostris omnem suspicionem indignacionem iram, et disceptacionem et quicquid potest caritatem ledere et fraternam dilectionem minuere. Miserere michi domine secundum misericordiam tuam,²³³ poscentibus da gratiam indigentibus veniam²³⁴ et fac nos tales existere vt simus gracia tua digni perfrui et ad vitam proficiamus eternam.²³⁵

Quod sacra communio non est relinquenda de facili.²³⁶ Capitulum X.

[1] Frequenter recurrentum est ad fontem gracie et diuine misericordie ad fontem bonitatis et tocius puritatis quatenus a passionibus tuis et viciis curari valeas et contra vniuersas temptationes et fallacias dyaboli forcior atque vigilantior effici merearis inimicus sciens fructum et remedium maximum in sacra comunione positum esse²³⁷ omni modo et occasione nititur fideles et deuotos quantum preualet retrahere et

²²² TOC-1441: "ac".

²²³ TOC-1441: "homuncionem".

²²⁴ TOC-1441 e EV-1483: "eorum qui michi uel...".

²²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "gratie tue".

²²⁶ TOC-1441: "et" ausente.

²²⁷ TOC-1441 e EV-1483: "a poenis".

²²⁸ TOC-1441: "sentiant".

²²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "et scandalizauit...".

²³⁰ TOC-1441 e EV-1483: "aut" ausente.

²³¹ EV-1483: "et".

²³² TOC-1441: "pariter".

²³³ TOC-1441 e EV-1483: "Miserere miserere domine misericordiam tuam...".

²³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "veniam" ausente.

²³⁵ TOC-1441 e EV-1483: terminam com "Amen".

²³⁶ TOC-1441: traz "Vox dilecti".

²³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "esse" ausente.

impedire. [2] Cum enim quidem²³⁸ sacre communioni se aptare disponunt peiores sathane immissiones paciuntur. Ipse nanque spiritus in Iob²³⁹ scribitur, venit inter filios dei vt solita illos²⁴⁰ nequicia sua²⁴¹ perturbet aut timidos nimium reddat et perplexos quatinus²⁴² affectum eorum minuat vel fidem impugnando aufferat, si forte aut omnino communionem relinquant vel cum torpore accedant.²⁴³ Sed non est quicquam curandum de versariis²⁴⁴ et fantasiis illius quantumlibet turpidus²⁴⁵ et horridis sed cuncta fantasmata in caput eius sunt retorquenda²⁴⁶ Contemnendus est miser et deridendus nec propter insultus eius et commotiones quas suscitatur sacra communio est obmittenda. [3] Sepe enim²⁴⁷ impedit nimia sollicitudo pro deuotione habenda, et anxietas quandam²⁴⁸ de confessione facienda age secundum consilium sapientum et depone anxietatem et scrupulum quia gratiam dei impedit et deuotionem mentis destruit propter aliquam paruam perturbationem²⁴⁹ vel grauitatem sacram non²⁵⁰ dimittas communionem sed vade citius confiteri et omnes offensas²⁵¹ aliis libenter indulge. Si tu vero aliquem offendisti veniam humiliter deprecare²⁵² et deus libenter indulget tibi. [4] Quid prodest diu tardare confessionem aut sacramenti²⁵³ differre communionem. Expurga te cum primis, expue velociter venenum et festina recipere²⁵⁴ remedium et sencies melius quam si diu distuleris Si hodie propter istud dimittis cras forsitan aliud maius²⁵⁵ eueniet et sic diu posses a communionem impediri et magis ineptus fieri. Quanto citius²⁵⁶ vales a presenti inercia et grauitate te excutias, quia nichil importat diu anxari quam cum per turbatione transire²⁵⁷ et se²⁵⁸ ob cottidiana obstacula a diuinis sequestrare. Imo plurimum nocet diu communionem protelare Nam et grauem torporem consuevit

²³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*quidam*".

²³⁹ TOC-1441: "*Ipse nequam spiritus, ut in Iob...*"; EV-1483: "*ut in Iob...*".

²⁴⁰ EV-1483: "*eius*".

²⁴¹ EV-1483: "*sua*" ausente.

²⁴² EV-1483: "*quatenus*".

²⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "*aut cum tepore accedant*".

²⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*de versutiis*".

²⁴⁵ TOC-1441: "*turpibus*".

²⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*retorquenda*".

²⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*etiam*".

²⁴⁸ TOC-1441: "*quaedam*".

²⁴⁹ TOC-1441: "*turbationem*"; EV-1483: "*tribulacionem*".

²⁵⁰ TOC-1441: "*ne*".

²⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: "*offensiones*".

²⁵² TOC-1441 e EV-1483: "*precare*".

²⁵³ TOC-1441 e EV-1483: "*sacram*".

²⁵⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*et festina accipere...*".

²⁵⁵ EV-1483: "*forstian illud magis...*".

²⁵⁶ EV-1483: "*Quanto ergo citius...*".

²⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*diu cum turbatione transire...*".

²⁵⁸ TOC-1441: "*se*" ausente.

inducere. Proch dolor quidam tepidi et dissoluti moras confitendi libenter accipiunt et communionem sacram ideo differre²⁵⁹ cupiunt ne ad maiorem sui custodiam se dare teneantur. [5] Heu quam modicam caritatem et debilem deuotionem habent qui sacram communionem faciliter²⁶⁰ postponunt. Quam felix ille et deo acceptus habetur qui sic viuit et in²⁶¹ tali puritate conscientiam suam custodit vt etiam omni die communicare paratus et affectatus²⁶² esset, si hoc licite²⁶³ et sine nota agere posset. Si quis interdum abstinet humilitatis gracia aut legitima impediende causa laudandus est de reuerentia. Si autem torpor obrepserit seipsum excitare debet et facere quid²⁶⁴ in se est et dominus aderit desiderio suo pro bona voluntate quam specialiter respicit. [6] Cum vero legitime impeditus est habeat²⁶⁵ semper bonam voluntatem et piam intentionem communicandi et sic non carebit fructu sacramenti, Potest enim quilibet deuotus omni die et omni hora ad spirituales cristi communionem salubriter et sine prohibitione accedere et tamen certis diebus et statuto tempore corpus sui redemptoris cum affectuosa reuerentia sacramentaliter debet accipere²⁶⁶ et magis laudem dei et honorem pretendere quam consolationem suam querere. Nam tociens mystice communicat et inuisibiliter reficitur quociens incarnationis cristi misterium passionemque deuote recolit, et in amore eius accenditur [7] qui aliter se non preparat nisi instante festo vel consuetudine compellente sepius imparatus erit. Et²⁶⁷ beatus qui se domino in holocaustum offert quociens celebrat aut communicat. Non sis in celebrando nimis prolixus aut festinus, sed serua modum communem²⁶⁸ cum quibus viuus non debes aliis generare molestiam et tedium sed communem serua viam secundum maiorem²⁶⁹ institutionem et potius aliorum seruias²⁷⁰ vtilitati quam proprie deuotione vel affectui.

²⁵⁹ TOC-1441: "*differri*".

²⁶⁰ TOC-1441: "*tam faciliter...*".

²⁶¹ EV-1483: "*in*" ausente.

²⁶² TOC-1441 e EV-1483: "*et bene affectatus...*".

²⁶³ TOC-1441 e EV-1483: "*si ei liceret...*".

²⁶⁴ TOC-1441: "*quod*".

²⁶⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*Cum vero legitime praepeditur est, habebit...*".

²⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*suscipere*".

²⁶⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*Et*" ausente.

²⁶⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*serua bonum communem modum...*".

²⁶⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*maiorum*".

²⁷⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*seruire*".

Quod corpus cristi et sacra scriptura maxime sunt²⁷¹ anime fidei necessaria.²⁷²

Capitulum XI.

[1] O dulcissime domine Ihesu criste²⁷³ quanta est dul[cedo] deuote anime tecum epulantis in conuiuio tuo Vbi ei non alius cibus manducandus proponitur nisi tu vnicus dilectus eius super omnia desideria cordis eius desiderabilis. Et michi quidem foret²⁷⁴ in presentia tuo exintimo affectu lacrimas fundere et cum pia Magdalena pedes tuos lacrimis rigare.²⁷⁵ Sed vbi est hec deuotio vbi lacrimarum sanctarum copiosa effusio certe in conspectuo tuo et sanctorum angelorum tuorum cor meum²⁷⁶ ardere deberet et ex gaudio flere. Habeo enim te in sa[c]ramento vere presentem quamuis aliena specie occultatum. [2] Nam in propria et diuina claritate te conspicere oculi mei non possent.²⁷⁷ Sed neque totus mundus in fulgore tue²⁷⁸ maiestatis subsisteret. In hoc ergo imbecillitati mee consulcius agitur quod²⁷⁹ te sub sacramento abscondis et ego²⁸⁰ habeo vere et adoro quem angeli adorant in celo. Sed ego adhuc interim in fide illi autem in specie et sine velamine me oportet esse contentum in lumine vere fidei et in ea ambulare donec aspiret dies eterne claritatis et vmbre figurarem inclinentur. Cum autem venerit quid²⁸¹ perfectum est cessabit vsus sacramentorum quia beati in gloria celesti non egent medicamine sacramentali. Gaudent enim sancti in presentia dei²⁸² facie ad faciem gloriam eius speculantes de claritate²⁸³ in claritatem abyssalis deitatis transformati gustant verbum dei quod caro factum est,²⁸⁴ sicut²⁸⁵ ab inicio et manet in eternum. [3] Memor horum mirabilium graue michi sit²⁸⁶ tedium etiam quodlibet spirituale solacium quia quamdiu dominum meum aperte in gloria sua non video pro nichilo duco omne quid²⁸⁷ in mundo conspicio et audio. Testis michi deus²⁸⁸ quid²⁸⁹ nulla res potest me

²⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: "*sint*".

²⁷² TOC-1441: traz "*Vox discipuli*".

²⁷³ TOC-1441 e EV-1483: "*criste*" ausente.

²⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*quidem dulce foret...*".

²⁷⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*irrigare*".

²⁷⁶ TOC-1441: "*totum cor meum*".

²⁷⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*te conspicere oculi mei ferre non possent*".

²⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*in fulgore gloriae tuae...*".

²⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*meae consulis quod...*".

²⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*et ego*" ausentes.

²⁸¹ TOC-1441: "*quod*".

²⁸² TOC-1441: "*Gaudent enim sine fine in presentia dei...*".

²⁸³ TOC-1441 e EV-1483: "*et de claritate...*".

²⁸⁴ TOC-1441: "*Verbum Dei caro factum*"; EV-1483: "*verbum dei carnem factum*".

²⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*sicut fuit...*".

²⁸⁶ TOC-1441: "*fit*".

²⁸⁷ TOC-1441: "*quod*".

consolari nulla creatura quietare nisi tu deus meus quem desidero eternaliter contemplari. Sed non est hoc possibile durante me in hoc²⁹⁰ mortalitate. Ideo oportet vt me ponam ad magnam pacientiam et me ipsum in omni desiderio tibi submittam. Nam et sancti tui domine qui tecum iam regno²⁹¹ celorum exultant in fide et patientia magna dum viuerent aduentum glorie tue expectabunt.²⁹² Quid²⁹³ illi crediderunt ego credo, quid illi sperauerunt²⁹⁴ ego spero. Quo illi peruenerunt per gratiam tuam me venturum confido ambulabo interim infide exemplo²⁹⁵ confortatus sanctorum Habeo²⁹⁶ etiam libros sanctos pro solatio et vite speculo, atque super hec omnia sanctissimum corpus tuum pro singulari remedio et refugio. [4] Da²⁹⁷ michi nanque necessaria et²⁹⁸ per maxime sencio in hac vita sine quibus importabilis foret ista miserabilis vita incarceratione huius corporis detentus duobus me egere fateor cibo scilicet et lumine, dedisti itaque michi infirmo sacrum corpus tuum ad refectionem mentis et corporis et posuisti lucernam pedibus meis verbum tuum, sine hiis duobus bene viuere non possum.²⁹⁹ Nam verbum dei lux anime mee et sacramentum tuum panis vite. Hec possunt dici³⁰⁰ mense due hinc et inde in gazophilatio sancte ecclesie posite. Vna mensa est sacri altaris habens panem sanctum idest corpus cristi preciosum. Altera est diuine legis continens doctrinam sanctam erudiens fidem rectam et firmiter vsque ad interiora velaminis vbi sunt sancta sanctorum perducens. Gracias tibi ago domine ihesu criste³⁰¹ lux lucis eterne pro doctrina³⁰² sacre mense quam nobis per seruos tuos prophetas et apostolos aliosque doctores ministrasti. [5] Gracias tibi ago³⁰³ creator et³⁰⁴ redemptor hominum qui ad declarandam toti mundo caritatem tuam cenam parasti magnam in qua agnum non tiipicum sed tuum sanctissimum corpus et sanguinem proposuisti manducandum letificans omnes fideles conuiuio sacro et calice inebrians salutari, in quo sunt omnes

²⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*Testis es tu mihi deus*".

²⁸⁹ TOC-1441: "*quod*".

²⁹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*in hac*".

²⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: "*in regno*".

²⁹² TOC-1441 e EV-1483: "*expectabant*".

²⁹³ TOC-1441 e EV-1483: "*Quod*".

²⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*quod illi sperauerunt...*".

²⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*exemplis*".

²⁹⁶ TOC-1441: "*habebo*".

²⁹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*Duo*".

²⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

²⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*possem*".

³⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*possum etiam dici...*".

³⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: "*Gratias tibi domine ihesu...*".

³⁰² TOC-1441 e EV-1483: "*pro doctrinae*".

³⁰³ TOC-1441 e EV-1483: "*ago*" ausente.

³⁰⁴ TOC-1441: "*ac*".

delicie paradisi et epulentur³⁰⁵ nobiscum angeli sancti sed suauitate feliciori. [6] O quam magnum et honorabile est officium sacerdotum quibus datum est dominum maiestatis verbis sacris consecrare, labiis benedicere, manibus tenere, ore proprio summere et ceteris ministrare. O quam munde debent esse manus ille, quam purum os, quam sanctum corpus, quam immaculatum cor erit sacerdotis ad quem tociens ingreditur auctor puritatis. Ex ore sacerdotis nichil nisi sanctum nichil nisi honestum et vtile debet procedere verbum, qui tam sepe accipit cristi sacramentum, [7] oculi eius simplices pudici³⁰⁶ qui cristi corpus solent intueri Manus pure et in celum eleuate, que creatorem celi et terre solent contrectare. Sacerdotibus specialiter in lege dei³⁰⁷ dicitur. Sancti estote quoniam ego sanctus sum dominus deus vester. [8] Adiuuet nos gracia tua omnipotens deus, vt qui officium sacerdotale suscepimus, digne et³⁰⁸ deuote tibi in omni puritate et conscientia bona famulari valeamus. Etsi [sic] non possumus in tanta innocentia vite conuersari, vt debemus, concede nobis tamen digne flere mala que gessimus et³⁰⁹ in spiritu humilitatis, et³¹⁰ bone voluntatis proposito feruentius tibi decetero deseruere.³¹¹

Quam diligenter³¹² debeat communicaturus se christo preparare.³¹³ Capitulum XII.

[1] Ego sum puritatis amator et dator omnis sanctitatis ego cor purum quero et ibi est locus requiecionis mei.³¹⁴ Para michi cenaculum grande stratum et facia³¹⁵ aput te pasca cum dicipulis meis. Si vis vt³¹⁶ veniam ad te et aput te maneam. Expurga vetus fermentum et munda cordis tui habitaculum. Exclude totum seculum et omnem viciorum tumultum sede tanquam passer solitarius in tecto et cogita excessus tuos inamaritudine anime mee.³¹⁷ Omnis nanque amans suo dilecto amatori optimum³¹⁸ preparat locum, quia in hoc cognoscitur affectus suscipientis dilectum. [2] Scito tamen

³⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*epulantur*".

³⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*simplices et pudici*".

³⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*dei*" ausente.

³⁰⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*ac*".

³⁰⁹ EV-1483: "*ut*".

³¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*ac*".

³¹¹ EV-1483: "*desuruire valeamus*".

³¹² TOC-1441 e EV-1483: "*Quam magna diligentia...*".

³¹³ TOC-1441: traz "*Vox dilecti*".

³¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*meae*".

³¹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*faciam*".

³¹⁶ EV-1483: "*vt*" ausente.

³¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*tuae*".

³¹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*amatori optimum et pulcherrimum...*".

te non posse satisfacere huic preparationi ex merito tue actionis etiam si per integrum annum te preparares et nichil aliud in mente haberes. Sed ex sola pietate et gracia mea permitteris ad mensam meam accedere, ac si mendicus ad brandium³¹⁹ vocaretur diuitis et ille nichil habeat³²⁰ ad retribuendum beneficiis eius nisi se humiliando et ei regraciando fac quod in te est, et diligenter facito, non ex consuetudine non ex necessitate sed cum timore et reuerentia et cum³²¹ affectu accipe corpus dilecti dei tui³²² dignanter ad venire.³²³ Ego sum qui vocaui, ego iussi fieri ego supplebo quid³²⁴ tibi deest, veni et suscipe me [3] cum gratiam deuotionis tribuo [sic], gracias age deo tuo, non quia dignus es sed quia tui misertus sum. Si non habes deuotionem³²⁵ sed magis aridum te sentis, insiste orationem.³²⁶ Ingemiste et pulsa, nec desistas donec merearis micam aut guttam salutaris graciae accipere. Tu mei indiges non ego tui indigio,³²⁷ nec tu sanctificare me venis, sed ego te sanctificare et meliorare venio. Tu venis vt ex me sanctificeris et mihi vniaris et nouam gratiam accipias,³²⁸ et de nouo ad deuotionem³²⁹ accendaris. Noli neglegere hanc gratiam sed prepara te et cor tuum, cum omni diligentia et introduc ad te dilectum tuum.³³⁰ [4] Oportet enim³³¹ non solum vt te prepares ad deuotionem ante communionem, sed etiam³³² sollicite te conserues in ea post sacramenti perceptionem. Nec minor custodia post exigitur quam deuota preparatio prius. Nam bona post modum custodia optima³³³ est preparatio ad maiorem gratiam consequendam. Ex eo quippe, valde indispositus quis redditur si statim nimis effusus est ad exteriora solatia.³³⁴ Caue a multiloquio maneat³³⁵ in secreto et frui deo tuo. Ipsum enim habes quem totus mundus tibi auferre non potest. Ego sum cui te totum dare debes Ita vt iam vltra non in te sed in me absque omni sollicitudine viuas.

³¹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*ad prandium*".

³²⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*nichil aliud habeat...*".

³²¹ TOC-1441 e EV-1483: "*cum*" ausente.

³²² TOC-1441 e EV-1483: "*domini dei tui...*".

³²³ TOC-1441: "*dignantis ad te venire*".

³²⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

³²⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*deuotionem*" ausente.

³²⁶ TOC-1441: "*insiste orationi*".

³²⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*indigeo*".

³²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*recipias*".

³²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*ad emendationem*".

³³⁰ TOC-1441: "*Noli neglegere hanc gratiam; sed praepara cum omni diligentia cor tuum: et introduc ad te dilectum tuum*"; EV-1483: "*Noli negligere hanc gratiam, semper praepara cum omni diligentia cor tuum et introduc ad te dilectum tuum*";

³³¹ TOC-1441 e EV-1483: "*autem*".

³³² TOC-1441 e EV-1483: "*sed ut etiam...*".

³³³ TOC-1441: "*custodia optima iterum...*".

³³⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*si statim fuerit nimis effusus ad exteriora solatia*".

³³⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*mane*".

Quod toto corde anima deuota christi vnionem in sacramento affectare debet.³³⁶

Capitulum XIII.

[1] Quis mihi det domine vt inueniam te solum et aperiam tibi cor meum³³⁷ et fruar te sicut desiderat anima mea et iam me nemo despiciat nec vlla creatura moneat³³⁸ vel respiciat. Sed tu solus mihi loqueris³³⁹ et ego tibi sicut solet dilectus ad dilectum loqui et amico³⁴⁰ cum amico coniuuari. Hoc oro, hoc desidero, vt tibi totus vniam et cor meum ab omnibus creatis rebus abstraham magisque per sacram communionem et³⁴¹ frequentem celebrationem celestia et eterna sapere discam. Ach domine deus meus³⁴² quando ero tecum totus vnitus, et absorptus meique totaliter oblitus. Tu in me et ego in te et sic pariter³⁴³ in vnum concede. [2] Vere tu es dilectus meus ex milibus electus in quo complacuit anime mee habitare omnibus diebus vite sue, vere tu pacificus meus in quo pax summa et requies vera extra quem labor et dolor et infinita miseria. Vere tu es deus absconditus et consilium tuum non est cum impiis sed cum humilibus et simplicibus sermo tuus. O quam suavis est domine spiritus tuus, qui vt dulcedinem tuam in filios demonstrares pane suauissimo de celo descendens³⁴⁴ illos reficere dignaris. Vere non est alienatio³⁴⁵ tam grandis que habeat deus appropinquantes³⁴⁶ sibi sicut tu deus noster, ades vniuersis fidelibus tuis quibus ob cottidianum solacium et cor erigendum in celum te tribuis ad edendum et fruendum. [3] Que est enim alia gens tam inclita sicut plebs cristiana aut que creatura sub celo tam dilecta vt anima deuota ad quam ingreditur deus vt pascat eam carne sua gloriosa. O ineffabilis gracia. O admirabilis dignacio. O amor immensus homini singulariter impensus. Sed quid retribuam domino pro gracia ista caritate³⁴⁷ tam eximia non est aliud quid tam gratum tibi queam dare quam³⁴⁸ vt cor

³³⁶ TOC-1441: traz "Vox discipuli".

³³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "totum cor meum...".

³³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "creatura me moueat...".

³³⁹ TOC-1441 e EV-1483: "loquaris".

³⁴⁰ TOC-1441 e EV-1483: "amicus".

³⁴¹ TOC-1441 e EV-1483: "ac".

³⁴² TOC-1441 e EV-1483: "meus" ausente.

³⁴³ TOC-1441 e EV-1483: "et sic nos pariter...".

³⁴⁴ TOC-1441: "descendente".

³⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: "alia natio".

³⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: "deos appropinquantes".

³⁴⁷ TOC-1441 e EV-1483: "pro charitate".

³⁴⁸ TOC-1441 e EV-1483: "Non est aliud quod gratius donare queam quam...".

meum deo totaliter³⁴⁹ tribuam et intime coniungam. Tunc exultabunt omnia interiora³⁵⁰ cum perfecte fueris vnita deo anima mea. Tunc dicet.³⁵¹ Si tu vis esse mecum ego volo esse tecum et ego respondebo illi. Dignare domine manere mecum ego libenter volo esse tecum hoc est totum desiderium meum vt cor meum sit tibi vnitum.

De quorundam deuotorum ardenti desiderio ad corpus cristi.³⁵² Capitulum XIII.

[1] O quam magna multitudo dulcedinis tue domine quam absconditi timentibus³⁵³ quam³⁵⁴ recordor deuotorum aliquorum ad sacramentum tuum domine cum deuotione³⁵⁵ et affectu accedentium. Tunc sepius in meipso confundor et erubesco quod ad altare tuum et sacre communionis mensam tuam tam tepide et frigide accedo quod ita aridus et sine affectione cordis maneo quod³⁵⁶ non sum totaliter accensus coram te deo meo, nec ita vehementer attractus et affectus sicut multi deuoti fuerunt qui pre nimio desiderio communionis et sensibili cordis amore, a fletu se non potuerunt continere sed ore cordis et corporis pariter ad te deum fontem viuum medullitus inhiabant suam esuriem non valentes aliter temporare³⁵⁷ nec saciare, nisi corpus tuum cum omni iocunditate et spirituali auiditate acceperant. [2] O vere³⁵⁸ ardens fides eorum probabile existens argumentum sacre presentie tue Isti enim veraciter cognoscunt dominum suum in fractione panis quorum cor tam valide ardet in eis de Ihesu ambulante cum eis, longe est a me sepe talis affectus et deuotio tam vehemens amor et ardor. Esto mihi propicius ihesu bone dulcis et benigne. Et concede pauperi mendico tuo, vel interdum modicum de cordiali affectu amoris tui in sacra communione sentire vt fides mea magis conualescat. Spes in bonitate tua proficiat et caritas semel perfecta³⁵⁹ accensa et celesti³⁶⁰ manna experta nunquam deficiat. [3] Potens est autem misericordia tua etiam gratiam dei³⁶¹ desideratam prestare mihi et in spiritu ardoris cum dies beneplaciti tui

³⁴⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*ut cor meum Deo meo totaliter...*".

³⁵⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*interiora mea*".

³⁵¹ TOC-1441 e EV-1483: "*Tunc dicet mihi...*".

³⁵² TOC-1441: traz "*Vox discipuli*".

³⁵³ TOC-1441 e EV-1483: "*timentibus te...*".

³⁵⁴ TOC-1441: "*quando*".

³⁵⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*cum maxima deuotione...*".

³⁵⁶ EV-1483: "*et quod...*".

³⁵⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*temperare*".

³⁵⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*vera*".

³⁵⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*perfecte*".

³⁶⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*caeleste*".

³⁶¹ TOC-1441: "*dei*" ausente.

aduenerit³⁶² me clementissime visitare. Etenim licet tanto desiderio tam spiritualium³⁶³ deuorum tuorum non ardeo tamen de gracia tua illius magni inflammati desiderii desiderium habeo orans et desiderans omnium talium feruidorum amatorum tuorum participem me fieri ac eorum sancto consorcio annumerari.

Quod gracia deuotionis humilitate et suiipsius abnegatione acquiritur.³⁶⁴ Capitulum XV.

[1] Oportet te deuotionis gratiam instanter petere pacienter³⁶⁵ querere, desideranter et fiducialiter expectare gratanter recipere, humiliter conseruare studiose cum ea operare³⁶⁶ et deo terminum et³⁶⁷ modum superne visitationis donec veniat committere, humiliare precipue te debes cum parum et nihil deuotionis interius sentis, sed non nimium deiici nec inordinate contristari. Dat sepe deus in vno breui momento quid³⁶⁸ longo negauit tempore dat quandoque³⁶⁹ in fine quod in principio orationis distulit dare.³⁷⁰ [2] Si semper cito gracia daretur, et pro uoto adesset non infirmo³⁷¹ homini bene portabili propterea in bona spe et humili patientia expectanda cum³⁷² deuotionis gracia. Tibi tamen et peccatis tuis imputa cum non datur et absconditur vel etiam occulte tollit.³⁷³ Modicum quandoque est quid³⁷⁴ gratiam impedit et abscondit, si tamen modicum et non potius grande dici debeat, quod tam³⁷⁵ bonum prohibet, et si hoc ipsum modicum vel grande amoueris et perfecte viceris et erit quod³⁷⁶ petisti. [3] Statim nanque vt te deo toto³⁷⁷ corde tradideris, nec hoc vel illud pro tuo libitu seu velle quesieris. Sed si³⁷⁸ te integre in ipso posueris, vnicum³⁷⁹ te inuenies et pacatum. Quia nil ita bene sapiet vel³⁸⁰ placebit sicut beneplacitum diuine voluntatis. Quisquis ergo intentionem suam simplici

³⁶² TOC-1441: "*venerit*".

³⁶³ TOC-1441 e EV-1483: "*specialium*".

³⁶⁴ TOC-1441: traz "*Vox dilecti*".

³⁶⁵ EV-1483: "*indesinenter*".

³⁶⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*operari*".

³⁶⁷ TOC-1441: "*ac Deo terminum et...*"; EV-1483: "*ac deo tempus et...*".

³⁶⁸ TOC-1441: "*quod*".

³⁶⁹ EV-1483: "*Dat etim quandoque...*".

³⁷⁰ EV-1483: "*largire*".

³⁷¹ TOC-1441 e EV-1483: "*non esset infirmo...*".

³⁷² TOC-1441 e EV-1483: "*est*".

³⁷³ TOC-1441 e EV-1483: "*cum non datur uel etiam occulte tollitur*".

³⁷⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*quod*".

³⁷⁵ TOC-1441: "*quod tantum...*"; EV-1483: "*quid tantum...*".

³⁷⁶ EV-1483: "*quid*".

³⁷⁷ TOC-1441 e EV-1483: "*ex toto*".

³⁷⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*si*" ausente.

³⁷⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*unitum*".

³⁸⁰ TOC-1441 e EV-1483: "*et*".

corde sursum ad deum leuauerit seque ab omni inordinato amore seu displicentia cuiuslibet rei create euacuauerit aptissimus gracie percipiende ac dignus deuotionis munere erit. Dat enim dominus ibi benedictionem suam vbi vasa vacua inuenerit. Et quanto perfectius infimis renuncciauerit³⁸¹ quis et magis sibiipsi per contemptum sui moritur tanto gracia celerius venit et³⁸² copiosius intrat et alcius cor liberum eleuat. [4] Tunc videbit et affluet et dilabitur³⁸³ cor eius in ipso quia manus dei³⁸⁴ cum eo et ipse se posuit totaliter in manu eius vsque in seculum. Ecce sic benedicetur homo qui querit deum toto corde suo³⁸⁵ nec inuanum [sic] accepit animam suam. Hic in accipiendo sacram eukaristiam magnam promeretur diuine vnionis gratiam, quia non respicit ad propriam deuotionem et consolationem, sed dei gloriam et honorem.³⁸⁶

Quod necessitates nostras christo aperire et eius gratiam postulare debemus.³⁸⁷

Capitulum XVI.

[1] Dulcissime³⁸⁸ atque amatissime domine quem nunc deuote desidero suscipere, tu scis infirmitatem meam et necessitatem quam patior in quantis malis et viciis iaceo quam sepe sum grauatus, temptatus, turbatus et inquinatus pro remedio ad te venio pro consolatione et subleuamine te deprecor, ad omnia scientem loquor tui³⁸⁹ manifesta sunt omnia interiora mea et qui solus potest³⁹⁰ me perfecte consolari et adiuuare. Tu scis quibus bonis indigeo pre omnibus et pauper³⁹¹ sum in virtutibus. [2] Ecce sto ante te pauper et nudus gratiam postulans et gratiam³⁹² implorans. Respice³⁹³ esurientem mendicum tuum. Accende frigiditatem meam igne amoris tui. Illumina cecitatem meam claritate presentie tue. Verte mihi omnia terrena in amaritudinem, omnia grauia et contraria in patientiam omnia infinita [sic] et creata in contemptum et obliuionem Erige

³⁸¹ TOC-1441: *"renuntiat"*.

³⁸² TOC-1441 e EV-1483: *"et"* ausente.

³⁸³ TOC-1441 e EV-1483: *"et mirabitur et dilatabitur..."*.

³⁸⁴ TOC-1441 e EV-1483: *"Domini"*.

³⁸⁵ TOC-1441 e EV-1483: *"in toto corde suo"*.

³⁸⁶ TOC-1441: *"sed super omnem deuotionem et consolationem ad Dei gloriam et honorem"*; EV-1483: *"sed ad dei gloriam et honorem"*.

³⁸⁷ TOC-1441: traz *"Vox discipuli"*.

³⁸⁸ TOC-1441 e EV-1483: *"O dulcissime..."*.

³⁸⁹ TOC-1441 e EV-1483: *"cui"*.

³⁹⁰ EV-1483: *"potes"*.

³⁹¹ TOC-1441 e EV-1483: *"et quam pauper..."*.

³⁹² TOC-1441 e EV-1483: *"misericordiam"*.

³⁹³ TOC-1441: *"Refice"*.

cor meum ad te in celum et ne dimittas me fagari³⁹⁴ super terram. Tu solus mihi ex hoc iam dulcestis³⁹⁵ vsque in seculum quia tu solus cibus et potus meus, amor meus, et gaudium meum, et totum bonum meum,³⁹⁶ [3] vtinam me totaliter ex tua presentia incendas comburas et te transmutes³⁹⁷ vt vnus tecum efficiar spiritus per gratiam interne vnionis et liquefactionem ardentis amoris. Ne paciaris me ieunium et aridum a te recedere Sed operare mecum misericorditer sicut sepius operatus es cum sanctis³⁹⁸ mirabiliter. Quid mirum si totus ex te ignescerem, et in meipso deficerem cum tu sis ignis semper ardens et nunquam deficiens amor corda purificans et intellectum illuminans.

De ardenti desiderio et³⁹⁹ amore et affectu vehementi suscipiendi cristum.⁴⁰⁰ Capitulum XVII.

[1] Cum summa deuotione et ardenti amore desidero te domine suscipere quemadmodum multi sancti cum toto cordis affectu et feruore, sicut⁴⁰¹ et deuote persone in communicando te desiderauerunt qui tibi maxime in sanctitate vite placuerunt, et in ardentissima deuotione fuerunt. O deus meus amor eternus totum bonum meum felicitas interminabilis cupio te suscipere cum vehementissimo desiderio et dignissima reuerentia quam aliquis sanctorum vnquam habuit et sentire potuit [2] et licet indignus sum omnia sentimenta⁴⁰² deuotionis habere tamen offero tibi totum cordis⁴⁰³ affectum ac si omnia illa gratissima inflammata desideria solus haberem. Sed et quecunque potest, pia mens concipere et desiderare. Hec omnia cum summa veneratione et intimo feruore,⁴⁰⁴ prebeo et offero nichil opto michi reseruare, sed me et omnia mea, tibi sponte et libentissime immolare. Domine deus meus creator meus et redemptor meus cum tali affectu et⁴⁰⁵ reuerentia laude et honore cum tali gratitudine dignitate et amore cum tali fide spe et

³⁹⁴ TOC-1441 e EV-1483: "*vagari*".

³⁹⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*dulcescas*".

³⁹⁶ TOC-1441 e EV-1483: "*et gaudium meum, dulcedo mea et totum bonum meum*".

³⁹⁷ TOC-1441: "*ex tua praesentia accendas comburas et in te transmutes*"; EV-1483: "*ex tua praesentia accendas, combures: et in te transmutes*".

³⁹⁸ TOC-1441 e EV-1483: "*cum sanctis tuis*".

³⁹⁹ TOC-1441 e EV-1483: "*desiderio et*" ausentes.

⁴⁰⁰ TOC-1441 e EV-1483: trazem "*Uox discipuli*".

⁴⁰¹ TOC-1441 e EV-1483: "*sicut*" ausente.

⁴⁰² TOC-1441: "*illa sentimenta*".

⁴⁰³ EV-1483: "*cordis mei*".

⁴⁰⁴ TOC-1441: "*haec omnia tibi cum summa veneratione et intimo favore...*"; EV-1483: "*haec omnia tibi cum summa reuerentia veneratione ac intimo fauore...*".

⁴⁰⁵ TOC-1441 e EV-1483: "*et*" ausente.

caritate et affectu⁴⁰⁶ hodie suscipere sine⁴⁰⁷ te suscepit et desiderauit sanctissima mater tua gloriosa virgo Maria quando angelo euangelii sancti sibi⁴⁰⁸ incarnationis misterium humiliter et deuote respondit. Ecce ancilla domini fiat michi secundum verbum.⁴⁰⁹ [3] Et sicut beatus precursor tuus excellentissimus sanctorum Iohannes baptista, in presentia tua letabundus exultauit in gaudio spiritus sancti dum adhuc matris claudetur visceribus postmodum⁴¹⁰ cernens Ihesum inter homines ambulans valde humilians se deuoto cum affectu dicebat. Amicus autem sponsi qui stat et audit cum⁴¹¹ gaudio gaudet, propter vocem sponsi sic et ego magnis et sacris desideriis opto inflammari et tibi ex toto corde meipsum presentare. Vnde et omnium deuotorum cordium, iubilaciones ardentes affectiones et⁴¹² affectus mentales excessus et⁴¹³ super naturales illuminationes et cecitas⁴¹⁴ visiones, tibi offero exhibeo⁴¹⁵ cum omnibus virtutibus et laudibus ab omni creatura in celo et in terra celebratis et celebrandis pro me et omnibus michi in oratione commendatis quatinus ab omnibus digne lauderis et imperpetuum⁴¹⁶ glorificeris. [4] Accipe vota mea domine deus meus et desideria infinite laudationis, et immense benedictionis que tibi secundum multitudinem ineffabilis magnitudinis tue iure debentur. Hec tibi reddo et reddere desidero per singulos dies et momenta temporum ac⁴¹⁷ ad reddendum mecum tibi gracias et laudes omnes celestes spiritus et cunctos fideles tuos, precibus et affectibus inuito et exoro. [5] Laudent te vniuersi populi tribus et lingue ac sanctum et⁴¹⁸ mellifluum nomen tuum cum summa iubilacione et ardenti deuotione magnificent. Et quicumque reuerenter et⁴¹⁹ deuote altissimum sacramentum tuum celebrant et plena fide recipiunt gratiam et misericordiam apud te inuenire mereantur. Et pro me peccatore suppliciter exorent. Cunque optata deuotione et fruibili vnione potati⁴²⁰ fuerint ac⁴²¹ bene consolati et⁴²² mirifice refectioni de sacra mensa celesti⁴²³ abscesserint mei pauperis recordari dignentur.

⁴⁰⁶ TOC-1441 e EV-1483: *"et puritate te affecto..."*.

⁴⁰⁷ TOC-1441 e EV-1483: *"sicut"*.

⁴⁰⁸ TOC-1441 e EV-1483: *"angelo euangelizanti sibi..."*.

⁴⁰⁹ TOC-1441 e EV-1483: *"verbum tuum"*.

⁴¹⁰ TOC-1441 e EV-1483: *"adhuc maternis clauderetur visceribus postmodum..."*.

⁴¹¹ TOC-1441: *"eum"*.

⁴¹² TOC-1441 e EV-1483: *"affectiones et"* ausentes.

⁴¹³ TOC-1441 e EV-1483: *"ac"*.

⁴¹⁴ TOC-1441 e EV-1483: *"caelicas"*.

⁴¹⁵ TOC-1441: *"tibi offero et exhibeo..."*.

⁴¹⁶ TOC-1441 e EV-1483: *"in perpetuum"*.

⁴¹⁷ TOC-1441 e EV-1483: *"atque"*.

⁴¹⁸ TOC-1441: *"ac"*.

⁴¹⁹ TOC-1441: *"ac"*.

⁴²⁰ TOC-1441 e EV-1483: *"potiti"*.

Quod homo non sit curiosus scrutator sacramenti sed humilis amator⁴²⁴ christi subdendo sensum sacre fidei.⁴²⁵ Capitulum vltimum.

[1] Cauendum est tibi a curiosa et inutile⁴²⁶ perscrutatione huius profundissime sacramenti si non vis in profundum dubitationis submergi.⁴²⁷ Qui scrutator est maiestatis opprimetur a gloria. Plus enim⁴²⁸ valet deus operari, quam homo intelligere potest. Tollerabilis est⁴²⁹ pia et humilis inquisitio veritatis parata semper dotari et personans patrum sententias studiosius ambulare.⁴³⁰ [2] Sancta⁴³¹ simplicitas que difficiles questionum relinquit vias et planas ac firmas⁴³² pergit semitas⁴³³ mandatorum dei. Multi deuotionem perdiderunt dum altiora scrutari voluerunt. Fides a te exigitur et sincera vita, non altitudo intellectus neque profunditas misteriorum dei. Si non intelligis nec capis que infra te sunt quomodo apprehendes que⁴³⁴ supra te sunt. Subdere deo et humilia sensum tuum fidei, et dabitur tibi lumen⁴³⁵ prout tibi fuerit vtile et⁴³⁶ necessarium. [3] Quidam grauiter temptantur de fide et sacramento sed non est hoc ipsis imputandum, sed potius in isto,⁴³⁷ noli curare, noli disputare, cum cogitationibus tuis nec ad immissas a Dyabolo temptationes⁴³⁸ responde sed crede verbis dei, crede sanctis eius et prophetis et fugiet a te inimicus nequam. Sepe multum prodest quod talia sustinet seruus dei. Nam infideles et peccatores non temptat quos iam secure possidet. Fide[l]es autem deuotos variis modis vexat et tamptat [4] Perge ergo cum simplici et indubitata fide et cum simplici⁴³⁹ reuerentia ad sacramentum accede et⁴⁴⁰ quicquid intelligere non

⁴²¹ TOC-1441 e EV-1483: "et".

⁴²² TOC-1441: "ac".

⁴²³ EV-1483: "et de sacra mensa caelesti..."

⁴²⁴ TOC-1441 e EV-1483: "imitator".

⁴²⁵ TOC-1441: traz "Vox dilecti".

⁴²⁶ TOC-1441 e EV-1483: "inutili".

⁴²⁷ EV-1483: "demergi".

⁴²⁸ TOC-1441 e EV-1483: "enim" ausente.

⁴²⁹ TOC-1441 e EV-1483: "est" ausente.

⁴³⁰ TOC-1441 e EV-1483: "semper doceri et per sanas patrum sententias studens ambulare".

⁴³¹ TOC-1441 e EV-1483: "Beata".

⁴³² TOC-1441 e EV-1483: "plana ac firma".

⁴³³ TOC-1441 e EV-1483: "semita".

⁴³⁴ TOC-1441: "quomodo comprehendes quae..."; EV-1483: "quomodo comprehendes ea...".

⁴³⁵ TOC-1441 e EV-1483: "scientiae lumen".

⁴³⁶ TOC-1441 e EV-1483: "ac".

⁴³⁷ TOC-1441 e EV-1483: "sed potius inimico...".

⁴³⁸ TOC-1441 e EV-1483: "dubitationes".

⁴³⁹ TOC-1441: "supplici".

⁴⁴⁰ EV-1483: "et" ausente.

vales deo omnipotenti secure committe Non fallit te deus. Fallitur qui minime sibi credit.⁴⁴¹ Graditur deus cum simplicibus et⁴⁴² reuelat se humilibus Dat intellectum paruulis, aperit sensum puris mentibus, et abscondit gratiam curiosis et superbis. Ratio humana debilis est et falli potest, fides autem vera falli non potest. [5] Omnis ratio et naturalis inuestigatio fidem sequi debet non precedere nec infringere Nam fides et amor maxime⁴⁴³ precellunt et occultis modis in hoc sacratissimo⁴⁴⁴ et super excelentissimo sacramento operantur. Deus eternus et immensus infiniteque potentie fecit magna et inscrutabilia in celo et in terra, nec est inuestigatio mirabilium operum eius Si talia essent opera⁴⁴⁵ vt facile ad humana⁴⁴⁶ ratione caperentur non essent mirabilia nec ineffabilia dicenda.

Explicit liber quartus de imitatione cristi in quo specialiter tractatur de venerabili sacramento altaris.⁴⁴⁷

Sequitur tabula huius libri quarti.

Primo deuota exhortatio ad sacram christi comunicacionem

Cum quanta reuerentia suscipiendus sit cristus – I.

Quam magna bonitas et caritas dei in sacramento exhibetur homini – II.

Quam vtile sit homini communicare – III.

Quam multa bona prestantur deuote communicantibus – IIII.

De dignitate sacramenti et de dignitate sacerdotali – V.

De interrogatione et exercicio ante communionem – VI.

De discussione proprie conscientie et emendationis proposito – VII.

De oblacione cristi in cruce et propria resignacione – VIII.

Quod nos et omnia nostra deo debemus offerre – IX.

Quod sacra communio defacili non est relinquenda – X.

Quod corpus cristi et sacra scriptura sunt anime fideli necessaria – XI.

Quod diligenter debeat se comunicaturus christo preparare – XII.

⁴⁴¹ TOC-1441: *"fallitur qui sibi ipsi nimium credit"*; EV-1483: *"Fallitur qui sibi nimium credit"*.

⁴⁴² TOC-1441: *"et"* ausente.

⁴⁴³ TOC-1441 e EV-1483: *"et amor ibi maxime..."*.

⁴⁴⁴ TOC-1441 e EV-1483: *"sanctissimo"*.

⁴⁴⁵ TOC-1441 e EV-1483: *"opera dei"*.

⁴⁴⁶ TOC-1441 e EV-1483: *"ab humana"*.

⁴⁴⁷ TOC-1441: nenhuma inscrição encerra o livro; EV-1483: *"Explicit liber quartus et vltimus de sacramento altaris"*.

Quod toto corde anima deuota cristi vnionem in sacramento affectare debet – XIII.

De quorundam deuotorum desiderio ardenti ad corpus cristi – XIII.

Quod gracia deuotionis humilitate et suiipsius abnegatione acquiritur – XV.

[Quod necessitates nostras christo aperire et eius gratiam postulare debemus - XVI.]

De ardenti desiderio et amore et affectu vehementi suscipiendi christum – XVI[I].

Quod homo non sit curiosus scrutator sacramenti sed humilis imitator christi subdendo sensum suum sacre fidei – XVIII.

Viri egregi Thome montis sancte Agnetis in Traiecto regularis canonici libri de christi imitatione numero quatuor finiunt feliciter, per Ginthe[r]um Zainer ex reutlingen pergenitum literis impressi ahenis.⁴⁴⁸

⁴⁴⁸ TOC-1441: nenhuma inscrição ao fim do livro, o terceiro na sequência da compilação; EV-1483: "~~Johannis Gerson cancellarii parisiensis~~ [o nome de Gerson se encontra riscado e substituído, à mão, pelo de Thomas de Kempis: 'Thome de Kempis ordinis regularium'], de contemptu mundi deuotum et vtile opusculum finit. M.cccc.lxxxiii, per Petrum loislein de langencenum alemanum Uenetiis faeliciter impressum. Laus Deo".

BIBLIOGRAFIA

1. Edições latinas da *Imitação de Cristo*:

- ANÔNIMO (ed.). *De Imitatione Christi libri quatuor: Sacrae Scripturae concordantia, et J. M. Hosrtii notis illustrati*. Editio Nova accuratissime emendata. Tornaci Nerbiorum: Typis Societatis S. Joannis; Desclée, Lefebvre & Soc., 1893;
- BECKER, Kenneth Michael. *From the Treasure-House of Scripture: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout: Brepols 2002;
- DANHAUSER, Peter (org.). *Opera Thomae a Campis cognomento Malleoli, viri pientissimi & religiosissimi sub Canone diui patris Augustini, aucta & diligentius recognita, suaque serie reposita vt in huius patebit tergo*. Nuremberga: Iodoco Badio Ascensio, 1494;
- DELAISSÉ, Leon Marie Joseph. *Le manuscrit autographe de Thomas a Kempis et l'Imitation de Jésus-Christ. Examen archéologique et édition diplomatique du Bruxellensis 5855-61*. 2 vol. Paris; Bruxelles: Éditions Erasme; Anvers; Amsterdam: Standaard-Boekhandel, 1956;
- FLEURY, Alexandre (ed.) *De Imitatione Christi libri quatuor*. Turonibus: Typis Alfredi Mame e Filiorum, 1930;
- HIRSCHE, Karl (org.). *Thomae Kempensis De Imitatione Christi libri quatuor: textum ex autographo Thomae nunc primum accuratissime reddidit, distinxit, novo modo disposuit; capitulorum argumenta, locos parallellos adiecit*. Berlim: Libreria Lüderitziana; Carolus Habel, 1874;
- KNOX-LITTLE, William John (ed.). *The Imitation of Christ: a Facsimile Reproduction of the First Edition printed at Augsburg in 1471-2*. London: Elliot Stock, 1893;
- LUPO, Tiburzio (ed.). *De Imitatione Christi libri quatuor: edizione critica a cura de Tiburzio Lupo*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1982;
- POHL, Michael Joseph. *Thomae Hemerken a Kempis Canonici Regularis Ordinis S. Augustini Opera Omnia Voluminibus Septem edidit additoque volumine de vita et scriptis eius disputauit*. Vol. 2. Friburgum Brisgoviae: Sumptibus Herder; Typograph Editoris Pontificii, 1904;
- RUELENS, Charles (ed.). *The Imitation of Christ being the Autograph Manuscript of Thomas à Kempis, De Imitatione Christi, reproduced in Facsimile from the Original Preserved in the Royal Library at Brussels*. London: Elliot Stock, 1885;
- SOMMALIUS, Henrique (org.). *Venerabilis Viri Thomae a Kempis cum docti tum religiosissimi viri, ordinis canonicorum regularium D. Augustini Opera Omnia ad*

autographa ejusdem emendata, aque etiam tertia fere ex parte nunc aucta & correctata, et in tres tomos distributa. Sexta Editio. Coloniae Agrippina: Joannem Busaeum Bibliopolam, sub Monocerota, 1660;

VAN DIJK, Rudolf (ed.). *Navolging van Christus, vertaald en toegelicht door Rudolf van Dijk.* Kampen: Ten Have, 2008.

2. traduções da *Imitação de Cristo*:

BASTOS, Luciano Rouanet (tr.). *Imitação de Cristo.* São Paulo: Paulus, 2019;

BIGGS, B. J. H. (ed.). *The Imitation of Christ: The First English Translation of the "Imitatio Christi"*. Oxford: Oxford University Press, 1997;

BOFF, Leonardo (tr.) *Imitação de Cristo pelo venerável Tomas de Kempis com tradução de Leonardo Boff; Seguimento de Jesus (livro V), pelo teólogo Leonardo Boff.* Petrópolis, Vozes, 2016;

BORGMEIER, Tomás (tr.). *Imitação de Cristo: tradução portuguesa confrontada com o manuscrito autógrafo de 1441, editado pelo Revmo. Pe. Fleury*. Petrópolis: Vozes, 2015;

CABRAL, J. (tr.). *Imitação de Cristo.* 1ª edição, 30ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 1979;

CATÃO, Francisco (tr.). *Imitação de Cristo: nova tradução do original por Francisco Catão.* 3ª edição. São Paulo: Paulinas 2012;

FRANCA, Leonel (tr.). *Imitação de Cristo.* São Paulo: Lafonte, 2019;

_____. (tr.). *Imitação de Cristo.* Jandira: Principis, 2019;

GAMA, Emérico da (tr.). *Imitação de Cristo: textos escolhidos.* Tradução e seleção de Emérico da Gama. 3ª edição. São Paulo: Quadrante, 2018;

GIMENEZ, Joaquim (tr.). *Imitação de Cristo.* Tradução de Joaquim Gimenez. Itaperuna: Damada, 1998;

GUILBERT, Pierre; GAIO, Luiz João (trs.). *Imitação de Cristo.* Tradução dos originais latinos de Pierre Guilbert; traduzido para o português por Luiz João Gaio. Rio de Janeiro: Loyola, 1992;

GUIMARÃES, Luiz Fernando (tr.). *Imitação de Cristo.* 1ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2015;

INGRAM, John K.. *The earliest translation of the first three books of De Imitatione Christi, now printed from a ms. in the Library of Trinity College, Dublin, with various*

readings from a ms. in the University Library, Cambridge. Also The earliest printed Translation of the whole Work from a copy in the British Museum. Books I-III by Willian Atkyson; book IV by the lady Margareth, mother of K. Henry VII, and countess of Richmond and Derby. London: The Early English Text Society; Kegan Paul, Trench, Trübner & Co., 1893;

MARINHO, Manuel (tr.). *Imitação de Cristo*. São Paulo: Hedra, 2008;

MATOS, Henrique Cristiano José. *Imitação de Cristo: caminho de crescimento espiritual; contexto histórico, inspiração e atualidade*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2014;

NASSETI, Pietro (tr.). *Imitação de Cristo*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003;

ROQUETTE, J. I. (tr.). *Imitação de Cristo*. 27ª edição. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013;

TORNQUIST, Brunilde Arendt (tr.). *Imitação de Cristo*. Seleção de orações por Ronald Klug e tradução de Brunilde Arendt Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

3. Fontes consultadas:

AURELIUS AUGUSTINUS. *Confessiones-Bekenntnisse: lateinisch-deutsch*. Übersetzt von Wilhelm Thimme. Mit einer Einföhrung von Norbet Fischer. Düsseldorf/ Zürich: Artemis & Winkler, 2004.

AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução e prefácio de Lorenzo Mammi. 1ª edição. São Paulo: Penguin Classics – Companhia das Letras, 2017.

AURELIUS AUGUSTINUS. *De Civitate Dei libri XXII*. Ad fidem quartae editionis Teubnerianae quam A. MCMXXVIII-MCMXXIX curauerunt Bernardus Dombart et Alphonsus Kalb. 2 vols. Corpus Christianorum (“Series Latina”), XLVII. Turnholti: Typographi Brepols Editoris Pontificii, 1955;

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus: contra os pagãos*. Tradução de Oscar Paes Leme. 2 vol.. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2017;

AUGUSTINE. *De doctrina Christiana*. Edited and Translated by R. P. H. Green. Oxford: Clarendon Press, 1995.

- AGOSTINHO. *A Doutrina Cristã*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002;
- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – Inferno*. 3º edição. Bilingue; tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2014;
- BOCCACIO, Giovanni. *Decamerão*. 2 Volumes. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Abril Cultural, 1979;
- CÍCERO, Marco Túlio. *Discussões Tusculanas*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014;
- CIPRIANO. “*De Pascha*”. In HARTEL, G. (ed.). *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum: S. Thasci Caecili Cypriani Opera Spuria*. Viena: C. Geroldi Filius; Bibliopola Academiae, 1871;
- BONAVENTURA. “*Lignum Vitae*”. LAUER, Aloysius. S.(ed.). *Bonaventurae Opera Omnia*. VIII volumes (nº VIII). Florença: Typographia Collegii S. Bonaventurae, 1898;
- DENZINGER, Henrici. *Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum. Quod emendavit, in linguam germanicam transtulit et adiuvante Helmuto Hoping edititi Petrus Hünermann*. Breisgau: Verlag Herder, 2009;
- LUCIUS ANEUS SENECA. “*Ad Lucilium Epistolae. Epistola VII.*” 1. 2. In L. Annei Senecae Philosophi Opera Omnia. Organizada e ilustrada por Fridericus Ernestus Ruhkopf. Vol. II (V vols.) Leipzig: Libraria Weidmannia, 1800;
- PUBLIUS OVIDIUS NASO. *Carmina Amatoria. Lucianus Mueller Recognovit*. Berlin: publicado pelo Reverendo Gaertneri, 1856;
- RADEWIJNS, Florent. *Pétit Manuel pour le dévot moderne. Établissement du texte latin, sources et traduction par Francis Joseph Legrand*. Belgique: Brepols Publishers, 1999;
- THOMAS DE AQUINO. *Suma Theologica*. Volume 2. Tradução. 2º edição. São Paulo. Edições Loyola, 2005
- VARAZZE, Iacopo da. *Legenda Aurea*. Edizione critica a cura di Giovanni Paolo Magionni. 2º edição. Florença: Sismel- Edizioni del Galluzzo, 1998;
- VARAZZE, Jacopo da. *Legenda áurea: vida de santos*. Tradução, do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003;

SCHOENGEM, M.. *Narratio Jacobus Traiecti alias de Voecht narratio de inchoatione domus clericorum in Zwollis*. Werken uitgegeven door het Historisch Genootschap. Serie n° 13. Amsterdam: Johannes Müller, 1908;

4. *Bíblias:*

Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada, traduzida diretamente dos originais, com tradução e notas de *La Bible de Jerusalem* (1998). 1º edição, 11º reimpressão (2016). São Paulo: Paulus, 2002;

Bíblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam. Plurimis consultis editionibus diligenter praeparata a Michael Tuuendale. Londini: Editio Electronica, 2005;

Septuaginta. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes. Edidit Alfred Rahlfs, recognouit et emendavit Robert Hanhart. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006;

Novum Testamentum Graece. Post Eberhard Nestle et Erwin Nestle communiter ediderunt Kurt Aland, Matthew Black, Carlo M. Martini, Bruce M. Metzger, Allen Wikgreen, cum apparatus criticum recensuerunt et editionem novis curis elaboraverunt Kurt Aland et Barbara Aland (1981). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

5. Dicionários:

BLAISE, Albert. *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*. Turnhout: Éditions Brepols, 1954;

ERNOULT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4º édition augmentée d'additions et de corrections par Jacques André. Paris: Klincksieck, 1985;

GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin Dictionary*. 2º edition. 2 vols.. Oxford: Oxford University Press, 2012;

LIDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. With Revised supplement. Oxford: Oxford University Press, 1996.

STRONG, James. *Greek Dictionary of the New Testament*. Albany: AGES Software, 1997. (Edição digital).

6. Bibliografia:

- AKKERMAN, Fokke. *Rudolph Agricola: six lives and Erasmus's Testimonies*. English translation by Rudy Bremer and Corrie Ooms Beck. Assen: Royal Van Gorcum, 2012;
- ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Tradução de Marlene Suano. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2013;
- BAERT, Barbara. *A Heritage of Holy Wood: The Legend of the True Cross in Text and Image*". Traduzido por Lee Preedy. Leiden; Boston: Brill, 2004;
- BARBIER, Frédéric. *A Europa de Gutenberg: O livro e a Invenção da Modernidade Ocidental (séculos XIII-XVI)*. Tradução de Gilson César Cardoso Souza. São Paulo: Editora da Universidade, 2018;
- _____. *The chronicle of the Canons Regular of Mount St. Agnes*. Tradução de J. A. Pott. Charleston: Nabu Press, 2010; _____ . *Sermons to the Novices*. T. n. i.. Charleston: Nabu Press, 2018;
- _____. *The Founders of the New Devotion: being the lives of Gerard Groote Florentius Radewin [sic] and their followers*. T. n. i. . C. n. i. : Aeterna Press, 2015;
- BECKER, Victor. *L'Auteur de l'Imitation et les Documents Néerlandais*. Bruxelles: F. J. Olivier; London: D. Nutt, 1882;
- BECKER, Kenneth. *From The Treasure-House of the Scriptur: An Analysis of Scriptural Sources in De Imitatione Christi*. Turnhout: Brepols 2002;
- BISCHOFF, Bernhard. *Latin Palaeography: Antiquity and the Middle Ages*. Translated by Daibhó Ó Cróinín and David Ganz. Cambridge: Cambridge University Press, 1990;
- BROWN, Peter. "Relics and Social Status in the Age of Gregory of Tours". _____. *Society and the Holy in Late Antiquity*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1982.
- _____. *The cult of the Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981;
- CAMPION, Nicholas. *The Medieval and Modern Worlds: History of Western Astrology*. II Volumes. London: Continuum, 2009;
- CANTOR, Norman. F.. *The Civilization of the Middle Ages*. New York: Harper Perennial, 1992;
- CEPEDA, Isabel Vilares. *A Linguagem da "Imitação de Cristo" (versão portuguesa de fr. João Álvares)*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1962;
- CHARIPOVA, Liudmila. "Peter Mohyla's Translation of 'The Imitation of Christ'. *The Historical Journal*. Cambridge. Vol. 46, N°2. pp. 237-261. June, 2003;

- CONSTABLE, Giles. "The interpretation of Mary and Martha". _____. *Three Studies in Medieval Religious and Social Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 199;
- DELUMEAU, Jean. *A Confissão e o perdão: as dificuldades da confissão nos séculos XIII e XVIII*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991;
- FLINT, Valerie I. J.. *The Rise of Magic in Early Medieval Europe*. Princeton-New Jersey: Princeton University Press, 1991;
- FLORI, Jean. *Guerra Santa: Formação da ideia de cruzada no Ocidente Cristão*. Tradução de Ivone Benedetti. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- FRANCO Jr, Hilário. *Os três dedos de Adão: Ensaios de Mitologia Medieval*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010;
- GIRARD, René. *La violence et le sacré*. Paris: Bernard Grasset, 1972.
- GRANT, Edward. *Planets, Stars and Orbs: The Medieval Cosmos (1200-1687)*. Bloomington: Indiana University Press; Cambridge: Cambridge University Press, 1996;
- GREENHILL, Eleanor Simmons. "The Child in the Tree: A Study of the Cosmological Tree in Christian Tradition" *Traditio*. Cambridge, vol. 10, pp. 323-371, 1954;
- GOODENOUGH, Erwin R.. "The Fundamental Motif of Christianity". *The Journal of Religion*. Chicago, vol. 20, no. 1, pp. 1-14, jan, 1940;
- GOUDRIAAN, Koen. "Modern Devotion and Arrangements for Commemoration: Some Observations." HOFMAN, Rijklof; CASPERS, Charles; NISSEN, Peter; DIJK, Mathilde van; OOSTERMAN, Johan (eds.). *Inwardness, Individualization, and Religious Agency in the Late Medieval Low Countries: Studies in the Devotio Moderna and its Contexts*. Turnhout: Brepols 2020;
- HALL, Amy Laura. "Complicating the Command: Agape in Scriptural Context". *The Annual of the Society of Christian Ethics*. C.n.i., vol. 1, n° n. i., pp. 97-113, m.n.i., 1999;
- HARRELSON, Walter. The Idea of Agape in the New Testament. *The Journal of Religion*. Chicago, vol. 31, no. 3, pp. 169-182, jul., 1951;
- HYMA, Albert. *The Christian Renaissance: A History of the Devotio Moderna*. London; New York: The Century, 1925;
- HUIJBEN, J.; DEBONGNIE, P.. *L'auteur ou les auteurs de l'Imitation*. Louvain: 1957;
- HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média*. Tradução de Francis Petra Janssen. São Paulo: Cosac Naify, 2013;

- IRIARTE, Lázaro. *História Franciscana*. Tradução de Adelar Rio e Marcelino Carlos Dezen. Petrópolis: CEFEPAL; Editora Vozes, 1985;
- KWAKELL, Erik. *Books before print*. Leeds: Arc Humanities Press, 2018;
- LE GOFF, Jacques. *Para um outra Idade Média: Tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio e Noéli Correia de Melo Sorbinho. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2014;
- LIBERA, Alain de. *A Filosofia Medieval*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário e Yvone Maria Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 1998;
- LOGUTOVA, Margarita. “‘Ama Nesciri’: Thomas a Kempis’ Autobiography Reconstructed from his Works”. HOFMAN, Ricklof; CASPERS, Charles; NISSEN, Peter; DIJK, Mathilde van; OOSTERMAN, Johan (eds.). *Inwardness, Individualization, and Religious Agency in the Late Medieval Low Countries: Studies in the Devotio Moderna and its Contexts*. Turnhout: Brepols Publishers, 2020;
- LOURENÇO, Frederico. “O grego dos Evangelhos e a Presente Tradução”. In *Bíblia. Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. Tradução do grego apresentação e notas por Frederico Lourenço. Volume I. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017;
- MCGRATH, Alister. *Origens intelectuais da Reforma*. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2007;
- MARTINA, Giacomo. *História da Igreja de Lutero a Nossos Dias. Volume I: A Era da Reforma*. Tradução de Orlando Soares Moreira. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014;
- MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005
- MERLO, Grado Giovanni. *Au nom de Saint François: Histoire des Frères mineurs et du franciscanismo jusqu’au début du XVI^e siècle*. Traduit de l’italien par Jacqueline Gréal. Paris: Les éditions du Cerf; Les Éditions Franciscaines, 2006;
- MORESCHINI, Claudio. *História da Filosofia Patrística*. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Edições Loyola, 2013;
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma História do Diabo: séculos XII-XX*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001;
- NEALE, J. M. (tr.). *The Rhythm of Bernard de Morlaix, monk of Cluny, on the Celestial Country*. London: J. T. Hayes, 1866;
- NYGREN, Anders. *Agape and Eros*. Tradução para o inglês de Philip S. Watson. Philadelphia: The Westminster Press, 1953;

- PAGDEN, Anthoy. *Lords of all the World: Ideologis of Empire in Spain, Britain and France (c. 1500-c.1800)*. London; New Heaven: Yale University Press, 1998;
- PARKES, Malcom. *Pause and Effect: An Introduction to the History of Punctuation in the West*. London; New York: Routledge, 1992;
- POST, R. R.. *The Modern Devotion: Confrontation with Reformation and Humanism*. Leiden: E. J. Brill, 1968;
- PUYOL, Pierre Edouard. *Descriptions Bibliographiques des Manuscrits et des Principales Éditions du livre De Imitatione Christi*. Paris: Victor Retaux, Libraire-Éditeur, 1898;
- ROCHA, Iúta Lerche Vieira. “O Sistema de Pontuação na Escrita Ocidental: uma retrospectiva”. *Delta: Documentação de Estudos em Lingüística*. Volume 13, nº 1. São Paulo, Fevereiro de 1997. pp. 83-118;
- RODRIGUES, Rui Luis. *Entre o dito e o maldito: humanismo erasmiano, ortodoxia e heresia nos processos de confessionalização do Ocidente (1530-1685)*. 2012. 614 ff. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012;
- _____. “O Fim da *respublica christiana*: as dinâmicas confessionais e a pré-história da noção de laicidade”. In *Teologia em Questão*. Taubaté: volume 24, n. 2013/2. pp. 9-35. 2013;
- RUMMEL, Erika. *The Humanist-Scholastic Debate in the Renaissance and Reformation*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1998;
- SCHAMA, Simon. *The Story of Jews: finding the words, 1000 BC - 1492 AD*. London: Harper Collins, 2013;
- SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996;
- SMOLLER, Laura Ackerman. “The Christian Astrology of Pierre d’Ailly, 1350-1420.” *History, Prophecy, and the Stars*. New Jersey: Princeton University Press, 1994. pp. 25-42;
- SIMONS, Walter. *Cities of Ladies: Beguine Communities in the Medieval low Countries, 1200-1565*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2001;
- SORDET, Yann. *Communication: formes editoriales et usages del’Imitatio Christi – XVe – XIXe siècles*. CRAI, c.n.i., II, p. 869-895, 2012.

SPITZEN, Otto Antonius. *Les Hollandismes de l'Imitation de Jésus-Christ et trois anciennes versions du livre. Réponse à m. le chevalier B. Veratii*. Utrecht: L. J. Beijers; J. W. V. Leeuwen, 1884;

STREIKER, Lowell D.. "The Christian Understanding of Platonic Love a Critique of Anders Nygren's 'Agape and Eros'". *The Christian Scholar*,. C.n.i., vol. 47, No. 4, m.n.i., pp. 331-340, 1964;

VAN ENGEN, John. *Devotio Moderna: Basic Writings*. Translated and introduced by John Van Engen. New York: Paulist Press, 1988;

_____. *Sisters and Brothers of the Common Life: Devotio Moderna, self-made societies, and the world of the later middle ages*. Pennsylvania, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008;

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média ocidental (séculos VIII a XIII)*. Tradução de Lucy Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995;

YATES, Frances A.. *Giordano bruno e a tradição hermética*. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. 10ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.